



---

# Plantas e Ervas Medicinais

---

[www.jardineseplantas.com.br](http://www.jardineseplantas.com.br)

C A T Á L O G O

# Plantas e Ervas Medicinais



O homem conhece os benefícios medicinais das plantas há séculos. Registros da medicina romana, egípcia, persa e hebraica mostram que ervas eram utilizadas de forma extensiva para curar praticamente todas as doenças conhecidas pelo homem. Muitas ervas contêm poderosos ingredientes que, se usados corretamente, podem ajudar a curar o corpo. Nos seus primórdios, a indústria farmacêutica baseava-se na sua capacidade de isolar esses ingredientes e torná-los disponíveis em uma forma mais pura. Contudo, os herbalistas alegam que a natureza colocou na mesma erva outros ingredientes que se equilibram com os ingredientes mais poderosos. Esses outros componentes, embora relativamente menos poderosos, podem ajudar a servir de intermediário, sinergista ou contrapeso quando trabalham de forma harmônica com o ingrediente mais poderoso. Portanto, ao usar essas ervas na sua forma completa, o processo de cura do corpo utiliza os ingredientes oferecidos pela natureza de uma forma mais equilibrada.

Muitos crêem que as propriedades curativas das plantas são tão eficazes quanto os remédios industrializados e sintetizados, mas sem os efeitos colaterais destes. Em países e comunidades nas quais o acesso a médicos e hospitais é limitado, os remédios feitos de ervas são a forma principal de medicina. As ervas podem ser muito potentes, portanto é importante regular sua dosagem. A maioria dos remédios vendidos sem receita médica são muito fortes. Atualmente, em muitos países industrializados, as ervas são receitadas por médicos e preparadas e vendidas em farmácias de manipulação. As ervas realmente têm muitas funções curativas no corpo, mas devem ser usadas adequadamente, nunca indiscriminadamente. Lembre-se de que nem toda a planta é benéfica. Há plantas venenosas e algumas são até fatais, principalmente se utilizadas por muito tempo. Certas ervas devem ser usadas apenas durante o tratamento, não mais do que seis meses de cada vez. Visto que as ervas contêm ingredientes ativos, você deve estar ciente de que alguns desses elementos podem interagir de forma negativa com outros medicamentos sendo administrados. Portanto é importante consultar um profissional da área de saúde quando houver alguma dúvida quanto à segurança.

Como regra geral, a maioria das ervas de gosto amargo são medicinais e potentes. As ervas de sabor agradável são potencialmente menos tóxicas e podem ser usadas mais frequentemente. Todas as raízes e cascas são fungicidas e bactericidas; do contrário, os organismos patogênicos as destruiriam no solo. Raízes, cascas e outras ervas, quando totalmente secas e mantidas nesse estado, retêm seu valor medicinal durante anos.

## **IMPORTANTE:**

Este catálogo é apenas um informativo, o uso de qualquer planta ou erva com fins medicinais, requer a orientação de um especialista. Não utilize medicação alternativa sem a orientação médica.

# Plantas e Ervas Medicinais

---

## Índice por nomenclatura latina

(Os itens marcados com \*\* referem-se a descrições sob [ponto de vista antropológico](#)).

**A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V X Y Z**

### **A**

[Achillea millefolium](#) - Aquiléia, Milefólio  
[Achillea millefolium](#) \*\* Aquiléia, Milefólio  
[Aconitum napellus](#) - Acônito  
[Aconitum napellus](#) \*\* Acônito  
[Acorus calamus](#) - Cálamo-aromático  
[Adonis vernalis](#) - Adonis da primavera  
[Adonis vernalis](#) \*\* Adonis  
[Aegopodium podagraria](#) \*\* Podagraria  
[Aesculus hippocastanum](#) - Castanheiro-da-índia  
[Ageratum conyzoides](#) - Picão roxo, Erva de São João  
[Agrimonia eupatoria](#) - Agrimônia  
[Alcea rosea](#) - Malvaíscio, Malva-da-índia  
[Alchemilla vulgaris](#) \*\* Alquemila  
[Althaea officinalis](#) - Altéia, Malva-do-pântano  
[Amaranthus viridis](#) - Bredo, Carurú  
[Anacardium occidentale](#) - Cajueiro  
[Anagallis arvensis](#) - Anagalis, Pimpinela-escarlate  
[Anethum graveolens](#) - Endro  
[Angelica archangelica](#) - Angélica  
[Antennaria dioica](#) - Antenária, Pé-de-gato  
[Apium graveolens](#) \*\* Salsão selvagem  
[Arctium lappa](#) \*\* Bardana  
[Arctostaphylos uva-ursi](#) - Uva-ursina  
[Aristolochia debilis](#) - Aristolóquia  
[Aristolochia serpentaria](#) - Aristolóquia  
[Aristolochia clematitis](#) - Aristolóquia-clematite  
[Arnica montana](#) - Arnica  
[Arnica montana](#) \*\* Arnica  
[Artemisia abrotanum](#) \*\* Aurônia  
[Artemisia absinthium](#) - Absinto  
[Artemisia absinthium](#) \*\* Absinto  
[Artemisia cina](#) \*\* Semen contra  
[Artemisia dracunculus](#) \*\* Estragão  
[Artemisia vulgaris](#) \*\* Losna  
[Asteraceae/Compositae](#) \*\* Compostas  
[Atropa belladonna](#) - Beladona  
[Avena sativa](#) - Aveia

### **B**

[Baccharis trimera](#) - Carqueja  
[Ballota nigra](#) - Marroio-negro  
[Bellis perennis](#) - Margarida  
[Berberis vulgaris](#) - Uva-espim  
[Betula pendula](#) - Bétula  
[Bidens pilosa](#) - Picão-preto

*Bixa orellana* \*\* Urucum  
*Bixa orellana* - Urucum  
*Borago officinalis* - Borragem  
*Brassica nigra* - Mostarda preta  
*Bryonia alba* - Briônia-branca  
*Bryophyllum calycinum* \*\* Folha da fortuna  
*Bupleurum falcatum* \*\* Bupleurum  
*Buxus sempervirens* - Buxo

## C

*Calendula officinalis* - Calêndula, Malmequer  
*Calendula officinalis* \*\* Calêndula, Malmequer  
*Calluna vulgaris* - Urze  
*Cannabis sativa* - Cânhamo  
*Capsella bursa-pastoris* - Bolsa-de-pastor  
*Capsicum annum* - Pimenta  
*Cardos medicinais* \*\* Cardos  
*Carduus marianus* \*\* Cardo mariano  
*Carlina acaulis* - Carlina  
*Carum carvi* \*\* Cominho  
*Centaurea cyanus* - Fidalguinhos  
*Centaurium erythraea* - Fel-da-terra, Centáurea-menor  
*Centella asiatica* - Cairuçú asiático  
*Cephaelis ipecacuanha* - Ipeca, ipecacuanha  
*Cetraria islandica* - Líquen-da-islândia, Musgo-da-islândia  
*Chamaemelum nobile* - Macela-dourada  
*Chamomilla suaveolens* - Matricária  
*Chelidonium majus* - Quelidônia  
*Chenopodium ambrosioides* - Erva de Santa Maria  
*Chenopodium album* - Quenopódio  
*Cichorium intybus* - Almeirão silvestre  
*Cichorium intybus* \*\* Almeirão selvagem  
*Cicuta virosa* \*\* Cicuta aquática  
*Cimicifuga racemosa* \*\* Cimicífuga  
*Cinchona pubescens* - Quinino  
*Claviceps purpurea* - Cravagem do centeio  
*Clematis recta* \*\* Clematis  
*Cnicus benedictus* - Cardo Santo  
*Cnicus benedictus* \*\* Cardo santo  
*Colchicum autumnale* - Cólquico, Açafração do prado  
*Coleus barbatus* \*\* Falso boldo  
*Conium maculatum* \*\* Cicuta maior  
*Conium maculatum* - Cicuta maior  
*Convallaria majalis* - Lírio-dos-vaies, Lírio-de-maio  
*Conyza canadensis* - Conizina-do-canadá  
*Coriandrum sativum* - Coentro  
*Corydalis cava* - Coridális-oca  
*Crocus sativum* - Açafração  
*Crocus sativum* \*\* Açafração  
*Cucurbita pepo* - Abóbora  
*Cuphea calophylla* - Sete sangrias  
*Curcuma aromatica* - Curcuma  
*Cymbopogon citratus* - Capim limão  
*Cynara cardunculus* - Cardo santo  
*Cynara scolymus* \*\* Alcachofra  
*Cytisus scoparius* - Giesta, Giesteira-das-vassouras

## D

*Daphne mezereum* - Mezereão  
*Datura stramonium* - Estramônio



*Daucus carota* \*\* Cenoura  
*Delphinium consolida* - Consólida-real  
*Dictamnus albus* - Dictamo-branco  
*Digitalis lanata* - Digital lanosa  
*Digitalis purpurea* - Dedaleira  
*Dorema ammoniacum* \*\* Dorema  
*Drosera rotundifolia* - Rorela  
*Dryopteris filix-mas* - Feto-macho

## E

*Echinacea purpurea* - Equinácea  
*Equisetum arvense* - Cavalinha-dos-campos  
*Erythroxylum coca* - Coca  
*Eucalyptus sp.* - Eucaliptos  
*Eupatorium cannabinum* \*\* Eupatório  
*Eupatorium perfoliatum* \*\* Eupatório  
*Euphorbia hirta* - Erva-de-santa-luzia  
*Euphrasia officinalis* - Eufrásia

## F

*Fagopyrum tataricum* - Trigo mourisco  
*Ferula assafoetida* - Férula, Funcho gigante  
*Ferula gummosa* - Férula  
*Filipendula ulmaria* - Filipêndula, Ulmária  
*Filipendula ulmaria* \*\* Ulmária  
*Foeniculum vulgare* - Funcho  
*Fragaria vesca* - Morango silvestre  
*Fragaria vesca* \*\* Morango  
*Fraxinus excelsior* - Freixo-europeu  
*Fumaria officinalis* - Fumária

## G

*Galega officinalis* - Galega  
*Galeopsis dubia* \*\* Galeopsis  
*Galium odoratum* - Aspérula-odorífera  
*Galium verum* - Erva-coalheira  
*Gentiana lutea* - Genciana  
*Geum urbanum* - Erva benta  
*Geranium robertianum* - Erva-de-são-roberto  
*Geum urbanum* \*\* Geum  
*Ginkgo biloba* - Ginco  
*Glechoma hederacea* - Hera terrestre  
*Glechoma hederacea* \*\* Hera terrestre  
*Glycyrrhiza glabra* - Alçaçuz  
*Guaiacum officinale* \*\* Pau santo

## H

*Hedeoma pulegioides* \*\* Hedeoma  
*Helleborus niger* \*\* Helleborus  
*Heliantus annuus* \*\* Girassol  
*Heracleum sphondylium* \*\* Heracleum  
*Herniaria glabra* - Herniária  
*Hyoscyamus niger* - Meimendro negro  
*Hypericum perforatum* - Milfurada  
*Hyssopus officinalis* - Hissopo  
*Hyssopus officinalis* \*\* Hissopo

## I

*Inula helenium* \*\* Ínula

## J

*Juglans regia* - Nogueira

*Juniperus communis* \*\* Zimbro

*Juniperus sabina* \*\* Sabina

## K

## L

Labiatae/Lamiaceae \*\* Labiatas

*Lactuca virosa* - Alface Selvagem

*Lactuca virosa* \*\* Alface Selvagem

*Lamium album* \*\* Urtiga branca

*Lavandula officinalis* \*\* Alfazema

*Leonurus cardiaca* \*\* Leonurus

*Leonurus sibiricus* - Leonurus

*Levisticum officinale* \*\* Levístico

*Lycopodium clavatum* - Licopódio

*Lycopus virginicus* \*\* Lycopus

## M

*Mandragora officinarum* - Mandrágora

*Marrubium vulgare* \*\* Marroio branco

*Matricaria chamomilla* - Camomila

*Matricaria chamomilla* \*\* Camomila

*Melissa officinalis* \*\* Melissa

*Mentha piperita* \*\* Hortelã pimenta

*Mentha pulegium* \*\* Poejo

## N

*Nasturtium officinale* \*\* Agrião

## O

*Ocimum basilicum* \*\* Alfavaca

*Oenanthe aquatica* \*\* Oenanthe

*Onopordon acanthium* \*\* Onopordon

*Origanum majorana* \*\* Manjerona

*Origanum vulgare* \*\* Orégano

*Orthosiphon stamineus* \*\* Ortosifão

*Oxalis acetosella* - Azedinha, Oxális azeda

## P

*Paeonia officinalis* \*\* Peônia

*Papaver somniferum* - Dormideira, Papoula

*Petasites officinalis* - Petasites

*Petroselinum crispum* \*\* Salsa

*Peucedanum ostruthium* \*\* Imperatória

*Phyllanthus niruri* - Quebra-pedra, Erva-pombinha

*Pimpinella anisum* \*\* Anis, Erva-doce

*Plantago lanceolata* - Tanchagem

*Podophyllum peltatum* - Limão bravo

*Polygonum bistorta* - Bistorta

[Populus nigra](#) - Choupo negro  
[Portulaca oleracea](#) - Beldroega, Ora-pro-nobis  
[Potentilla erecta](#) \*\* Potentilla  
[Primula veris](#) - Primavera, Primula  
[Prunus cerasus](#) - Gingeira  
[Prunus Dulcis](#) - Amendoeira  
[Prunus laurocerasus](#) \*\* Lauroceraso  
[Prunus Spinosa](#) - Abrunheiro bravo  
[Prunus spinosa](#) \*\* Pruneira  
[Pulmonaria officinalis](#) - Pulmonária  
[Pulsatilla vulgaris](#) \*\* Pulsatilla  
[Punica granatum](#) - Romãzeiro

## Q

[Quercus robur](#) - Carvalho

## R

[Ranunculaceae](#) \*\* Ranunculáceas  
[Raphanus sativus](#) - Rábano  
[Rhamus frangula](#) - Amieiro negro  
[Rheum palmatum](#) - Ruibardo palmado  
[Ricinus communis](#) - Rícino  
[Rosaceae](#) \*\* Rosáceas  
[Rosa canina](#) \*\* Rosa selvagem  
[Rosmarinus officinalis](#) \*\* Alecrim  
[Rubus idaeus](#) - Franboeseiro  
[Rumex acetosa](#) - Língua de vaca  
[Rumex crispus](#) - Língua de vaca  
[Rumex scutatus](#) - Língua de vaca  
[Rumex ssp.](#) - Língua de vaca  
[Ruta graveolens](#) - Arruda

## S

[Salix alba](#) - Salgueiro branco  
[Salvia officinalis](#) \*\* Sálvia  
[Sambucus nigra](#) - Sabugueiro negro  
[Sanguisorba officinalis](#) - Pimpinela  
[Sanguisorba officinalis](#) \*\* Sanguisorba  
[Sanicula europaea](#) \*\* Sanícula  
[Saponaria officinalis](#) - Saponária  
[Satureja hortensis](#) \*\* Saturéia  
[Scilla maritima](#) - Cebola do mar  
[Scilla maritima](#) \*\* Cila  
[Scoparia dulcis](#) - Vassourinha-doce  
[Senecio vulgaris](#) - Senécio  
[Silybum Marianum](#) - Cardo de santa maria  
[Sinapis alba](#) - Mostarda branca  
[Smilax sp.](#) \*\* Salsaparilha  
[Solanum americanum](#) - Maria-pretinha  
[Solanum asperulanatum](#) - Jupeba  
[Solanum dulcamara](#) - Doce-amarga  
[Solanum fastigiatum](#) - Jurubeba-do-sul  
[Solanum paniculatum](#) - Jurubeba  
[Solanum variabile](#) - Jurubeba-falsa  
[Solidago virgaurea](#) - Vara dourada  
[Sophora japonica](#) - Sófora do japão

## T

Tanacetum vulgare - Atanásia, Tanaceto  
Taraxacum officinalis - Dente de leão  
Taraxacum officinalis \*\* Dente de leão  
Taxus baccata - Teixo  
Taxus baccata \*\* Teixo  
Teucrium marum \*\* Teucrium  
Teucrium scordium \*\* Teucrium  
Teucrium scorodonia \*\* Teucrium  
Theobroma cacao - Cacau  
Thuja Occidentalis \*\* Tuia  
Thymus serpyllum \*\* Tomilho doce  
Thymus vulgaris \*\* Tomilho  
Trifolium repens - Trevo branco  
Trigonella foenum-graecum - Feno grego  
Tropaeolum majus - Tropaeolum majus  
Tussilago farfara - Tussilagem

## U

Umbelliferae (Apiaceae) \*\* Umbelíferas  
Urtica dioica - Urtiga

## V

Vaccinium myrtillus - Mirtilo  
Valeriana officinalis - Valeriana, Erva de gato  
Veratrum album - Veratro  
Verbascum densiflorum - Verbasco  
Verbascum phlomoides - Verbasco flomóide  
Viscum album - Visco branco  
Viscum album \*\* Visco branco

## X

## Y

## Z

Zingiber officinale - Gengibre

### Substâncias ativas das ervas medicinais

Sinônimos e referências: *Adonanthe vernalis*, *Ageratum conyzoides*, *Althea rosea*, *Amaranthus hybridus*, *Amaranthus hypochondriacus*, *Amaranthus polygamus*, *Amaranthus retroflexus*, *Amaranthus spinosus*, *Ambrina ambrosoides*, *Ambrina antihelmintica*, *Amygdalus communis*, *Anagallis phoenicea*, *Archangelica officinalis*, *Atriplex ambrosoides*, *Baccharis genisteioides*, *Betula verrucosa*, *Bistorta major*, *Carduus benedictus*, *Cerasus vulgaris*, *Chamomilla recutita*, *Chenopodium antihelminticum*, *Chrysanthemum vulgare*, *Consolida regalis*, *Corydalis solida*, *Cucurbita maxima*, *Cuphea balsamona*, *Daphne genkwa*, *Datura innoxia*, *Datura metel*, *Delphinium staphisagria*, *Drimia maritima*, *Erigeron canadensis*, *Frangula alnus*, *Fraxinus ornus*, *Galium aparine*, *Gnaphalium dioica*, *Hydrocotyle asiatica*, *Imperatoria ostruthium*, *Leonurus heterophyllus*, *Leontodon taraxacum*, *Matricaria discoidea*, *Petroselinum hortense*, *Phyllanthus urinaria*, *Phyllanthus tenellus*, *Plantago major*, *Plectranthus barbatus*, *Potentilla Tormentilla*, *Ricinus hybridus*, *Ricinus leucocarpus*, *Rumex acetosella*, *Rumex aquatica*, *Rumex obtusifolius*, *Sarothamnus scoparius*, *Scoparia procumbens*, *Scoparia ternata*, *Solanum caribaeum*, *Solanum jubeba*, *Solanum manoelii*, *Solanum nodiflorum*, *Spiraea ulmaria*, *Urginea maritima*, *Verbascum thapsiforme*,

# Noções Básicas de Antroposofia

**Rudolf Lanz**

Esta página contém parte do livro referenciado acima que, para um melhor entendimento, recomendamos seja lido desde o seu início em:

<http://www.sab.org.br/edit/nocoes>

Direitos reservados à  
Editora Antroposófica

Rua da Fraternidade, 174 - 04738-020 São Paulo, SP - [antro.vir@zaz.com.br](mailto:antro.vir@zaz.com.br)

Tel. (011) 246-4550 - Tel./Fax (011) 247-9714

---

## A ENTIDADE HUMANA

A bíblia nos conta que Deus formou o primeiro homem do "pó da terra", fazendo ressaltar, dessa maneira, que o corpo do homem é constituído pela mesma matéria do mundo que o circunda. De fato, a química confirmou que todos os elementos que constituem o corpo encontram-se também na natureza ao seu redor. O mesmo cálcio, fósforo, ferro, hidrogênio ou carbono entram na composição de ambos. Essas substâncias entram no corpo e dele saem num fluxo contínuo, seja pela respiração, seja pela nutrição. Os processos do metabolismo são amplamente conhecidos, e a ciência materialista até compara o corpo a um grande laboratório químico. Veremos que esta imagem contém algo de certo, embora esteja, na realidade, longe de corresponder completamente à verdade.

O conhecimento da matéria, inclusive aquela que constitui o nosso corpo é nos dada pelos nossos sentidos. O conjunto dessas substâncias forma o reino mineral, e podemos dizer que na sua parte corpórea os seres dos outros reinos (vegetal, animal e humano) contém as mesmas substâncias que se chamam "inorgânicas" no reino mineral. A matéria inorgânica encontra sua expressão mais típica no cristal. Conceitos químicos, físicos e matemáticos explicam todos os fenômenos do mundo físico (inorgânico), seja a transformação de formas de energia, seja a combinação de elementos simples em substâncias mais complicadas.

Podemos dizer que, de maneira geral, as causas de todos esses fenômenos se encontram no mundo sensível ou físico. A relação entre causas e efeitos é constante e permite estabelecer as chamadas "leis da natureza". Extrapolando as leis descobertas nos últimos séculos, os astrônomos e astrofísicos estabeleceram teorias sobre os fenômenos extra-terrestres, afirmando a identidade das leis da natureza sobre todo o Universo. Essa atitude, seja dito entre parênteses, é uma conquista da ciência moderna; um observador grego ou medieval nunca teria ousado submeter os mundos extra-telúricos às mesmas leis que explicam os fenômenos terrestres.

Se compararmos o mundo inorgânico, de um lado, e os seres do reino vegetal, animal e humano, de outro, veremos que estes se diferenciam daqueles pelo que chamamos de vida. Assistimos a fenômenos novos que o reino mineral desconhece: crescimento, formas típicas, regeneração, reprodução metabólico, etc. Vemos também que os elementos químicos formam substâncias de estrutura mais complexa e de grande labilidade química, como a albumina, o protoplasma, etc. Observamos, finalmente, que os seres orgânicos têm uma existência limitada no tempo; eles nascem e morrem, enquanto uma pedra nunca cessa de ser uma pedra, a não ser que forças vindas de fora, e não inerentes à sua própria essência, venham a modificar ou destruir-lhe a forma.

Parece, pois, que há nos seres orgânicos algo além da pura substancialidade e que subtrai a matéria às leis inerentes à sua própria natureza. No momento da morte, esse "algo" deixa de existir, ou pelo menos de atuar: o corpo morto passa a ser um cadáver, e como tal a sua substância volta a obedecer exclusivamente às leis do mundo inorgânico: o organismo se decompõe, perdendo a sua forma e estrutura específicas e retornando ao reino do "pó da terra".



Podemos, portanto, afirmar que os seres orgânicos seguem leis opostas, ou pelo menos alheias, às leis químicas e físicas do mundo mineral.

Além disso, verificamos que cada ser orgânico tem a sua forma particular. Podemos imaginar duas sementes compostas, quimicamente falando, dos mesmos elementos; apesar disso, uma formará uma planta de um determinado tipo, e outra, uma planta de outra espécie e de aspecto totalmente diferente, pois cada uma segue, para a sua estrutura, um modelo próprio. Essa autonomia da forma orgânica vai muito longe. Cada planta, por exemplo, tem sua silhueta típica. Se lhe podamos a folhagem, ela a restabelecerá automaticamente. Até os seres mais elevados, como o homem e os mamíferos têm essas facultades dentro de certos limites: uma ferida "cicatrizada", isto é, a forma original se restabelece como se alguma força plasmadora central comandasse o comportamento dos tecidos vizinhos no sentido de uma volta ao aspecto anterior.

Poderíamos continuar essa comparação. Descobriríamos que os minerais realizam a sua existência apenas no espaço, não sofrendo qualquer processo de desenvolvimento (vamos deixar de lado fenômenos particulares, como a radioatividade espontânea ou o envelhecimento dos metais) enquanto as plantas (e os animais, e o homem) têm uma evolução no tempo.

O cristal é "auto-suficiente". Ele existe e dura por si, não podendo ser produzido "de fora". O organismo vivo necessita de influência exteriores para a sua existência: a luz solar e a corrente ininterrupta da respiração e do metabolismo são fatores imprescindíveis para o crescimento e todas as demais manifestações da vida.

Até aqui nada de novo para um leitor que costuma observar, sem preconceitos e de olhos abertos, os fenômenos ao seu redor. A biologia moderna procura minimizar as diferenças entre os reinos inorgânico e orgânico, afirmando que este é, por assim dizer, uma continuação, sem hiato, daquele. Para isso, invoca a existência de seres orgânicos decadentes, ou vírus, que constituem formas de transição. Na realidade nunca se deve recorrer às formas decadentes ou de transição, mas aos representantes típicos de ambos os reinos para fazer uma comparação eficiente. E nesse caso, a presença daquele "algo" já citado é inegável.

Mas o que será esse "algo"?

Doutrinas vitalistas do passado e do presente ensinam que há uma força vital permeando os seres orgânicos. Mas, com o emprego desse termo, coloca-se apenas um rótulo numa incógnita, sem qualquer verdadeira explicação. Essa atitude certamente não seria apropriada a um cientista.

A Antroposofia oferece a seguinte explicação: os seres orgânicos possuem, além do seu corpo mineral ou físico, um conjunto individualizado e delimitado de forças vitais, ou seja, um segundo corpo não-físico que permeia o corpo físico. Esse segundo corpo é o conjunto das forças que dão "vida" ao ser e impedem a matéria de seguir as suas leis químicas e físicas normais. [Rudolf Steiner](#), fundador da Antroposofia, chamou esse segundo corpo de "corpo plasmador" ou "corpo de forças plasmadoras". Por motivos cuja explicação ultrapassa o âmbito deste livro, esse corpo vital é também chamado "corpo etérico".

O corpo etérico não existe, pois, nos minerais; existe sim, nas plantas, nos animais e no homem.

Assim como o corpo físico é constituído de substâncias físicas, o etérico tira a sua substância de um plano etérico geral (temos que empregar este termo "substância", embora estejamos conscientes de que em domínios não-físicos não se devam, a rigor, empregar termos tirados do plano sensorial; mas a nossa linguagem é elaborada para as coisas deste mundo, e não há palavras apropriadas para exprimir exatamente o sentido e a essência de fenômenos de outros planos. Essa observação é válida para todos os termos que empregaremos a seguir). Como o corpo físico é uma aglomeração individualizada de substâncias químicas, assim o corpo etérico é um verdadeiro "corpo", embora não seja perceptível aos nossos sentidos comuns.

Aqui surge uma primeira grande dúvida: como é que a Antroposofia pode afirmar a existência de tal corpo? Não será uma afirmação gratuita, simples postulado ou hipótese, em nada mais válida do que tantas outras hipóteses ou teorias inventadas pela ciência e pelas religiões? Assim seria, fosse o corpo etérico apenas um conceito, uma abstração. Mas na realidade o corpo etérico pode ser observado, sua existência pode ser vivenciada, suas funções podem ser analisadas e investigadas por experiência própria e direta.

Mas como?

Os nossos sentidos comuns só nos mostram objetos e forças físicas, Mas a ciência espiritual nos revela que o homem possui, além dos sentidos físicos, sentidos superiores que lhe possibilitam observar fenômenos de planos mais elevados. Ou antes: ele possui esses sentidos em estado latente, podendo despertá-los por meio de um treino adequado, sobre o qual falaremos mais tarde. Afirma a Antroposofia que, em épocas remotas, todos os homens possuíam esses sentidos, os quais lhes proporcionavam uma vidência supra-sensível. Mesmo em épocas posteriores, havia sempre indivíduos privilegiados que tinham essa clarividência, ao passo que a maioria dos homens já a havia perdido (veremos mais tarde por que e em que condições isso se deu). No futuro, os homens voltarão a possuir esses sentidos superiores em pleno funcionamento. A Antroposofia indica o caminho que permite ao homem moderno, com a conservação da sua plena consciência, despertá-los pouco a pouco.

O corpo etérico pode ser "visto" (naturalmente não se trata de visão pelos olhos físicos) pelos indivíduos que atingiram um certo grau de clarividência. Em todas as épocas da História houve tais iniciados e suas descrições são concordantes sobre os demais "objetos" da Antroposofia.

Na realidade, a Antroposofia não afirma nada de novo nesse ponto. O esoterismo hindu, egípcio, tibetano ou grego conhece esse corpo etérico e as correntes mais recentes reproduzem essa velha sabedoria em termos científicos modernos, de acordo com o grau de evolução alcançada pelo homem do século XX.

O corpo etérico mantém a vida e atua contra a morte; esta aparece como transição para um estado puramente mineral. Assistimos, nos seres vivos, a um processo de mineralização cuja presença no corpo humano pode ser facilmente observado; constitui um enfraquecimento progressivo das forças plasmadoras do corpo etérico, até o momento da morte, que marca o triunfo total das forças mineralizantes.

É curioso observar, a esse respeito, que inspirados pensadores do passado já afirmaram que a vida é um contínuo morrer. Basta comparar um recém-nascido e um ancião para compreender a profunda verdade dessa afirmação; no recém-nascido, a vitalidade está no seu máximo: o corpo é mole, elástico, plasmável; a consciência, o intelecto e todas as atividades psíquicas ainda não são desenvolvidas e a criança vive, por assim dizer, entregue às suas funções vitais e vegetativas. No adulto, e mais ainda no ancião, o corpo é ressecado, desvitalizado, as funções biológicas são reduzidas e sujeitas a estados patológicos (disfunções, atrofia, esclerotização, mineralização, etc.); em contrapartida, as faculdades mentais, a consciência e o domínio de si são plenamente desenvolvidos, atingindo um ponto culminante na serenidade e na sabedoria contemplativa da velhice (desde que a fraqueza física não seja um empecilho).

As numerosas doenças da velhice (esclerose, gota, cálculos, etc.) são uma indicação do triunfo das forças mineralizantes sobre as forças etéricas. Os depósitos, muitas vezes cristalinos, constituem uma invasão de matéria "morta" no corpo vivo.

Seja permitido aqui, observar que as forças etéricas não se enquadram na "causalidade" mecânica e determinista que prevalece no mundo físico. Por exemplo, a planta cresce "para cima", em sentido oposto à força de atração terrestre.

Já vimos que o mineral encontra sua forma mais expressiva no cristal, ou seja, na matéria em estado sólido. Os fenômenos vitais ocorrem só em meio úmido ou líquido. Não existe vida sem água. Se voltarmos mais uma vez ao nosso exemplo do recém-nascido e do ancião, veremos que o corpo do primeiro contém proporcionalmente muito mais água.

Os próprios depósitos (cálculos, artrite) constituem solidificações em lugares onde o organismo plenamente vitalizado deve conter apenas líquidos, colóides ou outras formas ainda plásticas e maleáveis.

Em resumo, a planta (e por extensão o animal e o homem) aparece composta de substâncias físicas (matéria) que se colocam "ao longo" de um corpo etérico, que poderia ser comparado a um campo de forças invisíveis. Assim como a limalha de ferro se coloca nas linhas do campo magnético, assim a matéria "enche" a forma não física do corpo etérico. Mas enquanto o campo é estático, o corpo etérico, além de dar forma, provoca também toda a dinâmica das funções vitais. Ele atua no espaço e no tempo, de acordo com leis específicas do plano etérico. Além disso, o campo magnético ainda é um fenômeno produzido por forças inerentes à matéria, ao passo que as forças etéricas são de ordem superior.

Vejamos agora se podemos estabelecer uma diferenciação entre o reino vegetal e o reino animal (e humano). Uma observação empírica e sem preconceitos pode revelar-nos os seguintes fatos:

Tanto o animal como a planta vivem. Mas enquanto a planta aparece como um ser adormecido, em estado de "sono", o animal vive em estado de vigília, caracterizado por uma consciência que já se manifesta nos animais mais primitivos. Ou antes, o animal passa por estados alternados de sono e de vigília. Nestes

últimos, ele sente e reage; tem impulsos (procura de alimento, de parceiros sexuais), pode "aprender", etc.

Verificamos, ainda, que a planta é aberta: a superfície da folha (módulo constitutivo da planta, de acordo com a genial descoberta de Goethe) está exposta e permeável às forças de fora. Ela não tem vida "interior". O animal, por seu lado, parece-nos mais "fechado", mais isolado do mundo externo; e isso não apenas fisicamente. Existe nele uma espécie de espaço interior, que não é apenas físico (estruturação do sistema do corpo, órgãos com funções definidas, etc.) mas também anímico. No animal há um "mundo próprio" de reações, instintos, atitudes, graças ao qual ele ocupa um lugar isolado dentro da natureza, enquanto a planta é entregue ao mundo, a cada momento atravessada pelas suas influências.

Ao passo que a planta se realiza no tempo, com o surgimento gradativo das suas partes, o animal está pronto e completo desde o seu nascimento. Ele cresce em tamanho mas não se diversifica (vamos desprezar aqui fatos como a metamorfose dos insetos, que tem outra explicação).

Novamente podemos dizer que as observações sucintas que precedem não constituem novidade alguma para um observador curioso.

O que a Antroposofia acrescenta de novo é uma descoberta de suma importância; todos os fenômenos aludidos são ligados à existência de um veículo que não existe nas plantas, mas que está presente nos animais. Esse veículo é que permite ao animal ter sensações, simpatias e antipatias, instintos e paixões. No homem ele torna possível toda a gama do sentir, desde o instinto até os sentimentos mais nobres e sublimes.

Também esse veículo aparece como um "corpo", mas de uma "substancialidade" ainda mais refinada e sutil do que a do corpo etérico. Um grau mais elevado de vidência permite ao iniciado perceber esse corpo por meio de outra série de órgãos superiores (dos quais falaremos mais tarde). Esse corpo, veículo das sensações e sentimentos, pode ser chamado de "corpo se sentimentos". [Rudolf Steiner](#) deu-lhe o nome de "corpo astral". Sem querer entrar aqui em detalhes sobre as razões dessa denominação, quero lembrar apenas que antigas correntes esotéricas vislumbram uma relação entre as forças planetárias (em latim: *astra*) e os órgãos do homem e sua vida anímica. Daí o nome "corpo astral".

Estamos, pois, em presença de mais um "corpo" que permeia o corpo visível do homem e do animal. Ambos possuem, portanto, além do corpo físico e do corpo vital (ou etérico), esse terceiro membro da sua entidade, pelo qual participam de um terceiro plano, o chamado plano astral.

Esse corpo astral é "superior" ao corpo etérico, dominando-o. Ele provoca no corpo físico e no corpo etérico, a especialização de funções, que se traduz pelos órgãos ocios. Enquanto a folha, unidade constitutiva da planta, é plana e pode ser considerada como bidimensional, o corpo de qualquer animal contém esses espaços tridimensionais vazios, e cuja primeira aparição se dá no estado de gástrula do embrião. Esse vazio foi, desde tempos remotos, posto em relação com o ar, e de fato, o elemento atribuído ao mundo animal era o ar (no sentido da divisão antiga do mundo em quatro elementos). Como o conjunto das forças anímicas também é chamado "alma", podemos estabelecer paralelos interessantes entre as palavras latinas: *anima* (alma), *animus* (vento, ar, sopro) e *animal* (animal).

A presença de elemento "ar" se manifesta de muitas maneiras. Os animais superiores possuem a faculdade de manifestar seus estados anímicos pela voz, pelo grito, utilizando para isso o ar. Enquanto a respiração das plantas (diferente da fotossíntese) é uma corrente contínua, ela se efetua na maioria dos animais como alternância rítmica da inspiração e da expiração. Quanto mais um animal se afasta das funções puramente vegetativas (que o aproxima mais da planta), mais o elemento "ar" passa a dominar sua vida.

Mas voltemos à nossa caracterização do animal frente ao reino vegetal. Dissemos que o animal é mais fechado, mais separado do mundo. Para compensar esse isolamento, o animal inova em três domínios:

- 1) Ele se move em seu ambiente. O movimento lhe permite tomar a atitude ou buscar o lugar mais propício para a realização dos seus intentos (fuga, sexo, fome, etc.). Todo movimento é dirigido.
- 2) Ele emprega um sistema sensorial e nervoso que estabelece o contacto com o mundo.
- 3) Ele vive e age com uma certa consciência.

Essa consciência fá-lo reagir de maneira típica e característica a cada espécie. Não se trata evidentemente

de uma consciência lúcida, individual, pois não podemos falar de indivíduos entre os animais. Todos os exemplares de uma espécie se comportam e reagem de maneira igual, como se um impulso de grupo lhes orientasse a vida. Por esse motivo, [Rudolf Steiner](#) não atribui aos animais uma "alma" individual, mas antes uma alma de grupo que se manifesta através dos corpos astrais de todos os membros de uma espécie.

Falando mais especificamente do corpo astral humano, a clarividência revela que o seu "aspecto" depende dos sentimentos que prevalecem no indivíduo observado. O vidente fala em "coloração" desse corpo astral, embora naturalmente não se trate de cores físicas. Quanto mais puro e menos egoístas os sentimentos, mais claro e brilhante o corpo astral, ao qual se dá também o nome de "aura". Dai o costume de representar o corpo ou a cabeça de pessoas "santas" envoltos em uma aura clara e luminosa ("mandorla" na Índia, "auréola" na pintura ocidental), Era uma tradição cujas origens remontam às épocas em que ainda se podia perceber o corpo astral como resultado de uma clarividência geral.

Demos agora mais um passo procurando diferenciar o homem do animal, Devemos perguntar se o homem é apenas um animal evoluído, com certas faculdades existentes neste último, porém mais aperfeiçoadas e desenvolvidas; ou se o homem é fundamentalmente diferente de qualquer animal, possuindo algo a mais que o distingue dele.

As teorias evolucionistas tradicionais seguem a primeira hipótese, fazendo o homem descender em linha reta do animal. As grandes religiões viam no homem um ser basicamente diferente do animal. A Antroposofia é da mesma opinião. Com efeito, os animais não têm individualidade; eles são dirigidos por almas de grupo; todas as tartarugas ou abelhas reagem de maneira idêntica e típica, como se seus impulsos fossem dirigidos de fora (Para estas considerações deve-se tomar, como exemplos típicos, os animais selvagens - os domésticos já sofreram a influência do homem), No homem aparece a verdadeira individualização. Cada homem é um ser único, singelo, diferente de todos os demais seres humanos.

Enquanto os animais atingiram um estado de vigília ao qual não hesitamos em dar o nome de consciência, só o homem tem consciência de si próprio, a autoconsciência que o faz ter plena noção de si mesmo frente ao mundo.

Isso pressupõe uma série de faculdades que não encontramos no animal:

1) Só o homem pode pensar, opor-se ao mundo numa relação sujeito-objeto. Ele pode representar de maneira abstrata as suas vivências sensoriais e elevar-se a representações, conceitos e idéias. Não seria impossível ensinar a um rato ou a um cachorro achar o seu caminho num labirinto; mas só o homem pode, uma vez percorrido o trajeto certo, sentar junto a uma mesa, representar-se a imagem abstrata do labirinto e fazer dele um desenho. Qualquer abelha constrói favos perfeitamente hexagonais; mas só o homem pode compreender as relações e o princípio de construção de um hexágono regular.

2) O animal está entregue às suas sensações e sentimentos. Cessando a causa que lhe provoca uma sensação ou sentimento, acaba também o estado anímico. O homem possui a durabilidade dos sentimentos, por além da presença da causa. Mais ainda, ele pode provocar um sentimento por uma pura representação mental: eu posso pressentir os gozos gastronômicos pela simples imaginação de um suculento jantar.

3) O homem tem memória, o animal, não! - Esta afirmação parece temerária quando se pensa na alegria de um cachorro quando seu dono volta após uma ausência prolongada. Mas uma coisa é memória, outra, o fato de reconhecer. No caso do animal, a sensação, agradável ou não, repete-se quando a mesma causa está presente. A presença do dono provoca sempre, a cada vez, a mesma reação; mas para isso, é necessária a presença física do fato causador. O cachorro pode até sofrer quando lhe falta essa presença. Mas só o homem pode representar-se, sob a forma de imagens, um ser ou uma situação da qual não há mais vestígio. A memória, como faculdade de recordar mentalmente qualquer situação vivida, é uma faculdade exclusivamente humana.

4) Das três faculdades descritas nasce a capacidade do homem de livrar-se das influências do meio, isolando-se por completo e podendo até resistir a essas influências. Nenhum animal pode dominar seus instintos por uma decisão autônoma. O homem pode dominar-se, renunciar a um prazer ou à satisfação de um desejo; ele pode ponderar vários motivos, representar-se as consequências futuras de um ato ou lembrar concretamente as consequências de um ato passado. Tudo isto é impossível ao animal.

5) Em consequência disso, só o homem pode ter a liberdade de agir, de escolher entre vários atos possíveis. Somente ele pode agir moral ou imoralmente; o animal segue trilhas fixas e predeterminadas pelas características da sua espécie. Ele é irresponsável.

O homem possui, pois um centro autônomo da sua personalidade, o qual constitui o âmago da sua essência, e do qual tem uma experiência direta e insofismável. Quando fala desse centro ele diz "eu", e esse eu ou ego, verdadeira parcela espiritual, é que o distingue do animal.

Além e acima dos três "corpos" inferiores (físico, etérico e astral) o homem possui, pois, um quarto elemento constitutivo da sua identidade. Ou melhor: ele é esse eu (ego) ao qual os três corpos servem apenas de base ou envoltório.

Pelo seu EU, o homem participa de um plano superior ao plano astral ou anímico, plano que podemos chamar de espiritual; possui um elemento espiritual individualizado e singelo que constitui o centro do seu ser. O eu lhe dá a sua personalidade, o eu pensa, sente e deseja através dos seus corpos inferiores, o eu ama e odeia, cobiça e renuncia, comete atos bons e atos maus.

Desde há muitos séculos, os poetas falam de "fogo" da personalidade, do amor e do ódio. E com muita razão, pois o elemento do fogo é, por assim dizer, o apanágio espiritual do eu. Vemos, pois, os quatro membros da entidade relacionar-se, de certa forma, com os quatro "elementos" dos gregos.

Como elemento espiritual autônomo, o eu não está sujeito às limitações do espaço e do tempo. Ele é eterno, independente e alheio às características passageiras dos seus corpos inferiores. Estes estão a serviço de eu, constituindo seu veículo na vida terrena.

A presença do eu faz o homem. Dessa presença recebem os corpos inferiores suas feições e funções diferentes das que existem nos animais e nas plantas. Assim, por exemplo, o pensar e a memória estão ligados ao corpo etérico, o qual, na planta, serve exclusivamente a tornar possível a "vida". Não é ele que pensa, mas constitui, por exemplo, para a memória, o meio no qual se "guardam" as experiências passadas. Da mesma maneira, o cérebro é imprescindível para o pensar; mas naturalmente não é o cérebro que pensa; ele serve ao homem apenas como veículo físico para o pensar.

O mineral, a planta e o animal são criações. O homem é criação e criador. Criado por forças exteriores a ele, libertou-se dessas forças criadoras, tornando-se autônomo e criador. Ele continua a obra de criação; como pensador, filósofo ou artista, acrescenta ao mundo algo de novo. Sua liberdade está em oposição ao determinismo inelutável que domina os reinos inferiores.

Por meio do eu, o homem pode dominar e purificar seus sentimentos, instintos e paixões. O espírito é, de certa forma, um adversário daquilo que, em nós, é meramente anímico. Toda ética tem a sua razão de ser nesse antagonismo.

Veremos, mais adiante que o princípio da evolução reina em toda a existência, embora de maneira bem diversa da imaginada pelo darwinismo e outras escolas bio-históricas. O homem nem sempre foi homem, e deverá alcançar futuramente estados superiores ao meramente humano.

O homem se desenvolve não somente pela aquisição de novos conhecimentos e técnicas. Ele evolui sobretudo pelo aperfeiçoamento das suas faculdades anímicas, mentais e morais. A sua própria "egoidade", o grau da sua consciência e da sua maneira de pensar têm evoluído no passado e evoluirão no futuro. Ele vive e viverá adquirindo novas faculdades.

Já vimos que o corpo astral é o veículo para sensações e sentimentos, instintos e atividades psíquicas conscientes e inconscientes. Do convívio do eu com ele e com os corpos inferiores nasceu um conjunto autônomo de atitudes e faculdades, que se chama vulgarmente de "alma".

A alma distinta da corporalidade e do eu, constitui, pois como que um elemento de ligação entre o eu e o mundo. O eu sente e age através desse instrumento.

Contudo essa alma não é homogênea, Ela possui faculdades que fizeram sua aparição gradativamente no decorrer da História.

Diremos que a "alma" se manifesta de três formas. Para maior simplicidade a Antroposofia até fala em três almas (Aristóteles e outros já haviam falado em várias almas), ou seja:

1) A alma sensível ou ainda alma da sensação: ela traz a consciência das sensações, a vivência de uma impressão sensorial, por exemplo, de uma cor, de uma obra musical, de uma dor. Através da alma sensível, o homem vivencia o mundo.



2) A alma do intelecto ou do sentimento: por meio dela o homem formula pensamentos. Ele põe em ordem as sensações recebidas, ele compreende o mundo, ele constrói o universo interno de representações mentais, de pensamentos e de idéias. A abstração e o pensar são resultados da existência dessa alma do intelecto. Ciência e filosofia são seus frutos.

3) A alma consciente ou alma da consciência: traz ao homem a consciência dos conteúdos não-materiais do mundo ("idéias") e da sua própria individualidade e o choque entre o seu ego e o mundo. Ele se sente distanciado, abandonado; em consequência, sofre por seu isolamento, duvidando de tudo e não se dando mais por satisfeito com explicações fornecidas pela alma racional.

Um grande esforço é necessário para que o homem possa transpor o abismo que a própria alma consciente rasgou entre ele e o mundo. Num trabalho árduo, ele deve restabelecer a ligação entre a parcela espiritual do seu eu e a espiritualidade universal.

Esse esforço já nos leva ao desenvolvimento futuro da humanidade. Com efeito, as três almas são o fruto da simples existência do eu e dos três corpos inferiores. Sem qualquer atuação consciente do eu, as três almas se desenvolveram pouco a pouco ao longo da história do homem.

No futuro, o eu, que entretantes terá atingido a plena maturidade e autoconsciência, deverá tomar o seu destino nas próprias mãos. Ele impregnará com suas próprias forças e propriedades os três corpos inferiores, começando pelo corpo astral, que lhe oferece menor resistência do que os corpos etérico e físico, mais "densos" e menos maleáveis.

Nesse trabalho árduo e difícil de "espiritualização" consciente dos corpos inferiores, o eu criará, por assim dizer, novos membros futuros, novas camadas de seu ser. Ele se abrirá ao espírito cósmico para transformar os impulsos recebidos "de cima" em aperfeiçoamento e purificação dos corpos astral, etérico e físico.

O corpo astral assim espiritualizado por um trabalho consciente do homem constituirá, pois, um futuro novo "corpo" do homem. Steiner lhe deu o nome de "personalidade espiritual" (em alemão: *Geistselbst*). O corpo etérico transformado, segunda etapa da evolução futura, é o "espírito vital" (*Lebensgeist*). O corpo físico, quando imagem pura e regenerada do mundo espiritual, é chamado de "homem- espírito" (*Geistmensch*). Com essas perspectivas do futuro chegamos bem longe da atualidade. No presente, como já vimos, o homem é constituído pelos quatro membros da sua entidade, acima descritos.

O eu, sua verdadeira entelúquia, é o centro do seu ser. Ele é o indivíduo.

O corpo astral recebe os impulsos e impressões dos mundos físicos e superiores. Com ele o homem reage, pensa e entra em intercâmbio com a realidade.

O corpo etérico lhe dá a vida e fornece o instrumento para o pensamento, a memória e outras faculdades.

Finalmente, o corpo físico é a base material da sua existência atual. Ele fornece a matéria para os instrumentos que permitem ao homem participar do mundo físico.

## **Milefólio (Aquiléia)**

***Achillea millefolium* L.**  
***Asteraceae (Compositae)***



O milefólio é uma planta herbácea perene com caules eretos e terminados por ricas panículas compostas de pequenos capítulos de flores brancas ou rosadas. As folhas tanto terrestres como caulinas são lanceoladas e duas a três vezes penatissectas. Os frutos são aquênios. É uma espécie comum na Europa e na Ásia, onde se encontra à beira dos campos, nos prados, sobre as encostas secas e mesmo na floresta.

São colhidas as partes não lenhosas do caule com folhas ou simplesmente a flor. O caule é cortado à mão no começo da floração e secado com calor natural ou artificial (até 35°C). A flor é colhida igualmente à mão, cortando com a unha os capítulos individuais com 1 cm de caule aproximadamente. Estas partes ativas devem ser conservadas em local seco e na obscuridade. Contêm um óleo essencial, produto da destilação da matricina presente nas partes vegetais. Este óleo tem uma coloração azulada que se deve à presença de azulenos. O milefólio contém igualmente alcalóides, a aquileína e a estiquidrina, taninos, sucos amargos e outras substâncias. É utilizado em administrações internas contra as perturbações gástricas, a diarreia, os gases intestinais, como hemostático e contra as dores da menstruação. A infusão é feita com duas colheres de chá de partes ativas por chávena de água e deve ser consumida no próprio dia. O milefólio não deve ser tomado em doses fortes nem durante um período prolongado. Sobre as feridas supurantes, as erupções, o eczema, para lavagem das mãos rachadas, como gargarejo e na higiene ginecológica, utiliza-se uma decocção cerca de duas vezes mais concentrada.

Veja também: [Achillea millefolium](#) sob ponto de vista antropológico.

## **Compostas - Compositae (Asteraceae)**

Motivo Formador e Forças Terapêuticas

(Sob ponto de vista antropológico)



"Durante uma excursão na montanha, depois que as sinuosidades do caminho nos permitiram observar as diferentes partes da paisagem, atingimos finalmente o cume, e um olhar nos permitiu condensar numa vista única as nossas visões parciais e provisórias. É o que acontece com o botânico, após ter estudado numerosas famílias de plantas, quando chega na família mais evoluída e melhor organizada, a das compostas. Essa família recapitula, de alguma maneira, todo o universo das angiospermas (plantas com flores), mas num nível mais elevado, e permite perceber, através disso, um novo começo...".

O mundo vegetal se elevou na formação "árvore" em quatro etapas: samambaias arborescentes, palmeiras, coníferas e dicotiledônias lenhosas; a árvore é um conjunto de uma multidão de pequenas plantas em uma só; o capítulo é uma junção de várias flores (todas elas fazendo parte de uma inflorescência) em uma unidade perfeita e superior. No capítulo, o receptáculo (chão da inflorescência) corresponde ao tronco da árvore, mas, bem entendido, em razão do lugar onde ele se forma (a esfera floral), ele é substancialmente diferente, poderíamos denominar um "tronco de flores" (Indicação de Rudolf Steiner).

É, pois, um motivo fundamental simples, mas capaz de tantas variações que apareceram os cerca de 800 gêneros que constituem essa

família com cerca de 13.000 espécies. Não podemos então comparar essa riqueza formadora àquela das orquídeas, onde todos reconhecemos uma extraordinária imaginação criadora (muitas vezes de aparência estranha), ampliando em um só tema "seis pétalas" e produzindo alguns milhares de formas florais surpreendentes. Mas as orquídeas com flores isoladas são raras, estando presentes em grande parte apenas nas regiões tropicais, enquanto as compostas, reunidas em extensas associações, estão espalhadas por toda a superfície terrestre.

Quando chega a primavera, na região européia a família das compostas produz o Tussilago e o Taraxacum; Essas duas plantas alegam os prados europeus e depois delas surgem o salsifis selvagem (Trapogon) e as margaridas (Leucanthemum). No início do verão encontramos nos pastos alpinos a Arnica; ao longo dos caminhos o Cichorium (almeirão selvagem); e depois aparecem, fiéis ao encontro anual, a Camomilla, a Achillea millefolium, diversos cardos europeus, o Solidago virgo áurea, o Senecio jacobina, o Eupatorium e seus muitos irmãos, nos prados, no mato, no litoral, etc. O ano declina com as Asteráceas e as Dális, os crisântemos brilham até no inverno e só cedem ao gelo.

As compostas conquistaram todas as zonas terrestres em todas as partes do mundo; elas só evitam o extremo norte e as florestas tropicais. Elas têm preferência por habitats descobertos, muito expostos à luz, pradarias ou savanas da América, estepes e gramados da África, da Ásia, da Austrália e da Nova Zelândia. Elas ascendem muito alto nas montanhas (Edelweiss, Achillea), se aventuram nos desertos, não temendo as praias nem os solos salgados, contanto que a luz lhes seja oferecida em toda a sua plenitude.

Em todos esses domínios elas são quase sempre plantas herbáceas, ou no máximo sub-arbustivas. Pouquíssimas são arbustivas ou trepadeiras; o parasitismo lhes é totalmente estranho e quase não existe venenos entre elas. Podemos facilmente reconhecer o tipo compostas através dos capítulos, que são o motivo essencial do processo "compostas". Uma planta que tem essa vocação não se atrasa na gênese de um tronco lenhoso ou no enlaçamento volúvel ao redor de uma planta estranha.

Viver na esfera floral é a lei principal que rege a existência das compostas; as tribos e os gêneros nas quais os botânicos subdividem essa família são unicamente determinados pelo estudo de sua estrutura floral.

Distinguimos nas compostas, de imediato, as tubulifloras (flores em forma de tubo) e as ligulifloras (flores em forma de língüetas). As primeiras se subdividem em doze tribos principais. Foi já mencionado que, no capítulo das compostas, toda inflorescência se assemelha a uma só flor de ordem superior. Por isso as folhas terminais formam uma espécie de cálice (invólucro); os brotos terminais formam um receptáculo, que pode ser horizontal, convexo ou, mais raramente, côncavo; as brácteas das pequenas flores são apenas escamas, suas sépalas se tornam uma mecha plumosa (pappus) ou sedosa, que mais tarde coroa alguns frutos íferos e lhes dá a faculdade de voar.

As floretas do centro desempenham o papel de gineceu e de androceu de uma flor normal, as floretas que contornam a flor desempenham o papel de pétalas. Distinguimos os caracteres que permitem uma classificação dessa numerosa família, estudando a maneira do aparelho vegetativo (caule, folhas) influenciar o capítulo, transferindo-o. O invólucro pode ser foliáceo, escamoso, feito de fileiras apertadas de folhas - as brácteas escamosas das floretas podem estar presentes ou não; o pappus pode ser plumoso, sedoso, coriáceo, etc. O que nos salta aos olhos, no fundo, é o grau de perfeição segundo o qual a idéia da composta se realiza nos casos particulares.

Um capítulo perfeitamente constituído (radiado) traz, no centro, floretas tubulares e contornam essas floretas, na periferia, uma coroa de floretas em língüetas, ou ligulares, que resultam de uma fenda completa da corola tubular em sua extensão, no plano horizontal, e de seu desenvolvimento exagerado. Neste caso, as floretas tubulares no centro são geralmente bissexuadas (elas possuem estames ou pistilos), ao passo que as floretas liguliformes no bordo da inflorescência são femininas (elas possuem apenas um pistilo). Quando todo o capítulo consiste em língüetas ou floretas ligulares, elas são bissexuadas. Mas pode acontecer que todo o capítulo consista em floretas tubulares, por exemplo, os cardos. Ao contrário, o almeirão e o dente de leão possuem apenas floretas liguladas. O girassol, a margarida e a Arnica parecem ser capítulos perfeitos nessa relação, pois, eles equilibram perfeitamente a periferia e o centro, a margem e miolinho (cerne). A inflorescência com floretas liguladas na margem, ao desabrochar, se estende no plano horizontal e, devido a isso, assume uma simetria bilateral: a face inferior deixada às influências da terra, se hipertrofia, enquanto que a face superior se atrofia. Quanto à floreta tubular, ela ascende verticalmente e assume uma simetria radial. O peso não tem efeito sobre a inflorescência composta de floretas tubulares, ao passo que o peso dominou a inflorescência composta de floretas ligulares na margem.

As compostas, cuja inflorescência é formada apenas por floretas ligulares, não se caracterizam apenas pelo fato de que todas as flores de seu capítulo desabrocham na horizontal (*Taraxacum*, *Cichorium*), elas se distinguem também por sua aptidão em formar látex, sobretudo em seus órgãos inferiores. Não é raro que esse leite vegetal ascenda até as flores propriamente ditas. Nós já expusemos anteriormente alguma coisa sobre a formação do látex e a posição horizontal das flores como sintoma de características lunares, como reminiscências de uma vida primordial semi-vegetal, semi-animal. Esse lado da existência vegetal, que reflete-se misteriosamente em todas as famílias, não pode faltar naquela que as resume e forma o "final" de sua grande sinfonia. É então que encontramos algumas compostas realmente tóxicas, como a *Lactuca virosa*.

As compostas tubulifloras e as radiadas não possuem látex. Por outro lado, elas formam em suas sementes muitos óleos fixos; encontramos nesse grupo plantas oleaginosas como o girassol, a *Guizola* oleigera da Nigéria. Já falamos desses processos oleaginosos. Nós sabemos que os processos de calor cósmico e solar intervêm na formação dessas substâncias. A gênese do óleo é como a antípoda da gênese aquosa do látex.

Entre as compostas radiadas, encontramos muitas plantas aromáticas e condimentares, ou seja, aptas a produzirem em abundância óleos etéricos ou essências. Elas são a camomila, a *Achillea millefolium*, o estragão, a arnica e outras. É sobretudo entre as ligulifloras que encontramos plantas alimentícias, tais como a salsifis, a alface, a endívia. É bastante natural que uma família tão fecunda em flores produza muitas plantas ornamentais com extraordinária variabilidade de formas e cores, por exemplo, a *Dahlia*. Encontramos também compostas contendo corantes, como a camomila dos tintureiros; ela manifesta processos luminosos intensos. Além disso, devemos mencionar a inulina, essa substância curiosa, intermediária entre a formação do açúcar e a do amido. Lembrando o glicogênio ou "amido do fígado", a inulina é uma reserva que se forma no outono e no inverno, no lugar do amido, nos órgãos subterrâneos das compostas, para se transformar, na primavera, em açúcar e subir pela planta que cresce. Forma-se então a frutose (tolerada pelos diabéticos) e não uma mistura de frutose e glicose, como na transformação habitual do amido.

Resumindo: o tipo composta se apresenta como algo plástico, variável, ele não é de maneira alguma esclerosado, ele é ligado intensamente ao mundo das luzes; esse tipo foge das trevas, da umidade, da proliferação. É um ser etérico, vigoroso, profundamente são, que finca raízes na terra, onde ela está aberta ao cosmos. A esfera astral inicialmente lhe aborda com força, e orienta suas forças formadoras na direção de um processo floral intenso; a esfera astral não violenta o domínio vegetativo nas compostas, não ultrapassa a fronteira das forças formadoras etéricas, o que provocaria o aparecimento de venenos. As cores dos capítulos são geralmente claras, luminosas e os perfumes são delicados, suaves, mas secos, jamais agressivos ou nostálgicos, sempre discretos e reservados. Tudo isso caracteriza essa astralidade particular. Um princípio mais elevado, ordenador e estruturador se une a essa astralidade, a qual não é suficiente para levar a flor a seu máximo de arte e perfeição no que concerne à sua forma, sua aparência, suas cores, seus perfumes, etc. Esse princípio faz com que a totalidade do mundo das flores seja submetida a uma ordem superior. A orquídea é toda uma flor individual, a composta é de algum modo, uma flor elevada à segunda potência (ao quadrado). As orquídeas permanecem "decaídas", as compostas são configuradas e estruturadas ao extremo.



# Milefólio (Aquiléia)

*Achillea millefolium* L.  
*Asteraceae* (*Compositae*)



Com suas folhas inferiores geralmente voltadas às formas arredondantes do elemento aquoso, a *Achillea millefolium* faz com que predominem forças aéreas de divisão, forças essas parcialmente voltadas às regiões superiores, onde ocorrem os processos de florescimento. Dessa maneira as folhas, mesmo as inferiores, são impregnadas de óleos essenciais ou etéricos. O processo de florescimento, em compensação, é retardado até a planta ter sido totalmente edificada. Broto após broto, folha após folha, vão se desenvolvendo, sustentados por um caule firme, duro, até que o verão tenha atingido o ápice, o solstício. Nessa época a ascensão vertical da achillea se coroa com guarda-chuvas de "flores" (cada "flor" é um pequeno capitulo). A floração se instala desde essa época até fins do outono e mesmo no início do inverno. Suas flores, tão duráveis e firmes, podem ser observadas secas nos jardins durante todo o inverno.

O processo floral se anuncia em várias etapas. Ele não se inflama, ou seja, não cresce rapidamente gerando substâncias tóxicas como nos vegetais alcaloidicos que, em tempo muito breve de vida, exaurem a vegetabilidade da planta para o processo floral. O odor sombrio e picante da folha torna-se, na flor, mais doce. A planta é permeada por uma essência azul-esverdeada. O amargor penetra por toda a planta.

Em suas cinzas encontramos, além de um grande conteúdo de sílica, uma enorme quantidade de potássio (48%). Essa substância se manifesta no vigor dos caules. Um intenso processo salino é vitalizado em seu curso, que se inicia embaixo, indo até o ápice da planta. Um processo moderado de aromatização se mistura com o processo salino, e caminha de baixo para cima. Essas duas tendências estão admiravelmente equilibradas. Além disso, o processo sulfúrico é próprio da *Achillea*. O enxofre está integrado na proteína de uma maneira particularmente harmoniosa e tenaz. E por isso que os sucos frescos obtidos por esmagamento da planta se conservam durante muito tempo sem nenhuma alteração.

Na esfera da proteína, encontramos sal potássico e processos sulfurosos, as tendências da raiz e as da flor são de maneira tão maravilhosa que R. Steiner considerou a *A. millefolium* uma singular obra prima vegetal.

Sua ação terapêutica começa pelo estímulo do metabolismo, o estômago é fortalecido, o apetite aumenta; e, além disso, esse remédio favorece a atividade do fígado e a gênese do sangue.

Acrescenta-se a isso um poder hemostático.

Finalmente o *millefolium* contribui para um bom

andamento dos processos construtores e acelera a cura das feridas; a sílica, que tem importância nesse processo, se acha presente nessa planta, como já foi mencionado (veja na descrição da [Arnica](#)). As substâncias amargas extraídas do *millefolium* fortificam a função digestiva. Usado externamente sob forma de compressas, a *Achillea* acalma parcialmente as dores, as câibras e as cólicas, graças às suas essências e substâncias canforadas.

Veja também: [Achillea millefolium](#).



# Arnica

*Arnica montana* L.

*Asteraceae (Compositae)*

Sob ponto de vista antropológico



alaranjado, se fazem notar na luz do sol da época de São João.

Que perfume apimentado e suave! O que trabalha na folha, continuando essa elaboração até a flor? Os elementos sublimes qua reinam sobre essas pontas da planta inteiramente formada por eles, ponta que os recebe, os aperfeiçoa, e os recebe sobre forma de calor e perfume. Quem emite esse perfume? Como eu poderia descrevê-lo? Eu gostaria de chamá-lo de poder curativo, mas Goethe poderia ainda enunciar de maneira mais clara essa ação sensorial e moral, que se realiza no reino dos odores o que foi preparada no reino das cores, e nos revelará o que o mundo vegetal deixa transparecer no domínio do ar".

"De todas as matérias, é a energia que está condensada na Arnica. Só a sua lembrança libera em meu coração torrentes de fogo. Mas, nessa planta a força está ligada a delicadeza das formas. Nada de duro, nada de áspero se opõe à força celeste formadora; esta planta, o Deus solar a elegeu no frescor de sua juventude e de sua vida. Vejam então essa flor, como ela se abre e como ela se estende na luz, na incandescência solar. O vento alpino é seu semeador. Ela coloca em suas mãos a coroa plumosa de seus frutos. Ela os dispersa nos prados. Assim, no outono, pequenas faíscas de fogo seguem Persefone no seio da terra. Mas o calor do sol desperta, aquece a sombra úmida; a raiz sente essa vida que a penetra, ela cresce, ela brota na segunda metade do ano; ela segue então caminhos solares no domínio terrestre.

No dia 24 de fevereiro de 1823, Eckermann anotou: "Esse dia foi ainda muito preocupante no que concerne Goethe pois, por volta de meio-dia, não houve a mesma melhora que ontem. Num acesso de fraqueza, ele disse à sua nora: "eu sinto que em mim é chegado o momento do combate entre a vida e a morte". Contudo, à tarde, o doente estava completamente consciente e mostrava mesmo uma alegria bem-humorada: Vocês são muito desconfiados dos remédios que receitam", disse ele a Rehbein, "Você me mimia muito. Quando se tem diante de si um doente como eu, é necessário agir de maneira napoleônica". Ele bebeu uma xícara de decocção de Arnica que, na véspera, administrada por Huschke no momento mais perigoso, provocara a crise benéfica. Goethe fez uma descrição charmosa dessa planta e exaltou seus efeitos energéticos.

Um amigo do autor deste livro lhe perguntou ao que poderia se assemelhar essa descrição de Goethe, e o autor, imitando o poeta, escreveu:

"Você pode notar que essa magnífica planta pertence às livres alturas, se instala nas rochas primitivas e cresce nos degraus do trono de Deus. Ela se enraíza no frescor fluente dos prados elevados, ela faz parte da primavera e do começo do verão, ela precisa de ar puro e das forças da manhã.

Sua roseta de folhas é circular, de um verde dourado, mas ela já prenuncia o seu segundo ciclo vital, o do cálice, e prepara o terceiro ciclo, o das flores. Dessa maneira a haste delicada ascende verticalmente para as alturas; não há mais espiral foliar, um par de folhas são arrastadas no impulso; o botão floral está situado acima da haste e faz desabrochar seus invólucros florais, se bem que os turbilhões, de um fogo amarelo-

Eu consagro então a Arnica, entre todos os deuses, a Helios. Mas a quem, entre os homens? Ao discípulo de Asclepios, que percorre as altitudes solitárias. Eis a planta da cura rápida, da decisão enérgica. Se ocorre uma violência vinda do exterior, golpes ou cortes, a Arnica está pronta para socorrer. As forças vitais afluem, o pulso se reforça, o coração toma coragem, aquilo que se desgarrou nas hemorragias ou hematomas, volta para o seu curso normal. Os músculos e tendões se esticam; a forma lesionada se regenera; mesmo o sistema nervoso, que é difícil de curar.

A revolta orgânica contra o dano, a que nós chamamos dor, se atenua, refluída. É num estilo "napoleônico" que o mal é atacado, que a decisão é tomada. Eu sentia que a vida e a morte começavam a combater em mim, e eis que as tropas da vida, com essa flor como pendão, trouxeram a vitória. Rejuvenescido pela convalescença, eu faço os elogios à Arnica, e é ela mesma que se elogia através de minha voz, ela, a natureza inesgotável que cria essa flor e traz a cura, porque ela cria eternamente".

O poeta se calou, mas o seu poderoso olhar, que havia retomado seu antigo brilho solar, errava ao longe, sonhador, vidente, como se estivesse em vastos espaços onde nada devesse ser dito.

Efetivamente a arnica é uma verdadeira planta de montanha; ela escolhe os pastos descobertos nos Alpes, os rios luminosos do sol das altitudes; mais ela brota no alto, mais se torna aromática. Mas ela gosta da umidade fresca das pastagens e mesmo das turfeiras, sempre exigindo um substrato silicoso. Ela evita o calcário, pois ele a perturba; mesmo em quantidades pequenas, os adubos artificiais a matam.

É sobre a influência do elemento aquoso que a Arnica forma suas folhas alongadas, inteiras, parecidas com as do Plantago, ou seja, de formas muito simples; sua cor é ou verde dourado ou prata leitosa, na maioria das vezes há dois ou três pares de folhas opostas aplicadas no solo em forma de roseta. A haste floral ascende energicamente, trazendo vigorosos botões do capítulo; ela traz, ela traz, um par de folhas minúsculas; caules secundários brotam a partir do eixo primário, trazendo os botões florais.

Mas, freqüentemente o capítulo principal é unitário. A partir da época de São João, quando o sol está no ponto máximo de seu curso anual, o capítulo ostenta com seu miolo, flores tubulares e um colarinho de lígulas cor de fogo que irradiam de uma maneira um pouco turbilhonada, pois cada lingüeta segue seu próprio impulso. Quando a lingüeta amadurecer, os aquênios cor de cinzas e de prata esperarão o momento que o vento os disperse. Depois disso, o sol desce de seu ponto máximo de seu curso anual, e as ações do sol se unem com a terra, aprofundando-se no seio da terra, e a Arnica, cuja vida aérea terminou, também começa a desenvolver uma vida subterrânea. O rizoma, que cresce horizontalmente, emite brotos subterrâneos que terminam por um talo, de onde nascerá uma nova roseta, de onde poderá sair, no ano seguinte, uma nova haste floral. Dessa maneira, o crescimento vertical e horizontal se alternam ritmicamente. Após a maturação da flor, a planta se esvai junto com o sol do verão, a planta morre, mas a parte subterrânea dura anos. Podemos retirar os rizomas da terra e ver que possuem vestígios de seis ou sete "antigos talos" que se enredam com os novos, formando um todo vivo e bem enraizado. Isso exprime uma força conservadora da vida, que dá ao rizoma uma consistência e uma estrutura próprias: podemos esperar desse rizoma de Arnica ações terapêuticas especiais sobre os nervos.

Na Arnica, uma grandiosa química da natureza está acontecendo. Encontramos várias substâncias interessantes na flor, flavonas, corantes aparentados com o caroteno, colinas, substâncias que agem no coração, fitosterina; na planta inteira, taninos; no rizoma, inulina, amido, gomas abundantes, substâncias amargas. Os óleos essenciais se formam, com qualidades diferentes, na flor, na folha, e no rizoma. Uma, por exemplo, pode ter propriedades anti-inflamatórias, outras, ações fortemente irritantes sobre a pele (a pele faz parte do domínio neuro-sensorial, que é acessível às ações das raízes). Um teor sutil de silício é também interessante, como atividade terapêutica.

Nós já falamos muito, anteriormente, do papel que desempenha o processo da sílica na vida das plantas. As relações desse processo com o metabolismo luminoso do vegetal, e com fenômenos de estruturação, são evidentes. A sílica pode assumir, sobre a forma coloidal, uma consistência fluida, mas ela pode também adotar as estruturas cristalinas mais elevadas e preciosas (quartzo). A opala, a ágata, e o quartzo são as três principais etapas dessa metamorfose. Assim ela pode acompanhar a proteína orgânica nos seres vivos, desde os estados mais amorfos, até os mais diferenciados. A sílica é portadora e um instrumento dessa evolução. Ela leva suas ações, pela via do metabolismo, até as partes do corpo onde o vivo é inanimado, mas onde o pólo formador se afirma intensamente: tegumentos de órgãos, pele, ossos; vegetais "silicosos", manifestam freqüentemente uma força estruturadora que se exprime até a extrema pequenez; todos já viram no microscópio esses organismos parecidos com magníficas jóias: algas silicosas (especialmente diatomáceas), tecidos de gramíneas, de palmeiras, de equisetos, etc.

Mas na Arnica esse elemento formador está, por assim dizer, "in statu nascendi", ele não se estende na criação de formas materiais acabadas e rígidas; ele permanece no nível das forças formadoras, envoltas nos tecidos vivos, plásticos, pouco estruturados, de alguma maneira infantis. Por outro lado, essa planta está totalmente penetrada por emanações ígneas e aromáticas que se exprimem nas essências de que está saturada. Levar os processos formadores para o domínio metabólico, e processos metabólicos construtores para o domínio dos nervos, essas são as missões terapêuticas especiais da Arnica.

Anteriormente nós esboçamos o que uma observação baseada no Goetheanismo pode descobrir nessa planta medicinal. Agora devemos completar e alargar essas visões com a ajuda de alguns resultados da investigação antroposófica. Numa série de conferências que ele fez para médicos, Rudolf Steiner se exprimiu, aproximadamente, da seguinte maneira: a propósito das

ações medicinais da Arnica:

É preciso falar especialmente das afecções sobre os nervos e medula espinal. Essas últimas, como se sabe, são dificilmente tratadas. Para ter acesso as afecções dos nervos, é muito importante compreender que existe no nervo uma tendência a desagregação, ao esmigalhamento; as forças vitais construtivas, expansivas, recuam notadamente. O nervo pode justamente servir a organização do eu, o princípio espiritual do ser, porque a vitalidade, no dito nervo, está enfraquecida. Ele tende a se esfacelar e deve ser impedido pela organização do eu, e pelo corpo astral. Quando essas duas organizações não são fortes o bastante para dominar essas tendências degenerativas, vemos aparecer as diversas neuralgias ou nevroses, com sintomas semi-psicóticos.

Quando essas organizações são muito fracas e não preenchem seu papel de equilíbrio, é necessário procurar um remédio apropriado, que dá ao sistema nervoso aquilo que lhe falta. O remédio deve, por assim dizer, criar no sistema nervoso um "fantasma", que estanca as tendências degenerativas, como fariam no estado normal, as duas organizações. Uma substância que pode desempenhar esse papel é a sílica. Entretanto, a sílica deve ser colocada de uma forma que tenha afinidade por nosso sistema nervoso. É precisamente a forma que tem na planta chamada Arnica, em alta diluição, 15<sup>a</sup> ou 25<sup>a</sup>, mesmo 30<sup>a</sup> potência decimal, vocês verão que, na maioria dos casos, a injeção age; seu efeito consiste em fazer com que o doente adquira a necessidade e o impulso de fazer algo contra os seus estados nervosos.

É importante que o doente chegue a perceber que o remédio tira os estados mórbidos de seu sistema nervoso, e a organização astral ou do eu, que estavam presas nos processos mórbidos, são liberadas. O remédio as livra do processo mórbido. Numa doença nervosa, a organização do eu e o organismo astral se ocupam intensamente do processo nervoso. É necessário então introduzir no processo nervoso algo que incite esses dois organismos. E é justamente o que faz a maravilhosa configuração que encontramos na Arnica, e que é realmente um "mixtum compositum" de todo tipo de coisas, realmente uma espécie de imitação microscópica de outro tipo de coisas macrocósmicas..."

A sílicea é um tipo de reativo sutil sujeito as influências mais diversas provindas do universo exterior. Várias vezes nós assinalamos que ela é ligada à faculdade que as plantas têm de perceber a luz. As plantas que a elaboram se deixam mais facilmente influenciar pelos raios cósmicos. A sílicea faz como que o cosmos encontre na planta uma espécie de órgão sensorial que a percebe.

A Arnica, que cresce muito bem em solos silicosos, transmite essas ações luminosas aos diversos sais minerais que ela absorve, principalmente os sais de potássio e de cálcio. Por isso, a parte mineral da Arnica pode agir um pouco como uma impressão plástica das ações cósmicas "percebidas" pela sílicea. Além disso, a Arnica contém, finamente elaborados, taninos que são particularmente aptos a perceber essas estruturas de origem luminosa imprimidas nos constituintes minerais da planta. Os órgãos que vemos sarar, adquirem, graças aos taninos, "apetite" pelo remédio.

Mas a Arnica desenvolve também em seus tecidos substâncias balsâmicas. Elas têm uma ação tranqüilizante, graças a qual a substância medicinal da Arnica (que carrega a sensação e o sentimento até o corpo astral) não é sentida como um incômodo, como um corpo estranho. Além disso, a proteína incorporada de uma maneira maravilhosa às substâncias gomosas, dá ao remédio uma afinidade especial pelo corpo etérico, que é vitalizante de todas as proteínas. Dessa maneira, nós mobilizamos forças vitalizantes antagonistas nesse domínio nervoso, que tem poucas forças, e combatemos as tendências ao esfacelamento. Por fim, os óleos essenciais dão ao medicamento uma certa orientação em direção da organização do eu, como já vimos no alecrim e outros. Podemos pretender que a Arnica introduz no ser humano um "fantasma da organização do eu".

"Quando administramos uma substância proveniente da Arnica montana, cuidadosamente dosada, por injeção (os outros procedimentos não serão tão ativos), constataremos, pelo menos em regras gerais, que o sistema nervoso é fortemente influenciado. O tratamento terá sucesso se pudermos definir que o doente se sente mais forte e pensa poder triunfar sozinho sobre os seus problemas".

Esta planta medicinal verdadeiramente universal possui ainda outros efeitos que seria importante mencionar, mas eles estão ligados àquilo que foi dito. Em todo caso: quando um médico, por uma razão qualquer, é levado a escolher uma planta, e uma só em toda a farmacopéia vegetal, ele se volta à Arnica, que, segundo as lendas, triunfa das "forças do lobo" (em alemão, a planta se chama wolferlei), do lobo que ameaça as puras influências vitalizantes do sol, do lobo Fenris que foi descrito no mito germânico.

Vide também: [Arnica montana](#).

---



# **Arnica**

***Arnica montana* L.**

***Asteraceae (Compositae)***



A arnica é uma planta herbácea perene que possui um rizoma subterrâneo e um caule ereto, ramificado e glanduloso, terminado por um capítulo de flores amarelas. As folhas da roseta terrestre são ovais, aplicadas contra o solo; as folhas do caule são lanceoladas, opostas e inseridas no local dos nós. O fruto é um aquênio negro munido de penugem. A arnica cresce nas montanhas européias e norte-americanas, mas começa a ser muito rara como espontânea, e é por isso protegida em numerosos países.

Toda a planta tem valor farmacêutico. Colhe-se sobretudo a flor, mas freqüentemente também o rizoma. A flor deve ser colhida sem o disco e sem involúcro: são apanhadas apenas as flores tubulosas e liguladas. Os rizomas são limpos e secados rapidamente. Os capítulos contêm vestígios de óleo essencial, carotenóides, um suco amargo, a anircina, uma saponina, o arnidiol, esteróis, a isoquercetina, o astragalol, etc. O rizoma contém taninos, até 6,3 % de óleo essencial e resina. Ambas as partes têm uma ação estimulante, e mesmo irritante, sobre as mucosas gástrica e intestinal, assim como uma ação irritante sobre os rins. A arnica tem igualmente efeitos benéficos sobre a circulação sanguínea e a atividade cardíaca, sob a condição de ser prescrita e dosada por um médico. Emprega-se sobretudo um extrato alcoólico, a tintura de arnica. Esta tintura era muito apreciada antigamente para tratar as feridas, como desinfetante e cicatrizante. Decocções e infusões de arnica entram também na composição de gargarejos, banhos e pensos.

Vide também: [Arnica montana](#) sob ponto de vista antroposófico.

---

## Erva de São João

*Ageratum conyzoides* L.

Sin.: *Ageratum conyzoides* L.

*Asteraceae (Compositae)*



Planta herbácea anual reproduzida por semente, raiz principal pivotante, com abundantes raízes secundárias distribuídas superficialmente no solo, folhas pecioladas ovais-lanceoladas opostas que exalam um suave odor quando amassadas, inflorescência por corimbos de 5 a 20 capítulos por conjunto com flores de coloração rosa ou branco-azulada.

É uma planta nativa na América tropical e hoje amplamente dispersada por regiões tropicais e subtropicais do mundo. Foi levada para muitas regiões como ornamental ou para uso em medicina popular. No Brasil pode ser encontrada em quase todo o território, mas é pouco frequente no extremo-sul. Os principais nomes populares são: Mentrasto, Erva-de-são João, Picão-roxo, Catinga-de-bode. A origem do nome vem do grego "agéron", significando "que não envelhece" (termo aplicado antigamente a plantas perenes; é difícil explicar esse nome para uma planta de ciclo tão curto, mas certamente existem plantas perenes dentro do gênero) e "kónyza", o nome da planta na Grécia.

Tem um certo valor ornamental e econômico. Na Malásia é usada como forrageira para cabras, bovinos e muaras. Na Região Nordeste do Brasil, plantas secas são às vezes usadas para aromatizar roupas brancas. As flores são visitadas por abelhas. Em medicina popular a planta é usada em infusões, extratos e tinturas, como carminativa, febrífuga e diurética. Encerra alcalóides com ação vaso-constritora, tendo por

isso um efeito anti-inflamatório, analgésico e cicatrizante. É uma planta selecionada para o Programa de Aproveitamento de Plantas Medicinais Brasileiras, da Central de Medicamentos (CEME). A planta abriga ácaros fitoseídeos, como *Amblyseius newsami*, sendo que na China verificou-se que em pomares com presença dessa planta o referido ácaro predador efetua razoável controle da praga *Panonychus citri*, ácaro vermelho dos citros. Estudos na UNESP, em Jaboticabal, indicaram menor incidência dos ácaros *Brevipalpus phoenicis* e *Phyllocoptruta oleívora* em pomares de citros onde havia a presença de mentrasto. Assim, essa planta pode ser um componente aproveitável em programas de manejo integrado de pragas, na citricultura.

Também é uma planta infestante, sendo considerada como planta daninha em cerca de 50 países e indicada como invasora em cerca de 40 culturas. No Brasil a importância como infestante não tem sido muito grande, ocorrendo especialmente em pomares, inclusive sob a copa de laranjeiras. Pode abrigar nematóides como dos gêneros *Meloidogyne*, *Pratylenchus* e *Rotylenchulus*. Pode ser infectada pelo vírus do enrugamento foliar do tabaco.

Vide também: [Hypericum perforatum](#) - Erva de São João;

A empresa "A Natureza" comercializa [Glechoma hederacea](#) com o nome de "Herva São João".



## Erva-de-São-João

***Hypericum perforatum* L.  
*Guttiferae (Hypericaceae)***



O gênero *Hypericum* conta aproximadamente com 370 espécies anuais, arbustivas e semi-arbustivas perenes e semi-perenes, encontradas principalmente nas regiões temperadas. Uma grande variedade de grupos provê muitas plantas finas de jardinagem para a maioria das aplicações. *Hypericum* pode derivar do grego hyper, "acima", e eikon, "pintura". de vez que as flores eram colocadas sobre imagens religiosas para afastar o mal no Dia de Solstício de verão do norte (24 de Junho, Dia de São João).

***Hypericum perforatum***, chamado popularmente de milfurada, erva de São João perfurada e erva comum de São João, é um arbusto vertical, rizomatoso, perene, de base lenhosa, com folhas alternas e sésseis, picotadas de pontos vermelhos translúcidos. A planta é nativa na Europa e Ásia temperada e pode ser encontrada também nos Estados Unidos e Canadá chegando a ser uma espécie vulgar. Ela medra no solo seco e ensolarado de encostas, margens de estrada, prados, bosques e sebes, onde geralmente cresce até uma altura média de 60 cm. As inflorescências abundantes, de um amarelo-dourado, desabrocham em pleno Verão. Numerosas flores amarelas luminosas florescem de junho a setembro. As flores são mais abundante e estão no auge luminoso ao redor do dia tradicionalmente celebrado como o aniversário de São João Batista. O fruto é uma cápsula.

Para fins medicinais colhe-se a planta inteira e particularmente as cimeiras, na época da plena floração e com tempo ensolarado. São secadas à sombra, sob corrente de ar, ou num secador, a temperatura de 35°C no máximo. Os antigos alegavam que as propriedades mágicas do *Hypericum perforatum* eram, em parte, devidas ao pigmento vermelho fluorescente, um flavonóide denominado hipericina que escoo como sangue das flores esmagadas. Além da hipericina, contém taninos (as flores até 16%), glicosídeos: rutina, hiperina,ocatecol peflavite (vitamina P), flavonóides, xantonas, ácidos carboxílicos fenólicos, óleos essenciais, carotenóides, alcanos, derivado de floroglucinol, fitosteróis, e ácidos gordurosos alcoólicos de cadeia média. O Tanino, em uma concentração média aproximada de 10%, é

provavelmente o responsável pela ação adstringente da Erva de São João e o efeito precipitador de proteína, contribuindo para o tradicional uso tópico da planta como um agente curador de feridas.

O *Hypericum* é ligeiramente sedativo e nitidamente colagogo (secreção biliar). Os seus efeitos anti-inflamatórios fazem dele um bom produto para tratamento de inflamações crônicas do estômago, do fígado, da vesícula, dos rins; é igualmente eficaz nas afecções ginecológicas. A erva é usada interiormente para enurese (especialmente em crianças), ansiedade, tensão nervosa, perturbações na menopausa, síndrome pré-menstrual, cobreiro, ciática, e fibrosites. Não deve ser dado aos pacientes com depressão crônica. Externamente para queimaduras, contusões, danos (feridas especialmente profundas ou dolorosas que envolvem danos em nervos), chagas, ciática, neuralgia, convulsão, deslocamentos, e contusões. Trabalha bem com *Hamamelis virginiana* ou [Calêndula officinalis](#) para contusões. Usado em homeopatia para dores e inflamações causadas nervos danificados.

O óleo do *Hypericum* é preparado por maceração das cimeiras floridas, em azeite ou óleo de girassol. Deixando-se o recipiente durante quinze dias ao sol, sacudindo-o de tempos em tempos. Este óleo é bom contra as queimaduras (incluindo as do sol) e as hemorróidas. Um consumo exagerado de produtos à base de milfurada pode provocar uma alergia que se agrava sob o efeito da luz solar (foto-sensibilização).

# Erva de São João tem Propriedades Antibacteriais

## Healthy News You Can Use

Issue #106 June 20, 1999

By Joseph Mercola, D.O.

Erva de São João (*Hypericum perforatum*) é extensamente usada como um remédio natural para depressão e também pode ajudar a tratar cortes infectados e arranhões. Baixa concentração de uma substância química encontrada na Erva de São João chamada hiperforina pode matar certas bactérias, inclusive do tipo *Staphylococcus aureus*, uma causa comum de infecções da pele. No estudo, concentrações de hiperforina tão baixas quanto 0.1 microgramas por mililitro foram efetivas contra espécies de bactérias gram-positivas. Porém, Hiperforina não foi efetiva para erradicar o fungo *Candida albicans*, responsável pela maioria das infecções por levedura.

É interessante a nota de que este popular antidepressivo tem algumas propriedades anti-bacterianas. Alguns clínicos também acreditam que o mecanismo principal de ação da Erva de São João atua de fato como um tratamento anti-viral. Embora a Erva de São João claramente tenha algumas ações benéficas para aqueles com depressão, acredito que realmente seja uma ajuda mais segura e não envia o desequilíbrio nutricional e neuro-emocional a um nível mais intenso que precipite a depressão.



---

## Erva de São João e o tratamento de depressão

Extrato *Hypericum* da erva de São João é mais seguro que a droga antidepressante imipramine e de mesma forma efetiva para tratar pacientes com depressão moderada.

**British Medical Journal December 11, 1999;319:1534-1539.**

*Hypericum* foi testado em mais de 3,000 pacientes contra placebo e várias medicações. Linde, Ramirez et al conduziram uma meta-análise de 23 testes de amostras randomizadas (15 dos quais comparavam *hypericum* com placebo e 8 dos quais comparavam com tratamentos por outras drogas); A amostragem incluiu 1.757 pacientes externos com distúrbios depressivos principalmente moderados ou moderadamente severos. O resultado global extraído desta análise indica que *hypericum* é mais efetivo que placebo e igual em eficácia comparado a antidepressivos padrões para o tratamento de distúrbios depressivos moderados a moderadamente severos. Além disso, menos efeitos colaterais foram notados em pacientes tratados com *hypericum* (19.8%) que nos tratados com antidepressivos padrões (52.8%).

**Linde K, Ramirez G, et al. St. John's wort for depression—an overview and meta-analysis of randomized clinical trials. BMJ 1996; 313:253-258.**

Num teste duplo-cego de quatro semanas com 105 pacientes não internos com depressão moderada de pequena duração, 67% dos pacientes que tomaram extrato de *hypericum* (300 mg três vezes ao dia) melhoraram, comparado com 28% de pacientes que tomaram placebo. Nenhum efeito colateral significativo foi notado.

**Sommer H, Harrer G. Placebo-controlled double-blind study examining the effectiveness of a *hypericum* preparation in 105 mildly depressed patients. J Geriatr Psychiatry Neurol 1994; 7(Suppl 1):S9-11.**

Num estudo de seis semanas de duração, hypericum foi comparado com um antidepressante heterocíclico padrão. A dose de extrato de hypericum foi de 300 mg, três vezes ao dia, e a de imipramina foi de 25 mg, três vezes ao dia. As pontuações da Taxa de Depressão na Escala de Hamilton diminuíram de 20.2 para 8.8 no grupo de hypericum e de 19.4 para 10.7 no grupo de imipramina. Além disso, menos efeitos colaterais e mais moderados foram notados nos pacientes tratados com hypericum do que nos tratados com imipramina.

**Vorbach EU, Hubner WD, Arnoldt KH. Effectiveness and tolerance of hypericum extract LI 160 in comparison with imipramine: randomized double-blind study with 135 outpatients. J Geriatr Psychiatry Neurol 1994; 7(Suppl 1):S19-23.**

[St. John's Wort and the Treatment of Depression](#)

Vide também: [Ageratum conyzoides](#) - Erva de São João;

A empresa "A Natureza" comercializa [Glechoma hederacea](#) com o nome de "Herva São João".

---

## **Calêndula, Malmequer**

***Calendula officinalis* L.**  
***Asteraceae (Compositae)***



Planta anual cultivada desde a Idade Média, pelas suas qualidades ornamentais: os seus maravilhosos capítulos cor de laranja-vivo desabrocham continuamente desde o Verão até ao Outono. As folhas inferiores são espatuladas, as caulinares lanceoladas, sésseis e alternas. Os capítulos terminais são compostos de flores tubulosas estéreis e de flores liguladas férteis. O fruto é um aquênio curvo coberto de asperidades (em baixo à direita). As calêndulas são originárias da Europa meridional. São cultivadas atualmente como planta ornamental e medicinal. Neste último domínio, são preferidas as variedades de capítulo denso, cor de laranja menos intenso, contendo uma elevada taxa de substâncias ativas.

São colhidos os capítulos inteiros ou apenas as ligulas. A colheita faz-se manualmente, com tempo soalheiro, e as flores são secadas sobre grades de canas, à sombra, num local bem arejado, à temperatura máxima de 35°C. Contêm uma calendulassaponina-ácido-triterpenóide, outros glicosídeos ou calendulosídeos, sucos amargos e um óleo essencial. São usadas para estimular a atividade hepática, a secreção biliar e também para atenuar os espasmos gástricos ou intestinais. Os seus efeitos são, portanto, espamolíticos e colagogos. Em aplicações externas, a decocção, a tintura ou a pomada de calêndulas é aconselhada para as feridas rebeldes, escaras, úlceras nas pernas, inflamações purulentas e erupções cutâneas. A indústria cosmética emprega as calêndulas para amaciar a pele, para banhos e aplicações locais, pois são um excelente cicatrizante. A cor viva alaranjada das pétalas secas é muitas vezes aproveitada para melhorar o aspecto de outras substâncias medicinais.

Vide também: [Calendula officinalis](#) sob ponto de vista antroposófico.

---



# Calêndula, Malmequer

*Calendula officinalis* L.

*Asteraceae (Compositae)*



A região mediterrânea é o centro de dispersão dessa poderosa planta medicinal, mas após a Idade Média ela foi aclimatada em várias outras regiões. Não existe jardim rústico no qual ela não esteja presente como decoração. Tornando-se novamente selvagem, ela povoa os terrenos baldios cheios de entulho, e outros locais da periferia das cidades. A Calêndula selvagem é quase dez vezes menor do que aquela plantada nos jardins.

É fácil e rápido fazer germinar a semente da Calêndula (na realidade não se trata de semente, mas de um fruto seco ou aquênio, encontrado em todas as compostas). É uma planta com numerosas folhas, que manifesta uma vitalidade singular, tendendo a se proliferar. Seus caules ramificados carregam belos capítulos, cuja ordenação geométrica agrada ao olhar. São de uma acentuada tonalidade amarelo-laranja. Um capítulo de Calêndula dura poucos dias, mas é substituído por outros. Aceleração e proliferação mesmo no domínio floral. O que mais se admira nessa planta é a transição rápida das forças aquosas de intumescimento para as forças de luz e de calor solar. Procuraremos em vão, no capítulo, pappus ou pelos plumosos dirigidos para o vôo. Os frutos se formam apenas em suas flores liguladas, e não em suas flores tubuladas, que permanecem estéreis. Sua estação preferida é o pleno verão. Todo o ciclo vital da planta termina em um ano.

Ao apertarmos as folhas da Calêndula, permanece na mão um odor ora agradável, ora suspeito, evocando a putrefação e os sepulcros. Este odor emana igualmente das flores e provém de uma substância resinosa. Poderíamos acreditar que essa planta luxuriante se protege da decomposição embalsamando-se viva. Luxúria, aliás, retida e ordenada a partir da região floral.

A análise química aponta: óleos etéricos, muitos corantes da família dos carotenos (caroteno, licopeno e xantofila), substâncias amargas na erva e na flor, saponina, fitosterina, um pouco de ácido

salicílico e mucilagens. Estes princípios ativos são sintomas de processos formativos da planta, processos estes que acabamos de abordar. As essências ou óleos etéricos evocam a esfera cósmica e calórica do Eu, o caroteno faz pensar nos processos silicosos e luminosos, as substâncias amargas na força com que o etérico atrai a esfera astral, as resinas falam da ação destes processos no físico, e as mucilagens impedem a planta de sucumbir em um endurecimento, em uma mineralização.

O principal domínio terapêutico da Calêndula é o tratamento das feridas, principalmente daquelas mal curadas, que se inflamam, que estão supurando. Quando um músculo é ferido, os constituintes superiores (Eu e corpo astral) perdem momentaneamente a possibilidade de chegar a ser um instrumento natural. Eles estão deslocados e procuram muito intensamente retornar. Isso se exprime através da dor e da inflamação, mas o tecido dissociado escapa à atividade do corpo etérico, ameaça se putrefazer, torna-se um corpo estranho onde o processo da supuração procura eliminá-lo. As forças etéricas liberadas apelam aos tecidos circundantes, a regeneração das substâncias, a um novo crescimento, mas essa reconstrução não deve ser feita sem lei, sem planejamento. As forças formativas etéricas devem recobrir os constituintes superiores, conferindo um modelo e uma direção para que eles possam se reintegrar harmoniosamente no todo do organismo. A Calêndula nos mostra, no reino vegetal, um reflexo de toda esta situação, e é isso que nos faz compreender a sua ação benéfica, quer através da lavagem das feridas, quer através da unção das mesmas pela pomada feita com essa planta. A Calêndula é também empregada no abcesso gástrico, na inflamação das veias, e no inchaço inflamatório das glândulas.

## Hera terrestre

***Glechoma hederacea* L.**  
***Labiatae (Lamiaceae)***



Planta herbácea perene, com rizoma rastejante e radicante apresentando alguns estolhos caulinares cobertos de folhas opostas, cordiformes a reniformes. Na axila destas folhas surgem verticilos ímpares, formados por algumas flores azuladas. Os frutos são tetraquênios. A heraterrestre é uma adventícia das superfícies relvadas, crescendo sobre os muros, nos silvados, nos escombros. É conhecida pelas suas qualidades medicinais desde o século XII aproximadamente e usada como peitoral e febrífuga.

Colhe-se todo o caule em flor: são cortados os rebentos novos e indenes, limpos, sem parasitas, e são postos a secar em camada fina, à sombra, a uma temperatura ideal de 35°C.

As partes ativas contêm sobretudo princípios amargos (gleconina) e óleos essenciais, assim como taninos, saponina e sais de potássio. É uma planta um pouco esquecida nos nossos dias, utilizada por vezes pelos ervanários para tratar catarros gastro-intestinais, diarreias, perturbações dos órgãos excretores. É também emoliente e expectorante, peitoral, antiasmática. Estimula o apetite e melhora as trocas metabólicas. Usa-se em infusão a 3% aproximadamente, sendo tomadas duas a três chávenas por dia. O caule fresco tem os mesmos efeitos: é consumido em salada ou sopa, por vezes apenas sob a forma de suco. A heraterrestre serve também para preparar gargarejos e banhos para tratamento das feridas e das doenças da pele.

Nota: Esta planta é comercializada pela empresa "A Natureza" com o nome de "Herva São João". Vide também: [Glechoma hederacea](#) sob ponto de vista antroposófico e [Hypericum perforatum](#) - Erva de São João.

# Labiatas - Labiatae (Lamiaceae)

Plantas do Calor

(Sob ponto de vista antroposófico)



As Labiatas, com suas 3.000 espécies, constituem uma autêntica família de plantas medicinais. Via de regra, uma família botânica possui um certo número de espécies medicinais; aqui, entre as Labiatas, acontece um fenômeno raro e singular: todas as espécies de Labiatas possuem tais virtudes. Uma planta medicinal nos chama a atenção por ser uma variante unilateral do tipo de sua família (NT: por exemplo, o [Girassol](#) e a [Margarida](#) são exemplos típicos da família das [Compostas](#); a [Carqueja](#), uma planta medicinal da mesma família, apresenta características bem diferentes). No caso das Labiatas, devemos considerar que essa família inteira é medicinal, devemos considerar a família das Labiatas como uma variante particular e unilateral do tipo "Dicotiledôneas".

Essa particularidade é devido à influência extraordinária que exercem as forças cósmicas do calor na formação desta família de plantas. Isso determina a mais íntima realidade dessas plantas. O calor plasma e estrutura as Labiatas em um grau absolutamente único. Muitas outras famílias botânicas participam das ações calóricas; certamente todas as plantas o fazem, mas nenhuma família botânica faz isso em tal modo e com tanta diversidade quanto as Labiatas. Como em todas as plantas, o centro dos impulsos do calor está situado fora do vegetal, no Cosmos, no Sol. O Homem dotado de um EU é portador deste centro de impulso dentro de si. O ser humano, como uma individualidade, como um Eu, é dotado de calor próprio, de um calor interiorizado. Pelo fato das Labiatas manterem essa ligação pronunciada com o calor, existe uma relação muito peculiar dessas plantas com o ser humano.

Esta relação com o calor se exprime na formação de substâncias especiais igneo-aromáticas denominadas óleos etéricos, essências ou óleos essenciais. Tais substâncias

tendem a se tornar calor. O calor transformou, tanto quanto foi possível, em sua imagem. As essências são substâncias muito voláteis que passam rapidamente do estado líquido para o estado gasoso, pegando fogo com facilidade e incendiando-se com uma chama brilhante. Seus vapores são incolores e transparentes, ou seja, eles deixam a luz lhes atravessar, mas privam-na do calor radiante que normalmente acompanha a luz. A luz, ao atravessar tais vapores, continua clara, porém fria. Os físicos denominam essa propriedade de diatermia.

As essências não tem afinidade pelo aquoso nem pelo terrestre. Elas não se dissolvem na água e nem dissolvem os sais



minerais. Elas dissolvem certas substâncias que devem sua existência, tal como elas, às atuações do calor, tais como as ceras, resinas e os compostos gordurosos. As essências são muito ricas em Hidrogênio; a essência do [Alecrim](#), por exemplo, é a substância vegetal mais hidrogenada que se conhece, e o hidrogênio é um elemento químico que, apesar de existir no domínio terrestre, é a substância mais aparentada com o calor.

A atividade cósmica do calor atua diferentemente aqui na Terra, e existem em nosso planeta muitas regiões onde esse calor atua de maneira diferente em cada uma delas. As Labiatas se desenvolvem a partir do tipo primordial e vão se diversificando de região em região, em função do calor atuante nessas regiões. A diversificação das Labiatas ocorre paralelamente à diversificação da atividade cósmica do calor.

As Labiatas têm uma especial predileção pelo Mediterrâneo; elas evitam em geral a floresta tropical e os trópicos, mas evitam igualmente as regiões frias. Elas gostam de habitats livres, abertos, declives secos e pedregosos, maquis (matas da Corsega e ilhas mediterrâneas), e cumes de montanhas ensolaradas. Nesses locais medram as espécies mais características e mais nobres. Variantes menos "nobres" do tipo são encontradas na umidade dos prados, à beira dos regatos, e na sombra das florestas. Estas espécies possuem odores mais acres, menos delicados, que lembram o cheiro do suor. Notamos através de seus perfumes que a atividade do calor não lhes domina inteiramente, como é o caso das espécies ditas mais "nobres", mas tais espécies devem lutar contra as forças adversas de umidade e sombra. Nas regiões tropicais, a atividade cósmica e mais particularmente os processos de calor, atuam intensamente no âmbito terrestre. A região tropical também não é o habitat das Labiatas. Nas regiões frias, o elemento Cósmico não se apodera muito do terrestre; tais regiões não são o habitat das Labiatas. Seu tipo se afirma com uma perfeição suprema nas alturas montanhosas da região mediterrânea com breves estações de chuva na Primavera e longos verões secos e claros, onde há uma predominância prolongada das Forças cósmicas de luz e calor. Nesta região crescem espécies mais nobres e magnificamente perfumadas como [Alfazema](#), [Alecrim](#), [Tomilho](#), [Sálvia](#), etc...

As Labiatas preferem pois, em relação ao calor, zonas de clima médio, o "meio rítmico" do Corpo Terrestre, e elas produzem seus óleos etéricos a partir deste calor em sua própria esfera rítmica, que é o sistema foliar. Os óleos essenciais das Labiatas são formados principalmente nas folhas.

Seu ciclo tem relação com as estações do ano; floresce, geralmente no verão, (a colheita dessas plantas se faz no período mais quente do dia, pois nessas horas elas apresentam maior quantidade de óleos essenciais).

A fisiologia da raiz, entre as Labiatas, se dirige ao elemento propriamente mineral do solo. Elas não gostam dos terrenos metade mineral e metade orgânico dos alagados marítimos ([mangues](#)). Elas não medram em tecidos vivos como fazem os parasitas. Todavia suas raízes não absorvem - ou muito raramente - a natureza mineral terrestre ao ponto de poder originar troncos lenhosos que são como que uma "invaginação da terra". Para elas basta ter vitalizado o mineral para que rapidamente se dirijam ao pólo oposto, que é o da formação da flor, formação de essências, etc.

Um acúmulo de água, tal como ocorre nas plantas suculentas, é algo totalmente estranho às Labiatas. As duas primeiras folhas que surgem a partir da semente são denominados cotilédones. Nas Labiatas, o par de folhas que seguem os cotilédones são igualmente simples. Tais folhas não são nem divididas, nem retalhadas, mas opostas 2 a 2.

Entre as Labiatas não há tendência a grandes variações. Em relação às plantas normais, p. ex. uma [Ranunculácea](#) (família do [Aconito](#) e [Pulsatilla](#)), o par de cotilédones simples é seguido de uma espiral ascendente de folhas alternas, ricamente recortadas em formas interessantes e que somente irão se simplificar e se reduzir à medida em que ascenderem ao cume da planta, região essa onde as folhas se transformam em sépalas do cálice, alinhadas em um círculo: tal fato representa um retorno ao início e simultaneamente um novo começo, o da flor. Toda essa gama evolutiva se restringe, nas Labiatas, a formas mais rudimentares; isso exprime um desejo ardente de chegar o mais rápido possível ao processo floral. As folhas que partem do caule já são odoríferas, ou seja, já são impregnadas pelo calor floral. Uma planta normal se detém, ou seja, se retarda na fase de folha verde antes de passar para a fase de flor, pois na fase de folha verde ou vegetativa, a planta deve incorporar o elemento aéreo-luminoso ao elemento aquoso-terrestre. Nesta fase vegetativa, de folhas verdes, antes da floração, a planta relaciona essas duas tendências polares, relacionando o aéreo-luminoso com o aquoso-terrestre. Esse relacionamento é denominado processo mercurial.

As plantas da família das Labiatas não se detêm na fase vegetativa-foliar. Elas tendem a produzir flor o mais rápido possível. Dessa maneira, o Processo mercurial das Labiatas está relacionado, misturado com os processos Sulfúrico e Fosfórico, característicos da fase floral. Dessa maneira não é estranho que a forma do cálice já deixa previamente transparecer a futura forma da flor. Ao retirarmos uma flor de [Sálvia](#) de seu cálice, iremos notar que o cálice reproduz em buraco a forma da flor. As flores das Labiatas são tão abundantes, tem formas tão marcantes, caracteres específicos tão variados e curiosos que somos tentados a procurar nelas a chave, o segredo dessa família. O eixo da flor é perpendicular ao caule. Dessa maneira a Labiata dá um passo em direção da animalidade, pois a horizontal é o princípio formador e locomotor dos animais. O lábio superior da flor se curva e o inferior se separa e avança. Formam-se portanto canais abertos ou negativos em buracos análogos a contra-imagem dos insetos que habitualmente visitam a flor. Quando enchemos essas flores de cera, o molde que resulta é semelhante a uma cabeça de abelha com sua trompa proeminente. O estame e o pistilo se tornam órgãos que se deslocam com o menor contacto. O inseto, visitante alado, é recebido, acolhido, abrigado e envolto por ela. O movimento do inseto é respondido por um contra-movimento por parte da flor, como um eco. O Néctar derivado da seiva da planta flui mais abundantemente quanto mais a flor for visitada pelos insetos. A abelha, animal relacionado com o calor, encontra na [Sálvia](#),



no **Tomilho**, uma relação com esse seu ambiente de calor. Esse animal procura o suco dessas flores, rico em açúcar e aromatizado pelo calor, para transformá-lo em mel no interior de seu corpo, no domínio vital mais elevado, penetrado do calor que lhe é próprio.

Esse é o motivo das Labiatas serem uma das maiores famílias de plantas melíferas. Seus processos muito se aproximam aos processos da abelha. O nome **Melissa** exprime essa relação. Neste caso, a planta e o animal se completam e se ajudam mutuamente. O domínio Astral, que satisfaz e completa as Labiatas pelo toque animal, se revela nesta família ligada aos efeitos do calor.

Os frutos que nascem de suas flores são pequenos aquênios secos, cuja semente contém muito óleo ou gordura. Tais substâncias também estão como que saturadas do calor. Não se formam frutos carnosos ou fibrosos, ou seja, com água; apenas aquênios secos.

Os óleos etéricos por um lado e os óleos fixos ou gorduras por outro lado estão, segundo sua origem, relacionados com o calor, mas apesar disso são opostos.

No óleo etérico, a substância se dissolve em calor (processo centrífugo). No óleo fixo ou gordura, a substância absorve o calor (processo centrífugo). Em relação às essências, a matéria morre no calor, termina em calor. Em relação às gorduras, nelas o calor está aprisionado. A volatilização está intimamente ligada com os óleos essenciais ou essências. Uma formação capaz de envolver algo, separando-o do meio restante com processos de contração, está intimamente ligada com os óleos fixos ou gorduras.

Lancemos um olhar à folha. A restrita gama de variações está de acordo com essa família; o limbo das folhas pode estar largamente estendido como no caso da **Melissa** ou encolhido em forma de agulha no caso do Alecrim ou do Tomilho. Isso reflete fielmente a influência mais ou menos forte do calor cósmico. Tal influência também se revela no sabor das folhas, doce e aromática na **Melissa**, ígnea e apimentada na **Satureia** e no **Tomilho**, e finalmente corrosiva e queimante nas pequenas folhas do **Teucrium marum** verum.

## **Domínio de Atuação Terapêutica das Labiatas**

Nessa família, o impulso floral, muito forte, desce até o sistema foliar de tal sorte que podemos visualizar as ações estimulantes e aquecedoras capazes de estimular o sistema metabólico e ainda o sistema rítmico. O domínio de ação das Labiatas se situa entre a digestão e a respiração. Os processos de calor e a gênese intensa de açúcar (Néctar) estabelecem sua ligação com o Eu que age nos processos de calor do organismo humano e que se apóia no açúcar presente no sangue. A atividade do Eu compreendida entre o fim do metabolismo e a gênese do sangue e também a atividade do Eu nos processos respiratórios é Sensível à força terapêutica das Labiatas. A ação dessa família de plantas não se estende de maneira notável ao Sistema Neuro-Sensorial, pois as Labiatas não se unem fortemente ao solo mineral-terrestre por meio de suas raízes.

Em nenhuma Labiata encontramos uma pressão anormal exercida pelo Astral forçando e violando o domínio das forças configurativas ou etéricas, como é o caso da gênese dos alcalóides tóxicos produzidos pelas plantas venenosas. Dessa maneira não iremos encontrar entre as Labiatas ações diretas sobre o Astral humano, tais como os efeitos narcóticos, enervantes e estupefacientes.

A principal esfera de ação das Labiatas é na atividade da organização do Eu no domínio das trocas metabólicas. A atuação das Labiatas também vai em direção do Sistema Rítmico. Dependendo da espécie da Labiata, tal ou tal região orgânica será mais fortemente atingida: o sangue, por exemplo, ou ainda a região gastro-intestinal, o coração, o pulmão, ou o útero. De um modo geral, as Labiatas ajudam a apaziguar a organização astral muito ativa submetendo-a ao controle do Eu. Servem as Labiatas para combater as mais diversas "fraquezas" do EU, até a completa derrota da organização do Eu que representa o diabetes melitus.

Numerosas Labiatas são condimentos e, sob essa forma, estimulam o Eu a participar mais conscientemente do processo digestivo através do sabor que tais Labiatas conferem aos alimentos. Todos os perfumes dessa família - única nesse sentido - têm uma nota ígnea, estimulante, fortificando a consciência, despertando e consolidando o Eu. Nenhum desses perfumes tem uma nota melancólica, estática, enervante ou afrodisiaca.

## **Algumas Observações Sobre a Gênese das Sementes**

Na gênese da semente, uma parte da planta fica totalmente isolada do resto da mesma e submetida a processos de crescimento atenuados cuja vitalidade se torna diminuída e finalmente se destaca do conjunto. Haveria possibilidade dessa parte cair no caos, caso ela não fosse penetrada, após a polinização, por novas forças estruturantes. Tais forças são oriundas da periferia do cosmos. Isso é um resultado da investigação espiritual. Com tais forças, a planta se une, a partir de seus constituintes superiores, ou seja, através dos constituintes superiores da planta ela se une com as forças da periferia cósmica.

A substância que "filtra" a multidão dos impulsos cósmicos e seleciona aqueles impulsos que correspondem à espécie vegetal em questão é a proteína, com suas estruturas peculiares. Após a polinização, a proteína da semente (óvulo) começa a se tornar caótica; devido a isso, ela se subtrai do domínio das forças terrestres, esquivando-se por tanto das forças radiais, que irradiam a partir de um centro físico e que se exprimem em sua maneira mais pura no reino mineral morto. A proteína entra no domínio das forças universais que fluem a partir da periferia. O caos é então dominado pelo cosmos e pode vir a se tornar um microcosmos, um ser vivo que se desenvolve. O processo de formação dos óleos, que está ligado à gênese da semente, contribui para isolar a semente das forças terrestres. Tal processo termina (e os óleos são reabsorvidos quando ocorre a germinação) à medida que a nova planta procura, e encontra, uma nova aliança com as forças terrestres.

## Índice das descrições

<a href="#">Ballota nigra</a>	- Marroio-negro
<a href="#">Coleus barbatus</a>	- Falso boldo
<a href="#">Galeopsis dubia</a>	- Galeopsis
<a href="#">Glechoma hederacea</a>	- Hera terrestre
<a href="#">Hedeoma pulegioides</a>	- Hedeoma
<a href="#">Hyssopus officinalis</a>	- Hissopo
<a href="#">Lamium album</a>	- Urtiga branca
<a href="#">Lavandula officinalis</a>	- Alfazema
<a href="#">Leonurus cardiaca</a>	- Leonurus
<a href="#">Lycopus virginicus</a>	- Lycopus
<a href="#">Marrubium vulgare</a>	- Marroio branco
<a href="#">Melissa officinalis</a>	- Melissa
<a href="#">Mentha piperita</a>	- Hortelã pimenta
<a href="#">Mentha pulegium</a>	- Poejo
<a href="#">Ocimum basilicum</a>	- Alfavaca
<a href="#">Origanum majorana</a>	- Manjerona
<a href="#">Origanum vulgare</a>	- Orégano
<a href="#">Orthosiphon stamineus</a>	- Ortosifão
<a href="#">Rosmarinus officinalis</a>	- Alecrim
<a href="#">Salvia officinalis</a>	- Sálvia
<a href="#">Satureja hortensis</a>	- Saturéia
<a href="#">Teucrium marum</a>	- Teucrium
<a href="#">Teucrium scorodonia</a>	- Teucrium
<a href="#">Teucrium scordium</a>	- Teucrium
<a href="#">Thymus serpyllum</a>	- Tomilho doce
<a href="#">Thymus vulgaris</a>	- Tomilho

# Girassol

***Helianthus annus L.***

***Asteraceae (Compositae)***

**Sob ponto de vista antropológico**



Essa planta, originária do México, nasce a partir de sua semente, atinge em pouco tempo o dobro da altura de um homem e floresce. Ela cresce nos jardins, nas vinhas, nos terrenos que são nivelados (onde ela permanece pequenina). Cresce bem na Europa central e na Rússia meridional, mas ela literalmente devora o humus do solo. Além disso, ela precisa de muito sol e umidade.

Todo o crescimento do forte caule ereto, acompanhado de folhas longamente pecioladas em forma de coração, rudes ao contacto, se orienta em direção ao enorme capítulo mantido por um involúcro de brácteas. As floretas tubulares estão dispostas segundo um plano de espirais entrecruzadas sobre o grande receptáculo. Coisa curiosa, em sua ascensão, as folhas não se tornam cada vez menores, finas e delicadamente cinzeladas como nas outras espécies, mas, ao contrário, quanto mais elas sobem, mais se tornam grandes e maciças. Finalmente, o capítulo é ainda mais maciço e mais pesado que elas; ele se volta com paixão em direção ao sol, mas caindo em direção ao solo.

A flor do girassol revela pertencer à luz e ao calor através de sua forma irradiada, sua cor luminosa, pela grande produção de óleo que caracteriza sua semente, mas ela é, apesar disso, um "recorde" de peso e densidade terrestre! Um forte combate é travado entre o alto e o baixo. É por isso que, se a periferia do capítulo é de um amarelo solar, seu centro aparece de um marrom escuro, estranhamente terrestre. Não poderíamos pedir a tal planta que produzisse sementes aladas!

O caule alto e vigoroso não é solidificado no interior, e menos ainda latescente; sua medula branca e seca, é formada por células cheias de ar. O receptáculo do capítulo traz para o domínio floral uma tendência que só pertence aos troncos de árvore: ele solta uma resina odorífica que lembra a terpina. Essa resina substitui o néctar e é bom para as abelhas.

Encontramos nas flores do girassol diversos corantes, glicosídeos, flavonóides (quercimeritina e quercitina), glicosídeos antociânicos, uma xantofila que é idêntica à luteína, corante amarelo do ovo, da colina, da betaina, e uma substância com fluorescência violeta. Além disso, ela contém taninos. As sementes (aquênios) possuem em seu óleo, ácido oléico e uma grande abundância de ácidos graxos não saturados, especialmente o ácido linoléico. Elas são, além disso, muito ricas em proteínas. A essência que se extrai das flores é empregada como vulnerária, como a arnica e a calêndula. O dinamismo luminoso que se exprime nessa gênese de corantes variados, encontra assim a ocasião de atuar terapêuticamente.



É também interessante saber que, na Medicina popular russa, o girassol é utilizado contra a malária. Eis como Rudolf Steiner interpreta essa doença: ela resulta como predisposição de uma propensão (kármica) a desenvolver o eu muito fortemente e muito egoisticamente, o que provoca no sangue (instrumento do eu) uma modificação (uma diluição) de maneira que o eu não encontra mais um ponto de impacto suficiente. A doença pode constituir, então, um corretivo para a força muito egoísta do eu. A flor do girassol pode representar um processo oposto a esse desenvolvimento egoísta do eu e à constituição que resulta disso. Nessa constituição, o eu, no lugar de se voltar às forças do erguer-se e da dinâmica calórica, sucumbe exageradamente às forças terrestres e se desliga do cosmos espiritual. Lembramos que a flor do girassol ascende com força na direção cósmica, mas leva junto com ela o material físico, o peso terrestre, até na esfera da luz e do calor.

---



# Carqueja

***Baccharis trimera* (Less.) DC.**

**Syn.: *Baccharis genisteioides* var. *trimera* (Less.) Baker.**

***Compositae* (*Asteraceae*)**



No gênero *Baccharis*, existe no Brasil um grupo chamado *trimera*, representado por várias espécies que têm como elemento comum os ramos tri-alados. Este "grupo *trimera*" é formado por plantas nativas numa região compreendida pelo Uruguai, norte da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil meridional. Nesse grupo, *Baccharis trimera* é bastante comum nos campos da Região Sul do Brasil. As espécies *Baccharis cylindrica* e *Baccharis myriocephala* são particularmente assemelhadas à *Baccharis trimera*, a ponto de que certos autores consideram *Baccharis cylindrica* como uma "forma" de *Baccharis trimera*. Todas elas recebem os nomes populares de Carqueja, Carqueja amarga e Vassourinha.

*Baccharis trimera* é uma planta herbácea, perene, reproduzida por semente. Ocorre multiplicação vegetativa a partir de curtos rizomas e com isso formam-se as touceiras que vão aumentando de tamanho todos os anos. Seu caule é muito singular, constituindo-se de uma haste cilíndrica fibrosa ao longo da qual ocorrem 3 alas com largura mais ou menos uniforme, em 3 planos equidistantes, em toda a extensão. Aceita solos pobres e ácidos e por isso infesta os campos nativos, com solos de textura média e drenados, contudo aprecia solos férteis e úmidos, nos quais se desenvolve de forma mais exuberante. Aceita plena insolação como luz difusa e resiste bem a geadas. A origem do nome vem do grego "bakkharis", antigo nome para algumas plantas arbustivas e "trimeres", trimero, por causa dos ramos tri-alados.

Plantas de carqueja são muito usadas na farmacopéia popular, atribuindo-se a elas várias propriedades, especialmente a de estimular o sistema digestivo. O "chá-de-carqueja" se prepara também a partir dos ramos desidratados, inteiros ou esmigalhados, que se encontram facilmente no comércio. Na Região Sul é comum acrescentar um pouco de carqueja na erva-mate, para o chimarrão. Da parte aérea da planta foram isolados flavonóides e lactonas diterpênicas. Essas

lactonas apresentam ação biológica contra cercárias de *Schistosoma mansoni*, que efetuam a transmissão da esquistosomose, penetrando no homem através da pele. Também mostram ação letal ao molusco *Biomphalaria glabrata*, que é hospedeiro intermediário do *S. mansoni*. Ainda essas lactonas inibem o crescimento do *Tripanosoma cruzi*, protozoário causador da Doença de Chagas. A concentração das lactonas na planta, todavia, é muito pequena para fins práticos.

Uma outra planta de carqueja, que ocorre nas mesmas regiões, é *Baccharis articulata* (Lam.) Pers., a qual se caracteriza por caules intensamente ramificados e bialados. Essa planta apresenta as mesmas propriedades da carqueja tri-alada e é até preferida para ser acrescentada na erva do chimarrão.

## Considerações Antroposóficas.

A Carqueja é uma típica planta do estanho. O vegetal é essencialmente folha. Muito mais do que a raiz ou a flor, a folha é que realiza os processos típicos do reino vegetal; é nela que ocorre a síntese clorofiliana e a transformação da seiva bruta em seiva elaborada. A carqueja, ao nascer possui uma série de folhas que vão regredindo à medida que a planta cresce, até desaparecerem totalmente. A planta interiorizou a folha, ou seja, uma estrutura capaz de expressar os processos do quimismo é interiorizada. O fígado tem relação com o elemento foliar. A carqueja, ao interiorizar a folha em si, transformou a estrutura foliar em processo de quimismo.

A carqueja apresenta uma estruturação radial, porém quando a planta atinge seu máximo crescimento, ela se dispõe espacialmente na forma de um semi-círculo. Uma configuração radial está ligada aos processos metabólicos de fluidez. Uma formação arredondada está ligada a processos neuro-sensoriais de estruturação. A carqueja domina a fluidez aquosa, a corrente líquida que está começando a ficar estagnada.

Na natureza essa planta vive em locais muito secos e compactados. Entre o solo de mais ou menos 5 a 15 cm e a parte compactada existe acúmulo de água que fica represada quando chove. No resto do tempo esse solo é extremamente seco e árido. As raízes da carqueja não penetram profundamente no solo compactado, mas crescem acompanhando a superfície do solo onde ocorre acúmulo de água estagnada durante a chuva e seca no resto do tempo.

Esses fatos também nos mostram um domínio em relação aos processos de secura, de represamento e estase hídrico, daí sua ação diurética e sua atividade na fluidez dos líquidos no domínio do fígado. Além da carqueja possuir princípios ativos que agem nesse órgão, ela possui uma enorme quantidade de molibdênio. Esse elemento é utilizado para tornar os líquidos mais escorregadios, e essa característica lubrificante tem relação com uma atividade que permite com que haja fluidez.

A carqueja é utilizada para que o fígado consiga dominar a fluidez e as correntes líquidas, estruturando esse órgão que não estava conseguindo dominar e dirigir aquela água represada, estagnada.





# Alecrim

***Rosmarinus officinalis***

***Labiatae (Lamiaceae)***

**Sob ponto de vista antroposófico**



Tem o aspecto de um pequeno pinheiro; suas folhas verde-sombra são estreitas e em forma de agulha, sua forma é baixa e reforçada, cheia de vigor. Atinge quase a altura de um homem. No começo da primavera ele se cobre de um véu de flores delicadas, agrupadas em falsa espiga na ponta dos brotos. Durante o verão mediterrâneo, esse verão longo e seco, a planta se acha consolidada e quase rígida. O perfume que exala é ígneo, mas severo, fortificante da consciência e reconfortante.

Poder-se-ia dizer que este perfume é queimante e salino, mas ao mesmo tempo, algo que lembra a solenidade dos incensos. O Alecrim habita as costas montanhosas da Espanha, da Itália, da França mediterrânea, da Jugoslávia, da Grécia, da Ásia Menor e ilhas mediterrâneas. Sua paisagem preferida é a mata do mediterrâneo - um emaranhado espinhoso quase impenetrável, principalmente quando está próximo do mar. O Alecrim é cortado a cada três anos para a obtenção da essência (óleo etérico) que é destilada. Sua qualidade difere segundo as estações e segundo o ano. O clima e o solo determinam a qualidade de sua essência; quer dizer: o Cosmos de calor e a terra se unem no Alecrim. Sua flor produz um mel excelente.

Durante a antiguidade, o Alecrim era muito mais utilizado no serviço religioso do que na terapia, como ornamento ritual das divindades

e dos seres humanos. A Idade Média descobriu suas virtudes curativas. Ao mesmo tempo, numerosos usos populares o colocaram em destaque: batismos, casamentos, enterros. Atravessou os Alpes e se tornou uma planta de ornamento nos parques e jardins. É interessante observarmos que na mesma época, a do desenvolvimento da alma da consciência, as diversas Labiatae começaram a ser olhadas com maior importância, tanto para decorar as casas, como para temperar os alimentos.

As diversas ações curativas do Alecrim foram resumidas por uma indicação característica de Rudolf Steiner: o Alecrim fortifica o Eu em sua ação sobre os outros constituintes do Homem. Isso nos faz compreender o seu efeito benéfico na ameaça de síncope ou ainda nos estados de esgotamento consecutivos a um cansaço (estafa) intelectual, pois isso esclarece sua ação sobre a organização sanguínea que é o substrato físico que permite a intervenção do Eu. O Alecrim ativa os processos sanguíneos. A anemia, as menstruações insuficientes e as perturbações da irrigação sanguínea são favoravelmente influenciadas. Paralelamente, o organismo calórico é reequilibrado. Nos órgãos melhor irrigados pelo sangue e melhor aquecidos, a organização do Eu e o Astral podem agir melhor. Essa planta é digestiva, sudorífica: ela inflama o metabolismo. Se houver câibras da musculatura, elas se resolvem com o uso da essência dessa planta. Mesmo na epilepsia, o Alecrim presta serviços. Um sistema nervoso fortemente desgastado pelo trabalho intelectual se torna melhor graças ao impulso dos processos construtivos do Alecrim. Mas o Alecrim é sobretudo um remédio para combater o Diabetes mellitus. Steiner foi o primeiro a indicar esta possibilidade em seu ciclo de conferências "Geisteswissenschaft und Medizin": No Diabetes, a organização do Eu é muito fraca para orientar corretamente a gênese do açúcar. (No metabolismo do açúcar, é sobretudo a organização do Eu que age; o desejo que nós temos, ao ingerir o açúcar, exprime esse fato). Um Eu muito débil se retira à periferia, desenvolve, graças ao cérebro, uma forte intelectualidade e abandona à organização astral todo um domínio de atividades situadas entre a digestão, a formação do sangue e a respiração. A maneira como o Eu trabalha nesse domínio tem a sua contra partida no Mundo das Plantas, onde as forças extra-terrestres incitam a terra a engendrar nas plantas óleos etéricos. O emprego dessas essências misturadas aos banhos é um meio de tratarmos as fraquezas do Eu.

Graças ao desenvolvimento dos "órgãos de percepção do espiritual" adequados, podem ser vistas a astralidade e a espiritualidade (Eu) que envolve a entidade física das plantas. Os vegetais, como sabemos, formam uma organização física e etérica. As demais organizações, tais como Astral e Eu, atuam na planta a partir de fora. Em uma conferência datada 3 de maio de 1918, R. Steiner descreve esta astralidade vegetal que inunda e contorna dinamicamente a flor em turbilhões. Esta astralidade tende a se unir com "aquilo que há de mais puro": a essência do raio solar. O raio solar é penetrado por uma força que nós temos também em nossa organização astral. A luz física é o corpo exterior da luz Astral que é emanada do Sol. É isso que cintila em torno do corpo da planta, intimamente unido ao astral vindo do Sol. O fato de vocês possuírem desejo e vontade é devido ao fato de vocês possuírem uma organização astral. Aquilo que contorna a ponta de uma planta é igualmente desejo, vontade e sentimento. O que quer esse astral? Ele quer absorver a essência do raio solar e com essa essência, aquilo que há de mais puro, o Eu. É o prolongamento do raio solar que se dirige, com a planta, ao centro da Terra. Nessa atividade é expressa a atividade do Eu da planta. É dessa maneira que atuam de maneira conjunta o Espírito da planta e o Sol.

A análise química revela que o Alecrim possui muitos óleos etéricos, substâncias amargas, taninos, etc. Tais substâncias são as partes que nós destacamos da planta. Onde está a união espiritual de todas essas partes que foram separadas da planta? Na própria planta, no próprio Alecrim. É tão difícil achar a "realidade Alecrim" na análise, na divisão quanto procurarmos pela palavra Alecrim nas letras I; R; A; L; C; M; E.

A realidade Alecrim poderá ser por nós reconhecida, desde que possamos compreender que a formação das essências, taninos e substâncias amargas é o resultado de diferentes atividades que essa planta realiza. Vejamos as relações que Steiner dá aos princípios ativos:

1- O Eu cósmico da planta age na formação dos óleos etéricos.

2- A Astralidade cósmica da planta age na formação dos taninos, que são essas substâncias mediadoras, capazes de tornar possível o relacionamento entre o impulso astral e a organização etérica vegetal.

Uma intervenção muito intensa da astralidade no físico, com violação no domínio das forças formativas etéricas, gera os alcalóides, os venenos vegetais.

3- O deslocamento das forças de atração sobre o astral, a nível do etérico, se exprime na produção de substâncias amargas.

Os óleos etéricos, em particular o do Alecrim, possuem, devido a isso, uma ação terapêutica que consiste em estimular o Eu. Os taninos tornam o corpo Astral mais inclinado a se ligar ao Corpo Etérico. As substâncias amargas estimulam o corpo etérico a tomar em si o astral.





# **Alfazema**

***Lavandula officinalis***  
***Labiatae (Lamiaceae)***  
**Sob ponto de vista antroposófico**



Se um pequeno bosque de alecrim nos transmite o sentimento de um forte e severo calor, tal qual aquele que nos transmite o fogo, emana de uma moita de alfazema uma paz doce e nobre.

O sistema foliar está quase que reduzido a agulhas, mas essas são moles. O porte da planta é semelhante a um candelabro de sete velas. Os ramos, cuja tendência a formar espirais se mostra na forma quase que de uma roseta, trazem consigo delicadas espigas de flores. Nada de foliar resta nessa região. A inflorescência de um belo "azul alfazema" e um órgão de suma importância, pois neste órgão está o perfume da planta. A alfazema difere do Alecrim, como já tivemos ocasião de observar, pelo fato deste último possuir em suas folhas um princípio flor, pois o perfume é produzido nessas pequenas folhas duras e em forma de agulha, ao passo que o perfume da Alfazema se encontra na região floral. A inflorescência da Alfazema se desenvolve no verão. A planta se entrega fortemente a essa manifestação floral e abandona, abaixo, as partes inferiores à flor, a um verde insignificante. A flor de Alfazema, supremamente enobrecida, pode também produzir um dos perfumes mais autênticos que nós conhecemos. Nesse sentido, algo de limpo e apaziguante nos penetra.

Essa planta gosta de declives secos e quentes da região mediterrânea ocidental; ela procura o calor e também a luz. Ela prospera melhor nos prados de montanha dos Alpes marítimos onde ela recobre os solos quentes. À medida que ela desce ao plano, ou seja, à medida que ela for medrando em altitudes mais baixas, seu aroma vai se tornando menos delicado.

A Alfazema também estimula a organização do Eu, mas a sua tendência é mais de dominar e apaziguar a organização astral. Nesse caso ela "tonifica os nervos", acalma, e faz dormir; ela resolve as câibras, combate as síncope, e é vivificante. Ela dirige de bom modo o sangue que "sobe à cabeça"; ela excita as atividades metabólicas. Nas paralisias, ela auxilia a libertar a organização do Eu que se convulsiona no membro afetado (paralisado). Ela é preciosa sob forma de banhos na ciática na gota, no reumatismo; em todas as doenças que tem suas raízes num metabolismo que não é mais regido pelo Eu, e que, dessa maneira, sucumbe às atividades desconstrutoras e desreguladoras da organização astral.

---

# **Tomilho**

***Thymus vulgaris***  
***Labiatae (Lamiaceae)***  
**Sob ponto de vista antroposófico**



Este vegetal reduzido a um talo lembra um pequeno cipreste; cresce sobre um solo pedregoso, em pleno sol da Espanha, da Itália meridional, da Iugoslávia e da Grécia. Não é muito exigente quanto ao terreno. Quase não tem necessidade de água, mas precisa de muitas forças cósmicas de calor e de luz. Suas pequenas folhas carnudas, quase reduzidas a agulhas, sobem junto ao caule em direção estritamente vertical. A floração que se dá no verão é em cacho rosado. As abelhas procuram muito essas flores minúsculas. A planta tem um sabor picante, queimante; seu odor é muito forte, apimentado, quente, se bem que um pouco sombrio.

O tomilho pode ser de grande ajuda quando o organismo térmico (com o Eu) não penetra no estômago e no pulmão, quando há uma grande sensibilidade aos resfriamentos ou quando uma região orgânica é muito "irrigada de água" e insuficientemente "penetrada de calor". As crianças raquíticas ou atingidas de diástase exudativa apreciam os benefícios de um banho de tomilho. Os catarrhos brônquicos persistentes e mesmo a coqueluche, acham nesta planta um remédio. Além disso ela é útil na gastrite, nas câibras do estômago, nas cólicas, sempre que essas afeções resultarem de uma falta de calor interno. No caso da glândula tireóide estar muito ativa, esse remédio pode ser prejudicial; devemos manejá-lo com prudência.

# Sálvia

*Salvia officinalis*

**Labiatae (Lamiaceae)**

Sob ponto de vista antroposófico



Tal como podemos reconhecer ao lermos as monografias precedentes, o essencial do processo labiata é fazer com que o éter de calor possa intervir profundamente na região do éter de vida. Seus fenômenos voláteis são um efeito do éter de calor, mas o éter de vida se exprime ao mesmo tempo, na forma atarracada destas plantas, que se colocam em torno de um caule bem vertical, cuja secção transversal é quadrangular. Esta polaridade é muito visível na sálvia. O gênero sálvia é o mais importante na família das labiatae: ele compreende 500 espécies. O tipo soube, pois, assumir toda uma flexibilidade. A *Salvia officinalis* é uma boa representante desta característica.

A paisagem onde vive a sálvia é constituída de rochedos calcários, desnudos, sem vegetação, ou seja, uma paisagem típica do litoral mediterrâneo, principalmente da Iugoslávia e das altitudes desertas de regiões da Grécia e da Espanha. No declive de uma montanha desta região podemos visualizar a sálvia como um turíbulo sobre um altar natural; seu perfume é severo, solene, algo como o do Alecrim, mas um pouco mais acre, um pouco mais aparentado com a terra. É uma autêntica planta do verão, com o sistema caulinar lenhoso, vigoroso, com folhas bem vivas, oval-lanceoladas, um pouco espessas e ornadas de rugas e de nervuras. Se destaca da parte vegetativa com muitas folhas, uma inflorescência espetacular que ascende a partir da parte vegetativa, com grandes flores odoríferas, ricas em néctar, particularmente adaptadas ao corpo das abelhas. Tais flores produzem óleos etéricos e essências em abundância. Por outro lado, esta planta assume uma característica estável e de natureza formativa, produzindo taninos, resinas, e oxalato de cálcio. Suas folhas secas contêm 2% de essência, 5-6% de resina e 5% de tanino.

Nós já tivemos a ocasião de mencionar anteriormente a ação dos óleos etéricos ou essenciais, óleos esses gerados a partir do calor, atuando na organização do Eu. As resinas são como essências solidificadas formadas pelo calor, mas mumificadas; elas estimulam a atividade do Eu no sistema neuro-sensorial. Os taninos, surgidos a partir de impulsos astrais, agem no corpo astral. Os taninos se fazem presentes nas galhas que são estruturas meio vegetais, meio

animais. R. Steiner, no curso de medicina de 1923, mencionou a importância do tanino e, em particular, do tanino da sálvia para o tratamento da asma. Na asma, segundo R. Steiner, o "apetite interno do organismo está como que bloqueado..." Todo o organismo é, inicialmente, um tipo de órgão gustativo sutil. Somente mais tarde é que esse sentido gustativo se localiza apenas no palato e na língua... mas nas esferas sub-concientes, todo o homem é um "órgão gustativo" e é isso que provoca o apetite. O asmático não tem nenhuma vontade de dirigir as substâncias alimentares ingeridas em direção ao conjunto da circulação. Ora, é importante saber como auxiliar um organismo que tem falta de apetite e, em consequência disso, a ligação correta entre o organismo astral e o organismo etérico está rompida... - Dessa maneira é sempre bom levar ao organismo, em doses convenientes, o tanino que nós podemos obter, por exemplo, a partir das folhas da sálvia ou ainda da casca do carvalho. Isto é muito particularmente importante para o corpo astral. O corpo astral é, pois, estimulado a estender sua atividade sobre o corpo etérico".

Em relação a este contexto, é interessante mencionarmos uma espécie de sálvia que medra na Ilha de Creta, *Salvia pomifera* que traz sempre em seus ramos galhas do tamanho de cerejas que, quando jovens, são comestíveis e muito açucaradas.

A Sálvia adiciona, portanto, os processos endurecedores do Tanino às propriedades terapêuticas térmicas já mencionadas. Essas duas atividades, respectivamente Tanino e Calor, atuam nos processos formativos configurando e estruturando os tecidos. Tais atividades dominam e aquecem um organismo que tende à liquefação. Um exemplo particular dessa atividade está no fato da Sálvia permitir que a organização do Eu volte a ter o domínio do controle das glândulas. Uma secreção excessiva de leite ou uma transpiração anormal podem ser tratadas pela Sálvia administrada corretamente. A ação anti-inflamatória da Sálvia se completa pela ação vulnerária e regeneradora dos tecidos quando essa planta for utilizada em forma de compressas ou de lavagens; da mesma maneira, ela é útil sob forma de gargarejos, nas anginas e outras dores de garganta. Naturalmente o Eu é estimulado na digestão, no metabolismo e na gênese do sangue.

---



# **Ranunculáceas - Ranunculaceae**

O tipo Ranunculácea

(Sob ponto de vista antroposófico)



As Ranunculáceas, com aproximadamente 1.200 espécies, apresentam grande plasticidade de formas e ricas possibilidades de metamorfose. Através delas, podemos estudar com muita facilidade as leis fundamentais da metamorfose das plantas. As Ranunculáceas possuem algo de fluído e são pouco domésticas em relação às suas leis numéricas. A rigidez pedante lhes é totalmente estranha. A dinâmica do tipo é aquela do encontro interno entre o aquoso e o aéreo-luminoso, fenômeno particularmente revelado na Primavera. A água, que gradualmente vem sendo libertada de seu aprisionamento na geleira, junto com o ar móvel e às vezes tempestuoso, são os elementos que o Tipo Ranunculácea se utiliza em suas manifestações, as mais diversas. A Terra, ao sair das trevas inverniais com sua umidade livre, se relaciona com o Cosmos. O Cosmos procura unir com essa Terra as forças da Lua e do Sol. Tais forças Cóslicas lunares e solares tentam se entrelaçar harmoniosamente no "Tipo Ranunculácea"

Tais plantas são antes de tudo vegetais da Primavera que habitam as regiões temperadas e paisagens claras, úmidas e abertas dos prados, vales, das orlas das florestas e das pastagens alpinas. Algumas Ranunculáceas se atrevem a se instalar no elemento úmido, outras ascendem audaciosamente em direção à luminosidade dos cumes de montanhas; é necessário apenas que a umidade não falte a elas. Tais plantas habitam os riachos, as proximidades das fontes e aqueles locais das altas montanhas que ficam molhados em decorrência da fusão do gelo. Diante do crescente calor que começa a ocorrer assim

que o inverno termina, essas plantas se retiram do bosque, das clareiras, e às vezes procuram a claridade. Algumas se tornam trepadeiras ou cipós, mas nunca se tornam árvores. Muitas delas adornam o solo primaveril dos bosques que ainda não tem nenhuma folha verde, apenas flores; nestes locais, o Sol pode facilmente penetrar durante essa época de início de primavera. Outras Ranunculáceas medram junto às sebes e moitas espinhosas. Elas fogem do clima tropical. Quando em seu habitat a secura se instala, elas se retiram, não apenas do local, mas elas se retiram para dentro delas, para suas sementes ou para seus rizomas subterrâneos. As Ranunculáceas fogem do calor de estufa característico dos trópicos. Elas nunca se tornam plantas halófitas (plantas do sol), elas também não acumulam reservas de água, nem se dessecam à maneira dos Cardos. Não encontramos nesta família representantes parasitas.

Na folha das Ranunculáceas se exprime muito nitidamente o movimento primaveril de forças que melhor correspondem ao Tipo, com todas as possibilidades de variação que lhe são próprias, sendo que a folha é um órgão do ar, da água e da luz. Quando comparamos as folhas das diferentes espécies de Ranunculáceas, ou quando nós acompanhamos a variação das folhas numa mesma planta, p. ex. *Ranunculus acer*, desde a raiz até a flor, podemos ler todos os detalhes desse movimento de forças, desse conflito de forças. O contorno arredondado, suavemente modelado das folhas de baixo nos indica forças formatrizes vivas, normalmente presentes no líquido. As Ranunculáceas que habitam um meio aquoso como a *Caltha* dos

charcos, emitem exclusivamente esse tipo de folha.

Observemos um exemplo de *Ranunculus acris*. As folhas dessa planta vão se tornando cada vez mais radiais e irradiantes à medida que vamos nos aproximando da parte de cima da planta. O ar e a luz exercem uma grande influência na configuração dessas plantas. Na extremidade do vegetal, a folha se reduz a um limbo estreito como se fosse uma pontinha. As Ranunculáceas que escolheram habitats mais aéreos e mais secos, produzem apenas folhas "volatilizadas", p. ex. *Adonis Vernalis*, *Pulsatilla*, etc.

Este jogo de metamorfoses não se restringe apenas ao domínio das folhas, mas também se estende ao âmbito das flores. As brácteas que contornam a flor simulam um falso cálice (Hepática). Frequentemente as sépalas não podem ser distinguidas das pétalas. Nectários de diversas formas se introduzem na enorme multidão de estames e carpelos, e isso é característico dessa família. Tal como um rio caudaloso que encontrando obstáculo na comporta que tenta contê-lo, transborda continuando o seu curso, o enorme impeto da corrente de vida proveniente do pólo inferior das Ranunculáceas, ou seja, proveniente dos elementos aquosos e terrestres, transborda invadindo o domínio "superior" do vegetal, domínio esse onde deveriam reinar apenas as forças de luz e de calor e os princípios de medida e de forma.

As Ranunculáceas produzem muitas flores. Além da quantidade, também a beleza nelas se afirma, quanto à forma e às cores luminosas ou cambiantes, sempre com nuances de reflexo úmido. Mesmo que tais flores sejam amarelo solar, notamos até nessas cores, características de reflexos produzidos pela água. Suas cores não são vivas e saturadas, típicas do verão, mas delicadas tintas de aquarela da primavera. Elas não emitem perfumes, mas produzem um néctar abundante que escorre de seus nectários. É apenas durante a formação e maturação do fruto que o impulso de fluidez se exaure totalmente, dominando a secura das cápsulas.

Toda essa particularidade e todas essas metamorfoses têm uma correspondência na formação das substâncias características das Ranunculáceas. O quimismo líquido da vida recebe a marca dos processos luminosos aéreos e calóricos; aquilo que provém do pólo terrestre e lunar (raiz, broto e folha), se encontra fortificado no pólo floral e solar: resultam dessa maneira, substâncias queimantes, inflamatórias, muito voláteis, que frequentemente desaparecem durante a secagem; se não fosse isso, muitas espécies de Ranunculáceas que crescem nos prados Europeus envenenariam o feno.

O leitor terá reconhecido nessa riqueza de processos florais a influência do elemento Astral. Uma interferência atenuada da esfera astral no elemento etérico e no físico do vegetal conduz à formação de venenos voláteis, tais como a Anemonina e substâncias semelhantes. Quando a interferência é mais forte, ocorre o aparecimento de venenos mais estáveis e mais internos, ou seja, alcalóides ativos tais como a Aconitina, a Calcatripina, a Delsolina, etc., características de cada espécie de Ranunculácea.

Iremos mencionar agora um apanhado geral da família, mostrando como ela produz uma série de espécies que variam segundo as estações do ano. As influências das estações do ano se combinam com as influências modificadoras do ambiente (Geografia etérica). O tipo Ranunculácea se diferencia tanto no tempo quanto no espaço. O desfile dos gêneros começa com a *Eranthis hiemalis* que é, de alguma maneira, o *Crocus* das Ranunculáceas. (*Crocus* é um gênero da família das Iridáceas da qual faz parte o Açafrão. Alguns *Crocus*, no final do inverno, ainda com o campo nevado, surgem diretamente da neve; a flor emerge antes do surgimento das folhas). A *Eranthis* também emerge da neve que ainda está se fundindo, com três folhas digitadas e flor de cor amarelo dourada. Com essa flor, despertam as forças luminosas e aéreas que dormiam durante o inverno.

A *Caltha palustris* medra próxima aos pequenos cursos d'água e junto aos charcos dos prados europeus. Suas folhas, que vicejam na sombra dos locais úmidos, são redondas, modeladas e de cor verde azulado; sua grande flor amarela carregado parece superar o úmido-sombrio, ascendendo em direção ao Sol e, tal como este, resplandecendo num tom amarelo.

À medida que a Primavera avança, a água do degelo vai recuando e o ar passa a predominar. As Ranunculáceas que crescem nessa época possuem folhas que se dividem e o porte se torna mais elevado, os nectários diminuem e um perfume sutil se anuncia quando a planta assume o porte de uma pequena roseira. O *Trollius Europaeus* cresce nessa época da primavera.

Esta planta é acompanhada pelas Anemonas que já crescem num solo seco. Voltadas para o elemento aéreo, ela tem, em alemão, o nome de Windroschen, que significa pequena rosa do vento. Suas folhas são finamente cinzeladas, a haste floral se eleva acima delas, mas elas perseguem e contornam a flor formando um tipo de falso cálice. Os nectários desaparecem. Entre as Anemonas encontramos a *Pulsatilla* (*Anemona pulsatilla*) com flores inclinadas e escuras que nascem assim que termina o inverno. As anêmonas do Mediterrâneo, apesar de suntuosamente coloridas, possuem um traço melancólico, enquanto que a *Anemona nemorosa* é totalmente pura e leve, tal como as Anemonas das montanhas.

Nesse meio tempo surgiram as numerosas espécies de *Ranunculus*, começando pela *Ficaria verna* que coloca suas folhas arredondadas no solo, debaixo das sebes, formando bulbilhos reprodutores e se liberando deste solo através de uma flor amarelo ouro, com numerosas pétalas.

Mesmo na água encontramos Ranúnculos (*R. batrachius* e *R. fluitans*). Eles possuem pequenas flores brancas e folhas de 2 tipos. As que estão debaixo d'água são longas, estreitas e divididas, e as que estão flutuando na superfície d'água são chatas,



planas e arredondadas.

Nessa altura da Primavera, o crescimento das Ranunculáceas começa a ser favorecido pois encontramos nessa época, pequenos cursos d'água muito turbulentos que escorrem das geleiras, cujas orlas constituem um habitat muito favorável a essas Ranunculáceas que também vivem em pastos molhados e pântanos. As espécies características dessa família botânica que vivem nesse meio ambiente aquoso típico dessa época do ano são: *Ranunculus thora*, planta que vive nas rochas alpinas, com folhas em forma de rim. *Ranunculus pyrenaicus*, planta que habita os pastos de altitude e que possui folhas semelhantes às da Tulipa; *Ranunculus scleratus*, com folhas em forma de espada; *Ranunculus acer*, cujas folhas são semelhantes às folhas do Âconito.

Na Ásia crescem uma série de Ranunculos decorativos semelhantes às Anêmonas, com flores brancas, amarelas, vermelhas e marrons. O gênero *Ranunculus*, com suas 250 espécies, é sem dúvida o ponto central da família das Ranunculáceas.

O *Adonis vernalis* ainda pertence à Primavera, mas pelo fato dele preferir terrenos calcários e secos, se relaciona principalmente com o elemento aéreo. O *Adonis* dividiu suas folhas de maneira extrema e sua flor é amarelo solar. Uma forte tensão entre o Etérico e o Astral provoca nessa planta a gênese de venenos, os Glicosídeos que agem no coração.

O gênero *Paeonia*, com suas diversas espécies naturais da Europa, é cultivado nos jardins dessa região. Seu nome alemão significa Rosa do Pentecostes (*Pfingstrose*). A **Peônia** é uma Ranunculácea que já se tornou mais densa, mais materializada e também é denominada Rosa dos Camponeses. A Peônia recebeu as primeiras influências do início da estação quente, e já começa a exalar aroma, suas folhas são finamente aeradas e seu odor muito sutil, lembrando o da *Convallaria* e, no caso das variedades chinesas da *Pexôia*, o aroma lembra o da Rosa. A cor vermelha ou Rosa peônia nos revela o fogo do verão, mas esse fogo se manifesta nessa planta como um fogo molhado.

As diferentes espécies de *Thalictrum* decoram os prados úmidos das montanhas durante o verão. Estas plantas são mais densas e mais altas do que as Ranunculáceas mencionadas até agora. Suas folhas são moderadamente divididas e suas flores, inteiramente voltadas ao elemento aéreo, não possuem pétalas, mas apenas uma multidão de estames. O vento dissemina seus frutos alados.

As Aquilégias, mensageiras da Primavera, floresceram durante esse tempo, mas seu processo floral denota uma nova influência. Todas as Ranunculáceas até agora descritas apresentavam flores de simetria radial. Essa simetria pode apresentar várias formas, p. ex. de sino, cálice, estrela, roda, etc. Mas as flores da Aquilégia manifestam uma nova influência: elas se invaginam simulando uma boca, que é uma forma de simetria bi-lateral. Sob a ação de tais forças formativas, a flor se estende no plano horizontal e assume uma parte de cima totalmente diferente da parte de baixo. Essas flores se afastam das leis puramente vegetais e se aproximam às leis do reino animal.

Iremos encontrar uma planta que enfatiza essa simetria bilateral, ainda mais nitidamente do que as Aquilégias. É o caso do *Delphinium*, cuja floração ocorre na época mais quente do ano que, na Europa, corresponde à época de S. João. Seus altos tufos de folhas, muito recortadas e estruturadas, nasceram das folhas estivais e trazem flores que apresentam formas de animais e também um certo movimento. As sépalas se situam na parte de trás e se evaginam se tornando um esporão oco no qual mergulham profundamente dois nectários em forma de odre. Esta planta se abre ao Astral em seu quimismo íntimo, pois ela produz alcalóides próprios.

O gênero *Acônito*, que possui muitas espécies, é a manifestação estável do tipo Ranunculácea. Ele floresce apenas quando a astralização cósmica da atmosfera atingiu a sua máxima plenitude. Durante todo o ano o *Acônito* pode ser visto como transformado por um processo vegetal - etérico que tem seu pólo mineral e radicular no inverno, seu desenvolvimento vegetativo-etérico ocorre na Primavera, e seu desabrochar floral-astral no outono. O *Acônito* é uma planta elevada e contudo recolhida em si própria, apresenta, entre as Ranunculáceas, um máximo grau de forças formativas. As folhas são de um contorno e de um recorte estritamente determinados; o elemento aquoso, produtor de inchação e entumescimento, retirou-se para a parte de baixo da planta, e encontramos no *Acônito* um tubérculo. Sua flor se estende em direção irregular, apresentando uma formação de uma cor azul nobre e elevada no *Aconitum napellus*. Essa flor acolhe o inseto polinizador, pois a tromba sugadora do animal, ao se desenrolar, se adapta às circunvoluções dos nectários interiores da planta. O *Acônito* é tóxico e cresce preferencialmente junto às águas que escorrem pelos cascalhos silicosos nos pastos das montanhas, numa leve sombra dos arbustos situados à margem desses cursos de água das altas montanhas. Nesse ambiente reina uma harmonia entre a claridade e a escuridão, entre a umidade e o ar.

Junto com o gênero *Clematis*, o verão já se inclina em direção à época fria. É necessário mais força terrestre a essas plantas volúveis um pouco lignificadas. Sem dúvida elas não atingem o estado de árvore. Este gênero, com suas numerosas espécies, habita florestas, mas também estepes e regiões montanhosas da região temperada. Apesar disso, encontramos representantes desse gênero nos trópicos, nas duas Américas, na África e Madagascar, na Ásia meridional e na Nova Zelândia.

Nas **Clematites**, o tipo Ranunculácea se tornou mais terrestre e menos ligado ao equilíbrio dos Éteres que caracterizam a época primaveril e a região temperada. As folhas são mais firmes e de uma forma mais fixa. Este gênero apresenta belas flores, cujas cores se manifestam em todos os espectros luminosos. Os frutos podem ser reconhecidos devido aos seus estiletos cobertos de pelos sedosos, e que se alongam de uma maneira muito intensa durante a maturação dos frutos secos,

permanecendo ligados ao fruto. No gênero Clematis, o tipo Ranunculácea mostra a tendência ao crescimento em comprimento, crescimento esse que foi momentaneamente retido, freado, devido ao florescimento.

O Helleborus termina o ciclo anual ou inaugura o início de um novo ciclo. A Rosa do Natal, como é conhecido o [Helleborus niger](#) na França, pertence ao Inverno; outros Helleborus, tais como o Helleborus foetidus ou Helleborus viridis, crescem na Primavera. Iremos, no decorrer do estudo, nos referir a tal gênero. Por enquanto mencionaremos apenas que no Helleborus niger, o Tipo Ranunculácea está fortemente modificado pela participação invernal em sua gênese.

## **Índice das descrições**

<a href="#">Aconitum napellus</a>	- Acônito
<a href="#">Adonis vernalis</a>	- Adonis
<a href="#">Cimicifuga racemosa</a>	- Cimicifuga
<a href="#">Clematis recta</a>	- Clematis
<a href="#">Helleborus niger</a>	- Helleborus
<a href="#">Paeonia officinalis</a>	- Peônia
<a href="#">Pulsatilla vulgaris</a>	- Pulsatilla

# Adonis

## *Adonis vernalis* *Ranunculaceae*



está mais ligada com os processos metabólicos; a organização rítmica é outonal na expiração e nessa situação está inclinada aos processos da organização neuro-sensorial.

Através da inspiração o Corpo Astral se apodera do Corpo Etérico; através da expiração ele se separa novamente do Etérico. Pólo mineralizado na parte superior do organismo e pólo metabólico situado na parte inferior do organismo ocorre no ser humano. Nas plantas ocorre o inverso; o pólo mineralizado e frio está situado na raiz que se situa na parte inferior do vegetal, enquanto que o pólo metabólico e reprodutor se situa na flor que cresce na parte de cima do vegetal.

O organismo líquido do ser humano, ao ser excluído do "reino interior do Sol", ou seja, do domínio do coração e circulação, se torna estático, acumulando-se no corpo, dando origem à hidropsia. Isso ocorre quando o coração está muito dilatado e gorduroso. O Adonis é um medicamento indicado nestes casos. Assim como o Útero, que pode ser entendido como um coração metamorfoseado na região inferior, a Pulsatilla pode ser vista como um Adonis do pólo metabólico - reprodutor e o Adonis como a Pulsatilla do sistema rítmico.

Vide mais sobre [Adonis vernalis](#),

Assim como o Útero, que pode ser entendido como um coração metamorfoseado na região inferior, a Pulsatilla pode ser vista como um Adonis do pólo metabólico - reprodutor e o Adonis como a Pulsatilla do sistema rítmico.

Esta planta também pertence à Primavera, procurando por um lado o equilíbrio entre o sólido e o líquido, e por outro lado entre o aéreo e o calórico. Ela cresce de preferência nos solos secos das colinas calcáreas que se aquecem com facilidade. Seu rizoma, vital e robusto, produz uma folhagem extremamente dividida, sendo que a folha tem uma estrutura felpuda. A flor grande e terminal coroa a planta em um matiz claro e luminoso do amarelo. Esta flor parece ser a imagem do Sol, mas do Sol refletido nas seivas aquosas. Esta planta exprime, portanto, uma forte coesão do Astral com o Etérico.

Encontramos em todas as partes do Adonis vernalis glicosídeos com atividade cardíaca. O coração é o órgão de mediação e de compensação entre a organização superior e a organização inferior do homem. A organização neuro-sensorial do ser humano, com seus processos de deconstrução (demolição) e mineralização pôde ser considerada como uma "organização do inverno", ao passo que a organização situada na parte de baixo do organismo humano, com seus processos de aquecimento e construção, pôde ser considerada como uma "organização do verão". A organização rítmica equilibra ativamente as duas em ritmos alternados: ela é primaveril na inspiração e nessa situação

## **Adonis**

***Adonis vernalis* L.**

**Syn. *Adonanthé vernalis* (L.) Spach.**

***Ranunculaceae***



É uma planta herbácea vivaz com rizoma espesso de cor escura, apresentando um caule ereto, densamente coberto de folhas sésseis lineares e terminado por uma flor solitária de cor amarela. O adonis floresce no princípio da Primavera e a flor só abre completamente com tempo soalheiro. Toda a planta é venenosa. É uma espécie espalhada pela Europa, Ásia e América; encontra-se nas vertentes soalheiras com subsolo calcário. É utilizada desde a Antiguidade no tratamento das afecções sexuais; o seu uso em cardiologia é mais recente.

O caule com folhas é colhido a mão na época da floração plena, excetuando as partes inferiores duras. É secado sob um fluxo de ar quente, a uma temperatura que pode atingir os 60°C. Depois de secos, os caules são guardados em invólucros fechados, não devendo ser conservados durante mais de dois anos. Entre as substâncias ativas, citemos sobretudo os glucosídeos cardíacos chamados cardenólides. As partes ativas têm um efeito cardiotônico, como as folhas da digital, mas a sua ação é mais rápida e as substâncias não se acumulam no organismo. Estas substâncias agem sobre o sistema nervoso central e têm um efeito sedativo (calmante) sobre a tosse, as crises de asma, de epilepsia, as câibras e as dores reumáticas. São igualmente diuréticas e desinfetantes. A infusão de adonis deve ser usada mediante receita médica.

Uma espécie próxima, anual, o adonis-de-verão, *A. aestivalis*, é também venenosa, mas a sua ação medicinal é menor e não se colhe.

Vide também [Adonis vernalis](#) sob ponto de vista antroposófico.



## **Pulsatilla**

***Pulsatilla vulgaris, Pulsatilla vernalis, Pulsatilla pratensis (Anemone pulsatilla),***

***Ranunculaceae***

**(Sob ponto de vista antroposófico)**



Já foi mencionado que a Pulsatilla está um pouco alterada em relação ao tipo geral das Anêmonas, no que se refere às suas folhas tão divididas a ponto de se tornarem filiformes, deixando notar que o elemento aéreo penetra bastante na planta. Em consequência disso, os locais de predileção desta planta primaveril são os prados secos, encostas pedregosas, desde que não lhe falte a umidade do inverno. Enquanto outras Anemonas abrem suas corolas para cima, para o Sol, a flor da Pulsatilla pende pesadamente em direção ao solo assumindo a forma de um sino. Sua cor se escureceu até uma intensidade escura de violeta, sendo quase preta. O domínio Astral da atmosfera não se contenta apenas em aerar e volatizar as folhas; ele quer escavar a flor e esboçar um tipo de órgão. O elemento Astral é mais intenso na Pulsatilla do que em outras Anêmonas. Por isso ela é muito mais venenosa e ao mesmo tempo, mais dotada de propriedades medicinais. Quando o processo floral se esgota, o pedúnculo se endireita tornando-se novamente vertical, livre do peso, e os frutos se tornam aquênios ornados de apêndices plumosos, totalmente aéreos.

A atividade terapêutica da Pulsatilla se dirige à inserção do Corpo Astral no organismo dos líquidos que é penetrado principalmente pelo Corpo Etérico - e principalmente na inserção do Corpo Astral juvenil (primaveril) no sistema rítmico e nos ritmos sexuais. A planta florida contém impulsos que agem de maneira geral no sistema rítmico e na região genital do sistema metabólico. Os pacientes que possuem dificuldade em aerar e astralizar seu organismo líquido, bem como de aquecê-lo suficientemente - pessoas de natureza melancólica, geralmente femininas, com forte tendência a "se derreter em lágrimas", representam uma constituição particularmente acessível aos efeitos da Pulsatilla. Não é pois de nos admirarmos de encontrarmos nessa planta o semelhante no reino vegetal dessa constituição humana. Além disso, a Pulsatilla exerce uma ação irritante de natureza sulfúrica e inflamatória sobre a pele, mas essa ação é muito mais tênue do que a das outras Anêmonas e de algumas espécies de Ranunculáceas. A Anemonina e a Proto-anemonina são os portadores voláteis desta atividade. Nestes casos podemos utilizar a *Actaea spicata*. A *Anemona nemerosa* e a *Caltha palustris* podem produzir abscessos de fixação.



# **Peônia**

***Paeonia officinalis***

***Ranunculaceae***

Sob ponto de vista antropológico



Nesta planta, as forças terrestres dominam de maneira muito mais intensa. A flor se torna vermelha e surgem perfumes nas espécies asiáticas de folhas delgadas. Tais flores lembram os odores da Convallaria e os da Rosa, mas são mais aéreos. O início do verão se manifesta na família das Ranunculáceas sob a forma de "Peônia".

Esta planta tem como habitat o Sul dos Alpes; ela habita os declives claros e os pequenos bosques. Não se pode negar a influência de inchaço, a influência edematosa do elemento aquoso que confere algo de rústico ao seu porte robusto, apesar de suas folhas serem muitas vezes pesadas, atingindo um contorno triangular. Sua flor se infla com força; a princípio ela possui cinco pétalas, mas o elemento foliar predomina de maneira a transformar os estames em um número variável de pétalas suplementares, tal como ocorre na Rosa.

A partir da folha, esta planta se torna mais esticada e mais configurada do que as outras Ranunculáceas até agora examinadas. O ar, a luz e o calor conferem um perfume à flor, fato que é bastante raro nessa família. As Ranunculáceas não permitem que as forças do calor as penetrem; elas só permitem tal efeito para amadurecer seus frutos. A Peônia ultrapassa um pouco esse limite.

A raiz também merece ser examinada. Ela se incha em um tubérculo semelhante à raiz do nabo e produz um leve aroma, o que é algo incomum nessa família. Uma lenda grega conta que Peon, o terapeuta divino, curou Plutão, o Deus do mundo subterrâneo, com esta raiz.

A atividade terapêutica da Peônia se dirige à organização líquida, pois o elemento líquido é dominado por essa planta. Quando a organização líquida se subtrai dos impulsos do Corpo Etérico e sucumbe ao peso, a Peônia pode ser um bom auxílio. R. Steiner indicou, em relação a isso, a Peônia nos casos de edema e ascite, associada ao *Cardus benedictus*.

Uma velha indicação da Peônia: era dado às crianças que sofrem de espasmos ou convulsões do organismo superior, um cordãozinho onde um pedaço de raiz de Peônia passava pelo fio, e a criança ficava chupando aquela raiz.

A raiz da Peônia é utilizada no tratamento da Epilepsia. A pesquisa espiritual demonstra que na Epilepsia, os constituintes superiores estão sendo comprimidos pelo cérebro que deixa de ser um espelho para os processos da consciência.

"Surgem estados epiléticos pelo fato da atividade astral estar enfraquecida e deslocada de domínio e a atividade etérica, muito intensificada". Sabemos que as raízes agem geralmente na organização cefálica. Na Peônia, a raiz é submetida a um processo de estagnação etérica. Poderemos, portanto, utilizar o processo dessa raiz em pacientes com uma organização etérica que está estagnada (junto com os constituintes superiores), na substância física do cérebro.

---

# Acônito

*Aconitum napellus*  
*Ranunculaceae*



Nas montanhas dos Vosges (Leste da França, fazendo fronteira com a Alemanha), nas montanhas da Boêmia (Tchecoslováquia) e nos Alpes, crescendo entre 1.000 e 2.000 metros de altura, vegeta o *Aconitum napellus*, junto com outras espécies de Acônito. Esta planta também se estende pela região temperada do Norte, crescendo junto aos rios das montanhas e descendo com eles até os prados das planícies. Ela permanece como uma reliquia da era glacial. Através de sua predileção pelas beiras dos córregos e canais irrigação, ela se revela uma verdadeira Ranunculácea ávida de terra úmida e de ar iluminado. Pelo fato dos locais de altitude permanecerem durante mais tempo na primavera, (pois lá é mais frio e só esquenta quando o verão atinge um ponto máximo), o Acônito é encontrado florido em Julho, Agosto e mesmo em Setembro.

Através de sua forma estritamente orientada e bastante adornada, sua flor apresenta uma casca azul-violeta e a forma é de uma aba de chapéu. Temos a impressão de um ser pleno de energia e resistência concentrada, uma muralha de contenção contra as tendências volatilizantes.

O Acônito coloca em reserva uma grande parte de suas forças vitais em sua raiz dilatada em forma de nabo; a planta cresce, a partir dessa raiz, até cerca de 1,5 metro. Suas folhas recortadas em pequenos feixes radiantes, são sésseis (sem pelos) o que acentua a verticalidade de todo o conjunto. Uma longa espiga revestida de abundantes flores continua essa estrutura. Todas as flores se orientam no plano horizontal, e assumem uma simetria bi-lateral. A pétala superior se ergue na vertical para se evaginar e formar uma casca. Os dois nectários superiores se desenvolvem e os outros dois se atrofiam.

Esses nectários se curvam no interior do casco, em um início de espiral que acolhe a cabeça e a tromba do inseto que visita essa flor. As cápsulas secas possuem grãos pretos com 3 arestas.

A raiz grossa emite uma outra lateral que por sua vez também se incha. Mais tarde a primeira raiz morre e a segunda continua vivendo e dela surge uma nova planta no ano seguinte. O Acônito possui uma vida radicular intensa.

A astralidade que se manifesta na rica floração e que se condensa em toda a planta, orienta o quimismo em direção à produção de alcalóides. O Acônito é a mais tóxica de todas as Ranunculáceas. A Aconitina é uma das substâncias mais perigosas que se conhece.

É importante que cada planta que se quer estudar seja vista junto com seu cenário, com a sua paisagem que exprime a colaboração de certas entidades terrestres e cósmicas bem determinadas, pois é graças às forças dessa paisagem, desse plano de fundo, que a

entidades terrestres e cósmicas bem determinadas, pois é graças às forças

planta forma a sua própria entidade dinâmica e, a partir dessa paisagem, a planta configura sua forma e suas substâncias físicas. Ao produzirmos um remédio a partir da planta em questão, ele não se apodera de todo o organismo humano, mas atua de uma maneira diferenciada neste ou naquele domínio orgânico. Tais domínios são como que "paisagens interiores" da entidade humana. Tais paisagens são, em certo sentido, reflexos invertidos ou contra-imagens das paisagens exteriores onde cresce e vive a planta em questão. Dessa maneira podemos nos referir ao "Domínio Acônito" atuando no corpo humano quando administramos, durante bastante tempo, pequenas doses de um extrato de Acônito, por exemplo, para obtermos um teste farmacológico. Eis como se revela tal experimento:

O Corpo Astral na organização cefálica e neuro-sensorial é arrancado de sua relação normal e sadia com os substratos corpóreos no que se refere à percepção e a sensação do mundo exterior. O Corpo Astral se enterra muito fortemente nos processos orgânicos da organização cefálica (que pertence ao sistema neuro-sensorial). Acontece que numa pessoa saudável, o Corpo Astral está livre, não atuando de maneira tão intensa na área cefálica do sistema neuro-sensorial.

Intensa atividade Astral nessa área produz vertigem, nevralgia do nervo trigêmeo (que anatomicamente tem alguma semelhança com a forma de uma flor de Acônito). A pupila oscila entre midríase e miose, e essa alternância de dilatação e contração nos revela uma luta para regular a entrada da luz. As conjuntivas se inflamam. A audição e o olfato se tornam hipersensíveis. Os órgãos dos sentidos, que não deveriam perceber a si próprios, mas perceber apenas o mundo exterior circundante, transmitindo esse mundo exterior sem interferir em nada daquilo que é transmitido, num desinteresse completo, através da atuação do Acônito, perdem tal desinteresse e passam a sentir dolorosamente a si próprios, ocorrendo inflamações dos órgãos dos sentidos. A cabeça se aquece bruscamente e o calor se irradia para todo o corpo. Surge um grande desejo de dormir, dores de cabeça; os órgãos nervosos assumem uma vida própria, deixando de possuir uma atividade dirigida exclusivamente à percepção. Dores surgem nos nervos da medula espinal, principalmente no nervo ciático. No trato digestivo observamos que a boca se torna ora seca, ora inundada de saliva. A mucosa da garganta se inflama e ocorre formação de catarro do estômago e do intestino.

No sistema circulatório, ocorre aceleração do pulso e endurecimento das paredes das artérias. A irrigação sanguínea dos órgãos se desorganiza e os vasos capilares começam a sangrar.

No pulmão ocorre uma forte sensação de opressão com asfixia. A organização superior se desloca da organização superior, surgindo ondas de frio e de calor; estas últimas provocam suores.

O Acônito pode ser um remédio utilizado nos casos onde é necessário fortificar a organização superior em relação a inferior, quando a primeira for submetida de maneira muito violenta às influências exteriores, por exemplo, nos casos de resfriamento. O Acônito pode ser um medicamento utilizado na gripe, na inflamação dos pulmões, em certas formas de reumatismo e nas inflamações dos nervos.



# **Clematis**

***Clematis recta* L.**

***Ranunculaceae***

Sob ponto de vista antropológico



*Clematis vitalba*

É uma planta não trepadeira que atinge a altura de cerca de um metro. É um "vegetal do verão". A *Clematis recta* segue o curso dos grandes rios - Elba, Vístula, Danúbio - e isso está de acordo com a afinidade geral das Ranunculáceas para com a água. Nestas regiões onde a planta nasce, ela escolhe os terrenos calcários, declives dos bosques e locais rochosos. Surgindo a partir de um rizoma nodoso, ela oscila entre a consistência herbácea e a consistência lenhosa; suas folhas são opostas e pesadas. O vegetal termina numa inflorescência de numerosas flores aéreas e odoríferas. O crescimento, interrompido durante a floração, é retomado nos grandes estiletos plumosos que persistem no fruto. As flores, com quatro pétalas, são branco-azuladas.

Ao tentarmos, em imaginação, metamorfosear a Pulsatilla, planta do inverno, em *Clematis*, planta do verão, devemos esperar que esta última apresente uma característica mais terrestre, dura e espessa; sua inflorescência também será mais elevada, frouxa, e mais fina e sutil. O princípio inflamatório será mais forte, provocará inflamações artificiais, terapêuticas. Da mesma maneira que a Pulsatilla é um remédio para a esfera genital feminina, a *Clematis recta* é utilizada na Homeopatia para combater as afecções genitais masculinas, tais como Orquite, Epididimite, inchaço dos testículos e endurecimento dos mesmos. Os órgãos sexuais femininos estão mais próximos do sistema rítmico e os masculinos, do sistema metabólico. Rudolf Steiner mencionou em relação aos órgãos sexuais femininos, como "coração"; em relação aos masculinos, que se constituem órgãos acessórios do sistema Metabólico. Nos órgãos sexuais femininos reinam as forças cósmicas planetárias; nos masculinos, as forças telúricas de dissolução. A harmonização das forças lunares e solares é, como dissemos, um dos princípios da família das Ranunculáceas. É essa harmonização que permite aos processos foliares (rítmico e solar) introduzirem-se sem esforço na esfera floral, que é lunar, devido aos seus ritmos reprodutores. Este equilíbrio é mais rítmico nas plantas da Primavera e mais metabólico nas plantas do verão; as plantas da primavera são mais cósmicas e as do verão, mais terrestres.

Vide também fotos de: [Clematis virginiana](#)



# Heléboro

*Helleborus niger*

*Ranunculaceae*

Sob ponto de vista antroposófico



Esta planta é espontânea nos Alpes orientais, principalmente na vertente Sul. Ela habita as altitudes médias, os declives calcários espessos, úmidos, mas pedregosos, vivendo num solo fresco e molhado, levemente sombreado, e possui um rizoma que quase não permite o surgimento de folhas coriáceas, persistentes e de divisão digitada.

O ritmo vital dessa planta se rebela contra o ritmo dinâmico do ano terrestre. Ela floresce quando a vida vegetal, presente na paisagem que a circunda, se refugiou nas sementes e nas raízes, ou seja, sua grande flor, de uma cor branca e pura, desabrocha em pleno inverno, quando o Astral cósmico exerce a sua menor ação sobre a Terra. O impulso astral do *Helleborus niger* está, pois, em contraste absoluto com as forças astrais normais que reinam no meio do verão. Esta planta não floresce na época de S. João, que é o ponto máximo do verão Europeu, mas durante o Natal, em meio ao frio do inverno.

Em relação a essa anomalia na época da floração, podemos notar que o elemento Astral nesta planta tem uma atividade menos desvitalizante do que habitualmente ocorre nas outras plantas. A flor, branca como a neve que a circunda, graciosamente inclinada, não morre, mas sobrevive através de suas sépalas que não caem, e sobrevivem até a primavera como um verdadeiro complexo de folhas.

Encontramos, principalmente na raiz, saponina e glicosídeos que agem no coração, que pertencem ao mesmo grupo daqueles presentes no *Digitalis* e no *Strophanthus*. Os glicosídeos cardiotônicos se formam nas plantas cuja esfera Astral mergulha muito profundamente nas estruturas etéricas, mas sem penetrar até o domínio físico, o que desencadearia a gênese de alcalóides.

Podemos notar que na formação dos glicosídeos cardiotônicos, que são substâncias ligadas a açúcares, essas substâncias permanecem no fluxo líquido das seivas vegetais e não se precipitam, como é o caso dos alcalóides em sua forma salina, mineral. Os glicosídeos cardiotônicos são isentos de Nitrogênio, pois essas substâncias não

resultam de uma decomposição nem de uma desvitalização das proteínas, como ocorre com os alcalóides.

As Ranunculáceas, fortemente dominadas pelo elemento líquido (ou por processos de maleabilidade) e pelas forças etéricas que impregnam e habitam esse meio, produzem alcalóides apenas em seus representantes mais estivais tais como o Acônito. Em geral estas plantas sofrem um processo de intoxicação que vai até o estado de glicosídeo.

A ação terapêutica do *Helleborus niger* se dirige ao organismo líquido do homem; ele pôde ser tonificado e finalmente comprimido, o que provoca a secreção de líquidos. Observamos a elevação da pressão sanguínea, um aumento da diurese (como no *Digitalis*), uma congestão sanguínea da superfície do cérebro e da medula espinhal, diminuição do líquido céfalo-raquidiano, aumento das pupilas, zumbidos nos ouvidos, vertigens e atordoamento; tais sintomas podem ser acompanhados de excitação psíquica. A medicina homeopática procura curar, através do *Helleborus niger*, as seqüelas da nefrite escarlate e os sintomas meníngeos, além de outros.

Rudolf Steiner indicou uma outra atividade terapêutica do *Helleborus niger*: o tratamento do câncer. Steiner chama a atenção para os processos anti-rítmicos desse vegetal, obstinadamente dirigidos contra os ritmos normais do ano e do mundo das plantas. As poderosas forças vitais da raiz impregnam as folhas e também a flor, que permanecem sem cair na época do inverno. Existe um reflexo inverso desse processo no homem, quando os impulsos normais do organismo superior, capazes de gerar os órgãos sensoriais, invadem o organismo inferior que responde a esses impulsos através de um crescimento anormal, onde o Etérico se subtrai às ordens do Astral (anti-tendência). É isso que ocorre durante a formação do carcinoma. O *Viscum album*, que também é uma planta indicada por Steiner, realiza um processo análogo ao do *Helleborus niger*.

---

## Cimicífuga

***Cimicifuga racemosa***

***Actaea racemosa***

***Ranunculaceae***



Esta pequena e alta planta, com suas inflorescências bastante longas em forma de velas, cresce nas florestas montanhosas da Europa, Ásia e América do Norte, em locais sombreados, úmidos, mas que recebem uma quantidade suficiente de luz.

Esta planta exprime a transição das forças da Primavera para o Verão. Ela atinge 2 metros de altura, e possui folhas 2 vezes penadas e longamente pecioladas. Seu cacho de flores é bastante alongado, nascido das forças do caule e produz o efeito de um pequeno bastão carregado de pólen, pois os envólucros florais (cálice e corola) caem bastante cedo, permanecendo apenas os estames. O odor das flores, inicialmente refrescante e açucarado, torna-se rapidamente desagradável.

Nas Ranunculáceas, as influências da Lua e do Sol unem-se harmoniosamente. Em consequência disso, fazendo parte de suas ações terapêuticas, além daquelas que se dirigem à esfera sexual, (onde os ritmos lunares estão manifestos), encontramos uma atividade na esfera Solar do coração e da circulação.

A Actea ou Cimicifuga é utilizada como medicamento nas amenorréias e dismenorréias, e para devolver ao útero, após o parto, a sua atividade rítmica. Ele ajuda a reinserir o Corpo Astral nos órgãos genitais após o parto, pois eles estavam comprimidos, antes do nascimento da criança.

Vide também: [Cimicifuga foetida](#).



# Melissa

***Melissa officinalis***

***Labiatae (Lamiaceae)***

**Sob ponto de vista antropológico**



trato digestivo: ela age contra as náuseas e o desejo de vomitar. Além disso, ela estende sua ação mais a fundo no sistema rítmico: ela atua nas palpitações do coração, neuroses cardíacas, e na angina de peito. Pertence à sua atividade o tratamento da insônia, da histeria, da melancolia e da tendência às síncope que freqüentemente acompanham tais doenças. A célebre "água das carmelitas", contém em sua composição um destilado de melissa.

É interessante notarmos quantas labiatae trazem o epíteto "officinal", pois há séculos são conhecidas pelos médicos e pelos farmacêuticos.

A Melissa é uma planta herbácea vivaz, com aspecto agradável, cujo porte e as folhas lembram um pouco a urtiga européia. A parte mais representativa desta planta se acha no sistema de folhas. Em lugar de folhas muito estreitas, típicas das labiatae que possuem aroma e sabor apimentado, nós notamos nesta planta folhas largas, bem formadas e dispostas como que em andares, um par em cima do outro, sem modificação notável entre as folhas que estão em baixo e as de cima. Ao perfume queimante se adiciona um odor de limão que é refrescante. A melissa é algumas vezes denominada "citronella". Nas intersecções dos nós superiores nascem os falsos verticilos formados por algumas flores brancas, ricas em néctar. A melissa é muito útil para as abelhas, daí o nome grego melissa. Como podemos deduzir de seu aspecto geral, esta planta tem preferência pelo calor moderado, por uma umidade branda, crescendo em locais onde existe um pouco de sombra, principalmente no oriente ou em sua parte mediterrânea.

Aquecedora, refrescante, mas sobretudo vivificante, a melissa age menos no metabolismo do que nos processos rítmicos, pois sua natureza é tipicamente foliar. Ela favorece as regras, a concepção, acalma as excitações sexuais. Ela possui também um efeito meio tônico, meio lenitivo, anti-espasmódico e combate as fermentações no



# **Saturéia**

***Satureja hortensis***

***Labiatae (Lamiaceae)***

**Sob ponto de vista antropológico**



No estado selvagem, é uma planta da região mediterrânea oriental e das costas do mar Negro; ela é algo intermediário entre o Alecrim e a Sálvia, crescendo em declives rochosos e montanhas de areia; é uma planta lenhosa que tem necessidade de muito calor e suas folhas são reduzidas quase que ao estado de agulhas. Dado seu aroma rústico, algo similar a uma variação entre o tomilho e mangericão, nós não iremos nos admirar ao encontrarmos nesta planta óleos etéricos (essências) e um pouco de tanino.

Essa planta possui atividade aperitiva, anti-espasmódica, sudorífica e ação aquecedora para o órgão digestivo; ela também é emenagoga e afrodisíaca. O nome Satureja provavelmente é oriundo de "satyrus", referindo-se aos seus efeitos afrodisíacos.

# Carvalhinha

## **Teucrium**

### ***Labiatae***

Sob ponto de vista antroposófico



### **Teucrium marum**

As folhas dessa planta delicada são muito pequenas e bastante estreitas; o cacho de flores, vermelho claro, ascende a partir dos brotos. O odor das flores maceradas é queimante e picante; o gosto é extremamente apimentado. A ação desta planta, que se esgota no domínio floral ou volátil, se assemelha à do tomilho, mas está deslocada em direção ao metabolismo. Esta planta estimula os processos do fígado, favorece o fluxo da bÍlis e combate a formação dos cálculos. Ela é também um estimulante da secreção biliar.

É utilizada nas paralisias dos membros, nas inflamações das vias respiratórias superiores e nos pólipos da cavidade nasal.

### **Teucrium scorodonia**

Nesta planta, o tipo das Labiatae, totalmente ligado ao calor, se lança em um domínio que lhe é estranho: a umidade, o frescor e a sombra. Um combate é inevitável. Tal combate se exprime em odores pesados lembrando o do suor e em sabores acres e amargos. O Teucrium também é chamado de sálvia da floresta. Ele cresce num substrato silicoso, à beira das florestas, nas clareiras, nas partes superiores das montanhas graníticas, enfim em toda a Europa ocidental. O broto foliar, esguio e alto, parte de um rizoma subterrâneo muito ramificado; as folhas são oval-lanceoladas, peludas e de coloração verde glauco. A planta termina em uma espiga desenvolvida, portadora de flores com dois lábios, branco-amareladas. Tais flores se voltam para o mesmo lado que é o lado da iluminação máxima, apesar de nada na estrutura dessa planta ser assimétrico.

Esta planta possui um aspecto mirrado e débil: ela é pálida e estirada em direção ao alto e parece que a planta tem carência de luz. Em relação a tudo aquilo que nós mencionamos anteriormente em relação às Labiatae, deve ser acrescido, em relação ao Teucrium scorodonia, o fator "sílica". A sílica torna possível o vegetal empreender sua luta para captar a luz. A sílica favorece o metabolismo da luz.

Rudolf Steiner preconizou esta planta no tratamento da tuberculose. Mais recentemente plantas ricas em sílica vem sendo utilizadas no tratamento de doenças que tem algo a fazer com

o metabolismo da luz, como é o caso da tuberculose. Nesta doença, a faculdade que o organismo tem de "desenvolver interiormente a luz" está enfraquecida. Já foi constatado sucesso terapêutico no tratamento da tuberculose dos testículos e na

dos ossos. Outros exemplos nos demonstram que as Labiatas podem influenciar as sudações anormais dos tuberculosos; o *Teucrium scorodonia* é uma planta que também possui tal virtude terapêutica.

### ***Teucrium scordium***

Esta planta cresce nas margens dos lagos, nos vales regados por um curso de água e nos prados úmidos. Ela está adaptada ao elemento no qual ela vive, fincando suas raízes relativamente profundas para dentro da terra; suas folhas são arredondadas; suas flores de um vermelho claro são superpostas em falsos verticilos, pouco espessos, inseridas nas intersecções das folhas no caule. Seu óleo essencial possui um odor de alho (isto nos revela um processo sulfuroso); os taninos e substâncias amargas fazem parte dessa planta.

A atividade terapêutica do *Teucrium scordium* se dirige ao organismo dos líquidos: ela é diurética, sudorífica, combate as mucosidades que revestem o aparelho digestivo e as inflamações das glândulas (inclusive a orquite); esta planta era indicada no tratamento das bronquites crônicas, da tuberculose, do empiema pulmonar, da ozena, das inflamações purulentas do peito. Neste caso, a virtude terapêutica das Labiatas, enriquecida de um fator sulfuroso, é levada totalmente em direção ao sistema rítmico. O processo enxofre (sulfur) ajuda esta planta a conservar sua natureza calórica, típica das Labiatas, em um meio aquoso, terrestre e frio.

---



## Marroio-negro

***Ballota nigra* Roth.**  
***Labiatae (Lamiaceae)***



Nativo na Europa, região mediterrânea e Ásia ocidental, o gênero ***Ballota*** contém 35 espécies de arbustos e sub-arbustos perenes robustos. A maioria das espécies são consideradas ervas daninhas, mas algumas têm folhagens aveludadas e são cultivadas como plantas ornamentais. Aparentemente o nome *Ballota* vem do grego "ballote", rejeitar, porque o gado evita estas plantas.

***Ballota nigra*** é uma planta adventícia perene, herbácea, com caules angulosos, ascendentes, apresentando folhas pecioladas alternas. Toda a planta está coberta de pêlos e impregnada de um óleo essencial de odor pouco agradável. Na axila das folhas nascem verticilos ímpares de flores rosadas, por vezes brancas. O fruto é um tetraquênio. O marroio cresce nos jardins, nas praças das aldeias, nos vazadouros e nos escombros, sobretudo nos locais onde a terra é rica em azoto. Como todas as labiataes, é uma excelente planta melífera, sendo muito atraente às abelhas.

***Ballota nigra*** é um exemplo de erva que é extensamente cultivada em hortas, mas hoje raramente é usada por médicos herbários, que preferem o ***Marrubium vulgare*** que lhe é semelhante, mas de aroma mais agradável. O óleo extraído de *Ballota nigra* é usado para adulterar o de ***Marrubium vulgare***. É utilizado como planta medicinal desde há muito tempo para tratamento dos olhos e dos ouvidos, mais recentemente também dos nervos.

Colhe-se o caule com folhas no momento da floração plena e com tempo soalheiro. Corta-se toda a parte superior do caule, que é secada à temperatura de 35°C. O caule seco liberta um odor forte e deve, por isso, ser armazenado separadamente dentro de sacos fechados. Contém taninos, óleos essenciais, ácidos orgânicos, pectina. Usa-se como calmante nas perturbações de origem nervosa: depressão, enxaqueca, neurastenia, estados ansiosos e outras afecções nervosas ou psíquicas. Também usado para náuseas de movimento, náusea matutina em gravidez, desordens menstruais, e reclamações bronquiais. É também diaforético.

Prepara-se uma infusão na proporção de duas colheres de café para duas chávenas de água e consome-se duas a quatro chávenas por dia. Emprega-se igualmente sob a forma de pó, que deve ser tomado segundo a dose de 2g a 4g por dia em 2 a 4 administrações. Em aplicação externa, as compressas de marroio aliviam as dores reumáticas.



## **Marroio branco**

***Marrubium vulgare***

***Labiatae (Lamiaceae)***

**Sob ponto de vista antropológico**



Nesta planta, de maneira muito mais intensa ainda do que na melissa, o sistema de folhas, constituído pela superposição dos nós, numa disposição totalmente rítmica, é a característica que mais chama a atenção nessa planta. A partir das intersecções das folhas que emergem em cada nó, surgem pequenos agregados de florzinhas brancas e minúsculas, formando bolinhas como mostra o desenho.

Esta planta se encontra em toda a Europa e também no centro da Ásia. Ela tem preferência por solos pobres, secos e quentes, por exemplo, os entulhos e os escombros. Suas folhas ovais são muito enrugadas, levemente aromáticas, mas muito amargas e adstringentes devido ao tanino.

De maneira ainda mais intensa que na melissa, a ação terapêutica do Marrubium se dirige ao sistema rítmico do homem. Esta planta é mais um vegetal rítmico do que um vegetal de calor. Sem dúvida ele é um bom recurso quando as mucosidades invadem o trato digestivo; o Marrubium estimula a função hepática e favorece a menstruação, mas muito mais importante é sua ação nas mucosas do pulmão, na bronquite crônica, na coqueluche e na asma senil; o Marrubium estimula o sistema vascular e regulariza os batimentos cardíacos. Ele suspende o fluxo anormal da saliva, principalmente no caso de uma intoxicação devida ao mercúrio.

# Orégano

*Origanum vulgare*

**Labiatae (Lamiaceae)**

Sob ponto de vista antroposófico



O orégano produz a impressão de ser uma variante mais rústica da **manjerona**. Ele cresce espontaneamente na Europa e se estende até a Ásia. Ele atravessa pois os Alpes. Um pouco mais alta que a manjerona, sua inflorescência com flores rosas se separa do aparelho foliar de maneira bastante acentuada. O orégano se contenta com solos pobres e encostas bastante acentuadas ou as bordas das florestas. A agricultura o faz desaparecer.

O orégano tem em comum com a manjerona as atividades fortificantes, aquecedoras e estimulantes, principalmente na região sexual. É empregado nos distúrbios uterinos, dismenorréia, e amenorréia. Neste domínio, ele restabelece, de alguma maneira, a autoridade das forças do Eu (contra a erotomania, a ninfomania, a masturbação). Nós não iremos nos admirar em saber que ele é igualmente terapêutico nos resfriamentos, nos catarros dos órgãos respiratórios e nas debilidades do metabolismo. O orégano é sudorífico, dissolve as estagnações no domínio do fígado e da veia porta. Tal como a manjerona, o **Teucrium marum** e outras labiataes que agem sobre a esfera genital, o orégano está em correspondência com o domínio nasal olfativo: atua contra as inflamações nasais e contra a coriza e pólipos do nariz.

---

# Manjerona

***Origanum majorana***  
***Labiatae (Lamiaceae)***  
Sob ponto de vista antroposófico



A Manjerona é originária do sul da Europa, mas ela também cresce em locais mais altos e rochosos tão bem quanto nos solos quentes e leves dos jardins tratados pela mão aplicada do homem. A semente que germina exige sombra. A planta se apresenta de uma forma equilibrada e delicadamente cinzelada. Ela possui, desde baixo, um aroma docemente apimentado. A inflorescência se assemelha a uma pequena colméia; ela esconde por bastante tempo numerosas pequenas flores brancas que desabrocham apenas no verão. É necessário bastante tempo para que ocorra a maturação das sementes. Tais sementes possuem uma quantidade apreciável de óleo fixo.

O doce perfume das flores da manjerona exerce uma influência aquecedora e benéfica. Seu óleo etérico (essência) gerado pelo calor cósmico, mais doce que nas labiatae anteriormente estudadas, está misturado com substâncias canforadas. O óleo fixo que envolve as sementes, emana das mesmas atividades cósmicas. R. Steiner preconizou, em particular, a semente da manjerona na composição de um remédio para regularizar o ritmo menstrual. A manjerona possui poderes aquecedores sobre o organismo e também sobre os órgãos genitais. Ela fortifica o estômago e o intestino, cura as cólicas, as diarreias, favorece a concepção e a menstruação. Além disso, ela exerce ações anti-espasmódicas na asma, nas vertigens e nas paralisias. Combinada com a melissa, ela fornece um remédio excelente para as inflamações e as debilidades dos órgãos genitais.



# Galeopsis

## ***Galeopsis dubia***

### ***Labiatae (Lamiaceae)***

Sob ponto de vista antropológico



Esta planta herbácea, natural da Europa ocidental, cresce em solos arenosos e pedregosos, ou seja, solos de natureza silicosa, ou ainda, esta planta cresce no granito estéril. Tal solo é absolutamente mineral, mas ele pode ser muito aerado e impregnado de água. Para a ***Galeopsis dubia***, a sílica não é apenas um substrato, (este vegetal foge do calcário). A sílica, para esta planta, é um elemento trabalhado interiormente pelo vegetal. Isto pode ser reconhecido pelo aspecto rude e peludo desta planta. Além disso, ela é muito ramificada e suas folhas se estendem em comprimento de modo semelhante às do cânhamo. Os estágios superiores dos nós trazem nos falsos verticilos, flores muito marcantes, grandes, amarelo-claras, semelhantes à cabeça de animais (*Galeopsis* significa: face de doninha). Esta planta contém materialmente muita sílica em suas cinzas (18%).

Tal como o ***Teucrium Scorodonia***, esta planta é um bom remédio nas perturbações pulmonares devidas a uma fraqueza do metabolismo da luz no organismo. É um dos ingredientes da "infusão da sílica" utilizada com sucesso no tratamento de certas formas de tuberculose. As propriedades aquecedoras da planta em questão permanecem sutis e seu aroma é fraco.



# Hera terrestre

***Glechoma hederacea***

***Labiatae (Lamiaceae)***

Sob ponto de vista antropológico



Quando a primavera desperta a vida do campo, vida essa que antes estava inibida pelo inverno e que agora retorna à sua atividade, reparamos que uma das primeiras flores que surgem pertencem à esta planta que cresce em locais que, mesmo no início da primavera, já estão secos e ensolarados; tal planta também cresce junto às cercas vivas, aos muros e aos fossos, e também sob as árvores frutíferas. Seus rizomas rasteiros, que não cessam de se enraizar, geram hastes coroadas de flores azul violeta com dois lábios. Esta planta é a primeira a transformar o aquecimento cósmico da terra em virtude calorífica vegetal. Suas folhas são redondas, com bordos sinuosos, moldadas pois, pelas forças formatrizes aquosas. Mas estas folhas vem sendo impregnadas por um calor brando, mas apesar disso, um pouco apimentado. Esta folhagem resiste ao frio do inverno. Após a floração, a planta continua a invadir o terreno, graças aos seus rizomas. Eles pertencem à terra. A "hera terrestre", como é chamada em algumas regiões, cresce na região norte da Europa, nos países nórdicos e também na Sibéria. Ela possui óleos essenciais, taninos e substâncias amargas que lhes conferem um sabor aromático, mas terrestre, acre e amargo.

Esta planta é empregada em uso externo e interno para estimular o metabolismo geral, principalmente na primavera; na fraqueza da bexiga, nas obstruções do fígado e do baço, na debilidade do trato digestivo, na insuficiência da gênese do sangue, nas perturbações de origem tuberculosa dos órgãos respiratórios, na asma bronquial, na escrofulose, nos cálculos e na icterícia; tais ações se aproximam às das Labiatae já estudadas, principalmente das primeiras. É por esta razão que nós não iremos nos estender mais neste assunto.

Vide também: [Glechoma hederacea](#);

Nota: Esta planta é comercializada pela empresa "A Natureza" com o nome de "Herva São João".

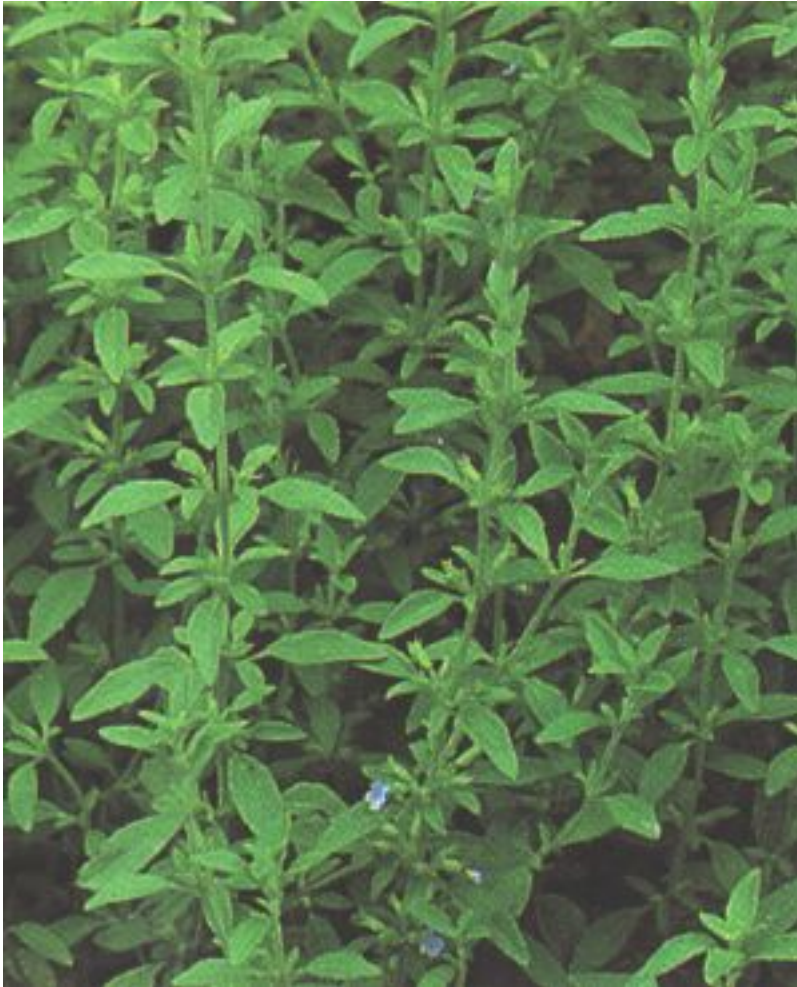
---

# **Hedeoma**

## ***Hedeoma pulegioides***

### ***Labiatae (Lamiaceae)***

Sob ponto de vista antropológico



Esta planta, cujo odor é muito parecido com o da hortelã, medra nas regiões médias da América do Norte. Ela cresce em caminhos pedregosos e em terrenos rochosos. O seu porte lembra o do Marrubium. Esta planta possui pequeníssimas flores brancas que emergem dos nós situados junto à intersecção da folha com o caule.

A atividade desta planta é emenagoga e abortiva; ela combate a dismenorréia, a leucorréia, favorecendo o aquecimento e a irrigação sanguínea. Sua atividade se volta à região genital feminina, pois a mulher possui uma característica rítmica muito mais intensa que o homem. A Hedeoma também estimula as atividades hepáticas, biliares e do baço.

# Hissopo

***Hyssopus officinalis***  
***Labiatae (Lamiaceae)***

Sob ponto de vista antropológico



O Hissopo possui um caule ornado de flores finamente lanceoladas e estreitas; esta planta traz em sua extremidade uma inflorescência que se volta apenas para um lado da planta, com flores azuladas ou violetas, reunidas em falsas espigas, projetando para fora delas seus estames. A pátria do Hissopo é a Europa meridional e os locais secos da Ásia ocidental (Turquia, regiões do mar Cáspio, regiões do mar Aral). Encontramos esta planta sobre as montanhas ou as colinas rochosas e pedregosas.

O perfume de suas folhas maceradas é aquecedor e possui um odor que lembra o cheiro do animal texugo. Sua ação aquecedora é acrescida, devido à atividade da cânfora que é uma substância que a planta possui, de uma ação sedativa e anti-espasmódica. O poder terapêutico se dirige, nesta planta, principalmente ao sistema rítmico do homem, pois a região rítmica da planta (as folhas) está abundantemente desenvolvida no Hissopo. Esta planta é indicada no catarro bronquial crônico, na asma, e também na regulação da sudação. Além disso, seu óleo alivia os vivos sofrimentos dos feridos (N.T, esta planta é citada na Bíblia, num trecho referente à crucificação de Cristo: "*Havia ali um vaso cheio de vinagre. Os soldados encheram de vinagre uma esponja e, fixando-a num **hissopo**, chegaram-lhe à boca*". João 19, 28).

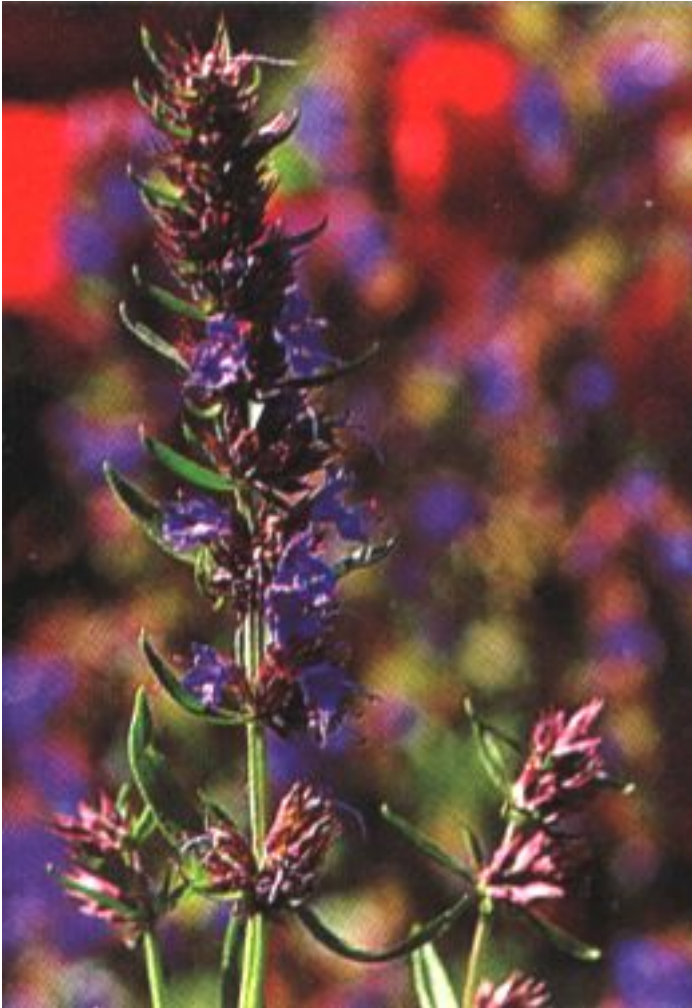
Vide também: [Hyssopus officinalis](#)

---



# Hissopo

***Hyssopus officinalis***  
***Labiatae (Lamiaceae)***



Subarbusto com base lenhificada, apresentando caules herbáceos que atingem até 60cm de comprimento. As folhas lineares são opostas sobre o caule quadrangular. Na axila das folhas superiores formam-se verticilos ímpares de flores azuis. Os frutos são tetraquênios (em baixo à esquerda). É uma espécie originária das regiões mediterrâneas; cultivava-se antigamente nos jardins e servia para tratar perturbações gástricas e peitorais. Atualmente, é cultivada nos campos, para fins medicinais.

São colhidas as cimeiras no começo da floração, cortando as partes superiores, tenras, dos caules. As plantas regeneram-se rapidamente, de modo que a colheita pode realizar-se duas a três vezes por ano. Estes caules são secados à sombra ou num secador, à temperatura máxima de 35°C, depois são conservados em local seco e dentro de recipientes fechados. Contêm um óleo essencial que possui pineno, limoneno e pinecafeño, um glicosídeo-flavona, a hesperidina, taninos e outras substâncias. O hissopo serve para tratar afecções do aparelho respiratório: tosse, tosse convulsiva, bronquite, asma. Prepara-se uma infusão na proporção de 2 colheres de café de partes ativas para 1/4 de litro de água, sendo tomada uma colher de sopa de hora a hora. A mesma infusão é recomendada em caso de inflamação das vias urinárias, dos rins e da vesícula. Como a salvia, o hissopo tem um efeito moderador sobre a transpiração. Não é recomendada em caso de irritabilidade, e tomada em dose elevada, sobretudo sob a forma de óleo essencial, provoca câibras.

Vide também: [Hyssopus officinalis](#) sob ponto de vista antroposófico.

---



# Urtiga branca

*Lamium album*

***Labiatae (Lamiaceae)***

Sob ponto de vista antropológico



Esta Labiata, espalhada principalmente nas regiões não muito quentes da Europa, freqüentemente considerada uma erva daninha, apresenta apenas vestígios da característica calórica típica das Labiatae. Podemos comparar esta planta com a urtiga, devido à sua exuberância na parte foliar e caulinar. No *Lamium album*, o impulso floral se une muito mais intimamente com o ritmo foliar dos nós, que se sobrepõem no caule; sua flor é branca e grande, em forma de boca totalmente aberta. Sua época de florescimento vai desde abril até outubro e pode até chegar a florescer em pleno inverno.

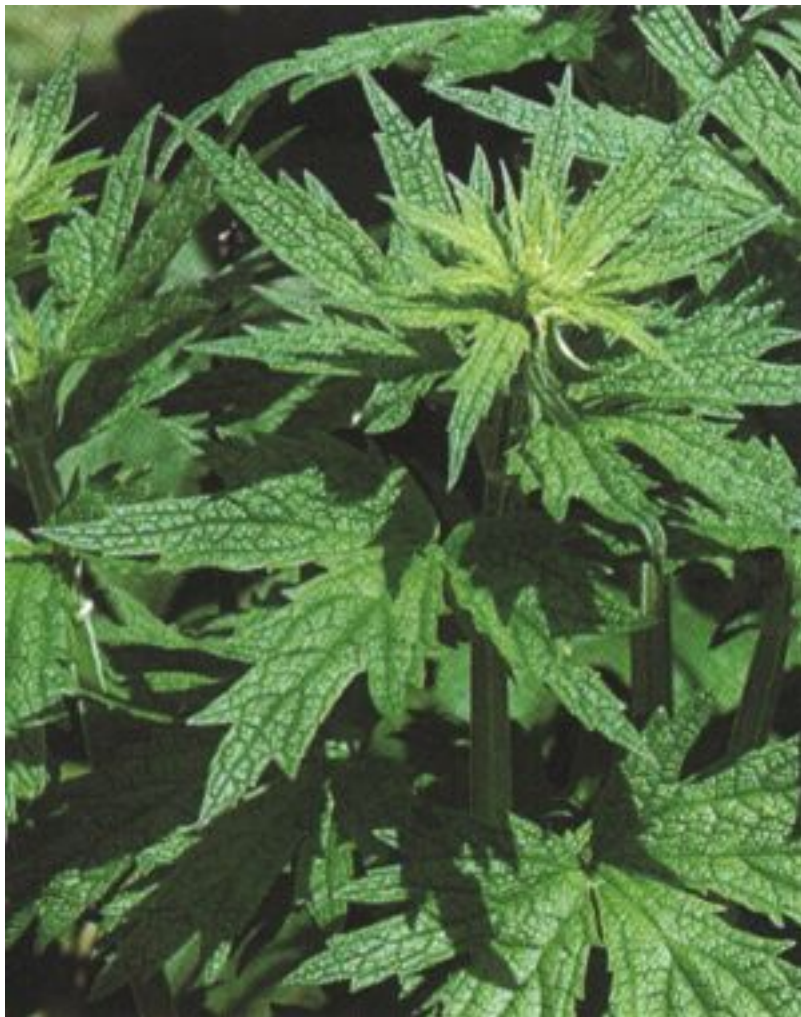
Suas flores, depois de secas, possuem um odor suave, são mucilaginosas, açucaradas e um pouco acres. Tais flores são utilizadas há longa data como emoliente e expectorante e agem principalmente nos rins e no aparelho genital feminino. As indicações do *Lamium album* são: flores brancas (leucorréia), esclerose do útero, atonia do útero, menstruação muito precoce; e além disso, uremia dos homens idosos e inflamação das vias urinárias. O *Lamium album* é como o eco ensurdecido do estilo ígneo típico das Labiatae, transposto em um meio terrestre, porém aquoso e fresco.

# Leonurus

## ***Leonurus cardiaca***

### ***Labiatae (Lamiaceae)***

Sob ponto de vista antropológico



Leonurus cardiaca é uma planta asiática que medra nos escombros. Na Europa, ela cresce ao longo das cercas e vegeta nos prados secos. Esta planta se abstém de separar a gênese floral da gênese foliar, tal como acontece no marrubium, fazendo com que a gênese floral desça até o domínio rítmico, típico do elemento foliar. Os falsos verticilos das flores vermelhas, em forma de bocas abertas, brotam junto à inserção das folhas com o caule; os nós se superpõem uns aos outros, até uma grande altura. A própria folha é mais artisticamente cinzelada que na maioria das labiatae: ela se divide em lobos triangulares. Essa planta é debilmente aromática, seu odor é levemente desagradável. Seu gosto é muito amargo.

Segundo esta descrição, a ação terapêutica se destaca do sistema metabólico e se orienta em direção ao sistema rítmico. Sem dúvida fazem parte de suas numerosas indicações a amenorréia, a dismenorréia, a esterilidade e os transtornos da menopausa; o essencial nesta planta é o fato dela fornecer algum auxílio nas palpitações cardíacas, na angústia cardíaca, na dispnéia, na debilidade cardíaca com diminuição do pulso, na angina do peito, na opressão cardíaca causada pelo sistema metabólico, e nos sintomas de Romheld.

N.T. Em São Paulo é muito comum encontrarmos espécies de Leonurus, incluindo [Leonurus sibiricus](#) que também é medicinal, crescendo em terrenos e nos canteiros das avenidas.

---

## **Leonurus**

***Leonurus sibiricus* L.**

**Syn. *Leonurus heterophyllus***

***Labiatae (Lamiaceae)***



Planta originária da Sibéria e da China, hoje com vasta distribuição no mundo. No Brasil é encontrada em quase todas as regiões, mas raramente forma densas colônias. É uma planta herbácea anual, ereta, robusta, propagada através de sementes na primavera, prefere solo bem-escoado, terra úmida em local ensolarado ou sombra parcial. Leonurus vem do grego "leon", leão, e "oura", cauda, motivado pelo aspecto da parte terminal da planta. "Sibirucus" significa da Sibéria, região de onde a planta é oriunda.

As partes usadas são a planta inteira, ou apenas as sementes. As plantas são cortadas quando florescem, mas antes que as sementes amadureçam, são secadas para infusões, extratos líquidos e tinturas ou usadas frescas em decocção, xaropes e cataplasmas. As sementes são coletadas no outono, quando maduras, secando-se a planta inteira, sovando e peneirando para remover as sementes.

Propriedades: uma erva amarga, diurética que estimula a circulação e o útero, abaixa a pressão sanguínea, regula a menstruação e elimina toxinas. Também é efetiva contra infecções bacterianas e fungais. As sementes são ligeiramente doces e têm ações semelhantes, mas são menos efetivas como diurético e desintoxicante.

A erva é usada interiormente para problemas de visão relacionados ao fígado (sementes); menstruação dolorosa e excessiva, sangramento pós-parto (planta inteira, sementes); edema, problemas renais, pedras

renais, eczema, e abscessos (planta inteira). Não deve dado às mulheres grávidas.

Vide também [Leonurus cardiaca](#).

---



## **Lycopus**

***Lycopus virginicus***

***Labiatae (Lamiaceae)***

**Sob ponto de vista antroposófico**



Esta pequena e estirada planta aperfeiçoou seu ritmo foliar superpondo nós cujas folhas escondem, junto à intersecção da folha com o caule, minúsculas coroas de pequenas flores brancas. A inflorescência está totalmente colocada dentro da arquitetura foliar. Como na espécie anteriormente estudada (*Leonorus cardiaca*), as folhas estão profundamente divididas, penadas. O *Lycopus virginicus* cresce na América do Norte, na beira dos rios de curso lento que se lançam no oceano Atlântico. É um tipo de labiata que se liga ao elemento aquoso. Em consequência disso, as forças que orientam a gênese dos óleos essenciais parecem diminuir em intensidade em detrimento da gênese dos taninos e das substâncias amargas.

Ainda mais marcante que no *Leonorus*, sua atividade terapêutica é deslocada em direção ao sistema rítmico. Esta planta é um excelente tônico cardíaco, que foi receitado com sucesso nas fraquezas do coração resultantes da fadiga, nas angústias cardíacas, na dilatação do coração e na taquicardia ligada à síndrome de Basedow. Por outro lado, este remédio age no sangue; ele pode ser empregado na icterícia, nos sangramentos das hemorróidas e também nas hemoptises (sangramento do pulmão).



# **Hortelã-pimenta**

***Mentha piperita***

***Labiatae (Lamiaceae)***

**Sob ponto de vista antropológico**



Esta espécie se desenvolve em ambientes de temperatura moderada, mas com muita luz, em solo úmido, palustre. Suas folhas largas, lanceoladas, se inserem ao longo de um caule alto, de meio metro (N.T. na Europa), formando no ápice uma falsa espiga pontuda de onde partem flores estivais violetas. Nesta planta, o princípio calórico das labiatae luta contra um princípio adverso de frio e umidade. Disso resulta um poder curativo, estimulante e aquecedor, próprio para combater as obstruções digestivas, as câibras e os gases intestinais.

Esta planta favorece as regras, a potência viril, e atua beneficemente nos espasmos do útero. Por outro lado, um fator vivificante, calmante e refrescante que freia as palpitações do coração e as angústias cardíacas. O fígado, órgão no qual o organismo dos líquidos desempenha um papel tão importante quanto o organismo térmico, é favoravelmente estimulado por esta planta do calor e da umidade.

# Poejo

***Mentha pulegium***

***Labiatae (Lamiaceae)***

**Sob ponto de vista antropológico**



O poejo é uma planta proveniente dos vales fluviais da Eurásia e da região Mediterrânea. Esta planta desenvolve intensamente seu ritmo foliar. Possui sobre os rizomas alongados, pequenos caules muito ramificados de coloração verde clara, aromáticos, trazendo em si folhas estreitas e ovais e, em cada nó, uma coroa de floretas cor de malva. O elemento floral foi lançado na região foliar e caulinar da planta. O poejo cresce apenas em locais muito molhados e ele tem uma predileção pelos alagados salgados. A luta entre dois princípios adversos se faz notar nesta planta de maneira mais acentuada do que na hortelã.

O poejo atua terapeuticamente no sentido de aliviar as câimbras, de estimular a digestão e sua ação no fígado é muito mais forte que a da hortelã. O efeito emenagogo se torna tão intenso que esta planta pode se tornar abortiva. Um medicamento feito com o poejo, aumenta a irrigação sanguínea nos órgãos urinários, no intestino grosso e nos órgãos genitais, até provocar uma tendência ao sangramento. A diurese é aumentada. O poejo também pode ser utilizado no tratamento das doenças pulmonares, na asma e na coqueluche.

---

# **Alfavaca**

***Ocimum basilicum***

***Labiatae (Lamiaceae)***

**Sob ponto de vista antropológico**



Esta planta possui uma característica mais herbácea que as precedentes com suas folhas grandes e carnudas. É originária de um clima mais quente, mas também mais úmido: a Índia. Esta planta adiciona à ação aquecedora da manjerona um nuance ígneo, lembrando o cravo da Índia. Os ramos foliares terminam numa inflorescência desenvolvida, simulando espigas, constituídas por falsos verticilos superpostos. As flores são brancas, ricas em néctar.

Esta planta, cultivada desde a antiguidade, foi empregada em medicina pelo fato de ser uma planta aquecedora dos órgãos digestivos e desinfetante da região uterina. Ela facilita o sono, mas também favorece a secreção láctea. Era tida como afrodisíaco. Ela também foi utilizada nas doenças catarrais e nas inflamações da mucosa do aparelho urogenital. Tal como a maioria das labiatae, esta planta é um tranqüilizante no sentido de acalmar as câibras e as dores espasmódicas.

---

## **Ortosifão**

***Orthosiphon stamineus***

***Labiatae (Lamiaceae)***

**Sob ponto de vista antroposófico**



Esta planta, que fornece a "infusão nefrítica indiana", medra na Índia, no arquipélago Malásio e na Austrália. Os ramos foliares terminam em uma falsa espiga de flores. Tais flores são de tonalidade azul pálido e se prolongam em longos tubos horizontais e seus estames, ainda mais longos, vão na mesma direção.

A infusão feita com esta planta contém óleos etéricos, taninos, um glicosídeo e uma grande quantidade de sais de potássio. Tal infusão atua junto ao metabolismo, combatendo os processos de mineralização tais como a diátese do ácido úrico. Esta infusão é útil no combate aos cálculos biliares e renais, ao reumatismo articular e também à calcificação das artérias. Também é de auxílio nas dores hepato-biliares; esta planta também auxilia a função renal e é tida como um bom remédio para as dores da bexiga e do rim, contra as diversas perturbações renais, contra a albuminúria. Seus efeitos calóricos e dissolventes restabelecem um bom equilíbrio entre a inflamação e o endurecimento, conduzindo-os ao controle da organização do Eu. Lembremo-nos que o rim é o órgão do planeta Vênus; é interessante notar que esta planta medicinal habita uma região cuja população nos revela em sua fisionomia tal relação, nos revela em sua fisionomia uma função renal particularmente evoluída. (Para maiores detalhes consultar a obra de Rudolf Steiner: "A missão da alma dos povos").

---



# Tomilho doce

***Thymus serpyllum***

***Labiatae (Lamiaceae)***

Sob ponto de vista antropológico



O tomilho "adocicado" medra nos prados secos mas úmidos principalmente nas montanhas, ascendendo até o limite das neves e é espontâneo tanto ao norte como ao sul dos Alpes. Seu perfume, ao se difundir no ar, confere um aroma típico aos campos alpinos. As abelhas encontram nesta planta, uma abundante dádiva em suas pequenas inflorescências rosadas, provenientes do aparelho foliar reduzido (pequenas folhas lineares ovais).

O *Thymus serpyllum*, como planta medicinal, recebia o nome popular de erva das mulheres ou erva de Nossa Senhora. Ela foi, no paganismo, dedicada à deusa Freia e depois, na época cristã, à Maria. Esta planta era utilizada para facilitar as regras menstruais, conferindo ainda a castidade, ou seja, esta planta conduz as funções sexuais ao domínio do Eu, restabelecendo seu ritmo. Além disso, suas indicações são semelhantes às do "tomilho verdadeiro": atua na tosse, coqueluche, tonifica os nervos e é anti-espasmódico; câimbras do estômago, asma e epilepsia fazem parte de suas indicações terapêuticas. Banhos desta planta são indicados para crianças de constituição débil ou escrofulosas.

---

# **Bardana**

***Arctium lappa* L.**

***Asteraceae (Compositae)***

Sob ponto de vista antropológico



Com sua forte raiz de cerca de 50 cm, a bardana medra em solos úmidos e fofos de montes de terra que ela encontra ao longo de cercas, montes de cascalhos, trilhos de estradas de ferro e rodagem, desde que nesses locais haja muita luz. As folhas inferiores são muito grandes, sem nenhum espinho, em forma de coração, e são substituídas, à medida que o caule ascende e se ramifica, por folhas diferentes, apertadas contra o caule; no auge do verão, o vegetal fica completo com todas as folhas e com numerosos capitulos que lembram pertencerem aos cardos por seus pequenos espinhos retorcidos. As folhas são então liberadas de qualquer luta contra o impulso endurecedor, pois elas só têm um forte teor de mucilagens.

A bardana está presente, por sua extrema vitalidade, em substratos pobres e ressecados pela luz. Ela só possui a tendência cardo em suas flores. A raiz e as folhas foram utilizados como remédios conhecidos há muito tempo, e nelas encontrou-se mais tarde um pouco de óleo essencial, taninos, substâncias amargas, mucilagens. A raiz, *Radix bardanae*, é ainda hoje um constituinte das espécies lenhosas (tisanas lenhosas). A tintura da raiz, dinamizada homeopaticamente, vem sendo empregada contra afecções dermatológicas (acne, furúnculo, eczema do couro cabeludo) e nos bloqueios do metabolismo.

vide também: [Cardos medicinais](#)

# Cardos Medicinais

(Sob ponto de vista antropológico)



O tipo compostas assume um aspecto particular na sub-família dos cardos. Eles são geralmente plantas imponentes, que crescem sobretudo nas estepes pobres e secas da região mediterrânea e do Oriente próximo, na Rússia meridional e Ásia central. Poderíamos denominar esses vegetais como "Os cactos do leste".

Na verdade, quando a América é representada através de seus cactos, a África através de suas Euforbiáceas e a Ásia através de seus cardos, algo das forças formadoras dessas zonas terrestres aparece. O inchaço aquoso do tipo cactus, que engole literalmente o caule e a folha numa bola caulínica, e libera só as suas extremidades em forma de agulhões espinhosos, é o tipo absolutamente oposto do cardo, onde o órgão da luz e do ar, a folha, se desenvolve de maneira predominante e se endurece exteriormente. O cactus se concentra e se petrifica no domínio dos éteres químicos e de vida; o cardo se endurece no domínio do éter e da luz.

Em todas as folhas, encontramos ritmicamente o líquido e o ar; o éter químico e o éter de luz interferem ritmicamente na folha. Uma folha normal é mais viva na base e menos na ponta; acontece uma ligeira desvitalização das bases para os bordos e as extremidades. A folha de cardo exagera nesse processo; a ponta e os bordos endurecem e, quanto mais as folhas, quase sempre muito grandes, são recortadas, mais elas são espinhosas. Pelo fato que, ao endurecimento da periferia se opõe um limite à sua dilatação e crescimento, a folha toma freqüentemente uma forma ondulada e

convexa: cada folíolo, e mesmo as nervuras foliares, se tornam coriáceas, carnudas, enquanto que a substância permanece mole e viva no interior da folha. O fluido de vida vai secando na ponta, à medida que o cardo penetra na claridade aérea e seca.

O cardo produz o elemento folha, mas essa planta escapa, de certa maneira, da atividade do elemento foliar, por um crescimento de seu caule até a região floral. Dessa maneira, o caule traz consigo forças foliares que dão ao caule suas "asas" (caules alados), se bem que esses caules são freqüentemente espinhosos. Mas a flor, que é um grande capítulo bem formado, abundante, é a meta principal de todo o processo. As folhas dos involúncros, freqüentemente espinhosas, fazem o capítulo do cardo parecer um pequeno cactus. O capítulo se encolhe em direção à sua ponta, e de seu colarinho surgem floretas tubulares, longas e finas. As flores, em lígulas, estão ausentes. A cor das flores é mais freqüentemente um rosa-violáceo de caráter puro, próprio, desprovido de qualquer paixão, um pouco como a turmalina no reino das pedras preciosas.

O odor é delicado, suave, seco, nobre. Observando um grande *Onopordon florido*, uma alma inocente teve uma sensação sutil desse vegetal e exclamou: "um penitente que se purifica!". E essa exclamação encontra o seu lugar aqui, mesmo que o antropomorfismo seja sempre injustificado na observação da natureza. Segundo Goethe, a natureza fala a todos os nossos sentidos, sejam eles conhecidos, pouco conhecidos, ou mesmo desconhecidos.



Os aquênios dos cardos são capazes somente de vôos breves, a despeito de seus pelos sedosos, devido a seu porte e peso. A inulina, que é o carboidrato das compostas, é abundante nos cardos; além disso, eles contêm substâncias amargas aromáticas. Nós deveríamos procurar a sua ação terapêutica entre a organização metabólica e a organização rítmica; ela consiste em liberar e vivificar os ritmos freados, endurecidos. Marte, Júpiter, e o Sol estão particularmente ativos nos cardos, e o efeito do remédio será dirigido aos órgãos correspondentes. Os *Cirsos* tendem à umidade, os *Onopordons* à seca desértica; os cardos, propriamente ditos (*Carduus*), crescem de preferência nas estepes; o gênero *Carlina* se encontra nas altas montanhas; a alcachofra é uma variação que cresce em terras cultivadas.

Vide também: [Arctium lappa](#)- Bardana  
[Carduus benedictus](#) e [Carduus marianus](#)  
[Cynara scolymus](#)- Alcachofra  
[Onopordon acanthium](#)- Onopordon



## **Cardo-santo**

***Cnicus benedictus* L.**

**Syn.: *Carduus benedictus***

***Asteraceae (Compositae)***



Planta anual com caule piloso, ramificado, apresentando folhas espinhosas, dentadas-lanceoladas, alternas. As ramificações do caule terminam em capitulos de flores amarelas (em baixo à direita). O fruto é um aquênio com pêlos (em baixo a esquerda). A espécie, originária das regiões mediterrâneas orientais e das zonas vizinhas da Ásia, é utilizada, desde o século XVI, no tratamento das doenças pulmonares e contra a peste. As necessidades de matéria-prima são satisfeitas mediante culturas nos campos.

São colhidas as cimeiras um pouco antes da floração, e esta colheita pode repetir-se até cinco vezes por ano. É necessário usar luvas. Também podem ser apanhadas as folhas, que fornecem uma matéria ativa de qualidade superior. São secadas à sombra ou num secador, a 40°C no máximo. Têm um gosto amargo e devem ser conservadas em invólucros fechados. Contêm um suco amargo, a cnicina, um óleo essencial, taninos, mucilagem; as suas cinzas são ricas em minerais. O cardo-santo, tomado puro em quantidades muito pequenas ou em mistura, serve para tratar as perturbações do sistema digestivo, aumenta o apetite e estimula a secreção da biliar, assim como dos sucos gástricos. É igualmente carminativo e adstringente, estimula as funções hepáticas e tem efeitos antibióticos. No entanto, em doses elevadas, irrita os rins, o que se pode manifestar através de vômitos e de uma sensação de sufocação. O uso do cardo-santo é desaconselhado às mulheres grávidas.

O cardo-santo tem igualmente utilizações industriais: serve para fabricar licores amargos e era usado antigamente na preparação da cerveja.

vide também: [Cnicus benedictus](#) sob ponto de vista antroposófico.

---



## **Cardo-de-santa-maria**

***Silybum marianum* L.**  
***Asteraceae (Compositae)***



Planta anual ou bienal caracterizada por um caule alto e ramoso, apresentando folhas sésseis, alternas, manchadas e com espinhos. Na extremidade dos ramos, encontram-se capítulos solitários de flores violáceas e tubulosas. Os frutos são aquênios com coroa. A espécie é originária das regiões mediterrânicas e freqüentemente semeada nos jardins campestres, a título ornamental ou medicinal. Naturalizam-se muitas vezes nos arredores. Os seus efeitos medicinais são conhecidos desde a Antiguidade: a planta era então usada para tratar a vesícula biliar e o fígado.

As partes mais importantes, do ponto de vista farmacêutico, são os frutos, os aquênios. Os capítulos são colhidos inteiros, à mão, quando amadurecem. Depois de estarem secos faz-se cair os aquênios mecânica ou manualmente, antes de proceder à sua limpeza. Contêm lipídios, albuminas, óleos essenciais e flavonóides importantes, a silibina e a silimarina. A maior parte da produção é tratada pela indústria farmacêutica e transformada em tinturas, gotas, pastilhas, etc., apresentando um teor em matérias ativas exatamente conhecido. Usados pelo médico, estes produtos são remédios eficazes contra as afecções da vesícula biliar; são colagogos e regeneradores do tecido hepático afetado por diversas lesões. A medicina popular emprega os aquênios para preparar uma decocção a 2%, que deve ferver durante 8 minutos, sendo tomados 2g a 6g de aquênios por dia. Esta decocção estimula a função hepático-biliar e é febrífuga. A ingestão de frutos moídos (pó), ou mesmo a mastigação esporádica de frutos inteiros, têm os mesmos efeitos.

vide também: [Silybum Marianum](#) sob ponto de vista antropológico.

# Alcachofra

***Cynara scolymus* L.**

***Asteraceae (Compositae)***

**Sob ponto de vista antropológico**



açúcar no sangue. A diurese também é aumentada.

Intensificando a digestão das proteínas, ela impede toda proteína estranha de penetrar no sangue, o que ocasionaria a albuminúria, podendo ser usada nessa afecção.

Em seu conto da serpente verde, Goethe conta que o barqueiro que carregava as pessoas de uma margem à outra do rio pedia, como pagamento, Cebolas, repolhos e alcachofras, ou seja, legumes colhidos sob a terra (cebola), rente à terra (repolho), e sobre a terra (alcachofra), todos provindos de um inchaço quase embrionário (brotos) do elemento "folha", nas regiões da raiz, do caule, e da flor. Ele os denominou, nessa ocasião, de "frutos da terra", são as forças vitais acumuladas (e não esbanjadas em desenvolvimentos exteriores) que fazem a "virtude" desses legumes. As da alcachofra vivificam a nutrição e os órgãos da nutrição.

Vide também: [Cynara cardunculus](#).

Vide também: [Cardos medicinais](#).

Essa planta é originária das regiões mediterrâneas e cultivada desde a antiguidade como alimento e produto dietético, nessa zona. Esse grande e belo cardo revelou recentemente propriedades terapêuticas que concernem ao fígado. Ele forma, de início, quando sai da semente, uma raiz e uma roseta de folhas. Depois ascendem do rizoma vivaz folhas grandes, longas, profundamente e muitas vezes divididas, que se curvam em forma de arcos, com extremidades espinhosas. No começo do verão, vemos amadurecer de seu bouquet uma haste floral relativamente curta, que contém grandes capitulos azuis ou violáceos. As pequenas flores tubulares têm um odor fino, mas forte, suave e seco. A base das folhas do involúcro, assim como o receptáculo, se tornam carnosos, inchados. A variedade próxima, denominada cardo, desenvolve e torna carnosas as nervuras das folhas.

Na raiz e na folha da alcachofra se encontra uma substância amarga (cinarina), com fracos princípios aromáticos, mucilagens, taninos, relativamente muita pró-vitamina A, um pouco de B1, uma enzima (cinarase) que coalha o leite: ela começa a digestão das proteínas do leite, mesmo na proporção 1:150.000, e é utilizada nos países meridionais, na fabricação de queijos. Além disso, graças às substâncias amargas e carboidratos, essa planta incita o Eu e o corpo Astral a intervir energicamente nos órgãos digestivos, principalmente no fígado; ela favorece a formação da bile e seu escoamento, mas igualmente os processos construtivos do fígado; ela estimula a ação desintoxicante desse órgão; abaixa a taxa de





## **Cardo-santo**

***Cynara cardunculus* L.**  
***Asteraceae (Compositae)***



Planta herbácea perene com um caule gigantesco, ereto, densamente coberto de folhas espinhosas e lanceoladas. Estas folhas são glabras na face superior, brancas e tomentosas na face inferior. Os caules terminam em capítulos globulosos, espinhosos, compostos de lígulas azul-violeta. O fruto é um aquênio com penugem (figuras pormenorizadas em baixo). A espécie, originária da bacia mediterrânica, era já conhecida dos antigos Egípcios, Gregos e Romanos. Atualmente, é cultivada como legume, sobretudo na zona sudoeste da Europa.

Para fins medicinais, são colhidas as folhas, apanhadas à mão na época de floração plena. São secadas, estendidas sobre grades, à sombra, eventualmente num secador, a 40°C no máximo. As folhas secas contêm um suco amargo, a cinarina, mucilagens, taninos, ácidos orgânicos e vitamina A. Todas estas substâncias são colagogas e têm um efeito benéfico nas doenças das vias biliares e hepáticas. São usadas igualmente com sucesso contra a icterícia, cujos sintomas desaparecem mais rapidamente. As folhas reduzem a taxa de açúcar no sangue e são usadas como adjuvante no tratamento da diabetes. Têm efeito antisclerótico e servem também para fabricar bebidas amargas e licores. O suco fresco é utilizado externamente para tratar eczemas e erupções cutâneas.

Da *Cynara cardunculus*, consomem-se, como legumes, os pecíolos e as nervuras esbranquiçadas das folhas, enquanto uma outra espécie, a alcachofra (*Cynara scolymus* L.), é cultivada pelos seus espessos receptáculos forais.

vide também: [Cynara scolymus](#) sob ponto de vista antropológico.

# Onopordon

***Onopordon acanthium***  
***Asteraceae (Compositae)***  
Sob ponto de vista antroposófico



Ele é o mais imponente, um verdadeiro "Eu dos cardos"! Provavelmente originário dos mesmos locais que os outros cardos já estudados, ele passou pela Inglaterra e Escócia para se difundir por toda Europa central, Rússia meridional, até a Ásia ocidental, se bem que no Oeste da Europa, ela só apareça raramente. As dunas arenosas ao bordo do mar, a planície húngara, a Ucrânia, todos os países com breves chuvas de primavera seguidas de um verão seco e ensolarado, agradam o Onopordon; então ele forma verdadeiras "florestas"

O Onopordon é o cardo que se aproxima mais do tipo. Da semente que cai no outono brota inicialmente uma vigorosa roseta de folhas que alimentam o crescimento de uma forte raiz Pivotante. A planta começa a conquistar as profundezas e o plano horizontal. Suas folhas são longas e largas, com bordos de grandes lobos triangulares, e ritmicamente ondulados. As nervuras dessas folhas continuam além do bordo, e se endurecem formando espinhos. Essas folhas, de um verde prateado, se dispõem em triângulos. Na primavera seguinte, a roseta assume ainda mais importância, até que no começo do verão, um potente impulso leva a folha para o alto. A diástole ou expiração se sucede a uma longa sístole ou aspiração (que simbolizam a profundidade e a largura). A vertical, o princípio-caule, reina doravante, entretanto com ramos secundários cheios de força. A planta ultrapassa a altura de um homem sem parar de irradiar, até que produza grandes capítulos esféricos, providos de espinhos.

A força foliar penetrada na região dos caules, produz, ao longo deles, grandes asas, inchadas, espinhosas, com dois lados; ao limbo desaparece pouco a pouco nessa formação de asas caulinares, até que restem apenas lobos terminais saídos do caule. Mas o princípio-folha permanece até a ponta extrema de cada ramo, e passa finalmente ao capítulo. Este surge a partir de um colarinho composto por uma multidão de floretas

tubulares rosa-violeta, estreitas, e profundas. Ele emana um perfume sutil, delicado e nobre.

O Onopordon é o mais rítmico de todos os cardos. O que o caracteriza é a relação completa entre um rico aparelho foliar e uma abundância de flores, o equilíbrio dinâmico entre o baixo e o alto, a síntese dos ritmos foliares (etéricos) e florais (astrais). Rudolf Steiner ensinou a preparar a flor de Onopordon, associada com a flor de Primula e Hyosciamus, em um importante remédio para o órgão rítmico por excelência, o coração, desde que ele esteja perturbado. Como flor, o capítulo do Onopordon age sobre o metabolismo através de suas substâncias aromáticas amargas, ele atrai o corpo astral e o eu nos processos etéricos do metabolismo (estimulando-os) na direção do sistema rítmico e leva para o ritmo orgânico suas forças estruturantes. Efetivamente, o conflito entre as forças plasmático-fluidas, e as forças estruturantes-luminosas conferem a essa planta a sua característica típica.

Vide também: [Cardos medicinais.](#)



# Losna

## ***Artemisia sp. L.*** ***Compositae (Asteraceae)***

### **Compostas contendo substâncias amargas terapêuticas: As losnas**

**Sob ponto de vista antropológico**

As 200 espécies do gênero *Artemisia* (losna), nascem do encontro do tipo compostas com o meio seco e quente das regiões mediterrâneas e do Oriente próximo. São essencialmente vegetais das estepes, voltados à influência do ar. Ao gesto de dilatação herbácea se junta o da irradiação, da volatilização; a flor é anemófila (polinizada pelo vento). A esfera floral utiliza o instrumento do ar seco, quente, fortemente iluminado; ela entra em contacto com as forças etéricas da losna que lhe atraem, e ela desce profundamente. Daí uma grande quantidade de pequenas flores sem lígulas, de aspecto insignificante, mas aromatzadas e amargas, apresentando uma raríssima síntese de óleos essenciais e de substâncias amargas; Essas plantas florescem no fim do verão. Elas são aquecedoras (vermute significa provavelmente warmwurz, raiz quente, e é o nome da losna em alemão) e estimulantes de todo o trato digestivo, graças a atração exercida sobre o corpo astral. Esta é a principal ação dos extratos dessas plantas, Elas favorecem, além disso, o fluxo biliar, mas quando a sua ação é muito forte, se torna tóxica, ela pode atingir a parte "superior" do corpo astral, a que está ligada ao sistema nervoso e ao cérebro. Aparecem então vertigens, crises epiléptiformes, câibras musculares, etc.

### ***Artemisia vulgaris***

A *Artemisia*, cuja forma é harmoniosa, é uma erva daninha encontrada em toda Europa, até o Cabo Norte, na beira dos caminhos, dos bosques, dos terrenos baldios, etc. De seu vigoroso rizoma ascendem numerosos talos retos, providos de pequenas folhas recortadas; em lobos agudos, de um verde-marrom na ponta, brancas e lanosas embaixo. Elas brilham, de certa maneira, numa multidão de pequenos capítulos aéreos de cor amarelo-acinzentada. Bem conhecida de nossos antepassados como planta curativa e mágica, a *Artemisia* revelou aos cientistas modernos um conteúdo interessante de inulina, tanino, essências (contendo cineol), resinas e substâncias amargas, mas ela é mais áspera em seu gosto do que amarga, e pouco aromática. É empregada na fraqueza gástrica, nos espasmos dos órgãos digestivos, na amenorréia, seu rizoma é um dos mais antigos remédios contra a epilepsia.

### ***Artemisia absinthium* - Losna - Absintho**

As regiões de estepes próximas do Mediterrâneo são as verdadeiras pátrias do absintho (em alemão wermut). Mas ela está difundida em toda a Eoropa e Ásia, até o sul da Noruega, sobre os solos pedregosos, móveis, quentes, ensolarados e ricos em nitrogênio, nas ruínas, vinhas, etc.



Seu rizoma vivaz emite numerosos talos em forma de arbusto; eles são guarnecidos, sem muito luxo, de folhas verde-escuras e prateadas, recortadas em lobos obtusos, delicadamente ornadas de pelos sedosos. Tais talos se terminam em pedúnculos muito ramificados e com muitos pequenos capítulos caídos e amarelados que florescem no fim do verão.

Esta planta medicinal já era conhecida pelos antigos egípcios. Imaginava-se que a melhor variedade crescia na beira do mar Negro. Mais tarde, foram encontradas substâncias amargas (glicosídeos absintina e anabsintina), tanino (sobretudo na primavera), resinas, óleos essenciais (0,5 a 1% com tuiona, tuiol, pineno, felandreno, azuleno), vitaminas (C e B2), e, nas cinzas, nitratos e sílica. A planta é extremamente amarga e seu perfume severo revela as forças que compõem aqui uma harmonia, única em seu gênero, entre o amargo e o aromático.

Os medicamentos tirados do absinthe florido regularizam a intervenção do corpo Astral e do Eu no sistema digestivo; combatem a falta de apetite, a dispepsia, a falta de acidez gástrica ou seu excesso, a "preguiça" do fígado e da vesícula biliar. Eles aliviam a dor e as cólicas. A energia e a alegria de viver são aumentadas. O poder de auto-defesa contra as doenças aumenta. Os alimentos são melhor utilizados. De alguma maneira, essa ação lembra a do arsênico, que energiza o corpo astral.

O licor destilado dessa planta é muito tóxico e seu uso crônico acarreta efeitos que Rudolf Steiner descreve assim: "O absinthe incita os líquidos do organismo humano a se rebelar contra o correto acolhimento do elemento aéreo. Assim, quando eu tenho absinthe no corpo, eu não posso mais integrar convenientemente a configuração aérea em todas as partes do corpo... Então, o ar ronca como num gargarejo por todas as partes do organismo, fica separado do resto, fica bloqueado em vários locais... Isso provoca uma sensação agradável, pois o ar não precisa trabalhar. Quando o ar penetra convenientemente no líquido, então deve ser realizado um trabalho, senão ele não alimenta o corpo como deve fazer. O homem então, pouco a pouco, se sente tão bem quanto um porco. No porco existe isso de especial, ele assimila ar o tempo todo, mas não o assimila bem. Ele tem também uma respiração curta. Ora, da mesma maneira que o éter está difundido no líquido, o anímico está difundido no elemento aéreo... a alma, ou o corpo Astral. Absorvendo ar, o homem toma para si a alma... Quando o ar "ronca" nele e fica separado do resto, o homem se sente à vontade. Mas o anímico não está no corpo para servir ao prazer e ao bem-estar do homem. Ele deve trabalhar nos órgãos, trabalhar de maneira correta para que o coração e os órgãos sejam convenientemente alimentados. Quando, porém, o ser humano impede o anímico de se expressar, e o faz "divertir-se" pelo corpo, ele se sente "feliz como uma porca", mas os seus órgãos não são alimentados como se deve..". Rudolf Steiner explica em detalhes que o consumo de absinthe prejudica terrivelmente os órgãos da reprodução, e que entregar-se a essa bebida é sinal de uma profunda decadência: "os filhos de seus "bebedores" estão expostos a todo tipo de doença".



### **Artemisia abrotanum**

O Abrotanum, que é a mais aromática das espécies de Artemisia, é originária da Europa meridional e da Ásia maior, mas podemos encontrá-la na Europa central em solos quentes, nutritivos, fofos e arenosos. Os lobos das folhas muito recortadas formam um feixe filamentososo. Desse bouquet plumoso emana um odor forte, refrescante, salino, aromático, com um gosto de fundo semelhante ao do limão, muito ácido. Ele produz suas panículas muito frouxas de inflorescências, com minúsculos capítulos compactos, inclinados, reunidos em pequenos cachos. Essa planta, cuja parte inferior se lignifica, floresce do meio do verão até o outono, ou quando o sol está declinando em seu ciclo anual.

É certo que o elemento astral, nessa planta, age ainda mais fortemente sobre o físico-etérico que as outras artemisias descritas anteriormente. O fator aquecedor é mais ativo, ao passo que o sabor amargo está em regressão. Além das substâncias amargas, encontramos um óleo essencial abundante, e um alcalóide, a abrotina. A ação digestiva diminui em detrimento da ação aquecedora, diurética (que estimula a atividade do corpo astral em favor das secreções), utilizamos o Abrotanum em processos exsudativos e na ascite; além disso, na tuberculose do peritônio e do mesentério; contra os espasmos do corpo astral na organização respiratória: dispnéia, asma, que podem ser influenciadas favoravelmente. Em uso externo, essa planta pode contribuir de maneira intensa para a cura de frieiras.

### **Artemisia cina**

Devemos procurá-la não somente nas estepes, mas nas estepes salinas, entre o mar Cáspio e o mar Aral. Junto com os processos salinos reina lá um ar seco, fortemente iluminado e aquecido; é o meio que agrada essa espécie de Artemisia, espécie de arbusto que cresce até a altura de nossos joelhos, se lignifica embaixo, com folhas pequenas, muita encolhidas, divididas duas vezes na parte de baixo da planta, simples, e com pelos cinzas no alto; logo aparece uma inflorescência muito ramificada. Os capítulos amarelados medem alguns milímetros, e são numerosos.

Encontramos um óleo essencial contendo santonina (lactona biterpênica). A ação

desta substância sobre o intestino e vesícula biliar é tóxica (a bile é levada até o sangue); ela provoca na organização superior uma hiper anemia cerebral, espasmos epiletiformes, vertigens, dilatação das pupilas, alucinações e delírio. Utilizamos o poderoso poder parasiticida da Artemisia cina. Seus capítulos secos são um dos vermífugos mais eficazes que se conhece. A droga recebe também o nome de "semen contra".

### **Artemisia dracunculus - Estragão**

Nessa espécie, o gosto amargo é muito atenuado, o aromático predomina, com um gosto docemente apimentado, lembrando o anis. Não se trata de uma planta medicinal, mas uma planta condimentar delicada; seu porte é esbelto, suas folhas são inteiras, estreitas; mencionamos nesse item o estragão apenas para mostrar a grande variedade do gênero artemisia.

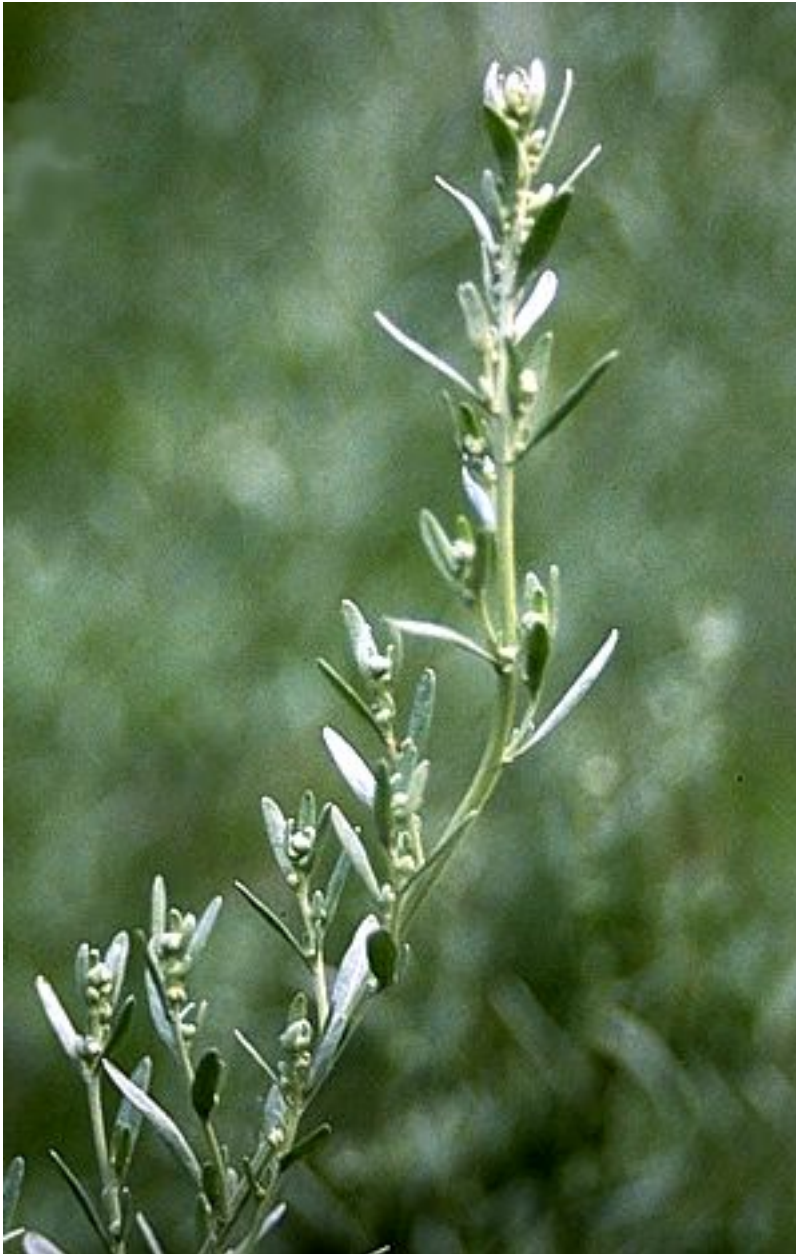
Vide também [Artemisia absinthium](#).





# **Absinto**

***Artemisia absinthium* L.**  
***Compositae (Asteraceae)***



Planta perene bastante folhosa, com caules eretos e folhas penatipartidas alternas. Toda a planta está coberta de penugem cinzenta-prateada. Os caules terminam em panículas de capítulos amarelos. Os frutos são aquênios. O absinto cresce na Europa, Ásia e África, em locais secos, entre as associações herbáceas, como erva daninha. É utilizada desde a Antiguidade para tratar perturbações digestivas.

Colhe-se o caule com folhas, que é cortado a cerca de trinta centímetros do cimo do caule. Arrancam-se ao mesmo tempo as folhas da roseta e do resto do caule. A principal substância ativa é um óleo essencial que contém tuiona e tuiol, um suco amargo, a absintina, ácidos orgânicos e taninos. As partes ativas são muito amargas. São utilizadas em tratamentos internos, quer puras quer misturadas, para estimular o apetite, a secreção dos sucos gástricos e da biliar, contra as cólicas intestinais e os parasitas intestinais (como estomáquico, amargo e colagogo). Prepara-se uma infusão à razão de uma ou duas colheres de café de caules cortados por chávena de água ou consome-se diretamente o pó na dose de um grama três vezes por dia. A decocção de absinto é utilizada em gargarejos e compressas sobre as contusões. O caule fresco permite isolar o óleo essencial que entra na composição de uma tintura para aliviar as câibras. Um consumo prolongado, sobretudo de bebidas alcoólicas à base de absinto, provoca habituação que se manifesta por câibras, perdas de conhecimento e mesmo perturbações nervosas irreparáveis.

## **Recente Pesquisa Sobre a Bebida Absinto**



Os ricos podem ser diferentes, como diz o ditado, mas os criativos são mais diferentes ainda. O que passa pela cabeça de um artista ou poeta é um mistério. Agora, no entanto, pesquisadores da Universidade da Califórnia em Berkeley, nos EUA, aprenderam um pouco mais sobre o que havia dentro das cabeças dos artistas e poetas mais famosos do mundo. Os cientistas identificaram o mecanismo pelo qual o absinto, licor preferido de Van Gogh, Rimbaud, Baudelaire, Toulouse-Lautrec e outros, afeta a mente. Ele faz os neurônios "dispararem" à toda. Há muito se sabe que o absinto, um destilado de ervas, verde-esmeralda, pode causar convulsões, alucinações e surtos psicóticos; seu uso crônico, danos neurológicos permanentes. O absinto foi considerado a causa do comportamento bizarro de Van Gogh e outros, tendo sido proibido em muitos países no início do século 20.

A pesquisa é a primeira a mostrar como o principal componente tóxico do licor (que não é o álcool) causa o dano. O componente químico, alfa-tuiona, tem uma espécie de efeito negativo duplo sobre o cérebro. Ele bloqueia um receptor que já foi ligado a uma forma de epilepsia. Em condições normais, esse receptor inibe a excitação das células do cérebro, regulando o fluxo de íons (átomos com carga elétrica) de cloro. Bloqueando o receptor, a tuiona permite que as células cerebrais permaneçam excitadas, "disparando à vontade". Kann Hold, uma das autoras do estudo, publicou na revista "PNAS" (Proceedings of the National Academy of Sciences) de Abril de 2000 que "Exatamente como o absinto age, tem sido uma grande dúvida há muito tempo. Ninguém havia anteriormente descoberto qual receptor era afetado", acrescentando que antigamente havia uma teoria de que o absinto atingia o mesmo receptor que o THC, princípio ativo da maconha. A nova pesquisa prova que não.

O trabalho tem mais do que interesse meramente histórico devido ao crescimento do uso de ervas medicinais. O óleo de Artemisia, que contém o componente tóxico tuiona, está presente em algumas preparações de ervas usadas no tratamento de doenças do estômago. Embora raros, acidentes por envenenamento com óleo de artemisia têm ocorrido nos últimos anos, resultando em convulsões e mesmo casos de falência do fígado. O licor de absinto ainda é produzido na Espanha e na República Tcheca, embora a União Européia limite a quantidade de tuiona em menos de dez partes por milhão. Antigamente, o absinto continha até 260 partes por milhão. No absinto moderno, o álcool, que compõe três quartos do licor, é de longe o componente tóxico mais importante.

Vide também [Artemisia](#) sob ponto de vista antroposófico.

---



## Margarida comum

***Bellis perennis* L.**

***Asteraceae (Compositae)***

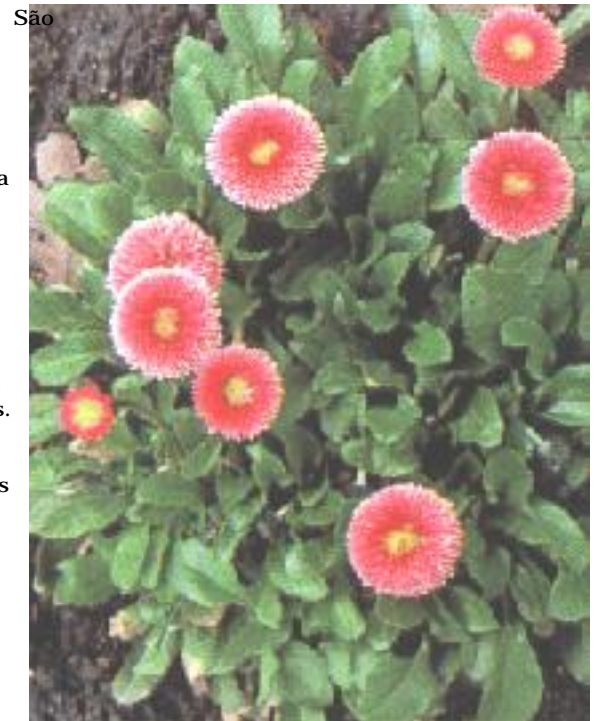


O gênero ***Bellis*** consiste de sete espécies de arbustos anuais ou perenes, nativos na Europa e mediterrâneo. Plantas deste gênero são muito cultivadas e algumas delas podem mesmo ser consideradas como bianuais. Elas são facilmente cultivadas e têm uma estação prolongada de florescimento. O nome *Bellis* vem do latim "bellus", bonito.

***Bellis perennis*** é uma planta herbácea perene que faz parte da componente adventícia dos solos com ervas em abundância. A sua roseta terrestre de folhas claviformes resiste bem à concorrência das gramíneas e de outros vegetais, produzindo na Primavera várias gerações de capítulos. Estes são compostos de flores liguladas brancas ou rosadas e de um disco amarelo de flores tubulosas. O fruto é um aquênio. É uma espécie banal, variável, abundante nos prados ao longo da Europa e da Ásia ocidental e tem uma longa história como uma erva medicinal sendo utilizada desde há muito tempo para tratar feridas e doenças do peito. Gerard escreveu em 1597 que "As margaridas mitigam todos os tipos de dores, mas especialmente nas articulações e gota, se elas forem amassadas com manteiga nova sem sal e aplicadas no lugar da aflição ..." (The Herball, or General History of Plants).

colhidos os capítulos florais, cortando-os com a unha e deixando uma pequena parte do pedúnculo, quando o tempo estiver seco. A secagem é feita sobre grades à sombra ou ao sol. Os capítulos contêm saponinas, óleos essenciais, substâncias mucilaginosas, taninos e pigmentos. A sua ação adstringente e emoliente leva a que sejam usados pela medicina popular para tratar os catarros das vias respiratórias e facilitar a expectoração. São igualmente eficazes no tratamento dos catarros do estômago e dos intestinos e reduzem as perturbações ligadas aos desarranjos intestinais. Prepara-se uma infusão a 3% que se deixa macerar durante vinte minutos e que se consome segundo a dose de 2 a 4 chávenas por dia. Uma maceração a frio tem os mesmos efeitos. É usada externamente para rupturas, veias varicosas, feridas secundárias, e olhos doloridos ou lacrimejantes. As flores das margaridas melhoram o aspecto das misturas para tisanas. Servem também para preparar compressas e banhos anti-inflamatórios, hemostáticos, reduzindo as equimoses, os abscessos, as erupções cutâneas. A decocção de folhas verdes tem os mesmos efeitos. São usadas também no preparo de um remédio homeopático usado para tratar contusões profundas.

A figura à direita mostra uma variedade cultivada denominada ***Bellis perennis*** var. ***Pomponette***.



## Picão-preto

***Bidens pilosa* L.**

***Asteraceae (Compositae)***



O gênero *Bidens* consta de cerca de 200 espécies de plantas herbáceas e sub-arbustivas, anuais ou perenes, que ocorrem no mundo inteiro. *Bidens pilosa* é uma planta herbácea, originária da América tropical, apresentando sua maior presença na América do Sul. No Brasil está presente em quase todo o território, com maior concentração nas áreas agrícolas do centro-sul, onde se constitui numa das mais importantes espécies infestantes. Também presente na costa oeste do Continente Africano e na Europa mostra presença na Península Ibérica. No Brasil meridional a planta pode ser encontrada durante todo o ano, mas a maior ocorrência é na primavera e no verão, recebendo os seguintes nomes vulgares: picão, picão-preto, picão-campo, picopico, erva-picão, fura-capá, carrapicho-de-duas-pontas, goambu, coambi, etc.. A origem do nome vem do latim "*Bidens*", dois dentes, em alusão às duas projeções agudas sobre os aquênios, e "*pilosa*" pela ocorrência de pêlos esparsos sobre as brácteas.

*Bidens pilosa* é uma planta anual, reproduzida por semente. Uma única planta pode produzir até 3.000 sementes, o que demonstra o potencial reprodutivo e infestante. É uma planta polimorfa, de aspectos bastante variáveis: plantas provindas de uma mesma planta-mãe podem apresentar flores cujos flósculos apresentam diversos tipos de lígulas, desde quase imperceptíveis até muito desenvolvidas.

As folhas são pecioladas,



posicionando-se em pares opostos, de cor verde intenso, podendo desenvolver uma tonalidade violácea em plantas mais velhas ou estressadas. A inflorescência é formada por capítulos isolados ou conjuntos de capítulos sustentados por pedúnculos de até 5 cm de comprimento. O florescimento é continuado e numa mesma planta pode se encontrar muitos aquênios maduros num ramo e flores em outro. Os aquênios, com suas farpas, prendem-se facilmente em tecidos e pêlos, facilitando sua dispersão.

Em estudos químicos e farmacológicos foram isolados hidrocarbonetos e fitosteróis, poliacetilenos com ação cercaricida e um poliacetileno, fenilheptatriino, com ação tóxica para bactérias, fungos e fibroblastos humanos, na presença da luz solar. Em ensaios farmacológicos preliminares, extratos alcoólicos apresentaram ação constritora da musculatura lisa uretina e diminuíram a pressão arterial em coelhos. Extratos aquosos administrados por via oral e intraperitonal em camundongos mostraram atividade hipoglicemiante.





As partes usadas são a planta inteira. Na farmacopéia do século passado era indicada como planta medicinal, com propriedades "estimulantes, desobstruentes, anti-escorbúticas, odontálgicas (raiz), antidesintéricas, vermífugas", sendo ainda recomendada contra icterícia, hepatite, diabetes, etc... Na farmacopéia popular, a planta é usada em infusão, quatro a cinco chávenas por dia, ou 1 colher das de chá do suco de folhas frescas por copo de água, a tomar 3 vezes ao dia, meia hora antes das refeições (icterícia e hepatite). Também é utilizada em banhos de imersão para problemas de pele. Em termos de usos culinário e econômico, a planta é usada pelos nativos da África negra como "verdura". Nas Filipinas entra na fabricação de uma bebida chamada "sinitsit". Antes da floração pode ser usada como forrageira, sendo freqüentemente dada a coelhos.

---



# **Carlina**

***Carlina acaulis* L.**

***Asteraceae (Compositae)***



O gênero *Carlina* consta de 28 espécies anuais; são encontrados também cardos bienais e perenes na Europa, regiões mediterrâneas e Ásia ocidental. *Carlina acaulis* cresce em prados nas regiões montanhosas da Europa central, sul e oriental. Seus frutos típicos são aquênios com uma plumagem para ajudar a dispersão pelo vento. *Carlina* foi denominada assim depois que Carlos Magno que teve uma visão de que a planta curaria pestilência.

*Carlina acaulis* é bienal ou perene, de porte reduzido, robusto, raiz longa e uma roseta de folhas espinhosas de cerca de 30cm de tamanho. As flores, em formato de disco, são cercadas por brácteas prateadas, aparecendo no verão.

*Carlina* era uma erva importante nos tempos medievais, classificada como antídoto para envenenamentos. É pouco usada hoje, desde que existem cardos mais efetivos como *Cnicus benedictus* e *Silybum marianum*. Em áreas rurais, os receptáculos são usados na alimentação como substituto para corações de alcachofra.

As partes usadas são as raízes. Uma erva tônica que beneficia o fígado, a vesícula biliar, o sistema genito-urinário e a pele. A erva é usada interiormente para retenção de líquidos,

fígado, vesícula, problemas de próstata, bronquite e problemas de pele, como acne e eczema.

---

## Fidalguinhos

***Centaurea cyanus* L.**

**Syn.: *Cyanuci segetum* HILL.**

***Asteraceae* (*Compositae*)**



Para fins medicinais, são colhidas as flores isoladas: arrancam-se à mão, uma a uma, em dias com bastante sol. São secadas em camadas finas sobre grades de canas, à sombra, num local bem arejado, ou num secador à temperatura máxima de 35°C. Depois de secas, devem ser conservadas em local seco e na obscuridade. Contêm pigmentos orgânicos, o mais importante dos quais é a centaurina, um glicosídeo, a cicorina, saponinas, mucilagens e taninos.

Emprega-se como diurético e estimulante do metabolismo. Os fidalguinhos entram na composição de tisanas para regular a digestão e tratar perturbações gástricas. As flores secas servem igualmente de corantes em certos medicamentos e misturas para infusões. O pigmento azul isolado é utilizado na indústria cosmética. Em uso externo, os fidalguinhos servem para preparar banhos destinados a tratar feridas e afecções ulcerosas, conjuntivites, feridas secundárias, úlceras de boca, sendo também adjuvantes nas loções capilares.

***Centaurea cyanus*** é a erva melhor conhecida do gênero. ***Centaurea scabiosa***, de maior porte, ***Centaurea nigra*** e ***Centaurea montana***, todas têm propriedades semelhantes.

Cerca de 450 espécies anuais, bianuais, perenais e sub-arbustos compõem o gênero ***Centaurea*** que ocorre nas regiões mediterrâneas, Eurásia, América do Norte e Austrália; Várias espécies são cultivadas como ornamentais por suas flores parecidas com cardos que são coloridas e brilhantes. O nome *Centaurea* foi atribuído porque o legendário centauro, Chiron, conhecido pelo seu conhecimento de ervas, foi o primeiro que revelou suas propriedades curativas.

***Centaurea cyanus*** é uma planta anual com caule ereto, ramificado, apresentando folhas lineares alternas. Os capítulos de flores tubulosas azuis aparecem na extremidade do caule. Os frutos são aquênios com pêlos. A espécie é originária das regiões mediterrâneas e é encontrada em campos de cereais e lugares não cultivados da Europa e Ásia ocidental. Difundiu-se por todo o mundo com as culturas cerealíferas. No entanto, o uso de herbicidas torna-a cada vez mais rara desde há alguns anos. É uma excelente planta melífera.





## **Macela-dourada**

***Chamaemelum nobile* (L.) ALL.**

**syn.: *Anthemis nobilis* L.**

***Asteraceae* (*Compositae*)**



Planta herbácea perene com caule rasteiro e ramificado, sustentando folhas alternas muito segmentadas. O caule termina num capítulo formado por flores liguladas periféricas e tubulosas centrais ou, nas variedades melhoradas e mais procuradas, unicamente por flores liguladas.

São colhidos os capítulos desabrochados, quando o tempo está quente e seco, à mão ou com um instrumento simples que permita cortar a flor sem o pedúnculo. É preciso ter cuidado para não esmagar os capítulos colhidos; são secados sobre grades de canas, a sombra, ou num secador a uma temperatura que não ultrapasse os 35°C. Depois são conservados em invólucros fechados. Contêm um óleo essencial rico em azuleno, sucos amargos, glicosídeos, colina. São usados pelas suas virtudes anti-inflamatórias, desinfetantes e diaforéticas. Têm como efeito acalmar o sistema nervoso, reduzir as contrações musculares, especialmente nas afecções ginecológicas. Prepara-se uma infusão a 2% que é filtrada passados quinze minutos e da qual se consome até 3 chávenas por dia.

Em aplicação externa, recorre-se a uma infusão até dez vezes mais forte e que só é filtrada após vinte minutos. Usa-se em tratamentos da pele e na lavagem dos cabelos louros para que o seu brilho natural aumente. A destilação das cimeiras frescas permite obter um óleo essencial largamente utilizado tanto em cosmética como para fins farmacêuticos.

A macela-dourada é também chamada camomila-romana.

---

## Matricária-discóide

***Chamomilla suaveolens* (L.) ALL.**

**syn.: *Matricaria discoidea* DC.**

***Asteraceae* (*Compositae*)**



Planta herbácea anual com caule ereto, muito ramificado e densamente folhoso. As folhas divididas são sésseis e alternas. Os capítulos aparecem isoladamente na extremidade das ramificações do caule; são de cor verde-amarelada, com um receptáculo cônico e oco, sem lígulas periféricas. Os frutos são aquênios. Toda a planta liberta um odor agradável. A espécie é originária da América do Norte e da Ásia oriental: no século passado foi introduzida na Europa através dos jardins botânicos e aí se naturalizou depois com uma rapidez fulgurante. Encontra-se à beira dos caminhos, nos pátios, nos locais abandonados. Substitui perfeitamente a verdadeira camomila nas regiões frescas onde esta não consegue crescer.

Colhe-se o capítulo, apanhado com um pedúnculo muito curto na altura em que desabrocha plenamente. Após secagem à sombra, em camadas finas, sem manipulação, obtém-se uma droga de odor agradável que deve ser conservada em recipientes fechados. Contém um óleo essencial (em menor quantidade que na verdadeira camomila), taninos, glicosídeos, um suco amargo. Possui aplicações idênticas às da verdadeira camomila, mas não é anti-inflamatória. A tisana é adjuvante no tratamento da gripe (sudorífico); é igualmente eficaz nas perturbações digestivas (desinfetante e carminativo) e expulsa os parasitas intestinais. Decocções fortemente concentradas servem para a higiene oral e para a lavagem de erupções cutâneas e eczemas.



## Almeirão selvagem Radice selvagem (RS)

*Cichorium intybus* L.

*Asteraceae (Compositae)*

Sob ponto de vista antropológico



A forte e longa raiz se enterra no solo e porta uma vigorosa roseta foliar que lembra a do *Taraxacum*, mas suas folhas são menos exuberantes e mais retraídas. A inflorescência se ramifica muito, quase que com ângulos retos, trazendo pequenas folhas sésseis, atrofiadas, como que engolidas pelo caule, e os ramos separados trazem os capítulos. É um contraste marcante em relação ao *Taraxacum*. Embaixo, as folhas "se colam" ritmicamente, enquanto que na parte de cima a ramificação, tal como os chifres de um cervo, lembram um cardo. Os capítulos radiados, de um azul maravilhoso, se desenvolvem apontando para o leste; eles são sésseis, como que aplicados ao caule; eles se abrem ao sol matinal e murcham à tarde. No dia seguinte surgem novas flores que murcham à tarde. Um poder floral quase inesgotável se movimenta durante o verão, ligado às forças da manhã.

Se alguém diz que de manhã, indo de leste para oeste, esteve ao longo de seu caminho "acompanhado" pelo azul intenso das flores do *Cichorium*, é preciso retificar o que ele disse: ele não foi "acompanhado" se caminhava de leste para o oeste, pois era de manhã e tinha o sol atrás dele; estas flores o "encontravam". Uma impressão "moral" emana dessa planta: paciência, espera sempre renovada, sentimento de conformidade resignada com seu destino. A lenda diz que uma virgem, cujo bem-amado partiu para a terra santa e deveria voltar um dia do leste com o sol nascente, o esperou todas as manhãs no caminho e foi transformada nessa flor.

Seus capítulos são constituídos de floretas liguladas e curtamente pedunculadas; os aquênios, coroados de pelos curtos não plumosos, se prestam mal a um vôo prolongado. Um látex preenche toda a planta, mas sobretudo na sua raiz. Os locais de predileção dessa planta são as beiras de caminhos e campos, onde é exposta ao sol e à claridade. Ela se encontra por toda a Europa e Ásia temperada. Ela floresce de julho a setembro. Em seu látex encontramos substâncias amargas, lactucopirina, óleos, manitol, látex, lactucocírol; a raiz contém um glicosídeo, a cichurina, e uma glico-diximarina. As cinzas dessa planta contêm 20 a 30% de óxido de Potássio, cerca de 7% de SiO<sub>2</sub>, 6 a 12% de ácido de magnésio, 8 a 16% de óxido de sódio e 1 a 2% de óxido de Ferro. Rudolf Steiner Indicou que o mais importante no *Cichorium* é a maneira como participam a sílica e os sais alcalinos, em seguida as substâncias amargas e a maneira curiosa da planta elaborar o carbono.

É preciso também não se esquecer de sua natureza lactífera, que estudamos anteriormente, em relação com a organização dos líquidos, com os processos nutricionais, com o fígado e a bile. É por isso que o *Cichorium* tem um grande leque de virtudes medicinais: o estômago e o intestino devem perceber, provar, experimentar os alimentos ingeridos, tirar deles toda a vida própria e os desfazer até quase o estado mineral. Nesse trabalho colaboram as substâncias amargas dessa planta, que levam o corpo astral e o Eu em direção a esse canteiro de "demolição", para regular o trabalho e transmitir seus produtos ao

corpo etérico, que irá lhes vitalizar novamente. A falta de apetite, a fraqueza gástrica, o comprometimento dos órgãos digestivos devido às mucosidades, tem sua causa numa intervenção deficiente dos constituintes superiores. O Cichorium produz suas substâncias amargas, ao mesmo tempo que forma seu látex; tais substâncias vão até as flores. Na rápida e breve floração, podemos ver nitidamente a relação do processo floral com o metabolismo do homem.

Mas nossa planta age também na fase seguinte deste metabolismo: na gênese do sangue, do qual o fígado participa bastante intensamente. Ela age através de substâncias alcalinas que carrega em si no estado vitalizado, e que ela revela pela firmeza de seu caule. O Cichorium é um poderoso remédio homeopático, que é de grande ajuda nos bloqueios do fígado, problemas biliares (atividade biliar muito forte em direção ao interior e fraca em direção ao exterior), icterícia, estagnação do fluxo biliar, cálculos. Enfim, o intenso processo silicoso que se exprime na sua grande sensibilidade à luz, no poder que tem a flor de se voltar para o sol nascente, e também no recorte de suas folhas, agindo favoravelmente no homem, principalmente na última fase do metabolismo: a gênese de substâncias formadoras dos ossos, músculos e nervos. Os vasos sanguíneos das mucosas, da retina, do periósteo, são tonificados, a nutrição desses órgãos melhora. Cichorium é também um remédio bom em inflamações da cavidade abdominal, apêndice, e do peritônio (em associação com o Antimônio).

Vide também: [Chichorium intybus](#).

---

## Dente-de-leão

*Taraxacum officinale* web. in WIGGERS

syn.: *Leontodon taraxacum* L.

**Asteraceae (Compositae)**

Sob ponto de vista antropológico



se em seu involúcro de folhas.

Essa flor oferece às abelhas, um néctar abundante; entretanto ela não tem necessidade de ser polinizada; a formação de sua semente se faz por partenogênese. Sua bola de frutos plumosos, seu pompom que é assoprado pelas crianças, bem conhecido, parece ser uma imagem aérea e cintilante de todo o firmamento, até que o primeiro golpe de vento o disperse.

O *Taraxacum* é a imagem de uma planta de alta montanha, com seu potente rizoma, sua roseta de folhas, sua haste floral alta e nua, sua flor larga e luminosa, de perfume sutil. Apesar disso, ele cresce nos vales e planícies. Para isso é preciso que ele atraia, com uma grande força singular, energias saídas da alta esfera cósmica que só atingem as outras plantas nas altas extremidades floridas. Sua incrível sensibilidade à luz, a resposta instantânea de sua forma frente a toda mudança nas condições climáticas e outras, mostram que ele deve possuir um órgão particular para perceber esse mundo cósmico.

Todos nós acreditamos conhecer bem o *taraxacum*. Não o vemos a cada primavera, nos prados, ao longo dos caminhos e em nossos jardins no mês de maio, com seus belos capítulos dourados, tão numerosos e onipresentes? Nós pressentimos logo que ele não existe só por ele mesmo, mas parece exercer uma função importante no conjunto da vida natural. Qual a sua função? O que significa o *Taraxacum* como órgão do grande corpo da terra?

Inicialmente ele finca no solo uma raiz pivotante, forte, e profunda, de uma vitalidade quase inesgotável. As "cabeças" desse aparelho radicular emitem folha após folha, mas todas permanecem praticamente aderidas ao solo, formando uma roseta (a espiral de inserção foliar é comprimida em um círculo). Cada um de nós acredita poder reconhecer o *Taraxacum* por sua folha, entretanto nada varia mais que essa folha, em função da localização, do clima, da estação, do país, da altitude, e da natureza do solo. Sua forma-tipo se diversifica ao infinito.

Dois tendências formadoras lutam uma contra a outra: na sombra úmida, a folha permanece inteira, oval-lanceolada; na claridade seca, seu limbo se divide em lobos de forma característica: são triângulos que incidem profundamente o limbo e são justapostos regularmente; na montanha eles podem se reduzir a nervura principal e finos pedacinhos ao lado dela. Podemos medir diretamente, olhando essa folha, a ação forte ou fraca do éter de luz antagonista do éter químico.

Dessa roseta foliar se eleva, reta, sem nenhuma folha, uma haste floral oca, coroada por um soberbo capítulo irradiado, amarelo, todo solar; mas essa planta brilha apenas quando o sol está descoberto; quando o tempo está fechado, esse pequeno astro vegetal desaparece, recolhendo-



Esse órgão não é nada mais que o processo silicoso do qual já se falou anteriormente. Ele dá à vida das plantas, forças cósmicas da luz e do calor, principalmente as provenientes dos planetas superiores (Saturno, Júpiter, Marte). O Taraxactun tem um sentido para perceber essas forças. Ele chega a transmiti-las àquilo que o rodeia, quando convenientemente elaborado na preparação de compostos e preparados, como Rudolf Steiner preconizou em suas conferências que inauguraram a agricultura biodinâmica.

Tais forças da sílica e da luz se anunciam também no corante amarelo (xantofila) dessa planta, substância parente da vitamina A. Ele se encontra na folha e na flor. Segundo Rudolf Steiner, as ações da sílica são, nesse vegetal, harmoniosamente ligadas aos processos do potássio. Encontramos nas cinzas: 7% de  $\text{SiO}_2$ , 40% de  $\text{K}_2\text{O}$ , 8% de  $\text{Mg}_2\text{O}$  (que é um metal de luz), e traços de cobre e zinco.

Mas esse é apenas um lado do Taraxacum; o outro lado é sua intensa produção de látex com virtudes terapêuticas. Na primavera esse látex se faz presente em abundância nas folhas; no verão, na raiz. Pois o poder crescente do sol desloca os processos lactíferos da planta para a raiz. Encontramos no látex em questão, açúcares (inositol, manitol), óleos, látex, substâncias amargas, inulina e ceras.

O leitor deve se recordar do que foi dito do processo lactífero das papaveráceas. Nessa família, a ação luminosa e calórica se manifesta profundamente no organismo vegetal dos líquidos, se apodera de seu quimismo, alterando sua consistência.

Ao empregarmos o Taraxacum ou o seu látex como remédio, a organização humana dos líquidos é forternente tocada; a diurese aumenta, as estases aquosas do fígado são vencidas. Mas sobretudo o fígado, esse grande órgão calórico e aquoso, é que melhor responde a ela: o fluxo biliar aumenta, as estases da veia porta são resolvidas. Males do fígado de todo tipo, o inchaço, a icterícia, a coleocistopatia, estão entre as indicações médicas do taraxacum. Através de suas substâncias amargas ele age também sobre o trato digestivo, combatendo o catarro gastro-intestinal, as gastrites; enfim, através do fígado, ele normaliza a gênese do sangue. É por esse motivo que as curas do Taraxacum, feitas na primavera, são uma prática corrente na Medicina popular européia.

Vide também: [Taraxacum officinale](#)

---

## **Dente-de-leão**

***Taraxacum officinale* web. in WIGGERS**  
**syn.: *Leontodon taraxacum* L.**  
***Asteraceae* (*Compositae*)**



Planta herbácea vivaz com uma roseta basilar de folhas. No princípio da Primavera, aparecem as hastes florais terminadas por capítulos amarelos, formados exclusivamente de lígulas. Depois da floração, o capítulo transforma-se numa esfera de aquênios com coroas (em cima à esquerda). Toda a planta é percorrida por laticíferos que contêm um látex branco não tóxico. O dente-de-leão sempre foi utilizado para tratamentos oculares, como o testemunha, aliás, o seu nome genérico: taraxis = inflamação ocular.

Faz-se a colheita de raízes, caules, folhas e inflorescências. As raízes são muito bem lavadas, cortadas ao comprido e secadas a 50°C no máximo. Os caules são colhidos antes da floração, por vezes com a raiz. As folhas e as flores são apanhadas para curas depurativas da Primavera. Sobretudo as raízes, mas também as outras partes, contêm princípios amargos terpenóides, taraxacina e taraxetina, um glicosídeo, esteróis, ácidos aminados, taninos, até 25 % de inulina e cauchu. A raiz e o caule são amargos estomáquicos que estimulam as secreções gástricas e exercem uma ação colagoga. As folhas novas e frescas são ricas em vitamina C e consumidas em saladas. As flores contêm carotenóides e triterpenos. Em geléia são antitússicas, mas não substituem o mel, que é muito mais eficaz.

Vide também: [Taraxacum officinale](#) sob ponto de vista antroposófico.

---

## Almeirão silvestre

*Cichorium intybus* L.

*Asteraceae (Compositae)*



Planta herbácea perene com raiz cônica, caule ereto, ramificado e anguloso. As folhas da roseta terrestre são alongadas e roncínadas; as folhas caulinares, lanceoladas e sésseis. Os capitulos azuis, compostos apenas de flores liguladas, formam-se na axila das folhas. Toda a planta é rica em vasos laticíferos. Surge vulgarmente na Europa, África e Ásia, à beira dos campos, nas valas e nos prados, como adventícia. No Egito antigo era já considerada uma importante planta medicinal. No século XVII, era usada como sucedâneo do café.

Colhe-se a raiz das plantas selvagens. Uma vez retirada da terra, deve ser muito bem limpa, lavada, cortada em rodelas e secada rapidamente, a uma temperatura máxima de 50°C. A raiz seca tem um aroma de especiaria e gosto amargo. Contém até 20 % de um princípio amargo, a inulina, taninos e açúcares. Estas substâncias provocam o aumento da secreção biliar, estimulam a secreção dos sucos gástricos e aumentam o apetite. A decocção à razão de duas colheres de café, por chávena de água (duas chávenas por dia) é diurética, ligeiramente laxante e estimulante. Consome-se em caso de doenças hepáticas, para dissolver cálculos biliares ou renais, assim como para tratar infecções das vias urinárias. O teor em inulina tem uma ação positiva no tratamento da diabetes.

As formas e as variedades cultivadas da chicória são utilizadas como sucedâneos do café. Os rebentos são consumidos como legume. Uma espécie próxima, a endívia (*C. endívia*), é utilizada em saladas e contém uma elevada quantidade de vitamina C.

Vide também: [Chichorium intybus](#) sob ponto de vista antroposófico.

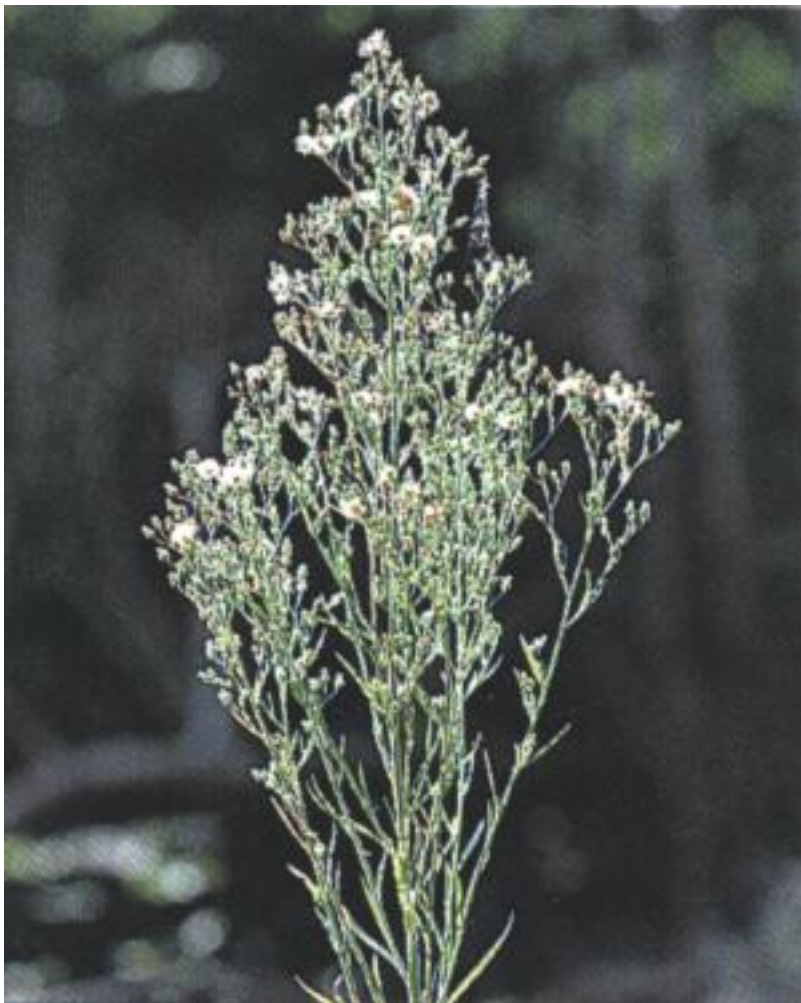


## Conizina-do-canadá

***Conyza canadensis* (L.) CRONQ.**

**syn.: *Erigeron canadensis* L.**

***Asteraceae* (*Compositae*)**



Cerca de cinquenta espécies anuais e perenais compõem o gênero ***Conyza***, nativo na América do Norte e amplamente naturalizado na Europa, Ásia, Austrália e várias ilhas do Pacífico. ***Conyza canadensis*** é uma erva daninha comum, encontrada em partes meridionais do Canadá, ao longo dos E.U.A. e na América tropical. Em 1653 foi registrado no Jardim Botânico de Blois (França do norte) e em aproximadamente 30 anos se esparramou por todas as partes, já estando na Inglaterra em 1690. Não tendo nenhum mérito ornamental, presumivelmente foi importado como planta medicinal.

***Conyza canadensis*** é uma planta herbácea anual a bienal, possuindo um caule ereto, viloso, densamente coberto de folhas lanceoladas, por vezes dentadas. A parte superior do caule é ramificada em leque e termina com um grande número de capítulos florais amarelo-claros. As flores se assemelham a cardos e aparecem desde o início verão até o início do outono. O fruto é um aquênio penugento. A planta é originária da América do Norte. Foi introduzida na Europa no século XVII e tornou-se uma adventícia desagradável dos jardins e das culturas pluri- anuais nos campos. No século XIX foram descobertas as suas propriedades medicinais. Sendo uma erva Norte-americana nativa, antes mesmo de entrar na Farmacopéia norte-americana (1836-1916), já era usada por várias tribos indígenas para espantar insetos, curar diarreia, hemorragia e irregularidades menstruais.

São colhidas as cimeiras floridas, cortando à mão as extremidades dos ramos. São estendidas em grades de canas à sombra, para secarem rapidamente. Num secador, a temperatura não deve ultrapassar os 40°C. As partes secas contêm um óleo essencial que tem como componentes principais o limoneno e um diterpeno, o terpineol, assim como taninos e colina. A conizina-do-canadá tem efeitos essencialmente adstringentes. É usada interiormente para diarreia, hemorragia, menstruação excessiva, hemorróidas, desordens renais, reclamações bronquiais e para fabricar preparações galênicas usadas em ginecologia. Externamente para eczema e outros problemas de pele.

A medicina popular utiliza uma infusão ou uma decocção de cinco colheres de chá para 1/4 de litro de água, segundo a dose de uma chávena, três vezes por dia. Ligeiramente irritante para o epitélio renal, esta tisana é diurética, o que tem um efeito favorável sobre o metabolismo no seu conjunto. O óleo obtido por destilação de plantas frescas é eficaz contra os parasitas intestinais.

---

# Equinácea

*Echinacea purpurea*

*Asteraceae (Compositae)*



Nove espécies perenes, robustas, rizomatosas, compõem o gênero *Echinacea* que é nativo dos E.U.A. oriental. *Echinacea purpurea* é uma de várias espécies, que inclui *Echinacea pallida* e *Echinacea angustifolia*, usadas por nativos norte-americanos, principalmente para tratar feridas. Em particular, as tribos das planícies consideraram a *Echinacea angustifolia* como uma verdadeira panacéia. Esta planta fez parte do repertório Nacional norte-americano (1916-50). Estas três espécies têm componentes semelhantes e são usadas de forma intercambiável. *Echinacea purpurea* é a mais amplamente usada, sendo também cultivada muito mais facilmente. É considerada o desintoxicante mais efetivo entre os medicamentos ocidentais para os sistemas circulatório, linfático e respiratório, tendo sido adotada na medicina Ayurvédica.

A *Echinacea* dá uma exibição multicolorida do meado do verão para o início do outono, e são fáceis de cultivar. O nome genérico *Echinacea* vem do grego echinos, "ouriço" e se refere à seqüência espinhosa no cone central da flor. As folhas da *Echinacea purpurea* são ovais-lanceoladas e suas flores são como margaridas com centros cônicos de cor laranja-marrom, elas ocorrem no verão e início do outono. A pesquisa e cultivo desta espécie ocorreu após a importação de sementes pela companhia herbária alemã Madaus em 1939.

As partes usadas são as raízes e os rizomas. É uma erva amarga, ligeiramente aromática, com variações, que estimula o sistema imune, promove a cura em geral e tem propriedades anti-viral e anti-bacteriana.

A erva é usada medicinalmente, internamente para doenças de pele, infecções por fungos, septicemia, gangrena, furúnculos, abscessos, feridas de difícil cura, infecções da área respiratórias superior e doenças venéreas. O excesso de consumo causa irritação de garganta. Externamente para herpes, acne, psoríase e danos causados por infecções. Frequentemente combinado com [Hypericum perforatum](#) para herpes, com [Arctium lappa](#) para furúnculos e com *Baptisia tinctoria* ou *Commiphora myrrha* para infecções na garganta.

---

## Eupatório

***Eupatorium cannabinum***  
***Asteraceae (Compositae)***  
Sob ponto de vista antroposófico



É uma planta vivaz que medra as beiras de lagos, de rios, de riachos, as florestas úmidas, canais de irrigação, na Europa central e meridional bem como na Ásia ocidental. Ela cresce no verão até um metro e meio de altura, com folhas quase sésseis. Em forma de mão, divididas em 3 a 5 lobos opostos; ela termina no alto por uma abundante panícula de flores, com uma delicada cor rosa-violeta; as floretas, filiformes, são dessa mesma cor. Essa forma que escapa do elemento úmido, se torna aérea, se volatiliza em direção ao alto, e seu odor muito sutil (um pouco "apimentado") convém a essa característica, como os aquênios de pappus plumosos. A análise encontra nessa planta, cujo gosto é amargo e picante, substâncias amargas, um pouco de óleo essencial, e resina. Esse tipo de composta se adapta num alto nível à sombra e ao elemento aquoso. Suas ações terapêuticas se dirigem à organização dos líquidos e ao órgão que lhe está ligado de muitas maneiras: o fígado.

Elas ajudam a subordinar o processo do líquido aos impulsos dos constituintes superiores do homem. Há aumento da diurese, eliminação da água "morta" na hidropsia, ascite, edema das pernas. A atividade do fígado é estimulada. Mas quando, na gripe ou resfriamento das vias respiratórias, o organismo superior está enfraquecido, e os processos do organismo inferior não são mantidos e se misturam com os do organismo superior, uma planta que possui a dinâmica do Eupatório "cria uma ordem" nos processos líquidos do organismo inferior, os religa aos impulsos da organização aérea e do corpo astral que está atuando, conforme a "assinatura dinâmica" da planta. Dessa maneira, organismo superior pode ser aliviado e apto novamente a intervenção normal dos constituintes superiores do homem. Essa ação é mais acentuada com outra espécie de eupatório.

### ***Eupatorium perfoliatum***

Essa planta habita regiões úmidas ou palustres da América do Norte e se parece muito com a precedente, mas seu aspecto é mais contraído: seus pares de folhas, situados na base, são concrescentes, não divididos, lanceolados, e seus cachos de flores são brancos. Ele é mais amargo e mais aromático que a espécie européia. A gripe, a pleurisia, a pneumonia, acompanhadas de febre forte, de abatimento e de dores torácicas, são o domínio dessa planta tão poderosa, e também, por outro lado, as coleocistopatias.

Vide foto original em:  
<http://chili.rt66.com/hrbmoore/HOMEPAGE/HomePage.html>



# Inula

***Inula helenium* L.**

***Asteraceae (Compositae)***

Sob ponto de vista antropológico



A Inula é uma composta que se destaca um pouco do tipo da família, porque ela desenvolve folhas inabitualmente grandes e numerosas. De seu rizoma ramificado ascende, atingindo cerca de um metro, um caule vigoroso, vertical, contornado por folhas longas, largas, oval-pontudas, inteiras, com bordos grosseiramente denteados. Tais folhas estão inseridas num caule que se bifurca várias vezes na parte apical produzindo na ponta de seus ramos, grandes capítulos amarelo pálido. Eles contêm, sobre um receptáculo plano, fioletas tubulares circundadas por um colarinho de fioletas ligulares muito longas e estreitas. Um pappus com longos pelos coroa o fruto. Essa planta da Europa meridional, muito marcante, se encontra nos prados úmidos. É uma velha planta medicinal muito estimada. Ela floresce em pleno verão.

Seu rizoma contém (no outono) muita inulina; seu odor é agradável, seu sabor é acre-amargo. O óleo essencial que ela contém (até 3%) tem propriedades vermífugas. Seu parente é a santonina (ver crisântemo), a cânfora e o azuleno (ver Camomila). Esta produção abundante de substâncias aromáticas nos mostra que a Inula está totalmente penetrada, desde sua raiz, por processos florais.

A ação curativa da decocção da raiz se dirige, em consequência disso, à digestão; ela combate as fraquezas e as inflamações nesse domínio; a ação reguladora do metabolismo se prolonga ao sistema rítmico, como pode-se esperar de uma planta cujo aparelho foliar é tão fortemente ritmizado. É utilizada nos catarros brônquicos com muita mucosidade, nas tosses causadas por irritação e em algumas formas da tuberculose. A decocção das flores também é usada nos catarros brônquicos com flegma, náusea, vômitos, soluços e flatulência. Combinado com mel como expectorante e com *Zingiber officinale* para problemas digestivos caracterizados por excesso de muco.

---

# Alface selvagem

***Lactuca virosa* L.**

***Asteraceae (Compositae)***

Sob ponto de vista antropológico



As forças formadoras que agem nos líquidos (éter químico) contribuem em grande parte para a configuração desse vegetal que produz uma seiva leitosa (látex). Durante o primeiro ano de vida, essa planta forma uma forte raiz pivotante voltando-se em direção a terra e à água. Sua roseta foliar lembra a do [Taraxacum](#).

A folha oval-alongada procura se dividir, assume a aparência de uma folha de cardo, com pontas franzidas ou se dividindo um pouco e suas nervuras se guarnecendo de espinhos situados abaixo da folha. No ano seguinte, tudo o que estava amontoado e mesmo prensado rente ao chão se estica em uma haste oca que sobe até a altura de um homem, portando folhas distantes entre si, horizontais, que abraçam o caule, e terminam em um panículo aéreo, com numerosas flores. Esses pequenos capítulos surgem no começo do verão, e são de cor amarelo pálido; são compostos exclusivamente por lingüetas (ligulas). As sementes são providas de apêndices plumosos na parte de cima, e se distribuem no capítulo como se formassem um guarda-chuva.

A *Lactuca virosa* vive em locais pedregosos, mas um pouco úmidos, na Europa, Ásia ocidental e África do norte. Ela emite um odor especial, narcótico, lembrando o do *Papaver somniferum*. De seu látex, recolhido depois de incisões e secado ao ar, é feito, desde tempos imemoriais, o "lactucarium" ou "ópio frio". Essa substância contém cerca 3% de substâncias amargas cristalizáveis, não nitrogenadas (lactucina, lactopicrina), traços de alcalóide, de látex, de manitol, de asparagina, ácido oxálico, málico e cítrico, um pouco de essência de cânfora, Apresenta um processo de papaveráceas que se desenvolve na esfera das compostas.

As forças formadoras do éter químico receberam nessa planta características da esfera astral, o que levou à gênese de venenos. O lactucarium possui um efeito que lembra a atropina; ele pode acalmar, aliviar as câibras ou espasmos, parar a tosse, mas ele não livra o organismo de suas mucosidades; ele também não é analgésico.

Sua ação antiespasmódica se estende aos intestinos e à bexiga, Ele incita a secreção nos edemas do fígado e na hidropsia; ele também regulariza a intervenção do corpo astral na organização dos líquidos. O lactucarium ajuda a evitar o emprego dos opiáceos; ele não induz o hábito. É um veneno, sim, mas não um estupefaciente. Ele atenua os estados de excitação, por isso é denominado "opium frigidum". Era utilizado antigamente em operações cirúrgicas (com a [Cicuta](#) e o [Hyosciamus](#)).

Veja também: [Lactuca visosa](#).

## **Cicuta-maior**

***Conium Maculatum* L.**  
***Umbelliferae (Apiaceae)***



Planta herbácea bienal com caule alto, canelado e ramificado, maculado de violeta na base e apresentando folhas alternas, bipenatissectas a tripenatissectas. Os pecíolos foliares formam uma bainha membranosa. As ramificações têm umbelas compostas terminais, formadas por diminutas flores brancas. Os frutos são diaquênios. Toda a planta é extremamente venenosa e, quando se machucam as folhas ou a planta murcha, liberta-se um odor de rato. A cicuta cresce nos silvados, nos bosques cerrados e nos locais desertos. Os seus efeitos eram já conhecidos na Antiguidade e servia para as execuções na antiga Grécia (Sócrates, por exemplo, morto em 399 a.C.).

Colhe-se o fruto. Após secagem prolongada, os aquênios são limpos e armazenados em recipientes herméticos. A colheita e ulteriores manipulações devem ser executadas com extrema prudência, sem contacto com outras plantas medicinais. A cicuta contém sobretudo alcalóides venenosos como a conina, óleos essenciais, ácidos orgânicos. Notemos, contudo, que os alcalóides são substâncias voláteis, de modo que a eficácia da droga diminui com o tempo. Dosada pelo médico, a cicuta insensibiliza os nervos sensoriais (como a nicotina ou o curare) e atenua assim as dores musculares de todos os órgãos. É igualmente eficaz no tratamento da asma. Em doses mais elevadas, pelo contrário, está na origem de dores de cabeça e, depois, de envenenamentos mortais. Externamente, serve para preparar unguentos ou supositórios analgésicos eficazes contra as dores da próstata, dos tumores ou das afecções nervosas.

Vide também [Conium Maculatum](#) sob ponto de vista antroposófico.

---



# Umbelíferas - Umbelliferae (Apiaceae)

Plantas do elemento Ar

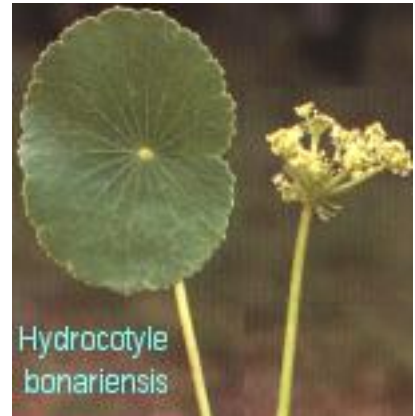
(Sob ponto de vista antropológico)



A grande família das Umbelíferas, que engloba cerca de 2.600 espécies, representa um aspecto importante do reino vegetal. Esta família, que se desdobra em 2.600 variantes, tem algo de arcaico e primitivo. Nós inicialmente tentaremos mostrar ao leitor o "tipo" fundamental da família, para posteriormente descrevermos algumas das suas variações particulares.

Achamos entre as Umbelíferas principalmente plantas herbáceas, raramente arbustos, jamais árvores. Elas não manifestam a possibilidade de incorporar o terrestre até a formação lenhosa. O que se salienta entre elas é uma riqueza inaudita de formas foliares, que não encontra equivalente em outras formas do reino vegetal. Encontramos folhas simples (inteiras), sem recortes nas bordas, apenas nas Umbelíferas que vivem na água ou nas altas montanhas (*Hydrocotyle*, *Buplevrum*).

As que gostam das florestas, da sombra e da umidade, como a *Astrantia* e a *Sanicula*, tem



folhas lobadas, denteadas ou digitadas. As folhas se dividem duas ou três vezes, nas espécies que habitam os prados e as estepes (*Ceréfólio*, *Cicuta*, *Férula*). - Finalmente, o impulso ao recorte digitado ou penado acarreta uma enorme explosão aérea. Foram contados mais de 9.000 lobos em uma só folha. O *funcho*, a erva doce, de certa maneira se "volatiliza" através de suas folhas ultra leves.

A folha é o órgão da cooperação e do confronto entre o ar e a água (aspecto material), e entre a luz e a escuridão, éter de luz e éter químico (aspecto relacionado com as forças plasmadoras). As

Umbelíferas são visivelmente muito sensíveis a este confronto. Este se faz notar nas Umbelíferas mais do que nas outras plantas. Isto é uma característica fundamental do "tipo" Umbelíferas. Enquanto suas folhas ramificadas ao extremo se irradiam através do espaço, nasce, ao mesmo tempo, um órgão subterrâneo resultante do trabalho conjunto da luz, ar, água e sais com a terra, órgão esse que se enterra vigorosamente no solo durante um ou vários anos, dependendo da espécie de Umbelíferas. Esta contração vital (sístole) constrói uma raiz carnuda, um rizoma vigoroso ou um tubérculo intumescido. As forças cósmicas são aspiradas ao pólo inferior, terrestre, da planta; o cósmico é invaginado ao terrestre.

Mas logo se sucede a este "ano da raiz" um "ano da flor ou do fruto". A planta cresce rapidamente e se reveste da maior quantidade possível de folhas; depois divide seu eixo de crescimento em um fascículo de raios (umbelas) onde cada um deles

gera, por sua vez, um fascículo de raios secundários (umbéluas). Tudo parece ser uma exalação daquilo que foi inalado no ano anterior. Uma diástole explosiva segue a sístole intensa. Na inflorescência, tal como na folha, o crescimento se divide e se subdivide ao extremo, não para abarcar o espaço em todos os lados, mas para se desprender (irradiar) em todas as direções. Paira em cima da planta verde, como uma nuvem de estrelas, uma multidão de florzinhas não apertadas entre si, mas reunidas de maneira tênue em umbelas, em cápsulas. Essas pequenas flores são pouco vistosas, pouco coloridas, geralmente brancas ou esverdeadas, seu odor é fraco e pouco característico. Elas se mostram totalmente abertas, planas, bem apresentadas, com estames que irradiam e divergem: o princípio radial é respeitado durante todo o desenvolvimento e se manifesta até nos detalhes. Procuraremos em vão flores em forma de vasos, coroas, funis ou tubos.



Esse desabrochar aéreo rompe completamente toda relação com o elemento "Água". A planta não amadurece frutos carnosos, nem bagas fibrosas, apenas frutos secos (aquênios), que surgem como pequenos fragmentos condensados do caule, embora um pouco curvados em forma de lua crescente (ou de foice). A atuação do princípio radial se manifesta nestas plantas sob a forma de pelos, pincéis, verrugas, etc. Após tal formação, resta apenas à raiz e folhas se endurecer, lignificar e dissecar.

Mas eis uma outra característica do princípio fundamental das Umbelíferas, resultante de suas relações com o ar. As Umbelíferas não somente se desenvolvem no domínio aéreo através de suas folhas e flores, mas começam a se apropriar do ar. Elas o retêm, ora nas nervuras foliares intumescidas como bolhas, ora nos caules ocos, ora nos frutos e nos rizomas com lacunas aeríferas. Por esse motivo, as Umbelíferas tendem a ultrapassar a vida vegetal para se aproximar da vida animal. Devido à sua organização, uma planta normal pode apenas reter o sólido e o líquido. O gasoso e o calórico são elementos exteriores à planta.

Apenas seres dotados de uma alma e de um Eu podem interiorizar os processos gasosos e calóricos (respiração e função sanguínea), dominá-los e organizá-los.

O anímico (astral) e o espiritual (Eu) não habitam na planta, mas nas esferas de atividade cósmica. Todavia certas plantas, como as Umbelíferas, tem uma tendência a se apropriar do envólucro astral exterior, executando uma organização astral interior através do elemento aéreo. Estas plantas são, desde cima até embaixo, "saturadas de ar". Já foi mencionado que na região floral, a planta normal mantém certo contacto entre seu organismo etérico e o envólucro astral periférico. Isto se exprime através das cores e dos perfumes da flor, da formação do néctar e de uma leve produção de um calor próprio. Ao mesmo tempo, a flor se torna particularmente sensível a um aquecimento de origem cósmica que lhe permite produzir óleos etéricos, óleos fixos (gorduras), ingredientes com aroma e sabor utilizados como temperos, ceras e outras substâncias saturadas de calor.

As Umbelíferas atraem estas forças para a folha, caule e raiz. Os processos de florescimento e frutificação descem, poderíamos dizer, de um grau superior a um outro mais baixo. É na região foliar e até na raiz, que se desenrolam tais processos. Esses fenômenos são transpostos para uma região menos nobre e mais pesada da matéria. Formam-se substâncias aromáticas, mas elas são mais densas, mais pesadas, com aroma mais acre do que os odores florais, nosso olfato as aprecia como algo rude, não terminando, insípido, aquoso ou sombrio terrestre que proíbe de compará-las a um perfume de alfazema ou rosa. Como domínio do aroma (o aéreo-calórico) e do sabor (o aquoso-sólido), podemos reconhecer nas Umbelíferas, via de regra, um aroma gustativo ou um sabor odorífero.

As Umbelíferas, em realidade começam a florescer e frutificar a partir de suas folhas e raízes. Entre elas encontramos legumes nutritivos em quantidade apreciável, em virtude de apresentarem com freqüência folhas saborosas, talos foliares carnosos, tubérculos e raízes preenchidos de reservas alimentares. O florescimento, propriamente dito, se atrofia. Ele cedeu às forças situadas em um nível inferior. A cor é geralmente ausente, o perfume pouco perceptível. Encontramos nessa família poucas espécies cultivadas para decoração de nossos jardins. As Umbelíferas florescem no verão.

Uma terceira característica do princípio fundamental é a seguinte: ao processo de cima para baixo, que já descrevemos, se opõe um movimento de baixo para cima: a ascensão das mucilagens e gomas, muito características. Na formação desse tipo de substância, o processo geral de solidificação que vai do gás carbônico do ar, através do açúcar e do amido, até as formações lenhosas e à madeira, é freado. O processo térmico, aéreo descendente, processo esse onde resultam normalmente óleos e resinas, se choca com o processo ascendente, amolecedor, das gomas e mucilagens, originado de um jogo entre o sólido e o líquido. Poderíamos dizer que estas substâncias mucilaginosas são mercuriais. Elas unem, de certa maneira, o cósmico com o terrestre e fazem ressoar no quimismo da terra, um eco estelar. As "gomo-resinas" são muito características nas Umbelíferas. Nelas, um elemento volátil e ígneo penetra no domínio da solidificação. Em contrapartida, um elemento endurecedor se torna plástico e mole. Estas duas tendências se combinam na gênese do látex. Podemos afirmar que o processo de lignificação, que tende ao domínio do não vivo, do mineral, permanece nas Umbelíferas puramente etérico, ou seja, confinado no líquido (elas não se lignificam). Dizemos também que a nuvem da astralidade cósmica, que desce sobre as plantas aromáticas gerando nelas óleos e essências, perfume e volatilização é, nas Umbelíferas, freada, até mesmo aprisionada no domínio do líquido e do etérico.



Todas as plantas, em que se constata uma intervenção anormalmente forte da esfera astral periférica nos processos vitais, tem a possibilidade de se tornarem venenosas, pois esta intervenção, anormalmente forte, provoca processos especiais de descontracção e de destruição (processos catabolizantes). Os processos vitais se tornam paralisados, a molécula da proteína viva é decomposta e seus restos são moléculas tóxicas. A natureza particular destes venenos vegetais se encontra na maneira com que as formas astrais e as forças etéricas se constituem no espaço considerado. É por isso que esses venenos vegetais são estritamente específicos. Eles são tão característicos para uma família vegetal quanto suas formas exteriores. Esperamos portanto encontrar entre as Umbelíferas plantas venenosas muito particulares. E realmente encontramos. O *Oenanthe*, a *Aethusa*, a *Cicuta aquática* e a *Cicuta verdadeira*, são derivadas diretamente do princípio fundamental: é o suficiente representarmos a penetração profunda do impulso astral para compreendê-las.

Com estas três características do princípio fundamental julgamos ter mencionado o essencial concernente ao tipo "Umbelíferas". Caso o leitor tenha se empenhado suficientemente, compreenderá igualmente as leis da disseminação desta família vegetal em nosso globo. Um tal tipo de planta irá medrar em regiões que costumam ser úmidas na primavera, mas ensolaradas e muito arejadas; em tal região se desenvolvem as variações mais evoluídas da família. Preenchem tais condições climáticas a Ásia menor e a região mediterrânea, assim como locais úmidos, mas claros, regiões temperadas mais nórdicas, campos, pastos e planaltos rochosos; portanto tais plantas medram nas estepes e savanas. Não evitam a região litorânea, são menos freqüentes nas florestas e nos pântanos pois lá são forçadas a lutar contra as forças de seu meio. Nos trópicos elas medram preferencialmente em regiões elevadas e nunca nas florestas equatoriais. As Umbelíferas podem ter algumas espécies no extremo norte da Europa e nas altas montanhas, mas não está dentro de suas possibilidades, constituir árvores ou formar florestas.

#### Possibilidades curativas do "Tipo" Umbelífera

Lançando um olhar mais abrangente àquilo que se refere ao conhecimento terapêutico, notamos que tais plantas, há tempos utilizadas na medicina, vem desempenhando importante papel curativo. A atuação das Umbelíferas se processa nas regiões internas e bem definidas da organização humana, regiões essas comparáveis ao habitat ou à paisagem onde medram as Umbelíferas.

A Terra, vista como um todo, possui diversas paisagens que refletem nuances desse organismo global. Em cada paisagem distinta existe uma colaboração específica entre o sólido, líquido, aéreo, calórico; entre o terrestre e o Cósmico, entre o solo e o clima. Da mesma forma, cada paisagem interior, cada domínio orgânico se caracteriza por uma colaboração específica dos "4 elementos" mencionados anteriormente. Podemos, portanto, falar de um "clima interior" para cada região do corpo. A paisagem exterior e a interior se correspondem. A primeira forma as diversas plantas, a outra fixa o local de suas ações curativas.

1 - O sistema glandular é um domínio orgânico admiravelmente acessível às ações das Umbelíferas. Estas plantas estimulam ou inibem a atividade das glândulas digestivas e mamárias. Os órgãos glandulares fazem parte do organismo dos líquidos e do organismo etérico que lhes penetra. Esta organização etérica estimula os processos construtores, anabolizantes. Mas o corpo astral também se apodera da atividade das glândulas, provocando nelas a excreção, ou seja, processos catabólicos. O Astral e etérico atuam nas glândulas de maneira semelhante aos processos vegetais; o sistema glandular não tem relação com a consciência, seu ritmo de vida é "acumular e excretar" O princípio formativo glandular oferece inúmeras possibilidades de divisão e ramificação; da maior simplicidade à mais extrema complexação - como nós podemos observar no mundo vegetal na arquitetura das Umbelíferas. Tais analogias tornam bem mais compreensíveis as relações existentes entre as glândulas e essas plantas.

2 - No homem, as Umbelíferas atuam onde o Astral intervém na organização dos líquidos. Elas reforçam a atuação do Astral no Etérico, elas favorecem pois a secreção. Possuem ação terapêutica diurética e sudorífera, provocam a eliminação da água na hidropsia e também possuem propriedades expectorantes.

3 - As Umbelíferas induzem o corpo astral à melhor diferenciar o organismo aéreo do homem, desde que isso seja necessário. Isso explica a eficácia das Umbelíferas contra o acúmulo de gás no trato digestivo, além de seus diversos efeitos anti-espasmódicos. Espasmos ou câibras do sistema respiratório ou circulatório poderão ser sanados. A asma, as câibras epileptiformes, a coqueluche, a angina de peito são indicações médicas das Umbelíferas. A esta ação no Astral se liga o efeito analgésico (observado aqui e lá). Caso o corpo astral esteja fortemente agarrado a uma região orgânica (tendência centrípeta), estes remédios poderão conduzir a um repouso centrífugo.

4. O uso das Umbelíferas como condimentos na alimentação pertence mais ao domínio dietético do que propriamente ao medicinal. Elas aromatizam e temperam principalmente a parte líquida dos guizados, incitando o corpo astral a se ocupar por mais tempo dos processos digestivos. (Salsa, Anis, Cominho, etc.)



## Índice das descrições

<i>Aegopodium podagraria</i>	- Podagraria
<i>Anethum graveolens</i>	- Endro
<i>Angelica archangelica</i>	- Angélica
<i>Apium graveolens</i>	- Salsão selvagem
<i>Bupleurum falcatum</i>	- Bupleurum
<i>Carum carvi</i>	- Cominho
<i>Centella asiatica</i>	- Cairuçú asiático
<i>Cicuta virosa</i>	- Cicuta aquática
<i>Conium maculatum</i>	- Cicuta verdadeira
<i>Coriandrum sativum</i>	- Coentro
<i>Daucus carota</i>	- Cenoura
<i>Dorema ammoniacum</i>	- Dorema
<i>Ferula assafoetida</i>	- Férula
<i>Ferula gummosa</i>	- Férula
<i>Foeniculum vulgare</i>	- Funcho
<i>Heracleum sphondylium</i>	- Heracleum
<i>Levisticum officinale</i>	- Levístico
<i>Oenanthe aquatica</i>	- Oenanthe
<i>Petroselinum crispum</i>	- Salsa
<i>Peucedanum ostruthium</i>	- Imperatória
<i>Pimpinella anisum</i>	- Anis, Erva-doce
<i>Sanicula europaea</i>	- Sanícula

---

## Cairuçu asiático

***Centella asiatica* (L.) Urban**  
**Syn.: *Hydrocotyle asiatica* L.**  
***Umbelliferae* (*Apiaceae*)**



colhidas a qualquer hora do dia e usadas frescas ou secas em infusões, decocção no leite, pulverizadas, ou como óleo medicinal. É uma erva rejuvenescedora, diurética, que limpa toxinas, reduz inflamação e a febre, melhora a cura e a imunidade, e tem um efeito balanceador no sistema nervoso.

Como uso culinário, as folhas são consumidas em saladas e como tempero no sudeste da Ásia. Medicinalmente a erva é usada interiormente para combater feridas e condições crônicas da pele (inclusive lepra), doenças venéreas, malária, veias varicosas e úlceras, desordens nervosas e senilidade. O excesso provoca enxaquecas e inconsciência passageira. Externamente é usada em feridas, hemorróidas e articulações reumáticas. Extratos também são utilizados em máscaras de cosméticos e cremes para aumentar o colágeno e firmar a pele.

**CUIDADO:** Esta erva é irritante de pele e está sujeita a restrições legais em alguns países.

O gênero ***Centella*** inclui aproximadamente 20 espécies de pequenas ervas perenes que medram na África meridional e na maioria das partes das regiões tropicais. A espécie mais conhecida é a ***Centella asiatica*** que é uma erva medicinal importante, semelhante a uma sua parente Européia, a ***Hydrocotyle vulgaris***. A planta foi denominada inicialmente ***Hydrocotyle asiatica*** por Linnaeus e posteriormente passou para o gênero ***Centella***. É uma espécie variável, de distribuição pantropical que prospera em lugares sombreados e úmidos como plantações de arroz, mas também cresce em áreas rochosas e em paredes sendo também uma planta infestante de gramados. É uma erva rasteira, perene, raízes propagando-se em nódulos, com agrupamentos de folhas de até 5cm, em formato de rim e bordas denteadas. Flores rosas minúsculas aparecem sob a folhagem na época do verão.

***Centella asiatica*** é uma das mais importantes ervas na medicina Ayurvédica. Conhecida como Brahmi, "que traz conhecimento de brahman [Realidade Suprema]", foi por muito tempo usada na Índia para fins medicinais e para ajudar a meditação. Tradicionalmente usada na Índia e na África para tratar lepra, entrou na farmacopéia francesa através de Madagascar. Uma recente pesquisa mostrou que *Centella asiatica* reduz o tempo de cicatrização, melhora problemas circulatórios nos membros inferiores e acelera a cura.

Usam-se as folhas e também a planta inteira que são



# **Bupleurum**

## ***Bupleurum falcatum* *Umbelliferae (Apiaceae)***

Sob ponto de vista antropológico



*fruticosum* cresce nas montanhas da Sardenha.

Este gênero de cerca de 100 espécies habita as regiões rochosas e os campos ralos em vegetação, comuns nas montanhas, e também cresce nas estepes salgadas. O *Bupleurum* é uma variante muito peculiar da família das Umbelíferas. Algumas plantas silvestres se relacionam com o tipo *Bupleurum* que se afasta muito da imagem habitual das Umbelíferas. Encontramos folhas inteiras de bordo unido ou folhas semelhantes às das Gramíneas, ou ainda alguns tipos de rosetas. A característica tão geral da divisão penada desapareceu nesta planta. Mesmo as umbélulas estão profundamente enterradas nas folhas, e ficam lá dentro de seus involucelos como pequenos buquês. As diferentes espécies do gênero *Bupleurum* crescem nas regiões onde a água é escassa e rara, e tais plantas são obrigadas a se proteger de muitas maneiras contra a evaporação, pelo fato da água ser inseparável do tipo Umbelífero, daí a forma tão particular dessas plantas; uma pessoa não habituada com a botânica poderia confundir o *Bupleurum* com as Euforbiáceas, caso o *Bupleurum* não esteja na época da floração.

O *Bupleurum rotundifolium*, *longifolium* e *falcatum* preferem as montanhas calcáreas. O *Bupleurum rannunculoides* vegeta nos prados das altas montanhas. O *Bupleurum junceum* cresce junto às vinhas, nas colinas pedregosas, moitas, e matas do Mediterrâneo. O *Bupleurum petraeum* cresce nas regiões calcárias das altas montanhas. O *Bupleurum stellatum* se encontra nos planaltos rochosos graníticos na região suíça de Valais (Wallis) e vegeta até 2.700 m de altitude. O *Bupleurum*

Todas estas espécies contêm óleos essenciais muito semelhantes aos das outras Umbelíferas. Até o presente momento tais plantas são utilizadas com fins terapêuticos. O *Bupleurum rotundifolium*, por exemplo, é utilizado como vulnerário, para diminuir as inchações das glândulas e também na gota. O *Bupleurum falcatum* (raiz) é usado interiormente para malária, prolapso uterino e retal, herpes simples, hemorróidas, fígado preguiçoso associado com instabilidade emocional, desordens menstruais e inchaço abdominal. Algumas vezes é usado fresco com vinho para enfermidades febris, com vinagre como estimulante circulatório e misturado com sangue de tartaruga para malária.

---



# **Sanícula**

***Sanícula europaea***

***Umbelliferae (Apiaceae)***

Sob ponto de vista antropológico



Esta planta é uma Umbelífera da floresta que medra nos solos úmidos e sombreados dos bosques da Europa, Ásia e norte da África. É uma planta perene que configura um rizoma quase horizontal, com espessas raízes filiformes que se ramificam com a idade. A partir deste rizoma nascem folhas longamente pecioladas, verde douradas, com forma de mãos. A cada ano eleva-se a partir do rizoma, uma haste floral e nela pode-se encontrar algumas folhas. Tal haste emite longos raios que portam em sua extremidade umbélulas carregadas de pequenas flores brancas ou rosadas. O fruto também mostra um princípio irradiante nos espinhos curvados e flexíveis (As sementes da cenoura, que também pertence às Umbelíferas, também possui espinhos). A sanícula é denominada "carrapicho da floresta". Seu sabor é fortemente aromático.

A Sanícula contém muita sílica e cálcio, além disso contém saponina, óleo essencial, resina e tanino em todas as partes da planta. Em consequência disso, a planta é conhecida como medicinal desde a antiguidade. Ela é empregada em contusões e, quando esmagada, é útil em todos os ferimentos externos, pois ela acelera a cura dos ferimentos, limpando as feridas e estancando as hemorragias. Existe uma certa semelhança dos efeitos desta planta com os da Arnica, no que se refere ao tratamento das hemorragias internas do pulmão, estômago e intestinos, assim como na hematúria. Ela é utilizada com sucesso nas inflamações do trato digestivo (faringe, estômago, intestino).

A luz atenuada que existe no interior da floresta e o ar saudável dos bosques é levado por essa planta, em uma inspiração dinâmica, até à região sombria do humus, e depois, revestida do processo silíceo, é fixada num órgão radicular muito vitalizado. Os taninos se acumulam e são testemunhos de um encerramento do astral, que contraído intervém com mais força na organização etérica. A este processo de inspiração segue-se um processo de expiração moderada, um pouco encerrado, uma irradiação contida. Este é o motivo pelo qual os órgãos radiculares desta planta são capazes de orientar as forças formativas do sistema neurossensorial, frente ao sistema sanguíneo e metabólico e, conseqüentemente, favorece a atividade do corpo

etérico nos ferimentos do corpo físico, de inflamação e de desorganização do processo sanguíneo. Por outro lado, a atividade antiespasmódica que constatamos nas plantas anteriores, está recolhida nesta planta, juntamente com a atividade estimulante das secreções glandulares.

# Cicuta-maior Cicuta verdadeira

***Conium Maculatum* L.**  
***Umbelliferae (Apiaceae)***  
Sob ponto de vista antropológico



Nesta Umbelífera, o princípio Astral, agindo na organização aérea da planta, assumiu tamanha predominância sobre as forças Etéricas, formadoras do líquido, que a planta não se contenta em estimular esta organização etérica, mas ela atua invadindo violenta e continuamente esta organização até atingir ao domínio físico. É isso que torna essa planta tóxica. O "Tipo" das Umbelíferas pode possuir um representante tal como essa Cicuta, pois essa possibilidade existe no plano estrutural desta família.

Durante o primeiro ano de vida, o ***Conium maculatum*** forma uma raiz branca, fusiforme, plena de látex, situada debaixo de um buquê de folhas basilares em forma de roseta, nas quais se une a atividade de todo o meio ambiente circundante. No ano seguinte brota, de maneira intensa, o caule oco de coloração azulada atingindo até 2m de altura, trazendo consigo cores purpúreas que muitas Umbelíferas desenvolvem apenas na base (outras famílias têm esta particularidade).

Todo o caule do ***Conium maculatum*** é manchado de um marrom avermelhado. As folhas lembram as do Salsão e são divididas em até 3 vezes. Notamos nos bordos e nas pontas das folhas uma região branca desvitalizada. Todo esse sistema foliar parece flácido e mole, murchando-se rapidamente durante os dias quentes, evaporando muita água e não absorvendo quase nada do solo. Para o olhar de um observador, o ar não parece aceitar esta planta com tanto prazer quanto aceita o Anis ou o **Funcho**.

O odor da Cicuta é notado a grande distância como uma nuvem com cheiro desagradável, animal, lembrando o da urina de rato. Este cheiro é como uma entidade fétida e venenosa que contorna a planta. O sabor das folhas é amargo e picante. As umbelas das flores compostas de umbélulas são de uma grandeza mediana. Os envólucros e os involúcelos são nitidamente dobrados para baixo, e as floretas formam um fraco perfume açucarado.

O odor de ratos que nós mencionamos

anteriormente provém do alcalóide concina e de outras substâncias semelhantes presentes numa quantidade de 0,05% na raiz, 0,06% no caule, 0,2% nas folhas, 0,24% na flor e 0,9% nos frutos verdes. Este alcalóide é, curiosamente, facilmente volátil, tal como os óleos essenciais. Aliás, esses alcalóides representam os sais que nasceram da união de sua natureza alcalina com os ácidos vegetais. Esses sais são eliminações residuais da Proteína vivente. O alcalóide da Cicuta tende ao domínio aéreo. Os processos que conduzem a formação do Alcalóide se intensificam enormemente com a floração e frutificação. São processos centrífugos. A concina é uma alfa-propil-piperidina.

O ***Conium maculatum*** medra na Europa, na Ásia Ocidental e na América do Norte, nos terrenos baldios, nas sebes, campos, cemitérios e junto aos entulhos, de maneira mais ou menos semelhante ao Hyosciamus. Esta planta procura a proximidade das habitações humanas, pois o solo é particularmente rico em Nitrogênio (Nós já mencionamos anteriormente a relação dos

processos nitrogenados com tudo aquilo que é Astral). A concina contém muito Nitrogênio.

Como planta medicinal, o **Conium maculatum** já era conhecido na antiguidade, e a medicina Medieval sabia utilizá-lo. A maioria de suas indicações cederam aos tempos modernos, mas a terapia Homeopática recolocou este medicamento em seu devido lugar. Suas indicações terapêuticas diferem das que ocorrem normalmente nas Umbelíferas, a saber:

**a.** A atividade das glândulas é diminuída de diversas maneiras, a secreção láctica é diminuída até ficar totalmente seca. O seio não mais se dilata. Utilizado sob a forma de unguento ou compressas, o **Conium maculatum** abre os abscessos, amolece os endurecimentos glandulares, e atua beneficemente nos tumores destes órgãos. Seu efeito contra a ejaculação precoce é notável. Os antigos preconizavam a utilização de compressas de **Conium maculatum** em torno dos testículos, anestesiando a atividade dessas glândulas, e isso produz um efeito comparável ao da castração.

**b.** Ao contrário, a expulsão da água pode ser favorecida principalmente na hidropsia. A Cicuta pode combater diversas inflamações, ciática, inflamação da pele e dos testículos. Os antigos lhe atribuíam uma ação fria "O caminho para o Hades através da Cicuta se torna frio e invernal". As pessoas envenenadas por essa planta se resfriavam a partir das extremidades inferiores - como sabemos através do texto maravilhoso referente às últimas horas de Sócrates.

**c.** As mais importantes propriedades terapêuticas da Cicuta se relacionam com o Corpo Astral. Sua ação analgésica, mesmo nos tumores cancerosos, é marcante, e ultrapassa de longe a ação das outras Umbelíferas. Os germânicos empregavam esta planta para acalmar os estados de excitação do corpo Astral (Herva do Furor). Na intoxicação pelo **Conium maculatum**, a consciência e as batidas do coração ficam conservadas quase que até o fim da vida. Não existe quase nada de angústia ou comoção. O homem envenenado deixa seu corpo com serenidade. Seu efeito anti-dor é adicionado ao seu efeito anti-convulsivante e anti-cãibras. O **Conium maculatum** é um remédio muito bom em certos espasmos e câibras do estômago, intestino e bexiga, mas também é útil na asma, coqueluche, epilepsia, coréia, manias e delírio tremens. O **Conium maculatum** acalma igualmente os processos menos graves, como a tosse por irritação e tosse seca dos velhos. Esta planta é, enfim, um anti-afrodisíaco.

Tivemos a ocasião de examinar nas espécies anteriores de Umbelíferas a atividade de destacar o Corpo Astral de uma forte penetração no Corpo Etérico e no Corpo Físico. Esse processo age de maneira muito acentuada no **Conium maculatum** e constitui a propriedade terapêutica dominante dessa planta. Isto se deve ao fato que o "TIPO" dirigiu-se, nesse caso particular, ao âmbito da produção de veneno. A dinâmica estimulante do Corpo Astral se inverte em uma dinâmica paralisante, tais são as propriedades invertidas.

Vide também [Conium Maculatum](#).

---



# **Funcho**

***Foeniculum vulgare* MILL.**  
***Umbelliferae (Apiaceae)***



Planta bienal a perene dotada de um caule ereto, finamente canelado, apresentando folhas alternas recortadas em segmentos filiformes. No cimo deste caule ramificado aparecem umbelas compostas, formadas de diminutas flores amarelas. Os frutos são diaquênios com saliências longitudinais. Toda a planta liberta um perfume aromático. Originária da bacia mediterrânea oriental e do Cáucaso, o funcho é atualmente cultivado, sob a forma de numerosos cultivares, tanto nos campos como nos jardins.

Para fins medicinais, são colhidos os frutos, sendo a melhor qualidade obtida cortando à mão as umbelas maduras, enquanto as outras são deixadas na planta até amadurecerem, antes de uma colheita maciça de todas as partes restantes. As sementes secas e escolhidas são conservadas em local seco dentro de invólucros bem fechados. Contêm até 6% de um óleo essencial, cujos principais componentes são o anetol e a fenchona, possuindo também albuminas, açúcares e mucilagem. As sementes têm um efeito espasmolítico (músculos lisos), analgésico (cólicas) e carminativo (eliminação de gases intestinais). As tisanas à base de funcho são recomendadas contra a diarreia assim como contra a obstipação, para favorecerem a secreção láctea, contra as doenças do aparelho urinário e no tratamento complementar da diabetes. A essência de funcho serve para fabricar uma água de funcho (Aqua foeniculi) usada em gargarejos e para lavagens oculares.

O funcho é usado industrialmente na cosmética, confeitaria e fabrico de licores. É uma excelente planta melífera. Por vezes é também chamado de erva-doce.

---

***Foeniculum vulgare* - Funcho, Finocchio**  
**(Sob ponto de vista antropológico)**

Este vegetal era conhecido pelos egípcios e gregos e foi utilizado até na China como legume, condimento e medicamento. Nesta planta, o tipo Umbelífera se tornou particularmente representativo no que se refere ao elemento aéreo. Um campo de funcho é o que mais aéreo podemos encontrar. As folhas são verdadeiros órgãos "criados pelo ar e para o ar", caso tivermos a ousadia de parodiarmos o célebre aforisma de Goethe: "O olho é um órgão criado pela luz e para a luz". Além de folhas semelhantes à plumas de avestruz, toda a planta é impregnada de aroma. O odor e o sabor são doces, fugazes, açucarados e temperados, muito mais sutis e perfeitos do que nas outras plantas da mesma família: A máxima expressão do aroma na família das Umbelíferas está representada no Funcho (*Foeniculum vulgare*).



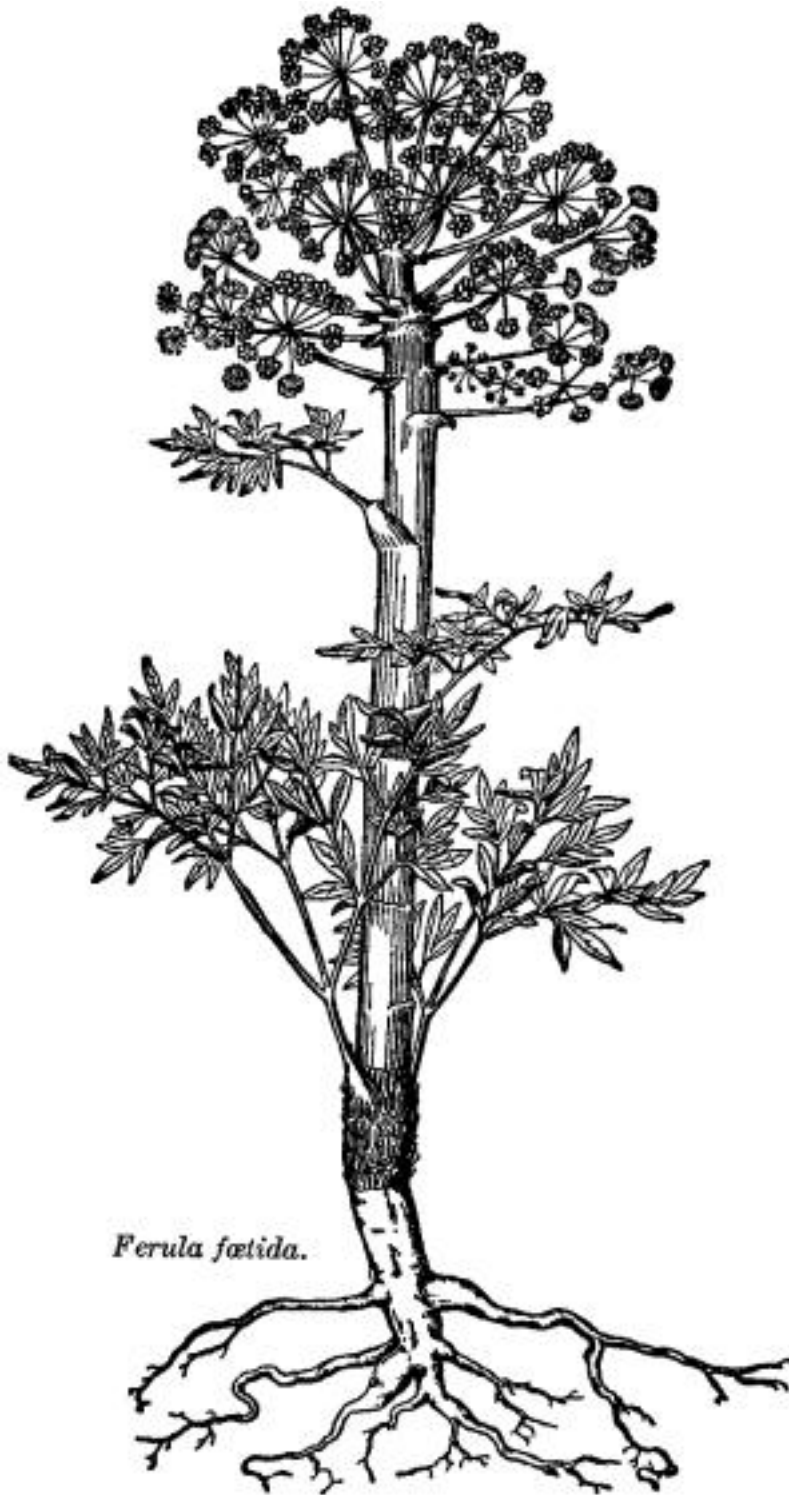
Esta planta, de maneira diferente à do anis, não passa muito rapidamente da fase vegetativa para a fase da inflorescência. Durante o primeiro ano, a raiz se desenvolve bastante e formam-se apenas folhas que se dispõem em roseta rente ao chão, mas desde o começo elas são recortadas em uma filigrana de extrema sutileza. Apesar disso as bainhas dessas folhas podem se intumescer e fornecer um legume bastante conhecido. A cor verde-dourada que decora as suas folhas é uma outra expressão das forças luminosas e intensas que penetram na planta. No segundo ano de vida, a planta se ergue até a altura de um homem e irradia plena de força suas umbelas e umbélulas; tais estruturas não possuem nem envólucro, nem envólucelo. Estas grandes umbelas brilham em tom amarelo claro, ao contrário da grande maioria das Umbelíferas que possuem apenas flores brancas, rosadas ou esverdeadas. Suas raízes podem superar o ciclo de um ano, continuando a viver, tornando-se assim pluri-anuais. Os aquênios são grandes, um pouco mais insípido e menos delicados do que o anis. As cinzas das sementes contêm cerca de 3% de sílica e de 2% de ferro.

Como planta medicinal, o Funcho se assemelha muito com o cominho e principalmente com o Anis, mas ele é mais "flegmático", o que corresponde à sua maturação muito mais lenta. Na Europa, ele floresce apenas em julho e Agosto e seus frutos amadurecem no fim de Outubro. É importante mencionarmos inicialmente os seus efeitos estimulantes nas glândulas digestivas e na lactação, e esta planta também é anti-espasmódica aliviando as câibras. O funcho elimina os gases, acalma as dores, principalmente as abdominais. Além disso, ele é laxativo e diurético. O funcho restitui a soberania do corpo Astral enfraquecido, fazendo com que o organismo dos líquidos que ficou preguiçoso possa ser restabelecido. O Funcho aquece todo o trato digestivo. Por outro lado, ele tem ação no Sistema Respiratório, na Organização aérea. Ele acalma a dor e libera as mucosidades nas bronquites obstinadas. Para esse efeito, os antigos utilizavam o Mel de Funcho. Além disso, essa planta atenua os espasmos dos órgãos respiratórios. Uma propriedade totalmente característica do Funcho é sua pronunciada ação na esfera sensorial. Ele não deve deixar de ser empregado na fraqueza e na inflamação dos olhos. Esta ação se deve à sua riqueza em sílica.

---

# Assa-fétida, Férula Funcho-gigante

*Umbelliferae (Apiaceae)*



Este gênero consiste em 172 espécies perenes robustas, encontradas desde o mediterrâneo até a Ásia Central. ***Ferula assafoetida*** é nativa de regiões litorâneas e áreas rochosas do Irã. Embora conhecidas como funchos gigantes, por causa de sua similaridade com a espécie *Foeniculum*, muitas têm um cheiro desagradável. *Ferula assafoetida* e *Ferula gummosa* foram importantes durante muito tempo devido sua resina de látex: a primeira foi taxada por um imposto na Alexandria durante o segundo século DC, e a última foi mencionada como ingrediente em incenso de Moisés.

Dentro deste gênero, ***Ferula assafoetida*** e ***Ferula gummosa*** são importantes devido às suas resinas de látex que foram usadas desde tempos antigos. ***Ferula assafoetida***, com um odor sulfuroso, é provavelmente a mais mal-cheirosa de todas as ervas. Porém, em pequenas quantidades dá um aroma surpreendentemente agradável a muitas comidas. Também é uma erva medicinal muito efetiva, muito usada na tradição Ayurvedica. Armazenamento hermético é necessário para evitar a contaminação de ambientes. Também é coletada a resina de látex da espécie relacionada como ***Ferula rubicaulis***. A raiz de agradável cheiro almiscarado da ***Ferula sumbul*** e da ***Ferula gummosa*** são usadas em incensos e para tratar histeria.



## **Ferula assafoetida**

### **Assa-fétida, Esterco-do-diabo**

**Ferula assafoetida** é uma planta perene com cerca de 2m de altura com grandes raízes espessas, folhas finamente divididas que têm um desagradável odor parecido com o do alho. Flores amarelas minúsculas, seguidas por pequenas sementes que normalmente aparecem depois de 5 anos, após o que a planta morre.

A parte usada é a resina do látex. **Ferula assafoetida** é colhida quando começa a florescer. A resina do látex é raspada desde o topo da raiz. São removidos pedaços que são raspados até que a raiz se acabe. É uma erva pungente que age principalmente no sistema digestivo, área gastro-intestinal. Também alivia a dor e espasmos, estimula tosse produtiva, e tem efeitos hipotensivo e anti-coagulante.

A erva é usada medicinalmente, internamente para indigestão, flatulência, cólica, constipação, lombrigas intestinais, disenteria, tosse forte, bronquite e enfermidades convulsivas. Externamente para articulações dolorosas. Em uso culinário, quantidades parcimoniosas são usadas para avivar o aroma de vários cardápios, legumes, molhos e pepinos em conserva, especialmente na culinária indiana.

---

## **Ferula assafoetida**

### **Sob ponto de vista antropológico**

A enorme raiz da Assa-fétida, fortemente ramificada, se desenvolve no solo durante pelo menos 5 anos, formando apenas folhas basilares anuais, longas, medindo cerca de meio metro, divididas 3 a 4 vezes em 3 lobos. Tais folhas são duras e coriáceas. No ano de floração vemos subir, no fim de março, um caule que ultrapassa em muito a altura de um ser humano. Esse caule possui um diâmetro de 10 cm e é preenchido de uma medula esponjosa. Esse caule traz em si algumas folhas caulinares pequenas, mas semelhante às folhas basais, caindo rapidamente do caule. Na ponta do caule desabrocham ricas umbelas de flores amarelas, onde cada umbélula comporta apenas uma flor. Nesta planta não existe nem envólucro nem envolucelo. Em torno de 15 dias os frutos amadurecem e 2 a 3 semanas mais tarde a planta morre totalmente. Dessa maneira seu ano da flor é reduzido a algumas semanas, mas em torno da planta morta, surgem rapidamente os brotinhos das sementes que caíram no solo. Estas plantas vão crescendo e formam pequenos bosques cerrados. Tem início novamente o ano da raiz.

A **Ferula assafoetida** cresce apenas em solos arenosos, com um subsolo impermeável à água e rico em sais, solo esse presente nas estepes da Pérsia e entre o Golfo Pérsico e o mar de Arol, principalmente entre as províncias do Luristão e Faristão. Em tais regiões a Assa-fétida cresce em altitudes de até 1.000 m, mas ela também vive em locais baixos. Em todos os locais onde o deserto arenoso é substituído pelo deserto argiloso, a Assa-fétida desaparece.

Através de incisões feitas na parte de cima da raiz é obtido um látex que se endurece, denominado ASANT. Apenas uma raiz pode fornecer até 1 kg dessa substância. O óleo etérico desta planta é rico em enxofre. Nesta planta, o processo calórico se tornou um fogo sulfúreo. A resina dessa planta é utilizada como medicamento de uso interno e uso externo, como um importante anti-espasmódico, estimulando o peristaltismo nas afecções nervosas e convulsivas, atuando igualmente na histeria e na hipocondria. Além disso, é um condimento apreciado no Oriente.



ASAFETIDA RESIN

## **Ferula gummosa**

**syn. *Ferula galbaniflua***



***Ferula gummosa*** é uma planta perene, resistente a até -15°C, com cerca de 1m de altura, com talos sólidos e divididos, folhas verde-cinzentas, peludas, de até 30cm de tamanho, de cheiro parecido com aipo. Panículas frouxas, umbelas de superfície chata com minúsculas flores amarelas que aparecem na primavera, seguidas de sementes finas e planas. É encontrada no Irã central, Turquia e no sul de Rússia.

A parte usada é a resina do látex. Talos e raízes de ***Ferula gummosa*** são cortados para coletar resina de látex durante a estação de crescimento. As resinas são acumuladas em montes e depois são processadas em forma de pasta, pílulas, pós, ou tinturas. É uma erva amarga, estimulante, anti-séptica que é expectorante e anti-inflamatória, alivia indigestão e reduz espasmos.

A erva é usada medicinalmente, internamente para bronquite, asma e reclamações digestivas secundárias. Externamente, para úlceras, furúnculos, feridas, abscessos e desordens da pele. Em uso culinário dá um aroma de aipo aos condimentos. Também é usada como um ingrediente aromático de incenso.

---

## **Ferula galbaniflua**

**Sob ponto de vista antroposófico**

Esta planta possui uma raiz grossa que demora muitos anos para se formar. Ela emite folhas finamente recortadas que saem das grandes bainhas dilatadas. No final do desenvolvimento do vegetal, uma rápida floração é anunciada por um caule de 2cm de diâmetro e 2m de altura que surge de maneira intensa e possuindo umbélulas amarelas carregadas de flores.

Nesta planta não é a raiz que possui a goma-resina, mas é o caule e a base das folhas que produzem uma goma-resina branca e fluída que escorre da planta. No ar essa goma-resina se coagula em grãos esverdeados. Esta planta é utilizada medicinalmente em uso interno como excitante, anti-catarral, anti-espasmódica e emenagoga. Em uso externo esta planta é utilizada como béquico e emoliente nos abscessos e nos casos de inflamações glandulares. Devido à sua ação anti-espasmódica no útero, essa substância era denominada "Resina das Mães"

---

# **Dorema ammoniacum**

## **Sob ponto de vista antroposófico**

Esta planta vive no mesmo habitat que a Ferula assafoetida. Tal como a Assofétida, a Dorema vive em colônias numerosas, formando pequenos bosques, ela cresce até o deserto de Kirghiz. Sua raiz também necessita de pelo menos 5 anos para crescer, é espessa, longa, com grossas ramificações horizontais. A planta é mais alta que um ser humano. O caule que surge possui um diâmetro de mais ou menos 5 cm e se apressa em florir. Um látex muito abundante escorre da raiz. Brotos secundários em forma de candelabros de 7 ramos sobem todos juntos trazendo umbélulas de uma só flor com pedúnculos muito curtos. As folhas basilares são anuais longas, de 0,5 m, trilobadas e pouco recortadas.

Sua resina é denominada "Amoniacum" e é eliminada pelo caule, tanto espontaneamente quanto a partir de picadas de insetos. Ela possui um odor de alho e de Castoreum, um sabor amargo e desagradavelmente perfumado. Quando aquecida ela apresenta um cheiro que lembra o Benzol. Esta droga foi empregada em uso interno como anti-espasmódico, estimulante, expectorante, emenagogo, principalmente nas bronquites crônicas e nos catarros pulmonares ligados à asma. Exteriormente é utilizada para amadurecer e arrebentar os abscessos.

---



# Oenanthe aquática

## ***Oenanthe aquatica***

### ***Umbelliferae (Apiaceae)***

Sob ponto de vista antropológico



Esta planta da Europa e da Ásia ocidental cresce nas águas rasas, barrentas, quentes e pouco aeradas; como por exemplo lagoas, poças e várzeas de rios. Sua forma é muito sensível às ações da água e do ar; a folha e mesmo toda a planta sofrem uma enorme alteração da forma. Debaixo da água este vegetal vive por muito tempo e seu caule, que pode atingir até 8 m de comprimento, se torna tão espesso como um braço, é esponjoso, oco e seus nós emitem raízes adventícias filiformes em longos feixes. As folhas que crescem debaixo da água são totalmente reduzidas a fios, um pouco semelhante ao que ocorre no ***Ranunculus aquaticus***. Fora da água, no ar, suas folhas se modificam totalmente, elas se mostram finas e bem recortadas. O caule oco se eleva elegantemente e porta umbelas florais de tamanho médio. Enquanto a planta subaquática pode continuar crescendo vegetativamente durante muitos anos, a forma terrestre é bianual e freqüentemente somente anual; trata-se de um ser muito plástico, que pode se diferenciar fortemente através das influências externas. Nas cinzas encontra-se muita sílica e alumínio.

Como planta medicinal ela foi empregada nas doenças da região torácica ou nos casos onde o metabolismo intervém muito fortemente no pulmão, provocando dissoluções e inflamações. Assim ela é indicada para: catarro pulmonar, tosse crônica, bronquite fétida, bronquioectasia, tuberculose pulmonar com febre e suores noturnos, e também na asma. Além disso, nas dores de cabeça e inflamações oculares. Esta planta que prolifera no domínio aquoso, se preenche de ar, se transforma de maneira muito intensa quando penetra na região aérea, e pode intervir nos processos patológicos humanos correspondentes.

## ***Oenanthe crocata***

Esta planta tem como habitat a França meridional, a Espanha e o Marrocos. Ela vive em regiões úmidas onde, apesar disso, o ar seja muito seco e o sol brilhe muito intensamente. Ela é influenciada pelo ar úmido do oceano Atlântico. No primeiro ano esta planta emite folhas verdes douradas, trilobadas, semelhantes às do salsão e possui um rizoma curto anelado. Os processos cósmicos atuam fortemente nas raízes, de forma que estas, e não os rizomas como nas outras Umbelíferas até agora consideradas, se inflam formando uma espécie de cenoura com tamanho até maior do que o de uma mão. Um suco leitoso amarelo preenche estes órgãos subterrâneos. No ano seguinte o caule tubular se eleva, levando algumas folhas até a altura média e depois se divide em 10 a 15 raios que portam umbélulas brancas e diferenciadas.

Muito mais intensamente que nas espécies anteriores, os processos calóricos e luminosos são levados nesta planta à região das trevas úmidas. Isto se expressa na produção de substâncias altamente irritantes. O contacto com a raiz fresca pode provocar irritação e edema nas mãos. Esta propriedade de maneira muito mais atenuada é encontrada em outras Umbelíferas, como por exemplo na salsinha e na Archangelica. A ingestão das raízes de ***Oenanthe crocata*** provoca uma violenta inflamação dos órgãos digestivos e isto pode se constituir num envenenamento mortal. A inflamação é seguida de espasmos que duram algumas horas, a saliva se torna sanguinolenta e a face esverdeada. Finalmente o intoxicado cai abruptamente e perde a consciência.

Correspondentemente à sua potente raiz, esta planta age no sistema neuro-sensorial. Ela foi utilizada no tratamento de diferentes doenças cutâneas, tais como ictiose e lepra, na meningite serosa, no início da epilepsia, na apoplexia e nas paralisias que lhe sucedem. Trata-se de uma atividade anti convulsivante que atua no corpo astral, tal como já mencionamos nas Umbelíferas precedentes. Desta maneira podemos indicar esta planta também na coqueluche, na asma e no catarro brônquico.

---

# Cicuta aquática

***Cicuta virosa* L.**

***Umbelliferae (Apiaceae)***

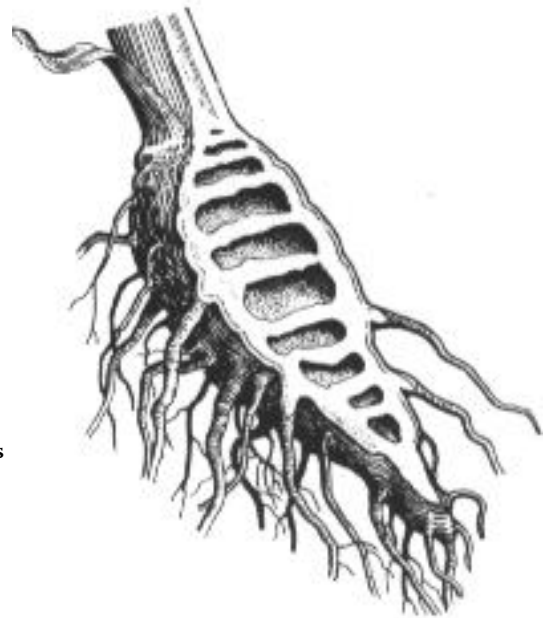
**Sob ponto de vista antroposófico**



tem a forma de uma cenoura, porém é escavado internamente, contendo grandes lacunas de ar que ocupam inteiramente os espaços internodais e é provido de raízes adventícias que partem de seus nós. Acima do rizoma ascende um caule da espessura de um dedo e com altura de aproximada de um metro. As folhas são grandes e verdes, as inferiores são munidas de longos pecíolos, as superiores estão apoiadas em bainhas abauladas e são finamente recortadas, já através da forma pertencente ao domínio aéreo. As grandes umbelas com numerosos raios portam umbélulas com muitas flores e toda sua inflorescência delicada e leve paira acima da planta. Ao cortarmos o rizoma, ele deixa escorrer um líquido aromático, resinoso, amarelo claro, cujo odor é suave mas atordoante. A resina mole, insolúvel encontrada neste líquido contém o princípio muito venenoso da planta, a cicutoxina, além disso contém um alcalóide, a cicutina. Ao contrário, o fruto seco contém óleo essencial em abundância, tais como cuminol e cimol. O caule principal contém, além da resina venenosa, muito açúcar, fosfato de cálcio e óleos essenciais. Toda a planta, e também o fruto, é aromática, exala um odor de salsão e tem sabor de salsinha.

Na Cicuta aquática, o elemento aéreo penetra de maneira muito intensa no elemento aquoso, dominando este último. O elemento aéreo torna as folhas da Cicuta muito finas, fazendo destas, instrumentos importantes para o ar e a luz, criando um espaço próprio à explosão do processo floral. Este elemento escava tanto no caule, como no rizoma, que submerge na terra, lacunas aeríferas. Na cicuta o elemento aéreo domina o aquoso, a esfera astral penetra profundamente no corpo etérico.

A Cicuta aquática é encontrada no Norte e no Centro da Europa, na Ásia temperada, ao sul até Cashimira, a leste até o Japão, ou seja em regiões úmidas e ensolaradas, porém não muito quentes. Ela medra em locais cheios de lodo, junto às poças, na beira dos riachos e lagos, nos alagados, turfeiras e junto aos ameeiros. Seu grande rizoma



A intoxicação causada pela cicuta é muito grave e nos revela que a organização astral é totalmente atacada no domínio neurosensorial: vertigens, sonolência, torpor, dilatação das pupilas e também espasmos semelhantes aos da crise epiléptica. Esta intoxicação é seguida de inflamação dos órgãos digestivos que se anuncia por uma sede insaciável, dificuldade de deglutição, paralisia da língua, respiração ofegante e convulsões e são os sintomas que precedem a morte. A autópsia revela que a morte ocorre por asfixia, o pulmão e o cérebro ficam preenchidos de sangue. Isso nos indica que é na região da cabeça e do tórax que a organização astral é atingida; o sangue é transportado para o cérebro e para os pulmões, para o organismo aéreo respiratório, organismo esse que é expelido para fora do ser humano. O quadro clínico desta intoxicação é o inverso do processo vegetal na cicuta, cujo traço mais característico é a penetração do elemento aéreo no domínio da raiz.

As indicações terapêuticas dessa planta são deduzidas dos processos caracterizados acima. Desde a antiguidade esta planta é utilizada pela sua atividade antiespasmódica, antiepiléptica, nas câibras tetaniformes do maxilar, mas é utilizada principalmente na angina do peito, e algumas vezes também na coqueluche. É utilizada também nos casos de dismenorréia para estimular o corpo astral enfraquecido. Ela pode ser igualmente utilizada como analgésico em unguentos e compressas (raiz ou planta toda), e também para combater as dores da gota ou do reumatismo e até mesmo do câncer. Esta planta é utilizada nos casos de endurecimento ganglionar e em eczemas pustulosos. De uma maneira geral, a cicuta atua beneficemente influenciando um relacionamento entre os processos astrais e etéricos no domínio médio e superior do organismo humano (domínio rítmico e neuro-sensorial).



# Podagraria

***Aegopodium podagraria* L.**  
***Umbelliferae (Apiaceae)***  
Sob ponto de vista antroposófico



O gênero ***Aegopodium*** é constituído por sete espécies de pequenas plantas perenes. A origem do nome vem do grego "Aigos", gota, e "podos", pé. "Podagraria" deriva do termo latino "podagra", gota, e refere-se ao uso medicinal da planta.

***Aegopodium podagraria*** é uma planta da sombra úmida e dos solos fofos. Ela cresce sob as árvores dos bosques e, a partir daí, se espalha pelas margens dos bosques, pelas clareiras, pelas margens de rios e riachos, ao longo dos caminhos sombreados, sob as árvores frutíferas e finalmente nos jardins. Suas folhas grandes, divididas em até três partes, se assemelham às da Angélica, daí o nome popular francês de "pequena angélica". O *Aegopodium* contém muita água, aproximadamente 90%, mas apesar disso é aromático. Também nesta Umbelífera dos bosques o rizoma retém muita vitalidade, e não a libera nem mesmo na floração. A haste floral ascende portando grandes e belas umbelas brancas desabrochadas. Quando já se formaram as sementes secas, semelhantes às do cominho, então a planta começa a murchar e durante este processo de morte, começa sob a terra um forte processo de crescimento. O rizoma emite grande quantidade de brotos, os vegetativos e os reprodutores, estes últimos irão produzir as hastes florais do próximo ano.

O *Aegopodium* encerra no domínio da raiz as atividades que não foram transmitidas ao processo floral. Ele penetra com sua vitalidade o terrestre-mineral, dando forma ao aquoso, aromatizando, aerando e aquecendo esse elemento aquoso. Estes processos fazem do *Aegopodium* uma planta medicinal. Durante

séculos ele foi considerado um bom remédio contra a gota. Nesta doença, o corpo físico escapa à atividade formativa intensa imposta pelo Eu; desta maneira o corpo astral substitui o Eu e resulta disso um catabolismo que não é mais dominado pelo Eu e que se traduz pelos depósitos e acúmulos de sais. Este processo é combatido pelo *Aegopodium*, ele estabeleceu um equilíbrio preciso entre os processos do ar (astral) e do calor (Eu) com o líquido (etérico) e o sólido (físico). Este vegetal, apesar de estar muito unido aos processos minerais do solo, continua plástico e fluido. Nesta planta as atividades antiespasmódicas, analgésicas e glandulares estão recolhidas em relação às outras Umbelíferas.

## **Endro**

***Anethum graveolens* L.**  
***Umbelliferae (Apiaceae)***



Planta anual com caule ramificado, coberto por uma pruina glauca e terminado por umbelas de flores flavescentes. As folhas lineares, várias vezes penatissectas, são alternas sobre o caule. Os frutos são diaquênios. O endro ou aneto é originário das regiões orientais da bacia mediterrânea e da Ásia ocidental. No passado, era já considerado como uma importante planta medicinal, usada contra tosse, dores de cabeça e no preparo de unguentos. Atualmente, é cultivado nos jardins ou no campo como importante espécie aromática.

São colhidos os frutos e por vezes também o caule com folhas. As umbelas são cortadas à medida que atingem a maturação, são postas a secar antes de caírem os aquênios. Esta colheita deve realizar-se quando há orvalho, pois os frutos caem facilmente do caule. Quando se colhe o caule, este é cortado imediatamente antes da floração e é secado rapidamente à sombra ou num secador, a uma temperatura que não ultrapasse os 35°C. As partes ativas contêm um óleo essencial cujo principal componente é a carvona, possuindo também os frutos óleo e substâncias albuminosas. A planta tem uma ação carminativa: limita a acumulação de gases no corpo e facilita sua eliminação. A adição de uma pequena quantidade de frutos às tisanas produz um aperitivo e um calmante para os nervos. Os frutos têm igualmente uma ação favorável sobre a secreção láctea. A sua destilação permite obter um óleo aromático que é usado na farmácia, no fabrico de licores e na cosmética.

O caule fresco serve para aromatizar certas preparações culinárias.



# Angélica

*Angelica archangelica* L.

Syn. *Archangelica officinalis* (Moench) Hoffm.

*Umbelliferae* (*Apiaceae*)



Planta bienal de porte robusto, munida de um rizoma cônico de cor escura e de poderosas raízes. No primeiro ano, aparece uma roseta de folhas terrestres, no segundo ano um enorme caule em forma de cana, muito ramificado, coberto de folhas alternas dotadas de bainha membranosa. A parte terminal do caule apresenta umbelas compostas, formadas de flores esverdeadas. O fruto é um diaquênio. Toda a planta liberta um aroma agradável. Encontra-se numa vasta área da Europa e da Ásia, sobretudo nas regiões setentrionais ou em zonas altas. É cultivada em jardins e no campo.

Colhem-se, para fins farmacológicos, as raízes e os frutos. As raízes são desenterradas depois do segundo ano, de preferência no Outono, altura em que são mais ricas em óleos essenciais. São limpas cuidadosamente, lavadas, são feitas incisões em cruz e a secagem é realizada num secador à temperatura máxima de 35°C. Os frutos são colhidos à medida da maturação das umbelas. Faz-se cair os frutos sobre telas, deixa-se que acabem de amadurecer e secar, depois são limpos e as sementes são retiradas. As duas partes colhidas contêm um óleo essencial, ácidos orgânicos, princípios amargos, taninos e açúcares. Atuam como calmantes do sistema nervoso, reduzem o aparecimento de dores de cabeça e de perturbações nervosas, aliviam as câibras. Em farmacologia, servem de aditivo nas preparações aromáticas, nas tisanas medicinais, e são utilizadas pelas suas virtudes amargas e digestivas. Externamente, são também utilizadas em banhos e gargarejos.

A angélica é uma excelente planta melífera.



## Salsão selvagem

***Apium graveolens* L.**  
***Umbelliferae (Apiaceae)***  
Sob ponto de vista antropológico



O gênero *Apium* consta de 20 espécies de plantas perenes, anuais e bienais encontradas de forma selvagem na Europa, América do Norte, Ásia temperada e regiões Antárticas. *Apium graveolens* é um vegetal bienal que está incluído no grupo das Umbelíferas que crescem na água ou num ambiente aquoso e é muito próximo ao salsão cultivado. O *Apium*, em sua forma selvagem, cresce junto às lagoas salgadas próximas ao mar. Nesta planta o elemento salino é acrescentado ao elemento aquoso. As cinzas do salsão selvagem contêm 20% de cloreto de sódio, além de conter sílica, ferro, manganês e traços de cobre e arsênico. É uma planta bianual, que se condensa no primeiro ano em um tubérculo ligeiramente carnoso e produz folhas em forma de mãos intermediárias entre as folhas simples e arredondadas do *Hydrocotyle* e as folhas totalmente recortadas de muitas Umbelíferas. No segundo ano saem abruptamente do caule oco pequenas umbelas de flores. Esta planta possui um forte aroma característico que poderíamos denominar "salino". Ela gosta de regiões úmidas e muito chuvosas.

A humanidade de outrora vivenciava a descida do processo vegetal vivo no meio úmido, salgado e escuro, como uma descida em um mundo subterrâneo, e viam no salsão selvagem uma planta da morte e do luto. Esta planta, durante a ascensão e crescimento da haste floral, era vista, ao contrário, como algo que sai e se liberta do reino das trevas; por essa razão o salsão selvagem era a planta com a qual eram trançadas as cordas que constituíam as coroas dos vencedores dos jogos neméicos e istmicos, e isso também nos revela o caráter alegre e jovial

dessa planta. Em Selinonta foi erguido um templo para uma divindade ctônica, subterrânea, denominada *Apium*, à qual foi dedicado o *Apium* ou salsão que se tornou uma planta de culto ligada a este rito.

A ação do *Apium graveolens* no organismo astral é muito marcante. O salsão foi utilizado como medicamento nos espasmos torácicos acompanhados de angústia e, por outro lado, nos casos onde o corpo astral intervém muito fortemente no organismo dos líquidos. Esta planta diminui a secreção láctea e diminui o inchaço das mamas. O suco da raiz desta planta foi utilizado nos catarros pulmonares crônicos, na tosse, nas retenções urinárias e em todos os tipos de doenças renais, na formação de areia e cálculos renais. Também foi utilizado na hidropsia, gota e reumatismo. Uma Umbelífera que é ao mesmo tempo uma halófita, ou seja uma planta do sal, pode fazer com que o organismo regule os seus processos salinos. Daí pode-se entender a sua atuação nos depósitos salinos em todo o organismo, até na região da pele.

---

# Cominho

*Carum carvi* L.

*Umbelliferae (Apiaceae)*

Sob ponto de vista antroposófico



Nesta planta, assim como no anis e no **funcho**, são os frutos que constituem a parte utilizada como condimento ou como medicamento. O gênero **Carum** compreende 22 espécies, que crescem no norte das regiões temperadas do velho mundo, assim como na Califórnia e no Chile. As espécies americanas possuem raízes nodosas e tuberosas. O **Carum Carvi**, cominho, se encontra em toda a Europa ao norte dos Alpes até o norte da Noruega. Encontra-se também até o Norte e centro da Ásia. É uma planta que cresce nos campos e junto às valas de irrigação, nas planícies e em terras de aluvião até o Norte da Alemanha. Ela sobe até os vales alpinos, aparecendo nas trilhas das ovelhas ao redor das cabanas dos pastores. Quanto maior a altitude, menor a planta se torna. A qualidade do cominho está diretamente ligada a um solo úmido e muito ensolarado. Este fato também se expressa no desenvolvimento foliar. Suas folhas formam uma pseudo bainha carnosa e são tão recortadas, que se tornam uma estrutura filamentososa. A raiz carnosa lembra uma cenoura, e se forma durante o primeiro ano (inspiração). Esta planta bianual, em seu segundo ano (expiração) produz no início do verão belas umbelas brancas, planas, em estrutura de guarda chuva. Elas são livres de todo o elemento foliar, não possuem nem involúculos nem involucelos na base das inflorescências.

Os frutos secos, ígneos, queimantes, já estão maduros no fim de julho, pois todo o calor do verão antecipa o seu amadurecimento, mas as folhas geradas a partir do solo úmido fornecem uma excelente forragem e o néctar escorre abundantemente de suas pequenas flores; mas na região do fogo estival, a planta se completa. A análise das cinzas dos frutos revela uma grande quantidade de sílica (3,5%) e de óxido de ferro (3,6%), além de 8% de óxido de magnésio. Isto revela uma forte relação desta planta com a luz.

É muito compreensível que tal planta produza uma ação aquecedora, fortificante no estômago e no intestino, estimulando as glândulas digestivas e a secreção do leite. Graças à forte atividade luminosa e calórica de suas flores e de seus frutos, ela tonifica o sistema metabólico humano e pode fornecer energia ao corpo astral que está desfalecendo, e ao corpo etérico debilitado. Daí

compreende-se seu efeito antiespasmódico e sua atividade nos gases do trato digestivo, assim como sua atividade emenagoga. O cominho combate os espasmos uterinos, a hipocondria e a histeria. É interessante sua atuação contra a aerofagia. Todos os processos do organismo aéreo do homem, portador do corpo astral, são melhor dominados. Ele é um tônico para a consciência de vigília e capaz de eliminar as imagens incontroladas, oníricas da clarividência atávica. Existe um velho ditado que diz: "Quem come cominho, nunca terá um ataque de apoplexia".



## Coentro

***Coriandrum sativum* L.**  
***Umbelliferae (Apiaceae)***



Planta herbácea anual com caule ereto, canelado e ramificado, suportando folhas alternas divididas em segmentos lineares. As folhas inferiores, simplesmente penatissectas, secam rapidamente. As flores brancas ou rosadas estão agrupadas em umbelas compostas. Os frutos são diaquênios. Enquanto não estão maduros, libertam um odor intenso e desagradável. O coentro é originário das partes orientais da bacia mediterrânea e da Índia. Era conhecido no Egito antigo, onde servia de planta medicinal e sacrificial.

São os frutos que apresentam interesse medicinal. As umbelas são cortadas (cultura artesanal) ou o conjunto da cultura é colhido (cultura industrial) no começo da maturação. Após uma secagem complementar, os frutos são batidos e submetidos a nova secagem. Devem ser conservados em local seco dentro de recipientes bem fechados. Contêm até 1% de óleo essencial (*Oleum coriandri*), utilizado na preparação de produtos galênicos como a água real carminativa (*Aqua carminativa regia*). O óleo essencial pode também ser misturado com açúcar. Os efeitos do coentro são semelhantes aos da alcaravia. Os aquênios contêm também lipídios, albuminas, taninos, pectina, açúcares e vitamina C.



São usados puros ou em misturas, para a preparação de tisanas aperitivas, carminativas e digestivas, que têm igualmente efeito sedativo sobre o sistema nervoso.

Em aplicação externa, a planta seca, assim como o óleo de coriandro, serve, para preparar unguentos destinados a aliviar as dores reumáticas dos músculos e das articulações.

---



# Cenoura

***Daucus carota* L.**

***Umbelliferae (Apiaceae)***

Sob ponto de vista antropológico



O gênero ***Daucus*** possui um grande número de espécies, e devido à essa plasticidade, os botânicos tem grandes dificuldades com a classificação das espécies deste gênero. A cenoura é originária da região mediterrânea. Ela cresce preferencialmente nos campos secos, se bem que um pouco úmidos, sobretudo nos solos arenosos-pantanosos. Luz, sílica, água, húmus, calor: A mistura harmoniosa desses elementos confere às plantas deste gênero as possibilidades ideais de desenvolvimento. ***Daucus carota*** é uma espécie especialmente bem harmoniosa do tipo Umbelífera. Ela é a mais perfeita planta alimentícia desta família e representa, entre as Umbelíferas, um centro harmônico análogo àquele que a rosa representa na família das Rosáceas.

Esta planta possui folhas recortadas de duas a quatro vezes e forma no primeiro ano uma raiz carnosa, amarelo alaranjada, que contém 6 a 12% de açúcar (nunca amido; esta substância solidificada está ausente na família Umbelífera, o açúcar da cenoura permanece solúvel, ou como gomas e mucilagens). Encontra-se também na cenoura: pectina, inositol, lecitina, glutamina e fosfatídeos. Além disso esta raiz contém um corante amarelo, o caroteno. O caroteno encontra-se no mundo vegetal normalmente nas folhas e é um parente próximo da clorofila. O caroteno também aparece nas cores dos frutos e das flores. É uma substância muito relacionada com a luz. Descobertas recentes mostram cada vez mais claramente que esta substância desempenha um papel na absorção da energia luminosa pela planta, fazendo com que esta energia possa descer até as raízes. Atividades luminosas permeiam esta raiz. No organismo humano, o caroteno se transforma em vitamina A, que atua na vitalização dos órgãos sensoriais (de origem ectodérmica) e se encontra em grande concentração na púrpura do olho. As cinzas da cenoura também demonstram uma relação particular com a luz: elas contêm quantidades notáveis de sílica (1 a 5%) e de ferro (1 a 2%), assim como traços de cobre, cobalto, níquel e arsênico.

O segundo ano da planta está voltado ao desenvolvimento floral, a planta cresce acentuadamente, formando folhas ainda menores e mais finas e surge também a floração através de uma umbela grande e semi esférica. A umbélula central é freqüentemente substituída por uma flor única, maior do que as outras e de uma coloração púrpura. Após a fecundação o guarda chuva de flores se posiciona de maneira semelhante a um ninho, mas o princípio radiante age até no fruto que está coberto por pequenos ganchinhos inofensivos.

A raiz da cenoura selvagem com seus processos luminosos e silicosos regulariza a cabeça, especialmente nas crianças na idade de se edificarem a partir das forças da periferia cósmica através da esfera sensorial. Além disso o Eu e o corpo astral podem se servir dos processos luminosos e calóricos deste vegetal para intervir fortemente nos processos etéricos construtores da região metabólica e até na gênese dos ossos. No metabolismo assim "iluminado", os parasitas dos órgãos digestivos não podem viver. A cenoura, pelas mesmas razões, é uma planta alimentar importante na criação de jovens animais e Rudolf Steiner recomendou particularmente a cenoura nestes casos. A raiz da cenoura selvagem é diurética e afrodisíaca. Seus frutos promoveriam a menstruação e a concepção. O organismo dos líquidos se recoloca sob o controle do corpo astral. Vemos nisso o tema "tonificante do corpo astral", que é característico das Umbelíferas.

# Heracleum

## *Heracleum sphondylium* *Umbelliferae (Apiaceae)*

Sob ponto de vista antroposófico



Esta Umbelífera, típica dos campos, cresce nos prados úmidos-sombreados e ácidos ou em clareiras úmidas. Nesta planta, o tipo Umbelífera aparece de uma maneira menos delicada do que nas outras. O princípio aromático retirou-se quase que totalmente devido ao meio aquoso, sombreado e ácido. A variabilidade extrema da forma foliar do Heracleum exprime este conflito. A folha é ora simples, com bordos unidos, ora recortada em lobos, mais ou menos grosseiramente recortadas, dependendo da altitude, intensidade luminosa e umidade; esta planta não possui folhas planas, mas onduladas e franzidas. Isso provém do fato de que o crescimento da folha é interrompido na região dos bordos e não no limbo.

Um sistema foliar muito potente nutre um rizoma cuja energia de crescimento é enorme. Tal rizoma emite brotos sem cessar e produz um suco amarelo, acre, contendo os aminoácidos glutamina e arginina, assim como galactana e arabana (gomas intermediárias entre o açúcar e a celulose). Acima de seu rizoma cresce na primavera uma haste oca, portadora de grandes umbelas com numerosas flores. Elas possuem um aroma fortemente açucarado e um pouco atordoante, semelhante a um anis grosseiro, um pouco parecido com o aroma da trimetilamina. Toda a planta durante a primavera, tem um suco com leve aroma semelhante ao da cenoura; as folhas são ligeiramente aromáticas, adocicadas, mucilaginosas, e quando mais velhas vão se tornando acres e amargas.

A raiz do Heracleum era reputada, durante a Idade Média, como um bom anti-epiléptico. Era também utilizada nas inflamações por

resfriamento do estômago e intestino. Eram-lhe atribuídas propriedades digestivas e seu fruto (aquênio) era tido como antiespasmódico. Nós podemos notar que as Umbelíferas que crescem no campo estão muito mais fortemente unidas com o elemento luminoso e com o calor cósmico do que as Umbelíferas que crescem nas florestas e podemos esperar das Umbelíferas dos campos uma ação muito mais intensa na organização astral.

---



# Levístico

***Levisticum officinale* W.D.J. KOCH**

***Umbelliferae (Apiaceae)***

**Sob ponto de vista antroposófico**



Sua forma selvagem parece provir das montanhas da Pérsia. O *Levisticum* medra nos declives montanhosos do Sul da Europa, onde vive até a altitude de 2.700m. Sua raiz principal é curta e ramificada em raízes secundárias longas e espessas que se enterram numa profundidade de cerca de meio metro. Este órgão fundamental resulta de uma longa e intensa fase de aspiração do ar, da luz e da astralidade cósmica que essas plantas captam para dentro de si.

O *Levisticum* produz folhas de uma tonalidade entre verde escuro e dourado, erguidas, um pouco "gordurosas", penadas com duas a três divisões. Tais folhas nos dão a impressão de que o *Levisticum* é uma planta que ama o Sol e foge da sombra. Os lobos são lanceolados e pontudos em forma de um triângulo agudo, cuja parte mais pontuda aponta para fora da planta. A bainha foliar entumescida envolve o botão (gema) e se prolonga até o pecíolo formando um canal. A planta assume plenamente o porte herbáceo, erguendo-se com vigor. A haste floral é grossa e ascende até a altura de um homem, acompanhada até em cima por folhas cada vez menos divididas, e no alto da planta, tais folhas são simplesmente penadas como as do Carvalho. As últimas possuem apenas 3 folíolos que são peciolados ou sésseis. Próximo a estas últimas folhas abrem-se as umbelas que são relativamente pequenas, dado o tamanho desta grande planta. As umbélulas permanecem bastante separadas e não se unem formando um guarda-chuva. A força foliar é impulsionada até em cima da haste floral e se manifesta sob a forma de envólucro e involucelos. As flores são pequenas, de cor amarela. Presenciamos nesta planta uma diástole, uma expansão bem

**DOMINADA.** A planta não se abandona totalmente na floração e sua força desce novamente até a raiz e lá se conserva até o ano seguinte.

Esse é o motivo pelo qual encontramos nesta raiz muitas substâncias: um látex amarelo que se endurece em presença do ar, uma resina balsâmica misturada com uma grande quantidade de mucilagem, e essa raiz também possui óleos etéricos espessos, proteína, um pouco de amido, ácido málico e ácido angélico. O óleo essencial contém, como componente principal, o terpineol, furocumarina, açúcares, ésteres de ácidos orgânicos e muitas outras substâncias. Toda a planta possui um odor forte, aromático e salgado e um gosto muito conhecido pelo fato deste condimento, denominado em alemão Maggi, entrar na composição daqueles caldos de carne industriais que são vendidos em forma de cubinhos. Esse odor e sabor lembram o do salsão. O *Levisticum* adiciona ao aroma do salsão uma nuance suave e mucilagínosa e é um excelente tempero para os alimentos aquosos. Como planta medicinal, é capaz de aerar e de aquecer o nosso organismo dos líquidos.



A paisagem humana na qual o *Levisticum* desenvolve a sua ação é a seguinte: males do estômago, dispepsia e perturbações cardíacas ligadas a problemas gástricos e intestinais. O *Levisticum* é um diurético potente e provoca bons efeitos na hidropsia do coração e nas inchações edematosas, principalmente nos pés. O *Levisticum* é um ótimo auxílio na cistite, na albuminúria, nas nefropatias e dores de cabeça provenientes de uma insuficiente atividade renal. O *Levisticum* combate os suores mal cheirosos que acompanham a insuficiência renal. Nas doenças esclerotizantes essa planta apresenta um efeito dissolvente. Ela obriga a retornar na corrente fluida do corpo etérico aquilo que escapou e se tornou mineralizado. Da mesma maneira o *Levisticum* alivia as dores da gota, do reumatismo, os cálculos renais e auxilia o tratamento das moléstias do baço e do fígado. Graças ao *Levisticum* podem ser curadas as afecções do peito, os catarros, e a obstrução mucosa dos órgãos respiratórios.

Como tônico do Corpo astral, essa planta atua favoravelmente nos casos de menostase e amenorréia. Além disso, o *Levisticum* é emenagogo e afrodisíaco. A decocção do *Levisticum* misturada ao banho fortifica os órgãos abdominais. Esta planta também é útil para curar feridas que não conseguem cicatrizar e também é utilizada nas supurações.

Além das indicações até agora mencionadas, podemos também reconhecer, a partir da investigação espiritual dada por R. Steiner, outras indicações possíveis de serem tratadas pelo *Levisticum*. A pesquisa demonstra o seguinte: Os estados doentios onde a organização Astral atua irregularmente (de maneira intensa) nas vias circulatórias e se enfraquece nos processos cerebrais, podem se exteriorizar em sintomas epiléticos, porque através do enfraquecimento (moderação da atividade astral), a atividade etérica se torna muito intensificada no cérebro. "...Levem as mucilagens obtidas do *Levisticum* ao organismo, e assim torna-se livre a atividade do corpo Astral necessária para atuar na incorreta circulação do sangue, promovendo-se assim um fortalecimento da organização do cérebro..." A atividade Astral está, em tais casos, em lugar errado,

removida da parte de cima e ligada ao corpo na organização média. A planta, com tal sucção normal da esfera Astral atuando no Etérico-Líquido é apropriada para fazer com que novamente o Astral se torne livre para exercer sua atividade na organização superior. A goma-resina configurada pelo éter de calor e de vida penetra anormalmente para dentro da mucilagem, configurada, aromatizada e sulfurizada pelos éteres de calor e luz, próprios da região da flor e do fruto. Isto se revela na liberação da atividade anormal do Corpo Astral no sangue.

Uma outra indicação: Inflamações do ouvido médio. "Neste caso o Etérico se torna muito forte, atacando o órgão aéreo que é o ouvido no qual o éter químico, quimicamente ativo no meio líquido deveria se tornar éter de som, mas permanece subordinado no Corpo Astral no que concerne à forma. Dessa maneira surgem proliferações, inchações e inflamação. É reservado ao Corpo Astral o ato de atenuar tais processos. O *Levisticum*, muito penetrado pelo ar, permite à esfera Astral internar anormalmente no líquido. Dessa maneira, esta planta pode ter uma ação terapêutica. No caso de um corpo etérico atrofiado alimentar muito debilmente os órgãos digestivos e ovarianos, R. Steiner aconselha a prescrição do *Levisticum*, além de outros medicamentos, pois esta planta contém muita goma vegetal que reveste e envolve os processos metabólicos (Cobre e Arsênico foram igualmente prescritos), que podem, de certa maneira, ser muito fortificantes para o trato digestivo".

A ação do *Levisticum* se estende entre o intestino e o sistema linfático. Num outro caso R. Steiner prescreveu *Levisticum* D6 contra as angústias cíclicas provenientes de uma contínua compressão do Corpo Astral. Numa outra paciente, cuja doença principal era um útero atrofiado tendendo à esclerose, R. Steiner indicou a mucilagem do *Levisticum*. "Isso deve revivificar os órgãos abdominais". No caso do surgimento de mucosidade, o *Levisticum* pode ser substituído pelo [Anis](#). "No *Levisticum*, a mucilagem está ligada sob forma de goma às outras substâncias, e é isso que produz a sua eficácia, pois a estrutura é, algumas vezes, mais importante do que podemos imaginar".



## Anis, Erva-doce

***Pimpinella anisum* MILL.**

***Umbelliferae (Apiaceae)***

**Sob ponto de vista antropológico**



Esta planta é cultivada desde a antiguidade na região mediterrânea e representa uma variação do tipo fundamental das Umbelíferas, variação essa que ocorre da seguinte maneira: após um processo de "sístole" enérgico, porém rápido, a planta realiza no mesmo ano a "diástole" e isto se realiza através da floração e da frutificação. Logo que a semente germina, desenvolvem-se folhas basilares, arredondadas, delicadamente denteadas e longamente pecioladas, a raiz é fusiforme. Observando-se esta planta iremos acreditar que a roseta de folhas, que se formou inicialmente, complete seu ciclo evolutivo apenas no segundo ano, mas quando o verão que se aproxima é quente, seco e ensolarado, as umbelas já surgem neste primeiro ano. Sob a influência desses elementos desenvolve-se um aroma suave e açucarado e ascende rapidamente um caule que leva consigo folhas que se assemelham, de início, às da urtiga (*Urtica urens*). Logo em seguida aparece uma folha semelhante a da salsaínia, mas apenas por um momento. A folha seguinte já está profundamente recortada, em uma divisão dupla, e depois se desenvolve uma inflorescência de umbelas e umbélulas, sem envólucros nem involucelos. É uma nuvem branca e leve, muito aérea. Neste momento é necessário que a secura se prolongue por bastante tempo e que não ocorram chuvas neste período. Desta maneira é possível a formação dos aquênios, que são os frutos secos das Umbelíferas. É por isso que Espanha e Rússia, com seus longos verões secos e sem chuvas, são os países onde se cultiva o anis com sucesso. As forças de calor do verão são contidas nos frutos do anis, de cor cinza amarelada, do qual todos conhecem o sabor suave e ígneo. Em suas glândulas encontramos uma essência ou óleo etérico que é pesado e se coagula facilmente.

As ações terapêuticas do anis nos levam às imagens já observadas em outras Umbelíferas. Encontramos atuações antiespasmódicas e também podemos reconhecer nesta planta uma atividade nos edemas. Somente no anis isto se dá de maneira acentuada, sendo que ele apresenta uma nuance ligeiramente narcótica. Igualmente são reforçados os poderes expectorantes, aliviando a asma; os efeitos analgésicos estão fortalecidos em relação às outras Umbelíferas. Esta planta estimula a atividade glandular, aliviando as afecções gastro-intestinais, aumentando a secreção de leite e favorecendo a menstruação. O óleo de anis é um excelente parasiticida. As sementes de anis são empregadas como condimento, tornando mais facilmente digeríveis pães e bolos; mas o anis não tem como o cominho força ígnea suficiente para temperar alimentos protéicos e gordurosos. Em relação ao sabor, podemos descrevê-lo como um "fogo aquoso". O anis ajuda de muitas maneiras a aerar e astralizar o organismo dos líquidos. Antigamente lhe era atribuído uma ação antiépilética e acreditava-se que quem segurasse anis nas mãos não cairia em vícios.

Rudolf Steiner mencionou especialmente o sutil processo de ferro que permeia esta planta, não na região foliar como na urtiga, mas na região do fruto. O processo ferro é exclusivamente centrífugo nas flores e frutos do anis, enquanto nas folhas da urtiga, o ferro está em equilíbrio entre processos centrípetos e centrífugos. Nesta irradiação do anis é atuante também um sutil processo de sílicea. (O ferro e a sílicea existem materialmente no cominho e no funcho, no anis estes processos são ativos dinamicamente. O ferro explica as atividades secretoras, sudoríficas e galactogênicas do anis). O que foi dito anteriormente em relação aos efeitos do decocto de cominho também é válido para o decocto do anis.





## Salsa, Salsinha

***Petroselinum crispum* (MILL.) NYM.**  
**syn.: *Petroselinum hortense* HOFFM.**  
***Umbelliferae* (*Apiaceae*)**  
**Sob ponto de vista antropológico**



***Petroselinum crispum*** é uma planta herbácea bienal dotada de raiz cônica branca e formando, no primeiro ano, uma roseta terrestre de folhas compostas, três vezes divididas. No decurso do segundo ano, a raiz produz uma haste ramificada com folhas alternas e terminada por umbelas de flores verde-amareladas. Suas folhas são mais estreitas, mais contraídas e mais brilhantes que as da cenoura, mas como as desta, ricamente recortadas. Os frutos são diaquênios. Toda a planta liberta um odor aromático. A forma selvagem é provavelmente originária do mediterrâneo e das montanhas do noroeste da África. Ela cresce em locais pedregosos e ensolarados. Cultiva-se a salsa comum pelas suas folhas, e a salsa tuberosa pela sua raiz.

Entre os componentes ativos, citamos sobretudo o óleo essencial (até 7% nas sementes), um glicosídeo, a apiína, etc. A raiz contém cerca de 5% do óleo essencial. Possui muito manganês e a cinza das sementes contém 0,5% de óxido de ferro. A salsinha também é muito mais "astralizada" do que a cenoura, muito mais fortemente penetrada de ar e calor, mais apimentada. Ela contém um princípio inflamante; o contacto com suas raízes pode provocar edema no braço e inflamação na pele.

Diz-se que suas folhas e seus frutos são venenos mortais para os pássaros. Seu óleo essencial, presente principalmente nos frutos, contém apiol, esta substância é, pretensamente, um abortivo muito utilizado e, além disso, um afrodisíaco. Mas a salsinha tem sobretudo um efeito irritante sobre os rins, sendo por isso um potente diurético, eficaz na retenção urinária e empregada nos cálculos renais, na prostatite e na gonorréia. A raiz é utilizada por seus efeitos digestivos na debilidade estomacal e na gastrite. Em doses fracas, estimula o apetite e a digestão. A salsinha é universalmente apreciada como condimento. Na medicina atual é tida como moderadora da hiper-atividade tireoidiana. Suas ações analgésicas nas dores de ouvido e de dentes são explicadas através do poder que possuem as Umbelíferas de aliviar os nervos, quando atua uma astralidade muito forte no paciente. Ela também é empregada no reumatismo e contra as irritações cutâneas causadas por picadas de inseto ou exposição ao sol. Em tisanas é usada na proporção de quatro colheres de café de raízes secas por chávena de água, a tomar três vezes por dia. Doses superiores provocam congestão das mucosas digestivas e contrações uterinas: prudência, pois, em caso de gravidez. Em doses elevadas, as preparações à base de raízes ou de sementes de salsa são tóxicas. O suco fresco da raiz é vulnerário e antiflogístico (picadas de insetos).



*Petroselinum crispum* var. *tuberosum*



# **Imperatória**

***Peucedanum ostruthium* W.D.J. KOCH**

**syn.: *Imperatoria ostruthium* L.**

***Umbelliferae (Apiaceae)***

**Sob ponto de vista antropológico**



Esta planta habita os Pirineus e os Alpes. Ela cresce nos prados e nos planaltos de altitude, junto aos cursos de água que escorrem das geleiras junto às rochas, às margens dos riachos, medrando entre 1.500m e 2.700m. Esta planta estabelece um confronto entre a rocha fragmentada, esmigalhada, e penetrada de água, por um lado, e por outro lado entre o ar e a luz das alturas. Suas folhas são grandes e profundamente trilobadas, de coloração verde-dourada. Elas sombreiam o chão úmido onde cresce a planta. As umbelas, ricas em flores, pairam por cima da planta como uma nuvem aérea. Os frutos (aquênios) possuem uma margem larga, alada e pequena. Uma raiz se forma em primeiro lugar, e ela é vigorosa, longa e profunda. Para essa planta poder viver, é necessário um clima fresco bastante longo, pois nas regiões onde o *Peucedanum* vive, a neve persiste até o mês de junho, e depois ocorre uma lenta evaporação das águas da neve e da chuva, seguida de um aquecimento progressivo. Esta longa sístole é sucedida por uma diástole.

Tem lugar uma irradiação breve, porém enérgica, através da floração e frutificação. A raiz possui um gosto acre, amargo, porém queimante e aromático ao ser macerada. Ela contém, principalmente na primavera, bastante látex esbranquiçado que se torna amarelo quando exposto ao ar. Toda a planta é muito rica em óleos etéricos (essências) que contém limoneno, felandreno e pineno; contém também princípios amargos e taninos..

A Imperatória era considerada na Idade Média "a mais nobre das ervas". Era tida como tônico estomacal, estimulante das glândulas digestivas e salivares e estimulava até o intestino; além disso era reputada como sudorífico, diurético intenso e expectorante. Por outro lado, ela era tida como anti-espasmódica para o estômago e para o útero. Também era utilizada na asma e no catarro brônquico. Além disso era utilizada contra a Epilepsia e o delirium tremens. Esta planta era empregada como preventivo nas epidemias de peste e utilizada como vulnerário que impedia a supuração das feridas e combatia o envenenamento do sangue. Encontramos mais uma vez reunidas as propriedades já conhecidas das Umbelíferas com uma característica especialmente forte e aromática.

## **Meimendo-negro**

***Hyoscyamus niger* L.**  
***Solanaceae***



Planta anual ou bienal, possuindo um caule ereto com folhas alternas, dentadas, viscosas. Na axila das folhas formam-se flores cinzento-amareladas com veios violeta. O fruto é uma cápsula que contém abundantes sementes castanhas (em baixo à esquerda). Toda a planta é vilosa - penugenta e muito venenosa. É provavelmente originária das regiões mediterrâneas, mas cresce atualmente em toda a Europa e na Ásia. Encontra-se nos escombros, nos baldios, como adventícia das culturas de papola. Na Antiguidade, era usada como planta mágica com virtudes inebriantes e sporíferas.

São colhidas, para prover às necessidades da indústria farmacêutica, as folhas ou mesmo o caule com folhas e as sementes. As folhas são retiradas à mão, na altura da floração, progressivamente, quando atingem o tamanho máximo. São secadas em camada fina, à sombra; ou num secador, a 50°C no máximo. Libertam um odor estupefaciente e é preciso conservá-las em invólucros fechados. Contêm alcalóides venenosos: hiosciamina, atropina, escopolamina, que atuam (como na beladona) sobre o sistema nervoso central (parassimpatolíticos). Extremamente tóxicas, as folhas nunca são usadas em medicina popular. A indústria farmacêutica retira delas remédios antiasmáticos, espasmolíticos, reparadores do sistema nervoso, calmantes das tremuras senis. Os diferentes componentes, mesmo o óleo de meimendo,

servem para preparar unguentos e pomadas contra as dores reumáticas (somente mediante receita médica).

---

## **Alface-silvestre**

***Lactuca virosa* L.**

***Asteraceae (Compositae)***



Planta anual a bienal, possuindo um caule ereto, ramificado na parte superior, apresentando folhas sésseis. As folhas da roseta são pecioladas, ovaladas, dentadas. O caule, com os seus capitulos de flores amarelas, forma uma panícula ramificada. O fruto é um aquênio com coroa. Toda a planta é percorrida por uma rede de laticíferos que contém um látex branco, que endurece, torna-se colante e muda de cor em contacto com o ar. Originária da Europa meridional, a alface-selvagem é cultivada desde a Antiguidade como planta medicinal com efeitos narcóticos.

São colhidas as cimeiras, cuja secagem é feita à sombra. Os caules secos têm um odor desagradável e um gosto amargo. Recolhe-se, na maior parte dos casos, somente o látex solidificado: corta-se, para isso, a extremidade dos caules e retira-se para dentro de recipientes o suco seco. As plantas podem depois receber novas incisões, e o processo pode repetir-se várias vezes por estação. O produto seco é tratado pela indústria farmacêutica. Contém princípios amargos, alcalóides, borracha, albuminas e ácidos orgânicos. Os princípios amargos, e sobretudo a lactucina e a lactucopicrina, têm um efeito neurosedativo, sendo a planta por essa razão usada como narcótico muito antes da descoberta do ópio. Os remédios que dela se tiram são utilizados contra os ataques de tosse e a tosse convulsiva. A toxicidade da planta leva a que só possa ser utilizada mediante receita médica.

Veja também: [Lactuca visosa](#) sob ponto de vista antropológico.

---



# Camomila

***Matricaria chamomilla* L.**  
***Asteraceae (Compositae)***  
Sob ponto de vista antroposófico



O ciclo vital breve e rápido da *Matricaria chamomilla* facilita a compreensão das forças plasmadoras que nela se manifestam. Seu pequeno fruto (aquênio) cai por terra no outono deixando, inicialmente, germinar uma roseta de folhas finamente recortadas, permanecendo a planta nesse estágio durante todo o inverno; nos primeiros raios aquecedores da primavera, a planta assume um porte, inicialmente nodoso, desenvolvendo rapidamente um bouquet de folhas filiformes de um verde dourado; dessa planta brotam então numerosos pequenos capitulos longamente pediculados. Toda a planta é aérea, transparente até a parte que toca o solo, mole e irradiada. Apesar disso, cada raio traz em sua extremidade a forma bem condensada de um capítulo branco, cujo receptáculo convexo contém uma "gota de ar".

Quando examinamos a planta de perto, nos surpreendemos. Tão filiforme em relação ao comprimento e, quando cortada, mostra ser totalmente preenchida de um material aquoso. Com isto percebemos a característica intumescida da planta que lembra as halófitas, plantas que crescem em regiões salinas como, por exemplo, as *Chenopodiáceas*. A *Chamomilla* gosta de solo salgado, prosperando muito bem em terrenos ricos em sódio, como é o caso das estepes da Hungria. Uma espécie vizinha, a *Matricaria inodora*, é halófito e povoa as praias. As plantas halófitas apresentam a propriedade de bloquear seu crescimento através do desenvolvimento de folhas carnudas, suculentas, preenchidas de água, produzindo apenas flores insignificantes, como que atrofiadas, incolores e inodoras. Quando nos

lembramos da *Salicornia*, podemos visualizar as características de uma planta halófito.

Podemos perceber esse processo salino quando cortamos uma folha de *Camomilla*, mas a planta domina e conduz tal processo a um resultado oposto: talhe extremo, características aéreas, aromatização delicada: princípio sal e princípio enxofre se encontram no domínio mercurial. Sua floração nos manifesta um odor abafado, uma chama apaziguada e doce. O óleo etérico, ou essência, obtido pela destilação das flores, é de um azul sombrio em vez de ser amarelo claro como nas outras essências. O azuleno manifesta uma ação anti-inflamatória.

A *Chamomilla* gosta da luz, procura os campos, as margens dos caminhos, os solos pobres, arenosos e argilosos; evita a sombra e a umidade. R. Steiner assinalou que um sutil processo luminoso atravessa essa planta, contudo ela mostra afinidades com o calcário. Algumas vezes ela fica coberta de pulgões a ponto de parecer preta. Eles aproveitam uma excreção de açúcar que é própria dessa planta.

Uma forte ação da *Camomila* no organismo humano repousa na afinidade dessa planta com o elemento aéreo (gota de ar no receptáculo) e suas relações particulares como elemento astral. Utilizamos essa planta contra os espasmos, convulsões, cólicas dos órgãos digestivos, perturbações da menstruação e da gravidez, dores nevralgias e hipersensibilidades. Acrescenta-se a isto um poder anti-inflamatório que faz dela um vulnerário precioso: as lavagens com camomila são recomendadas para feridas que supuram, acelerando a cura dos ferimentos e das inflamações da pele e das mucosas. Toda essa planta é, pois, uma inflamação dominada, uma dissolução subjugada, um Sulfur freado pelo sal. Esse processo se imprime em todas as substâncias que ela produz durante o seu ciclo vital, aquilo que é condensado na matéria, libera-se na dinâmica da cura.

Veja também: [Matricaria chamomilla](#).

## **Camomila**

***Matricaria chamomilla* L.**  
**syn.: *Chamomilla recutita* RAUSCH.**  
***Asteraceae (Compositae)***



Planta herbácea anual com caule ereto, ramificado, apresentando algumas folhas divididas. No cimo do caule aparecem capítulos isolados com receptáculo arqueado e oco, flores tubulosas amarelas e liguladas, brancas na periferia. O fruto é um aquênio. Espécie sobretudo europeia, asiática e norte-americana, largamente cultivada e melhorada devido às suas enormes virtudes medicinais. Entre as variedades regionais tradicionais, entre as quais a camomila de origem tcheca tem um lugar de primeiro plano (*Flores chamomillae bohemicae*), desenvolvem-se cada vez mais cultivares tetraplóides e outros que contêm elevadas percentagens de compostos ativos.

São colhidos os capítulos três a quatro vezes por ano, quando o tempo está bom. Os capítulos são secados em camadas finas, à sombra, num local bem arejado, ou num secador a uma temperatura máxima de 35°C. Contêm até 1% de óleo essencial, azul claro após destilação (azuleno, camazuleno), bisabolol, farneseno, flavonas (pigmentos amarelos), glicosídeos cumarínicos e um grande número de outras substâncias ativas. Os capítulos de camomila têm um efeito anti-inflamatório, desinfetante, diaforético e lenitivo. É uma das plantas medicinais mais freqüentemente usadas, sobretudo em medicina infantil. A infusão, na dose de uma colher de sopa de flores secas por litro de água, é usada em caso de gripe (sudorífero e calmante), de perturbações gastrintestinais ou de diarreias. A sua ação desinfetante é particularmente interessante nas inflamações

das vias urinárias. Em aplicações externas, a camomila serve para preparar compressas e banhos para feridas de cura difícil.

Veja também: [Matricaria chamomilla](#), sob ponto de vista antroposófico.

---

# Petasites

***Petasites officinalis***

***Asteraceae (Compositae)***



Essa planta possui folhas gigantes; arredondadas, reniformes. Pertence ao domínio do elemento aquoso: bordos de riachos e ribeirões; ela recobre esses lugares, com seus galhos de tipo trepadeira, que crescem rente ao chão. No inverno, todas as partes aéreas desaparecem, mas em março, vemos sair da terra flores encorpadas, cor de carne, que se aprumam rapidamente, umas femininas e outras masculinas, logo elas se desagregam, enquanto que seus aquênios plumosos, leves, são levados pelo vento. Quando o rizoma já exalou o impulso floral que ele tinha guardado durante o inverno, as folhas gigantes começam a se desenvolver.

Sua raiz e sua folha são remédios conhecidos há muito tempo. Quando começamos a analisá-las para entender o segredo de sua ação terapêutica, encontramos um pouco de óleo essencial, substâncias amargas, resinas, pectina, inulina, e hidrocarbonetos aparentados à inulina: heliantenina, sinantrina; e uma substância cuja eficácia ultrapassa a da papaverina, mas que não é um alcalóide. Na Homeopatia, utiliza-se a tintura dessa planta contra as dores de garganta e de cabeça. Um vegetal que tem um processo raiz tão intenso se dirige à organização superior do homem. Além disso, por sua ação peitoral (nas bronquites, etc.), ela tem uma certa semelhança com o Tussilago, o que não nos espanta (gênese poderosa de folhas). Ela é também diaforético. Pode ser utilizada nos resfriamentos seguidos de inflamação e mucosidades nos órgãos respiratórios.



## Séneccio

***Senecio vulgaris* L.**

***Asteraceae (Compositae)***



Os Senecionídeos, que são um dos doze grupos das compostas tubulifloras, se dividem, em 40 gêneros cujo mais rico, é o dos Senecios (1300 espécies). Encontramos plantas herbáceas, pequenos arbustos, plantas trepadeiras e algumas pequenas árvores. Eles povoam os montes e as estepes, sobretudo na África. Entre eles, o Senecio vulgaris da Europa é uma erva daninha na agricultura. Esta planta não é bonita, mas é dotada de uma incrível vitalidade e de um poder de multiplicação enorme, o que a faz estar disseminada por todo o globo terrestre. Desafiando lugar e estação, o Senecio comum floresce e frutifica desde o começo da primavera até o fim do outono, e mesmo em pleno inverno, quando ele não é muito rigoroso. Uma geração sucede a outra.

Ele não se enraíza profundamente, forma rapidamente sementes, e endireita logo seu caule avermelhado; ele forma algumas folhas alongadas, denteadas, um pouco carnudas, diferentes do caule, e uma inflorescência ramificada; seus capítulos não são muito imponentes, contendo flores em tubo, tendo renunciado a qualquer beleza exterior, a toda irradiação, e dão origem a aquênios rodeados de pelos, que o vento carrega.

Encontramos nessa planta muito fósforo e alguns alcalóides (senecionina, senecina), o que não deve surpreender numa planta que se dedica quase que somente a florescer. Como remédio, ela age sobre a região abdominal e notadamente sexual; um pouco como o ergot do centeio sobre o útero, ela favorece a menstruação; no polo oposto, essa planta diminui os sangramentos do nariz e mesmo as hemorragias pulmonares.

## **Atanásia**

***Tanacetum vulgare* L.**

**syn.: *Chrysanthemum vulgare* BERNH.**

***Asteraceae* (*Compositae*)**



Planta herbácea perene com caules eretos, angulosos, suportando folhas divididas, alternas, verde-escuras. Os caules têm capítulos terminais de flores amarelas agrupadas em corimbos. Os frutos são aquênios. Toda a planta liberta um odor a cânfora, sobretudo depois de estar seca. A atanásia, também chamada erva-de-são-marcos, cresce na Europa e na Ásia, nos grandes vales fluviais, de clima tépido e úmido, na beira dos riachos e prados, próximos a barragens, em solos meio arenosos e meio argilosos, nos prados, junto aos caminhos, na orla das florestas, sendo também cultivada em jardins. Sempre foi usada para lutar contra os parasitas externos e internos, tanto do homem como dos animais.

São colhidas, para esse efeito, as flores ou as folhas - pormenor no desenho em baixo. Os capítulos são cortados com a unha, sem pedúnculos, e postos a secar num local escuro e bem arejado. As folhas são cortadas à mão. A secagem faz-se sobre grades de canas e separadamente em relação a outros vegetais. Os materiais secos são sobretudo ricos em óleo essencial (0,2%-0,6%, *Oleum tanacetii*), que contém tuiona, uma substância tóxica; contém também princípios amargos (*tanacetina*), taninos, tuiona, cânfora, borneol, terpenos e ácidos orgânicos. Essa composição lembra, de certa forma, a *thuja*. Possuem ações vermífuga e emenagoga e são usados contra parasitas intestinais (anti-helmíntico), em infusões, na proporção de uma colher de café para duas chávenas de água, a tomar três vezes por dia. Utiliza-se também o pó de atanásia em pequenas pitadas. O óleo obtido por destilação dos caules frescos tem as mesmas aplicações. As doses devem ser determinadas com grande prudência, pois todo o excesso de consumo provoca uma congestão da região da bacia, com lesões renais e nervosas. Existe também o *Chrysanthemum parthenium* e o *Tanacetum balsamicum*, que possuem substâncias amargas e essências fortemente aromáticas; as duas podem estimular (até a inflamação) os órgãos nutricionais e sexuais.

O odor da atanásia seca afugenta os insetos, o que é aproveitado em medicina veterinária.

# Tussilagem

*Tussilago farfara* L.

*Asteraceae (Compositae)*



Planta adventícia perene, com rizoma duradouro, subterrâneo, fortemente ramificado, que emite, no início da Primavera, um caule um pouco carnudo, coberto de escamas, com pequenas flores amarelas em formato de sol (capítulos).

O Tussilago trouxe dentro de si durante todo o inverno esse impulso floral e se elevou, no começo da primavera, diretamente do domínio das raízes, na luz de março. Essas flores procuram o sol e fecham-se à noite e com tempo ruim. É somente depois da floração que surgem as folhas longamente pecioladas, palmadas, tomentosas, com cinco ângulos, esbranquiçadas por baixo, formando uma roseta rente ao chão. Os frutos são aquênios com coroa.

O solo deve ser úmido e ensolarado, argiloso e contendo calcário. Nós o encontramos nos bordos das fossas inundadas, dos caminhos, dos cais, nos entulhos, etc., em toda a Europa, Ásia, e África do Norte e, secundariamente, na América.

Essa planta produz inulina, taninos, um pouco de óleo essencial, xantofila na flor; suas cinzas contêm muito salitre. Ela produz todos os anos, uma abundante goma (mucilagem). Se há no solo metais, por exemplo zinco, O Tuissilago os absorve e concentra.

As folhas do Tussilago são apreciadas por acalmar a tosse e liquefazer o muco dos brônquios. Ele figura nas Espécies peitorais. Seu nome é derivado de tussim agere, que significa mandar a tosse embora.



# Acônito

*Aconitum napellus* L.  
*Ranunculaceae*



Planta perene com raízes tuberosas, caule ereto e folhas alternas palmatipartidas. Na parte superior do caule forma-se um cacho floral ramificado, composto de flores azuis com a forma característica de elmo. O fruto é uma vesícula. A espécie europeia, espalhada em toda a zona temperada até a Suécia, cresce espontaneamente nos bosques sombrios e nas florestas frondosas. É uma planta protegida em numerosos países. É cultivada em grande escala para fins farmacêuticos.

São colhidos os tubérculos, mas unicamente os tubérculos laterais formados na Primavera. Depois de muito bem limpos e desembaraçados das raízes e das partes verdes, os tubérculos são cortados no sentido do comprimento e secos rapidamente a uma temperatura de 40°C a 50°C. O manuseamento das plantas e das partes colhidas requer a maior prudência, pois toda a planta é muito venenosa. Os tubérculos contêm até 1,5% de terpenóides azotados - aconitina, napelina benziaconitina -, açúcares, amido e outras substâncias. Em dose elevada, a aconitina é um dos mais violentos venenos para o sistema nervoso, e os tubérculos colhidos servem essencialmente para obter esse alcalóide. É utilizada como componente de misturas medicinais analgésicas (reumatismos, gota, ciática, dores de dentes), fornecidas unicamente mediante receita médica. É igualmente um remédio eficaz contra as dores e as afecções devidas a resfriamentos.

O envenenamento manifesta-se por salivagem excessiva, falta de ar, tremuras, aceleração do pulso e do ritmo respiratório. 10g de raiz constituem uma dose letal.

## Cálamo-aromático

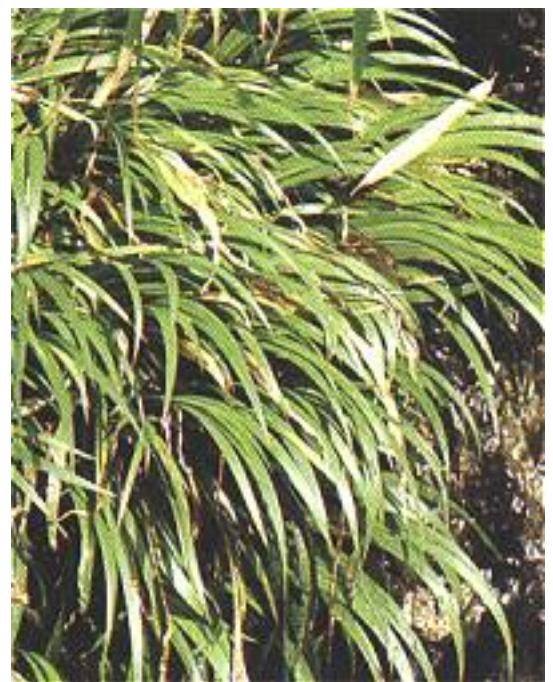
***Acorus calamus* L.**  
**Araceae**



Ambas espécies são usadas para propósitos medicinais. Colhe-se o rizoma. Uma vez retirado do fundo lodoso dos ribeiros e dos lagos, o rizoma deve ser muito bem limpo, eventualmente pelado e colocado num secador a uma temperatura constante de 35°C. Obtém-se um produto fortemente aromático composto sobretudo de asarona (um componente tranqüilizante e antibiótico que é potencialmente carcinogênico), geraniol, sesquiterpenos, taninos e sucos amargos, acorina e acoretina. O cálamo-aromático é um amargo estomáquico particularmente eficaz: serve para corrigir as disfunções do aparelho digestivo, estimular o apetite, melhorar a digestão e a secreção dos sucos gástricos, atenuar as dificuldades digestivas. O seu uso externo tem um efeito rubrificante e é utilizado igualmente em banhos fortificantes do sistema nervoso. Serve também para preparar um óleo aromático e remédios estomacais amargos, assim como tisanas e gotas que têm os mesmos efeitos. O óleo extraído das plantas da América do Norte e da Sibéria são isentos de asarona.

Duas espécies perenes aquáticas rizomosas constituem este gênero nativo na Ásia do norte e oriental e América do Norte. ***Acorus calamus*** também é naturalizado na Europa. ***Acorus*** foi cultivado e comercializado durante mais de 4,000 anos. Chegou à Europa oriental provavelmente da Mongólia e Sibéria durante o século XIII, esparramando-se para a Europa ocidental no século XVI. Formas matizadas são populares como ornamentais, para plantio ao lado de águas e como planta comestível. ***Acorus gramineus*** foi mencionado na medicina chinesa como erva medicinal durante a dinastia Song (Século XII a XIV).

***Acorus Calamus*** é uma planta perene dos locais pantanosos, com rizoma espesso e ramificado, apresentando folhas gladioladas com odor de mexerica. O caule nu de secção triangular possui um espádice cilíndrico e oblíquo composto por flores verde-amareladas, estéreis no clima europeu, que, aparecem no verão. Na sua terra de origem, a Índia, as flores transformam-se em bagas. No século XVI o cálamo-aromático foi plantado no Jardim Botânico de Viena, de onde se espalhou para os jardins vizinhos, acabando por se naturalizar. É utilizado desde tempos muito antigos como planta medicinal e aromática. ***Acorus gramineus*** é uma planta muito variável, perene, semi-sempre-viva com rizomas ramificados e fortes folhas parecidas como de gramíneas. Diminutas flores esverdeadas aparecem no verão em um espádice de 5 a 10cm de tamanho. ***Acorus gramineus*** foi mencionado como planta medicinal na China durante a dinastia Song (séculos X e XI).



***Acorus gramineus***



## Castanheiro-da-índia

***Aesculus hippocastanum* L.**  
***Hippocastanaceae***



A família das Hipocastanáceas tem menos de vinte espécies. A maior parte pertencente ao gênero ***Aesculus*** e outras duas ao gênero ***Bilia***, nativo da América Central. O gênero ***Aesculus*** consta de 13 espécies de árvores e arbustos decíduos que ocorrem no sudeste da Europa, Ásia oriental e América do Norte; ***Aesculus hippocastanum*** é nativo nos Bálcãs e Himalaias. Introduzido na Europa no século XVI, o castanheiro da Índia tem uma bonita folhagem que fica de cor marrom-vivo no outono. As sementes se assemelham às do castanheiro comestível (***Castanea sativa***).

O castanheiro-da-índia é uma grande árvore cuja madeira é quebradiça e os brotos são pegajosos. Os ramos são cobertos de folhas opostas em forma de palma. As flores branco-amareladas estão dispostas em panículas e aparecem no início da primavera. O fruto é uma cápsula espinhosa que contém de uma a três sementes de coloração vermelho-marrom brilhante.

São colhidos a casca e sementes maduras no outono para uso em extratos líquidos e decocção, mas sobretudo as sementes ou castanhas, completamente maduras, no momento em que caem das cápsulas. São depois moídas, secas e processadas industrialmente. As castanhas contêm até 28% de



saponina, assim como aescina, aesculina, fraxina e taninos. Entram na composição de remédios de fabrico industrial, utilizados no tratamento das afecções cardíacas ou circulatórias. As matérias ativas atuam sobre a resistência das paredes venosas, aumentam a permeabilidade das coronárias e afetam igualmente a coagulação sanguínea. São também aplicadas no tratamento das inflamações das vias respiratórias superiores (expectorantes), das varizes e edema advindo de trauma severo. A medicina popular emprega esta castanha contra as diarreias persistentes, a disenteria, e no passado era mesmo usada para tratar a malária. Em aplicações externas, a decocção da castanha-da-índia serve para lavar feridas, frieiras e hemorróidas. As sementes contêm igualmente componentes do tipo cumarino que servem como aditivo dos cremes solares e protetores. Desde que o ingrediente ativo, a aescina, é muito pouco absorvido em seu estado natural, as sementes são cortadas e assadas antes de seu uso.

As castanhas têm também utilidade industrial, podendo servir para fabricar detergentes e produtos espumosos para extintores. Constituem igualmente um precioso alimento para numerosos animais sendo usado suas folhas e frutos como forragem e para tratar tosses em cavalos e gado.



# Agrimônia

*Agrimonia eupatoria* L.

*Rosaceae*



A agrimônia é uma planta herbácea vivaz dotada de um curto rizoma subterrâneo, possuindo uma roseta terrestre de folhas penáceas e um caule direito com folhas alternas e sésseis. O caule termina numa inflorescência de flores amarelas em espiga pouco densa. O fruto é um aquênio (desenho) envolvido por uma silícula munida de excrescências em forma de gancho. A agrimônia é vulgar num vasto território europeu, onde cresce sobretudo nos prados secos, nas pastagens e nas clareiras das florestas. É conhecida há muito tempo como sendo útil para tratar catarros, hemorragias, afecções da pele e a tuberculose.

Colhe-se o caule com folhas ou somente as folhas logo no começo da floração. O caule e as folhas são retirados manualmente, secados em separado sobre uma grade de canas num local escuro e bem arejado. Depois de secos, libertam um perfume agradável um pouco acre; o gosto apresenta a mesma característica. As partes ativas contêm taninos, ácido silícico, sucros amargos, óleo essencial e outras substâncias. A sua ação é sobretudo adstringente, o que as torna eficazes no tratamento de catarros gástricos ou intestinais e diarreias diversas. Atuam igualmente sobre a regularização dos processos digestivos, favorecem a secreção dos sucros gástricos, ajudam a curar certas doenças do fígado e dos rins, designadamente os cálculos renais. Utiliza-se neste caso uma dose quotidiana de 1,5g preparada em decocção. Em aplicações externas, a decocção é usada para gargarejos, pensos sobre erupções dérmicas, como aditivo nos banhos. É uma planta medicinal muito apreciada.

Veja também [Agrimonia eupatoria](#) sob ponto de vista antroposófico.

---

# Rosáceas - Rosaceae

Os Processos do Açúcar, do Tanino e do Cianeto

(Sob ponto de vista antropológico)



A intervenção intensa da esfera astral no domínio das flores estimula o organismo líquido a secretar abundantemente o néctar. As Rosáceas se fazem notar, de todas as maneiras, por um processo açúcar hipertrofiado que as torna capazes de formar abundantes sucros açucarados. Tal processo açúcar hipertrofiado produz a dilatação de suas bagas e frutos. Devido a isso, elas representam a maior família de árvores e arbustos frutíferos, pelo menos na zona temperada e, em relação a isso, nenhuma outra família pode ser igualada a ela (poderíamos comparar a família das Rosáceas, cuja distribuição se dá na Europa, com a família das Mirtáceas que habitam nas regiões tropicais e são muitíssimo abundantes no Brasil). Podemos mencionar como representantes das Rosáceas o morango, framboesa, cereja, baga do lodão, frutos da rosa silvestre, sorva, nêspira, maçã, pêra, marmelo, abricot, pêssego, amêndoa e todos os tipos de ameixas. Esta enorme variação se repete no âmago de cada espécie, ou seja a espécie ameixa possui uma variedade de ameixas amarelas, verdes, vermelhas; o mesmo ocorre em relação às pêras, maçãs, etc. Existem ainda Rosáceas tropicais tais como o *Chrysobalanus icaco* que é uma árvore que vive nas Antilhas e na América tropical produzindo frutos tão doces quanto os favos de mel.

O fato das Rosáceas produzirem açúcar em abundância constitui uma das características essenciais do tipo. Este não tem nenhum significado para a planta pois, ao ser secretado, escorre para o meio ambiente. Ele

desaparece como fruto maduro, pois esse fruto cai da árvore e apodrece, liberando as sementes. A Rosácea se esforça para formar o açúcar, mas esta substância, uma vez produzida, nada mais significa para a planta.

Podemos também considerar este processo açúcar sobre um outro ângulo: na casca da raiz de muitas Rosáceas (macieira, cerejeira, ameixeira) foi descoberta uma substância curiosa: a florizina, que injetada no homem, o transforma, sobre um certo aspecto, em uma Rosácea, pois o rim se torna permeável ao açúcar. Ele não mais retém o açúcar no sangue; ele deixa o açúcar ser eliminado junto com a urina. Apenas a planta pode se desinteressar do açúcar, pois o homem encontra no açúcar um importante instrumento para que seu Eu possa ser incorporado. Para o homem, o Eu é um constituinte intra-corporal, encarnado; para a planta é extra-corporal, cósmico, nunca encarnado. Por essa razão, a planta pode eliminar o açúcar, levá-lo para fora de si, sem que a planta tenha que renunciar à sua existência; isto é impossível para o ser humano. A diabetes melitus repousa sobre uma fraqueza da organização do Eu, tal como R. Steiner não apenas mencionou, mas se estendeu sobre esse assunto.

Ao tentarmos determinar as leis numéricas que vigoram na arquitetura das flores das Rosáceas, conseguimos facilmente realizar esta tentativa ao observarmos seus periantos (perianto é o conjunto de cálice e corola) O cálice das Rosáceas apresenta cinco sépalas, ou duas vezes cinco; a corola possui geralmente cinco pétalas. A multidão de estames e de carpelos não tem um número fixo. Os carpelos (pistilos) crescem sobre um receptáculo comum, um pouco encurvado, algumas vezes côncavo, envolvendo as sementes maduras como um segundo envólucro que se torna carnudo, se dilata produzindo bagas ou

falsos frutos fibrosos. Desta maneira, nas Rosáceas, a região situada abaixo da flor participa na formação do fruto, mas em relação a isso existem diferentes níveis. A classificação das Rosáceas em tribos é feita a partir dessa diferença de níveis da região situada abaixo da flor. As Rosáceas se dividem em 3 tribos:

1 - Tribo das Espiráceas - com sua nuvem de flores leves, perfumadas, portam sobre um receptáculo plano numerosos carpelos separados que se transformam em cápsulas secas. O elemento aéreo predomina.

2 - Tribo das Rosáceas - compreende além da roseira, diversas plantas com espinhos ou acúleos, tais como os vários tipos de framboesa.

Além disso, a tribo das Rosáceas compreende os morangueiros, a agrimonia, as potentilas, os geums, a alchimilla, a sanguisorba, e etc. Tais plantas já possuem a tendência de reunir seus numerosos carpelos e de tornar o receptáculo carnudo, dilatado. Esta tribo forma plantas herbáceas ou arbustos freqüentemente espinhosos. Tais plantas geram falsas bagas e nunca se tornam árvores.

3- A tribo das Pomáceas - produz apenas de dois a cinco carpelos, coalescentes com o receptáculo e com a parte de baixo das sépalas. Essa tendência à unificação caminha paralelamente à tendência de formar árvores, por exemplo: marmeleiro, crataegus, sorveiro, macieira, pereira, nespereira, etc. Tais plantas se relacionam com as Prunáceas que é um grupo que abriga os diversos tipos de ameixas, se relaciona também com o pessegueiro, a amendoeira e com a árvore do abricot. Nestes casos existe apenas um carpelo. Ele se envolve pela casca dura de um caroço. Em torno desse caroço cresce, a partir do receptáculo floral fundido com o cálice, a polpa açucarada do falso fruto. Essa tribo gera árvores, ou seja, uma gama enorme de plantas herbáceas surgem a partir de uma só raiz e "tais plantas", que na realidade são galhos fincados nos troncos, constituem uma unidade superior, que é a árvore.

É dessa maneira que o tipo Rosácea progride desde o matinho mais modesto até a árvore mais majestosa, dominando e organizando, passo a passo, sua riqueza. Neste caminho, as forças terrestres vão sendo gradualmente incorporadas, mas o tipo Rosácea também doa à terra dádivas, as mais preciosas: as framboesas para as crianças, a rosa para os namorados e também a maçã para Adão e para Eva, a fim de os expulsar do paraíso e conduzi-los até a terra.

Toda planta é uma artista que não cria apenas uma forma, mas que cria também a matéria que preenche esta forma. Devemos ser, pois, coerentes com a realidade levando em consideração modalidades do quimismo, ou seja devemos levar em consideração a gênese e o estilo da formação das substâncias químicas. Nós já mencionamos o processo açúcar, tão acentuado na família das Rosáceas. Iremos agora mencionar o processo tanino. As Rosáceas são muito ricas em tanino, sobretudo as espécies que habitam os solos úmidos.

O enigma da formação dos taninos, há muito vem preocupando os cientistas. Enigma esse que, quanto mais se indaga a respeito de sua finalidade, mais difícil se torna a sua explicação. A pergunta: "Com que finalidade as plantas produzem tanino?" nunca teve resposta, nem sequer uma explicação do motivo de algumas produzirem muito tanino e outras pouco tanino.

Além do reino vegetal, nenhum outro reino da natureza produz tanino. Seguiremos pois o conselho de Goethe, o pesquisador que, em relação aos fenômenos, procurava o "como", pouco se importando com o "porque". Dessa maneira iremos procurar na natureza, algo que nos possibilite resolver o enigma dos taninos; para tal iremos observar, em seguida, a galha vegetal.

As galhas são os órgãos mais ricos em tanino de todo o reino vegetal. São criações da planta; a organização das forças formativas do vegetal as modela, e encontramos nessas excrescências, um eco das leis da espécie que engendram tal galha. Por outro lado, elas fazem parte da natureza do inseto, cujo veneno, picada e ovos introduzidos nos tecidos vegetais, provocam um fenômeno. Temos, portanto, uma intrusão astral. Nasce sobre a planta um tipo de fruto cuja "semente" é um germe animal. Observamos dessa maneira como o etérico e o astral colaboram-se mutuamente. Trata-se portanto, de um reino astral estranho atuando no etérico próprio da planta, provocando uma produção abundante de tanino.

Após termos acompanhado isso que foi dito, estaremos aptos a compreender o resultado da investigação espiritual: sabendo-se que a produção normal de tanino (sem inseto), a gênese dessa substância é igualmente devida à influência de uma força astral sobre o etérico vegetal, mas essa influência não é devida a uma atuação astral relacionada com um animal e, portanto, estranha à planta.

Trata-se do astral próprio da planta que permanece e atua perifericamente a partir do Cosmos. Com isso, é criado o tanino, um instrumento graças ao qual o astral pode atuar dentro da planta. O tanino se interpõe, como um tipo de placenta mediadora, entre a esfera astral e o corpo etérico. (Segundo Rudolf Steiner, a ação curativa dos taninos está no poder que eles têm de tornar o astral mais inclinado a se unir com o etérico). Dessa maneira, torna-se claro que encontraremos muito tanino nas plantas dotadas de um processo floral intenso, por exemplo Rosáceas, Leguminosas, Ericáceas, Mirtáceas, etc. Principalmente naquela que devem arrancar em duro combate o processo floral de um vigoroso organismo etérico-vegetativo, como é o caso das plantas aquáticas ou Palustres. Compreendemos dessa maneira, a tendência dessas plantas em absorver o ar, elemento astral, - e a propriedade que os taninos possuem de tornar os materiais animais imputrescíveis e de manter a sua forma (tanagem dos couros).



A intrusão do astral sempre impõe limites à vida vegetativa; ela orienta o crescimento em direção a outros domínios (por exemplo floração) e dessa maneira o pólo oposto, mineral, adquire mais peso: uma rica produção de tanino é acompanhada freqüentemente de solidificação, endurecimento; o tanino se encontra presente em muitas madeiras particularmente duras e imputrescíveis.

Outro fenômeno muito interessante que deve ser levado em consideração no estudo das Rosáceas é o processo cianeto. Encontramos em numerosas espécies, principalmente nos caroços dos frutos das Rosáceas ou nas amêndoas amargas, glicosídeos que possuem em sua constituição o grupo cianeto. Em alguns prunus este processo tem lugar nas folhas e na casca (*Prunus laurocerasus*, *Prunus padus*). Encontrar um papel, uma tarefa, uma finalidade da planta produzir tais compostos cianídricos, não é possível nas condições terrestres atuais. É necessário levarmos em consideração a formação do nosso planeta terra e a formação dos reinos naturais, tais como R. Steiner escreveu no seu livro "A Ciência Oculta". Tal como nós já mencionamos, a terra atual foi precedida por outras "criações". O que nos interessa nesse ponto é a última criação antes da existência da nossa terra e essa última criação é denominada a antiga Lua.

Nesta antiga Lua existiam três reinos naturais que podem ser tidos de uma maneira como que etapas intermediárias entre os nossos quatro reinos atuais, mas esses três reinos naturais da antiga Lua eram ainda algo com características primitivas: o estágio intermediário entre o animal e o homem era um dos reinos da antiga Lua. O outro reino da antiga Lua era um estágio intermediário entre vegetal e animal e o terceiro reino dessa antiga Lua era um estágio intermediário entre mineral e planta.

Os vegetais animais nos interessam nesse assunto relativo às Rosáceas de maneira particular. Eles viviam num substrato meio vivente, (mineral planta) e não existia reino mineral morto. As plantas parasitas e semi-parasitas que existem nos dias de hoje não podem se enraizar no solo mineral morto e são como que reminiscências deste antigo mundo. Além disso, existem inúmeras relações biológicas entre os nossos animais atuais e nossas plantas que testemunham uma origem comum. As abelhas, as formigas, as plantas carnívoras, as galhas vegetais, a polinização das flores por insetos são bons exemplos para isso e uma outra coisa



que elucida esse fato é o anseio que manifestam os vegetais em adquirir órgãos animais, processos animais. Ora, tais plantas animais da antiga Lua viviam numa atmosfera bem diferente da nossa e elas se nutriam dessa atmosfera. O nitrogênio desempenhava naquela criação denominada antiga Lua, um papel semelhante àquele que hoje em dia desempenha o oxigênio. O radical "cianeto" é uma combinação de carbono e nitrogênio. O cianeto era para aqueles seres de então tão inofensivo quanto hoje é o gás carbônico de nossa atmosfera. Era, pois, o cianeto algo indispensável à vida. Tais condições mudaram apenas no final da antiga Lua. A "morte" desta fase do universo (morte necessária para permitir uma nova criação) foi ligada, segundo R. Steiner, a um aumento do cianeto na atmosfera da antiga Lua (um aumento excessivo do gás carbônico na atmosfera atual condenaria, de certa maneira, toda a vida terrestre à asfixia).

(\*) O químico pode encontrar no nitrogênio atual vestígios de "propriedades do oxigênio", e isso mostra que o nitrogênio desempenhou outrora um papel semelhante àquele que desempenha atualmente o oxigênio. É possível, no laboratório, formar com o nitrogênio, ácidos, bases, sais e mesmo um meio ambiente propício para as atividades desse elemento, - comparáveis à água -. O nitrogênio é o único elemento que pode imitar o papel central ocupado pelo oxigênio na química atual. Podemos, nos laboratórios, criar artificialmente, entre paredes de vidro, um estranho universo de substâncias inteiramente desprovidas de oxigênio. Se não houvesse oxigênio, todos os processos fundamentais da química iriam deixar de existir. Sem oxigênio não há química. . . Apenas o nitrogênio seria capaz de substituí-lo permitindo uma certa ocorrência química limitada e modesta.

As condições naturais terrestres atuais não permitem que os processos do nitrogênio possam ser desenvolvidos de uma certa maneira muito intensa. Ao contrário, as condições terrestres atuais restringem tais processos que podem ser viáveis apenas entre as paredes de vidro dos laboratórios.

O autor deste livro publicou um estudo aprofundado sobre esse tema na revista "Die Drei" sob o título "O enigma do nitrogênio e a solução deste enigma graças à ciência espiritual antroposófica".

No próximo capítulo que irá tratar das Borrigináceas tentaremos demonstrar que os constituintes da proteína (encontrados a

partir de análise química), - carbono, oxigênio, nitrogênio e hidrogênio - são os portadores de funções totalmente determinadas no âmagô da matéria viva.

R. Steiner desvendou certos fenômenos fundamentais que explicam o papel de tais elementos na planta, no animal e no homem; ele inaugurou, de certa maneira, a "química de um ser vivo". Iremos mencionar alguma coisa sobre isso apenas no que se refere ao oxigênio. Este elemento é o instrumento, graças ao qual o mundo das forças etéricas formatrizes pode ter lugar no mundo físico. Graças ao nitrogênio, o astral pode penetrar até o físico. Seguindo o caminho do oxigênio, iremos encontrar o etérico; seguindo nos organismos o caminho do nitrogênio, iremos encontrar o astral.

O reino dos seres meio animais e vegetais, ou seja o reino dos seres animal-vegetal da antiga Lua, era meio etérico e meio astral, ou seja no meio caminho entre o etérico e o astral, aquele reino vegetal-animal tinha um relacionamento com o nitrogênio diferente do relacionamento que as plantas atuais mantêm com esse elemento. Encontraremos nas plantas que conservaram tais relações rudimentares com os estados evolutivos do universo anteriores à formação da terra, processos nitrogenados não habituais. No que se refere às Rosáceas, o processo nitrogenado anormal se manifesta através dos glicosídeos cianogênicos, ou seja, substâncias glicosídicas das quais pode ser isolado o cianeto. Os glicosídeos cianogênicos aparecem geralmente nas sementes, pois a planta, ao florescer, atravessa seu estado de atralzação e, quando ela germina como todo embrião, reproduz as etapas passadas da evolução, - por exemplo, ela se enraiza num substrato vivo, como faziam as plantas da antiga Lua. É nessa fase vegetal que aparecem os glicosídeos cianogênicos; tais substâncias deixam de existir quando o broto começa a formar uma raiz que se firma na terra mineral atual. A partir desse momento, as Rosáceas, quase que em sua totalidade, abandonam tais reminiscências lunares e se consagram inteiramente à terra, formando suas folhas verdes, aptas a viverem em nossa atmosfera atual, e aptas para se relacionarem com o gás carbônico.

Caso nos seja permitido neste trabalho fazer alusão à linguagem dos mitos, linguagem essa dada sob forma de imagens, caso nos seja permitido a utilização de uma linguagem imaginativa baseada em experiências clarividentes realizadas por homens de outrora que tinham uma consciência diferente da atual, então nós iremos nos referir a um ser espiritual denominado Lúcifer, ser esse que, animado pela sabedoria do antigo mundo lunar, se rebelou contra o decorrer normal da evolução; sob uma forma animal-humana (corpo de serpente e cabeça de homem) ele se enrola em torno da árvore do conhecimento, - uma macieira carregada de frutos, - para oferecer ao homem a estrela da sabedoria - ou seja, da antiga Lua. Mas o homem estava destinado à estrela do amor (à terra), a maçã se refere ao paraíso e ao pecado original; a rosa menciona a coroa de espinhos e o sacrifício do redentor. As rosas vermelhas, que se enlaçam em torno da cruz negra, simbolizam as forças de metamorfose, purificantes e espiritualizantes, que nascem do puro amor dedicado ao arquétipo humano, e de seu representante, o Cristo. Em consequência disso, o homem pode almejar tornar real a "Idéia da terra" cuja meta é se transformar numa estrela do amor.

No domínio dos vegetais, as Rosáceas nos mostram como o antigo mundo lunar encontra um caminho de existência terrestre correto e legítimo. Elas possuem pois uma relação particularmente íntima com os caminhos da evolução humana. Na época da antiga Pérsia, época essa em que o homem estava intensamente ligado às forças espirituais do sol, conseguiu ele, graças a tais forças, tornar a terra um campo de atividade humana. A cultura de plantas era parte dessa atividade; em tal cultura, as Rosáceas estavam incluídas, foram selecionadas e passaram de suas formas selvagens a formas hortícolas, foram necessários poderes clarividentes e mágicos para produzir e transformar virtudes latentes das Rosáceas selvagens em novas virtudes, por exemplo, fazer com que algumas Rosáceas possuam um processo açúcar hipertrofiado. O pêssego (pêrsica) tem mesmo nome de seu local de origem, a Pérsia. A cereja e o abricot foram outras plantas cujas dádivas provêm da Ásia ocidental. A cultura das rosas também remonta à Pérsia; as rosas de chiraz eram célebres desde a antiguidade. Dessa maneira, tudo aquilo que se refere à rosa, participa de maneira muito íntima do passado, do presente e do futuro da humanidade.

## Índice das descrições

- [Agrimonia eupatoria](#) - Agrimônia
- [Alchemilla vulgaris](#) - Alquemila
- [Crataegus oxiacantha](#) - Espinheiro branco
- [Cydonia oblonga](#) - Marmeleiro
- [Geum urbanum](#) - Geum
- [Filipendula ulmaria](#) - Ulmária
- [Fragaria vesca](#) - Morango
- [Potentilla erecta](#) - Potentilla
- [Prunus laurocerasus](#) - Lauroceraso
- [Prunus spinosa](#) - Pruneira
- [Rosa canina](#) - Rosa selvagem
- [Sanguisorba officinalis](#) - Sanguisorba

# Agrimônia

*Agrimonia eupatoria* L.

**Rosaceae**

Sob ponto de vista antroposófico



O tipo Rosácea se manifesta nessa planta de uma maneira que lembra o [Verbascum](#). É uma planta herbácea, de forma nobre, que medra em locais pedregosos, nas sebes, na orla dos bosques e nas margens dos caminhos, em toda a Eurásia temperada e nórdica.

A agrimônia desenvolve um curto rizoma; essa planta é totalmente linear e vertical. Suas folhas penadas, vão se reduzindo na medida em que elas avançam em direção à ponta da haste da planta e, nas regiões mais altas da planta, tais folhas se reduzem a pequenas brácteas. A espiga de flores, estreita e longa, se torna o órgão que mais chama a atenção. As pequenas flores são de um dourado quente e luminoso. O cálculo (cálice externo) se arma de ganchos adesivos (do mesmo modo que a [bardana](#)). Toda a planta emite um odor sutil de terebentina, pois possui glândulas disseminadas em sua superfície. Ela parece ser totalmente formada pela luz e pela secura.

Encontramos nesta planta muito tanino e, além disso, substâncias amargas, um óleo essencial e uma apreciável quantidade de sílica em suas cinzas. Ela possui uma amida do ácido nicotínico e a vitamina antipelagra. É uma planta utilizada há longo tempo na medicina com bons resultados em sangramentos, atuando muito bem nas feridas difíceis de serem cicatrizadas, nas varizes, nas diarreias, etc. Tudo isso se explica devido a atividade do tanino. A presença da sílica nos explica sua aplicação nas doenças cutâneas e na tuberculose pulmonar; pelo fato da sílica ter relação com a pele e a luz. O nome de espécie, eupatória (heupatoria) demonstra atividade terapêutica no fígado e na bile, pois a força de seu processo floral a orienta principalmente em direção aos órgãos metabólicos.

Veja mais sobre [Agrimonia eupatoria](#).

Vide também: [Agrimonia eupatoria](#) em [Bilder ur Nordens Flora](#).



## **Verbascum-densifloro**

***Verbascum densiflorum* Bertol.**

**Syn.: *Verbascum thapsiforme* Schrad. non Rafin.**

***Scrophulariaceae***



Planta alta, bienal, formando, durante o primeiro ano, uma roseta basilar, durante o segundo um caule que atinge até 2m de altura, terminado por uma bela espiga de flores amarelas. As folhas são alongadas, penugentas, sésseis e alternas sobre o caule, onde o limbo é decorrente até ao nascimento da folha inferior. O fruto é uma cápsula que contém sementes diminutas. É uma espécie difundida em toda a Europa, nas encostas ensolaradas, nos rochedos, nos locais desertos. O verbasco é uma das mais antigas plantas medicinais do mundo, usada essencialmente em tisanas peitorais.

Atualmente, encontra-se cultivada tanto nos jardins como nos campos. São colhidas as flores, com tempo ensolarado, progressivamente, todos os dias, à medida que desabrocham. Só se apanha a corola com os estames, mas sem cálice. As pétalas não devem ser comprimidas, procedendo-se à secagem rapidamente, à sombra, ou num secador a 60°C no máximo. Adquirem então um tom amarelo-claro, odor de mel e gosto mucilaginoso. Contêm saponinas, mucilagens, taninos. Têm um efeito expectorante e ligeiramente diurético, constituindo importante componente de tisanas peitorais. São também espasmolíticas. Empregam-se em infusão, decocção ou maceração a frio, na dose de 1,5 g por dia. A maceração serve para preparar unguentos emolientes.

Em uso externo, as flores de verbasco são usadas no preparo de cataplasmas e banhos para úlceras e hemorróidas.

# Alquemila

## *Alchemilla vulgaris*

### *Rosaceae*

Sob ponto de vista antropológico



Como todas as Rosáceas, esta pequena planta dos prados realiza uma bela harmonia entre as forças de dilatação e as forças de formação. As primeiras, favorecidas por um substrato úmido e as outras, pelo ar livre. É uma erva graciosa que só de olhar alegra o coração. Apesar disso, é uma variante unilateral, apesar de ser muito graciosa, do tipo Rosácea.

O principal órgão nesta planta é a folha. Nesta planta, a folha penada, típica das Rosáceas, está modificada e ela se encerra numa superfície arredondada e parece uma tigelinha cheia de pontas; a folha tem mais um aspecto de flor. Tais folhas estão reunidas numa roseta e munida de longos pecíolos ligados ao rizoma. Tudo aquilo que permanece de tendência penada é uma débil prega do limbo, limbo esse que se tornou côncavo, característica essa que é um atributo exclusivo das flores. Tais folhas secretam cada manhã gotículas d'água, e esse exudato permanece no centro de folha côncava e constitui um falso néctar. Nesta planta, as forças matinais da luz comprimem, de alguma maneira, o organismo dos líquidos, e isso se dá de maneira tão intensa que esse líquido é eliminado sob a forma dessas pequenas gotas que se reúnem no centro da folha. A gênese mais nobre do néctar, nas flores, resulta de uma pressão análoga, porém essa pressão não mais provém da esfera etérica, mas sim da astral, pressionando as glândulas especializadas dessa planta, e assim a Alchemilla realiza essa sudação, produz esse "orvalho".

O orvalho se forma no ar e está relacionado com a expiração matinal das forças etéricas da terra. (para maiores detalhes, consultar a obra "Terra e Homem" de Gunther Wachsmuth). São principalmente as forças do éter químico que se manifestam no fenômeno do orvalho (forças de condensação). As gotas do orvalho são retidas por pequeninos pelos situados na superfície da folha da Alchemilla. O fato dos alquimistas utilizarem em seus trabalhos esta "água proveniente dos céus", visando preparar a pedra filosofal, fez a planta receber o nome de Alchemilla, derivada de alquimista.

A inflorescência surge no centro da roseta foliar, e esse elemento foliar também se faz presente no eixo da inflorescência, porém ela não se metamorfoseia; as flores presentes nesse eixo não alteram a sua forma; o elemento foliar permanece inalterado e indomável até nas partes mais elevadas da planta, junto às suas flores, flores essas que nessa planta receberam uma enorme influência do elemento foliar que as transformou. A flor da Alchemilla desenvolve apenas um cálice e um calículo. As pétalas estão ausentes e a flor é verde - apenas um pouco mais dourado do que as folhas. Apesar disso, tais flores apresentam um perfume melífico e tal aroma testemunha a natureza floral desta planta que pertence às Rosáceas. É a partir desta entrada do foliar no floral que podemos procurar a "signatura" da Alchemilla, ou seja, é a partir deste processo foliar presente no domínio floral que nós podemos procurar a natureza desta planta, e de sua ação medicinal. A região correspondente no Homem não se situa nos ritmos do coração e do pulmão, mas no útero. Este órgão rítmico, que foi levado até o domínio metabólico, pode ser visto, sob certo aspecto, como um "coração metamorfoseado".

A Alchemilla é a planta dos partos saudáveis, e da rápida cicatrização após o nascimento, é uma planta que faz cessarem as hemorragias uterinas. Ela ajuda a restabelecer o corpo astral da mãe na região abdominal, região essa da qual ele foi, de maneira muito intensa, excluído durante a gravidez, período dos crescimentos hipertrofiados.

Vide também: [Alchemilla vulgaris](#) em [Bilder ur Nordens Flora](#).

# **O ELIXIR DA LONGA VIDA DOS ALQUIMISTAS**

Extraído de livro "Alquimia e Ocultismo" - Edições 70 Ltda - Lisboa - que contém uma seleção de textos de alquimistas famosos, compilados por Victor Zalbidea, Victoria Paniagua e Elena Fernandez de Cerro e Castro del Amo.

O francês **Armando Barbault** pertence à última vaga de alquimistas e ocultistas franceses, que deu nomes menos recentes como os de Tiffereau e Cyliani e, o de maior renome, Fulcanelli.

A obra de Barbault, fruto de um largo e pacientíssimo trabalho, está relacionada em partes iguais com a alquimia e a astrologia. Como ficou dito neste mesmo livro, foram muitos os autores que destacaram a importância e a influência dos planetas na realização do opus. Barbault controla esta influência com minúcia. Aparece claro também em Barbault o papel da mulher como intermediária da obra. Mas o mais importante e necessário de assinalar é que Barbault não relata aqui o processo de transmutação do metal em ouro, mas sim a obtenção da água dos filósofos, do **elixir da longa vida**.

Pelo seu interesse, incluímos também um fragmento da introdução de O ouro do milésimo dia de **Raymond Abellio**, onde se nos oferece um resumido panorama da situação atual destas ciências.

## **Introdução a "O ouro do milésimo dia" Raymond Abellio**

A natureza põe a todo o momento diante dos nossos olhos os efeitos mais simples e também os mais universais destas forças cósmicas de medida tão difícil. No livro de Armando Barbault, achar-se-ão as observações mais penetrantes sobre tudo o que diz respeito ao **orvalho** e à **seiva das plantas**, ingredientes essenciais das suas operações, receptáculos naturais de forças que, à falta de melhor, chamaremos "etéricas", forças variáveis segundo a hora, o dia, a estação e que, para serem captadas, exigem precauções que têm muito de rito e, como já disse, como espécie de estudo religioso. A ciência moderna começa a afirmar nestes campos os ensinamentos de tradição. No número de Janeiro de 1969 da revista inglesa Endeavour, pode-se encontrar, por exemplo, as indicações precisas sobre o gotejo e a composição variável da seiva, segundo a hora, sendo máxima a concentração imediatamente antes do por do sol. Estas afirmações, assim como a demonstração de que o deslocamento da seiva nos vasos ou nas fibras de madeira não se pode explicar pelas forças capilares, resultam das pacientes observações e medições que, evidentemente, vão multiplicar-se, mas que jamais poderão esgotar o assunto.

...

"O meu único interesse ao escrever este prefácio foi ajudar Armando Barbault a encontrar o seu Takata e o seu Piccardi, para levar o seu elixir a experiências sistemáticas e desinteressadas, lançando esta ponte sobre o abismo que separa a química da alquimia. No fim da obra, encontrar-se-á uma sucinta exposição dos ensaios realizados graças ao método do professor **Theodor Schwenk**, que pertence ao movimento Antroposófico fundado por **Rudolf Steiner**. Os investigadores deste movimento são os que seguramente estão melhores dispostos para entender os trabalhos de homens como A. Barbault e também os mais capazes de os continuar. Com muita verosimilhança são eles mesmos precursores, apoiando-se em firmes princípios.

Estudando os problemas da água, que sem dúvida é o fluido mais complexo e paradoxal que se pode oferecer a um físico, Theodor Schwenk parte da idéia de que as superfícies internas, que se formam no interior da água em movimento, não são mais do que o lugar onde se inserem as forças etéricas ou cósmicas e que o estudo destas superfícies oferece preciosas informações sobre a capacidade de uma dada água, para receber e dispensar estas forças. Se conseqüentemente, se quiser estudar o "valor" de uma água, basta fotografar as "formas" complexas de uma gota desta água ao cair num meio líquido de referência. Quanto mais carregada de energia estiver uma água, mais ricas e harmoniosas são as formas que oferece.

As fotografias que oferece o elixir de Armando Barbault representam magníficas flores de numerosas pétalas, muito diferentes dos pobres traços que provém das águas mortas que normalmente servem para o consumo nas cidades. Este método permite já verificar a constância do elixir. Muitos outros testes se prevêm e não é pedir o impossível desejar, por parte dos biólogos e dos médicos, algumas investigações sem preconceitos, com o fim de que o renascimento da medicina espagírica assinalasse simplesmente uma data para a ciência."

## **O OURO DO MILÉSIMO DIA**



# O ELIXIR DA LONGA VIDA DOS ALQUIMISTAS

**Armando Barbault**

*Como foi possível, em pleno século XX, e depois de vinte anos de investigações, um alquimista reconstruir o elixir de ouro do primeiro grau, abrindo assim o caminho à medicina anti-atômica do amanhã.*

"Descobrir e captar as forças universais que nos rodeiam foram as preocupações essenciais dos antigos magos. Interessavam-se especialmente pela preparação do Medicamento Universal: esta manteria o corpo humano com boa saúde, prolongando a sua existência e permitindo assim que as elites se libertassem das suas tarefas e da sua missão, graças ao aumento de experiência assim obtido.

Acredita-se que, desde os mais remotos tempos, os iniciados de outras épocas e dotados de um conhecimento em parte desaparecido, tiveram acesso ao segredo da longa juventude.

A lenda evoca com frequência o elixir da longa vida destinado a lutar contra a velhice e a decrepitude. Mais perto de nós, o Ouro potável dos alquimistas possuía virtudes maravilhosas para curar as enfermidades mais rebeldes, regenerar o organismo e oferecer longos anos ao seu beneficiário. Se hoje já nada existe, a civilização oferece-nos contudo certas compensações: as técnicas medicinais e cirúrgicas atuais, antes desconhecidas, combatem também a doença com grande eficácia. Não obstante, a vida moderna com a sua trepidação, a poluição da atmosfera e das águas, as inúmeras radiações, fazem surgir e desenvolver-se novas doenças ante as quais somos, com frequência, impotentes. Por isso, numerosos investigadores crêem ser necessário constituir as bases de uma nova medicina que se inspire nos conceitos mais antigos.

## PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES, PRIMEIRAS ANALOGIAS ESSENCIAIS

Para captar a importância do nosso assunto, é preciso ser um assíduo observador da Natureza e prestar atenção aos mais ínfimos pormenores dos fenômenos, quando estes parecem obedecer a leis desconhecidas e, com frequência, contrárias as leis físicas que nos são familiares. Estamos desde logo rodeados por forças invisíveis, universais, etéricas ou fluidicas que participam na vida dos animais e das plantas, que se regem por leis totalmente contrárias à gravidade; por exemplo observai as plantas, as flores, as lianas trepadoras, que na Primavera apontam em direção ao céu os seus rebentos inchados de seiva. **Observai as roseiras do vosso jardim**, cujos rebentos se erguem e engordam antes de eclodirem: o peso desta sobrecarga não parece significar nada para o caule que a suporta. Não poderíamos acreditar que, para este caule, não existe gravidade? Efetivamente tudo se passa como se a seiva que enche os seus caules se encontrasse sob a pressão de uma invisível bomba de ar dissimulada na raiz e que mantivesse o conjunto na sua costumada direitura. Tratai agora de arrancar as vossas roseiras para as transplantardes, com todas as precauções que exigem as raízes; ficareis surpreendidos ao comprovar que, durante a breve estadia da planta fora do solo, o efeito da compressão de que falamos cessa totalmente. Observareis também os caules vergarem-se ante o peso dos capulhos para se voltarem a levantar alguns dias depois. Notareis além disso que este endireitamento não se efetua de maneira progressiva, sendo mais acentuado ao nascer do dia e os caules tendendo a dobrar-se ao longo da jornada. Com isto aprendereis que as forças vivas, invisíveis, que obram em sentido inverso ao da gravidade, se manifestam mais durante o dia do que pela tarde.

Foi com base nestas observações que os antigos Magos fundamentaram grande parte do seu saber, pois as forças invisíveis cuja ação acabamos de demonstrar sobre as roseiras, exercem-se também sobre a totalidade dos vegetais que experimentam os efeitos sobretudo na Primavera e ao nascer do dia. Estas forças exercem-se igualmente sobre os seres humanos. Fixai-vos num menino que corre, salta ou anda; este menino não sente o peso da sua cabeça, corpo e pernas, tal como o caule não sente o peso dos capulhos que suporta. Pelo contrário, o ancião caminha lentamente, com andar pesado, a cabeça enterrada entre os ombros como se, com a idade, o seu peso físico tivesse vencido as forças físicas da sua juventude. Se se pudesse então encontrar um meio de captar estas forças vivas, condensá-las e encerrá-las numa preparação adequada para então se administrarem ao homem, este poderia - prevê-se - regenerar o seu organismo e, quiçá, prolongar os seus dias até avançada idade. Isto ocorreu aos magos antigos na sua busca do medicamento universal ou do elixir da longa vida.

Mas existe ainda um fenômeno muito mais curioso do que o precedente e prodigiosamente interessante. Observa-se na Primavera, ao raiar do dia, quando o tempo está claro e sereno e num campo de trigo. É **o fenômeno da pérola do orvalho**. Desde a aurora, quando a temperatura é ainda baixa, que se pode ver a umidade sair do solo e subir ao longo dos caules de erva, para formar nos seus extremos maravilhosas gotas de orvalho, que, ao nascer do sol, se evaporam para formar um manto de névoa. Aqui, uma vez mais, parece entrar em jogo a gravidade, já que o orvalho se comporta em sentido inverso ao da chuva, cujas gotas caem depois de se terem condensado. **O orvalho, como a seiva vegetal, possui pois propriedades particulares**. Por isso os antigos espagiristas o utilizavam nas suas preparações para captar as forças universais, cuja existência nos mostraram as observações precedentes."

...



DAGGKÅPA, ALCHEMILLA VULGARIS L.

# Espinheiro branco

*Crataegus oxyacantha* L.

**Rosaceae**

Sob ponto de vista antroposófico



Este resistente arbusto, de madeira dura, com galhos espinhosos e folhas reduzidas, apresenta um esboço de uma divisão em três lobos, exprimindo, tal como no *Prunus spinosa*, uma vitalidade contida, retida. Ele habita as sebes, a beira dos bosques e os declives pedregosos das montanhas, principalmente quando o solo contém argila. As roseiras selvagens e o *Prunus spinosa* são frequentemente seus vizinhos. O *Crataegus* prefere as regiões moderadamente úmidas com clima bastante equilibrado.

Durante a primavera, esta planta robusta sofre um poderoso ataque das forças astrais; todo o arbusto parece estar pegando fogo, mas um fogo branco como a neve. As falsas umbelas de flores brancas se abrem na extremidade de todos os ramos. Seu perfume pesado, atordoante, após certo tempo, nos traz um gosto fundo, semelhante ao cheiro do peixe podre. Desde o verão até o outono, vão amadurecendo seus pequenos frutos vermelho alaranjados que novamente recobrem a árvore de um esplendor que se deixa notar até numa grande distância.

Este fruto contém duas ou três sementes muito duras, alojadas num envólucro carnudo pequeno, com um gosto farináceo, eliminando um vago odor de peixe quando friccionado. As flores e os frutos atraem moscas, coleópteros e aves. Numerosas espécies de insetos parasitam suas folhas e galhos de diversas maneiras; isso nos mostra que o astral (simbolizado por essa série de animais que esvoaçam sobre a planta), se une às forças etéricas desse vegetal que, no caso, se revelam de maneira supérfluas e excessivas.

A análise química encontrou na folha, na flor e no fruto, flavonas, principalmente quercitrina e quercetina; além disso, lactonas do *Crataegus* (ácidos oleanólico e outros), B-sitosterina e muita pectina no fruto. A casca contém um pouco de esculina. As flavonas estão relacionadas com a luz, as lactonas do *Crataegus* estão relacionadas com a colaboração rítmica entre o etérico e o astral (principalmente o ácido oleanílico, que é uma sapogenina). A trimetilamina surge graças a um processo de destruição avançada da proteína, devido à intrusão astral no processo floral. O odor de peixe desta planta está ligado com esta substância volátil. Todas estas substâncias são resultantes do processo vital do *Crataegus*.

Tal como no *Prunus spinosa*, também se processa no *Crataegus* um combate das forças etéricas contra o endurecimento (espinhos) e tal combate passa para o remédio e pode incitar o corpo etérico humano a repelir as forças de endurecimento que emanam do sistema neurossensorial, ameaçando o sistema rítmico. O

corpo astral, contraído e encerrado na região rítmica, poderá ser destacado da mesma. Através desta liberação, os processos de dessecação e endurecimento deixarão de ter lugar, principalmente na região do coração. De 40 a 50 anos para cá, o



crataegus vem se tornando um importante remédio cardíaco e universalmente conhecido. É possível tratar o coração e a circulação com esta planta. Ela favorece particularmente a irrigação sanguínea, nutrindo o coração e livrando-o de sua "opressão". Opressão essa causada pela atuação de uma força astral anormal nesse órgão.

Segundo uma indicação de R. Steiner, os frutos em geral agem sobretudo no sistema sanguíneo e as sementes no coração, (ver ciclo de conferências "O mundo dos sentidos e o mundo dos espíritos").

Vide também:

[Crataegus oxiacantha](#) em [Bilder ur Nordens Flora](#).

[Crataegus oxiacantha](#) - foto 585x495, 64Kb.

# **Marmeleiro**

***Cydonia oblonga* L.**

**Syn: *Cydonia vulgaris***

***Rosaceae***

**Sob ponto de vista antroposófico**



Esta planta também é conhecida com o nome de *Cydonia vulgaris*. É o marmeleiro, de cujos frutos se faz a marmelada. Este arbusto, com galhos afastados, grandes folhas, grandes flores e grandes frutos, manifesta uma vida rica e transbordante, mesmo quando cresce em solos muito pobres; daí notarmos que se trata de um forte organismo etérico. Nesta planta reinam duas forças opostas. A primeira, de origem etérica, uma força de expansão, centrífuga, e a segunda, oposta a esta, é uma força centripeta proveniente do domínio astral. A partir destas duas forças surgem as flores rosadas.

Neste processo floral reina um belo equilíbrio entre o astral e o etérico. O perfume, a cor, a forma das flores, testemunham tal fato. O vegetativo não se acha mais inflado, consumido, dessecado, como acontece quando as plantas recebem uma influência astral muito além da conta, o que provoca uma floração excessiva. No caso desta planta, pelo fato de não haver uma atividade astralizante tão intensa, seus frutos podem se tornar dourados, dilatados e cheios de sucos. O marmelo foi denominado pelos antigos, a maçã de Hespérides.

A pelugem do marmelo é áspera ao gosto, felpuda e fortemente perfumada. Ela reveste uma polpa igualmente áspera, acidulada e adstringente que, durante o verão, ainda não atingiu o sabor açucarado das maçãs e das pêras. O cálice verde, foliáceo, permanece aderente ao fruto, testemunhando que a planta reteve processos vegetativos. Ao mordermos um marmelo, sentimos nos dentes as células pétreas (pedregosas), espalhadas por toda a sua polpa - isso nos mostra um início de endurecimento. Em oposição a isso, a gênese da pectina supera este fato, pois essa substância dá ao marmelo a possibilidade de se gelificar, ou seja, de adotar um estado intermediário entre o líquido e o sólido. O suco se torna espesso, mas ele não se endurece.

Os caroços, unidos entre si no interior do marmelo, contém nos seus tegumentos uma mucilagem característica que lhes permite absorver 15 vezes o seu volume em água. Tal mucilagem é rica em cálcio. O cálcio é utilizado pelos seres vivos

quando há necessidade de atenuar o impulso vegetativo, etérico, dando margem para que o astral possa atuar. As forças centripetas podem então se afirmar frente às forças centrífugas dissolventes.

Se o corpo etérico do ser humano estiver se dissolvendo no líquido, impedindo que os constituintes superiores (corpo astral ou Eu) atuem, teremos uma doença que pode ser denominada "diátese exsudativa". O corpo astral, impedido de atuar no interior, irá acarretar uma doença que se manifesta por uma hipersensibilidade, por exemplo, na cavidade nasal, pois o astral, atuando corretamente nesse domínio, permitiria que o nosso sentido do odor funcionasse de maneira saudável, mas esta hiper-sensibilidade se manifesta como "febre de feno" e, nesta doença, a configuração da mucilagem do marmelo pode ter uma ação benéfica, principalmente associado a outro processo vegetal característico do limão. A mistura dessas duas frutas, marmelo e limão, constitui um remédio que também foi indicado por R. Steiner.

Vide também: [Cydonia oblonga - foto](#)



# Erva Benta

*Geum urbanum* L.

**Rosaceae**

Sob ponto de vista antropológico



Nas zonas temperadas do hemisfério norte, principalmente no limite destas regiões temperadas com a região sul, sobretudo nas montanhas, mas também nas regiões planas, cresce esta planta dos bosques e de locais parcialmente sombreados, medrando sob os muros, ao longo das cercas, e nos montes úmidos de entulhos ou de pedras. Esta planta aparece frequentemente nas ruas das cidades, daí seu nome. Por exemplo, em Paris o *Geum urbanum* cresce em quase todos os terrenos vagos. Forças de constrição agem na flor da sanguisorba e no eixo de inflorescência da agrimonia; em relação ao *Geum urbanum*, tais forças agem nas folhas e tais folhas manifestam esta tendência.

As folhas da roseta, provenientes do rizoma, são muito arredondadas, penadas em forma de lira, mas mais em cima da planta, elas se reduzem muito e se tornam semelhantes a mãos com dois dedos. Mais acima da planta elas se tornam peças tridentadas pontudas. A planta se ramifica muito e, no início do verão, suas flores bem amarelo ouro surgem em cima da haste da planta. O conjunto evoca uma Ranunculácea européia amarela cujo nome popular é botão de ouro (*Ranunculus* sp). O *Geum urbanum* é muito mais configurado, ordenado e formado do que uma Ranunculácea. O *Geum rivale*, parente do *Geum urbanum*, poderia ser denominado a pulsátila das Rosáceas.

O fruto seco do *Geum urbanum* possui pequenos ganchos como os da agrimonia. São vestígios do estigma. O órgão mais importante desta planta é o rizoma que, ao ser cortado, exibe coloração rosada ou avermelhada, emitindo uma cor e um saber ígneos, típicos de especiarias, lembrando algo do cravo da Índia. O *Geum urbanum* nos revela como se desenvolvem as Rosáceas. As forças contra aquela umidade terrestre, contra aquela tendência a se embolorar, a ser atacada pelos fungos. Um poder floral atua em um órgão subterrâneo.

A raiz do *Geum urbanum* contém muito tanino e, além disso, substâncias amargas e um glicosídeo do qual pode ser separado o eugenol que é o óleo essencial responsável pelo sabor e aroma do cravo da Índia. O *Geum urbanum* ainda possui uma flavona.

As indicações terapêuticas do *Geum urbanum* são as mesmas das espécies precedentes: sangramento dos órgãos internos e diarreias. A raiz do *Geum urbanum* também contém amido, O

amido é um "açúcar densificado" e, nesta planta, encontramos uma variação interessante do processo açúcar, processo este tão característico das Rosáceas.

A metamorfose do tipo Rosácea no *Geum urbanum* explica também suas ações terapêuticas. As substâncias características que aparecem nesta planta podem nos dar indicações terapêuticas: ação dos taninos no corpo astral, dos hidratos de carbono no Eu, óleos essenciais portadores do calor, igualmente no Eu. R. Steiner, no 2o curso médico em 1921, mencionou o *Geum*

urbanum como uma planta terapêutica. O amido, a partir do qual o organismo deve elaborar o açúcar, estimula a organização do Eu no domínio metabólico, e os óleos essenciais o fazem de igual maneira. Todo o trato digestivo será aquecido através dessa planta; além disso, trata-se de um elemento raiz que recebeu impulsos da região floral; elemento raiz recebendo impulsos da região floral tem uma correspondência no organismo humano da seguinte maneira: o sistema neuro-sensorial será estimulado no domínio digestivo. Um medicamento feito com esta planta poderá combater as diarreias, os corrimentos mucosos do intestino, adicionados da ação tonificante do tanino.

Vide mais sobre *Geum urbanum* [aqui](#).

Vide também: [Geum urbanum](#), [Geum rivale](#) em [Bilder ur Nordens Flora](#).

---

# **Erva Benta**

***Geum urbanum* L.**  
***Rosaceae***



Planta herbácea perene, possuindo um rizoma grosso (desenho em baixo à direita) e um caule ramificado com folhas e estípulas alternas e trímeras. As flores amarelas e solitárias encontram-se na extremidade dos caules. Os frutos são aquênios cobertos de excrescências recurvadas (figura pormenorizada). Toda a planta é vilosa. É vulgar nos silvados, ao longo dos muros e das sebes. Desde a Antiguidade é colhida devido às suas virtudes peitorais.

Colhe-se o rizoma. Depois de muito bem lavado e desembaraçado de todas as partes verdes, é posto a secar a uma temperatura de 35°C no máximo. Deve ser em seguida conservado em local seco dentro de embalagens fechadas.

Contém taninos, substâncias amargas, óleo essencial e um pigmento; tem um efeito nitidamente adstringente. É usado em casos de catarro gastrintestinal, para deter as diarreias violentas, contra as cólicas intestinais e as hemorragias internas, na dose de 1g a 2g de pó várias vezes ao dia, ou em decocção, à razão de 2 colheres de café por chávena de água. Entra igualmente na composição de vinhos fortificantes. Externamente, serve para preparar gargarejos contra as inflamações da cavidade bucal, as hemorragias das gengivas, a descarnadura dos dentes e o mau hálito. Banhos e compressas são eficazes contra as hemorróidas e as doenças da pele.

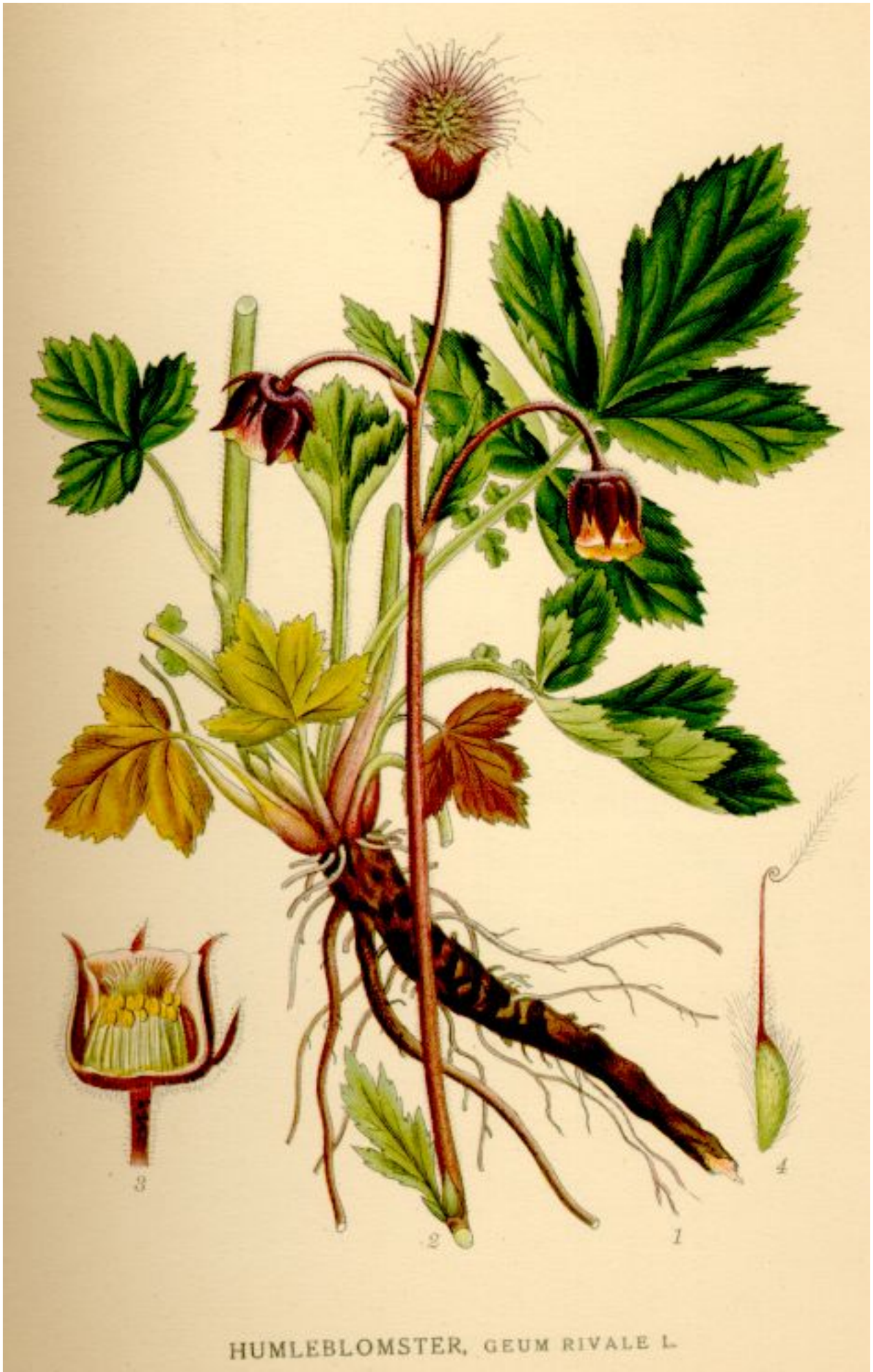
Vide também *Geum urbanum* sob ponto de vista antroposófico.

---





NEJLIKROT, GEUM URBANUM L.



HUMLEBLOMSTER, GEUM RIVALE L.



# **Filipendula ulmaria**

## **Rosaceae**

Sob ponto de vista antroposófico



A rainha dos prados medra em toda a Europa e no norte da Ásia. Ela se deixa notar em grande número à beira dos riachos tranquilos, nos juncais e em locais onde crescem algumas canáceas, nas margens pantanosas dos lagos e das poças ao longo dos rios e dos canais de irrigação.

O rizoma rastejante no solo palustre, impregnado de água, cresce de ano em ano, produzindo novas raízes a partir de seus nós. No fim deste rizoma surge um broto bem desenvolvido, adornado de folhas penadas, porém alternadas entre si, de recorte fino e claro; este broto cresce cerca de 1,5m. Em sua ponta nasce uma inflorescência que se assemelha a uma leve nuvem branca; tal inflorescência é composta de falsas umbelas com numerosíssimos raios, e tais florzinhas são pálidas e vaporosas.

As flores são de um branco amarelado (cor de creme) e possuem um forte perfume suave, cujo aroma lembra o da baunilha. Toda a planta parece ser um processo de auto cura da natureza, pois ela eleva a umidade estagnada existente no meio em que a planta vive, até o ar e a luz e, a partir daí, ela evapora graças às forças do verão.

Toda a planta contém, além de taninos, que já tivemos a ocasião de nos referir, ácido salicílico e, além disso, a gauterina e a spiracina. Na flor e no rizoma se encontram óleos essenciais, heliotroina e vanilina. O processo salicílico surge nas plantas que tem o poder vital de transformar o frescor úmido do solo em substâncias florais aéreas e voláteis.

Nós iremos mencionar em mais detalhes o processo quando estudarmos os salgueiros. - O processo salicílico é uma astralização que ocorre de uma maneira muito peculiar. Na *Spirea ulmaria*, que é o outro nome dado a essa planta, suas características específicas acarretam uma outra ação terapêutica: ela incita o corpo astral, no organismo dos líquidos, a estimular energicamente os processos de eliminação, de secreção. Ela é, portanto, sudorífica, diurética, depurativa, anti-reumática, - desde que ela seja preparada farmacêuticamente de maneira correta, utilizando-se sobretudo a sua parte floral.

Vide outra descrição de [Filipendula ulmaria](#) e também fotos:

[Filipendula ulmaria](#) e [Filipendula hexapetala](#) em [Bilder ur Nordens Flora](#).

---



## Ulmária

***Filipendula ulmaria* (L.) Maxim.**

**Syn.: *Spiraea ulmaria* L.**

***Rosaceae***



Planta perene com caule ereto, terminado por um corimbo de flores branco-creme. O caule apresenta folhas alternas, grosseiramente dentadas, munidas de estípulas palmadas. Os frutos são vesículas monospérmicas. A espécie, relativamente vulgar em estado espontâneo, cresce ao longo dos cursos de água, junto das fontes e nos sítios úmidos. É usada como planta medicinal desde a Antiguidade.

São colhidas geralmente as flores, cuja secagem é feita em camada fina e regular, à sombra, ou num secador, a uma temperatura que não ultrapasse os 35°C. Podem também ser apanhadas as folhas novas e os rizomas. Todas estas partes contêm glicosídeos, a gaulterina e a espireína, vestígios de heliotropina, um pigmento amarelo, vanilina e ácido salicílico livre, derivado da decomposição da gaulterina. As flores secas são usadas na preparação de tisanas antigripais, como diaforéticos para baixar a febre e contra as dores reumáticas. As folhas e as flores têm um poderoso efeito diurético e são utilizadas para acalmar as dores da bexiga e dos rins. São consumidas em infusão (1 colher de café de partes ativas para uma chávena de água; 2-3 chávenas por dia) ou em maceração (1 colher de café por chávena de água, deixando macerar durante 10 horas). A decocção, a maceração e a própria planta libertam um odor característico de metil-éster do ácido salicílico.

Vide também [Filipendula ulmaria](#) sob ponto de vista antroposófico.

---



ALGRĀS, FILIPENDULA ULMARIA (L.) MAXIM.



# Morango silvestre

*Fragaria vesca*

*Rosaceae*

Sob ponto de vista antropológico



Esta Rosácea representa uma variante unilateral do tipo; da mesma maneira que o [Geum urbanum](#) e a [Potentilla](#), o morangueiro possui o tronco da árvore frutífera debaixo da terra; um tronco subterrâneo denominado rizoma. O rizoma rasteiro do morangueiro, que está dentro do solo, vai emitindo para fora do solo as folhas a as pequenas hastezinbas em cuja ponta estão as flores. O morangueiro produz na primavera flores brancas com cinco pétalas contendo multidões de estames e de carpelos. Quando esta flor fenece, o crescimento que foi interrompido momentaneamente devido à intrusão astral, retoma, não apenas nas partes do morangueiro situadas abaixo da terra, mas também nas partes situados acima da terra. O rizoma emite pequenos conjuntos de folhas que rastejam sobre o solo e, em seus nós, ele emite raízes adventícias que se multiplicam e assim a planta também se reproduz por via vegetativa. Os receptáculos das flores que feneceram também começam a crescer e a se dilatar, se fundem com os pedúnculos de numerosos carpelos para formar os falsos frutos denominados morangos; este globo carnudo traz em sua superfície numerosos pequenos aquênios que são os verdadeiros frutos.

Esta Rosácea, amiga da terra, procura espontaneamente os terrenos das florestas, sombrios, úmidos, ricos em húmus que foram abertos à luz do sol devido ao corte na mata ou a algum furacão ou ainda pelo fato de ser aberto um caminho na floresta, etc. Encontramos morangueiros silvestres que nascem nesses bosques em grande quantidade desde que a umidade obscura favoreça tal proliferação e desde que também haja a penetração intensa do calor de verão, pois dessa maneira, os processos específicos dessa planta coincidem com a dinâmica do meio ambiente no qual esta planta cresce. Esta intrusão da luz e do calor no sombrio e no húmus faz com que o morango selvagem seja particularmente bem sucedido, pois ele pode

utilizar duas substâncias que tem relação especial com a luz e o calor: a sílica e o ferro. A folha do morangueiro e seu aquênio são particularmente ricos em sílica. A sílica, como já tivemos ocasião de mencionar muitas vezes, desempenha no mundo dos seres vivos um papel importante que R. Steiner mencionou pela primeira vez, A sílica é portadora de forças estruturantes do organismo em sua periferia, ou seja, onde aquilo que é vivo, estabelece um limite com o meio ambiente através de sua própria forma, mas se abre igualmente a esse meio ambiente. Os revestimentos que cobrem o organismo e protegem cada órgão em particular, e ainda a esfera dos órgãos sensoriais é o domínio da atividade da sílica.

Os processos da sílica são, pois, na planta, um processo centrífugo, irradiante. Ele abre a planta ao vir-a-ser luminoso, favorece o "metabolismo da luz". Os "sentidos luminosos" da planta se encontram dessa maneira despertos e ela pode muito bem dispor de pequenas quantidades de claridade para poder crescer. É interessante notar que os morangos são muito açucarados e aromáticos, mesmo quando o tempo em que ele cresceu foi chuvoso e nublado. Ao contrário, o processo ferro relaciona ritmicamente o cósmico com o terrestre. Tal processo, no morangueiro, é sutilmente ativo e atua mais num sentido dinâmico do que num sentido material.

Tais processos cósmicos de calor e da luz tem como resposta um abundante processo açúcar que surge nas folhas e flui nas flores e nos frutos, tal como nós observamos em todas as Rosáceas. A soma destas atividades é o morango, simultaneamente carnudo açucarado e muito aromático; ingerido pelo ser humano, ele pode estimular beneficemente as atividades correspondentes a ele próprio, sobretudo se ele for preparado sob a forma de medicamento, por exemplo, associado a urtiga. Tal medicamento ativa a formação do sangue a partir da esfera metabólica e impulsiona principalmente o fluxo sanguíneo até a extrema periferia do corpo, graças à sílica (esse processo pode ser muito forte em algumas pessoas e provocar erupções na



pele). Em muitas formas de anemia, poderemos preparar um excelente medicamento a partir de morangos.

Os frutos dessa planta (na realidade o morango é um pseudo-fruto) possuem sementes (botanicamente cada uma delas é um fruto) na periferia de sua estrutura. O centro do morango é oco e a parte interna é esbranquiçada. Ao observarmos um morango cortado transversalmente, iremos notar que a parte central é oca, e mais para fora iremos encontrar uma estrutura branca e depois, indo para a periferia, a cor vai ficando cada vez mais vermelha e o sabor mais doce. O morango se estrutura do centro para a periferia e, além disso, possui proteína que pode causar alergia em algumas pessoas.

Essas duas características: Movimento do centro para a periferia e atividade protéica, indicam uma proximidade do morango com o sangue que é formado na medula óssea, do centro para a periferia e possui uma enorme atividade protéica, porém contida pelo Ferro. Frutos de morango silvestre, elaborados juntamente com mel, constituem medicamentos utilizados no tratamento das anemias.

As folhas do morangueiro associadas às de videira, segundo uma indicação de R. Steiner, podem produzir um importante medicamento para o fígado. A relação com os processos do fígado se realiza, no morangueiro, através de maneira intensa com que as forças do calor e luz penetram nesta planta - forças de luz no sentido da formação de amido e açúcar. O fígado não é apenas o órgão onde se formam os glicídios, mas também o órgão mais quente de todo o nosso corpo.

Vide também: [Fragaria vesca](#) em [Bilder ur Nordens Flora](#).

Mais informações sobre [Fragaria vesca](#).

---

**Potentilla erecta**  
**Sin. *Potentilla tormentilla* L.**

**Rosaceae**

Sob ponto de vista antroposófico



Potentilla na dismenorréia, na amenorréia em menorragias e metrorragias.

Esta pequena planta rizomática está ainda mais concentrada sobre ela própria e, de uma maneira intensa, enterrada no solo. Sobre os prados úmidos, às vezes pantanosos, onde ela gosta muito de crescer, percebemos apenas suas pequenas flores graciosas de um amarelo solar, composta de quatro pétalas.

Este vegetal, com suas forças luminosas e formativas, parece enviar um impulso terapêutico aos prados molhados e ácidos, tão comuns na Eurásia. O rizoma, da grossura de um dedo, é o órgão principal dessa planta. Muito mais importante ainda do que para o *Geum urbanum*. Tal rizoma possui uma grande quantidade de tanino e uma coloração vermelho intenso, daí o apelido de "ratânia da Alemanha", pois o rizoma da potentilla pode até ser igualado com a da célebre raiz da região Andina. Além disso, este rizoma produz um óleo etérico que lembra um pouco o de rosa, e este rizoma também produz uma resina. Nesta planta, os processos desceram, de certa maneira, até a região da raiz.

Conhecemos a ação terapêutica potente da Potentilla contra os sangramentos internos, diarréias perseverantes, inflamações e catarros do trato digestivo - todos os relaxamentos das mucosas do abdome. R. Steiner via neste rizoma, em dinamizações mais elevadas, um medicamento específico, capaz de agir na parte relativamente autônoma da organização do Eu que regula as funções reprodutoras; daí a aplicação da

Vide também: [Potentilla erecta](#), [Potentilla reptans](#) em [Bilder ur Nordens Flora](#).

---



BLODROT, POTENTILLA ERECTA DALLA TORRE.







A. SMULTRON, FRAGARIA VESCA L.

B. BACKSMULTRON, FRAGARIA VIRIDIS DUCH.



## Morangueiro-bravo

*Fragaria vesca* L.

**Rosaceae**



Planta perene com rizoma curto, apresentando uma roseta de folhas e longos estolhos radicantes. As folhas trimeras são longamente pecioladas, penugentas na face inferior. As flores brancas formam um cacho terminal paucifloro. Os frutos são aquênios com um receptáculo carnudo, o morango, um fruto vermelho, perfumado, apreciado por todos. Os morangos-bravos dão-se bem nos sub-bosques, nos silvados, nas clareiras e à beira dos campos.

Para fins medicinais, são colhidas as folhas, mas somente as folhas novas e intactas, pois as velhas são amargas. Estas folhas são arrancadas à mão e secadas num secador a uma temperatura que não ultrapasse os 40.C. Nestas condições, conservam o perfume natural e o gosto ligeiramente amargo. Contêm taninos, um óleo essencial com um componente citrino, vitamina C e muitas outras substâncias. As tisanas de folhas de morangueiro são uma bebida fortificante para as pessoas anêmicas e nervosas. São eficazes contra os catarros intestinais e gástricos, acompanhados de diarreias. Têm um efeito positivo sobre as afecções das vias urinárias e dos rins, sobre os cálculos renais. As folhas fermentadas substituem o chá e, como as do framboeseiro, são aperitivas. As folhas escaldadas são utilizadas em compressas sobre as feridas infectadas, e a decocção serve para gargarejos contra o mau hálito.

As folhas dos outros morangueiros selvagens são também colhidas e têm os mesmos efeitos. As dos morangueiros cultivados não contêm substâncias ativas e não são colhidas.

Vide também mais informações sobre [Fragaria vesca](#).

---



# Lauroceraso

***Prunus laurocerasus* L.**

***Rosaceae***

Sob ponto de vista antroposófico



Esta pequena árvore, proveniente da Ásia Ocidental e do Sul da Europa, se destaca sobretudo em seu processo de formação de grandes folhas esbeltas e desenvolvidas, duras, brilhantes e persistentes.

Seus pequenos cachos florais elevados, branco-esverdeados, condensados, produzem pequenas cerejas negras que não chamam muito a atenção. As florestas montanhosas úmidas são seu habitat preferido. O processo cianeto, contido nas sementes das outras espécies de prunus, principalmente da amêndoa amarga, se mostra no *Prunus laurocerasus* difundido nos brotos, na casca e nas folhas. Estas últimas, em particular, contém cerca de 1% de um glicosídeo contendo o ácido cianídrico. Tais folhas produzem um destilado semelhante à água de amêndoas amargas, destilado esse denominado Aqua Laurocerasi.

Este preparado, proveniente do elemento foliar, atua na respiração e no coração. O paciente apresenta uma perturbação na relação rítmica, entre corpo astral e corpo etérico; essa perturbação ocasiona uma certa excitação, cujos sintomas podem ser: rouquidão, catarro, tosses nervosas, estados espasmódicos do pulmão e irregularidades cardíacas.

Vide também: [Prunus padus](#) e [Prunus avium](#) em [Bilder ur Nordens Flora](#).

[Prunus laurocerasus - foto](#)

---



HÄGG, PRUNUS PADUS L.





FÄGELBÄR, PRUNUS AVIUM L.





# Pruneira

*Prunus spinosa* L.

**Rosaceae**

Sob ponto de vista antropológico



A pruneira medra na beira dos bosques rochosos, beirando os caminhos situados em regiões secas, sobretudo em montanhas calcárias. Esta planta passou todo o inverno tão seca quanto um esqueleto e, tão logo tenha terminado esta estação do ano, ela começa a brilhar por cima dos seus espinhos, brilho esse devido às suas inúmeras florzinhas brancas que nos revelam que a época da ressurreição, da Páscoa não está longe (na Europa, o inverno termina numa época próxima à Páscoa). Esta neve floral se derrete rapidamente e seu doce odor é levado pelo vento. Daí então despontam minúsculos brotos que estavam profundamente escondidos nas negras cascas das árvores; milhares de pequenas folhas verdes começam a tecer um véu de um maravilhoso frescor, tal como um véu que paira em cima da árvore. Um sutil odor de amêndoa amarga emana destes jovens brotos, como se fosse um eco de floração. Esta folhagem somente irá se tornar verde no verão, e isto ocorre de maneira muito mais longa que no resto das outras árvores ou arbustos, pois é em pleno verão, quando as cerejas já estão maduras, e depois de maturação das cerejas que inicia-se a dos pêssegos, dos abricots, das amêndoas, mas isso não ocorre com o *Prunus spinosa*. Este arbusto deixa seus frutos irem crescendo em silêncio, em segredo, lentamente. Tais frutos, na época do verão, são pequenas bolinhas ainda verdes, de sabor terrivelmente acre. No fim do outono é que eles irão se tornar pequenas ameixinhas azuladas que constituem o material para as primeiras geléias do inverno, pois eles apenas nesta época do ano se tornam maduros e açucarados.

Tal é a "forma temporal" do *Prunus spinosa*. Isso nos deixa transparecer que esta planta é portadora de potentes forças vitais, mas esta planta não tem prazer de revelá-las ao exterior; ela as guarda envolvidas em uma certa "interioridade". A vida pura e forte de sua expressão primaveril fica conservada mesmo quando as forças de dissolução do verão induzem todas as plantas aos processos centrífugos, aos processos de expansão. O *Prunus spinosa* resiste obstinadamente a se dispersar no cosmos, aumentando consideravelmente o tempo de maturação de seus frutos.

O fruto desta planta, quando maduro, é pouco carnudo e seu caroço é duro como uma pedra. Seu gosto acre e adstringente nos dá a idéia de algo que pode ser conservado.

Podemos compreender a atividade terapêutica do *Prunus spinosa* a partir de suas forças que não foram esbanjadas, a partir de tais forças que não foram utilizadas no

aprimoramento de sua aparência exterior. A anomalia de seus ritmos de crescimento e de estruturação constitui a virtude medicinal desta planta. As flores do *Prunus spinosa* surgem a partir de uma enérgica intervenção da esfera astral, estimulam o metabolismo, aumentam as secreções, ou seja, elas ajudam o organismo humano que atravessou o inverno, a superar as tendências de endurecimento e a adquirir um metabolismo "primaveril". O botão floral do *Prunus spinosa* não amadureceu na época do verão, mas no inverno. Esta estação do ano fortifica os processos neuro-sensoriais, que representam, a nível de organismo, algo de invernal. A primavera deve ser entendida como um período rítmico e o verão como um período metabólico. O remédio extraído do *Prunus spinosa* fará com que o organismo coordene de maneira muito melhor os processos rítmicos, e isso faz com que a atividade cardíaca seja auxiliada de maneira mais ou menos semelhantes àquela realizada pelo crataegus. Ao utilizarmos os brotos verdes, poderemos obter o remédio que estimula de maneira geral os processos etéricos, fortificando o corpo etérico. A ação dos frutos do *Prunus spinosa* é semelhante, mas é sobretudo dietética. Tais frutos atuam como fortificante na fadiga, na estafa, no esgotamento, auxiliando o convalescente a se restabelecer.

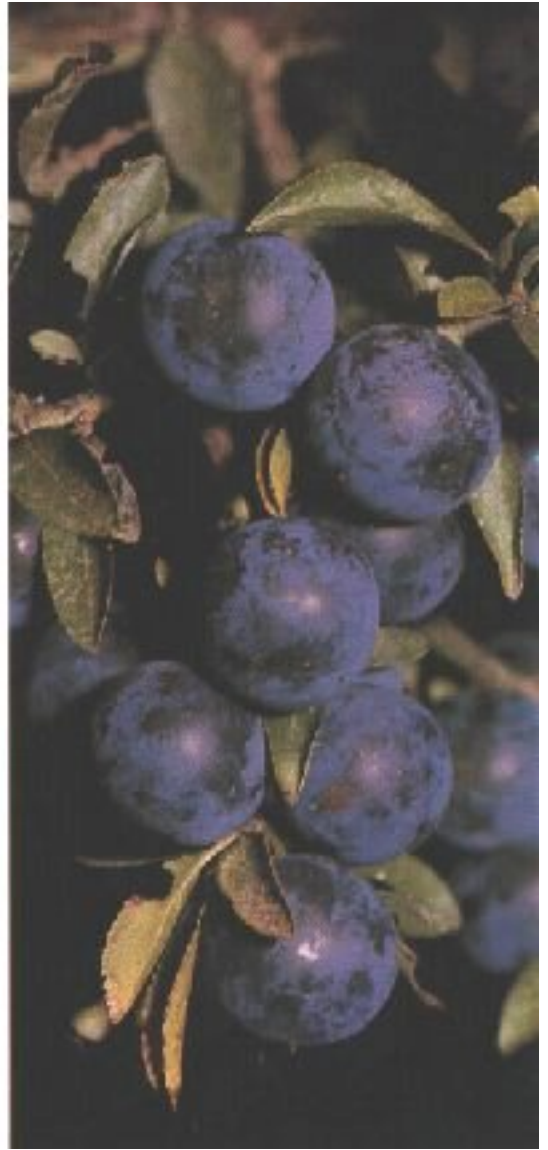
Vide também: [Prunus spinosa](#) em [Bilder ur Nordens Flora](#).





SLÁN, PRUNUS SPINOSA L.





# Rosa selvagem

*Rosa canina* L.

*Rosaceae*

Sob ponto de vista antropológico



A roseira selvagem é uma das plantas que aparecem em grande frequência nos países europeus. Na orla de um bosque, a roseira selvagem parece anunciar os segredos de tal bosque; crescendo junto às sebes, ela forma cercas vivas muito graciosas; ela oculta os montes de pedras e os amontoados de entulho, ela acompanha o alpinista que escala as pastagens magras das altas montanhas, e sempre está prestes a oferecer ao alpinista uma pequena rosa. A *Rosa canina* acompanha o alpinista até altitudes bem elevadas. Apenas em altitudes muito altas ela não pode mais acompanhá-lo. Basta que ela amaine seus esforços durante esta longa caminhada. O verde jovial e brilhante de sua folhagem nos saúda quando chega a primavera, o matiz, ora rosado, ora purpúreo de suas flores, juntamente com seu perfume, o mais nobre de todos, anuncia o início das alegrias do verão, e o esplendor escarlate de seus frutos canta os louvores do outono, conseguindo chegar ao pleno inverno e, nesta estação, nosso olhar poderá repousar na graça carinhosa de seus ramos inclinados, formando um arco. Os flocos de neve, ao caírem na roseira, fazem-na passar através do Natal ornada de uma cobertura branca de flores de cristal.

A roseira medra em uma terra pobre. Ela se enraíza fortemente através de todos os lados, se multiplica por raízes adventícias que brotam por debaixo de terra. Apesar desta planta estar sendo constantemente destruída pelo gelo, pelo fogo, pelo vento e pelos animais, ela se rejuvenece na base e torna novamente a crescer. É certo que em seus ramos a vida se condensa nos acúleos, o que permite à planta economizar forças etéricas. Cada acúleo é um ramo suprimido, cada agulha é uma folha suprimida. Isto nos mostra uma riqueza dominada, uma plenitude reestruturada. Quando, finalmente, seus ramos nos estendem a rosa, - é necessário antes superar a prova dos espinhos - tal rosa representa uma renúncia às mais ambiciosas possibilidades; a inflorescência, construída nos moldes de uma grande falsa umbela, se contenta em produzir apenas algumas flores e, algumas vezes, somente uma. Esta flor possui uma vida breve; ela perde rapidamente suas sépalas e suas pétalas; isso denota que a esfera astral se aproxima muito intensamente, mas as forças etéricas da planta realizam um equilíbrio e nunca ocorre a formação de venenos. O receptáculo da flor, profundamente enterrado no caule, porta os aquênios em suas paredes internas, tal

como ocorre no figo, que é algo totalmente oposto àquilo que ocorre no morango.

A roseira é extremamente sensível às influências exteriores, e a resposta da planta a isso se revela através de uma extrema variabilidade em sua aparência. O número de suas variedades artificiais é quase que incalculável. O melhor ambiente para a roseira é à plena luz, um ar puro e claro, uma umidade moderada e um solo permeável argilo - silicoso, solo esse que deve conter calcário e também uma pequena quantidade de ferro.

Numerosos insetos respondem ao convite de suas flores, apesar delas possuírem a faculdade de formarem suas sementes sem terem sido fecundadas.

A roseira é freqüentemente invadida por galhas; este fenômeno nos indica uma forte correspondência com o mundo astral, ao qual ela agradece a sua plenitude vital.

Encontramos os seguintes compostos na roseira: taninos na flor, folha e frutos; óleos essenciais na flor, um pouco menos nos frutos e nas folhas; antocianina no corante das flores. O fruto contém caroteno, corante da dinâmica luminosa que já foi mencionado quando nos estudamos a cenoura; além disso, açúcares (dextrose), pectina, ácidos vegetais, tais como: os ácidos málico, cítrico e ascórbico (vitamina C). As sementes do fruto da Rosa canina contém vanilina, óleo fixo e sílica. Este "concerto de substâncias", com sua rica instrumentação, pode ser um ponto de partida para compreendermos sua atividade terapêutica - tal ou tal "instrumento" se torna audível, à sua maneira, em tal parte do organismo. Todavia a intervenção de cada instrumento é determinada pelo ser, e a intenção da sinfonia total apenas pode ser compreendida, caso possamos compreender a íntima essência dessa planta. Após termos ressaltado este fato, poderemos colocar os taninos das pétalas em relação com uma propriedade terapêutica no sentido de acalmar as diarréias e os sangramentos internos; as preparações dietéticas, baseadas no fruto da roseira canina, são refrescantes, vivificantes das funções sensoriais e estimulam o metabolismo deficiente em relação aos ácidos das frutas, ao caroteno (pró vitamina A), à vitamina C. Os frutos da Rosa canina possuem a maior quantidade de vitamina C observada na natureza. (N.T. a vitamina C é degradada pelo calor). A maneira particular do processo açúcar atuar neste vegetal nos leva à compreensão do motivo de tais frutos serem receitados na diabetes, devendo o diabético ingeri-los. Por outro lado, a infusão das sementes devido a sua grande quantidade de sílica, estimula a diurese, combate a formação dos cálculos renais e das vias urinárias. Deveremos nos lembrar que o morango, graças a essa mesma sílica, dirige os processos sanguíneos em direção à periferia (seu falso fruto está totalmente dirigido para fora); o fruto da Rosa canina se orienta em sentido contrário, seu processo sílicea induz ao aumento da secreção renal.

Vide também: [Rosa villosa](#) em [Bilder ur Nordens Flora](#).

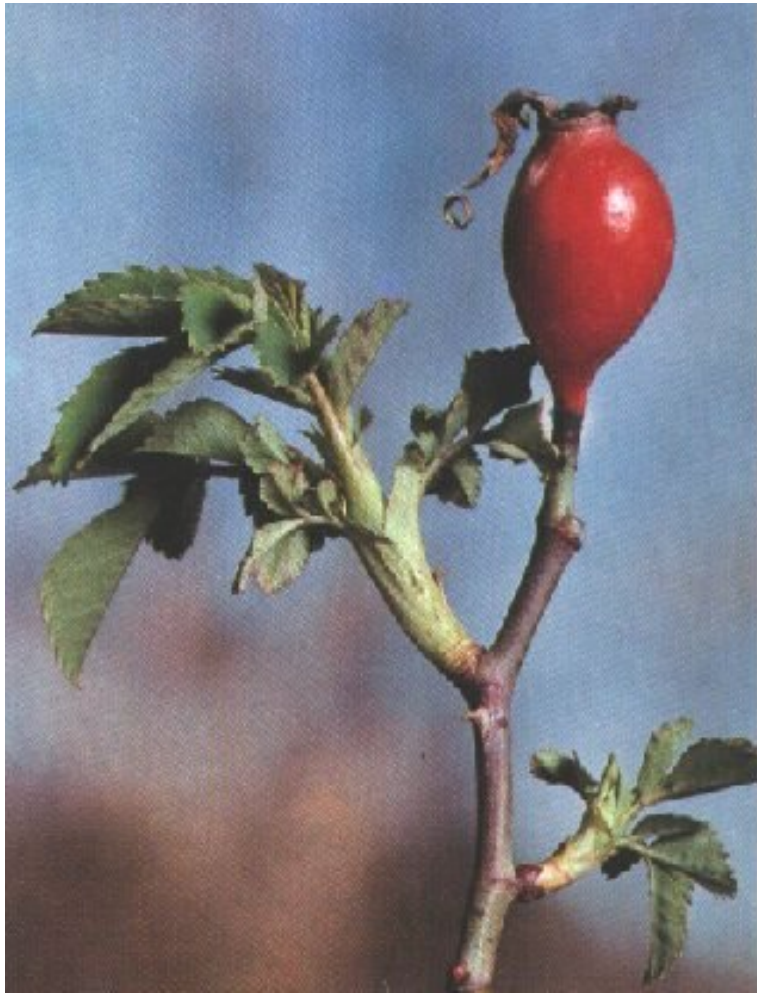
[Rosa canina - foto](#)

---





LUDDNYPON, ROSA VILLOSA L.





# Pimpinela-oficinal

***Sanguisorba officinalis* L.**

**Rosaceae**

Sob ponto de vista antropológico



Esta bela planta dos prados se encontra nos pastos úmidos ou moderadamente secos desde os Alpes até a Noruega.

Esta planta, apesar de ser uma rosácea, desempenha o papel de uma gramínea. A partir de uma vigorosa raiz marrom nasce um breve rizoma que emite uma roseta de folhas longamente pecioladas e penadas, com uma bela forma rítmica. A inflorescência ascende, com uma haste nua e rígida, portadora apenas de algumas folhas reduzidas. Haste essa, que se bifurca numa determinada altura, produzindo dessa maneira algumas hastes laterais. Na ponta de cada uma das hastes iremos encontrar uma curta espiga de flores de coloração marrom avermelhado, extremamente recortadas, compostas de cinco a dez pequenas flores de estrutura quaternária. O calículo e as pétalas desapareceram; existem na flor apenas quatro estames e um carpelo. Sua irmã menor, a *Sanguisorba minor* é, tal como as gramíneas, anemófila, ou seja, polinizada pelo vento. É interessante que tal planta cresça entre as gramíneas, florescendo junto com elas. O carpelo, ao amadurecer, é envolvido pelo cálice que persiste e endurece. Finalmente ele adquire uma estrutura semelhante a asas e se deixa levar pelo vento. A planta é rica em tanino, mas a adstringência se torna um pouco mais branda nas folhas.

A sanguisorba é eminentemente hemostática (impede que o sangue continue jorrando do ferimento), e foi empregada na medicina em todos os casos onde não apenas o sangue, mas todos os outros líquidos do organismo não conseguiram mais se limitar de maneira suficiente com a parte de fora do organismo, com o meio exterior, pois o corpo etérico, nestes domínios, recebe do corpo astral poucas forças formativas e tonificantes. O sangramento do estômago, do intestino, do pulmão, a menorragia, os sangramentos dos miomas, as varizes, as hemorróidas por um

lado, o catarro intestinal e a diarreia por outro lado, encontram nessa planta enérgica um remédio para tal relaxamento. O principal portador desta força é o tanino, pois esta substância favorece uma vigorosa ligação do corpo astral com o corpo etérico e o organismo dos líquidos que adquirem, por essa razão, muito mais tonicidade, restabelecendo o "tônus" do organismo.

Vide também: Borboleta [Maculinea nausithous](#) pousada numa flor de *Sanguisorba officinalis* e *Sanguisorba officinalis* em [Bilder ur Nordens Flora](#).

---







BLODTOPP, SANGUISORBA OFFICINALIS L.

## **Malva-da-índia**

***Alcea rosea* L.**

**Syn.: *Althaea rosea* (L.) CAV.**

***Malvaceae***



O gênero ***Alcea*** consta de 60 espécies de plantas bienais ou perenes de curta duração e ocorrem desde o mediterrâneo até a Ásia Central. Várias espécies são cultivadas devido suas flores vistosas. ***Alcea rosea*** chegou à Europa no 16º século oriunda da China ou do Oriente Médio, talvez da Turquia, e se tornou uma popular planta ornamental e também erva medicinal. O nome *Alcea* deriva do grego *alkaria*, significando malva.

***Alcea rosea***, malvaíscio ou malva-da-índia é uma planta herbácea, bienal ou perene de curta duração, com caules altos e eretos que possuem folhas alternas em forma de palma. Toda a planta é coberta por uma penugem áspera. Na axila das folhas desenvolvem-se progressivamente grandes flores parecidas com hibisco, de cores vivas variando desde o branco puro ao vermelho muito escuro, passando por todos os tons rosas possíveis. Os frutos discóides decompõem-se em fragmentos monospermicos. O malvaíscio é originário das regiões balcânicas e é uma das flores mais apreciadas dos jardins rústicos, sobretudo nas suas formas com flores duplas. Por seleção, foram obtidas formas com alto teor em substâncias ativas que são cultivadas nos campos.

São colhidas para fins farmacêuticos as flores das variedades escuras, mesmo com flores duplas. São colhidas à mão, com tempo ensolarado, à medida que desabrocham, com ou sem cálice. Plantas e flores devem estar isentas de ferrugem (*Puccinia malvacearum*). São secas em camadas finas sobre grades, ao sol ou à sombra. As partes ativas contêm

sobretudo mucilagem, antocianinas e taninos. É a sua ação emoliente e resolvente dos humores que possibilita a utilização em caso de inflamação das mucosas, contra a tosse e a asma, no tratamento das inflamações crônicas do estômago e dos intestinos, contra a obstipação. Prepara-se uma maceração a frio à razão de duas colheres de produto para uma chávena de água. As flores secas entram também na composição de tópicos e de banhos para o tratamento de doenças da pele. O pigmento de cor escura é usado na preparação de medicamentos. ***Alcea rosea*** é também frequentemente combinada com ***Inula helenium***, ***Tussilago farfara*** ou ***Thymus spp.*** na confecção de xaropes contra tosse.

O malvaíscio é relacionado de perto com a malva-do-pântano (***Althaea officinalis***) e era classificado no mesmo gênero. Ambos têm propriedades semelhantes, mas ***Alcea rosea*** foi, em grande parte, substituída por seu parente mais efetivo.

---



# Malva-do-pântano

***Althaea officinalis* L.**  
**Malvaceae**



O gênero ***Althaea*** consta de cerca de 12 espécies de plantas anuais e perenes, bastante semelhante ao gênero *Malva*, ocorrendo ao longo da Europa ocidental, Ásia Central e norte da África. Este gênero incluía antigamente ***Alcea rosea*** chamada então ***Althaea rosea***. O nome *Althaea* vem do grego *altha*, curar, e refere-se às propriedades curativas destas plantas.

***Althaea officinalis*** Altéia ou Malva-do-pântano, é uma planta herbácea perene com raiz ramificada amarela e caules altos e eretos cobertos de folhas alternas. Toda a planta é coberta de lanugem macia. Na axila das folhas nascem cachos paucifloros compostos de flores brancas ou rosadas. Os frutos discóides dividem-se em segmentos. A espécie, originária das regiões mediterrânicas, cresce numa vasta área da Europa ocidental até a Sibéria. É cultivada, desde há muito tempo, nos jardins como planta melífera, medicinal e ornamental.

Toda a planta tem virtudes farmacêuticas. Suas propriedades curativas foram registradas pela primeira vez no século 9 AC, São colhidas as raízes, as folhas e as flores. As raízes são limpas, peladas e secas a uma temperatura máxima de 40°C. As folhas podem ser colhidas progressivamente à medida que a planta floresce ou de uma só vez, quando a cultura é interrompida no Outono. A flor é colhida de manhã cedo, antes de abrir, com tempo estável. Deve ser secada a sombra num local bem arejado. A altéia é uma das mais importantes plantas medicinais mucilaginosas. As partes colhidas contêm mucilagem (as flores até 20%, as raízes até 30%), açúcares, amido, asparagina, pectina e outras substâncias. São utilizadas em tisanas em caso de inflamações das vias respiratórias superiores, como antitússico e expectorante mucilaginoso. A medicina popular emprega sobretudo a raiz contra as doenças gastrintestinais. A maceração à razão de uma

colher de chá de raiz por chávena de água prepara-se sempre a frio. Em aplicação externa, serve para preparar pensos emolientes e gargarejos.

Freqüentemente é combinada com *Symphytum officinale* para reclamações digestivas; com *Glycyrrhiza glabra*, *Marrubium vulgare* ou *Lobelia inflata* para reclamações bronquiais; e com *Ulmus rubra* para uso externo. A Raiz descascada é dada às crianças para mastigar como uma ajuda tradicional à dentição. Raízes pulverizadas eram usadas para fazer pastilhas suaves para infecções de garganta e tosses. Também usados nos precursores do popular "marshmallow" de confeitaria que hoje já não contém extratos da erva. *Malva sylvestris* e *Malva neglecta* têm propriedades semelhantes, mas são consideradas menos efetivas.



# Alcaçuz

***Glycyrrhiza glabra* L.**  
***Leguminosae (Fabaceae)***



Planta herbácea perene com rizoma lenhoso e rastejante, apresentando um caule ereto, ramificado, com folhas alternas imparifolioladas. As flores azul-violeta formam espigas sustentadas por pedúnculos que nascem na axila das folhas. Os frutos são vagens. A espécie, originária da Europa meridional e do Oriente, é cultivada nos campos e naturaliza-se facilmente.

A indústria farmacêutica e alimentar utiliza a raiz e os rebentos subterrâneos da planta. São desenterrados no terceiro ano de cultura, na altura em que a planta começa a amarelar e a perder as folhas. As raízes são lavadas, desembaraçadas das partes verdes, peladas e secadas a uma temperatura máxima de 35°C. Ficam então com uma cor amarelo-enxofrada e um gosto adocicado. Contêm glicosídeos do grupo das flavonas, saponinas, óleo essencial, taninos e enzimas.



São usadas picadas (nas infusões) ou moídas

(nos remédios). Fazendo-as ferver em água, obtém-se extrato de alcaçuz, que se utiliza para fazer pastilhas de gosto muito açucarado. O alcaçuz é expectorante, ligeiramente laxante e espasmolítico. Exerce um efeito favorável contra as úlceras gastroduodenais. O suco evaporado, purificado e engrossado é abundantemente utilizado em farmacologia como adjuvante aromático e elástico para pastilhas. O pó de alcaçuz, funcho e folhas de sene é um laxante vegetal muito apreciado.

---



## **Bredo, Carurú**

***Amaranthus viridis* L.**  
**Amarantaceae**



O gênero *Amaranthus* inclui 60 espécies espalhadas mundialmente em regiões temperadas e tropicais, das quais umas 20 são consideradas como plantas invasoras; *A. hypochondriacus* ocorre no E.U.A. meridional, México, Índia e China. Muitas são comestíveis e são usadas como legumes e ervas de tempero, algumas são importantes como colheitas de grãos. Outras também têm usos medicinais. Algumas espécies têm folhagem colorida e são cultivadas para fins ornamentais. *Amaranthus* vem do grego *amarantos* "que não murcha" e se refere às flores de longa-duração. Amarantho também é o nome do pigmento magenta-vermelho achado em algumas espécies.

As plantas se reproduzem por sementes. A quantidade de sementes que uma planta produz é muito grande, podendo-se considerar um número entre 1.000 e 5.000 de uma forma generalizada, mas há possibilidade de se encontrar um número muito maior. As sementes têm geralmente uma longa viabilidade. No solo, com alguma umidade, algumas sementes têm viabilidade por até 5 anos. Após a maturação algumas sementes têm pronta viabilidade, enquanto outras apresentam certa dormência. Restrições mecânicas podem se constituir num fator de dormência. Sementes recém colhidas de *Amaranthus retroflexus* necessitam de uma temperatura entre 35° e 49°C para uma rápida germinação; à medida que envelhecem, podem germinar a temperaturas progressivamente mais baixas, fazendo-o finalmente até a 10°C.

Em épocas pré-colombianas, os índios cultivavam extensamente três das sessenta espécies silvestres de amaranto disponíveis do México à América do Sul. As sementes de amaranto produzem grãos nutritivos e as folhas tenras, quando cozidas, tornam-se saborosas como o espinafre. As plantas crescem muito bem em climas frios e secos, e na época da Conquista eram tão populares quanto o milho no México. O amaranto poderia ter se tomado um dos principais produtos agrícolas do mundo após a conquista dos espanhóis se não fosse uma bizarra circunstância histórica, descrita por Jean Marx:

*"Há quinhentos anos, os grãos de amaranto faziam parte da dieta. do dia-a-dia dos astecas e eram parte integrante de seus ritos religiosos. Os astecas confeccionavam ídolos com uma pasta feita de sementes de amaranto moidas e tostadas que eram misturadas com o sangue das vítimas de sacrifícios humanos. Durante os festivais religiosos, os ídolos eram quebrados em pedaços e ingeridos pelos fiéis, uma prática que os conquistadores espanhóis consideraram uma paródia perversa da Eucaristia católica. Quando os espanhóis subjugaram os astecas, em 1519, eles proscreram a religião asteca e, com ela, o cultivo do amaranto."*

Espécies com usos medicinais semelhantes incluem: *Amaranthus retroflexus* (amarantoverde) que é originário da América tropical e atualmente naturalizado no E.U.A.; ***Amaranthus polygamus***, uma espécie da Índia, supostamente com sementes afrodisíacas; ***Amaranthus spinosus*** (amaranto selvagem) que é usado tanto como adstringente, como febrífugo.

***Amaranthus hypochondriacus*** (syn. ***Amaranthus hybridus***. *A. hybridus* não é híbrido, mas uma planta altamente polimorfa). Ele é conhecido como uma erva medicinal, mas também tem folhas nutritivas e sementes com altos níveis de proteína (15%). Seu pigmento vermelho também é usado como colorífico em comidas e medicamentos. Em uso medicinal utiliza-se a planta inteira, as folhas e as sementes. É usado internamente para diarreia e menstruação excessiva. Externamente como adstringente para úlceras bucais e garganta; corrimento vaginal, ferimentos e hemorragia nasal. Seu pigmento vermelho também é usado como colorífico em comidas e medicamentos.

***Amaranthus viridis*** (*viridis* é palavra latina, significando verde que é a cor predominante nessa espécie). Originária da região do Caribe, talvez da Jamaica, estando hoje vastamente distribuída por regiões tropicais e subtropicais do mundo. No Brasil pode ser encontrada em quase toda a extensão territorial, havendo uma maior concentração nas áreas de cafezais ou onde o café foi substituído por outras culturas.

É uma planta anual, reproduzida por semente. As sementes apresentam geralmente viabilidade imediata após a maturação. Na Região Sudeste a germinação ocorre principalmente durante a primavera e o verão, sendo o ciclo até a maturação de 80 - 90 dias; em determinadas condições a planta já pode formar sementes após 4 semanas e com isso podem ocorrer 3 - 4 gerações num ano. É comum a ocorrência de aglomerações densas. A planta prefere terrenos modificados como os de lavouras e não excessivamente úmidos.

É uma planta herbácea, geralmente ereta, com 30, 60 e até 100 cm de altura; caule cilíndrico, estriado longitudinalmente, liso e glabro ou com escassa pilosidade, de cor verde, às vezes com pigmentação avermelhada ou com manchas claras.

Raiz pivotante desenvolvida, aprofundando-se no solo, freqüentemente com pigmentação rosada ou avermelhada. Raízes secundárias abundantes, distribuídas superficialmente em solos férteis. Folhas simples, alternas, com pecíolo que pode chegar a 6 cm nas folhas maiores. Limbo de formato oblongo ou ovalado, nervuras proeminentes na face dorsal, com leve pilosidade nas folhas novas. Comprimento de 2 - 11 cm por 1 - 5 cm de largura. Cor verde intensa, sendo comum a ocorrência de manchas na parte mediana. Essas manchas são irregulares no formato e no tamanho, podendo ser de coloração acinzentada ou vermelho-amarronzada.



Inflorescência com espigas densas ou interrompidas que se dispõem na parte terminal dos ramos, dando ao conjunto uma ideia de panícula, simples ou pouco ramificadas, com 5 - 15 cm de comprimento por 4 - 10 mm de espessura. Sobre o eixo das espigas distribuem-se as flores, reunidas em cimos de 4-10 flores masculinas e femininas, sésseis. A coloração das espigas é geralmente verde-pálida, podendo ocorrer pigmentação avermelhada. Na maturação as espigas apresentam um aspecto encarquilhado pela grande proximidade dos frutos e a coloração passa ao amarronzado ou acinzentado.

Flores Guarnecidas por brácteas e bractéolas ovaladas ou lanceoladas, côncavas, de ápice agudo, com nervura mediana verde-escura. Tépalas em número de 3 - 4, oblongas, com nervura verde-escura. Flores masculinas: menos numerosas, com 0,5 - 1,0 mm de comprimento, apresentando 3 estames livres com filetes curtos e anteras oblongas. Flores femininas: com ovário ovalado e comprimido, pouco menor que as tépalas; estilete curto e estigma trifido.

Aplicação Medicinal: Externamente como adstringente para boca e garganta, e para corrimento vaginal. Internamente: as folhas são diuréticas e em muitas regiões do interior do Brasil é usado contra doenças venéreas.



# **Cajueiro**

***Anacardium occidentale* L.**  
**Anacardiaceae**



Quinze espécies de árvores ou arbustos perenes, de porte pequeno até árvores muito altas, compõem o gênero *Anacardium*, nativo de partes tropicais da América do Sul e Central e da Índia ocidental.

*Anacardium occidentale* é encontrado em áreas secas, especialmente em regiões litorâneas no nordeste do Brasil e no Caribe, foi levado do Brasil para Índia e o Arquipélago malaio durante o 16º século, mas não chegou à Europa antes de 1699. Suas folhas são ovaladas com até 22cm de tamanho. Suas flores verdes, pálidas, listadas de vermelho, docemente cheirosas, aparecem durante o ano inteiro. Seu pseudo-fruto tem uma castanha na sua base que é o verdadeiro fruto: o caju.

O pseudo-fruto do *Anacardium occidentale* tem uma polpa agradavelmente ácida e seu suco contém um óleo cáustico que é extraído antes das castanhas serem removidas. Várias espécies de *Anacardium* tem casca resinosa contendo uma goma que se assemelha à goma arábica e é usada para fazer verniz.

As partes utilizadas são as folhas, cascas, frutos, sementes e óleo. É uma erva que reduz a febre (folhas) e níveis de açúcar no sangue

(casca) e é diurética (frutas); as castanhas são uma fonte de nutrientes; o óleo de sua casca é tóxico a muitos organismos inferiores causadores de doenças, como bactérias *Staphylococcus*.

A erva é usada medicinalmente, interiormente para diarreia (casca, extratos das folhas, suco da fruta), hipoglicemia (extrato da casca), e gripe (suco da fruta), e, na África ocidental, para malária (infusão da folha e da casca). No uso culinário, do pseudo-fruto são feitos sucos, bebidas e geléias. As castanhas assadas são usadas como alimento e também em uma variedade de doces e ornamento de alimentos; da castanha cru pode-se retirar o leite de cajueiro, substituto para leite animal em dietas especiais. Externamente a erva é utilizada para lepra, verrugas e enfermidades da pele (extrato fresco das cascas da castanha), e, na África ocidental, para dores de dente e gengiva (folha e infusão da casca). Extrato da casca é considerado por nativos da Amazônia como tendo propriedades anticoncepcionais. Em termos econômicos, o óleo da casca da castanha é usado em fluido de freio, borrachas sintéticas, e para prevenir ataques de insetos ao papel e madeira. Também é plantado para controle de erosão.

**Cuidado:** O óleo é um irritante de pele: vapor do óleo é irritante se inalado.

---



## Pimpinela-escarlate

***Anagallis arvensis* L.**

**Syn: *Anagallis phoenicea* Scop.**

***Primulaceae***



Um gênero de 20 espécies anuais, bienais e perenes, encontrado no mundo inteiro; *Anagallis arvensis* é nativa na Europa e uma erva daninha comum no solo cultivado. Originária da Europa, especialmente da área do Mediterrâneo, acompanhou os colonizadores europeus, provavelmente na forma de sementes misturadas com as de culturas, para muitas regiões, sendo hoje encontrada na maioria das regiões subtropicais e temperadas do mundo. No Brasil ocorre principalmente nas Regiões Sul e Sudeste. O nome *Anagallis* vem do grego "anagelas", sorrir, de seu uso para tratar depressão. Alguns dos nomes comuns a relacionam com previsão do tempo, em virtude das flores que se abrem ou fecham em função da luz, pressão e temperatura.

*Anagallis arvensis* é uma planta anual ou bienal com talos com quatro ângulos, folhas ovais-lanceoladas, e flores de coloração salmão ou vermelha, ocorrendo em solos pouco alcalinos ou ácidos. A planta é de ocorrência comum no Brasil. A variedade de flores azuladas - ssp. *coerulea* (Schreb.) Vollman, sinônimo de ssp. *foemina* (Mill.) -, ocorrem com maior frequência em solos alcalinos. É bastante freqüente na Europa, mas também ocorre no Brasil. Encontramos em Itapeçerica da Serra, SP, as duas subespécies ocorrendo lado a lado. Pensava-se no passado que a escassa variedade de flores azuladas fosse a forma fêmea da *Anagallis* escarlate.

*Anagallis arvensis* era antigamente uma erva medicinal altamente considerada, com usos que datam desde a época de Plínio (23-79 DC) e Dioscorides, atualmente não é mais recomendada. Contém saponinas irritantes que, como

mostrado em recente pesquisa, têm efeito anti-viral, e cucurbitacinas (como encontradas na *Bryonia*), que são altamente tóxicas.

As partes usadas são as plantas inteiras. Elas são colhidas no verão e usadas frescas, freqüentemente espremidas como suco, ou secas para infusões, extratos líquidos, tinturas e pó. Uma erva acre, mucilaginosa, que abaixa a febre e tem efeitos diurético e expectorante.

A erva era tradicionalmente prescrita interiormente para depressão, tuberculose, reclamações do fígado, epilepsia, hidropsia e reumatismo. Já não é mais considerada segura pela maioria dos médicos naturalistas, mas de grande interesse para médicos pesquisadores. Externamente era usada na forma líquida para melhorar a aparência, especialmente para sardas.

---

## Antenária, Pé-de-gato

***Antennaria dioica* (L.) GAERTN.**  
***Asteraceae (Compositae)***



Aproximadamente 45 espécies de pequenas plantas lanosas, perenes ou semi-perenes, compõem o gênero ***Antennaria*** que é distribuído ao longo de regiões temperadas e mornas, excluindo a África. O nome *Antennaria* deriva dos apêndices lanosos nas sementes que se assemelham a antenas de insetos.

***Antennaria dioica***, pé-de-gato ou antenária, é uma planta herbácea perene que forma tapetes sobre o solo, espalhando-se através de rebentos radiculares. As folhas terrestres são em forma de pequenas colheres, as caulinas são lineares e aplicadas contra o caule. A sua face inferior é branca e tomentosa. Os capítulos florais estão dispostos em corimbos terminais; algumas plantas só produzem flores violáceas pistiladas, outras têm flores brancas hermafroditas. A antenária cresce sobre as encostas secas, à beira dos campos, nos prados e na floresta, geralmente num substrato arenoso. Ocupa uma vasta área no centro e no norte da Europa, América do Norte e norte da Ásia, penetrando até a Sibéria. Servia antigamente para tratar a tuberculose e a disenteria.

As partes usadas são a planta inteira ou apenas as flores. Os capítulos florais com um curto pedúnculo são colhidos à mão, imediatamente

antes do seu pleno desabrochar. Põe-se de parte os capítulos coloridos, que são mais ricos que os brancos. A secagem faz-se sobre grades, à sombra, num local bem arejado. Os capítulos têm odor agradável e gosto amargo. Contêm um óleo essencial, taninos, sucos amargos, pigmentos orgânicos, e têm uma ação adstringente, emoliente, colagoga e estimula o fígado. São utilizados em infusões no tratamento das vias respiratórias superiores, do catarro gastrointestinal e da vesícula biliar. Entram igualmente na composição de tisanas diuréticas.

Embora ***Antennaria dioica*** seja a única espécie do gênero com uso difundido como erva medicinal, várias espécies do gênero próximo relacionado, ***Gnaphalium***, são tradicionalmente usadas como medicamento. *Antennaria dioica* era classificada antigamente como ***Gnaphalium dioica***. A antenária é uma espécie de terrenos pedregosos que é plantada freqüentemente em locais secos, assim como à beira de platibandas. Os caules e flores secas são usados para confeccionar arranjos florais.





## Uva-ursina

***Arctostaphylos uva-ursi* (L.) SPRENG.**

***Ericaceae***



Aproximadamente 50 espécies de arbustos robustos, decíduos ou perenes e pequenas árvores compõe o gênero ***Arctostaphylos***, distribuído principalmente na América do Norte ocidental e norte da Europa. Várias espécies são usadas ornamentalmente. O nome vem do grego "arkton staphyle", uvas de urso, pelo fato dos frutos serem um importante alimento para os ursos.

***Arctostaphylos uva-ursi*** é um arbusto rasteiro de crescimento rápido, com ramos densamente cobertos de folhas coriáceas, ovais e persistentes. As diminutas flores, brancas ou rosadas, estão agrupadas em cachos e aparecem no início da primavera. Os frutos são bagas vermelhas que contêm cinco sementes. A uva-ursina cresce nas florestas de montanhas bem iluminadas, nas clareiras, nos entulhos suficientemente ricos em húmus ácido e umidade. Devido ao rápido crescimento, a uva-ursina é utilizada em encostas para controle de erosão. Em certos países é uma espécie protegida. Os povos nórdicos consideram-na como medicinal desde há muito tempo, e os seus conhecimentos acabaram por se propagar aos outros países da Europa.

São colhidas as folhas retirando-as delicadamente e com parcimônia (somente em alguns ramos, para que a planta não morra) na Primavera. As folhas devem ser secadas rapidamente, mesmo ao sol, ou em secador numa temperatura de até 55°C para uso em infusões, extratos líquidos, sacos de chá medicinal e tabletes. Contém até 12% de glicosídeos, 10% de tanino, hidroquinonas, notadamente arbutina que é fortemente anti-

bacteriana, sendo principalmente efetiva contra *Klebsiella* e *Escherichia coli* que são associadas com infecções urinárias, e metilarbutina. Contém também ácidos orgânicos e outras substâncias. São usadas eficazmente contras as doenças inflamatórias das vias urinárias (como desinfetante), contra os cálculos urinários e diversas afecções renais, mas somente quando a urina apresenta uma reação básica.

Freqüentemente é combinada com ***Althaea officinalis***, ***Elymus repens***, ***Zea mays*** e ***Agathosma spp.*** Recentemente foi reconhecida útil no tratamento de cistite em paraplégicos - uma condição recorrente, freqüentemente resistente aos antibióticos convencionais. Contém substâncias irritantes e não deve ser dado às mulheres grávidas, crianças ou pacientes com doença renais. Em caso de utilização prolongada, a uva-ursina pode provocar obstipação.

---



# Aristolóquia-clematite

***Aristolochia clematitis* L.**  
***Aristolochiaceae***



O gênero ***Aristolochia*** consiste de cerca de 300 espécies venenosas de cipós, trepadeiras, arbustos e herbáceos perenes que ocorrem principalmente nas partes mornas e tropicais das Américas. Muitas espécies trepadeiras são cultivadas pela sua atraente folhagem e intrigante cheiro de suas flores. O nome ***Aristolochia*** é derivado do grego "aristos", melhor, e "lokhia", parto, e se refere aos principais usos medicinais.

***Aristolochia clematitis*** é uma planta herbácea vivaz dotada de um rizoma subterrâneo e de um caule alto e ereto com folhas alternas e cordiformes. Na axila das folhas crescem ao longo do verão flores amarelas alongadas em forma de trompeta. O fruto é uma cápsula. A espécie cresce nas regiões européias e asiáticas quentes, nas florestas iluminadas, na orla dos campos e das vinhas, freqüentemente como adventícia das culturas. Todas as suas partes são venenosas e têm um cheiro fétido.

Para fins terapêuticos é colhido o caule com folhas na época da floração plena, cortando à mão a parte superior dos caules. Secagem sobre grades de canas, à sombra, com corrente de ar seco, a uma temperatura máxima de 40°C. As partes ativas contêm ácido aristolóquico, um óleo essencial, taninos, pigmentos e um alcalóide, a aristoloquina. Têm uma ação relaxante sobre as câibras, calmante sobre as dores cardíacas, gástricas, intestinais ou respiratórias. São utilizadas para tratar doenças do sistema vascular e a trombose. Em aplicação externa, a aristolóquia-clematite favorece a formação da camada granulosa epidérmica, e a decoção da planta é por isso

utilizada no tratamento das feridas, das úlceras, dos eczemas e das erupções cutâneas. Tomada em dose elevada, pode no entanto causar diarreias, hemorragias internas, abortos e estar na origem de lesões renais e hepáticas irreversíveis. Só deve ser utilizada, portanto, sob vigilância médica.

Os nomes populares "erva-de-parto" e "raiz-de-cobra" referem-se aos usos de várias espécies de ***Aristolochia*** em medicamentos tradicionais para infecções post-partum e mordidas de serpente. Estes usos podem ter sido originados pela Doutrina medieval de Assinaturas que declaravam que a cor ou a forma de uma erva indicava seu propósito. Nas flores de ***Aristolochia*** era visto uma forma semelhante a um feto encurvado e a maioria das plantas assemelham-se a uma serpente. ***Aristolochia clematitis*** tem uma longa história de uso em partos, registrados desde os tempos dos antigos egípcios. Ela se assemelha bastante a ***Asarum canadense*** em suas propriedades e usos. Em medicina veterinária, produtos à base de aristolóquia-clematite são usados para tratar feridas, sobretudo nos cavalos.

***Aristolochia serpentaria*** era usada pelos nativos norte-americanos como remédio para mordida de serpentes. Foi introduzida no 17º século na Europa como medicamento para mordidas de serpentes e cães raivosos. Muito em moda durante os anos setenta, decorrente de pesquisa moderna de suas propriedades medicinais, resultou na super-coleta da variedade selvagem, tornando-a rara. A parte utilizada é a raiz. É uma erva amarga, aromática, tônica, que induz transpiração, é anti-inflamatória e atua como diurético. É usada internamente para reumatismo, gota, artrite devido a febres, pneumonia, febre tifóide e malária. Externamente para pleurisia, herpes e feridas difíceis de cicatrizar. É incluída em vários tônicos comerciais para a circulação, pele e rins. Somente deve ser usada por médicos qualificados.

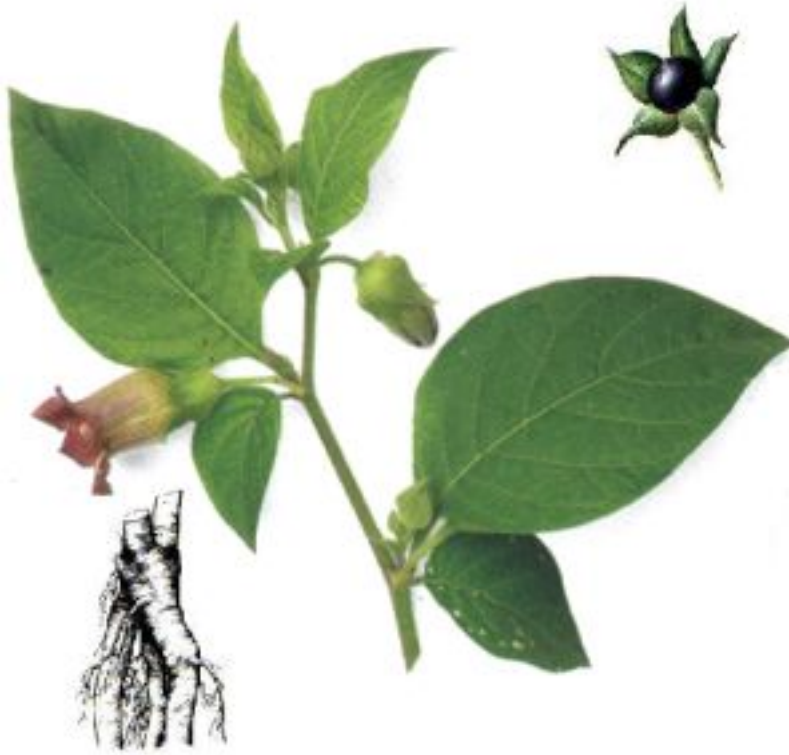
***Aristolochia debilis*** foi mencionada pela primeira vez em antigos textos médicos chineses, aproximadamente em 600 AC. *Aristolochia reticulata* é uma espécie semelhante mas maior em tamanho. ***Aristolochia debilis*** é uma erva com efeitos de eliminar a dor e anti-inflamatório (raízes). Também abaixa pressão sanguínea, controla tosse, relaxa espasmos bronquiais e atua como um expectorante (frutos). É usada internamente para artrite, feridas purulentas, hipertensão, mordidas de serpentes e insetos, e desordens gástricas envolvendo inchaço (raízes); para asma, tosses úmidas, bronquite, hipertensão, e hemorróidas (frutos). Somente deve ser usada por médicos qualificados.

Várias outras espécies de ***Aristolochia*** são usadas medicinalmente e incluem: ***Aristolochia indica***, uma erva usada na medicina Aiurvédica para induzir aborto; ***Aristolochia bracteata***, usada na Índia e a África tropical; a Norte-americana ***Aristolochia longa***; e ***Aristolochia rotunda***, uma espécie européia meridional.



# **Beladona**

***Atropa belladonna* L.**  
***Solanaceae***



Planta vivaz com caule ramificado, formando um vasto tufo suportado por uma gigantesca raiz cônica. O caule tem folhas alternas, ovais e moles. Na axila das folhas aparecem flores campanuladas, pedunculadas, castanho-avermelhadas, que depois se transformam em bagas negras. A beladona cresce na Europa à beira das florestas, nos escombros e lugares abandonados. Toda a planta é extremamente venenosa e são conhecidos casos de envenenamentos mortais em crianças que confundem as bagas da beladona com as do mirtilo. A mitologia grega refere que Atropos era, das três Parcas, aquela que tinha por função cortar o fio da vida. A palavra atropos significa inelutável. Os Romanos utilizavam o suco das bagas para dilatar a pupila do olho realçando sua beleza, daí derivando o nome específico belladonna, bela dama, dado à planta.

Colhe-se as folhas ou a raiz. São secadas à temperatura de 30°C. As partes ativas contêm 1% de alcalóides derivados do tropano (hiosciamina, atropina), ácido atrópico, beladonina e escopolamina. As preparações galênicas obtidas pela indústria farmacêutica (extrato, tintura), tal como os alcalóides isolados, relaxam os músculos lisos (espasmolíticos), reduzem as dores das cólicas urinárias e da vesícula biliar, aliviam as crises de asma (antiasmático). São igualmente

usados para reduzir os suores noturnos dos tuberculosos. O efeito da atropina (dilatação da pupila ocular) é utilizado nos exames oftalmológicos.

---



# Aveia

***Avena sativa* L.**  
**Gramineae (Poaceae)**



**Avena** é um gênero de aproximadamente 15 espécies de gramíneas anuais, encontradas de forma selvagem na Eurásia e África do norte. As mais importantes são ***Avena fatua*** (aveia selvagem), uma espécie europeia meridional que alcançou partes do hemisfério norte durante a Idade do Ferro e se tornou a principal colheita de subsistência da Escócia; e ***Avena sativa*** (aveia cultivada) que foi desenvolvida de aveias selvagens. Avena sativa cresce extensamente em regiões temperadas do norte, de vez que precisa de mais água e umidade que o trigo.

***Avena sativa*** é uma planta herbácea anual cultivada nos campos como importante cereal. A raiz fasciculada dá origem a caules terminados por panículas florais. As folhas lineares e envaginadas apresentam uma grande lígula. As espiguetas caídas estão protegidas por duas glumas. O fruto é uma cariopse. Originária da Europa oriental, a aveia é cultivada no mundo inteiro, excetuando-se as regiões tropicais, sobretudo nas latitudes nórdicas e em locais altos. ***Avena sativa*** está no limiar entre erva e alimento. É cultivada como forragem e também para alimentação, sendo consumida como pães e bolos ou mingau de aveia, notadamente na Escócia.

Para fins medicinais, são usados sobretudo os grãos, mas também a palha, embora menos frequentemente. Os grãos são obtidos batendo a aveia madura e seca, passam pelo crivo em máquinas das indústrias de moagem, depois são pressionados para fazer flocos de aveia. Estes contêm preciosas albuminas, gluconinas, vitaminas do complexo B, ácido pantotênico, carotenos, enzimas, amido, substâncias minerais, sobretudo sob a forma de silicatos e óleos fixos que são importante fonte de vitamina E. Os flocos de aveia servem para preparar caldos e papas nutritivos que convêm particularmente aos convalescentes de doenças graves, de operações e de diarreias violentas.

Uma infusão de duas a três colheres de café de flocos de aveia por chávena de água (a tomar três vezes por dia) estimula o apetite e atenua as dores de garganta e do tórax. Tem igualmente um efeito fortalecedor em caso de fadiga nervosa, nervosismo, insônia. Reduz a atividade tiroideiana e constitui um tratamento complementar da diabetes, da esclerose, da hipertensão. O consumo regular de germe de aveia reduz níveis de colesterol do sangue. A palha de aveia serve para preparar banhos que acalmam as dores reumáticas, a ciática e as perturbações hepáticas. Uma decocção de aveia é eficaz contra o eczema, as frieiras e as impigens. Aveia cozida (mingau de aveia) é um popular prato do café da manhã; moída é um ingrediente importante de broas e flocos de cereais industrializados, também muito consumidos na refeição matinal.

## Uva-espim

***Berberis vulgaris* L.**  
**Berberidaceae**



Cerca de 450 espécies perenes e arbustos decíduos compõem o gênero ***Berberis***, amplamente distribuído na Eurásia, Américas e África do norte. Muitas espécies são cultivadas por suas flores aromáticas, pelos frutos de cores brilhantes e pela agradável folhagem que, no caso das espécies decíduas, dá a bela coloração do outono. O habitat denso e espinhoso faz deles os melhores arbustos para cercas de restrição ou proteção em encostas íngremes.

***Berberis vulgaris*** é um arbusto com folhas ovais, dentadas e orladas de espinhos, crescendo em feixes sobre braquiblastos na axila dos espinhos. As flores amarelas estão agrupadas em cachos. Os frutos são bagas ovais encarnadas. Excetuando estas bagas, toda a planta é venenosa. É uma espécie que cresce em toda a Europa, até ao Cáucaso, vulgar nos bosques, nas encostas soalheiras, na orla dos campos. As suas propriedades medicinais são conhecidas há muito tempo: utilizava-se como antipirético, estomáquico, hepático e cardíaco.

Os usos medicinais de Berberis são um exemplo da Doutrina de Assinaturas, na qual era suposto que a cor ou a estrutura de uma planta era uma indicação divina de suas propriedades curativas. Muitas plantas com coloração principalmente amarela eram assim usadas como remédios para o fígado. Várias espécies de Berberis são medicinalmente usadas em diferentes partes do mundo, inclusive as Himalaianas ***Berberis aristata*** e ***Berberis asiatica***. Na medicina Aiuurvédica, estas espécies geralmente são conhecidas

como daruharidra, "curcuma do mato", porque elas têm propriedades semelhantes às da Curcuma longa.

Colhe-se a casca e os frutos. A casca é retirada quer dos ramos quer das raízes; é limpa, secada (mesmo ao sol) e depois elimina-se a umidade residual num secador a uma temperatura que atinja os 50°C. A casca contém alcalóides, dos quais o mais importante é a berberina que é extensivamente usada no Japão e sudeste da Ásia para controlar diarreia tropical. A droga é obtida das raízes e rizomas de várias espécies de Berberis e da Mahonia, uma espécie próxima relacionada. A Índia produz até 7 toneladas da droga por ano, extraída de 600-700 toneladas de raízes. A berberina é extremamente tóxica, e a casca da uva-espim tem, por isso, um uso medicinal relativamente raro, sempre sob vigilância médica. É uma erva muito amarga, sedativa que é altamente efetiva contra muitos organismos causadores de doenças.

A uva-espim (frutos) é prescrita para tratar perturbações renais, contra os cálculos urinários, também para estimular a atividade gástrica e hepática. Aplica-se igualmente em tratamentos do sistema circulatório. Em doses baixas, é catártica, colagoga e diurética; em doses elevadas, produz um estado de entorpecimento, vômitos, diarreias, podendo mesmo provocar uma paralisia do centro respiratório. Os frutos são colhidos quando ficam plenamente maduros, no Outono, e podem ser consumidos frescos, em conserva ou secos. Têm um gosto ácido e contêm grande quantidade de vitamina C. Servem para preparar chás e tisanas refrescantes.

## **Bétula**

***Betula pendula* Roth.**

**Syn.: *Betula verrucosa* Ehrh.**

***Betulaceae***



Grande árvore com ramos pendentes castanhos, casca branca e fendida na base do tronco. As folhas longamente pecioladas, no início viscosas, são alternas sobre os ramos. A bétula é uma árvore monóica: tem simultaneamente amentos de flores estaminadas e amentos de flores pistiladas. O fruto é um aquênio alado (desenho em baixo à esquerda). A bétula é uma árvore vulgar na Europa e na Ásia, onde se encontra na sombra das florestas, nos bosques, nas ruas. As folhas sempre foram utilizadas para tratar doenças do sistema urinário e reumatismos.

As folhas são apanhadas cerca de dois meses após o seu aparecimento, depois secadas à sombra ou num secador, a uma temperatura que atinja exatamente os 40°C. A droga obtida contém saponinas, taninos, óleos essenciais, resinas, anti-sépticos vegetais. Possui aroma agradável e gosto amargo. As substâncias que encerra têm uma ação diurética e desinfetante, sem irritar os rins. A bétula é, por isso, um dos principais componentes das tisanas renais destinadas a tratar as vias urinárias, a bexiga, os cálculos renais. Tem igualmente uma ação sudorífica, sobretudo em combinação com a flor de tília. Prepara-se uma infusão na proporção de uma a duas colheres de folhas cortadas por chávena de água, adicionando uma pitada de bicarbonato de sódio, para beber duas vezes por dia. Em aplicações externas, as folhas de bétula servem para preparar banhos refrescantes e tratar reumatismos. Por destilação seca, obtém-se peço de bétula, frequentemente utilizado em tratamentos dermatológicos.



# Urucum

## ***Bixa orellana***

### ***Bixaceae***

Sob ponto de vista antropológico



essa deformação permite que as folhas do Urucum se coloquem em posição perpendicular ao Sol forte, evitando que a superfície foliar receba uma radiação direta. Quando o Sol está mais fraco, as folhas da planta realizam um movimento de maneira a receber Sol em sua superfície. As folhas do Urucum realizam um processo de movimento em função da luz e da umidade. Isso está relacionado com a Prata.

As folhas do Urucum apresentam ainda um fenômeno interessante. Elas vivem em associação com um fungo específico denominado *Cercospora Bixae*. Quando a planta nasce em local úmido com pouco Sol, esses fungos começam a proliferar de maneira tão intensa que as folhas ficam brancas e a árvore começa a definhir. O Urucum possui uma relação com a vida indiferenciada. Isso também é um processo da Prata.

Essa planta pertencia à família Flacourtiaceae, mas devido a alguns detalhes botânicos foi retirada dessa família, pertencendo atualmente à família Bixaceae, que possui um único gênero e uma única espécie que é a ***Bixa orellana***, o Urucum.

A família Flacourtiaceae é composta por muitas plantas de enorme valor terapêutico, como o Carpatoche brasiliensis conhecido com o nome de Sapucainha, cujo óleo das sementes possui um princípio ativo contra a Hanseníase, o ácido Chaulmoogrico. A Hanseníase (lepra) é uma doença que também envolve as partes mais externas do organismo, produzindo falta de sensibilidade em determinadas regiões do organismo. A Casearia-Guassatonga ou Erva de Lagarto é utilizada em ferimentos da mucosa e entra na composição de alguns medicamentos destinados aos gargarejos e tratamento de aftas e gengivites.

A ***Bixa orellana*** é utilizada pelos índios para pintar a pele de vermelho. Essa pintura protege a pele das queimaduras causadas pelo Sol. Os índios utilizam uma pasta feita com as sementes dessa planta que possuem um corante vermelho na parte externa. O Urucum nos revelou até agora, dois processos relacionados com a Prata: atividade na pele e relação com a cor e com a luz.

As flores do Urucum são cor rosa claro e apresentam um ovário contendo uma série de óvulos em seu interior. Durante o desenvolvimento do ovário, notamos algo muito interessante. O pequeno ovário vai crescendo, se desenvolvendo sem alterar a sua forma. O fruto é muito semelhante a um ovário que apenas cresceu sem se diferenciar. Esse processo de indiferenciação, de manutenção das características embrionais também nos revela uma relação com a Prata.

As folhas do Urucum possuem um espessamento no pecíolo. Essa estrutura sofre uma ligeira deformação em função provavelmente da concentração de água, e

As sementes do Urucum possuem um corante vermelho situado nas partes externas. Esse corante, utilizado outrora como protetor solar, também é utilizado na alimentação para colorir os alimentos de vermelho. O Colorau é uma mistura de sementes de Urucum maceradas com fubá de milho. A estrutura química é um Carotenóide, porém não tem possibilidade de se transformar em vitamina A. Os Carotenóides estão relacionados com a luz, a cor e a pele, e esses processos também estão relacionados com a Prata.

As sementes do Urucum poderão ser úteis para promover uma vitalização da epiderme. As folhas dessa planta produzem um leve relaxamento e uma pequena sonolência, e deveríamos estudar sua atividade na diminuição de pressão arterial.

Leia mais sobre [Bixa orellana](#).



# Urucum

## ***Bixa orellana***

### ***Bixaceae***



Este gênero consiste de uma única espécie arbustiva, perene, nativa na América tropical e Índias Orientais, *Bixa orellana* encontra-se ao longo da América tropical em terras ricas e solos úmidos ao longo das margens da floresta. É comercialmente cultivada nas regiões tropicais por suas sementes, também é plantada para sombrear e formação de cercas. As cápsulas de suas sementes, vermelhas, espinhosas, luminosas, de 5 cm de tamanho, são muito decorativas; as flores são uma rica fonte de néctar para abelhas melíferas. O nome *Bixa* vem de biche, o nome sul americano para a planta. No Brasil é denominado Urucum.

*Bixa orellana* é uma pequena árvore com folhas ovais-pontiagudas de até 20cm de comprimento. Panículas de flores cor-de-rosa ou brancas aparecem no início do verão, seguidas por cápsulas vermelhas, espinhosas que contêm sementes vermelhas. A planta tem uma antiga história de uso por nativos da amazônia como tintura vermelha ou laranja para o corpo, que tem propriedades de repelir insetos. Hoje é de grande importância como corante de alimentos, desde que é virtualmente insípida. A tintura é supostamente um antídoto para envenenamento por ácido prússico, causado pela ingestão de mandioca (*Manihot esculenta*), da qual a toxina não foi

completamente removida (o calor, o cozimento degrada a toxina). Suas propriedades medicinais são pobremente estudadas e compreendidas.

As partes usadas são as folhas, frutos e sementes. As folhas são escolhidas e secadas para uso em infusões. São colhidas as sementes quando as cápsulas se dividem e abrem e são embebidas em água quente; o sedimento resultante é espremido, formando uma massa para ser usado em medicamentos e tinturas. É uma erva amarga, adstringente, purgativa que supostamente destrói lombrigas intestinais, abaixa febre, melhora digestão e tem efeitos expectorantes.

No uso culinário, as sementes são cozidas em manteiga e usadas para temperar e colorir arroz, sopas, carne e chocolate. Medicinalmente é usada interiormente para câncer de boca (polpa da semente, no México), lombrigas em crianças, cólica e febres (folhas, nas Índias Orientais), febres, especialmente em crianças e depois de parto (infusões de folhas, Indo-China). Externamente em queimaduras para prevenir bolhas e cicatrização (sementes moídas, Filipinas). No uso econômico, a polpa da fruta produz um corante usado principalmente em alimentos (especialmente em margarinas, queijos, sopas e peixe defumado), e também para tingir iscas de pesca.



Vide também [Bixa orellana](#) sob ponto de vista antropológico.



# Borragem

***Borago officinalis* L.**  
**Boraginaceae**



Três espécies anuais e perenes compõe este gênero que é nativo na região mediterrânea e na Ásia ocidental. Duas espécies, ***Borago officinalis*** e ***Borago pygmaea***, são populares pelas suas flores de coloração azul claro. O nome Borago pode ser derivado do termo latino "burra", nome de um artigo de vestuário coberto de pelos, aludindo à folhagem cerdosa. Foi chamado de Euphrosinum por Plínio, por causa de seu efeito eufórico.

***Borago officinalis*** é uma planta anual com caule ramificado e folhas ovais alternas. As outras folhas são agrupadas em roseta. No cimo do caule aparecem hastes com flores azuis ou esbranquiçadas. Os frutos são tetraquênios duros. Toda a planta está coberta de pelos ásperos. A borragem é originária dos países mediterrânicos, de onde se espalhou para o resto da Europa, passando pela Espanha.

Borragem tem uma antiga reputação de elevar o espírito, o que é resumido por John Gerard em "The Herball, or Generall Historie of Plantes" (1597): "Pessoas do nosso tempo usam flores de Borragem em saladas para se alegrarem e tornar a mente contente. Também há muitas outras coisas feitas com elas, são usadas para confortar o coração, afugentar duelos e aumentar a alegria da alma. As folhas e flores de Borragem colocadas no vinho tornam os homens e mulheres alegres e contentes e afugentam toda a tristeza, tédio e melancolia, como Dioscorides e Plínio afirmaram. Xarope feito de flores de borragem consola o coração, afasta a melancolia e acalma o frenético ou pessoa lunática".

Em termos medicinais são utilizadas as

cimeiras floridas ou as folhas e as flores, separadamente. A colheita é feita a mão, com luvas, cortando-se a parte superior do caule, o que provoca o aparecimento de novos caules. As partes retiradas são secadas em camadas finas, primeiro ao sol, que as faz murchar, e depois à sombra ou num secador, a uma temperatura máxima de 40°C. Têm aroma e gosto de pepinos. Contêm taninos, mucilagens, saponina, ácido salicílico e substâncias minerais. Sementes são uma rica fonte de ácido gama-linolênico. A planta (mas não o óleo) contém pequenas quantidades do alcalóide pirrolizidina (como encontrado no *Symphytum officinale*) que pode causar danos ao fígado. As cimeiras floridas, folhas e flores são anti-inflamatórias (especialmente inflamações das vias urinárias). Prepara-se uma infusão (8g-10g para 1/4 de litro de água) que é igualmente eficaz contra as afecções das vias respiratórias, tosse, rouquidão e catarros brônquicos. A borragem estimula o organismo, regulariza as trocas celulares e acalma o sistema nervoso. O óleo regulariza sistemas hormonais e abaixa a pressão sanguínea. O suco fresco é também utilizado no tratamento das perturbações nervosas. Externamente, a borragem é eficaz contra as erupções e as inflamações cutâneas.

Em termos culinários, as folhas dão um aroma e sabor de pepino e são adicionadas a bebidas, saladas e como condimento em queijos suaves. Em partes da Itália são cozidas como legume. As flores frescas são usadas como guarnição, mas tornam-se rosadas em contato com ácidos, como o suco de limão ou o vinagre. São ainda usadas em xaropes, ou como decorações de bolos e doces. As folhas novas de borragem contêm uma elevada proporção de vitamina C e servem para preparar uma salada que se condimenta com endro e cebola. É também uma excelente planta melífera.



## **Mostarda-preta**

***Brassica nigra* (L.) W.D.J. Koch**  
***Cruciferae (Brassicaceae)***



Planta anual com caule ereto, ramificado, suportando folhas alternas lanceoladas. As inferiores são pecioladas e recortadas em forma de lira. As flores amarelas, com vênulas bem marcadas, formam um cacho que se alonga no decurso da floração. O fruto é uma silíqua que contém sementes pretas. A espécie é originária das regiões mediterrâneas e cultivada desde há muito tempo como planta oleaginosa.

São as sementes que apresentam valor terapêutico. Colhe-se a planta inteira antes da maturidade completa, no momento em que as silíquas adquirem uma cor de palha e as plantas começam a secar. É melhor ceifar as plantas de manhã, com orvalho, para evitar a perda das sementes. Deixa-se secar um pouco ao ar livre e depois as plantas são batidas; as sementes são limpas e submetidas a uma secagem final. Contêm até 35% de óleo sinápico, mucilagem, albuminas e tioglicosídeos (substâncias com enxofre), que libertam sob uma ação enzimática o isotiocianato, com efeitos locais irritantes e rubificantes. É esta substância que é utilizada quando se quer obter a rubefação da epiderme ou dos órgãos internos (pulmões, pleura, rins). As cataplasmas de farinha de mostarda são aplicadas sobre as partes afetadas por dores reumáticas, câibras ou lassidão. São mesmo utilizadas bolachas de mostarda feitas de farinha amassada com água a 45°C. Um banho a 40°C que não ultrapasse quinze minutos é igualmente eficaz contra os reumatismos. Todos os produtos à base de mostarda são irritantes para a epiderme e o tempo de aplicação deve, por isso, ser cuidadosamente determinado.



## **Briônia-branca**

***Bryonia alba* L.**  
**Cucurbitaceae**



O gênero ***Bryonia*** consta de cerca de 10 espécies de trepadeiras tuberosas perenes, nativas na Eurásia, África do norte e Ilhas Canárias. O nome Bryonia vem do grego "bryo", brotar, e se refere ao crescimento anual a partir do tubérculo.

***Bryonia alba*** é uma planta perene com raiz cônica e ramificada, caule áspero, volúvel, atingindo até 5m de comprimento. O caule apresenta folhas palmadas alternas e gavinhas. Na axila das folhas aparecem cachos com pequenas flores verde-amareladas, masculinas e femininas na mesma planta. Os frutos são bagas negras. Toda a planta é tóxica. Originária da Europa meridional, é abundante nos entulhos e pardieiros. Antigamente, era habitual plantar a briônia em redor dos quintais, pois pensava-se que protegia os animais domésticos.

Colhe-se a raiz. Uma vez extraída da terra, é lavada e cortada em rodelas que são secadas à temperatura máxima de 45°C. As partes ativas têm um gosto forte e amargo, um odor desagradável. Contêm glicosídeos (brionina), tanino, fitosterinas e resinas (briosterinas). Têm uma ação fortemente catártica, diurética e emética. São usadas no tratamento dos reumatismos e da gota e para eliminar sais tóxicos do corpo, sempre sob controle médico. Antigamente era usada internamente em pequenas doses para reclamações bronquiais, asma, úlceras intestinais, hipertensão, e artrite.



A espécie vizinha ***Bryonia dioica***, a briônia dióica, floresce do início da primavera ao início do verão. As flores de 5 pétalas são de coloração verde pálida; as machos longo-pecioladas, as fêmeas curto-pecioladas. Dióica significa que flores macho e fêmeas nascem em plantas separadas. Os frutos são bagas vermelhas na maturidade. Suas propriedades medicinais são similares e é igualmente colhida. As duas espécies são venenosas, e o simples contacto da seiva com a pele pode provocar uma urticária e uma vesiculação dolorosa: quinze bagas são uma dose mortal para uma criança.

O tubérculo de ***Bryonia dioica*** era conhecido como "mandrágora inglesa" e era tradicionalmente pendurado em lojas de ervas, freqüentemente aparado com forma humana, assemelhando-se à verdadeira mandrágora, ***Mandragora officinarum***. Ele pode alcançar um grande tamanho: "O cirurgião chefe da Rainha... mostrou-me um um exemplar de raiz que pesava meia centena, e do tamanho de uma criança de um ano de idade" (Culpeper, The English Physitian Enlarged, 1653).



# Mandrágora

*Mandragora officinarum*  
*Solanaceae*



Este gênero é composto por seis espécies de ervas perenes, sem caules, em formato de pequenas rosetas de folhas ovaladas, com grandes raízes bifurcadas que lembram formas humanas, distribuídas desde regiões mediterrâneas até o Himalaia. Mandragora é o antigo nome grego para a planta e pode ser uma corrupção de nam tar ira "droga masculina de Namtar" (Assíria), uma vez que a planta era reputada por curar esterilidade.

Mandragora officinarum medra em encostas rochosas na região mediterrânea. Ocasionalmente é cultivada em jardins como curiosidade. Suas flores pequenas, de coloração variando de branco a azul-esbranquiçado, aparecem ao nível do solo na primavera e são seguidas por frutos aromáticos, amarelos. O cheiro que emana é muito desagradável. Em geral, não se trata de uma planta fácil de identificar, principalmente pelo fato de a parte externa ser apenas constituída por um pequeno tufo de erva.

A Mandrágora é uma planta estranha, tanto na aparência quanto nas associações feitas de suas propriedades. A raiz bifurcada se assemelha a uma forma humana e era antigamente considerada como um afrodisíaco e cura para esterilidade. Suas propriedades narcóticas e alucinógenas foram exploradas em bruxarias e rituais de magia durante as Idades Antiga e Média. Era considerado ser fatal para uma pessoa comum desenterrar uma planta, pois os gritos agudos de sua raiz o assustaria, levando-o à morte: conseqüentemente era

tradição amarrar a raiz a um cachorro para este a puxar.

[Apuleio, no século V d.c., descreveu assim: "Em uma noite sem lua, deve-se ir ao lugar onde cresce a Mandrágora e começar a cavar com um instrumento que não seja de ferro. Quando tiverem sido descobertos os braços e as pernas, amarre-se a estas uma corda, cuja outra extremidade será fixada à coleira de um cão esfomeado. Lança-se o mais distante possível um pedaço de carne: o animal precipitar-se-á para pegá-lo e, assim fazendo, extrairá do terreno a raiz. Nesse exato momento, a planta fará ouvir seu berro terrível de angústia que pode matar o homem; no instante em que o cão a arranca, deve-se ter o cuidado de soprar ruidosamente dentro de um corno, cobrindo dessa forma o berro agonizante do vegetal, salvando a própria vida. Porém, a morte da planta exige um sacrifício: deve-se, portanto, matar o cão para não pagar a prodigiosa aquisição com a própria vida"].





Como suas parentes próximas, [Atropa beladonna](#), [Hyoscyamus niger](#) e muitas outras solanáceas, *Mandragora officinarum* contém alcalóides, é venenosa e contém um potente sedativo e analgésico. Em quantidades suficientes, estes induzem um estado de torpor e obliteração, propriedades essas que eram usadas em cirurgia antigas. *Mandragora officinarum* se tornou uma preparação homeopática oficial em 1877 e hoje raramente é usada para qualquer outro propósito. *Mandragora officinarum* não deve ser confundida com [Podophyllum peltatum](#) (mandrágora americana), uma erva medicinal usual, freqüentemente também chamada simplesmente de mandrágora.

As partes usadas são as raízes. Uma erva sedativa, analgésica, que tem efeitos purgativos e eméticos. A erva era usada antigamente internamente para aliviar a dor, como afrodisíaco, e para o tratamento de desordens nervosas. Externamente para úlceras. Somente por médicos qualificados.

Advertência: Esta erva está sujeita a restrições legais em vários países.

Mandrágora é citada na bíblia em Gênesis 30,



14-16:

*14 Um dia, por ocasião da ceifa, Ruben saiu ao campo, e, tendo encontrado umas mandrágoras, levou-as à sua mãe Lia. Raquel disse a Lia: "Rogo-te que me dês as mandrágoras de teu filho"*  
*15 Lia respondeu: "Já não é bastante o teres tomado meu marido, para que queiras ainda as mandrágoras do meu filho?"*  
*- "Pois bem, tornou Raquel, em troca das mandrágoras do teu filho, (permite) que ele durma contigo esta noite"*  
*16 À noite, quando Jacó voltou do campo, Lia saiu ao seu encontro: "Vem comigo, disse-lhe ela, eu te aluguei em troca das mandrágoras do meu filho". E Jacó dormiu com ela aquela noite.*

E também em Cântico dos Cânticos (Cantares de Salomão) 17, 13-14:

*13 Pela manhã iremos às vinhas, para ver se a vinha lançou rebentos, se as suas flores se abrem, se as romãzeiras estão em flor. Ali te darei as minhas carícias.*  
*14 As mandrágoras exalam o seu perfume; temos à nossa porta frutos excelentes, novos e velhos que guardei para ti, meu bem-amado.*

---



## **Limão bravo**

***Podophyllum peltatum***  
***Berberidaceae***



viral e um purgativo drástico. A erva é usada interiormente em certos tipos de câncer. Não deve ser dado às mulheres grávidas.

Advertência: Esta erva está sujeita a restrições legais na maioria dos países.

---

O gênero ***Podophyllum*** conta com cerca de 10 espécies perenes, distribuídas ao longo da América do Norte e Himalaia. ***Podophyllum peltatum***, encontrada na América do Norte oriental, é uma planta das regiões de bosque, perene, com um rizoma vermelho-marrom, talos longos de até 2m, folhas entrecortadas como as da anêmona. Na primavera as flores brancas são seguidas de frutos amarelos parecidos com ameixas. Os frutos têm sabor de limão e são comestíveis, mas todas as outras partes são extremamente venenosas. *Podophyllum* vem do grego *pous*, "pé", e *phyllon*, "folha", descrevendo a forma de suas folhas.

***Podophyllum peltatum*** (Mandrágora americana - Limão bravo) contém ligninas, a mais importante é a podofilotoxina, é uma resina conhecida como podofilina. Estas substâncias produzem uma potente droga anti-tumoral, conhecida como etoposídeo. Eles são altamente tóxicos às células e causam morte fetal se ingerido por mulheres grávidas. O Himalaio ***Podophyllum emodi*** é especialmente rico em podofilotoxina. ***Podophyllum peltatum*** era usado de vários modos por nativos norte americanos: em doses mínimas como um purgativo, emético, vermífugo e tônico do fígado, e externamente para remover verrugas. Também era feita uma decocção da planta para ser usada como inseticida nas colheitas de batata. Também era usado para cometer suicídio.

As partes usadas são: Rizomas e resina. Uma erva picante, cáustica com um cheiro desagradável que tem efeitos anti-câncer, anti-câncer. Externamente para calos e verrugas.



# Folha da fortuna

## *Bryophillum calycinum*

### *Crassulaceae*

Sob ponto de vista antropológico



**Johannes W. von Goethe** mencionou certa vez que ele se considerava muito mais cientista do que artista. Uma das maiores contribuições que o poeta doou à humanidade foi sua concepção sobre o reino vegetal.

O mundo das plantas não pode ser elaborado com o mesmo tipo de pensamento utilizado para examinarmos os minerais. Existe algo no reino vegetal que difere daquele mundo mineral, estático e sem vida.

Ao nos dirigirmos ao mundo das plantas, nosso pensar deverá ser capaz de acompanhar a própria transformação desses seres que se mostram como uma pequena estrutura compacta, a semente que vai se modificando no decorrer do tempo em um vegetal com folhas. As flores vão surgindo, os frutos começam a se formar, até que finalmente uma nova semente termina o ciclo.

O pensar intelectual é capaz de examinar o mundo da matéria morta e dos minerais. Este tipo de pensar não consegue ter acesso ao ser vivo e à vida. Para isso é necessário um outro tipo de pensar que seja capaz de se relacionar com a vida.

Um pensar móvel que consegue superar a inércia do mundo mineral, relacionando-se com aquela entidade capaz de modificar a matéria e transformar as formas é denominado pensar vivo. Goethe tinha acesso a esse elemento vivo que começava a surgir.

Como consequência desse pensar capaz de abordar a vida e o vivo, Goethe elaborou a idéia da Planta Primordial como síntese da vegetabilidade, do princípio planta. Essa planta primordial, segundo Goethe, é a idéia viva da qual todos os vegetais derivam. Essa planta primordial se manifesta de maneira mais unilateral em uma determinada planta, e um outro vegetal irá apresentar um outro aspecto dessa planta primordial.

Goethe teve essa idéia viva ao contemplar, no Jardim Botânico de Palermo, o ***Bryophillum***.

As plantas, de maneira geral, possuem uma enorme vitalidade nos brotos vegetativos, que são estruturas embrionais presentes nas pontas do tronco e dos galhos, que produzem folhas e fazem a planta crescer.

No ***Bryophillum***, essa vitalidade não se restringe aos brotos, mas permeia a planta. Isso se mostra em suas folhas que possuem características de broto. Tais folhas podem produzir muitos brotos e cada um dará origem a uma nova planta. Isso nos revela um **processo de vitalidade** e um **processo de reprodução**.

Alta vitalidade e reprodução estão intimamente associadas com a **Prata**.

As folhas da maioria das Crassuláceas são suculentas. Ao compararmos as folhas do ***Bryophillum*** com as demais plantas dessa família, iremos notar as seguintes características: O ***Bryophillum*** forma brotos em partes determinadas das bordas das folhas. Esse processo é de reprodução e vitalidade. Ainda em relação as demais Crassuláceas, as folhas do ***Bryophillum*** são muito mais elaboradas, formadas por folíolos cuja margem mostra um desenho ondulado. Apesar de muito vital e suculenta, essa folha é muito elaborada, refinada e isso nos revela um processo luminoso-configurativo capaz de conter a proliferação excessiva.

Esse processo luminoso-configurativo também se revela na exuberância da produção floral. O etérico potente do ***Bryophillum*** não cria obstáculos para um desenvolvimento floral tão intenso.

O ***Bryophillum*** age no sentido de **estimular um desenvolvimento etérico muito intenso** e, além disso, permite que a organização astral possa agir num etérico muito forte.

Observemos o suco das folhas do ***Bryophillum***: ao macerarmos as folhas dessa planta, iremos obter facilmente um suco verde, ácido, formado por ácidos que fazem parte do ciclo de Krebs. Esse suco parece o de uma fruta verde, uma substância ácida etérica, que ainda não sofreu os processos de amadurecimento do fruto, que ainda não sofreu um toque mais acentuado

do astral.

Esse líquido verde, contendo em si as forças de germinação e proliferação, tende a estimular a organização etérica, impedindo uma atividade do astral que tende a plasmar e configurar esse etérico. Através dessa atividade, essa planta poderá auxiliar o sono, que é a saída do astral, a diminuição de sua atividade. Por outro lado, a atividade etérica do **Bryophillum** não é tão intensa a ponto de produzir torpor, pois já mencionamos que o **Bryophillum** permite que a organização astral possa agir num etérico muito forte.

A maioria das Crassuláceas possui folhas muito suculentas com estrutura inchada, encharcada. A atividade astral não consegue permear essas plantas. Um etérico intenso começa a se isolar de uma atividade astralizante que não consegue permear a planta.

O **Bryophillum**, ao contrário, dá um passo no sentido de superar essa vida que se isola do meio ambiente.

Existe um distúrbio denominado histeria, onde o paciente torna-se totalmente alterado e sensível àquilo que ocorre no meio ambiente. Seu ser responde de maneira imediata àquilo que se passa fora dele. A astralidade desse paciente não consegue integrar-se de maneira harmônica em sua vida. O Blyophillum, uma planta que superou aquela intensa vitalidade desvinculada do elemento astral, irá agir harmonizando o astral do paciente que está se tornando cada vez mais desvinculado de sua harmonia com o restante do organismo.

---

# **Buxo**

***Buxus sempervirens* L.**

***Buxaceae***



Encontrado na Europa ocidental, Américas do Norte e Central, Ásia oriental e Índias Ocidentais, o gênero ***Buxus*** contém aproximadamente 30 espécies de pequenas árvores e arbustos perenes. O lento crescimento e a longa vida do ***Buxus sempervirens***, encontrado na Europa e América do Norte, motivou desde os tempos Clássicos seu uso para topiaria, a arte de adornar os jardins, dando a certos grupos de plantas diferentes formas e configurações.

***Buxus sempervirens*** é uma árvore ou arbusto com folhas persistentes, plantada nos jardins e nos parques pelas suas qualidades ornamentais. Os ramos verdes têm folhas opostas ovais, com margem lisa, epiderme lisa e coriácea. No princípio da Primavera, glomérulos de flores verde pálido, flavescerentes com odor de mel formam-se na axila das folhas: a flor pistilada ao centro, rodeada por algumas flores estaminadas. O fruto é uma cápsula. A espécie, originária da Europa meridional, está difundida em todo o mundo.

São



colhidas à mão, moderadamente, as folhas. Estas secam facilmente à sombra e devem ser frequentemente voltadas. Depois de secas, têm cor verde e gosto amargo. Contêm sobretudo alcalóides (buxina), óleos essenciais e taninos. Têm um efeito antipirético em caso de febre ou de inflamação das vias biliares e urinárias. Prepara-se para esse fim uma infusão na proporção de meia colher de café por chávena de água ou toma-se o pó das folhas na dosagem de 0,5 g por dia, segundo prescrição médica. Antigamente, o buxo era supostamente comparável em efetividade à **quinina** para tratar malária, porém hoje é raramente usado, por causa de sua toxicidade. Externamente, as folhas servem para preparar compressas ou banhos contra as dores reumáticas, a gota e erupções cutâneas. Também é usado em homeopatia para reumatismo. É uma planta tóxica e é preciso respeitar as doses prescritas. O excesso causa vômitos, convulsões e morte.

A madeira de buxo é extremamente dura, compacta e resistente. Utiliza-se na gravura em madeira e para fabricar instrumentos musicais, matemáticos e náuticos. Plínio (23-79 DC) descreveu um terraço "adornado com a representação de diversos animais feitas com buxo".



# Quinino

## ***Cinchona pubescens*** **Rubiaceae**



Este gênero consta de cerca de 40 espécies de árvores e arbustos perenes, encontrados em escarpas mornas e úmidas dos Andes, principalmente nas altitudes entre 1.500 e 2.500 m. ***Cinchona pubescens*** é nativa no Equador. É difícil isolar e distinguir entre as várias espécies. As autoridades consideram que pode haver apenas pouco mais de 20 espécies realmente diferentes. O cultivo de ***Cinchona*** foi de importância capital desde o 17º século. Agora cultivada em muitas regiões tropicais, produz anualmente algo em torno de 8.000 a 10.000 toneladas de cascas, produzindo 400 a 500 toneladas de alcalóides (principalmente quinina).

A história da descoberta da cinchona pela epônima Condessa de Chinchon, esposa do Vice-rei do Peru, depois de um surto de malária, foi contestada pelos historiadores. Porém, é certo que os Jesuítas da área de Lima já estavam familiarizados com seus usos desde 1630 (de onde provém o nome popular "Casca dos Jesuítas"); foi mencionada pela primeira vez na literatura médica, por Herman der Heyden (Discours et advis sur les flus de ventre douloureux, 1643). Ao final do 17º século, a casca da cinchona estava em demanda mundial por curar malária e foram extraídas imensas quantidades do Peru e da Bolívia. Em 1820, o alcalóide quinina foi isolado e uma feroz competição se seguiu para achar a espécie que rendesse o mais alto teor.

No início do 19º século, as populações de cinchonas selvagens estavam severamente dizimadas, conduzindo a uma competição entre holandeses e ingleses para o estabelecimento de plantações. Os holandeses tiveram sucesso e cultivaram ***Cinchona ledgeriana*** em Java, que se tornou o centro mundial de produção de quinina. ***Cinchona ledgeriana*** sempre teve o mais alto teor de alcalóide e assegurou o monopólio mundial de quinina nas plantações holandesas de Java.

Em grande parte substituída por drogas sintéticas nas recentes décadas, ***Cinchona*** e outras plantas como a ***Artemisia annua*** novamente se tornaram importantes, de vez que várias descendências da malária ficaram resistentes aos sintéticos. Outro alcalóide, quinidina, ficou recentemente importante como um tranqüilizante cardíaco. Quinina é famosa como a primeira substância que Samuel Hahnemann (1755-1843), fundador da homeopatia, testou nele próprio e o conduziu à formulação da Lei dos Similares ("similia similibus curentur, os semelhantes são curados pelos semelhantes").

***Cinchona pubescens*** (cinchona vermelha, Casca peruana, Casca dos Jesuítas) Árvore perene de crescimento rápido, com folhas ovais, às vezes com manchas vermelhas escorridas nos lados inferiores, panículas de pequenas flores rosas tubulares são seguidas de cápsulas de 2cm de tamanho com 2 lóbulos. ***Cinchona pubescens*** é uma entre várias espécies de cinchonas, inclusive ***Cinchona calisaya***, ***Cinchona ledgeriana*** (ambas conhecidas como cinchona amarela) e ***Cinchona officinalis***, das quais é extraído o alcalóide quinina, um potente anti-malárico.

As partes usadas são o talo e a casca da raiz. Estas partes são colhidas após 6 anos, no período de maio até setembro, e secadas para confecção de extratos líquidos, tabletes, tinturas ou pó. As cascas podem ser raspadas das plantas no local ou descascada de ramos podados. É uma erva amarga, adstringente, que abaixa a febre, relaxa espasmos, é anti-malárica (quinina), e reduz o batimento cardíaco (quinidina).

A erva é usada medicinalmente, interiormente para malária, neuralgia, espasmos musculares, fibrilação cardíaca; é um ingrediente de remédios proprietários para resfriados e gripes. Excesso causa cinchonismo: enxaqueca, brotoeja, dor abdominal, surdez e cegueira. Não deve ser dado às mulheres grávidas, a menos que sofram de malária. Como gargarejo para garganta dolorida. Usado na homeopatia (como *China officinalis*) para esgotamento nervoso, anemia e convalescença. Em termos econômicos e culinários, a erva é usada como um sabor amargo em água tônica e bebidas carbonatadas.

**Advertência:** Esta erva, especialmente na forma de quinina, está sujeita a restrições legais em vários países.

## Urze

***Calluna vulgaris* L. Hill**  
***Ericaceae***



Arbusto rasteiro, sempre-verde, com ramos radicantes que suportam uma densa cobertura de folhas aciculadas. As diminutas flores cor-de-rosa estão agrupadas em ricas espigas terminais. O fruto é uma cápsula. A espécie é abundante na zona temperada, onde se encontra mesmo em latitudes muito setentrionais; dá-se bem nos solos ácidos, pobres, nos rochedos, areais, turfeiras, onde pode formar extensas coberturas.

Colhe-se, para fins medicinais, a flor ou as cimeiras floridas. As flores são colhidas manualmente, os caules cortados no começo da floração. As partes assim retiradas secam facilmente num local sombrio e bem arejado, ou mesmo num secador a uma temperatura que pode atingir 60°C. Depois de estarem secas, devem ser conservadas em local seco e escuro. Contêm flavonil-glúcidos (quercitrina, miricitrina), taninos, ácidos silícico e outras substâncias. Têm um efeito anti-inflamatório - sobretudo sensível relativamente às vias urinárias - e diurético, bem como uma ação sedativa. Associada a outras plantas, a urze é eficaz no tratamento das vias urinárias. É igualmente ativa contra as doenças dos rins e a hipertrofia da próstata. A flor de urze consome-se em infusão segundo a dose de uma colher de chá para duas chavenas de água: tomar meia chávena duas a três vezes por dia.

Certas espécies do gênero *Erica* (*E. herbacea*) são igualmente utilizadas, tendo os mesmos efeitos. Ambos os gêneros são ornamentais e melíferos.

---



# **Cânhamo**

***Cannabis sativa* L.**  
**Moraceae (Cannabaceae)**



Planta herbácea anual com caule áspero, ereto, apresentando folhas palmadas. É uma planta dióica. As flores estaminadas formam paniculas muito poliníferas. As flores pistiladas aparecem nas axilas das folhas. A polinização depende do vento. O fruto é um aquênio cinzento-esverdeado e brilhante (em baixo). A espécie, originária da Índia, é cultivada nas regiões quentes como planta têxtil, oleaginosa, medicinal e narcótica.

É o cânhamo indiano que contém a mais elevada taxa de substâncias medicinais e narcóticas, chamadas haxixe. O cânhamo indiano é cultivado industrialmente no Oriente, na Índia e no México. O haxixe é uma substância resinosa, de odor forte, segregada pelas glândulas situadas nas folhas superiores e nas inflorescências femininas. Colhe-se sacudindo as plantas precisamente antes da floração. Serve para preparar medicamentos calmantes do sistema nervoso, utilizados no tratamento de depressões nervosas, nervosismo excessivo, esgotamento, enxaquecas, tosse asmática e também para anestésias locais em medicina dentária. É também um estupefaciente poderoso cujo consumo no estado natural ou fumado produz efeitos narcóticos acompanhados de alucinações. As cimeiras do cânhamo, isto é, os caules, são cortadas secas e podem também servir para preparar alimentos. Misturadas com tabaco, são fumadas sob o nome de marijuana.

Todas as espécies de cânhamo contêm longas e sólidas fibras que sempre serviram para fabricar cordas, cordéis e têxteis. As sementes contêm até 35 % de um óleo sicativo.

Vide também folha desidratada scaneada, [lado superior](#), [lado inferior](#) (530x600 - 29Kb) e [folhas de várias espécies](#).

---







## **Bolsa-de-pastor**

***Capsella bursa-pastoris* (L.) MEDIK.**  
***Cruciferae (Brassicaceae)***



O gênero *Capsella* consta de cinco espécies de ervas robustas, anuais ou bienais, encontradas ao longo de áreas temperadas e mornas. *Capsella bursa-pastoris* é uma planta herbácea, raramente apresentando uma altura maior que 50 cm. Supõem-se que a planta seja originária da Europa e disseminada a vários países durante a colonização, mas a literatura européia também a trata como adventícia. De qualquer forma, hoje está vastamente dispersa pelo mundo, em regiões de clima temperado e subtropical, ocorrendo principalmente em locais de maior altitude. No Brasil a ocorrência não é grande, sendo mais intensa na Região Sul. Na Argentina também ocorre a espécie *Capsella rubella*, bem como plantas de aspecto intermediário que podem ser híbridos. A origem do nome vem do latim, "*Capsella*", diminutivo de "*capsa*", cápsula e "*bursa-pastoris*" que é expressão latina significando bolsa-de-pastor e refere-se ao tipo de frutos.

É uma espécie bastante polimorfa, especialmente em relação ao tamanho e à forma das folhas e dos frutos. Na parte basal da planta encontra-se uma roseta de folhas, com as maiores atingindo até 15 cm de comprimento, sendo curto-pecioladas e apresentando margens com segmentos denteados que podem ser consumidas como verdura. Da base da planta elevam-se um ou mais caules pobremente enfolhados e na parte superior apresentam a inflorescência na forma de ráceros. O florescimento é continuado enquanto continua o desenvolvimento da planta, de modo que ocorrem flores na parte terminal enquanto frutos já se desenvolvem na parte inferior.



Colhe-se o caule com folhas no começo da floração (Herba bursae-pastoris), cortando-o à mão com a roseta de folhas terrestres. Após uma limpeza, procede-se à secagem em camadas finas e voltando freqüentemente as plantas, a uma temperatura inferior a 40°C. As plantas são depois conservadas em local seco dentro de invólucros fechados. Contêm colina, acetilcolina, um alcalóide, a bursina, ácidos orgânicos e taninos. Têm um efeito adstringente e vasoconstritor, sendo usadas para parar hemorragias estomacais, pulmonares e para diminuir sangramentos nas menstruações, na puberdade, na menopausa, bem como menstruações exageradas em geral e também para reduzir varizes e hemorróidas. É ainda usada para tratar catarros gastrintestinais. A bolsa-de-pastor tem efeito diurético e atua sobre os músculos uterinos lisos sendo por isso usada contra as hemorragias uterinas e as perturbações renais ou urinárias. Consume-se sob a forma de maceração a frio, na proporção de 6 colheres de chá de plantas para duas chávenas de água; deixar macerar durante 8 horas, filtrar e tomar dia sim, dia não. Em doses elevadas, a bolsa-de-pastor tem efeito tóxico. Em aplicações externas, a bolsa-de-pastor é usada para a limpeza de feridas, contra as erupções cutâneas e eczemas devidos ao calor excessivo.

Preparações com a planta (Herba bursae-pastoris) tem aceitação oficial pela Comissão E, do Ministério da Saúde da Alemanha (Bundesgesundheitsamt), com indicação para tratamento sintomático de menorragia e metrorragia leves, para uso tópico em sangramentos nasais e para uso externo em feridas que sangram.



# **Pimenta**

***Capsicum annuum L.***  
***Solanaceae***



Planta anual com caule ereto e ramificado, folhas ovais e brilhantes, em cujas axilas nascem flores brancas suportadas por um pedúnculo curto. Imediatamente após a floração, aparece, conforme a espécie, uma baga encarnada, amarela ou verde. A pimenta é originária das regiões tropicais e subtropicais da América, tendo sido introduzida na Europa pelos Espanhóis no século XV.

São as variedades com compridas bagas vermelhas, de gosto fortemente picante, que apresentam interesse farmacêutico. Os frutos maduros são colhidos à mão, depois deixa-se que murchem antes de terminar a secagem sobre grades de canas ou suspensos em cordéis. A operação seguinte, a moagem, deve ser executada com grande prudência, pois o pó da pimenta é muito irritante para a pele e as mucosas. As partes ativas contém um amido azotado irritante, a capsaicina; uma substância oleosa, a capsicina; pigmentos vermelhos do grupo dos carotenos, as vitaminas C, B1, B2, E; matérias gordas e outras substâncias. Os produtos a base de pimenta são sobretudo utilizados em aplicações externas; encontra-se na farmácia toda a espécie de extratos, de tinturas, de unguentos e de emplastos com efeitos rubificantes sobre a pele e as mucosas. São usados em casos de dores reumáticas, de ciática ou de pleuresia. Estes emplastos podem ser também fabricados a partir de outras espécies de pimentas. A nível interno, a pimenta tem uma ação estomacal: estimula o peristaltismo gastrointestinal e favorece a secreção dos sucos gástricos.

A pimenta doce fresca é um excelente legume que contém elevada quantidade de vitamina C. As duas espécies de pimentas são abundantemente utilizadas como plantas aromáticas e culinárias.

---

## **Fel-da-terra, Centáurea-menor**

***Centaurium erythraea* RAFN.**

**Syn.: *Centaurium minus* MOENCH,**

***Erythraea centaurium* (L.) PERS**

***Gentianaceae***



O gênero ***Centaurium*** consta de cerca de 40 espécies anuais e bienais, ocasionalmente perenais, encontradas ao longo de regiões temperadas. ***Centaurium erythraea*** é nativa em dunas e prados secos da Europa e sudoeste da Ásia e naturalizada na América do Norte. Como muitos membros da família das gencianas, é extremamente amarga, o que levou Nicholas Culpeper a comentar em *The English Physitian Enlarged, or the Herbal* (1653) que "é muito saudável, mas não muito gostosa".

***Centaurium erythraea*** é uma planta herbácea anual, por vezes bienal, com caule ereto, ramificado na parte superior. As folhas da roseta são ovais, as outras são sésseis e opostas. As flores, cor-de-rosa-claro, compõem inflorescências suportadas por hastes. O fruto é uma cápsula. É uma espécie dos baldios



ensolarados, dos prados e das clareiras.

Usa-se a planta inteira. São colhidas as cimeiras floridas no momento da floração plena: os caules são cortados à mão, a cerca de 5 cm acima do solo, tendo o cuidado de deixar aproximadamente um quarto das plantas intactas, para assegurar a sua reprodução. As partes cortadas são secadas em camadas finas, à sombra, voltando-as freqüentemente, ou num secador a uma temperatura que não ultrapasse os 40°C. São conservadas em local seco e na penumbra, dentro de invólucros bem fechados. É uma erva muito amarga, seca, que age como tônico para o sistema digestivo e abaixa a febre.

Do ponto de vista medicinal, o fel-da-terra é uma espécie importante e muito procurada. Contém sobretudo glicosídeos amargos como a genciopicrina e eritrocenaurina que estimulam o fígado e vesícula biliar, aumentam o fluxo biliar, melhorando o apetite e a digestão. Contém também óleo essencial, taninos e outras substâncias. Os sucos amargos excitam as terminações nervosas das papilas degustativas da língua, o que provoca, por ação reflexa, um aumento da secreção gástrica. É usado internamente para dispepsia, reclamações do fígado e da bexiga biliar, hepatite, icterícia, anorexia, síndrome pós-viral, falta de apetite na convalescença e enfermidades febris. Combinado com *Chamaemelum nobile*, *Filipendula ulmaria* e *Althaea officinalis* para dispepsia, e com *Berberis vulgaris* e *Rumex crispus* para icterícia. Não deve dado às mulheres grávidas. Emprega-se sob numerosas formas: em gotas - Tintura amara - infusões - Species amaricantes, Species stomachicae. A medicina popular usa igualmente um infusão ou uma decocção de uma colher de café das partes secas para 1/4 de litro de água, a tomar de manhã e à noite em jejum. Utiliza-se de modo similar a tintura ou extrato alcoólico. O fel-da-terra, também chamado centáurea-menor, é cada vez mais usado, desde há algum tempo, na preparação de vinhos e licores.

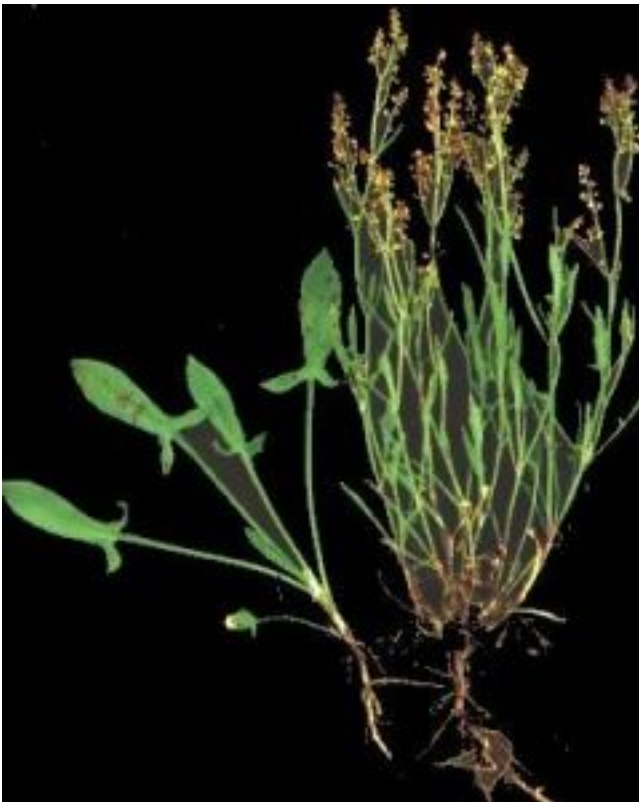


# Língua-de-vaca

**Rumex ssp**  
**Polygonaceae**



Rumex acetosa



Rumex acetosella

Cerca de 200 espécies anuais, bianuais e perenes compõem este gênero que varia ao longo de regiões temperadas do norte. O nome **Rumex** vem de antigo nome latino para um tipo de lança (pelo formato das folhas das plantas desse gênero).

**Rumex crispus** é encontrado na Europa e África. **Rumex scutatus**, encontrado na Europa, Ásia ocidental, e a África do norte, é uma espécie com algum mérito como ornamental, entretanto pode ser difícil de erradicar quando estiver bem estabelecida. De acordo com Plínio, os soldados de Julius César foram curados de escorbuto pelo uso de "herba britannica", posteriormente identificada como **Rumex aquatica**.

Ocorrem diversas espécies de Rumex no Brasil, mas geralmente são mencionadas apenas duas: **Rumex obtusifolius** e **Rumex crispus**. Essas devem ser efetivamente as mais comuns.

**Rumex acetosella** é provavelmente a espécie mais agressiva como infestante de lavouras, mas ainda está limitada quanto à distribuição geográfica, no Brasil.

**Rumex crispus** e **Rumex obtusifolius** há muito tempo são usadas para tratar problemas de pele. São semelhantes nos componentes e contêm antraquinona que é laxativo. **Rumex crispus** ganhou proeminência entre os médicos americanos no século XIX e predomina na prática moderna. As raízes de **Rumex aquatica** são pulverizadas e usadas como dentífrico e também interiormente de modos semelhantes a **Rumex crispus**. **Rumex acetosella** é a mais diurética e é usada para problemas urinários. A maioria das espécies também contém oxalatos, semelhante aos encontrados no espinafre e ruibarbo. Oxalatos em excesso são venenosos, especialmente para aqueles com tendência para reumatismo, artrite, gota, pedra no rim e hiperacidez. Eles também contêm ácidos que podem afetar dentes sensíveis. No passado eram escolhidas folhas jovens de várias espécies de Rumex como ervas culinárias. Culpeper considerou a erva como "excelente para fortalecer o fígado ... e uma saudável erva culinária como nenhuma outra" (The English Physitian Enlarged, 1653). A maioria das pessoas hoje as acha sem sabor, mas mesmo assim elas ainda permanecem populares.

**Rumex acetosa** é uma planta perene com talos verdes pálidos e folhas espessas, longas e espiraladas, de até 15 cm de comprimento. Imperceptíveis flores vermelho-marrom nascem em espigas esbeltas que crescem no início do verão e são seguidas por frutas minúsculas e duras. De **Rumex acetosa** (cor de canela) são usadas as folhas. Uma erva ácida, adstringente, refrescante com efeitos diuréticos. Raramente é usada medicinalmente. Na culinária, folhas novas e frescas são adicionadas em saladas, molhos, sopas, queijo suave, pratos de ovos ou purês para agregar cor e acidez em maioneses e massas de panquecas. O suco é usado para remover ferrugem, bolor e manchas de tinta de linho, madeira, vime e prata.





Rumex crispus

**Rumex crispus** é uma planta ereta, perene, reproduzida por semente, com uma grossa raiz pivotante, às vezes ramificada, que se aprofunda no solo, folhas lanceoladas de até 30cm de tamanho. Flores imperceptíveis, verdes aparecem no verão, seguidas por frutas minúsculas e lenhosas. De **Rumex crispus** usam-se as raízes. Uma erva amarga, adstringente, refrescante que estimula o fígado, a vesícula, limpa toxinas e tem efeito laxativo. A erva é usada medicinalmente internamente para doenças de pele crônicas, icterícia, constipação (especialmente associada com erupções de pele), desordens do fígado e anemia. Excesso pode causar náusea e dermatite. Combinado com [Taraxacum officinalis](#) ou [Smilax spp.](#) para problemas de pele, e com melado como tônico do sangue. Usado em homeopatia para laringite, tosse seca e garganta dolorida.

**Rumex scutatus** (folha cor de canela em formato de escudo) é uma planta perene de porte baixo, formando um tapete, com um caule ligeiramente lenhoso e longo, com folhas lanceoladas. No verão, aparecem flores imperceptíveis, vermelho-verdes, que viram marrom pálido quando os frutos amadurecem. De **Rumex scutatus** são usadas as folhas. Uma erva ligeiramente ácida, adstringente, refrescante que tem efeitos diuréticos. No uso culinário as folhas são usadas dos mesmos modos que **Rumex acetosa** e são frequentemente preferidas por causa de sua acidez mais baixa.



Rumex scutatus



# **Salsaparilha**

***Smilax sp.***

***Liliaceae***

Sob ponto de vista antropológico



A Salsaparilha pertence à família das Liliáceas. Essa família é formada por três grandes grupos. O primeiro é o grupo ***Liliáceas Bulbares***. Cebola, alho e lírio fazem parte desse grupo. O segundo é o das ***Liliáceas Colchicóides*** onde o bulbo começa a ficar menor e vai surgindo uma raiz mais desenvolvida. O terceiro é o das ***Liliáceas Asparagóides***; o bulbo desaparece e os rizomas ocupam uma posição de destaque. Salsaparilha, Aspargo e Convalária fazem parte desse grupo.

A Salsaparilha, apesar de pertencer ao grupo mais desenvolvido e configurado das liliáceas, apresenta em sua extremidade inferior uma estrutura semelhante a um ou vários bulbos que são na realidade rizomas cheios de líquido que vão se afinando até formar raízes bem finas que se prolongam por muitos metros e se situam a poucos centímetros de profundidade, caminhando rente ao chão. Essa estrutura subterrânea, que é a parte usada medicinalmente, nos mostra que ainda não existe uma separação entre bulbo, rizoma e raiz. Isso nos revela um processo de inespecificidade da forma, de perda da forma.

A planta não consegue se sustentar e assume o porte de trepadeira, atingindo a copa de árvores relativamente altas. Essa característica também nos revela um processo de perda de estruturação e da forma. Por outro lado, as folhas desse vegetal são muito bem elaboradas. Observando as folhas, iremos notar que estas se parecem com as das Dicotiledôneas. Essa elaboração máxima no domínio foliar também nos revela uma característica mercurial.

A Salsaparilha pertence às Liliáceas que são plantas basicamente simples, possuindo estruturas subterrâneas que tendem à indiferenciação, e sua parte aérea é bastante refinada. Além das folhas muito bem elaboradas, apresenta cachos de frutas de uma coloração vermelho viva ou preta, dependendo da espécie. Essa planta apresenta, não apenas um processo de configuração bem elaborado, mas concilia essa estruturação com o processo de simplificação e perda da forma.

O processo de perda da forma característico da Salsaparilha apresenta os seguintes sintomas:

**Tecidos:** fraqueza e flacidez. Esses tecidos não saram quando machucados. Leves traumatismos e fracas agressões provocam ulceração nos tecidos.

**Veias:** Fraqueza e dilatação das veias. Tendência às varizes da perna. Úlceras varicosas. Hemorróidas.

**Circulação:** As partes se tornam azuladas e facilmente irão produzir gangrena.

**Fraqueza:** Grande emagrecimento com fraqueza profunda. Envelhecimento precoce e má circulação venosa.

Podemos notar nesse vegetal um processo oposto. Essa planta vai superando, passo por passo, a tendência à perda de forma, estruturando suas folhas de maneira muito refinada. A planta vai se configurando e crescendo em direção da luz. Um vegetal que nos revela um aperfeiçoamento da estrutura foliar, que lhe permite de se relacionar com os processos de luz, nos aponta para uma atividade estruturante e configurativa. Esse Processo de Configuração age no sentido de organizar os líquidos que o organismo não consegue mais harmonizar. Salsaparilha é útil nos seguintes sintomas: Má eliminação urinária com eczema e prurido. Retenção urinária; a urina é pouca e há dor ao urinar. Salsaparilha é útil em pacientes que não conseguem dirigir suas eliminações através das vias normais.

Um indivíduo depois de ter sido curado de uma gonorréia poderá apresentar uma série de moléstias cutâneas, cefaléias, reumatismos, etc. Salsaparilha foi muito utilizada no tratamento da Sífilis, promovendo eliminação das toxinas e favorecendo o organismo a suportar as altas doses de Mercúrio que era muito utilizado no tratamento desta doença.

(Também deve ser indexada por salsa parrilha, salsaparrilha, parilha, parila, salsaparila)



# Ipeca, ipecacuanha

***Cephaelis ipecacuanha***  
**Rubiaceae**



remédios contra tosse.

As partes usadas são as raízes, colhidas parcialmente no início da primavera, quando as plantas estão em flor, e são secadas para uso pela indústria farmacêutica. É um irritante violento que estimula os sistemas gástricos e bronquiais, abaixa febres e previne formação de cisto em disenteria motivada por amebas.

É usada interiormente para tosses, bronquite, tosse aguda, coqueluche e disenteria e amébrica. Também usado em xarope para induzir vômito em crianças que ingeriram venenos e quando é preferível ao uso de lavagem estomacal em pessoa muito jovem. Excesso causa vômito severo e diarreia. Usado em homeopatia para náusea. Só para ser usada por médicos qualificados.

Relacionadas ao gênero *Psychotria* e *Palicourea*, as aproximadamente 180 espécies do gênero *Cephaelis* são arbustos e pequenas árvores perenes que acontecem em várias partes das regiões tropicais. Muitas espécies são conhecidas por conter alcalóides.

Só *Cephaelis ipecacuanha*, um arbusto esbelto, perene, com raiz rastejante brilhante, folhas ovaladas pontudas, que cresce expontamente sob a copa das florestas tropicais brasileiras, é amplamente cultivado em Cingapura e na Malásia. Frequentemente crescendo debaixo de seringueiras (árvores da borracha). Difícil cultivar fora de seu habitat natural. Exige solo bem escoado, terra rica em húmus com sombra e umidade. Na estação chuvosa aparecem os agrupamentos terminais de flores brancas em formato de trompete, logo seguidas por bagas purpúreas com duas sementes.

Ipecacuanha já era conhecida dos nativos brasileiros séculos antes de sua introdução em Portugal por um monge nos tempos coloniais. Um médico Parisiense, Helvetius, experimentou-a e confirmou sua eficácia e aplicação para diversos males, principalmente sua efetividade contra disenteria. Em 1688 vendeu sua patente do medicamento para a corte de Luís XIV por 1.000 luises de ouro. *Cephaelis ipecacuanha* contém emetina, um potente emético que, como um efeito colateral, estimula secreção de muco nos pulmões. Agora, crescendo no extremo oriente, é ingrediente principal de várias marcas de



# Líquen-da-islândia, Musgo-da-islândia

***Cetraria islandica* (L.) ACH.**  
***Parmeliaceae***



O gênero ***Cetraria*** consta de 40 espécies de líquens encontrados no mundo inteiro, especialmente nas regiões Árticas. Várias espécies são ecologicamente importantes como alimento para as renas. Desde tempos antigos os líquens foram usados para medicamentos, tinturas e perfumes. Eles não são cultivados e agora são raros no estado selvagem devido à poluição moderna; muitos herbolários atualmente só usam tratamentos a base de líquens em casos especiais.

***Cetraria islandica*** é um líquen com talo ramificado e tufoso, crescendo em suportes pobres e ácidos, geralmente na sombra dos pinhais, sobre rochedos, árvores, muros em regiões da Europa, do Ártico, e de regiões ácidas da Australásia. Os talos são de coloração desde castanha a verde-azeitona, recortados, freqüentemente com manchas vermelhas na parte superior. Os povos nórdicos conhecem as virtudes medicinais do líquen-da-islândia há muito tempo e utilizam-no também como alimento para o homem e para os animais.

Colhe-  
se  
o



talo (*Lichen islandicus*); as suas virtudes são mais eficazes no Verão, quando o líquen se desenvolve bem, é verde e não se desfaz. A colheita é secada no local (como o feno), depois à sombra, e exposta a uma corrente de ar. Depois de secado, o material deve ser conservado em invólucros fechados. Contém liquenina, isoliquenina, ácido cetrárico, mucilagens, sucos amargos e iodo. Uma recente pesquisa mostrou que ácidos de líquen são efetivos contra organismos tais como *Salmonella*, *Trichomonas vaginalis* e *Mycobacterium tuberculosis*.

As mucilagens têm uma ação favorável no tratamento da tosse, rouquidão, tosse convulsiva e asma brônquica (expectorante e antitússico). Os sucos amargos estimulam o apetite e a secreção dos sucos gástricos (*amarum*). O líquen seco deve ser cozido duas vezes, na dose quotidiana de 1,5 g. A primeira decocção é amarga, a segunda mucilaginosa. A erva é usada internamente para gastroenterite, intoxicação gastrointestinal, tuberculose e bronquite. Externamente para lavagem vaginal, furúnculos e impetigo. Extratos são adicionados a antisépticos e pastilhas para garganta que são usadas em casos de tosses secas e gargantas doloridas. O líquen, liberto do seu sabor amargo, é um excelente produto dietético; nos países nórdicos era usado também para fazer farinha e álcool.

Uma outra espécie de líquen, a evérnia da ameixeira (***Evernia prunastri***), cresce sobre estas árvores e é igualmente colhida pelas suas propriedades medicinais semelhantes.

## Quelidônia-maior

***Chelidonium majus* L.C**  
***Papaveraceae***



controle médico.

Esta planta, também chamada erva-andorinha, é vivaz, herbácea e cresce, no mundo inteiro, entre escombros, em vazadouros e na vizinhança das habitações, como planta ruderal. Uma raiz cônica suporta um caule ramificado coberto de folhas alternas, recortadas, e termina numa umbela de flores amarelas. O fruto é uma cápsula alongada (em baixo à esquerda) contendo sementes com uma parte anexa carnuda (à direita). Toda a planta está impregnada de um suco alaranjado. A quelidônia é venenosa - o suco ataca a epiderme e os olhos.

São colhidas as cimeiras antes da floração plena. Recomenda-se o uso de luvas. As partes recolhidas são secadas em camadas finas sobre grades de canas ou num secador à temperatura máxima de 35oC. Contêm até 4% de alcalóides (quelidonina, queleritrina, sanguisorbina, berberina, etc.) ligados ao ácido quelidônico e outras substâncias. A quelidônia é utilizada como antispasmódico e sedativo em casos de dores intestinais e vesiculares. Atua igualmente sobre a circulação sanguínea, alargando as coronárias e aumentando a tensão. Os alcalóides têm também efeito bactericida. Desde há algum tempo, medicamentos à base de quelidônia são experimentados no tratamento de tumores malignos (a quelidonina é um veneno mitótico, influenciando, como a colchicina, a divisão celular). A medicina popular emprega um unguento à base de quelidônia para tratar o eczema crônico. A utilização do suco fresco para eliminar verrugas é desaconselhado, pois apresenta alguns perigos. Os remédios à base de quelidônia só devem ser usados sob

Vide também [Chelidonium majus](#) sob ponto de vista antroposófico.

---



# Quelidônia

## ***Chelidonium majus***

### ***Papaveraceae***

Sob ponto de vista antropológico



planta. Existem canais amarelos que partem do rizoma e continuam percorrendo a nervura principal das folhas conduzindo esse látex por toda a planta. Essa substância leitosa do *Chelidonium* não é branca como a da papoula, mas amarela. É cáustica, irritante, de sabor amargo e produz a sensação de estar queimando e corroendo a garganta.

O *Chelidonium* também possui um impulso metabólico-dissolvente, porém essa atividade não é levada adiante a ponto de interagir com as forças configurativas estruturantes daquilo que já existe no organismo como algo configurado, mas age naquilo que penetrou no organismo como alimento e que ainda não foi totalmente desestruturado e dissolvido.

O *Chelidonium* possui uma atividade metabólica dissolvente muito intensa, porém esse impulso é contido por uma atividade rítmica tão potente que é capaz de dirigir esse metabolismo dissolvente ao domínio da digestão.

Essa atividade rítmica tão interessante pode ser vista na seqüência das folhas dessa planta. Cada folha que surge vai produzindo um pequeno recorte, um pequeno desenho, de tal maneira que as últimas folhas são totalmente recortadas.

O *Chelidonium* renuncia ao hábito da Papoula que é o de fugir do terrestre, e começa a se relacionar com a Terra, crescendo em locais secos, pedregosos, trazendo em si uma atividade rítmica capaz de conter a enorme atividade metabólica-dissolvente característica dessa família, dirigindo-a ao domínio digestivo.

Vide mais sobre [Chelidonium majus](#).

É uma planta da família das Papaveráceas e também possui látex. A Papoula - [Papaver somniferum](#) - produz uma secreção láctea na região floral que quando recolhida e concentrada irá constituir o ópio. A Papoula produz um líquido que faz o ser humano abandonar o mundo da realidade, das formas que se estruturam, e refugiar-se num mundo de imagens fugazes onde não existe a dor nem o sofrimento. Nesse mundo também não existe a atividade e a responsabilidade do ser humano pois nesse mundo de imagens fugazes, o ser humano ainda estava sendo formado e tecido pelos seres criadores.

A Papoula produz muitos alcalóides entre os quais a morfina e a codeína. Os alcalóides resultam de uma degradação protéica onde aquelas forças que uniam e mantinham coesa essa estrutura tão complexa, foram deslocadas e emancipadas dessa atividade.

Forças configurativas estruturantes emancipadas constituem a base para o pensar e para a consciência, porém essas forças que foram deslocadas da atividade de tecer as proteínas e que se manifestam como alcalóides, começam também a se relacionar com os processos de consciência produzindo alucinação.

O *Chelidonium majus* também pertence às Papaveráceas que é a família da Papoula e também possui um látex, porém essa substância leitosa não se situa na região floral como na papoula, mas circula por toda a



## **Dormideira**

***Papaver somniferum L.***  
***Papaveraceae***



Planta herbácea anual cultivada em pequena e grande escala pelas suas virtudes alimentares, oleaginosas e medicinais. Possui um caule alto e ramificado, com folhas sésseis e ovaladas, terminado por grandes flores brancas e vermelhas. O fruto é uma cápsula. Toda a planta é percorrida por uma rede de laticíferos onde circula látex branco; é venenosa, excetuando as sementes maduras.

A indústria farmacêutica usa o suco fresco retirado após incisão das cápsulas imaturas, o ópio utiliza também as próprias cápsulas imaturas e as cápsulas maduras, libertadas das sementes e munidas de curto pedúnculo. São sobretudo estas últimas que permitem a extração de diferentes alcalóides. O ópio contém cerca de 25 alcalóides, o mais importante dos quais é a morfina (até 20% no ópio). A morfina é um sedativo do sistema nervoso central, atenua as dores, acalma a tosse e reduz o peristaltismo intestinal. A codeína (3%) tem efeitos menos pronunciados e é usada contra a tosse. A papaverina é um antiespasmódico dos músculos lisos que se emprega contra a diarreia, as cólicas



biliares, etc. Todos os alcalóides do ópio são narcóticos (estupefacientes que provocam hábito). O seu uso prolongado leva a um envenenamento crônico que causa deterioração física e finalmente a morte. O ópio, a tintura de ópio e todas as preparações à base de alcalóides do ópio estão sujeitos a regulamentação internacional sobre estupefacientes.

---

# Erva de Santa Maria

## ***Chenopodium ambrosioides* L. *Chenopodiaceae***

**Syn:** *Chenopodium antihelminthicum* L.

*Ambrina ambrosoides* Spach.

*Ambrina antihelmintica* Spach.

*Atriplex ambrosoides* Crautz.



O gênero ***Chenopodium*** é cosmopolita e conta com de cerca de 150 espécies de sub-arbustos anuais e perenes. *Chenopodium* vem do grego "chen", ganço e "pous", pé (as folhas de várias espécies lembram o formato de pés de ganço). Na família *Chenopodiaceae* encontram-se muitas plantas úteis, como as Beterrabas e o espinafre. Uma planta do gênero *Chenopodium*, *C. quinoa*, cuja semente é parecida com lentilha, vem sendo cultivada há muito tempo pelos povos indígenas da Costa Pacífica da América do Sul, desde a Colômbia até o Chile, sendo conhecida por "quinua". *Chenopodium ambrosioides*, uma erva tropical americana pungente, é extensamente usada na culinária mexicana, mas quase desconhecida em outros lugares. Várias espécies não aromáticas têm uma longa história de uso como plantas alimentícias.

***Chenopodium ambrosioides*** (o nome *ambrosioides* deriva do fato que as inflorescências se assemelham às de *Ambrosia* sp.) é uma planta herbácea anual ou perene, de forte aroma, normalmente ereta, com cerca de 1 m de altura, reproduzida por semente. A produção de sementes é muito intensa, podendo chegar a dezenas de milhares por planta. A planta prefere solos de textura

média, com boa fertilidade e suprimento moderado de água, tolerando solos salinos. O desenvolvimento vegetativo é favorecido por uma boa iluminação e as plantas se tornam mais competitivas em regiões e em épocas de dias longos, sendo o florescimento estimulado por dias curtos. Apresenta, especialmente nas folhas, pêlos vesiculosos que encerram um líquido de odor desagradável. A intensidade dos pêlos depende da variedade e das condições ambientais. Em épocas de seca a planta reabsorve esse líquido. Flores minúsculas, verdes aparecem em panículas no verão, seguidas por frutos verde-marrom, contendo uma única semente preta.

É uma espécie nativa na América tropical, sendo que diversos botânicos indicam o México como local de origem. Todavia A. von Humboldt relata que já em tempos pré-históricos a planta crescia nas Ilhas Canárias, e povos primitivos usavam-na como auxiliar no embalsamento de cadáveres. Hoje é vastamente distribuída em regiões de climas tropical, subtropical e temperado do mundo. No Brasil é ampla a distribuição, com ocorrência em quase todo o território e tem vários nomes populares: Ambrósia, Quenopódio, Erva-de-santa maria, Erva-pomba-rola, Erva-formigueira, Chá-do-méxico, Mastruço, Mastruz, Erva-mata-pulga, Uzaidela.

As partes usadas são a planta inteira, as folhas, e óleo. As plantas são cortadas no outono para extratos líquidos e são secadas para fabrico de pó. As folhas são usadas frescas e também conservadas como exigido para posterior uso. É uma erva picante, adstringente, fortemente aromática que destrói parasitas intestinais, aumenta a transpiração e relaxa espasmos. Também tem efeitos expectorante, anti-fungal e inseticida. Das folhas e flores pode-se extrair um óleo essencial que contém ascaridol. Foram isolados dois compostos ativos: glicosídeo de quercitina e isohamfetina.

A "Erva-de-Santa Maria" é tradicionalmente usada no Brasil para afugentar pulgas e percevejos domésticos, sendo colocada, seca, sob o colchão ou lençol da cama. Fazem-se vassouras com a planta que, ao varrer a casa, afugenta pragas domésticas. Infusões ou extratos são usados como vermífugos, sendo realmente eficientes. No passado cultivava-se essa planta para a preparação de antihelmínticos officinais, cuja descrição do processo foi publicada na Farmacopéia Brasileira de R. ALBINO. A ação é mais pronunciada contra ancilóstomo que sobre lombriga. O chá preparado com as folhas é pouco eficiente contra vermes intestinais, mas é considerado como estimulante estomacal. Medicinalmente a erva é usada internamente para tênia, outros pequenos parasitas, disenteria por amebas, asma e catarro. Externamente é usada para pé de atleta e mordidas de insetos.



Componentes ativos encontrados na planta são tóxicos. Em experimentos com administração da planta a porcos foi constatado o desenvolvimento de lesões hepáticas e glomerulares, sementes causaram tumores no estômago. O ascaridol provoca irritação na pele e mucosas, vômito, vertigem, dor de cabeça, danos nos rins e no fígado, colapso circulatório e eventualmente morte. A ingestão de infusão ou extrato por mulheres grávidas pode provocar aborto. Mulheres grávidas, pessoas idosas, crianças e pessoas debilitadas em geral não devem, de forma alguma, ingerir preparados com essa planta. Excesso causa vertigem, vômito, convulsões e até morte.

O óleo de chenopodium contém um vermífugo de largo espectro que é extensamente usado na medicina veterinária. É produzido de *Chenopodium ambrosioides* e também da variedade *anthelminticum*, que tem inclusive um teor mais alto do componente ativo. Na Argentina era comum o emprego dessa planta para o tratamento de verminoses de ovelhas. Também é usada como fumegante contra mosquitos e incluída em fertilizantes para inibir larvas de insetos. Compostos encontrados na planta são capazes de inibir o desenvolvimento de alguns fungos de solo, bem como o desenvolvimento de insetos como *Scrobipalpa absoluta* (traça do tomateiro) e *Spodoptera frugiperda* (lagarta do cartucho do milho), deixando prever possibilidades de aproveitamento em programas de controle biológico.

---



## ***Chenopodium album***

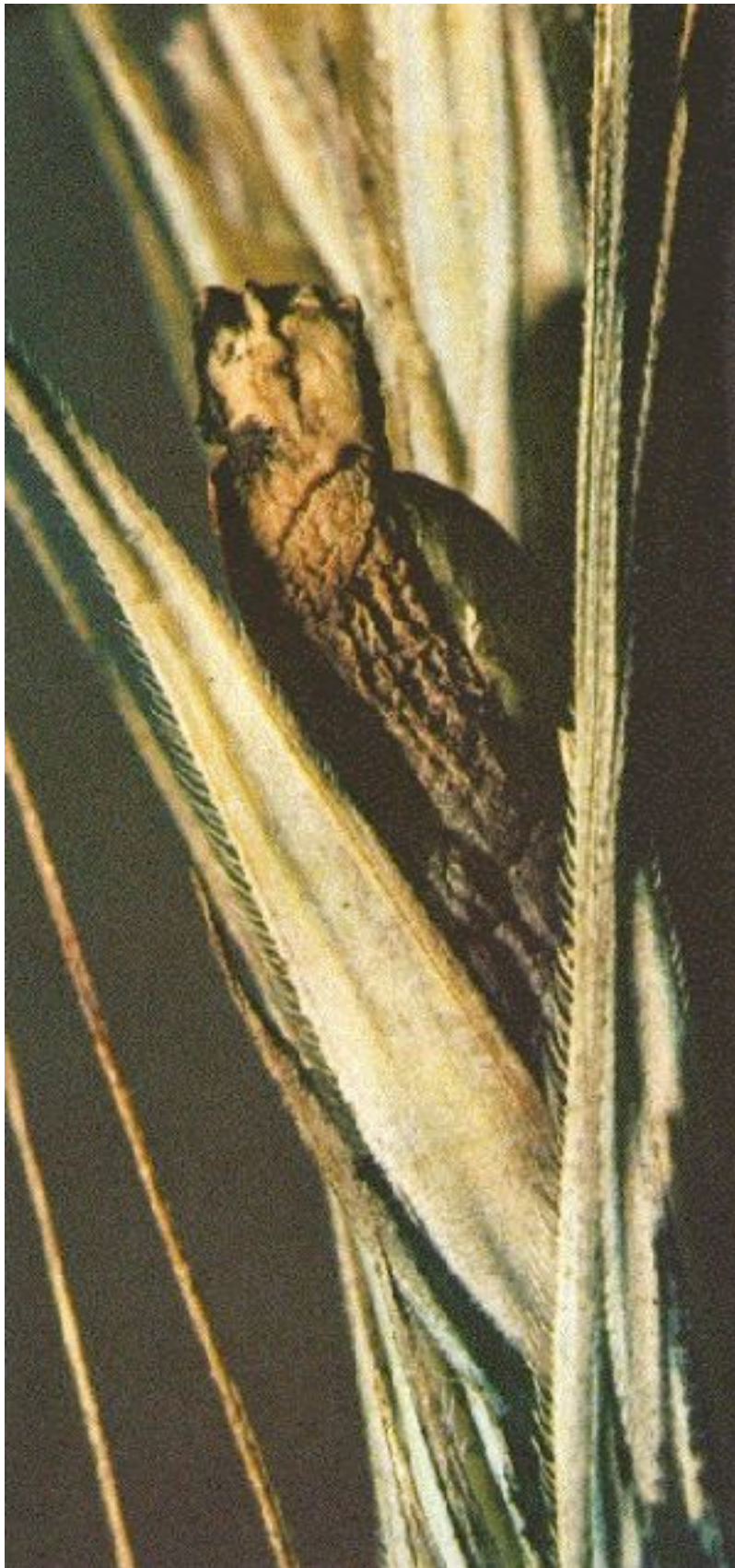


É uma espécie originária da Europa, sendo nativa também na Ásia. Ocorria na Bretanha já na parte final e logo após a Era Glacial. Sementes de *Chenopodium album* foram encontradas no estômago do homem de Tollund (100 AC). Ainda hoje é muito comum no Continente Europeu, sendo cultivada como legume e erva culinária. Povos de língua anglo-saxônica chamavam a planta de "melde" e o nome "Meldeburna", que significa "ribeirão onde crescem meldes" foi dado a uma povoação no século 10; esse nome foi alterado para Melbourn que hoje também é o nome de uma cidade na Austrália. A planta alastrou-se ou foi levada para outras regiões, ocorrendo intensamente na América do Norte, marcando presença também na Ásia, inclusive na Península Arábica. Na América do Sul tem uma presença mais intensa no chamado cone Sul. No Brasil tem ampla distribuição, mas aparece quase sempre em forma de bolsões. Na região dos Campos Gerais, Paraná, tem ocorrido como infestante de lavouras. É uma das plantas com mais vasta área de distribuição pelo mundo, ocorrendo desde o Paralelo 70 ao norte, até o Paralelo 50 ao sul. Na Europa era uma das mais importantes verduras, até ser substituída pelo espinafre. Durante a colonização da América do Norte, os pioneiros também usaram a planta para consumo humano e como forragem para animais. As folhas novas eram fervidas e preparadas com manteiga, sal e pimenta. As sementes eram incorporadas na massa de pães e bolos e, por serem muito duras, eram previamente maceradas.

---

## Cravagem do Centeio

***Claviceps purpurea* (Fr.) Tul.**  
***Clavicipitaceae***



Cogumelo parasita ascomicete que vive geralmente nas espigas do centeio. Na altura da floração do centeio as curtas fibras micelianas da cravagem atravessam e enchem completamente os ovários do cereal. No exterior, essas fibras produzem, por estrangulamentos sucessivos, pequenos conídios, ao mesmo tempo que um líquido claro e açucarado é segregado na superfície. Este líquido atrai os insetos que transportam depois o cogumelo para vegetais sadios. Os filamentos micelianos crescem, enredam-se até formar uma excrescência negra, rígida, na superfície da espiga: a cravagem ou esclerócio. Na ocasião da ceifa, estes esclerócios caem no solo e deles nascem, na Primavera, diminutas frutificações que lançam em seu redor os esporos sobre as novas espigas de centeio.

O centeio-espigado (*Secale cornutum*) é uma matéria-prima insubstituível no fabrico de um grande número de medicamentos importantes. Era colhido antigamente nas plantas atingidas, através da escolha das espigas; atualmente, é obtido por cultura direta em parcelas de centeio e por cultura dos micélios em cubas de fermentação. A cravagem contém derivados indólicos que podem ser divididos em bases hidrossolúveis: ergometrina, ergobasina e ergometrinina; e em bases não hidrossolúveis: grupo da ergotamina e da ergotoxina. Contém também pigmentos, lipídeos, amins e antraquinonas. As substâncias ativas provocam uma contração dos músculos lisos do útero, atuam como depressores do sistema simpático, causam vasoconstrição do sistema venoso periférico e aumentam a tensão arterial. São usados na ginecologia, medicina interna e neurologia.

Vide também: [outra foto](#) (jpg 653x553 - 31Kb).

E ainda a [A história do LSD](#), contada por seu descobridor.

*Claviceps purpurea*  
"Ergot"





## Cólquico Açafrão do prado

***Colchicum autumnale* L.**  
***Liliaceae (Colchicaceae)***



Para fins medicinais, colhe-se sobretudo os bulbos e as sementes, é uma erva amarga, picante que alivia dor e reduz inflamação. Os bulbos são cortados em rodela depois de muito bem limpos e postos a secar rapidamente (mesmo ao sol). As sementes maturam no Verão, altura em que se colhe a cápsula inteira. Depois de perfeitamente seca, a cápsula liberta as sementes. Toda a planta é rica em colchicina, que é um alcalóide venenoso; as sementes contêm também uma elevada proporção de lipídios, taninos e açúcar. As partes colhidas servem sobretudo para isolar a colchicina, que é usada nas crises agudas de artrites e gota, em casos de reumatismo muscular ou articular, na síndrome de Behçet e escleroderma. Usado na homeopatia para dores em geral, diarreia e náusea causada pelo tempo úmido. Os gregos antigos usavam *Colchicum* em quantias mínimas para gota, asma, hidropsia e problemas renais. As doses terapêuticas foram avaliadas através de Anton von Stöerck em 1763, desde quando se transformou no tratamento standard para gota. No passado, também recorria-se a um derivado da colchicina, a demecolcina, para tratar leucemia.

Excesso causa dores gástricas, diarreia e danos renais. Pode causar anormalidades fetais; não deve ser dado às mulheres grávidas ou pacientes com doença renal. O uso prolongado pode causar perda de cabelo, desordens do sangue, dores musculares, fraqueza e formigando nas mãos e pés. A colchicina é um veneno mitótico que bloqueia a divisão celular: é usada hoje em engenharia genética e no melhoramento das variedades vegetais. O envenenamento por consumo das sementes ou das flores é frequentemente mortal. Manifesta-se por aumento de salivação, vômitos, diarreias sangrentas, câibras, paralisia geral. O contraveneno é a tanina. O cólquico é perigoso, mesmo para os animais.

O gênero ***Colchicum***, distribuído ao longo da Europa, África do norte, Ásia ocidental e China ocidental, é constituído de cerca de 45 espécies perenais bulbares. Apesar de sua toxicidade, colchicums são populares plantas de jardim devido sua grande inflorescência colorida que aparece desde o início do verão até o início do outono. Eles crescem nas margens de caminhos, debaixo de árvores e em prados úmidos. O nome *Colchicum* provém de Colchis, uma área da Geórgia próxima ao Mar negro onde estas plantas são abundantes.

***Colchicum autumnale*** é uma planta herbácea perene dotada de um bulbo subterrâneo escamoso do qual nascem, no início do verão, longas flores com cálices violáceos. Após a fecundação, formam-se sementes no ovário subterrâneo, onde se conservam até à Primavera. Nesta estação, o bulbo produz uma roseta de folhas lanceoladas no centro das quais se encontra o fruto, uma cápsula. Toda a planta é extremamente tóxica. Encontra-se espalhada por toda a Europa até a Ucrânia.



## Lírio-dos-vales

***Convallaria majalis* L.**  
**Liliaceae (Convallariaceae)**



Há três espécies de plantas perenes rizomosas no gênero ***Convallaria***, que ocorrem nas regiões temperadas do norte. A origem do nome vem do latim "convallis", vale, e se refere ao hábitat natural da planta, enquanto majalis significa o tempo de florescimento que ocorre no mês de maio.

***Convallaria majalis***, Lírio-dos-vales ou Lírio-de-maio, é uma planta herbácea perene dotada de uma rede subterrânea de rizomas emaranhados que produzem, na Primavera, folhas pecioladas, em seguida uma haste floral apresentando um cacho de flores campanuladas brancas. Os frutos são bagas encarnadas. Toda a planta é tóxica. A espécie está difundida na Europa, Ásia e América, crescendo sempre na sombra de florestas ou bosques escuros. É bastante cultivada e em muitas partes da Europa ela chega a ser mais comum em jardins que no estado selvagem.

São colhidas as cimeiras ou, mais frequentemente, as folhas (Herba, Folium convallariae). São secadas em camadas finas, num local seco e bem arejado ou num secador a 60°C. Depois de estarem secas são verde-claras, inodoras, com gosto amargo. Contêm glicosídeos venenosos como o convalósido, convalotoxina, uma saponina, a convalarina, etc. O óleo volátil é rico em farnesol. O conjunto da produção de lírios-dos-vales é tratado pelas indústrias farmacêuticas, que isolam os diferentes glicosídeos constituintes a partir da matéria-prima em bruto, integrando-os depois, segundo doses exatamente determinadas, em remédios prescritos exclusivamente pelo médico. Estes são usados sobretudo no tratamento de doenças cardíacas, pois estimulam o ritmo do coração e a respiração (cardiotônicos). Certos componentes são também laxantes e eméticos.

O uso de ***Convallaria majalis*** como erva medicinal data de muito tempo atrás, pelo menos remontando ao segundo século DC, quando foi descrito em um herbário escrito por Apuleius. Uma pesquisa revelou o alcance e efeitos de seus componentes que aumentaram sua importância. *C. majalis* é semelhante em ação às espécies *Digitalis*, mas é menos cumulativo e então mais seguro para pacientes idosos.

Os extratos perfumados tirados das flores do lírio-dos-vales são largamente usados na indústria de perfumes e cosméticos e rapés. Os frutos vermelhos estão por vezes na origem de intoxicações nas crianças. Os venenos provocam paralisia do centro respiratório e é indispensável recorrer urgentemente a um médico.



## Coridália-oca

***Corydalis cava* (L. emend. MILL.) SCHWEIGG. et KOERTE**  
**Papaveraceae**



Aproximadamente 300 espécies anuais e perenais, geralmente tuberosas, compõem o gênero ***Corydalis***, amplamente distribuído pela zona temperada do norte e regiões tropicais montanhosas. ***Corydalis solida*** é encontrada em bosques na Europa e Ásia ocidental. Embora relacionada com as papoulas, as *Corydalis* são bastante diferentes na aparência, com folhas parecidas com as de samambaia e flores tubulares, por vezes lembrando as das labiadas. ***Corydalis solida*** e ***Corydalis cava***, ambas são conhecidas na horticultura como ***Corydalis bulbosa***.

***Corydalis cava*** é uma planta herbácea perene, dotada de um grande tubérculo subterrâneo oco, de que nasce um caule ereto e bifoliado. As flores estão agrupadas num cacho terminal; são violetas ou brancas, com um longo esporão encurvado. O fruto é uma cápsula. Toda a planta é extremamente venenosa. É uma espécie europeia que se estende até às regiões asiáticas adjacentes. Encontra-se na sombra dos bosques e das florestas, onde é facilmente reconhecida pela sua floração precoce e pelos caules glaucos. Na Primavera, a coridális é freqüentemente visitada pelas abelhas.

***Corydalis solida*** é bastante parecida com ***Corydalis cava***, as principais diferenças são que não tem tubérculo oco o qual é, portanto, sólido e tem uma distribuição mais ocidental. Ambas espécies selvagens são coletadas para propósitos medicinais. ***Corydalis solida*** foi usada como analgésico na medicina chinesa tradicional desde pelo menos o oitavo século, quando foi mencionado na Matéria Médica por

Chen Cang-Zi. Sua cápsula de fruto racha quando madura para lançar numerosas sementes pretas.



São colhidos os bulbos, extraídos à mão no Outono ou no começo da Primavera, a partir do degelo. Depois de bem limpos e libertados de radículas e partes verdes, são cortados em pedaços, depois secados à sombra, num local bem arejado; os pedaços devem ser voltados de tempos em tempos. No secador, a temperatura não ultrapassará os 40°C. Depois de seco, o bulbo liberta um aroma estupefaciente e apresenta gosto amargo. É uma erva analgésica que estimula a circulação, controla espasmos e náusea, e tem propriedades sedativas e anti-bacterianas. Pesquisa também sugestiva ação no córtex da tiróide e ad-renal. Contém alcalóides, os mais importantes dos quais são a coridalina e a bolbocapnina, que é alucinogénea. A droga exerce um efeito depressor sobre o sistema nervoso central, baixa a tensão e diminui o peristaltismo do intestino delgado.

Esta erva é prescrita unicamente pelo médico, em casos de perturbações nervosas graves, vertigens, tremuras ou afecções cerebrais, como sedativo para insônia, e ainda como estimulante e analgésico, especialmente em menstruação dolorosa, danos traumáticos e lumbago. Em dose elevada, provoca dores de cabeça semelhantes às da meningite. Não deve ser dado às mulheres grávidas.

---



## **Açafrão**

***Crocus sativus* L.**  
***Iridaceae***



Veja também [Crocus sativus](#) sob ponto de vista antroposófico.

Planta herbácea perene dotada de um bulbo escamoso subterrâneo e de folhas lineares consolidadas por uma nervura de cor clara. A haste floral curta é terminada por uma flor afunilada violeta-clara dividida em seis lóbulos. O estilete amarelo divide-se em três, sendo cada uma das partes terminada por um estigma alaranjado. Estes estigmas erguem-se acima da flor. O açafrão multiplica-se através de bulbos-filhos que aparecem na base do bulbo-mãe. Sempre foi cultivado na Ásia como especiaria aromática, corante e planta medicinal.

São colhidos os estigmas, cortados à mão com uma parte do estilete, após ter sido apanhada a flor inteira. Os estiletos devem ser secados no próprio dia num secador ou sobre pedras aquecidas: devem perder a água em meia hora e adquirir assim o seu aroma particular, conservando a cor alaranjada. Contêm crocina, um pigmento carotenóide aparentado com os glicosídeos, um suco amargo igualmente aparentado com os glicosídeos, a picrocrocina, e outras substâncias. O açafrão é utilizado em farmacologia, na preparação de tinturas, extratos, loções oculares e colírios, mas sobretudo pílulas abortivas. Estas devem ser prudentemente dosadas, pois doses excessivas causam hemorragias, vômitos, diarreias e vertigens.

O açafrão é também uma excelente especiaria para uso culinário: molhos, sopas, saladas. O seu preço elevado leva freqüentemente a que sejam feitas imitações.

# Açafrão

***Crocus sativus* L.**

***Iridaceae***

**Sob ponto de vista antropológico**



delgadas, lineares, com aspecto que lembra o das gramíneas. Observando a planta florida, notamos que o desenvolvimento foliar do *Crocus* é algo pouco representativo.

## **Flor:**

Cálice e corola: quando estudamos as liliáceas, pudemos observar suas flores formadas por três pétalas e três sépalas. No açafrão, cálice e corola também formam uma estrutura floral, mas esses dois verticilos se afastam da forma estelar; pétalas e sépalas são arredondadas. Sua flor é violeta e possui 3 estames.

**Ovário:** Abaixo do tubo floral, junto ao bulbo, encontramos o ovário da flor que permanece debaixo da terra no início da floração. Ao contrário das liliáceas, o ovário das iridáceas é ínfero.

**Estigma:** Partindo do ovário, subindo pelo tubo floral, encontramos um estilete delgado, inicialmente incolor na base, tornando-se amarelo e se "desabrochando" finalmente em 3 lobos estigmáticos em forma de correia estreita. Esses lobos se espessam na parte terminal.

A base do estigma apresenta cor amarela que vai se tornando cada vez mais avermelhada na parte terminal. Apesar de todo o desenvolvimento do estigma, a planta é estéril, e somente é fecundada por meios artificiais.

## **Processos do açafrão**

### **Introdução**

Essa planta, conhecida desde a antiguidade, é citada pelos antigos gregos e romanos. Um papiro egípcio datado de 1550 a.c. já mencionava o açafrão. Os cruzados, retornando da Ásia menor, introduziram essa planta na Europa; seu nome deriva do termo árabe "asstar" que significa amarelo.

### **Desenvolvimento**

O açafrão é plantado em agosto, no verão europeu, através de bulbos; destes, em outubro, partem as folhas; no outono, surge a flor. O açafrão capta rapidamente, com grande intensidade, as forças de calor e de luz do verão, guardando-as dentro de si, levando, na paisagem melancólica do outono, um ambiente de luz e calor à terra, cuja vida está declinando até o início da primavera. O ciclo de vida do açafrão mostra um desenvolvimento precoce e florescimento no outono, época em que a maioria das plantas terminaram seu ciclo, tendo florescido na primavera ou no verão.

### **Descrição**

"O *Crocus sativus* L. é uma pequena planta com bulbo sólido, arredondado, achatado, carnudo, muito amiláceo, protegido exteriormente por túnicas membranosas marrons, trazendo na parte superior alguns resíduos de folhas. Este bulbo é, na realidade, um caule-tubérculo, algo intermediário entre bulbo e tubérculo". E. Perrot, *Matières Premières du Règne Végétal* p.645.

**Folha:** As folhas do *Crocus sativus* são eretas,



## Resumo:

Resumindo o que foi observado na flor dessa planta, temos os seguintes processos:

1. O *Crocus sativus*, plantado no fim do verão europeu, em agosto, floresce em outubro, durante o outono. Temos, portanto:
  - Desenvolvimento precoce.
  - Florescimento no outono.

A planta se desenvolve precocemente em uma época avançada do ano.

2. A flor do *Crocus* parte diretamente do bulbo e seu ovário permanece próximo do mesmo.
3. O estigma da flor do açafrão se mostra hipertrofiado fazendo desabrochar três lobos estigmáticos; o estigma, apesar disso, é estéril.

## Bulbo:

"A flor do *Crocus* parte diretamente do bulbo, e seu ovário permanece próximo ao mesmo".

Esse órgão terrestre, situado imediatamente acima da raiz, é um intermediário entre bulbo e rizoma. O bulbo amiláceo do açafrão aponta para um processo de descida dos produtos da fotossíntese realizada a nível das folhas, em direção ao bulbo.

Tal como no *colchicum* e no *cyclamen*, as flores do açafrão partem diretamente do bulbo. Rudolf Steiner indica os bulbos dessas três plantas no tratamento da glândula tireóide. Quando estudamos o *colchicum*, tivemos ocasião de mencionar tal processo. A diferença entre o *colchicum* e o açafrão, é que o primeiro nasce em clima frio e úmido, sendo indicado no Estruma eutiroideu. O *Crocus* tem como habitat um clima quente e seco, o que nos leva a crer que o bulbo dessa planta possa atuar no bócio hiper-tireoideu; tal afirmativa é apenas teórica e precisa ser comprovada na prática médica.

## Estigma:

Os vegetais ditos normais, ao fazerem germinar suas sementes, iniciam um crescimento radicular em direção ao centro da Terra e vegetativo em direção oposta. A planta, folha após folha, cresce em tamanho e altura. A exuberância do desenvolvimento foliar cessa quando a planta emite suas flores. Nestas, um processo de contração já começa a ser pressentido. No caule, as folhas se dispõem uma depois da outra em uma ascensão vertical. Na flor, todos os seus constituintes partem do mesmo ponto, um ao lado do outro, além disso, a flor possui, simultaneamente, duas polaridades. No pólen, a planta se dispersa no espaço. A planta, no pólen, se expande ao imponderável. No estigma, a planta se contrai, recebendo dos insetos e pássaros o pólen que se dispersou no espaço, contração essa que culmina na semente. A planta, no estigma, condensa o imponderável.

O estigma do açafrão, apesar de ser um órgão de condensação vegetal, se desenvolve em um processo de expansão, fazendo desabrochar 3 lobos estigmáticos, revestindo-se de cor avermelhada e exalando para o meio ambiente um aroma muito característico. A flor, como já mencionamos, é estéril, podendo ser fecundada apenas por meios artificiais.

Tal paradoxo, um órgão de contração que se expande, pode ser procurado na patogenésia desta planta. Temos, nos sintomas psíquicos do *Crocus sativus*, o seguinte quadro:

Humor instável: Passa bruscamente da maior hilaridade ao mais profundo desespero. O paciente alegre, risonho, cantando ou assobiando muda repentinamente de humor, chorando, gemendo e gritando. O estado excessivamente alegre e afetuoso pode, em um instante, transformar-se em um ataque de raiva; a cor da pele se torna azulada e o paciente grita injúrias.

Encontramos na patogenésia de *Crocus* sintomas físicos relacionados com esse processo:

Contrações espasmódicas clônicas a nível de um grupo muscular, principalmente nas pálpebras.

Coréia com risos, danças e saltos.

Sono: agitado por cantos e sonhos assustadores.

### **Estigma - Composição química:**

O estigma do açafão contém óleos fixos, mucilagem, essências aromáticas e corantes.

Essências aromáticas: O aroma condimentar do açafão é devido a uma série de terpenos, principalmente o Cineol.

O estigma, região da flor onde predominam processos de contração, torna-se no açafão, um órgão metabólico. Metabolismo atuando na região neuro-sensorial, pode ser observado nos sintomas de cefaléia com latejamento, olhos irritados e vermelhos; os estigmas do açafão atuam, portanto, em um determinado tipo de cefaléia causada por um forte e súbito impulso metabólico muito comum durante a menopausa.

**Corantes:** O açafão possui os seguintes corantes:

**Licopeno:** responsável pela cor vermelha do tomate.

**beta-caroteno:** pró-vitamina A

**Zeaxanteno:** responsável pela cor amarela do milho.

### **Crocina:**

Carotenos são corantes cujas tonalidades giram entre o vermelho e o amarelo, ocorrendo no reino vegetal quase sempre junto com a clorofila. Insolúveis em água, podem ser dissolvidos em solventes apolares como o óleo. Sua ligação intensa para com os processos de luz se mostra através de alguns carotenos que se transformam, no organismo animal, em vitamina A. A crocina, principal responsável pela cor do açafão, também existe em algas da família das Chlamydomonas onde desempenha um papel muito importante na reprodução.

Atuação da crocina nas algas Chlamydomonas:

### **Mobilidade**

As algas Chlamydomonas possuem gametas masculinos e femininos. Os gametas se movem na luz e se tornam imóveis no escuro.

Uma solução de gametas exposta à luz apresenta gametas móveis, denominemos essa solução de A.

Uma solução de gametas mantida no escuro apresenta gametas imóveis, denominemos essa solução de B.

Se colocarmos uma gota da solução A na solução B que está sendo mantida no escuro, os gametas da solução B irão se tornar móveis no escuro.

A explicação para esse fato é que os gametas, por ação da luz, produzem crocina. Colocando crocina diluída na solução B, os gametas irão se mover no escuro. A concentração de crocina capaz de produzir mobilidade nos gametas é de 1 parte de crocina para 33.000.000.000 de partes de água; isto é, uma diluição de crocina equivalente a D10 ainda atua na mobilidade dos gametas.

### **Copulação**

A intensidade de luz ativa ou inibe a copulação dessas algas. A explicação para o fenômeno se baseia na produção dos isômeros Cis ou Trans da crocina, dependendo da intensidade luminosa.

A crocina atua, portanto, como uma substância portadora de luz capaz de atuar na vida primordial indiferenciada.

## **Processo de Luz capaz de atuar na vida indiferenciada**

O açafão possui um processo de luz muito intenso que se exprime na formação da crocina, processo esse capaz de atuar na vida indiferenciada. O termo grego Flegma significa um líquido viscoso, pleno de vitalidade, capaz de permear algo vivo, mas ainda em um estado de indiferenciação. Os seguintes sintomas mostram a atuação desse processo no ser humano:

Sangue: viscoso

Hemorragia: sangue preto, espesso, cada gota se transforma em um filamento longo.

Catarro: coriza com corrimento de um muco espesso e filamentosos.

Leucorréia: espessa, viscosa, filamentosos.

Regras: freqüentes, longas, abundantes; com corrimento de sangue negro, viscoso, que sai em longos filamentos.

## **Processo de Luz retido ou indiferenciado**

O açafão apresenta um estigma com enorme força de luz apta a ser captada pela vida primitiva, mas esse órgão floral, organizado para a reprodução, não executa tal tarefa. A flor é estéril e apenas fecundada artificialmente. Isso se manifesta em um processo de luz retida, indiferenciada, que não é mais levado à vida. Tal processo já foi explicado em nosso trabalho sobre o Phosphorus, e se manifesta através de sintomas hemorrágicos.

Sintomas hemorrágicos: Hemorragia em qualquer parte do corpo, escura, viscosa, coagulada, formando longos filamentos viscosos, pendentes da superfície que sangra.

Regras: escuras, viscosas, coaguladas.

Epistaxis: sangue escuro, pegajoso, viscoso; cada gota pode ser transformada em um fio pendente do nariz.

Ameaça de aborto; metrorragia.

As forças de Luz que estão impedidas de atuar também podem se exprimir em sintomas onde não há uma diferenciação entre os processos metabólicos que tendem a um predomínio. O paciente apresenta dilatação do estômago e sensação de algo vivo se mexendo no estômago, abdômen, intestino, baço, ou em uma região qualquer do corpo, com náuseas e desfalecimento.

## **Considerações finais**

O açafão condensa a luz no bulbo, daí a intensa formação de amido nesse órgão. Da planta, em caminho inverso, parte uma luz interna que segue até o estigma. Essa luz, expressa através da formação da crocina nesse órgão, deveria atuar na vida indiferenciada, mas fica retida nesse órgão. O homem, através do trabalho farmacêutico, pode transformar e dirigir essa luz, outrora "estagnada", em processos que dominam as forças excedentes e perturbadoras que se manifestam através da patogenésia do *Crocus sativus*.

Rudolf Steiner recomenda a associação do *Crocus* ao Antimonio e ao *Corallium rubrum* como um medicamento capaz de regular os processos sanguíneos.

Veja mais sobre *Crocus sativus* [aqui](#).

---



# **Abóbora**

***Cucurbita pepo* L.**  
***Cucurbitaceae***



O gênero ***Cucurbita*** inclui 27 espécies de plantas rasteiras ou trepadeiras, anuais e perenes, nativas na América tropical e subtropical. Várias espécies diferentes, com nomes comuns intercambiáveis, são conhecidas como abóboras e têm propriedades medicinais equivalentes.

***Cucurbita maxima*** é originária do Peru e chegou à Europa depois da conquista espanhola em 1532. Também conhecidas como abóboras são a ***Cucurbita moschata***, que pode ter-se originado no México, mas era conhecida desde 5.000 anos atrás nas Américas do Sul e Norte, e ***Cucurbita pepo*** que é mexicana de origem, mas cresce na América do Norte meridional há mais de 8.000 anos. O uso de sementes de abóbora na medicina chinesa data do 17º século.

***Cucurbita pepo*** é uma planta anual cultivada, com caule rasteiro que atinge até 5 m de comprimento, apresentando folhas alternas e cordiformes. As grandes flores amarelas suportadas por longos pedúnculos são unissexuais: as masculinas, em grupos auxiliares; as femininas isoladas. O fruto é uma baga (pepônio). Conhecida como abóbora-porqueira, é originária da América central e difundiu-se por todo o mundo. São cultivadas atualmente numerosas variedades alimentícias, forrageiras ou oleaginosas.



***Cucurbita maxima*** é uma planta rasteira anual com talos de cinco ângulos e folhas pecioladas dentadas. Flores amarelas aparecem no verão e são seguidas através de frutos carnosos que, quando maduros, podem ser de cor verde, amarela, laranja, ou vermelha, e cheios de sementes brancas.

As partes usadas são as sementes que são retiradas dos frutos completamente maduros e postas a secar rapidamente ao sol. Contêm até 50% de óleo, albuminas, um glicosídeo, a cucurbitina, uma resina, minerais, especialmente zinco que é útil no tratamento da próstata aumentada e outras substâncias ainda desconhecidas. Continuam a ser um meio de combate sempre atual contra os parasitas intestinais. Como um remédio para parasitas intestinais, as sementes de abóbora são menos potentes que ***Driopteris filix-mas***, mas é mais seguro para mulheres grávidas, pacientes debilitados e crianças. As sementes

são consumidas cruas, sem casca, na dosagem de 200 a 250 sementes para adultos e de 50 a 100 sementes para crianças. Não provocam qualquer efeito irritante secundário. Usa-se, por vezes, para os mesmos fins, uma decocção de sementes de abóbora-porqueira misturada com óleo de ricino. As sementes de pepino têm o mesmo efeito anti-helmíntico. Frequentemente é combinada com *Echinacea purpurea* e *Serenoa repens* para prostatites

Além de água, as abóboras-porqueiras contêm também açúcares, albuminas, gorduras, vitaminas e bastante substâncias minerais. São consumidas sob a forma de compota ou marmelada. O suco fresco é diurético, e o seu consumo recomenda-se no caso de afecções renais. As sementes também são consumidas assadas e adicionadas ao pão. A abóbora-porqueira é também uma boa planta polinífera e melífera, tanto mais que a sua floração é prolongada.

---

## **Feto-macho**

***Dryopteris filix-mas* (L.) SCHOTT.**  
***Aspidiaceae***



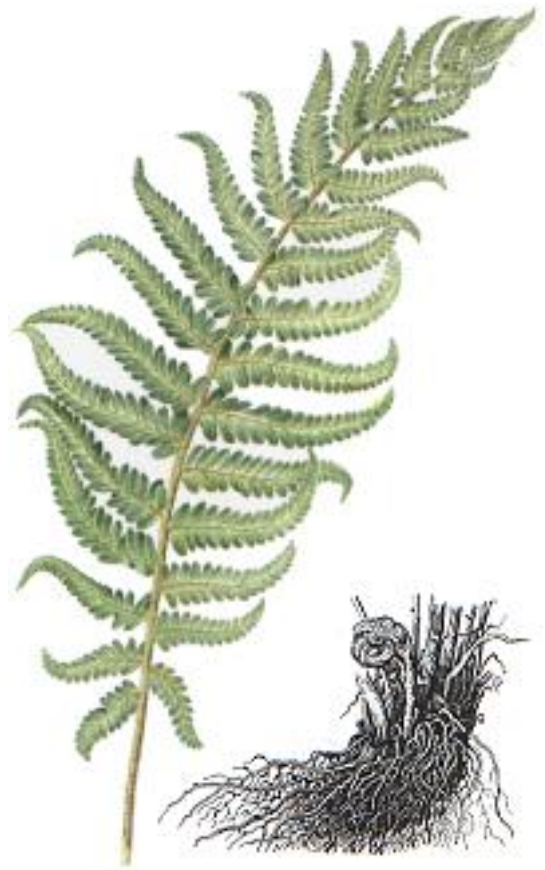
***Dryopteris*** é um gênero cosmopolita de samambaias decíduas rizomosas que contêm cerca de 150 espécies. Muitas espécies são cultivadas como ornamentais pela sua bela folhagem em formato de vaso. Algumas espécies exigem condições especiais, mas várias outras, inclusive ***Dryopteris filix-mas***, são facilmente cultivadas como plantas ornamentais, sendo robustas e muito resistentes à seca. Várias espécies contêm derivados de floroglucinol ("flicina"), que paralisam parasitas intestinais. Além de ***Dryopteris filix-mas***, ***Dryopteris cristata***, ***Dryopteris oreades*** e ***Dryopteris crassirhizoma*** são usados medicinalmente. Drogas derivadas destas samambaias são usadas em conjunto com um purgativo efetivo. ***Dryopteris crassirhizoma*** foi registrada na medicina chinesa desde pelo menos a última dinastia de Han (25-220 DC). Conhecida como guan zhong, também reduz inflamação, controla sangramentos e abaixa a febre.

***Dryopteris filix-mas*** é uma planta perene com rizoma subterrâneo e escamoso, dando origem a frondes pecioladas e duas vezes penatissectas, de até 90 cm de tamanho, inicialmente enroladas em croça e cobertas de escamas castanhas. No final do Verão, formam-se, na face inferior das frondes, duas filas de esporângios cobertos de indúsios. No verão estes esporângios libertam esporos castanhos que asseguram a reprodução da planta. Todas as partes são tóxicas. O feto-macho abunda nas florestas sombrias, sobre os rochedos, perto dos ribeiros, e suas virtudes são conhecidas desde a Antiguidade.



Colhe-se o rizoma na altura da queda das folhas. Depois de muito bem limpos, os rizomas são desembaraçados das partes verdes e das raízes e secados a uma temperatura de 35°C. Começam por apresentar fendas esverdeadas que escurecem em seguida. Contêm aspidinofilicina, floroglucina e filmarona, assim como uma razoável proporção de amidos e taninos. É uma erva amarga, de sabor desagradável, que expelle lombrigas intestinais e tem efeitos anti-bacteriano e anti-viral. Também controla sangramento, alivia dor, reduz inflamação e abaixa febre. A erva é usada interiormente para todos os parasitas intestinais, pontadas no fígado, hemorragia interna, hemorragia uterina, caxumba e enfermidades febris (inclusive resfriados, gripe, sarampo, pneumonia, e meningite).

O extrato etérico é utilizado em medicina humana e veterinária como tenífugo. O rizoma e todas as preparações dele derivadas são tóxicas, devendo o tratamento ser feito sob vigilância médica. Doses contra vermes intestinais são críticas; o envenenamento é prevenido combinando-se com um purgativo salino, como sulfato de magnésio - não com óleo de ricino porque ele aumenta a absorção. Excesso causa náusea, vômito, delírio, dificuldade respiratória e colapso cardíaco. Em dose muito forte, o produto causa lesões irreversíveis do nervo óptico. Devido a estes riscos, prefere-se atualmente substituir o feto-macho por produtos de síntese. A decocção serve para preparar compressas destinadas a feridas que saram dificilmente, abscessos, furúnculos, carbúnculos, chagas e é também usada contra dores reumatismais.



## Sete sangrias

*Cuphea calophylla* Cham. & Schlecht.

Syn.: *Cuphea plumbaginea* Mart.

**Lythraceae**



O gênero *Cuphea* apresenta cerca de 250 espécies que em sua maioria vivem em lugares úmidos, é de origem centro e sul-americana, com bastante representatividade no Brasil. Muitas espécies ocorrem como infestantes, mas são raras as situações em que a intensidade das infestações é grande. Muitas plantas do gênero *Cuphea* são conhecidas vulgarmente como "sete-sangrias", numa alusão de que um tratamento com as plantas equivale ao resultado obtido por sete sangrias (tratamento comum no passado). A planta originalmente denominada de "sete sangrias" é *Cuphea balsamona* (Cham. & Schlecht.), tendo sido indicada para a cura de febres intermitentes e disenterias graves. Atualmente há um grande interesse em estudar a viabilidade de explorar comercialmente plantas do gênero *Cuphea* melhoradas ou geneticamente alteradas pela capacidade destas plantas em produzir ácidos graxos saturados de cadeias médias e curtas (com 8, 10 e 12 carbonos) que são armazenados nas sementes em combinação com glicerol, com possibilidades de uso em lubrificantes sintéticos e plastificantes.

*Cuphea calophylla*, uma das plantas do grupo das "sete-sangrias", é nativa no Brasil e é uma planta perene, reproduzida por semente, preferindo locais úmidos e solo fértil. Floresce durante praticamente todo o ano, com maior intensidade durante o verão. Frequentemente é infestante em gramados, parques e outras áreas pouco cuidadas. A origem do nome vem do grego "kuphos", giba (por causa da base gibosa do cálice), "kalós", belo, e "phyllon", folha. A ssp. *calophylla* é relativamente rara, mas ocorre na Região Sul do Brasil. A ssp. *mesostemon*, uma subespécie da *Cuphea*

*calophylla*, é de ocorrência bastante frequente no Brasil, ocorrendo também na Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai.

As partes utilizadas são as raízes. A erva é usada medicinalmente, internamente para combater a febre, cólicas durante o ciclo menstrual, disenterias graves e como diurético, usualmente na forma de infusão de cerca de 20 gramas das raízes em um copo de água fervente.

---

# Cúrcuma

## ***Curcuma aromatica*** **Zingiberaceae**



circulatório, estancando sangramentos e

dissolvendo coágulos. A parte utilizada é o rizoma que é colhido durante o período de dormência e cozido ao vapor ou fervido

Cerca de quarenta espécies de plantas perenes pertencem ao gênero *Curcuma*, encontradas na Ásia tropical e Austrália. O nome vem de "kurkum", o nome árabe para estas plantas. Muitas espécies têm rizomas grandes ou tubérculos e são usados como especiarias, fontes de amido e corantes. *Curcuma longa* é um aromatizante e corante comumente usado na culinária Asiática. Também existem muitos registros de usos medicinais destas plantas, especialmente na China, Índia e Indonésia. Uma recente pesquisa mostrou um significativo efeito anti-inflamatório e protetor do fígado. *Curcuma longa* e *Curcuma aromatica*, ambas nativas na Índia, foram descritas na medicina chinesa no século VII. O termo yu jin é aplicado para uma mistura de tubérculos de *Curcuma aromatica*, *Curcuma longa* e *Curcuma zedoaria*. *Curcuma zedoaria* tem aplicações semelhantes a *Zingiber officinale* e é usado na China para tratar câncer cervical. Também importante é *Curcuma amada*, parcialmente parecida com gengibre e usada em confeitaria e conservas. *Curcuma longa* é uma fonte de corante amarelo e laranja para seda e lã, sendo o tradicional corante das batas dos monges budistas.

***Curcuma aromatica*** (*Curcuma selvagem*) é uma planta perene nativa da Índia com um grande rizoma e folhas oblongas ponteadas de até 60 cm de comprimento. Flores de cor amarelo-branco manchadas de rosa emergem na primavera numa inflorescência densa com brácteas inferiores de cor verde pálido e superiores de cor rosada. É uma erva pungente, amarga, refrescante, que melhora a digestão, estimula a vesícula biliar e o sistema



antes de secagem e moagem para uso em decocção, pílulas, cataplasmas e polvilhos. É usada interiormente para icterícia, hemorragia nasal, hemorragia interna, menstruação dolorosa, choques, dores de tórax associadas com baixa energia do fígado, e angina.

***Curcuma longa***, syn. ***Curcuma domestica***, medra em florestas secas da Índia e é uma erva pungente, amarga, adstringente, com cheiro característico e forte cor amarela. Estimula os sistemas digestivo, circulatório, respiratório e o útero, normaliza o fluxo de energia e tem efeitos anti-inflamatório e antibiótico. A parte utilizada é o rizoma, colhido e tratado de mesma forma que *C. aromatica*. É usada interiormente para problemas digestivos e de pele, circulação deficiente, tumores uterinos, icterícia, doenças do fígado e problemas menstruais. Frequentemente combinado com *Berberis vulgaris* ou *Mahonia aquifolium* para reclamações do fígado e diabetes. Externamente para ferimentos, chagas e problemas de pele. Por seu forte sabor também é muito utilizada na culinária.



Trecho reproduzido de "[A Manual of Materia Medica and Pharmacology](#)" by David M. R. Culbreth, Philadelphia, 1927.



Turmeric rhizome and stem.

**Cur'cuma lon'ga, Turmeric.** -- The rhizome, U. S. P, 1820-1870; S. Asia, Indian Ocean Islands. Plant is a perennial; leaves radical, 1 M. long, lanceolate; flower-scape short, spike 15 Cm. long, flowers orange-yellow, in pairs; rhizome 2.5-5 Cm. long, 12 Mm. thick (long turmeric) to 18-25 Mm. thick (round turmeric), sometimes in sections, yellowish-gray, annulate, inside orange-yellow, fracture resinous; odor ginger-like; taste warm, aromatic; contains volatile oil 1 p. c., viscid oil 11 p. c., pungent resin, curcumin (coloring matter) .3 p. c., starch, ash 5-7 p. c. Powder deep yellow, brownish-red by alkalis or borax. There are several varieties: 1, Madras (best, bright yellow, often in cut pieces -- Pubna preferred); 2, Bengal (reddish, mostly round); 3, Java (reddish-gray); 4, Chinese (often branched); 5, Cochin (possibly from *C. viridiflo'ra*). Used as stimulant, tonic, aromatic, condiment, for jaundice, and as ginger; Tincture, 15 p.c., (diluted alcohol) for coloring ointments, solutions, etc.

## **Capim limão**

***Cymbopogon citratus***  
***Gramineae/Poaceae***



O gênero *Cymbopogon* conta com 56 espécies de gramíneas perenes, ocasionalmente anuais, aromáticas que ocorrem nas regiões tropicais e temperadas mornas da Eurásia. *Cymbopogon citratus* ocorre em savanas na Índia meridional e Sri Lanka. Como *Cymbopogon citratus*, várias outras espécies também são cultivadas devido aos seus óleos que são importantes na perfumaria, inclusive *Cymbopogon nardus* e *Cymbopogon flexuosus* (capim limão da Índia oriental).

Estas gramíneas aromáticas contêm grandes quantidades de citral e geraniol que são aromas respectivamente limão e rosa. *Cymbopogon martinii* (palmarosa), nativa da Índia, é uma espécie importante porque é uma fonte de óleo de gerânio e é usado em conjunto com o óleo essencial de rosa em perfumes, sabões e repelentes de inseto; *Cymbopogon martinii*, var. *sofia* (capim gengibre) tem um aroma mais rústico; *Cymbopogon flexuosus* (capim limão da Índia Oriental) de onde é retirado o óleo de capim-limão usado para aromatizar alimentos; *Cymbopogon nardus* (citronella) que cresce no Sri Lanka e também em Java é fonte para obtenção do óleo de citronella, semelhante em fragrância e propriedades à *Melissa officinalis*.

*Cymbopogon citratus* (capim limão) é uma planta perene que forma uma aglomeração robusta (touceira) como as de cana, mas em uma escala menor. As folhas são lineares, de até 90 cm de tamanho, e têm aroma de limão. No verão aparecem insignificantes panículas em espigas nas plantas silvestres, entretanto raramente nas de cultivos.

As partes usadas são as folhas, hastes e o óleo. Os talos são cortados ao nível do solo e usados frescos para extração de óleo, infusões e uso culinário. São secados para fabricação de polvilho. É uma erva amarga, aromática, refrescante, que aumenta a transpiração e alivia espasmos. Também é efetiva contra infecções fúngicas e bacterianas.

A erva é usada medicinalmente, internamente para problemas digestivos nas crianças e enfermidades febris secundárias, externamente para piolhos, problemas de pele, pé de atleta e sarna. Na arte culinária asiática, as folhas frescas são usadas como tempero, especialmente com peixe e carne. São feitas infusões das folhas frescas para chás. O óleo é usado em perfumes, sabões, hidratantes de cabelos, cosméticos, e como aromatizante na indústria alimentícia.

---



## Giesta Giesteira-das-vassouras

*Cytisus scoparius* (L.) LINK.

syn.: *Sarothamnus scoparius* (L.) WIMM. ex W.D.J. KOCH

Leguminosae (Fabaceae)

(Papilionaceae)



Mais de 30 espécies de arbustos decíduos e pequenas árvores pertencem ao gênero **Cytisus** que ocorrem na África do Norte, Ásia Ocidental e Europa. **Cytisus scoparius** é nativo em brejos, solos não cultivados e bosques na Europa; é uma planta familiar tanto no estado selvagem como em cultivos. A maioria das variantes citadas em catálogos são, de fato, híbridas e não são satisfatórias para uso medicinal. O nome Cytisus vem do grego "kytisos", termo usado antigamente para descrever várias leguminosas lenhosas e scoparius vem do latim "scopa", vassoura.

**Cytisus scoparius** é um arbusto com ramos verdes e angulosos, apresentando diminutas folhas alternas e trímeras. Na parte superior dos ramos, flores solitárias amarelas, parecidas com as de ervilhas, aparecem na axila das folhas durante o verão. O fruto é uma vagem avermelhada. Toda a planta é tóxica. A giesteira-das-vassouras cresce nas encostas ensolaradas, na orla das florestas, freqüentemente formando matagais. No entanto, muitas vezes não resiste ao frio no clima centro-europeu. Foi no século passado que as suas virtudes medicinais começaram a ser intensivamente exploradas. Seus usos medicinais estão listados em todos herbolários europeus mais antigos, sob denominação de "Planta genista" da qual a Real casa britânica de **Plantagenet** tirou seu nome.

Todas as partes da planta têm interesse farmacêutico: flores, cimeiras, sementes, raízes, mas são mais freqüentemente colhidas as cimeiras. As partes mais tenras dos caules são cortadas à mão, postas a secar à sombra, cortadas depois em fragmentos mais pequenos. Entre as substâncias ativas, a mais importante é o alcalóide esparteína que afeta o coração e nervos de modo semelhante ao curare. A giesteira-das-vassouras contém igualmente glicosídeos, taninos, óleos essenciais, sucos amargos. É uma erva amarga, narcótica que deprime a respiração, regula ação do coração e tem efeitos diurético e purgativo.

A forte toxicidade da planta leva a que raramente seja usada em medicina popular: serve principalmente de matéria-prima que permite isolar as diferentes substâncias ativas. Os remédios à base de esparteína são prescritos em casos de perturbações da atividade cardíaca e da circulação sangüínea. Dilatam as coronárias e aumentam a tensão. Outras substâncias tiradas da giesteira-das-vassouras estimulam a atividade dos músculos lisos e do útero, o que é utilizado em obstetria. Têm também um efeito fortemente diurético. A Giesta é também usada em associação com [Convallaria majalis](#), em casos de falha cardíaca. Excesso causa colapso respiratório. Não é recomendado para mulheres grávidas ou pacientes com pressão alta. As doses e a freqüência das administrações devem ser determinadas pelo médico.

As flores amarelas da planta servem de matéria-prima para fabricar um corante. Os ramos secos são utilizados para fazer vassouras (daí o nome vulgar da espécie). Planta sujeita a leis de controle como erva daninha em alguns países, notadamente em partes da Austrália.



## Mezereão

***Daphne mezereum* L.**  
**Thymeleaceae**



### ***Daphne genkwa***

É um arbusto decíduo ereto, escassamente ramificado, com folhas lanceoladas ou ovais de coloração verde-claro. Agrupamentos de flores ligeiramente fragrantas, lilás aparecem nas axilas antes das folhas novas aparecerem.

Várias espécies têm propriedades terapêuticas. ***Daphne mezereum*** contém combinações tóxicas semelhantes às de ***Daphne laureola*** e ***Daphne genkwa***. Estas espécies estão sendo atualmente investigadas por efeitos anti-leucêmicos. ***Daphne genkwa*** foi descrita pela primeira vez na literatura médica chinesa em 25 DC, baseado em textos que remontam a 1500 AC.

Colhe-se a casca, que deve ser retirada de ramos razoavelmente fortes no princípio da Primavera. É atada em feixes e suspensa para a secagem. Esta colheita deve ser feita em locais determinados e em escala limitada para não destruir as plantas. A casca contém alcalóides tóxicos, a dafnina e a mezereína. Estas substâncias são irritantes, rubificantes e

Cerca de cinquenta espécies de arbustos decíduos e perenes pertencem ao gênero ***Daphne*** que ocorre na Europa, África do Norte e Ásia. Daphnes são arbustos escolhidos para obtenção de madeira para confecção de caixilhos, pequenos batentes e recipientes, embora certas espécies, como a chinesa ***Daphne genkwa***, sejam de difícil crescimento. Daphne é o termo grego para loureiro, talvez assim chamado porque algumas espécies tem folhas parecidas com as dos loureiros; na mitologia grega, a ninfa Daphne foi salva dos assédios de Apollo tendo se transformada num loureiro.

***Daphne mezereum*** é um arbusto baixo com ramos cinzentos, crescendo nos bosques desde a planície até à montanha. Floresce cedo na Primavera, em cachos de flores rosa ou brancas e odoríferas; as folhas alongadas só aparecem depois da floração. Os frutos são bagas vermelhas. É uma espécie espontânea numa grande parte da Europa e da Ásia; tornou-se rara em numerosos países, onde é protegida por lei. Toda a planta é extremamente venenosa: o seu nome específico deriva do termo "maze-riyn", matar. Sob o ponto de vista médico, o mezereão é usado para acalmar as cefaléias e as dores de dentes.





vesicantes se o seu uso for prolongado. A dafnina é também alucinogéna. É uma erva amarga, picante, que controla tosses, e tem efeitos germicida, diurético, expectorante e laxativo. Antigamente, embora raramente, era prescrita como revulsivo ligeiro no tratamento de reumatismos e úlceras indolentes. Era também usada internamente para bronquite, constipação, edema e doenças de pele (especialmente sarna); e usada em hospitais chineses como um droga abortífera. Hoje a erva já não é mais considerada segura. Pomadas e unguentos só devem ser aplicados sob vigilância médica.

Os envenenamentos por bagas vermelhas são frequentes, sobretudo em crianças. Manifestam-se por ardores na garganta, vômitos, hemorragias. Chamar imediatamente o médico.

---

# Estramônio

***Datura stramonium* L.**  
***Solanaceae***



O gênero ***Datura*** é constituído por cerca de nove espécies de plantas anuais ou perenes de vida curta. Sua taxonomia é complexa e difícil. É comum dividir-se o gênero em 4 seções: Brugmansia, Stramonium, Dutra e Ceratocaulis. Muitas discussões tem havido sobre esse e outros critérios. Hoje está havendo aceitação pelos especialistas, de que se deve separar ao menos Brugmansia, transformando-a em um gênero distinto, restando oito espécies para o gênero *Datura*.

A origem do nome vem do hindú "dhát", um veneno preparado com plantas, e "tatorah", entorpecente. Plantas desse gênero e de alguns outros gêneros de Solanáceas apresentam compostos com propriedades alucinógenas, o que é conhecido desde tempos imemoriais. Povos primitivos, tanto da Eurásia como do Novo Mundo, fizeram intenso uso dessas propriedades em rituais místicos e religiosos, bem como para fins medicinais; outros usos eram criminosos, para tirar a consciência das pessoas para as roubar ou matar.

Os efeitos alucinógenos provocam visões e sensações que eram tidas como formas de comunicação com os deuses. Curandeiros e adivinhos buscavam inspiração nessas visões. Ritos de iniciação, bem como de passagem de condições de crianças para adultos, envolviam o uso de preparados dessas plantas. Na região de Bogotá as viúvas e os escravos dos guerreiros mortos recebiam uma bebida com extratos dessas plantas, com o que entravam em estado de torpor e assim eram enterrados vivos com os seus senhores. Plantas dos grupos mencionados não são substitutivas de plantas que fornecem drogas, como maconha, papoula ou coca, pois ao lado do efeito alucinógeno, existe um forte efeito tóxico, e uma "viagem" com Solanáceas frequentemente não tem retorno.

***Datura Stramonium*** é uma planta herbácea anual de porte poderoso, com caule ramificado suportando folhas alternas, ovais, dentadas e malcheirosas. Na axila das ramificações ou na extremidade dos caules, formam-se grandes flores tubulosas, brancas ou violáceas. O fruto é uma cápsula que encerra sementes pretas (em baixo).

Toda a planta é extremamente venenosa. Diversas espécies de *Datura* são originárias do Novo Mundo, mas *Datura stramonium* é originária de uma região à volta da Cordilheira do Himalaia, na Ásia Menor e de regiões a volta do Mediterrâneo, foi levada para as mais diversas regiões do mundo, sendo hoje de distribuição universal. Apresenta ampla ocorrência no Continente Americano, sendo que no Brasil pode ser encontrada em grande parte do território, mas raramente forma grandes concentrações. Cultiva-se em grande escala para fins medicinais.

São colhidas as folhas e as sementes. As folhas devem ser cortadas de manhã cedo, no princípio da floração. São primeiro secadas estendidas ao lado umas das outras, em seguida podem ser amontoadas. Num secador, a temperatura não deve ultrapassar os 45°C. As sementes são retiradas após a secagem das cápsulas. Os dois produtos contêm alcalóides derivados do tropano (0,4%), a hiosciamina, a atropina, a escopolamina. Estas substâncias são espasmolíticas (aliviam as contrações musculares), diminuem as secreções glandulares e dilatam os brônquios. São apenas tratadas no âmbito da indústria farmacêutica, e os remédios à base destas substâncias só podem ser prescritos por um médico. É uma planta tóxica para os animais e para o homem. Os envenenamentos de crianças pelas sementes de estramônio são relativamente freqüentes,

sendo a dose letal, aproximadamente, 20 sementes.

São igualmente cultivadas outras espécies de datura: ***Datura innoxia*** e ***Datura metel***, originárias da América do Sul, e ***Datura inermis***, originária da Abissínia, todas ainda mais ricas em alcalóides.

*"- A erva-do-diabo tem quatro cabeças; a raiz, a haste e as folhas, as flores e as sementes. Cada qual é diferente, e quem a tornar sua aliada tem de aprender a respeito delas nessa ordem. A cabeça mais importante está nas raízes. O poder da erva-do-diabo é conquistado por meio de suas raízes. A haste e as folhas são a cabeça que cura as moléstias; usada direito, essa cabeça é uma dádiva para a humanidade. A terceira cabeça fica nas flores, e é usada para tornar as pessoas malucas ou para fazê-las obedientes, ou para matá-las. O homem que tem a erva por aliada nunca absorve as flores, nem mesmo a haste e as folhas, a não ser no caso de ele mesmo estar doente; mas as raízes e as sementes são sempre absorvidas; especialmente as sementes, que são a quarta cabeça da erva-do-diabo e a mais poderosa das quatro".*

Don Juan, no livro "A Erva do Diabo" de Carlos Castañeda, referindo-se à Datura.

---



*Datura innoxia*



*Datura metel*



## Consólida-real

***Delphinium consolida* L.**

syn.: *Consolida regalis* S. F. GRAY

**Ranunculaceae**



O gênero ***Delphinium*** consta de umas 250 espécies bienais e perenais, encontradas nas regiões temperadas do norte e montanhas africanas centrais; Delphiniums são de perto relacionados aos acônitos (***Aconitum***). Ambos são venenosos, mas extensamente cultivados por suas belas flores azuis. O nome Delphinium vem do grego "delphis", golfinho, devido que as flores de algumas espécies se assemelham a esse animal.

***Delphinium consolida*** é uma planta adventícia anual, com caule ereto e ramificado, apresentando folhas sésseis, alternas, palmadas. As flores azuis na extremidade do caule têm uma excrescência em forma de esporão, encerrando uma reserva de néctar. Os frutos são vesículas. A espécie é originária das regiões mediterrânicas; difundiu-se no mundo inteiro simultaneamente com a cultura do trigo. O caule fresco, assim como as partes secas, sempre foi utilizado no tratamento de feridas, daí o seu nome específico: consolidare = cicatrizar.



***Delphinium staphisagria*** é uma espécie mediterrânea e é uma planta bienal com talos robustos e folhas palmadas felpudas e brilhantes. Densos racemos de pequenas flores azul-purpúreo escuro, com um pequeno esporão, aparecem do

início da primavera ao início do verão. O nome staphisagria deriva de "staphis", uva seca, e "agria", selvagem.

***Delphinium staphisagria*** e ***Consolida regalis*** são próximos relacionados, ambos contêm alcalóides diterpênicos que são extremamente venenosos e raramente são usado pelos herbolários atuais. Delphinium staphisagria era usado como

parasiticida para piolhos da cabeça nos tempos dos gregos e romanos.

São colhidas as flores e mesmo as cimeiras completas e também as sementes. As flores são apanhadas à mão sem o cálice verde, as cimeiras são cortadas na época de plena floração. Os materiais colhidos não devem ser pressionados. São secados em camadas finas num local escuro ou num secador à temperatura máxima de 35°C. Libertam um odor de mel e devem ser armazenados ao abrigo da luz, em invólucros fechados. São coletadas as sementes quando maduras para uso em loções e unguentos. Toda a planta, excetuando as flores, é venenosa: contém alcalóides, o glicosídeo delphinina e ácido aconítico no caule. Estas substâncias são diuréticas, vermífugas e catárticas. Só o médico está habilitado a prescrever infusões ou alcoolatos à base de consólida-real.

A planta é igualmente usada em medicina veterinária. Certas variedades com flores grandes são cultivadas como plantas ornamentais, mas não se utilizam medicinalmente.

---



## Dictamo-branco

***Dictamnus albus* L.**

**syn.: *Consolida regalis* S. F. GRAY**

**Rutaceae**



Seis espécies perenais compunham antigamente o gênero ***Dictamnus*** que atualmente é composto apenas por uma espécie. *Dictamnus* foi denominado por ter aroma semelhante ao de *Origanum dictamnus* que, por sua vez, provavelmente, foi denominado por sua origem ou dispersão no Monte Dikte, em Creta.

***Dictamnus albus*** é uma planta perene com rizoma esbranquiçado e ramificado, caule ereto terminado por um cacho de grandes flores rosadas. As folhas são imparifolioladas, verde-escuras, alternas sobre o caule. O fruto é uma cápsula estrelada que rebenta quando amadurece, projetando as sementes pelas proximidades. Toda a planta apresenta glândulas que libertam um intenso perfume laranja. O dictamo ocupa uma vasta área desde a Europa meridional até ao Norte da China, onde cresce em locais quentes, soalheiros, sobre substrato rochoso e calcário. É uma espécie protegida na maior parte dos países. ***Dictamnus albus*** foi descrito pela primeira vez em textos médicos chineses em 600 DC, e permanece uma erva importante por dispersar calor patogênico.

A parte medicinal é o rizoma. Depois de bem limpo, lavado e desembaraçado das partes verdes, deve ser seco rapidamente, de preferência num secador, a uma temperatura máxima de 40°C. Mesmo seco, liberta o

mesmo odor a laranja e tem um gosto amargo.

Contém um óleo volátil que pode se inflamar quando evapora, sucos amargos e um alcalóide, a dictamina. Estas substâncias, sobretudo os alcalóides, produzem contrações da musculatura uterina lisa, o que é utilizado medicamente. O dictamo é igualmente usado para tratar as afecções do tubo digestivo, contra os gases, para regularizar a evacuação e contra os parasitas intestinais. Prepara-se uma tisana, na proporção de uma colher de café de raiz picada para duas chávenas de água, para tomar dia sim dia não. Externamente é usado para doenças de pele, especialmente sarna e eczema. Nas pessoas muito sensíveis, o contacto do dictamo pode causar manifestações alérgicas (pruridos, inchaços, eczemas urticantes).

---

# Digital-lanosa

***Digitalis lanata* Ehrh**  
**Scrophulariaceae**



Planta herbácea bienal, formando, no decurso do primeiro ano, uma roseta terrestre; no decurso do segundo, um caule alto e ereto com folhas sésseis e lanceoladas. Na axila das folhas superiores formam-se flores campanuladas castanhas e brancas, constituindo uma espiga terminal. O fruto é uma cápsula. A espécie, originária dos países balcânicos, é cultivada em grande e pequena escala para fins medicinais, de preferência às outras espécies, em virtude da sua resistência ao gelo, às doenças e ainda pelo seu forte teor em matérias ativas. As sementes são semeadas na Primavera (para a colheita das folhas) ou no Outono (para a colheita da semente no ano seguinte).

As folhas são secadas durante um dia, à temperatura ambiente, em camada fina, antes de serem submetidas a uma temperatura superior. A umidade em excesso provoca a decomposição das matérias ativas e desvaloriza o produto. Este contém essencialmente glicosídeos: os lanatosídeos A, B e C. Tais substâncias têm uma ação terapêutica quatro vezes mais eficaz que a dos purpureaglicosídeos da dedaleira (*D. purpurea*). É usada pela sua poderosa ação cardiotônica de efeito rápido, nos casos agudos de falha cardíaca, na taquicardia ou na irregularidade da atividade cardíaca (por exemplo, estados asmáticos graves). O seu uso é feito exclusivamente no âmbito da indústria farmacêutica.



## **Dedaleira**

***Digitalis purpurea* L.**  
***Scrophulariaceae***



Planta herbácea bienal com caule alto, ereto e terminado por um belo cacho de flores violetas. No primeiro ano apenas se forma uma roseta de folhas; no segundo, a haste que suporta a inflorescência. As flores são grandes, campanuladas, violeta ou brancas, maculadas de violeta no interior. O fruto é uma cápsula. É uma espécie dos prados florestais europeus, também das clareiras, sobretudo em regiões montanhosas. É também uma planta ornamental muito apreciada e freqüentemente cultivada nos jardins; para a produção farmacológica, é cultivada nos campos.

São colhidas as folhas arrancadas ou cortadas durante o primeiro e o segundo ano de cultivo, com tempo quente e seco. As folhas secas devem ter uma percentagem de umidade tão baixa quanto possível (cerca de 3%) para que as substâncias ativas não sejam degradadas pelos processos enzimáticos. Deixa-se que murchem durante vinte e quatro horas à temperatura ambiente, depois são submetidas a uma temperatura mais elevada, até 70°C. Contém importantes glicosídeos com ação cardíaca, os purpureaglicosídeos A e B, fixados num composto açucarado e suscetíveis de serem mais divididos. Toda a produção deve ser tratada pela indústria farmacêutica, fornecendo a planta importantes remédios cardíacos que só podem ser usados sob vigilância médica. São prescritos no caso de falhas cardíacas, para diminuir a pulsação, regularizar uma atividade cardíaca arritmica ou insuficiente, assim como em casos de hipertrofia cardíaca. As substâncias à base de dedaleira são também diuréticas e têm a propriedade de se acumular no organismo.



# **Rorela**

***Drosera rotundifolia* L.**  
***Droseraceae***



Combinado com *Grindelia camporum*, *Euphorbia hirta* e *Polygala senega* para asma. Na homeopatia para coqueluche, tosses secas, garganta dolorida e laringite. Acarreta uma cor escura à urina.

Vide também: [Droseras de Cananéia](#).

---

Aproximadamente 100 espécies carnívoras perenes pertencem a este gênero diversificado que ocorre mundialmente; *Drosera rotundifolia* medra em campos úmidos ao longo da Eurásia temperada e América do Norte. Muitas rorelas são cultivadas por colecionadores de plantas carnívoras e a espécie mais comum é vendida como plantas alimentícia. O nome vem do grego drosos, "orvalho", e refere-se às gotas pegajosas de enzimas digestivas no pelos das folhas usadas para apanhar e ingerir insetos.

*Drosera rotundifolia* (rorela, rosa do sol) é uma planta perene, ocasionalmente anual, de porte pequeno com uma roseta de folhas vermelhas ou verdes, pegajosas e arredondadas. As flores brancas ou rosadas aparecem no verão e são seguidas por cápsulas de sementes aladas.

A rorela tem uma longa história de uso como medicamento. William Turner escreveu em 1568: "Nosso povo inglês têm hoje em dia muito confiança nela, e afirma ser boa para consumo, desmaios, e fraquezas" (*A New Herball*, 1551-68). Um licor de rorela, conhecido como *Rosa Solis*, era popular na Inglaterra, França, e Alemanha durante o século XVII por efeitos de fortalecimento e supostamente afrodisíacos.

Usa-se a planta inteira. É uma erva picante, quente, calmante, que tem efeitos diuréticos e expectorantes, relaxa espasmos, e controla a tosse. Contém pigmentos que são ativos num largo espectro patogênico. A erva é usada interiormente para asma, tosse aguda, bronquite, gripe, gastrite e úlcera gástrica.

## **Cavalinha-dos-campos**

***Equisetum arvense* L.**  
***Equisetaceae***



O gênero ***Equisetum*** consta de 29 espécies de plantas perenes robustas, reproduzidas por esporos, que ocorrem em lugares frescos e úmidos no mundo inteiro, menos na Australásia. ***Equisetum arvense*** e ***Equisetum hyemale*** são encontrados principalmente na Europa, América do Norte e Ásia. Os *Equisetum* quase não mudaram desde os tempos pré-históricos quando eles formavam uma grande parte da vegetação que acabou se decompondo e formando as jazidas de carvão. Algumas espécies são ervas daninhas perniciosas. De forma geral, uma vez que as plantas produziram os cones do quais os esporos se esparramam, os talos férteis morrem e são substituídos por estéreis.

As Cavalinhas têm uma química incomum, contendo alcalóides (inclusive nicotina) e vários minerais. Elas são ricas em sílica que lhes dão propriedades abrasivas usadas nos tempos Medievais e até o 18º século para esfregar panelas, vasilhas e outros utensílios. A cavalinha holandesa (***Equisetum hyemale***) foi durante muito tempo exportada pelos Países Baixos onde era cultivada abundantemente para este propósito. Certas Cavalinhas concentram ouro nos seus tecidos (embora em quantidade não suficiente garantir extração), mas são indicadores seguros para os prospectores.

***Equisetum arvense*** é uma planta perene sem flores, com rizoma subterrâneo negro, dando origem a dois tipos de caules: os da Primavera, articulados, sem clorofila, terminados por uma espiga esporangífera; os de Verão, verdes, verticilados. A cavalinha é uma adventícia vulgar sobre os solos ligeiros, arenosos, onde indica a presença de um lençol de água pouco profundo.

São colhidos, durante todo o Verão, os caules verdes. Depois de cortados secam rapidamente, à sombra, a uma temperatura de 40°C. Contêm uma baixa proporção de ácido silícico (esta proporção aumenta com a idade da planta), vestígios de alcalóides como a nicotina e a equisetina, glicosídeos, flavonas e saponinas. É uma erva adstringente, curativa que age principalmente no sistema genito-urinário e controla hemorragia interna e externa. O caule da cavalinha constitui um dos componentes principais das tisanas diuréticas, tendo ao mesmo tempo como efeito reduzir a transpiração excessiva. Tem igualmente uma ação anti-inflamatória (usava-se antigamente uma decocção de 5 g de caules secos por dia contra as afecções pulmonares e mesmo a tuberculose). Simples ou em mistura, a cavalinha exerce uma ação eficaz contra a arteriosclerose e como hemostático quer interno quer externo (hemorragias nasais, por exemplo). É também adicionado aos gargarejos contra as laringites, às compressas e lavagens de feridas que cicatrizam dificilmente, de erupções cutâneas, de úlceras. As outras espécies de cavalinha, exceto ***Equisetum hyemale***, não são colhidas para uso medicinal.





# Coca

## *Erythroxylum coca* *Erythroxylaceae*



O gênero *Erythroxylum* tem cerca de 250 espécies de árvores tropicais e arbustos, encontrados principalmente nas Américas e Madagascar. *Erythroxylum coca* é nativa nas altas altitudes dos Andes orientais. Extratos de Coca proveram a base da bebida Coca-Cola até o ano 1902, quando a cocaína foi proibida nos E.U.A. e passaram a ser usados extratos isentos de cocaína. O nome *Erythroxylum* deriva do grego "erythros", vermelho, e "xylon", madeira. Frequentemente, embora incorretamente, o nome é pronunciado *Erythroxylon*.

*Erythroxylum coca* é um arbusto perene com casca vermelho-marrom, folhas organizadas de forma espiral, marrom-verdes, elípticas, de até 7 cm de comprimento. Agrupamentos de pequenas flores brancas aparecem nas axilas, e são seguidas por bagas vermelho-laranja. As folhas frescas da planta contêm o poderoso alcalóide cocaína. *Erythroxylum coca* e várias outras espécies, como *Erythroxylum cataractacum* e *Erythroxylum novogranatense*, contêm alcalóides de tropanos. O mais importante é a cocaína, extraída pela primeira vez em 1860, mas agora amplamente substituída através de derivado sintéticos. *Erythroxylum coca* tem uma antiga história de uso como planta medicinal, psico-ativa e de ritual, caracterizando a origem dos mitos de várias tribos sul americanas. O uso de folhas secas pulverizadas e misturadas com as cinzas de outras plantas, como estimulante foi registrado desde os anos 500.

Origem de um anestésico e de um famoso refrigerante não alcoólico. A mastigação de folhas de coca pelo antigo povo do Peru data pelo menos desde os anos 500; foram encontradas pequenas bolsas de folhas de coca na urna funerária de um sacerdote mumificado do período pré-inca de Nazca. A primeira descrição detalhada da coca foi elaborada por Nicolas Monardes em 1565. O alcalóide cocaína foi isolado em 1860 e foi usado como anestésico local na primeira operação indolor de catarata em 1884. O uso social de cocaína e produtos derivados da folha de coca foram populares durante o 19º século e amplamente usados na sociedade. Vinho de coca se tornou moda. Muitas imitações isentas de álcool apareceram com o estabelecimento da proibição nos E.U.A.. Uma das mais populares foi feita por John Pemberton, que em 1886 produziu a "Bebida Intelectual com Temperança", Coca-Cola. Para sua fabricação só era utilizada coca descocainada porque a venda de cocaína estava proibida desde 1902. A cocaína também foi substituída nas cirurgias por sintéticos como a procaina.

As partes usadas da erva são as folhas. Uma erva amarga, anestésica local, que estimula o sistema nervoso central. A erva é usada externamente em preparações para eczema, erupção cutânea por urtiga, hemorróidas, neuralgia facial e como anestésico local em cirurgias (cocaína). Combinado com morfina (veja [Papaver somniferum](#)) como "coquetel Brompton" para aliviar dores de pacientes terminais. Só para uso por médicos qualificados. Folhas de coca eram mastigadas pelos Incas e descendentes como um estimulante durante o trabalho de diário, e era um valioso bem em um sistema comercial baseado mais em trocas que dinheiro. As folhas frescas ou secas são mantidas na boca (não mastigadas nem engolidas) nos países de origem para aliviar fadiga e fome. Vide "COCA - The divine plant of the Incas", [em formato pdf](#) (Acrobat Reader), em <http://chili.rt66.com/hrbmoore/ManualsOther/ManOther.html>. Excesso ou uso persistente de cocaína (mas não coca) causa tremores, convulsões, perda de memória, ilusões, hiperatividade, e emagrecimento.

**Advertência:** Esta erva, especialmente na forma de cocaína e folhas de coca, está sujeita a restrições legais na maioria dos países. A colheita e o processamento de plantas de coca estão sujeitos a restrições legais em muitos países. Também sujeito a controle estatutário como erva daninha em alguns países, principalmente na Austrália.

# Eucalipto

*Eucalyptus* sp.  
Myrtaceae



Mais de 500 espécies de árvores e arbustos aromáticos perenes pertencem ao gênero ***Eucalyptus*** que é nativo na Austrália. O eucalipto foi introduzido, com muito sucesso, na Europa, Argélia, Índia, México, E.U.A., América Central e do Sul. Os eucaliptos estão entre as plantas de mais rápido crescimento e as árvores mais altas do mundo. Os ramos crescem com rapidez e podem atingir mais de quatro metros em um ano. Existem espécies cujas árvores registram alturas superiores a 100m. Muitas são cultivadas para extração de madeira e outras como ornamentais por sua bela folhagem e formato de sua casca. As flores do eucalipto são pequenas e geralmente brancas. Sua beleza corre por conta dos estames, numerosos, livres e dispostos em várias séries. Em algumas espécies são de colorido intenso, como em ***Eucalyptus ficifolia***, em que são rubros. O fruto é uma cápsula cheia de diminutas sementes. Na Austrália e ilhas vizinhas, de onde é nativo, o eucalipto forma extensas florestas de altas árvores com poderosos troncos.

O eucalipto tem inúmeras aplicações. Há espécies que se adaptam a condições particulares de solo e outras cujo cultivo se recomenda pelo emprego a que se destinam. Algumas podem ser cultivadas em terras secas; ou em terras úmidas; alagadiças; em condições de proximidade do mar; outras são indicadas para terras pouco férteis; ou de boa fertilidade; ou ainda para solos arenosos. São muito empregados, por seu rápido crescimento e porte, para formar quebra-ventos ou em arborizações rodoviárias. Grande quantidade de pés se cortam anualmente para fornecer postes e mourões de cercas. Há qualidades indicadas como produtoras de madeiras para marcenaria, para construções e para lenha. Dormentes e carvão de madeira são produzidos regularmente com o eucalipto. Seu grande crescimento exige grande absorção de água, motivo pelo qual é usado para sanear regiões pantanosas.

Os eucaliptos são ricos em óleos voláteis, com mais de 40 tipos diferentes registrados. Os mais comuns são: cineol (eucaliptol), um composto terpênico com o odor típico do eucalipto; citronelal, com aroma de limão; piperonal, um aldeído fenólico com odor de menta; e pineno, de odor semelhante ao da aguarrás. A incisão na casca dos eucaliptos também fornecem uma resina oleosa que contém taninos. A destilação seca produz gás em apreciável quantidade. O óleo de eucalipto tem emprego em perfumaria e cosmética. Os usos médicos do eucalipto e seus produtos se relacionam com as propriedades antissépticas e estimulantes de que são dotados.

Os usos do eucalipto pelos Aborígenes australianos são pouco conhecidos, mas a casca, a resina e as folhas eram usadas medicinalmente. A decoção da casca para banhos, chagas e disenteria. O carvão obtido da casca é considerado anti-séptico; soluções de água da resina (de ***Eucalyptus gummifera***) era usado contra disenteria e inflamação da bexiga. As pessoas ao norte preferiam a espécie ***Melaleuca***, porque os eucaliptos do norte têm relativamente baixos teores de óleo. Além desses descritos abaixo, As folhas das espécies ***Eucalyptus polybractea***, ***Eucalyptus australiana*** (var *radiata*), e ***Eucalyptus smithii*** são destilados para obtenção de óleo de eucalipto; outras, como ***Eucalyptus gummifera***,

***Eucalyptus haemastoma*** e ***Eucalyptus racemosa*** são fontes de resina; a rutina contida em ***Eucalyptus macrorhyncha*** é usada para fortalecer vasos capilares; ***Eucalyptus macarthurii*** é rico em acetato de geranyl, usado em perfumaria. As folhas de várias espécies, inclusive ***Eucalyptus mannifera*** e ***Eucalyptus viminalis***, apresentam uma substância adocicada quando ferida por insetos. Este "maná" tem um moderado efeito laxativo, semelhante ao encontrado no exudato de ***Fraxinus ornus***. A produção comercial de óleos de eucalipto começou em 1860 em Victoria, Austrália, por um emigrante de Yorkshire, Joseph Bosisto. Em comum com todos os óleos voláteis, os óleos de eucalipto são tóxicos e requerem precaução na manipulação, armazenamento e uso.



***Eucalyptus globulus*** (eucalipto azul) é encontrado em vales úmidos de New South Wales e Victoria; é uma árvore frondosa e de grande porte; sua casca lisa branca-cremosa vai se descascando e renovando ao longo do tempo; a folhagem juvenil é ovalada e de coloração prata-azulada. As folhas adultas são brilhantes, têm formato de foice e medem até 25cm de comprimento. As partes usadas são as folhas e o óleo. Os componentes ativos são óleos voláteis, principalmente cineol (eucaliptol), terpineol e pineno; ácidos polifenólicos (gálico, caféico) e flavonóides (eucalptina, rutina). É uma erva aromática, estimulante, descongestionante e expectorante, relaxa espasmos e abaixa febre. É efetiva contra muitos organismos bacterianos, especialmente staphylococci. É usada externamente, em inalações, para catarro, bronquite, sinusite, resfriados, e gripe; em linimentos, para contusões, torceduras e dores musculares; em unguentos, para feridas e abscessos. Excesso causa enxaquecas, convulsões, delírio, e pode ser fatal. Em uso econômico é usado como aromatizante em produtos farmacêuticos e removedores de manchas de graxa e óleo, e desinfetantes. Fornece uma espécie de madeira importante, que foi usada para confeccionar quilhas de navios no 19º século. Foi amplamente plantado para drenar solos pantanosos, notadamente na Itália e Califórnia.



***Eucalyptus citriodora*** é uma árvore esbelta encontrada em platôs secos de Queensland, com casca áspera e pulverulenta de coloração branca (às vezes rosa ou vermelha), folhas juvenis lanceoladas. A folhagem adulta é lisa, mais estreita e muito mais longa que a juvenil. Todas as partes contêm forte aroma de limão. As partes usadas são as folhas, óleo e resina. É uma erva aromática, adstringente que é efetiva contra algumas infecções bacterianas e fungais. É usada externamente para pé de atleta, caspa, herpes, candidíase, infecções causadas por *Staphylococcus aureus* (como furúnculos, impetigo e septicemia), e como em inalação para febres, asma e laringite. Folhas secas aromáticas são incluídas na alimentação como tempero e em sachês. É a fonte mais rica e econômica conhecida de citronelal, usada em perfumaria, detergentes e repelentes de insetos.



***Eucalyptus dives*** é encontrado em bosques e é uma árvore de pequeno porte, privada de caule e com formato de coração; as folhas juvenis têm coloração azul esverdeada. A folhagem adulta é espessa, brilhante e amplamente lanceolada. No verão pequenas flores brancas aparecem nas axilas foliares. Suas partes usadas são as folhas e o óleo; o óleo predominante varia de acordo com a região de extração; o óleo volátil consiste principalmente em piperonal, cineol (eucaliptol), ou timol. É uma erva aromática, anti-séptica que tem efeitos anti-inflamatórios. Plantas que contêm principalmente piperonal são as mais amplamente usadas. É usado externamente para bronquite, infecções da boca e garganta, gripe, resfriados, neuralgia, ciática, artrite, torceduras e contusões. O mentol e timol são usados em preparações para higiene oral.

***Eucalyptus camaldulensis*** é uma árvores frondosa que cresce às margens dos rios e encontrada ao longo de toda a Austrália. Possui uma casca lisa, de coloração variando deste o branco até um marrom avermelhado. As folhas lanceoladas e alongadas se tornam mais pontiagudas nas árvores maduras. Umbélicas de pequenas flores de cor creme florescem no verão. Dele são usados as folhas, o óleo e a resina. É uma erva aromática, adstringente, tônica que adere aos dentes e torna vermelha a saliva. É usada internamente para diarreia; externamente para gargantas doloridas, resfriados, febres, chagas e feridas.

No Brasil, o grande incentivador da cultura do eucalipto foi Navarro de Andrade, executor da política florestal da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Navarro trabalhou de 1903, quando organizou o Hórto de Jundiá, até 1941, tendo fundado ao todo 17 hortos para a Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Estudou os eucaliptos sob vários aspectos e fez uma coleção de 150 espécies. Grandes áreas têm sido plantadas com florestas de eucalipto. São florestas de rendimento, geralmente de propriedade de particulares, e cuja exploração racional visa satisfazer à demanda de madeiras, cada vez mais difícil de atender, frente à destruição maciça das florestas nativas. Usinas siderúrgicas e indústrias de papel, entre outras, procuram garantir o suprimento adequado de matérias primas pela execução de grandes plantios cuja rotatividade do corte lhes assegure a perenidade dos empreendimentos. O reflorestamento com eucalipto tem se revelado promissor nos solos profundos, permeáveis e de limitada fertilidade.





## Freixo-europeu

***Fraxinus excelsior* L.**  
**Oleaceae**



Aproximadamente 65 espécies de árvores decíduas, principalmente robustas, compõem o gênero ***Fraxinus*** que ocorre ao longo das partes temperadas do hemisfério do norte. *Fraxinus ornus* é encontrado em bosques da Europa meridional e Ásia ocidental. A maioria dos freixos é de rápido crescimento e tolera uma grande variedade de condições ambientais. Eles têm folhas penatissectas e flores insignificantes, com a exceção dos freixos denominadas "florescentes". Estes incluem várias espécies ornamentais, como *Fraxinus ornus* que produz vistosas panículas de flores brancas.

***Fraxinus excelsior*** (Freixo-europeu) é uma bela árvore com ramos flexíveis, cinzento-esverdeados, apresentando gomos negros que produzem, no princípio da Primavera, diminutas flores castanho-avermelhadas, agrupadas em feixes. É somente depois de as flores murcharem que se formam as folhas penatissectas, imparifolioladas, compostas de folíolos dentados. Os frutos são sâmaras. É uma espécie da orla dos bosques, das ruas, comum junto às habitações. As propriedades medicinais da casca são conhecidas desde a Antiguidade, sendo então usada como febrífugo, à falta de quinino.

São colhidas tanto a casca como as folhas. A casca é retirada dos ramos novos, de preferência em árvores abatidas. Contém um glicosídeo, a fraxina, taninos e princípios amargos. Os folíolos são colhidos à mão. Contém também fraxina, manite, ácidos orgânicos, taninos e açúcares. As partes colhidas são secadas sobre grades de canas, à sombra, num local bem arejado. São ligeiramente laxantes e usadas para regularizar a evacuação, bem como contra os parasitas intestinais. São também utilizados como febrífugos, nas afecções renais e especialmente em casos de cálculos, contra as dores reumáticas e a gota. Uma colher de folhas secas por chávena de água, dar uma escaldadela, deixar em infusão durante 5 minutos e depois beber várias vezes por dia. A casca é usada segundo a mesma dosagem, mas é preciso deixá-la ferver um momento. As folhas servem também para lavagem de feridas.

***Fraxinus ornus*** (freixo-maná) é uma pequena árvore robusta, decídua com uma copa



arredondada e casca lisa cinzenta. Tem folhas verdes penatissectas divididas e densas panículas de flores brancas-cremosas, fortemente aromáticas, que aparecem no início da primavera. O nome comum, freixo-maná, se refere à seiva açucarada que escoia da casca quando a árvore é ferida e torna-se granulada como "maná". Na Itália, o "maná" de *Fraxinus ornus* foi coletado desde o 15º século, principalmente de plantações na Sicília. A palavra "maná" é usada desde tempos bíblicos para descrever os exudatos doces de várias plantas, mas em 1927 uma lei italiana reservou o nome para o produto do ***Fraxinus ornus*** e definiu seus componentes.

De ***Fraxinus ornus*** é colhida a seiva que é adocicada, ligeiramente laxativa e acalma tecidos irritados. É usada internamente, dissolvida em água, como um laxante suave para crianças e mulheres grávidas. Também é adicionada a outros laxantes. Como uso econômico, é usada como adoçante em preparados livres de açúcar e como agente anti-umectante.

A madeira de freixo é branca, dura e presta-se bem ao fabrico de utensílios e mobiliário. É também uma excelente planta melífera.

## Erva-de-santa-luzia

***Euphorbia hirta* L.**

**Syn: *Chamaesyce hirta* Millsp.**

***Euphorbiaceae***



### **Euphorbia hirta**

Erva-de-santa-luzia ou Erva-andorinha, é uma planta nativa em regiões tropicais e sub-tropicais, ocorrendo desde o sul dos estados Unidos até o norte da Argentina e também amplamente disseminada por outras regiões tropicais do mundo. No Brasil ocorre em quase todo o território, com possível exceção da Bacia Amazônica. É uma erva daninha anual, com talos pilosos e folhas ovais de até 4cm de tamanho ocorrendo sempre aos pares. Densos glomérulos com 1 - 1,5 cm de diâmetro ocorrem alternadamente à direita e à esquerda das axilas foliares. Os frutos são cápsulas vermelho-esverdeadas.

A maioria das euporbiáceas são altamente irritantes, contêm carcinogênicos, ésteres diterpênicos e são fortes purgativos. A espécie chinesa ***Euphorbia kansui*** é naturalmente usada para este fim. ***Euphorbia pekinensis*** também tem efeitos diurético e anti-bacteriano. A norte-africana ***Euphorbia resinifera*** (euphorbium) é outro purgativo drástico, atualmente considerado muito perigoso para uso medicinal. ***Euphorbia lathyris*** é muito tóxica para ser usada medicinalmente, contendo um violento óleo purgativo semelhante a óleo de croton (extraído de *Croton tiglium*). ***Euphorbia hirta*** é isenta de ésteres e é considerada mundialmente como sendo uma erva segura e efetiva.

As partes usadas são a planta inteira e o suco. As plantas são cortadas quando florescendo e usadas frescas para suco, ou secas para uso em infusões, extratos líquidos e tinturas. É uma erva picante, amarga, anti-séptica que expela flegma e alivia espasmos. É usada medicinalmente, interiormente para asma, bronquite, enfisema, tosse nervosa, catarro, febre do feno e disenteria amébrica. Externamente para queimaduras e verrugas (suco). Combinado com ***Grindelia camporum*** para bronquite e asma.

Advertência: A maioria das euporbiáceas são tóxicas se ingeridas, inclusive a mandioca (***Manihot esculenta***) que não deve ser ingerida crua pois apenas perde sua toxicidade pelo calor do cozimento ou da secagem para produção de farinha. A seiva (látex) é um sério irritante para a pele e para o olho.

Entre as dicotiledôneas, a família ***Euphorbiaceae*** é uma das maiores, contando com cerca de 5.000 espécies distribuídas por uns 300 gêneros; só o gênero ***Euphorbia*** apresenta mais de 700 espécies, muitas das quais são suculentas. Entre as euporbiáceas encontram-se árvores, arbustos, sub-arbustos e ervas. Um grande número de espécies é latescente e algumas espécies contêm substâncias tóxicas. Considerando-se a grandeza da família, é surpreendente que apenas poucas espécies são exploradas pelo homem, como exemplo a seringueira, a mandioca, a **mamona** e algumas plantas ornamentais.

Também poucas espécies são importantes como invasoras, mas algumas, como ***Euphorbia heterophylla***, são extremamente agressivas. As euporbiáceas apresentam sistemas de inflorescências muito variáveis, geralmente bastante complexos. As flores são sempre unisexuais, mas as plantas podem ser monóicas ou dióicas. A origem do nome Euphorbia, segundo Plínio, é a seguinte: o Rei Juba II, da região que hoje é a Mauritània, no ano 30 AC., designou uma planta com o nome de Euphorbia, em homenagem a seu médico Euphorbus, que lhe havia apontado propriedades medicinais. Essa planta é hoje designada ***Euphorbia resinifera*** Berg. e ainda ocorre no norte da África. Linnaeus usou o nome Euphorbia para designar todo um gênero.





## **Rícino, Mamona**

***Ricinus communis* L.**

**Syn.: *Ricinus hibridus* Bess.**

**Syn.: *Ricinus leucocarpus* Bert.**

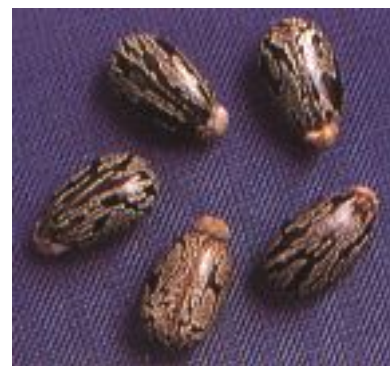
***Euphorbiaceae***



O rícino, provavelmente originário da África, sendo já conhecida pelos antigos egípcios e também conhecida desde a mais remota antiguidade na Índia e por isto alguns autores consideram-na de origem asiática, é uma planta herbácea anual no centro da Europa, um arbusto plurianual na Europa meridional e uma árvore perene nas regiões tropicais. No Brasil ocorre em todas as regiões habitadas, sendo mais frequente onde tenha sido cultivada e ao longo das estradas por onde transitam cargas de sementes.

O caule apresenta folhas palmadas, avermelhadas, alternas; termina numa panícula de flores unissexuadas, pistiladas no cimo, estaminadas na base da panícula. O fruto é uma cápsula espinhosa que contém sementes grandes de várias cores (em baixo à direita, fazendo lembrar um pouco feijões, mas também carrapatos). O rícino é uma planta utilitária muito antiga, cultivada nas regiões quentes pelas suas sementes oleaginosas. No Egito antigo e no Oriente, o óleo era utilizado para tratamento da pele, das feridas, do cabelo, assim como para fins técnicos. Numerosos cultivares de rícino são conhecidos atualmente e cultivados pelas suas qualidades ornamentais, medicinais ou econômicas. Das sementes extrae-se um óleo com excelentes qualidades como lubrificante e para freios hidráulicos.

Do ponto de vista medicinal, são úteis as sementes. São colhidas em plena maturidade, manualmente em pequenas superfícies, à máquina nas grandes culturas. Depois de estarem bem secas, as



sementes de rícino são peladas e pressionadas a frio. Contêm até 50% de óleo, mas também uma albumina venenosa, a ricina, que é eliminada pela ebulição do óleo com água. O óleo de rícino é um laxante suave; é consumido com bebidas quentes e aromatizadas, segundo a dose de uma a duas colheres para adultos e de meia a uma colher de café para crianças. Este óleo é também vermífugo. O seu teor em rícino torna as sementes extremamente tóxicas: a dose letal é de seis sementes para uma criança, dez sementes para um adulto.

Do ponto de vista econômico, o óleo de mamona já era usado para lubrificar os engenhos de cana de açúcar. Por ser estável numa ampla faixa de temperaturas, é hoje usado como lubrificante de turbinas a jato em artefatos aero-espaciais; presta-se para inúmeras finalidades industriais, no fabrico de tintas, isolantes, cosméticos, corantes e produtos farmacêuticos. Depois da extração do óleo, o resíduo sólido, denominado torta de mamona, é usado como adubo orgânico.

A figura principal mostra um rácemo com flores masculinas na parte inferior e femininas na parte superior. A foto à direita



# **Eufrásia**

***Euphrasia officinalis* L.**  
**Scrophulariaceae**



O gênero ***Euphrasia*** é cosmopolita e inclui cerca de 450 espécies de plantas semi-parasitas, sendo geralmente considerado como um grande grupo de espécies semelhantes com pouquíssimas delas que se destacam tais como ***Euphrasia rostkoviana*** e ***Euphrasia montana***. De modo geral as Euphrasias são difíceis de cultivar por causa do ambiente de crescimento que requerem. O nome genérico deriva do termo grego euphrasia que se traduz por alegria e representa a alegria da cura.

***Euphrasia officinalis*** é uma planta anual com caule baixo e ramificado, apresentando folhas opostas, pequenas e dentadas. Na axila das folhas surgem flores brancas, flavescentes ou violáceas, nitidamente bilabiadas. O fruto é uma cápsula. É uma espécie relativamente comum e abundante nos prados úmidos, nas pastagens e mesmo na floresta ao longo da Europa, sendo parasitária de ***Trifolium pratense***, várias espécies de ***Plantago*** e de diversas gramíneas.

Sempre foi conhecida pelas suas propriedades benéficas para as afecções oculares.

***Euphrasia officinalis*** foi registrada no 14º século como uma erva medicinal para "todos os males do olho", ganhando esta crença pela Doutrina de Assinaturas: "As faixas e manchas purpúreas e amarelas das flores da Euphrasia muito se assemelham às doenças dos olhos como vista sanguinolenta, e etc. Por esta assinatura se faz descoberto que esta erva é eficaz para a cura do mesmo".

São colhidas as cimeiras. A parte superior do caule é cortada à mão, com flores e folhas, são eliminadas as partes lenhificadas e depois procede-se à secagem sobre grades de canas em camadas finas. Contêm um glicosídeo, a aucubina, taninos, um óleo essencial, sucros amargos, pigmentos. É uma erva amarga, adstringente que reduz inflamação. As cimeiras são sobretudo usadas em compressas e loções oculares, por vezes com água boricada, preparando um extrato aquoso na proporção de 5 g de partes ativas para 100ml de água, a macerar durante 25 minutos. Estas loções são eficazes em caso de lacrimações, conjuntivites, sensibilidade excessiva à luz e fadiga ocular. Também usada para catarro, sinusite, rinite alérgica, febre do feno e infecções das vias respiratórias superiores. A infusão de eufrásia é igualmente usada para abrir o apetite, estimular a secreção dos sucos digestivos e regularizar a digestão. A medicina popular recomenda-a contra as perturbações nervosas, dores de cabeça, a histeria, as insônias e as câibras. Externamente para conjuntivites, injúrias nos olhos, herpes, eczema gotejante e feridas que custam a cicatrizar. É uma excelente planta melífera.

---

## **Trevo-branco**

***Trifolium repens* L.**  
***Leguminosae (Fabaceae)***



Planta herbácea perene com caule radicante, ascendente na parte superior. Este caule radicante dá origem a folhas trifolioladas, longamente pecioladas, apresentando uma mancha esbranquiçada na página superior. As flores brancas estão agrupadas em capítulos também longamente pedunculados. Após a floração, os capítulos murcham, inclinando-se para o solo. Os frutos são vagens com sementes ocre. É uma espécie vulgar nos prados, nas pastagens, à beira dos caminhos, sobre os terrenos de jogo. As fotos expostas foram tiradas em novembro de 1999, numa área de lazer da periferia da cidade de São Paulo, Brasil. Considera-se uma excelente planta forrageira.

São colhidos, para fins medicinais, os capítulos. Estes são cortados à mão, com pedúnculo muito curto, no começo da floração. A secagem faz-se em camadas finas sobre grades de canas, à sombra, com ventilação. No secador, a temperatura não deve ultrapassar os 35°C. Os capítulos têm aroma de mel e gosto

ligeiramente adstringente. São armazenados secos em recipientes bem fechados. Contêm sobretudo taninos, açúcar, mucilagem, ácidos orgânicos. A medicina familiar emprega-os para tratar catarros gastrintestinais e diarreias fortes. O trevo-branco serve também para tratar as perturbações das vias respiratórias superiores (mesmo através de inalação), as inflamações glandulares, as dores reumáticas. A infusão é preparada com seis colheres das de café de flores cortadas, escaldadas, maceradas e deixadas a descansar durante dez minutos. Pode-se também usar as flores frescas.

O trevo-branco renasce rapidamente após o corte, podendo efetuar-se várias colheitas por estação. É um excelente alimento para as abelhas, pois pode fornecer até 100kg de mel por hectare.





# Tanchagem

***Plantago lanceolata* L.**  
**(Plantaginaceae)**



Planta herbácea perene com uma roseta de folhas lanceoladas e longas hastes florais estriadas. As flores formam uma espiga cilíndrica. O fruto é uma cápsula dispérmica. A espécie está difundida na Europa e na Ásia, sobretudo à beira dos prados, das pastagens, em terrenos baldios, nos jardins. O consumo medicinal é proporcionado pela cultura hortícola ou nos campos.

São colhidas as folhas, depois secadas em camadas finas, à sombra, ou num secador, a 40°C no máximo. As folhas não devem ficar escuras. Entre as substâncias que contém, as mais importantes são o glicosídeo aucubina (até 1,8%, instável, provocando o escurecimento das folhas), a catalpina, mucilagens, carotenóides, enzimas e ácido silício. A tanchagem é um remédio comprovado no tratamento das vias respiratórias superiores, pois é expectorante e ao mesmo tempo protege as mucosas (expectorans e mucillaginosum).



Contra a tosse, a tosse convulsa, a rouquidão, o catarro dos brônquios, etc., [emprega-se a infusão] feita com 1,5g de folhas secas, a tomar de uma só vez. Para as crianças, [recomenda-se, contra a tosse, um xarope de tanchagem: suco engrossado e adoçado com mel ou açúcar. As sementes inteiras são um laxante eficaz e] inofensivo. Sobre os inchaços, as contusões, as feridas infectadas, as [queimaduras, as picadas de abelhas ou vespas, podem aplicar-se] compressas de folhas frescas esmagadas. O suco de [tanchagem é utilizado para gargarejos, em caso de amigdalite, e para] lavagens oculares.

A foto à direita mostra um exemplar de [Plantago major](#).





*Plantago major* - Tanchagem

## Trigo-mourisco

***Fagopyrum tataricum* (L.) Gaertn.**  
***Polygonaceae***



Planta herbácea anual com caule ereto, verde, apresentando folhas alternas, sésseis, sagitadas. Na extremidade do caule, surgem flores esverdeadas em cachos provenientes da axila das folhas. Os frutos são aquênios triquetros (pormenor em baixo). O trigo-mourisco é originário da Ásia central. Era já cultivado pelas populações nômades, em virtude do seu curto período vegetativo: apenas 90 dias. Dá sementes ricas em amido, utilizadas em farinha e sêmola.

Foi com a descoberta da rutina, uma substância que influencia a resistência e a permeabilidade dos capilares sanguíneos, que o trigo-mourisco começou a ser usado para fins farmacêuticos. Com efeito, as suas cimeiras são a principal matéria-prima para a produção da rutina. A cultura na sua totalidade é ceifada mesmo antes da floração, colocada imediatamente num secador e secada rapidamente a uma temperatura que atinja os 50°C. Após a secagem, as partes ativas, que contêm até 1% de rutina, são tratadas industrialmente para que se obtenham medicamentos eficazes contra as perturbações circulatórias. Atualmente, a rutina é obtida cada vez mais por tratamento das partes de uma árvore, a sófora-do-japão (***Sophora japonica***), e o trigo-mourisco tende a perder o seu interesse.



O trigo-mourisco é uma excelente planta melífera. É adequada como planta forrageira somente se o gado não permanece ao sol. Caso contrário, corre o risco de ser atingido por fagopirismo: uma doença que se manifesta através de dermatoses, edemas da cabeça e do pescoço e câibras.

A figura inferior mostra *Fagopyrum esculentum*.



# **Fumária**

***Fumaria officinalis* L.**  
**Papaveraceae**



O gênero ***Fumaria*** consta de 55 espécies anuais, normalmente rastejantes ou trepadeiras, que ocorrem ao longo da Europa, Ásia Central e nas terras altas da África Oriental. ***Fumaria officinalis*** é nativa na Europa e Ásia e naturalizada na América do Norte. As Fumárias são de perto relacionadas às papoulas e semelhantemente contêm alcalóides, embora em quantidades menores. O nome científico vem do latim "fumus", fumo, e se refere ou a uma lenda de que a planta se desenvolveu a partir de vapores terrestres, ou ainda em virtude do seu odor, da propriedade de irritar os olhos e da cor acinzentada da fumaça irritante que produz quando está queimado.

***Fumaria officinalis*** é uma planta herbácea anual com caule frágil, baixo e ramificado, apresentando folhas divididas de cor glauca. As pequenas flores tubulosas, reconhecíveis devido ao seu esporão, aparecem em meados do verão até o início do outono, e estão agrupadas num longo cacho violáceo. O fruto é um aquênio. É uma adventícia freqüente das culturas, dos jardins e das vinhas. Utiliza-se desde a Antiguidade pelas suas aplicações medicinais e cosméticas. Há antigas prescrições que contêm ***Fumaria officinalis*** como ingrediente principal, usadas para um grande número de reclamações. "Um xarope feito do suco da erva, misturado ao xarope de rosas de damasco, fores de pêssego ou sena, era a fórmula mais singular contra melancolia hipocondríaca, qualquer que seja, em qualquer pessoa" (citação sem referência da senhora Lamente em A Modern Herbal, 1931).

São colhidas as cimeiras, à mão, cortando toda a planta rente ao solo. São secadas sobre grades de canas em camadas finas, sem manipulações inúteis, ou em feixes, suspensos num local arejado. A temperatura de secagem ótima é de 35°C. Depois de estar seca, a

fumária deve ser conservada em local seco, dentro de recipientes bem fechados. Contém alcalóides, sobretudo a fumarina, bem como taninos. Atua sobre os músculos lisos e acelera o peristaltismo intestinal, o que a torna aperitiva; tem igualmente um efeito diurético e colagogo. Em administrações internas, como em aplicações externas, purifica a pele, elimina erupções incômodas, inclusive eczema e dermatite e, juntamente com folhas de **nogueira**, trata as hemorróidas.

A fumaria é uma planta tóxica: em dose elevada, provoca sonolência, paralisia dos músculos lisos e dos centros respiratórios. O seu uso deve fazer-se sob vigilância médica.

---



# **Nogueira**

***Juglans regia* L.**  
***Juglandaceae***



Árvore com casca de coloração inicialmente castanha, adquirindo, com a idade, um tom cinzento e uma superfície rugosa; as folhas imparifolioladas libertam um odor aromático. As flores estaminadas estão agrupadas em amentos, as flores pistiladas formam botões terminais. A noqueira floresce na Primavera, antes do aparecimento das folhas. Os frutos, drupas, são as nozes de todos conhecidas. É uma espécie originária do sudeste europeu e da Ásia ocidental. É plantada nas ruas ou em jardins, como ornamental e frutífera.

Para fins medicinais, é colhido o pericarpo verde retirado das nozes maduras. É secado em camada fina ao sol ou num secador, voltando-o frequentemente, até que adquira uma cor castanho-escuro. São colhidos também à mão os folíolos novos, que se secam rapidamente, estendidos sobre grades. Ambas as partes contêm um tanino, a juglanina, taninos gálicos, óleo essencial e um glicosídeo, a hidrojuglona. A terapêutica moderna emprega-os como adstringentes no tratamento das perturbações gástricas e intestinais (3 colheres de café para duas chávenas de água, por dia). O produto tem igualmente um efeito calmante sobre o sistema nervoso e uma ação espasmolítica. É também utilizado como hemostático. Externamente, as preparações a base de noqueira servem, em dermatologia, para tratar frieiras e como gargarejos.

O miolo da noz é rico em lípidos e abundantemente utilizado na indústria alimentar. A madeira de noqueira é usada em marcenaria.

# Galega

## ***Galega officinalis*** **Leguminosae (Fabaceae)**



Apenas seis espécies perenais compõem o gênero ***Galega*** que ocorre na Europa central e meridional, Ásia ocidental (***Galega officinalis***) e África oriental tropical. Algumas espécies são cultivadas por sua atraente folhagem penatissecta e seus racemos coloridos. Um dos nomes populares, arruda-de-bode, deve-se ao cheiro de sujeira que surge da folhagem quando contundida. O nome Galega vem do grego "gala", leite, porque estas plantas têm reputação de aumentarem a lactação.

***Galega officinalis*** é uma planta perene com caule ereto, anguloso, apresentando folhas alternas, imparifolioladas, penatissectas, de cujas axilas surgem no verão longos cachos de flores brancas, rosadas ou violáceas. O fruto é uma vagem que encerra sementes castanhas. A espécie é originária da Europa meridional e oriental, assim como da Ásia ocidental. Encontra-se esporadicamente nos locais simultaneamente quentes e úmidos. Era antigamente importante no tratamento de pestilência, febres e doenças infecciosas, explicando conseqüentemente o nome alemão "Pestilenzkraut". Sua reputação antiga como um galactagoga foi validada através de pesquisa na França em 1873 que demonstrou que as vacas tratadas com Galega tiveram sua produção de leite aumentada em 35 a 50 por cento.

São colhidas as cimeiras, ceifadas na altura da floração, sendo secadas à sombra, num local arejado, quer estendidas sobre grades de canas, quer em feixes. No secador, a temperatura não deve ultrapassar os 50°C. As culturas um pouco antigas podem ser colhidas várias vezes por ano. As partes ativas contêm terpenóides azotados: galegina; glicosídeos do grupo das flavonas, saponina e taninos. Estas substâncias são hipoglicêmicas e lactagogas. A galega é usada no tratamento complementar da diabetes (tisanas antidiabéticas) e para estimular a atividade das glândulas mamárias no decurso do aleitamento. Prepara-se, para esse fim, uma infusão na proporção de duas colheres de café de galega para um copo de água, ou mesmo duas colheres de sementes esmagadas para meio litro de água. É usada igualmente para problemas digestivos, especialmente constipação crônica causada por

falta de enzimas digestivas. Em aplicação externa, a galega entra na composição de unguentos cicatrizantes, usados designadamente em cirurgia plástica. Em uso econômico é dado diretamente na alimentação do gado para aumentar sua produção de leite.

---



## Aspérula-odorifera

***Galium odoratum* (L.) SCOP.**

**syn.: *Asperula odorata* L.**

**Rubiaceae**



O gênero ***Galium*** é cosmopolita e inclui aproximadamente 400 espécies anuais e perenais. ***Galium aparine*** é uma erva daninha comum ao longo da Europa e da Ásia do Norte e Ocidental. ***Galium odoratum***, além destes locais, também é encontrado na Sibéria e África do norte, e é a espécie ornamental melhor conhecida e mais difundida. Ela proporciona uma boa cobertura decídua em solo de áreas sombrias. ***Galium verum*** está difundido nos prados da Ásia ocidental e América do Norte. O nome *Galium* vem do grego "gala", leite, porque várias espécies são usadas para coalhar leite para a produção de queijo. Várias espécies contêm asperulosídeos que produzem cumarina, responsável pelo doce aroma de feno recém-ceifado quando as folhas secam. Asperulosídeos podem ser convertidos em prostaglandinas (Compostos semelhantes a hormônios que estimulam o útero e afetam os vasos sanguíneos), dotando muitas espécies de grande interesse para a indústria farmacêutica. Raízes de algumas espécies contêm uma tintura vermelha, semelhante aquela produzida por ***Rubia tinctorum***, uma espécie próxima relacionada.

***Galium odoratum*** é uma planta herbácea perene que forma extensas coberturas nos bosques frondosos. Um emaranhado de radículas e de rizomas subterrâneos origina, no começo da Primavera, caules ascendentes, apresentando verticilos de folhas lanceoladas, rugosas na margem. Estes caules terminam em hastes bíparas de folhas brancas e odoríferas. O fruto é um diaquênio munido de sedas. A espécie é vulgar na Europa, Ásia e América, sendo colhida, e mesmo cultivada, desde a Idade Média, para servir de aditivo de bebidas alcoólicas e do tabaco.

São colhidas as cimeiras. Corta-se delicadamente a planta inteira, é secada rapidamente à sombra ou num secador, a 40°C

no máximo. Não deve ficar escura: liberta então um perfume de cumarina (como o feno) e tem um gosto amargo. Deve ser conservada ao abrigo da luz em invólucros fechados. Contém sobretudo glicosídeos vizinhos da cumarina, um tanino e um princípio amargo. É uma erva adstringente, ligeiramente amarga, aromática quando seca, com efeitos tônico, diurético e sedativo. Melhora função hepática, relaxa espasmos, fortalece vasos capilares e reduz coagulamento do sangue. É utilizada pelas suas virtudes calmantes, em casos de irritabilidade excessiva ou esgotamento, como espasmolítico, contra as palpitações e para regularizar a pulsação, contra as insônias infantis e também das pessoas idosas. Prepara-se uma infusão a quente na proporção de duas colheres de café da planta para duas chávenas de água, a tomar durante o dia, ou uma maceração a frio com as mesmas proporções. Em dose mais forte, a aspérula pode provocar vertigens, vômitos e dores de cabeça. Externamente, é usada em banhos ou compressas para tratar feridas purulentas, dermatoses e úlceras. Usado em homeopatia para inflamação do útero.

***Galium aparine*** é uma planta anual rastejante que escapa outras plantas enganando suas cerdas. Tem verticilos de 6 a 9 folhas elípticas e minúsculas flores de coloração verde-brancas durante a primavera e verão, seguidas por frutos globulosos cerdosos de coloração verde-purpúrea. As partes usadas são a planta inteira e as sementes. É uma erva amarga, refrescante, salgada que age como tônica para o sistema linfático e tem efeitos adstringente, diurético e laxante moderado. Também abaixa pressão sanguínea e promove a cura.



É usado na culinária chinesa como um legume de reputado efeito emagrecedor; as sementes assadas são usadas como substituto para o café. Medicinalmente, é usado internamente para febre glandular, amigdalite, encefalomielite, hepatite, tumores e cistos benignos do peito, cistite, eczema, e psoríasis. Externamente para glândulas linfáticas inchadas, úlceras, inflamações de pele, danos secundários, e psoríasis. Frequentemente combinado com *Althaea officinalis* para cistite; com *Echinacea purpurea* ou *Hydrastis canadensis* para infecções da garganta; com *Trifolium pratense*, *Urtica dioica* e *Scrophularia nodosa* para psoríasis.

***Galium verum*** (Erva-coalheira) é uma planta herbácea perene com rizoma rastejante e caules eretos ou ascendentes, terminados por uma densa panícula de pequenas flores amarelas. A floração tem lugar no Verão, e é muito fácil nessa altura descobrir as plantas nos prados. As folhas verde-escuras, lineares, apresentam uma nervura central saliente; são vilosas na face inferior e estão dispostas em verticilos sobre o caule. O fruto é um diaquênio. A erva-coalheira cresce em toda a Europa e na Ásia, nas vertentes secas, na orla dos campos e nos prados.

Para fins medicinais, são cortadas à mão as cimeiras na altura da floração plena. São secadas num local bem arejado, mesmo ao sol. Num secador, a temperatura não deve ultrapassar os 45°C. Os caules secos têm odor desagradável e gosto amargo. Contêm substâncias aparentadas aos glicosídeos, óleo essencial e enzimas. A erva-coalheira tem um efeito diurético, desinfetante e espasmolítico. É consumida sob forma de infusão preparada com uma a duas colheres de sopa de partes secas cortadas para um litro de água, a tomar em pequenas quantidades ao longo do dia. É um excelente produto para o tratamento das vias urinárias, estimulando a secreção renal ao mesmo tempo que atenua as contrações musculares. Externamente, a decocção ou a infusão servem para preparar banhos e compressas destinados a feridas que saram com dificuldade, erupções e úlceras. As partes verdes da planta contêm um enzima coagulante, a paraquimosina, que provoca a coagulação das proteínas do leite. Daí o nome de erva-coalheira, utilizado vulgarmente. É também uma boa planta melífera.

---



# Urtiga

***Urtica dioica* L.**  
***Urticaceae***



Planta herbácea perene, possuindo um rizoma ramificado que dá origem a caules eretos, quadrangulares, com folhas ovaladas opostas duas a duas. Na axila das folhas da parte superior do caule, surgem inflorescências em panículas. Os frutos são aquênios. Toda a planta está coberta de tricomas urticantes (pêlos compostos) que se quebram, deixando o seu conteúdo nas feridas que provocam. Estes tricomas contêm uma substância protéica desconhecida, ácido fórmico, resina, aceticolina e histamina. São todas estas substâncias que estão na origem das vesículas urticantes que se formam sobre a pele. A urtiga cresce nos matagais e, nos jardins, é uma adventícia incômoda.

Para fins medicinais, são colhidas as cimeiras, ou simplesmente as folhas. A secagem efetua-se a uma temperatura máxima de 60°C. As partes recolhidas contêm taninos, ácidos orgânicos, clorofila, vitamina C, provitamina A e sais minerais. Têm numerosas aplicações, tanto medicinais como industriais. São usadas no tratamento das vias urinárias, do aparelho respiratório, dos catarros gastrintestinais, como adjuvante no tratamento da diabetes. Facilitam as trocas metabólicas, estimulam a atividade das glândulas endócrinas e a produção de glóbulos vermelhos. São usadas em infusão na dose de uma colher de café por chávena de água, a tomar três vezes por dia.

As cimeiras são também submetidas a tratamento industrial, com a finalidade de produzir clorofila pura, que serve de aditivo para produtos cosméticos e sabões. A urtiga-menor é também colhida e tem os mesmos efeitos.

Vide também: [Urtica dioica](#) sob ponto de vista antroposófico.

---



# Urtiga

## *Urtica dioica*

### *Urticaceae*

Sob ponto de vista antropológico



Ao encostarmos a mão numa folha de Urtica, sentimos que estamos sendo queimados. Essa sensação de dor, ardor e irritação é muito semelhante àquela produzida pela água viva ou por outros animais, que produzem esses mesmos sintomas. A Urtica se relaciona com esse tipo de vida onde predomina aquela intensa astralidade incontida de ataque e defesa aos seres vivos que se aproximam. Ainda em relação a isso podemos notar que esses animais urticantes primitivos se assemelham de certa maneira a flores. A medusa parece uma flor que se libertou da planta, que paira livremente pelo oceano. A astralidade da flor se revela não apenas em seu rico colorido, mas em sua atividade urticante, queimante. O mesmo ocorre em relação às caravelas que também são animais de cores muito intensas encontradas nas praias do Nordeste. As taturanas também assumem esse aspecto que lembra, de longe, algo que se relaciona com o elemento floral. As taturanas possuem várias cores. Encontramos taturanas vermelhas, amarelas, com duas cores e, ao observamos uma taturana bem colorida andando no galho de uma árvore, temos a sensação que nesse animal existe um fogo capaz de nos queimar.

A Urtica possui Histamina que é um composto nitrogenado que produz inflamação-calor, dor, rubor e turgor - agindo portanto no sentido dissolvente.

Os vegetais ligados a um tipo de vida que consiste em captar os seres vivos, excretar enzimas, digeri-los, dissolvendo-os, tal como fazem as plantas carnívoras, possuem estruturas foliares tão astralizadas que mais parecem flores.

A Urtica, ao contrário, apresenta flores verdes muito pequenas e a estrutura reprodutiva dessa planta consiste de pequenos filamentos recobertos de pequeníssimas estruturas verdes, menores que a cabeça de um alfinete, distribuídos por esses filamentos. A vida floral da Urtica é contida pelo elemento rítmico, pelas folhas. O vegetal recolhe aquela astralidade floral em suas folhas, realizando um processo de contenção daquela astralidade dissolvente através do elemento rítmico, através de suas folhas. Esses fatos nos levam a considerar a Urtica como uma planta ligada às forças do Ferro capazes de conduzir o processo metabólico-sulfúreo ao domínio do ritmo.

A Urtica também apresenta uma outra característica muito interessante. É a elaboração da Silíceia ( $\text{SiO}_2$ ). Essa substância está presente na pele, cabelos e unhas, ou seja, nos locais mais desvitalizados, onde existe uma limitação com o meio ambiente exterior. A atividade da Silíceia consiste em se mineralizar, configurar e limitar. Os vegetais possuem um processo de Silíceia em sua epiderme, naquela região que serve de limite entre o meio ambiente externo e interno. A Urtica possui  $\text{SiO}_2$  na periferia de suas folhas, porém essa Silíceia se dispõe de uma maneira muito refinada, formando estruturas microscópicas sutilíssimas. Os pelos da Urtica são configurações de Silíceia muito refinadas, capazes de abrigar em seu interior substâncias irritantes e queimantes contendo Histamina.



Na Urtica, a Silíceia deixa de formar uma superfície isolante, mas ela se relaciona com o processo metabólico sulfúreo. A Urtica



relaciona, portanto, o impeto metabólico-sulfúreo dissolvente com o processo de mineralização e isolamento através da atividade do Ferro.

A Urtica é utilizada para permitir que o processo de isolamento e limitação realizado através da pele possa ser novamente vitalizado. Urtica associada à Arnica constitui um excelente medicamento aplicado nas queimaduras, que age através desse processo ligado à Silícea.

A Urtica também age através do processo oposto, que consiste em realizar a contenção dos processos metabólicos dissolventes que ocorrem na periferia do organismo, tais como as alergias que produzem coceira e irritação. Essa atividade está ligada com a contenção dos processos Sulfúreos.

A Urtica também age através das próprias forças do Ferro, sendo utilizada na anemia devida ao seu alto teor de Ferro.

Vide também: [Mais informações sobre Urtica dioica.](#)

## **Genciana-amarela**

***Gentiana lutea* L.**  
***Gentianaceae***



Planta perene com raiz grossa, apresentando uma roseta de folhas elípticas. É somente ao fim de quatro a oito anos que aparece, no centro da roseta, um caule alto e oco com folhas sésseis e opostas. Na axila das folhas superiores estão agrupadas em feixes as grandes flores amarelas. O fruto é uma cápsula que encerra sementes aladas. É uma espécie originária dos Cárpatos que se encontra, ainda que raramente, noutras cadeias montanhosas da Europa e da Ásia. É uma espécie protegida em numerosos países e deve ser cultivada, portanto, para fins medicinais.

Colhe-se a raiz de plantas não muito novas que florescem antes dos sete anos. É limpa rapidamente e secada sem demora, de preferência num secador, a 60°C no máximo. Evita-se assim qualquer risco de fermentação, e a raiz conserva-se amarela. Contém sucos amargos derivados dos glicosídeos, entre os quais o principal é a genciopirina, um glicosídeo, a amarogencianina, alcalóides, xantonas e açúcares. Tem um gosto amargo e é usada sobretudo para estimular as secreções gástricas. Tem igualmente uma ação tônica sobre o fígado e a vesícula biliar, assim como sobre todo o organismo. Toma-se, no mínimo, meia hora antes das refeições, quer sob a forma de gotas estomáquicas (Tintura), quer em pó, até 1g por administração, ou em decocção e infusão. Em dose elevada, pode causar dores de cabeça.

A raiz fermentada é usada na indústria alimentar e dos licores amargos. Neste caso, é deixada secar lentamente e adquire uma cor castanho-avermelhada.

## Erva-de-são-roberto

***Geranium robertianum* L.**  
**Geraniaceae**



O gênero ***Geranium*** consta de cerca de 300 espécies perenais, algumas anuais e sub-arbustos, amplamente distribuídos pelas regiões temperadas. Os gerânios são populares plantas de jardinagem, com folhas atraentes e pequenas e delicadas flores venosas, que crescem por um longo período de tempo. Os pelargônios, plantas próximas relacionadas, também são popularmente conhecidos como "gerânios", mas têm usos diferentes.

***Geranium robertianum*** é uma planta herbácea anual a bienal, dotada de um caule viloso, ramificado, apresentando folhas alternas, compostas, trímeras. A base do pecíolo é intumescida. As flores, de um vermelho-violáceo, são sustentadas, geralmente aos pares, por longos pedúnculos. Depois de caírem as flores, estas cedem lugar a frutos deiscantes munidos de excrescências em forma de bico. Toda a planta é densamente vilosa, avermelhada e malcheirosa quando esfregada. Cresce em todo o mundo, sobretudo nos silvados, ao longo das sebes e na floresta.

Colhe-se o caule com folhas, na altura da floração plena, de preferência com luvas, pois o suco pode ser vesicante. Seca-se à sombra, num local bem arejado, ou num secador, a 35°C no máximo. As partes ativas contêm óleos essenciais, taninos e uma substância amarga, a geranina. Devido aos seus efeitos adstringentes e diuréticos, a erva-de-são-roberto é utilizada pelos ervanários: usa-se como hemostático (hemorragias pulmonares e nasais) e para tratar diarreias rebeldes. Aplica-se também no tratamento de cálculos urinários e renais (cuja dissolução é facilitada), assim como produto

diurético. Prepara-se uma maceração a frio, cuja dose é de duas colheres de café, deixando macerar durante 8 horas e consumindo durante o dia. Para o tratamento das doenças da pele, dermatites, eczemas supurantes, úlceras e inflamações diversas, utilizam-se compressas ou unguentos. A decocção de erva-de-são-roberto é eficaz como gargarejo, no tratamento de anginas.

---



# Ginco

## ***Ginkgo biloba* L. *Ginkgoaceae***



Uma única espécie de árvore decídua compõe este gênero que é encontrado de forma natural nas províncias Zhejiang e Guizhou da China central, e que não tem nenhum parente próximo na família. *G. biloba* é raro no estado silvestre, mas há muito tempo cresce como uma árvore sagrada na China e no Japão. Flores macho e fêmeas nascem em plantas separadas; a frutificação só acontece quando árvores macho e fêmeas crescem junto e em verões quentes. O nome Ginkgo vem do japonês gim, "prata", e kio "abril".

Ginkgo é frequentemente chamado de fóssil vivo, porque as árvores vivas atuais são quase idênticas às aquelas em registros de fósseis que pré-datam a evolução dos mamíferos. É classificado no mesmo grupo das coníferas e cicadáceas, mas é distinto de ambos. Sementes vieram da China e do Japão para a Europa aproximadamente em 1727, e ginkgos logo foram cultivados. Sementes também têm sido usadas há muito tempo na medicina tradicional chinesa, mas recentemente a pesquisa Ocidental se concentrou nas folhas. Um dos componentes principais da planta é o ginkgolídeo que não é conhecido em qualquer outra espécie de planta: ele atua como bloqueador PAF (platelet activating factor) que inibe respostas alérgicas. Flavonóides do Ginkgo parecem ser particularmente efetivos na melhora da circulação.

**PARTES USADAS:** Folhas, sementes.

**PROPRIEDADES:** Uma erva doce-amarga, adstringente que dilata os tubos bronquiais e vasos sanguíneos, controla respostas alérgicas e estimula a circulação (folhas); têm ação antifúngica e efeitos anti-bacterianos (sementes).

**USOS MEDICINAIS:** Interiormente para asma, respostas inflamatórias alérgicas, insuficiência cerebral nas complicações circulatórias de idosos, como a doença de Raynaud e veias varicosas, e batida irregular do coração (folhas); também para asma, tosse com flegma espessa, e incontinência urinária (sementes).

Combinado com *Tilia* spp. e *Vinca* maior ou *Crataegus laevigata* para desordens circulatórias, e com *Melilotus officinalis* para complicações venosas (folhas); com *Ephedra* spp., [Tussilago farfara](#), e folhas de *Morus alba* para asma e tosse (sementes). Excesso pode causar dermatite, enxaquecas, diarreia e vômitos.



## Considerações Antroposóficas

O Ginkgo é o único exemplar vivo de um grupo de plantas fósseis e, após a fecundação, suas sementes caem e se desenvolvem fora da planta. Esse fato nos mostra que o Ginkgo é a primeira planta não fóssil onde a fecundação ocorre na própria planta, mas esse processo não vai até o fim, pois a estrutura reprodutiva fecundada se desenvolve fora da planta. Isso nos revela que o Ginkgo representa o primeiro passo em direção ao âmbito terrestre.

Em contraste com as Cicas que podem ser consideradas como **proto-monocotiledôneas** e possuem folhas semelhantes às das samambaias, iremos encontrar o Ginkgo, que é uma Gimnosperma assifonógama arbórea com folhas semelhantes às das avencas (que são Pteridófitas do grupo das samambaias). O Ginkgo é uma **árvore ramificada** e, além disso, obedece ao ritmo dado pelas estações do ano. Isso nos leva a considerá-la como uma planta **proto-dicotiledônea**.

No reino animal, o primeiro passo em direção à Terra é, dado por um lado, pelo surgimento dos membros e, por outro lado, dos pulmões. O Ginkgo é utilizado na tosse e em processos de movimento, não dos membros, mas da



circulação. Por outro lado, essa planta estabelece pela primeira vez o domínio do âmbito terrestre. Um ser jovial, ainda primordial, embrionário que evoca um ambiente antigo, fixa-se no âmbito terrestre, mas não é dominado pela Terra. Ele metamorfoseia a sua vitalidade ainda rústica e primitiva de tal maneira a se voltar, a se abrir para os processos cósmicos e rítmicos das estações do ano. No verão o Ginko apresenta folhas verdes que vão ficando amareladas com a aproximação do outono até caírem totalmente no final desse período, para brotarem novamente na primavera.

Um ser vivo embrional e jovem fixa-se no âmbito terrestre, abrindo-se aos eventos cósmicos, ao desenrolar rítmico das estações do ano, e nos revela a superação das forças terrestres que tendem facilmente a dominar os seres vivos. Esse fato nos explica a atividade terapêutica do Ginkgo biloba que consiste em tornar o organismo novamente susceptível aos processos rítmicos, dotando-o de uma vitalidade juvenil capaz de impedir que as forças de endurecimento e de morte acometam a esfera rítmica viva e de movimento.

O extrato recente das folhas do Ginkgo biloba é utilizado em distúrbios da circulação arterial periférica do cérebro e também utilizado na geriatria.





# Pau santo

## ***Guaiacum officinale***

### ***Zygophyllaceae***

Sob ponto de vista antropológico



As plantas da família Zygophyllaceae crescem nos terrenos secos e salgados das regiões sub-desérticas. São plantas amargas, ricas em resinas. Essa família se relaciona com o calor externo, crescendo em ambiente semi-desértico e com o calor interno produzindo resinas.

O ***Guaiacum officinale*** L. habita a América equatorial, principalmente nas ilhas da América Central como Cuba e São Domingos. Apresenta um porte arbóreo chegando a medir até 10m de altura. Suas folhas são compostas com 2 a até 3 pares de folíolos. As flores são azuis e os frutos são cápsulas planas. O caule desse vegetal é muito compacto e tão pesado que não flutua na água. No cerne do caule existem formações microscópicas de pequenas bolsas contendo uma resina que confere à madeira um odor balsâmico que lembra o da vanilina e do benjoim.

A parte utilizada é a resina que pode ser extraída por incisões profundas no caule ou após o corte e a fragmentação da madeira.

Essa resina vai sendo formada nessas bolsas microscópicas que se distribuem pelo cerne da madeira. Não existem bolsas enormes como ocorre em algumas árvores que formam cavidades dentro da madeira. No Guaiacum, o processo de calor expresso através da resina interpenetra o lenho duro da árvore sem alterar sua estrutura. Encontramos nessa planta, além de um processo de calor responsável pela formação da resina, um processo de configuração capaz de produzir um lenho compacto e pesado, e um processo de dissolução capaz de dissolver o lenho duro, formando bolsas microscópicas de resina. Esse processo de dissolução e perda de forma não atinge grandes proporções, não ocorrendo a formação de câmaras onde a resina é depositada. Existe uma conciliação entre o processo de dissolução e o processo de estruturação do lenho e essa

conciliação também revela uma atividade mercurial. A resina do Guaiacum, além de possuir óleos essenciais e compostos aromáticos, contém SAPONINA que é uma substância que relaciona a água e o ar produzindo espuma, ou seja, relaciona o aquoso-vital com o astral-aéreo. A resina do Guaiacum possui um processo de calor que contém em si uma atividade de conciliação entre Etérico e Astral.

Resumindo, o Guaiacum revela os seguintes processos:

1. Processo de Calor
2. Processo de calor capaz de relacionar ritmicamente o Etérico com o Astral
3. Processo de Configuração
4. Processo de desestruturação e dissolução

Todos esses processos nos revelam uma semelhança com o Mercúrio.

### **1 - O Processo de Calor revela os seguintes sintomas:**

Vermelhidão das amídalas com entumecimento e dor ardente, agravada pelo calor.

### **2 - Processo de calor capaz de relacionar ritmicamente o Etérico com o Astral**

Uma série de sintomas que revelam rigidez, ausência de movimento e deformações, como artroses, reumatismos e tendinites, poderão ser beneficiados com um calor capaz de conciliar os movimentos dessas estruturas orgânicas com a vitalidade das mesmas. Além disso, Guaiacum é utilizado na pleurite produzida pelo frio úmido com tosse e dores.

### **3 - Processo de Configuração**

Guaiacum pode ser utilizado em dores articulares com rigidez, deformações e retrações dos tendões.

### **4- Processo de dissolução**

Guaiacum age nas diarreias com cólicas que ocorrem principalmente no verão, freqüentemente de manhã e que provocam suores.

Existe uma enorme semelhança entre os processos do Guaiacum e do Mercurius. Além disso, os sintomas dessa planta são muito parecidos com os desse metal.

Vide também: [Ilustração de Guaiacum officinale](#).

---

## **Herniária**

***Herniaria glabra* L.**  
***Caryophyllaceae***



Planta herbácea anual, por vezes vivaz, possuindo um caule ramificado, rasteiro, formando tapetes. As pequenas folhas são sésseis, dando origem, nas axilas, a cachos de pequenas flores brancas. O fruto é uma cápsula que contém sementes castanho-escuras (em baixo à direita). A espécie, originária da Europa e da Ásia, cresce em substratos pobres, arenosos, ao longo dos caminhos e dos riachos. A herniária era utilizada antigamente para tratamentos das vias urinárias e das hérnias, daí derivando o seu nome genérico.

São colhidas as cimeiras. Os caules são cuidadosamente limpos e secados em camadas finas, à sombra e com bom arejamento, a uma temperatura que não ultrapasse os 35°C. São conservados em local seco e ao abrigo da luz. Contêm uma saponina triterpenóide que se decompõe em ácido quiláico e em açúcares simples. Os caules da parente próxima da herniária vilosa (*H. hirsuta*) contêm saponinas que se dividem em ácido galactônico, glicose e outros açúcares. As duas espécies contêm os mesmos glicosídeos: rutina, cumarina e herniarina. São fortemente diuréticas, anti-sépticas e ligeiramente espasmolíticas. São muito ativas no tratamento das inflamações das vias urinárias, dos rins e da vesícula biliar. A sua utilização é também feita preventivamente contra a formação de cálculos renais e pedras urinárias.



# Zimbro

*Juniperus communis*

*Cupressaceae*

Sob ponto de vista antropológico



O Juniperus é um arbusto que apresenta folhas em forma de agulhas, porte de um pinheirinho e, o que mais nos chama a atenção, é o seu porte bastante diminuto e suas estruturas muito parecidas com frutos.

Em relação à localização do Juniperus communis no grupo dos Ciprestes notamos que ele ocupa uma posição bem indiferenciada no que se refere ao desenvolvimento das folhas, que sempre são em forma de agulhas. De maneira oposta a Thuja, o Juniperus communis não altera a forma de suas folhas no decorrer do tempo.

Em relação ao item caule, o Juniperus communis ocupa uma posição central no grupo dos Ciprestes, pois seu tronco é retilíneo e seu porte é o de um pinheiro adulto que não cresceu; ele nos transmite a impressão de um pinheirinho pequeno e concentrado.

Em relação ao item Flor-Fruto, o Juniperus ocupa uma posição superior, pois apesar de ser uma Gimnosperma ele aparenta a formação de um fruto de estrutura muito parecido com o das dicotiledôneas. Resumindo: temos as seguintes características do Juniperus:

O Juniperus communis apresenta em relação à sua posição no grupo dos Ciprestes, uma posição bastante harmônica; além disso ele apresenta dois extremos opostos (forma embrional e forma mais evoluída) totalmente harmonizados no porte de um pequeno pinheiro.

Notamos então uma dinâmica presente nessa planta. Uma forma foliar embrional, que não se altera e que continua sem se alterar durante toda a vida do pinheiro. Por outro lado, ele apresenta uma alteração, uma transformação profunda no âmbito do fruto, que possui forma de baga e contém cerca de 20% de açúcar em sua "polpa"

O Juniperus communis apresenta uma harmonia interna capaz de conciliar esses dois extremos - a formação de folhas em forma de agulha que não se altera durante o desenvolvimento da planta e a formação de uma estrutura que antecipa o fruto. Equilíbrio de dois extremos polares nos indica um processo rítmico interno característico desse pinheiro.

## **Desenvolvimento**

### **a. Processo de formação do "fruto":**

O Juniperus sabina é uma espécie dióica, ou seja apresenta plantas com flores masculinas e plantas com flores femininas.

A planta feminina apresenta um cone típico dos pinheiros que é um eixo floral. Em torno do eixo dispõem-se 3 escamas estéreis saindo do mesmo ponto. Na interseção escama-caule aparece uma escama carpelar com um só óvulo.

"Durante a maturação, essas 3 escamas carpelares aproximam-se umas das outras e quase se soltam totalmente. Forma-se assim uma gábulas globosa com um eixo correspondente aos vertículos estéreis transformados num pedúnculo, O conjunto

simula um fruto conhecido impropriamente com o nome de "baga de Zimbro" A maturação demora de 2 a 3 anos" e possui, quando maduro, cerca de 25% de açúcar em sua polpa.

O desenvolvimento da gábulas do *Juniperus communis* nos mostra os seguintes processos:

**b. Processo de antecipação do fruto:**

Esse fruto assim formado é muito parecido com o fruto de uma planta superior. Esse fruto em forma de 3 possui uma série de escamas próximas a ele; além disso, dispõe-se num eixo de infrutescência. Devido a isso, sua semelhança com os coquinhos é grande, se bem que os cocos possuem em seu interior óleo fixo e o Zimbro óleo essencial.

**c. Processo de estruturação:**

O fato do *Juniperus communis* se manter em estado embrionário nos mostra que sua atividade estruturante não trabalha na configuração da planta tal como a Thuja, mas essa vitalidade é dirigida à formação de um fruto com açúcar. Processo de estruturação dirigido ao fruto significa atividade terapêutica estruturante na região uro-genital. As bagas de Zimbro são utilizadas como diurético, em moléstias renais e na amenorréia. A essência é muito tóxica devendo ser utilizada a própria baga sob forma de tempero, infusão ou tintura em doses moderadas.

**d. Processo de amadurecimento:**

As bagas do Zimbro demoram de 2 a 3 anos para amadurecer. Uma vitalidade capaz de manter sua estrutura em forma jovem durante tanto tempo nos leva a pensar numa atividade terapêutica benéfica em moléstias uro-genitais crônicas.

O *Juniperus communis* cresce em ambientes pedregosos e em solos pobres. Além disso essa planta mantém-se em um estado embrional e jovem, conduzindo toda a sua vitalidade para formar um fruto doce, apesar de ainda não estar no grau evolutivo de plantas capazes de realizar esse processo. Esses fatos nos mostram que um ser vivo pode ir muito além de suas limitações dadas pela natureza. Esse milagre de um pinheiro produzir um fruto é comentado por R. Steiner com as seguintes palavras:

*"... Os seres humanos de outrora tinham um modo de ver as plantas bem peculiar. O fato de tomarmos um pinheirinho para fazermos dele uma árvore de natal nos indica algo típico dos homens da atualidade. Isso significa que aquilo que está lá fora na Natureza pode se tornar na vida humana algo que age na vida social. O pinheirinho transformado em Árvore de Natal quer ser um símbolo do amor.*

*Acreditamos normalmente que a Árvore de Natal é muito antiga. O pinheiro começou a ser utilizado como Árvore de Natal há apenas 150 ou 200 anos atrás. Antes, esse costume não existia, mas, apesar disso, era utilizado na época de Natal um pequeno arbusto. Por ocasião dos Autos de Natal, que eram peças teatrais representadas durante os séculos XV e XVI nas aldeias européias; uma pessoa percorria a aldeia com um tipo de Árvore de Natal nas mãos, e esse pinheiro era o Zimbro que possui maravilhosas bagas. As pessoas daquela época viam no Zimbro a Árvore de Natal. Por que? Pois suas bagas, tão apreciadas pelos pássaros, possuem uma leve ação venenosa. Tal atividade deve impregnar o âmbito terrestre para que o Espiritual possa nascer no seio do mundo terrestre. Quando as formigas atacam a madeira, ou a abelha selvagem penetra na árvore, ou de manhã, quando os pássaros picam o arbusto, então é a época em que é elaborado na planta um ácido, mas um ácido muito fraco. As pessoas da antiguidade vivenciavam instintivamente tal processo e diziam: no inverno, quando os pássaros picam os bagos do Zimbro a Terra recebe, graças a este arbusto, uma nova vida. Isso era para aquelas pessoas uma imagem do Cristo vivificando a Terra no sentido moral.*



*Nós podemos dizer: ao considerarmos as coisas em sua verdadeira natureza, podemos verdadeiramente ver naquilo que ocorre no exterior na Natureza símbolos, imagens daquilo que se passa na vida humana.*

*Os seres humanos de outrora viam com tanto amor os pássaros pousados no Juniperus communis, que colocamos hoje pequenos biscoitos ou presentes suspensos na Árvore de Natal.*

*Dessa maneira, o Zimbro era para aquelas pessoas, um tipo de Árvore de Natal, e eles o colocavam dentro de suas casas. Foi assim que o Zimbro foi transformado em um tipo de árvore de Natal..."*

R. Steiner - Mensch und Welt: Das Wirken des Geistes in der Natur, 15a conferência. 22/12/1923.

---



# **Sabina**

## ***Juniperus sabina***

### ***Cupressaceae***

Sob ponto de vista antropológico



Ao observarmos a Sabina dentro do quadro Geral do grupo dos Ciprestes, iremos notar que essa planta não ocupa uma posição fixa pois apresenta formas de folhas, vários portes vegetativos indo desde o porte de pinheiro até o de uma planta que cresce rente ao chão. Os frutos, tão bem elaborados pelos Juníperos, são, nesse caso, muito pequenos e não são utilizados na terapia ou culinária, tal como no caso do Zimbro. Na Sabina podemos observar:

- a. Folhas: várias formas,
- b. Caule e porte vegetal: vários tipos de árvores,
- c. Fruto: Processo de elaboração do fruto retraído.

Podemos já notar um processo de alteração de forma, de transformação que impede a planta de se manifestar segundo uma forma sempre igual. A pergunta: para onde vão as forças configurativas típicas dos pinheiros? A resposta parece nos indicar: para a plasticidade. Podemos ainda perguntar: para onde vão as forças de formação e elaboração do fruto? Essas forças ficariam disponíveis como atividade terapêutica capaz de atuar na organização metabólico-reprodutora.

## **Desenvolvimento**

### **Reprodução:**

*Juniperus sabina* é uma planta monóica, Na mesma planta encontramos flores masculinas e femininas. O *Juniperus communis* é uma planta dióica. Existem plantas masculinas e femininas.

Nesse caso podemos notar que o *Juniperus sabina*, ao manifestar as duas estruturas na mesma planta, apresenta uma menor diferenciação do que o *Juniperus communis*, que apresenta uma separação total das estruturas.

J. *communis*: menor diferenciação

J. *Sabina*: maior diferenciação

Indiferenciação de estruturas está mais relacionada a uma interiorização de processos e portanto, a uma atividade que tende mais ao âmbito metabólico, ao passo que formação de estruturas diferentes e especializadas, no caso, plantas com apenas uma estrutura que, como no caso do *Juniperus communis* elabora um fruto muito bem formado, nos indica uma atividade que tende mais ao âmbito neuro-sensorial.

A Sabina deverá ter uma atividade mais dirigida ao Sistema metabólico do que o Zimbro. Além disso, no Zimbro a atividade metabólica se dirige à formação de frutos.

A Sabina deverá apresentar um processo metabólico mais intenso que o Zimbro pelo fato dela ser monóica. O fato dos frutos da Sabina serem menores e menos expressivos que os do Zimbro nos indica que a Sabina apresenta um processo metabólico de reprodução mais disponível terapeuticamente.

**Forma:**

A variação de formas da Sabina é enorme. Ela pode assumir desde o porte de um pinheirinho até o de uma planta rasteira passando por formas ramificadas. Além disso existem duas formas de Sabina.

**Forma Cupressifolia:**

As folhas se destacam do caule e são em forma de agulhinhas. Essa forma era denominada masculina, apesar de não haver relação entre esse nome e a forma da planta.

**Forma Tamariscifolia:**

As folhas estão aderidas ao caule tal como ocorre nos ciprestes e na Thuja.



É interessante notarmos que o *J. communis* é uma planta dióica, apresentando plantas masculinas e femininas semelhantes na forma e diferentes na função de reprodução.

Na Sabina iremos encontrar formas diferentes com a mesma função. Além disso também poderemos encontrar a variedade cupressifolia e a variedade tamaricifolia na mesma planta.

A Sabina uma enorme maleabilidade na forma; suas formas não são fixas, e ela possui um intenso processo de mobilidade e transformação. Esse processo é denominado processo mercurial.

A Sabina age na organização de movimento do ser humano sendo um medicamento utilizado em transtornos articulares. Quando esse processo se interioriza, ele se manifesta, tal como podemos observar na Sabina, em transtornos causados pelo afluxo sanguíneo em determinados órgãos. A Sabina estimula a mobilidade do sangue, principalmente nos rins e órgãos genitais.

A Sabina pode apresentar o porte de um pinheiro, mas ela tende a se afastar dessa forma, assumindo um porte bastante ramificado e rasteiro. Esse processo de configuração cede lugar ao terrestre, assumindo características de plantas primitivas que crescem rente ao chão. Poderíamos perguntar: Para onde vão as forças de estruturação e configuração do pinheiro? Podemos responder que vão para a PLASTICIDADE DE FORMAS. Tais forças que foram capazes de desestruturar a forma rígida do pinheiro, atuam no ser humano como uma atividade dissolvente, inflamatória, enfim como um processo metabólico.

A Sabina produz irritação na pele podendo formar vesículas e é utilizada localmente para dissolver verrugas e vegetações venéreas. Internamente, a Sabina produz irritação gastro-intestinal, congestão dos órgãos digestivos, vômitos, diarreias, cólicas e congestão uterina e é muito venenosa, podendo provocar acidentes no gado.

É interessante que o processo metabólico-dissolvente da Sabina é tão intenso que abrange todos os domínios da atividade metabólica, ou seja:

- a. Metabolismo: Sabina age em congestões retais e hemorroidárias
- b. Reprodução: Congestão crônica do útero e ovário
- c. Membros: Dores articulares da artrite ou gota. A isso se une o processo de plasticidade, tornando essa planta útil em distúrbios articulares.



# Licopódio

***Lycopodium clavatum* L.**  
**Lycopodiaceae**



Este grande gênero cosmopolita consiste de cerca de 450 espécies de musgos sempre verdes, perenes que podem ser de hábito terrestre ou epífito; *Lycopodium* é encontrado em todas as zonas temperadas. São plantas primitivas, com folhas pequenas em formato de escamas ou agulhas, reproduzindo-se através de esporos. Esporos de licopódio são usados em experiências de som pois são tão finos que vibram nos padrões das ondas de som, e também para efeitos em cenas e fogos de artifício, por serem altamente inflamáveis.

*Lycopodium clavatum* (licopódio chifre de veado) é uma planta rasteira, perene com ramos eretos, bifurcados e para cima, folhas lanceoladas e afiladas. No verão aparecem esporos bifurcados amarelos dos ramos verticais.

Antigamente toda a planta de licopódio era usada como diurético e digestivo. O uso dos esporos data do século XVII. De acordo com Mrs Gneve (*A Modern Herbal*, 1931), "Eles têm um poder repulsivo tão forte que se a mão está pulverizada com eles, pode ser imersa em água sem ficar molhada". Esta propriedade é usada para recobrir pilulas para lacrar qualquer gosto desagradável e prevenir a adesão umas às outras. *Lycopodium complanatum*

tem propriedades semelhantes ao *Lycopodium clavatum* e é frequentemente combinado com [Taraxacum officinale](#) e [Agrimonia eupatoria](#) para problemas do fígado. O *Lycopodium cernuum*, chinês, é decocto em água ou vinho doce para uso interno e triturado para tratamento tópico de dores, e espasmos nos braços ou pernas. A exploração e coleta silvestre da espécie *Lycopodium* está sujeita a medidas administrativas em vários países.

As partes usadas são os esporos e a planta inteira. Uma erva sedativa, antibacteriana, diurética que abaixa febre, beneficia a digestão, e estimula o útero. A erva é usada internamente para distúrbios urinários e do rim, cistite catarral, gastrite, e na medicina chinesa para artrite reumatóide e danos traumáticos. Externamente para doenças de pele e irritação. Os esporos são a base para uma preparação homeopática para tosse seca, dores reumáticas, cachumba e reclamações que caracteristicamente causam dor ou incomodam o lado direito do corpo.

Vide também [Lycopodium de Cananéia](#).





# Agrião

***Nasturtium officinale***  
**Cruciferae (Brassicaceae)**  
Sob ponto de vista antroposófico



O Agrião pertence à família das Crucíferas da qual fazem parte Raiz forte, Mostarda, Couve, Repolho, Rabanete e Nabo. É possível ordenarmos uma série de plantas dessa família em função do sabor picante e apimentado. O repolho e a couve não apresentam essa característica, mas o rabanete nos transmite essa propriedade. O Agrião também nos revela um sabor picante e apimentado e isso nos mostra um processo de calor.

Esse vegetal, ao contrário da maioria das plantas dessa família, cresce em locais inundados. Parte do vegetal vive submersa. A maioria dos vegetais aquáticos produz uma grande quantidade de tanino que é uma substância capaz de harmonizar o impulso Astral com o Etérico. O fato do Agrião não produzir tanino nos revela um processo capaz de harmonizar e conciliar o Aquoso-vital com a atividade Astral que produz desvitalização e secura.

O Agrião produz raízes adventícias que partem dos nós do caule. Nessa planta não existe um limite muito preciso entre as partes subterrâneas e o restante do vegetal. O Agrião nos revela tendência à indiferenciação, um processo de mobilidade e não fixação da forma.

Podemos observar nesse vegetal um acúmulo de Iodo. Esse elemento químico age no sentido de impedir a ação do éter de luz. As lentes fotocromáticas possuem cristais de um composto de Iodo dispersos dentro do vidro. Quando a luz incide, eles alteram sua geometria de maneira a diminuir a passagem da luz. Esse fenômeno não ocorre no escuro. O Agrião também possui vitamina C que está relacionada à atividade luminosa-configurativa. O Agrião possui, portanto, um processo de estruturação-luz e um processo de desestruturação e perda da estrutura.

Diante de tudo isso podemos relacionar todos esses processos com os do Mercúrio.

O fato do ***Nasturtium*** ser uma planta alimentícia nos revela que ela é capaz de levar os processos do Mercúrio ao ambiente digestivo, agindo onde ocorre a passagem do alimento digerido que se encontra no intestino para o sistema linfático. Essa planta também é utilizada em doenças onde o sistema digestivo se encontra irritado, inflamado e sangrando, sendo útil na colite ulcerativa.

***Nasturtium officinale*** também age levando o calor do Mercúrio em várias doenças tais como cálculos das vias urinárias, reumatismos e estases biliares.

## **Oxálda-azeda**

***Oxalis acetosella* L.**  
***Oxalidaceae***



Planta perene com fino rizoma rastejante e caule atrofiado que apresenta folhas longamente pecioladas. Estas folhas são trifoliadas, tendo os folíolos a forma de coração invertido; as folhas fecham à noite ou quando faz mau tempo, dobrando-se segundo o eixo da nervura central. As flores brancas aparecem isoladamente; as pétalas têm veios violeta e os pedúnculos são longos. Neste tipo de flores a polinização é assegurada por insetos. Outras flores são autogâmicas; suportadas por pedúnculos curtos, são cleistogâmicas. Os frutos são cápsulas (em baixo à esquerda) que rebentam quando maduras, dispersando diminutas sementes (em baixo à direita). A espécie está difundida em toda a zona temperada do hemisfério norte e na África do Norte. Nos bosques úmidos e sombrios, nos silvados e matas, a oxália forma extensos tapetes.

Era antigamente colhido o caule com folhas, na Primavera e no Outono, quando a planta volta a florir. Estas partes eram secadas à sombra, num local bem arejado, voltando-as freqüentemente. A planta, tanto seca como fresca, é rica em ácido oxálico, que, em baixas doses, tem efeito diurético. São usadas, sobretudo em medicina popular, as plantas frescas ou o seu suco, que constituem uma reserva de vitamina C na Primavera e eram antigamente utilizadas como antiscorbúticas. Compressas de folhas esmagadas servem para reduzir os inchaços, e as plantas frescas eram mastigadas em caso de gengivite.

---

## Quebra-pedra

***Phyllanthus niruri* L.**

**Syn: *Phyllanthus urinaria* Wall.**

***Euphorbiaceae***

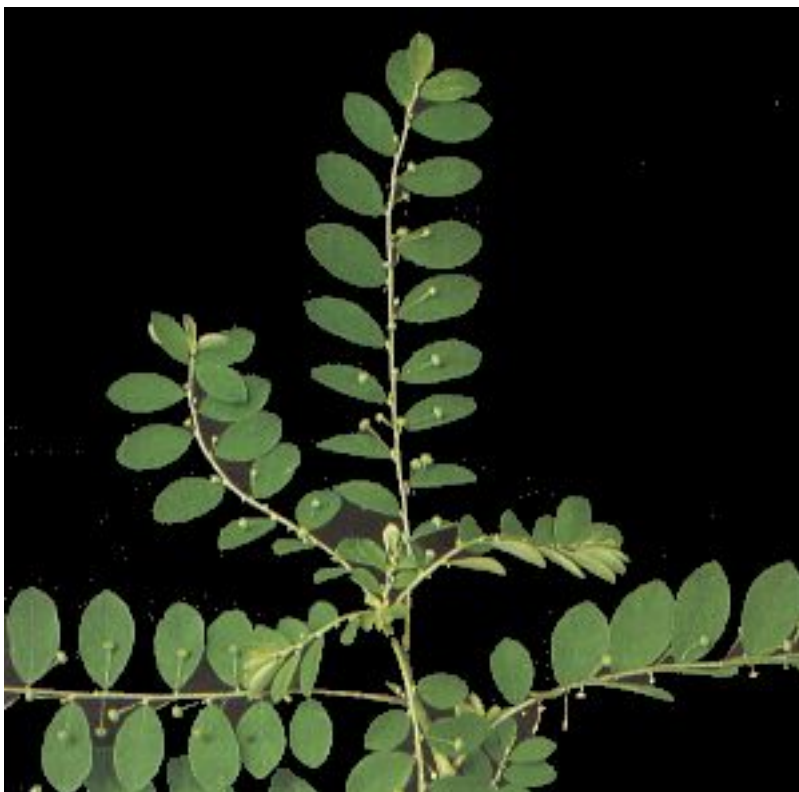


Ocorrem no mundo mais de 500 espécies de *Phyllanthus*. É uma espécie nativa no Continente Americano, ocorrendo desde os Estados Unidos até a Argentina. Também ocorre no Continente Europeu. No Brasil está presente em quase todo o território e são muitas as espécies, entre as quais plantas arbóreas e arbustivas, bem como plantas herbáceas, muitas com características de infestantes de lavouras. O nome *Phyllanthus* vem do grego "phylon", folha e "anthos", flor, porque em algumas espécies as flores estão sobre ramos foliáceos dilatados.

***Phyllanthus niruri***, Quebra-pedra, Filanto, Erva-pombinha, é uma planta herbácea anual, com até 60 cm de altura, raiz central pivotante, de caule ereto, com um grande número de ramos muito finos, intensamente enfolhados. Ao longos dos ramos, em dois lados opostos e num mesmo plano, ocorrem muitas folhas simples, semelhantes, alternas e curtamente pecioladas. A inflorescência é

Monóica, com flores curtamente pediceladas a partir das axilas foliares, sendo as femininas isoladas e as masculinas também isoladas ou em grupos de 2. As flores são apétalas, com cálice formado por 5 sépalas longo-ovaladas, obtusas, com menos de 1 mm de comprimento, de cor verde-clara. As flores são pouco evidentes, percebendo-se melhor a frutificação. A formação de sementes é bastante intensa, pelo que tendem a ocorrer infestações bastante intensas em plantações. As sementes, de modo geral, não são levadas pelo vento, mas arrastadas pela água de enxurradas. É uma planta pouco exigente em relação ao tipo de solo, ocorrendo mesmo entre frestas de pedras. Aceita plena iluminação, mas desenvolve-se bem em ambiente de luz difusa. Não vai bem em temperatura abaixo de 15°C.

Como outras espécies de *Phyllanthus*, inclusive ***Phyllanthus tenellus*** que é uma planta nativa no Brasil, ***Phyllanthus niruri*** é tida como medicinal. Em diversas análises químicas foram extraídos compostos amargos, ácido ricinoleico, lignanas, flavonóides e alcalóides. Extratos aquosos de folhas e raízes tem mostrado efeito hipoglicemiante, diurético, ajudando na eliminação do ácido úrico. Atribuí-se aos extratos a propriedade de contribuir para a eliminação de cálculos renais (daí o nome de quebra-pedra) e de ajudar nas afecções do fígado que causam icterícia. Na medicina popular é usado infusão de 10g das folhas em um copo de água fervente.





## **Bistorta**

***Polygonum bistorta* L.**

**Syn.: *Bistorta major* S.F. Gray.**

***Polygonaceae***



cozido.

Planta perene com rizoma espesso, sinuoso, e uma roseta de folhas lanceoladas. O caule ereto termina numa espiga de flores cor-de-rosa. O fruto é um aquênio tríquetra. É uma espécie vulgar em toda a Europa, nos prados encharcados, nas pastagens, nas valas, tanto a baixa como elevada altitude. Sobretudo os povos nórdicos empregavam-na antigamente contra a disenteria e a peste. As antigas receitas fazem dela componente de teriagas contra as mordidas de serpentes.

São colhidos os rizomas das plantas com pouca idade. Extraídos a mão, de preferência no Outono, depois da floração, ou por vezes na Primavera, devem ser limpos, desembaraçados de partes verdes e radiculas, eventualmente cortados ao meio e secados ao sol ou num secadouro, a 60°C no máximo. Devem ser conservados em local seco e ao abrigo dos insetos. Contêm taninos gálicos (15%-20%), amido, catequina e ácido silícico. São fortemente adstringentes e usados como hemostáticos internos ou externos, contra os catarros gastrintestinais e as diarreias fortes, mesmo contra a disenteria. O forte teor em amido que se transforma em mucilagem tem igualmente um efeito positivo. A bistorta é um dos principais componentes dos gargarejos contra as inflamações da cavidade oral, as amigdalites, em casos de extração dentária. Aplica-se também sobre as mucosas inflamadas e os inchaços.

Os mesmos efeitos são verificados em medicina veterinária. As folhas novas da bistorta podem ser consumidas em salada ou como legume

## Choupo-negro

***Populus nigra* L.**  
**Salicaceae**



Árvore de grande desenvolvimento, com ramos inicialmente castanhos e depois cinzento-esverdeados, casca enrugada e cinzento-escura. As folhas pecioladas são cordiformes, cuneiformes na base, e nas suas axilas originam-se gemas viscosas. O choupo é uma planta com flores dióicas; flores masculinas e femininas estão agrupadas em amentos que desabrocham na Primavera. Os frutos são cápsulas cobertas de penugem. É uma espécie nativa em meios úmidos, ao longo de cursos de água, de valas e de estradas.

Para fins medicinais, são usadas as gemas, colhidas na Primavera, quando ainda estão fechadas e envolvidas por escamas viscosas. Convém fazer a colheita em árvores abatidas ou caídas. As gemas devem ser secadas rapidamente, de preferência num secador. São conservadas em recipientes bem fechados. Contêm óleos essenciais, taninos, glicosídeos: salicina e populina, resina e outras substâncias. São

fortemente desinfetantes e diuréticas; a sua eficácia contra os catarros das vias respiratórias superiores é igualmente reconhecida. Baixam a taxa de uréia no sangue e diminuem as dores articulares de origem



reumatismal. São usadas em infusões na proporção de 1-2 colheres de café de gemas esmagadas para 1/4 de litro de água, a tomar em duas vezes. Um unguento feito com as gemas frescas ou secas, ou ainda com a casca, fresca ou seca, de ramos novos, é eficaz contra as dermatites, as hemorróidas, as dores da gota ou os reumatismos.

O choupo-branco (*Populus alba*, imagem à direita), o choupo-balsâmico (*P. balsamifera*) e o choupo-tremedor (*P. tremula*) são igualmente utilizados para fins terapêuticos.

---



## **Beldroega, Ora-pro-nobis**

***Portulaca oleracea* L.**  
***Portulacaceae***



O gênero ***Portulaca*** Tem cerca de 40 espécies de plantas rasteiras, suculentas, anuais e bianuais, distribuídas amplamente nas regiões temperadas mornas. ***Portulaca oleracea*** é cultivada como legume em muitas partes do mundo. Na verdade foi uma das primeiras "verduras" usadas pelo homem, tendo sido cultivada pelos antigos egípcios e também por milhares de anos na Índia e China. Durante a colonização dos Estados Unidos, foi intensamente consumida pelos Pioneiros. Atualmente a França é o principal produtor europeu e também o maior consumidor da planta. *Portulaca* é o nome latino original usado por Plínio.

***Portulaca oleracea*** (Beldroega, Ora-pro-nobis) é uma planta herbácea anual, com talos espessos, tenros e rasteiros, folhas carnosas, de até 3cm de tamanho, com grande quantidade de reserva de água. Flores pequenas amarelas com 4 a 6 pétalas aparecem no verão. A planta cresce em terra úmida, bem-escoada e ao sol. A propagação é feita através de sementes na primavera. ***Portulaca oleracea*** cultivada é, às vezes, tratada como uma variedade distinta, denominada ***sativa***.

Uma recente pesquisa mostrou que ***Portulaca oleracea*** é uma rica fonte de ácidos gordurosos ômega-3, os quais são considerados como importantes para a prevenção de ataques do coração e fortalecedor do sistema imune. *Portulaca oleracea* foi primeiramente descrita na literatura médica chinesa no ano 500.

***Portulaca grandiflora*** (planta do sol)

também é usada, principalmente na forma de suco fresco, para hepatite ou como uma loção para mordidas de serpentes e insetos, queimaduras e eczemas.

É usada a planta inteira ou apenas as folhas. Uma erva azeda, diurética, refrescante, que abaixa a febre e limpa toxinas. É efetiva contra muitas infecções bacterianas. As plantas são colhidas no verão, normalmente antes de florescer, e usadas em estado natural, ou secadas para uso em decocção. Para a culinária são escolhidos folhas e brotos novos, antes de florescerem, e usados frescos.

Na medicina, a erva é usada interiormente para disenteria, enterite aguda, apendicite, mastite, hemorróidas e sangramento pós-parto. Não deve ser dado às mulheres grávidas ou pacientes com problemas digestivos. Externamente é usada para queimaduras, mordidas de serpente, picadas de abelha ou insetos e eczema. Na culinária, as folhas são cozidas e consumidas como legumes, conservadas em vinagre e são adicionadas em molhos e saladas, mas esse uso não deve ser exagerado, pois às vezes as plantas acumulam oxalatos, que são tóxicos.





# **Primavera, Prímula**

***Primula veris* L.**

**Syn.: *Primula officinalis* (L.) HILL.**

***Primulaceae***



O gênero *Primula* inclui aproximadamente 400 espécies de plantas perenes que ocorrem principalmente em áreas temperadas e montanhosas do hemisfério do norte. *Primula veris* é encontrada na Europa e Ásia ocidental e *Primula vulgaris* na Europa, Ásia do norte e no Cáucaso. Elas medram nas margens dos caminhos e também se adaptam bem em gramados. Devem ser cultivadas separadamente para evitar hibridação. Muitas primulas são cultivadas como ornamentais, para uma variedade de ambientes que incluem locais úmidos como bordas de lagos e locais secos como jardins de pedras.

*Primula veris* é uma planta herbácea perene com uma roseta de folhas sustentada por um curto rizoma e uma densa rede de raízes fasciculadas. No princípio da Primavera, aparece uma haste nua com uma umbela de flores amarelas. A primavera cresce nos prados, nas pastagens e nas florestas da Europa e da Ásia. É cultivada nos jardins, tanto na sua forma selvagem como em numerosas formas hortícolas. É uma espécie protegida em certos países.

Para fins terapêuticos, colhe-se a flor, que é secada suavemente, em camadas finas, de preferência num secador, a menos de 40.C. Nas culturas hortícolas ou nos campos, colhe-se por vezes também o rizoma e as raízes. As flores contêm pigmentos flavônicos (quercitina), também saponinas e salicilatos (como na

aspirina). As raízes são relativamente ricas em primulasaponina, com um composto açucarado (aglicono) chamado primulagenina A e B, ácido glicurônico e outras substâncias. Ambas as drogas são fortemente expectorantes, sedativas, relaxa espasmos e ligeiramente diuréticas. São usadas como adjuvantes em caso de inflamação das vias respiratórias superiores (bronquite crônica ou aguda), tosse seca, tosse aguda, artrite, insônia, enxaqueca e inquietude (especialmente em crianças). A indústria farmacêutica fabrica extratos, infusões e gotas de primavera; a dose quotidiana recomendada é uma infusão de 10g de partes ativas para duas chávenas de água. Flores frescas também são acrescentadas em saladas e ainda usadas para fazer uma espécie de vinho e chá. Não deve ser dado durante gravidez ou para pacientes sensíveis a aspirina ou tomando remédios anti-coagulantes.

Primula veris e Primula vulgaris têm uma longa história de uso como ervas medicinais. A mais antiga é a recomendação de Plínio para paralisia, gota e reumatismo, e de Culpeper para a cura de feridas. Primula veris era conhecida como erva da paralisia e raiz artrítica, por causa de seu uso difundido, datando desde os tempos medievais, para condições que envolvem espasmos, câibras, paralisia e dores reumáticas. Culpeper também prescreveu as flores, misturadas com nutmeg, para "todas as debilidades da cabeça", e se referiu ao uso das folhas em cosmética "por nossas damas da sociedade para aumentar a beleza e tratar rugas da pele, sardas e manchas devido ao sol-ardente". Até que as Primulas ficassem bastante raras neste século, por perda de hábitat e hábitos de cultivo, as flores eram colhidas a cada primavera para fazer um vinho que era, em grande parte, usado como um sedativo e calmante dos nervos. Ambas as espécies tem componentes semelhantes que podem ser usados alternativamente; estes incluem saponinas que tem um efeito expectorante e salicilatos (como na aspirina). Hoje Primula veris é a mais amplamente usada. Uma espécie semelhante, muito próxima da primavera, P. elatior, tem flores maiores, amarelo-enzofradas, com cálice menos desenvolvido. Contém as mesmas substâncias e é também colhida.



# Ginjeira

***Prunus cerasus* L.**

**Syn.: *Cerasus vulgaris* MILL.**

**Rosaceae**



Árvore ou arbusto com ramos castanho-avermelhados, frequentemente decumbentes, apresentando folhas alternas, brilhantes, dentadas. As flores brancas de simetria pentâmera crescem em fascículos sobre ramos curtos. Os frutos são drupas vermelho-escuras. É uma espécie de origem asiática, cultivada em todo o mundo pelos seus frutos, sob a forma de numerosas variedades.

Para fins medicinais, são colhidos os pedúnculos, retirados de frutos maduros e secados em condições favoráveis. Contêm sobretudo taninos. São adicionados às infusões destinadas a tratar as bronquites e as diarreias. São diuréticos e entram na composição de tisanas para emagrecer. As folhas têm os mesmos efeitos e são mais carminativas e antianêmicas. São usadas também para conservar pepinos pequenos. As ginjas consomem-se frescas ou em conserva. O suco fresco e rico em ferro e cálcio; usa-se para tratar perturbações digestivas, em caso de disfunção hepática ou de anemia. As ginjas maduras servem também para preparar um xarope que permite melhorar o gosto de certos remédios, tornando-os simultaneamente mais assimiláveis.

A madeira da ginjeira é dura e tem boa cor: usa-se em gravura e marcenaria. A ginjeira é igualmente uma importante espécie polínifera e melífera. As feridas nesta árvore exsudam gomose.



## Amendoeira

***Prunus dulcis* Mill. D.A.Webb.**

**Syn.: *Amygdalus communis* L.**

***Rosaceae***



Ávore ou arbusto com ramos avermelhados, folhas alternas, estreitas e brilhantes. As flores cor-de-rosa desabrocham no princípio da Primavera, antes do aparecimento das folhas. Os frutos são drupas alongadas e aveludadas. É uma espécie originária do Cáucaso, cultivada na Europa e no resto do mundo para a produção de amêndoas amargas (*var. amara*) ou doces (*var. dulcis*). O óleo de amêndoas entrava na composição da maior parte dos antigos produtos de beleza.

Do ponto de vista farmacêutico, apresentam maior interesse as amêndoas amargas. São obtidas quebrando a casca do fruto, para depois escolher e por a secar as sementes. Estas contêm até 50% de óleo, albuminas, açúcar, e um glicosídeo, a amigdalina, que se transforma, em meio úmido e em presença de uma enzima, no ácido cianídrico tóxico. As amêndoas amargas servem para preparar uma água de amêndoas amargas, utilizada contra a tosse, as náuseas, os vômitos e a falta de ar. Empregava-se também para corrigir o gosto de outros medicamentos e como dissolvente da codeína nas gotas contra a tosse. Nos nossos dias, a essência de amêndoas é geralmente produzida sinteticamente. Em aplicações externas, as essências de amêndoas servem para preparar pomadas e unguentos contra os reumatismos.

Das amêndoas doces extrai-se por pressão um óleo muito fino, o óleo de amêndoas doces (*Oleum amygdalarum*). As massas residuais (*Farina amygdalarum*) são utilizadas em cosmética para preparar máscaras e cataplasmas diversos. As amêndoas doces são muito usadas em doçaria.

---

## **Abrunheiro-bravo**

***Prunus spinosa* L.**

***Rosaceae***



Arbusto que forma matagais impenetráveis devido a uma multiplicação intensa através de rebentos radicantes. Os ramos espinhosos apresentam diminutas folhas ovaladas e pecioladas, de implantação alterna. As flores são brancas, pentâmeras, e desabrocham antes do aparecimento das primeiras folhas. Os frutos são drupas azul-escuras: os abrunhos. O abrunheiro-bravo cresce sobre vertentes secas e ensolaradas, em suportes pobres e pedregosos. É conhecido desde a Antiguidade como planta medicinal e alimentar. Foram mesmo encontrados caroços de abrunhos nos restos de cidades lacustres.

Para fins medicinais, são colhidas as flores. Estas são secadas muito prudentemente, em camadas finas, para evitar que escureçam e se desfaçam. Também são apanhados os frutos, perfeitamente maduros, mesmo um pouco sorvados, após as primeiras geadas. Deles são feitas geléias ou marmeladas; ou então são secos rapidamente ao sol antes de passarem ao secador. As flores contêm glicosídeos, taninos, açúcar, pigmentos e vitamina C. São sobretudo diuréticas: prepara-se uma infusão na proporção de duas colheres de café de flores secas para uma chávena de água, a tomar uma a duas vezes por dia. Esta tisana favorece, ao mesmo tempo, as trocas metabólicas e exerce um ligeiro efeito laxante. Os frutos contêm sobretudo taninos e ácidos orgânicos. Depois de secos são adstringentes. São usados contra as afecções da bexiga e das vias urinárias, assim como em caso de perturbações digestivas. Os frutos frescos servem para fabricar sumos, xaropes e vinho de abrunhos.

Veja também: [Prunus spinosa](#) sob ponto de vista antropológico.

## Pulmonária-oficinal

***Pulmonaria officinalis* L.**  
***Boraginaceae***



O gênero *Pulmonaria* consta de 14 espécies de plantas perenes robustas, rizomatosas, de lento crescimento, nativas em bosques da Europa, Ásia e oeste da América do Norte. A origem do nome vem do latim "pulmo", pulmão, devido ao uso que se faz das plantas de várias espécies.

*Pulmonaria officinalis* é uma planta herbácea perene com rizoma subterrâneo e um tufo de caules angulosos, apresentando folhas alternas e rugosas ao tato. Na extremidade de cada caule forma-se uma haste escorpióide de flores primeiro rosadas, ficando azuladas após a fecundação. Os frutos são tetraquênios. É uma espécie européia que cresce nos bosques claros. Sempre foi usada para tratamento dos pulmões e especialmente da tuberculose, como testemunha o seu nome genérico: pulmonaria.

Para



fins terapêuticos, são colhidas as folhas, ou mesmo as cimeiras completas. A colheita é feita moderadamente, à mão, apanhando as folhas ou cortando as partes aéreas, com tempo seco. As partes recolhidas são postas a secar à sombra, sob corrente de ar, ou num secador. Contêm taninos, mucilagem, saponinas, ácido silícico e substâncias minerais. É usada internamente para tratar bronquites, tosse, tosse convulsiva e têm ação expectorante. A infusão prepara-se com duas colheres de café de partes secas por chávena de água fervente, a tomar três vezes por dia; é sudorífica, anti-inflamatória e diurética. Uma decocção a 10% é usada em compressas ou banhos: é emoliente, desinfetante e anti-inflamatória. Externamente é usada para tratar ferimentos e lavagem dos olhos por sua ação desinfetante. É comum adicionar-se folhas de pulmonária a sopas e saladas, sendo também um dos ingredientes do vermute.

A pulmonaria-oficinal é frequentemente cultivada em jardins como planta ornamental, assim como outra espécie, *P. saccharata*, com folhas maculadas de branco.



## **Romãzeiro**

***Punica granatum***  
***Punicaceae/Lythraceae***



Duas espécies de arbustos ou pequenas árvores compõem o gênero ***Punica*** que é originário da Ásia Ocidental e está distribuído desde regiões mediterrâneas orientais até os Himalaias. ***Punica granatum*** é perene nas regiões subtropicais e decíduo nas regiões temperadas, flores tubulares revestidas de cera aparecem no verão, seguidas por frutas amarelo-marrom ou vermelho-esbranquiçado. Há muitas variedades cultivadas, inclusive algumas com flores brancas dobradas e branco-listadas. *Punica* é uma contração do latim *punicum malum*, maçã cartaginesa.

***Punica granatum*** (Romãzeiro) Arbusto denso e ramoso com ramificações em formato de espinhas inclinadas e coloração verde brilhante, folhas ovais lanceoladas. Flores vermelhas ou laranjas são seguidas por frutos duros de polpa suculenta que contém numerosas sementes cor-de-rosa púrpura. Uma variedade anã que tornou-se popular desde o início do 18º século é ligeiramente mais robusta que as demais da espécie, tem folhas mais estreitas, flores menores, e frutas do tamanho de uma noz moscada.

***Punica granatum*** era apreciada desde a antiguidade, os egípcios consideravam-na símbolo da ambição e prosperidade e, por isso, decoravam os sarcófagos com flores e folhas de romã e figurava, inclusive, nas colunas do Templo de Salomão. Foi mencionada como uma cura para tênia no papiro de Ebers (1500 AC), e como erva medicinal chinesa ao redor 470 DC. Contém alcalóides incomuns, conhecido como pelletierinas que paralisa as tênia que são então expelidas facilmente junto com um laxante. Nos tempos clássicos a romã se tornou um símbolo de fertilidade e era ingerido por mulheres sem filhos, embora uma recente experiência com ratas mostra que as [sementes de \*Punica granatum\* diminuem a fertilidade](#).

As partes usadas são a casca da raiz, casca do fruto, suco e sementes. As raízes são erguidas para a colheita no outono; A raiz e partes do caule são descascados e secados para uso em decocção e extratos líquidos. No outono são escolhidas as frutas quando maduras e a casca é removida e secada para uso em decocção e pós; as sementes são separadas da polpa e da medula amarga e consumidas frescas ou espremidas para suco. É uma erva doce-amarga, adstringente, quente, que destrói parasitas intestinais. Também é antiviral e controla diarreia. É usada internamente para diarreia crônica, disenteria amébia e lombrigas intestinais. Externamente para lavagem vaginal, chagas na boca e infecções da garganta. O chá preparado com a casca da fruta é antidiarréico e usado em gargarejos para curar aftas. As folhas cozidas dão um excelente colírio para lavar olhos irritados. As flores em infusão pode ser usadas para aliviar cólicas intestinais e para combater inflamações na gengiva.

No uso culinário são ingeridas as frutas frescas e as sementes guarnecem sobremesas. É feito um suco conhecido como granadina, um importante ingrediente de coquetéis (especialmente daiquiri), e um aromatizante para saladas de frutas, sorvetes, e cremes gelados. As sementes são fervidas para fazer xarope de romã, um aromatizante e para dar sabor em pratos Orientais Medianos como o faisnjan (Irã). A casca também fornece um corante de cor entre amarelo-limão e vermelho pálido que é utilizado para tingir tapetes no Oriente e para curtir couros e peles. Esta erva, especialmente na forma de extratos da casca, está sujeita a restrições legais em alguns países.



## **Carvalho-comum**

***Quercus robur* L.**  
***Fagaceae***



Árvore de grande desenvolvimento que, se dispuser de umidade, espaço e nutrientes necessários, pode tornar-se gigantesca e durar muito tempo. As folhas são verde-escuras, coriáceas, lobadas, estendendo-se até a base do pecíolo. As flores estaminadas agrupam-se em amentos caídos, as pistiladas apresentam longos pedúnculos axilares. O carvalho-comum dá-se bem em solos ricos e profundos, sobretudo na planície. Os carvalhos sempre foram cultivados e apreciados como símbolos da força e da beleza.

A colheita da casca é feita à mão, destacando-a das árvores e dos ramos novos, na Primavera, quando a casca é lisa, brilhante, rica em seiva e se separa facilmente da madeira. É secada ao sol ou em feixes, sob corrente de ar, depois no secador, a 50°C no máximo. Contém 7%-20% de tanino, ácido pirológico e catequinas. É um poderoso adstringente, utilizado contra diarreias intensas e catarros gastrintestinais. Prepara-se uma decocção de uma colher de café de casca esmagada por chávena de água, a tomar duas a três vezes por dia. A casca de carvalho é usada em aplicações externas para a preparação de banhos para frieiras, queimaduras, hemorróidas e doenças da pele (incluindo micoses). As substâncias ativas são desinfetantes e vulnerárias. A decocção é igualmente útil em caso de transpiração excessiva dos pés (cerca de 500 g de casca para 4 litros de água). A espécie *Q. petrae* oferece uma casca de mesma qualidade que permite as mesmas aplicações.

---



# **Rábano**

***Raphanus sativus L.***  
***Cruciferae (Brassicaceae)***



Planta herbácea anual ou bienal com raiz em forma de bulbo esférico a fuselado e um caule ramificado, apresentando folhas liriformes. As flores brancas ou rosadas estão agrupadas em inflorescências alongadas na extremidade dos caules. O fruto é uma silíqua contendo sementes castanhas. O rábano é uma antiga planta cultivada, já conhecida dos Egípcios. Era também cultivada outrora no Japão e na China; através da Grécia e de Roma, difundiu-se no resto da Europa. Atualmente, o rábano é cultivado em pequena ou em grande escala sob a forma de numerosos cultivares.

É o rábano negro que apresenta interesse terapêutico, pela sua riqueza em tioglicosídeos, vitamina C, provitaminas do grupo B e substâncias anti-sépticas. Consome-se principalmente fresco. É considerado excelente colagogo e adjuvante do tratamento da icterícia e das doenças da vesícula, excluindo inflamações e cálculos biliares. O rábano negro consome-se ralado ou cortado em rodela com pão e manteiga, ou sob a forma de sumo fresco, na quantidade de 100ml a 150 ml por dia. Acelera as trocas metabólicas e exerce um efeito salutar em caso de perturbações digestivas.

Os rábanos com bulbo branco são menos eficazes do ponto de vista medicinal, tal como o rabanete (*R. sativus var. radicula*), o que em nada diminui o seu valor como legumes fresco.

---

## **Amieiro-negro**

***Rhamnus frangula* L.**

**Syn.: *Frangula alnus* Mill.**

***Rhamnaceae***



Arbusto com ramos finos, cinzentos escuros, com folhas alternas, ovaladas e inteiras. Na axila das folhas, aparecem diminutas flores esverdeadas que se transformam progressivamente em drupas, primeiro verdes, depois vermelhas e por fim negras. É uma espécie vulgar na Europa, Ásia e África do Norte, em meios úmidos, ao longo dos riachos, junto aos tanques, perto das turfeiras, onde forma matagais.

Para fins medicinais, colhe-se a casca, de preferência depois de chover, quando ela está fina e macia. A casca recolhida em ramos novos contém um antranol-glicosídeo, o frangularosídeo. É secada ao sol ou no secador, a 40°C no máximo. Após esta secagem, a casca deve ser aquecida durante uma hora a 100°C, ou então armazenada durante um ano. Durante este período, dá-se uma reação enzimática que leva à formação de glicosídeos antraquinônicos, de franguloemodina e de glucose. A casca de amieiro-negro ou o seu extrato constituem laxantes garantidos quando todos os outros produtos se revelam ineficazes. É usada geralmente para tratar a obstipação crônica e aumenta o peristaltismo intestinal. Serve igualmente para tratar o fígado, a vesícula e o baço. Entra na composição de tisanas para emagrecimento e é eficaz contra os parasitas intestinais. Deve tomar-se cerca de 1g desta droga de cada vez e não ultrapassar os 10g por dia. Doses mais fortes são tóxicas, tal como os frutos do amieiro-negro.

---



## Ruibarbo-palmado

***Rheum palmatum* L. var. *tanguticum* Maxim.**  
***Polygonaceae***



Planta herbácea perene, dotada de uma roseta basilar de folhas palmadas e de um caule bem desenvolvido, atingindo até 2m de altura. Este caule oco apresenta algumas folhas caulinares e uma panícula de flores terminal. Toda a planta tem cor avermelhada e gosto acidulado. O fruto é um aquênio tríquetro. O ruibarbo-palmado vem da China e do Tibete. As espécies cultivadas na Europa, pelos seus pecíolos comestíveis, não são de conveniente utilização para fins medicinais.

São colhidas as raízes das plantas com 5-7 anos. A sua extração é feita a máquina, sendo as raízes simultaneamente limpas e desembaraçadas das partes verdes. Depois são peladas, cortadas ao meio e secadas sobre grades. Depois de estarem secas, as raízes têm um gosto acre. Contêm dois tipos de glicosídeos: tanoglicosídeos, que contêm ácido gálico, ácido cinâmico e glicose livres; e quatro antraglicosídeos associados: crisofaneína, emodina, reocrisina e reína. É provavelmente a reína o principal componente ativo da raiz de ruibarbo, que contém ainda amido



e oxalato de cálcio.

Em doses baixas, a droga é adstringente, em doses mais elevadas, torna-se laxante ao fim de 8-10 horas. Nunca deve ser consumida em caso de doenças da bexiga, presença de areias ou de cálculos urinários. É igualmente nociva para as crianças. Encontra-se, na farmácia, o extrato ou a tintura de ruibarbo. Esta última entra na composição de numerosas tisanas e após-digestivos.

---



# **Framboeseiro**

***Rubus idaeus L.***  
***Rosaceae***



Arbusto com ramos castanhos e eretos, cobertos de pequenos espinhos e apresentando folhas alternas imparifolioladas. Estas são verdes e brilhantes na página superior, brancas e tomentosas na inferior. Os cachos lassos de flores brancas formam-se na axila das folhas de ramos do ano precedente; estes morrem no fim da vegetação. O fruto, a framboesa, de cor vermelha ou amarela, é uma drupa composta que se desprende do receptáculo quando amadurece. É uma espécie bastante vulgar nas clareiras, desde sempre colhida ou cultivada nos jardins.

Para fins medicinais, são colhidas as folhas dos framboeseiros selvagens. Os folíolos são apanhados à mão e postos a secar num local sombrio, bem arejado, ou num secador, até 50°C. Contêm taninos, pectina, vitamina C e ácidos orgânicos. São usados, simples ou em mistura, na preparação de infusões emolientes e expectorantes, para tratamento de perturbações gástricas, para facilitar a diurese e a secreção biliar. Misturados com camomila, são eficazes contra a acumulação de gases intestinais nas crianças. Preparação da infusão: 5g-10g de folhas cortadas para uma chávena de água. As folhas de framboeseiro são a matéria-prima principal na preparação de bebidas refrescantes sem álcool. As folhas fermentadas (de cor castanha) são um sucedâneo do chá. Os frutos frescos têm também

interesse farmacêutico: servem para preparar xarope de framboesa, refrescante e febrífugo.

---

# **Arruda**

***Ruta graveolens* L.**

***Rutaceae***



Planta perene com caule ramoso, lenhificado, apresentando folhas alternas, duas a três vezes penatissectas, glabras, de cor glauca. As flores verdes-amareladas estão agrupadas em inflorescências corimbiformes. O fruto é uma cápsula que contém sementes pretas (em baixo). É uma espécie originária da Europa meridional; antigamente, era cultivada nos jardins como aromatizante e planta medicinal. Atualmente, as necessidades farmacêuticas são satisfeitas pela cultura dos campos.

São colhidas as cimeiras novas, cortando-as com as folhas basilares. As plantas voltam a despontar rapidamente e pode repetir-se a colheita várias vezes. Os caules são colocados sobre grades de canas, num local sombrio e arejado, ou num secador, a 35°C no máximo. Contêm um óleo essencial venenoso, um glicosídeo, a rutina, anti-sépticos vegetais, princípios amargos e taninos. É a rutina que tem interesse farmacológico: incorporada, após purificação, em diversos medicamentos, baixa a tensão, fortalece os capilares e diminui a sua permeabilidade. Os alcalóides da arruda são espasmolíticos, calmantes e reguladores da atividade cardíaca. Reduzem as dores de cabeça, estimulam a digestão e a secreção biliar, eliminam os parasitas intestinais. A arruda pode, no entanto, ser perigosa em doses elevadas, principalmente durante a gravidez. É uma planta venenosa, e o seu uso deve ser prescrito pelo médico. Externamente serve para lavagens oculares, como cataplasma sobre feridas e úlceras, para gargarejos ou banhos.

# **Salgueiro-branco**

***Salix alba* L.**  
***Salicaceae***



Árvore ou arbusto com tronco castanho-esverdeado e ramos flexíveis verde-amarelados. As folhas são lanceoladas, alternas, cinzentas e tomentosas na página inferior. O desenho mostra a diferença entre as folhas de *S. alba*, *S. fragilis*, *S. cinerea* e *S. triandra* (da esquerda para a direita). É uma espécie com flores dióicas; as flores masculinas e femininas estão agrupadas em amentos. Os frutos são cápsulas. O salgueiro-branco é uma planta vulgar nas associações de planícies úmidas e de pântanos; encontra-se junto às águas, estagnadas ou correntes, da planície até a montanha. É usado desde a Antiguidade, quer pelas propriedades medicinais da casca, quer pelos ramos flexíveis, que constituem uma matéria-prima barata para o fabrico de móveis e cestos.

A casca do salgueiro é retirada cortando circularmente os ramos de 2-3 anos e fazendo uma incisão longitudinal para depois os descascar. Após uma rápida secagem ao sol ou com calor artificial (60°C no máximo), a casca conserva o gosto amargo. Contém um heterosídeo (fenol monossaturado), salicina, glicosídeos, viminalina e triandrina, até 14% de taninos e outras substâncias. O seu teor em compostos salicílicos tornam-no um bom produto antipirético, antinevrálgico, anti-reumático. É também diaforético em caso de resfriamentos. Atualmente, o seu uso foi suplantado pelas preparações sintéticas como a aspirina, o ácido acetisalicílico, etc. Externamente, a casca de salgueiro serve para preparar banhos, unguentos e cataplasmas.

Existem numerosas espécies de salgueiros, todas ativas do ponto de vista medicinal. São também preciosas políferas e melíferas.



## **Sabugueiro-negro**

***Sambucus nigra* L.**  
**Caprifoliaceae**



Ávore ou arbusto com ramos cinzentos-acastanhados contendo medula branca e com folhas imparipenatissectas opostas. As flores branco-amareladas estão agrupadas em cimeiras terminais. Os frutos são drupas negras e brilhantes. É uma espécie comum na Europa, Ásia e África do Norte; encontra-se nos bosques densos, nos matagais, nos escoadouros e próximo das habitações. Conta-se desde sempre entre as plantas medicinais.

Atualmente, colhem-se sobretudo as flores e os frutos. Corta-se com uma tesoura toda a inflorescência, que é colocada sobre uma grade de canas com as flores voltadas para baixo e submetida a uma rápida secagem. Depois faz-se cair as flores e estas são conservadas em invólucros fechados num local seco. Contêm glicosídeos: rutina, que atua sobre a permeabilidade capilar, e sambunigrina; óleos essenciais, taninos e ácidos orgânicos. A infusão de flores secas bebe-se para tratar resfriamentos (é sudorífica), para combater os catarros das vias respiratórias superiores e tratar perturbações nervosas pouco graves. Os frutos frescos e maduros são usados em geléis, xaropes, vinhos, ou podem ser secos. Contêm pigmentos orgânicos, ácidos aminados, açúcar, rutina e abundante vitamina C.



Ligeiramente laxantes, entram na composição de tisanas para emagrecer. São igualmente úteis no tratamento de perturbações nervosas como as insônias, as enxaquecas, e ainda contra inflamações dolorosas. Encontra-se por vezes nas farmácias vinagre de sabugueiro, que é desinfetante e serve também para preparar compressas febrífugas.

## **Pimpinela-oficinal**

***Sanguisorba officinalis* L.**  
**Rosaceae**



Planta herbácea vivaz com espesso rizoma ramificado, uma roseta basilar de folhas imparipenatissectas e um caule ramificado, terminado por espigas de pequenas flores vermelhas. Os frutos são aquênios. A pimpinela é vulgar na Europa e na Ásia, em prados e pastagens.

A pimpinela é uma antiga planta medicinal, usada contra as hemorragias e as perturbações digestivas. Colhe-se o rizoma, por vezes também as cimeiras. Após limpeza profunda, os rizomas são cortados em pedaços e postos a secar, mesmo ao sol. Contêm taninos, saponinas (sanguisorbina), flavonóides e vitamina C. Os taninos são adstringentes, ligeiramente anti-sépticos e hemostáticos. A decoção do rizoma é útil contra os catarros gastrintestinais, as diarreias, as hemorragias nasais e das gengivas, as menstruações demasiado abundantes e as perturbações urinárias. A saponina tem um efeito anti-inflamatório e diaforético. As cimeiras secas servem para preparar banhos, tratar feridas abertas, erupções cutâneas e úlceras, também para fazer gargarejos contra as afecções das gengivas e as anginas. Pode também fazer-se uma decoção (20g-30g para 200ml de água, uma colher de sopa de duas em duas horas) com indicações idênticas às do rizoma. É desaconselhado aumentar as doses, tanto num como noutra caso.

Especies próximas, a ***Sanguisorba minor*** (pimpinela menor) e ***Sanguisorba tenuifolia*** (pimpinela-de-folhas-estreitas) têm efeitos menos evidentes e não são colhidas.



# **Saponária**

***Saponaria officinalis* L.  
*Caryophyllaceae***



fins medicinais, colhe-se a raiz das plantas com dois a três anos. Após rápida limpeza, a raiz é desembaraçada das partes verdes e posta a secar num secador ou ao sol, a uma temperatura que não ultrapasse os 70°C. Contém até 5% de uma saponina triterpenóide, a saporubina, o flavonóide saponarina, 30% de açúcares e outras substâncias. É utilizada na indústria farmacêutica para preparar numerosos remédios expectorantes: gotas, xaropes. É também diurética e diaforética. Em dose elevada e uso prolongado, pode ser perigosa, pois as saponinas podem decompor os glóbulos vermelhos.

A raiz de saponária é usada industrialmente na preparação de dentífricos, sabões e detergentes em pó. A maceração da raiz é muito espumosa, sobretudo quando misturada com bicarbonato de sódio. As saponinas isoladas podem ter aplicações industriais. As cimeiras têm uma ação um pouco mais fraca.

Planta herbácea perene com rizoma de cor alaranjada e um tufo de caules eretos, apresentando folhas opostas, sésseis, de forma lanceolada. Os caules têm uma panícula terminal de flores rosadas. O fruto é uma cápsula oval que contém sementes muito pequenas (em baixo à direita). Espontânea na Europa central e meridional, é uma espécie de lugares úmidos. Era frequentemente plantada, pois substituíra, esmagada, o sabão para as lavagens.





# **SCILA**

## ***Scilla maritima* (Liliaceae/Hyacinthaceae)**

**syn. *Drimia maritima*, *Urginea maritima***  
cebola, cebola do mar



Este gênero consiste de cerca de 100 espécie de bulbosas perenes, encontradas ao longo da região mediterrânea e Portugal; *Scilla maritima* é nativa nas areias litorâneas e secas e no solo rochoso. Scillas são amplamente cultivadas para uso comercial, mas elas também são cultivadas como plantas ornamentais de jardins, pela sua impressionante espiga floral em relação aquelas dos lírios "rabo de raposa" (da espécie *Eremus*). Embora cresçam facilmente nos lugares secos durante o verão, elas produzem poucas flores nas regiões do norte.

*Scilla maritima* é cultivada para a produção de drogas em vários países mediterrâneos, Egito e Turquia. São colhidos os bulbos depois de seis anos, com um rendimento de aproximadamente 25.000 bulbos por hectare (10.000 por acre). *Scilla maritima* contém scillarina que afeta o coração. É conhecida no comércio como "cebola" branca ou "cebola" vermelha, dependendo da cor do bulbo que varia pelas áreas de distribuição. Embora semelhante em constituintes, só os bulbos vermelhos contêm o veneno de rato

scilliroside que tem a interessante propriedade de envenenar só roedores (os outros animais o vomitam). *Scilla indica* (cebola indígena) é outra fonte de scillarina. A scila é freqüentemente dado como "vinagre" de scila, uma preparação descrita no *Dioscorides*.

As partes utilizadas são os bulbos que são colhidos no início do outono, cortados transversalmente e secados para serem usados em infusões, extratos líquidos, vinagre de scila, e tinturas. É uma erva amarga, picante, muito venenosa que tem efeitos diuréticos, expectorantes e estimulantes do coração, e atua também como um tônico capilar.

Medicinalmente é usada internamente para bronquite, bronquite asmática, tosse seca, e edema. Em altas doses é emético. Deve ser receitado somente por médicos qualificados. Externamente é utilizada para caspa e seborréia. Extratos são usados para produzir balas contra tosse seca e em tônicos capilares. Também são usados em venenos contra ratos.

Vide também [Scilla maritima](#) sob ponto de vista antroposófico.

---

# Cila

***Scilla maritima***

***Urginea maritima***

**Liliaceae**

Sob ponto de vista antropológico



A cila tem como habitat o solo árido, arenoso e salgado das praias quentes e ensolaradas. Vive, portanto, em um ambiente mineral salino. Como Liliácea, guarda em si processos cósmicos de natureza etérica: um vegetal com enorme vitalidade que cresce em um solo salino arenoso castigado pelo calor do sol: O processo etérico-vital da cila vence a tendência salino-mineralizante.

O bulbo da cila é verde, suas folhas bulbares possuem clorofila e estômatos. A cila aponta um caminho que conduz as Liliáceas a uma aproximação do mundo físico material, caminho esse realizado a partir da organização rítmica foliar, capaz de harmonizar a tendência cósmica, que na cebola e no alho permanece isolada à tendência terrestre mineralizante. Esse princípio de harmonização entre duas polaridades se encontra expresso nas folhas do bulbo que se tornam verdes, relacionando o bulbo com o ar ensolarado das regiões marinhas. O princípio mercurial da gota viva, expresso através do bulbo das liliáceas, atinge uma expressão muito maior no bulbo verde da cila que não se isola do meio ambiente e que une, através do desenvolvimento do caráter rítmico foliar do bulbo, duas tendências opostas: a cósmica e a terrestre.

O processo etérico-aquoso se relaciona com o ambiente de ar e luz (astral).

O ciclo de vida da cila se realiza em etapas distintas. Na primavera o vegetal emite um tufo de folhas que partem do bulbo. Seu crescimento até o verão é puramente vegetativo; nessa época as folhas começam a secar. No fim do verão, quando as folhas não bulbares estiverem secas, parte do centro do bulbo uma grande haste floral. Após o desenvolvimento floral, a planta volta a ser novamente um bulbo durante o inverno. Na primavera do ano seguinte o ciclo se repete.

A cila nos mostra dois movimentos: um estático, representado pelo bulbo que permanece como tal durante toda a existência da planta. O outro movimento é dinâmico, representado pelo desenvolvimento das folhas não bulbares e da inflorescência.

Um vegetal dinâmico nasce e morre em cima de um vegetal estático e indiferenciado (bulbo). O bulbo da cila que serve de terra ao vegetal dinâmico cresce lenta e constantemente durante os anos, chegando a pesar 2 Kg após 7 anos de vida, emitindo alguns bulbilhos que podem ser destacados do bulbo principal constituindo uma nova planta. Esse bulbo surge da terra morta e salina castigada pelo sol muito vitalizado, transforma o processo aquoso-vital em uma entidade capaz de se relacionar com a luz e com o ar através da clorofila; esse processo vital agora purificado, serve de chão a uma nova planta que nasce por cima dele. O bulbo dominou a aridez e a morte e se sacrifica para oferecer esse processo vital purificado a um novo processo superior.

Os distúrbios da organização aquoso-etérica impedindo a organização astral de atuar corretamente, distúrbios que se sucedem um após o outro, tal como o ciclo de desenvolvimento da planta, manifestam-se segundo os seguintes sintomas:

a - Distúrbios da organização aquoso-etérica:

Pacientes que eliminam grande volume de urina, como os diabéticos, podem apresentar uma supressão dessa eliminação e conseqüente agravação traduzida por perturbações dos órgãos respiratórios. Esses sintomas respiratórios também poderão desaparecer surgindo perturbações renais que também serão substituídas por condições drópsicas. Se o paciente acometido por essas perturbações hídricas puder urinar abundantemente, terá o seu estado melhorado; cila atua nesse quadro.

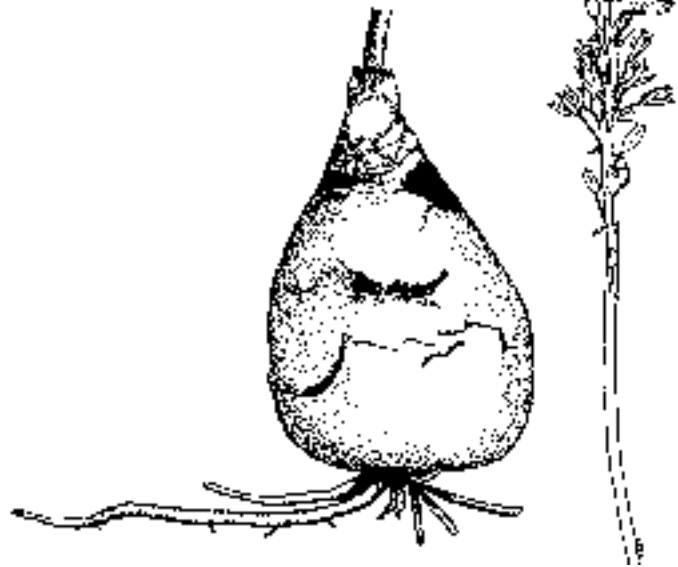
Cila possui pronunciada ação diurética, aumentando a eliminação de nitrogênio.

b - distúrbios da organização aéreo-astral:

Tosse, geralmente espasmódica, fatigante, que elimina o acúmulo de muco dos órgãos respiratórios, principalmente da traquéia. É uma tosse que impede o paciente de reter urina e fezes. Poderá haver muco nos brônquios e o paciente sente grande dispnéia agravada entre 11 e 13 horas. Essa dispnéia também pode ser de origem cardíaca; tosse com eliminação de suores.

Cila, além de sua atuação diurética, favorece a secreção bronquial e aumenta a sudorese.

A cila, como pudemos observar, possui um processo rítmico muito pronunciado representado pelas folhas do bulbo com clorofila que permitem uma relação da planta com o meio ambiente, conciliando o processo aquoso-etérico do bulbo com o processo aéreo-luminoso do meio ambiente. O bulbo concilia ainda o processo mineralizante do ambiente salino com o processo foliar e sulfúreo floral em um ciclo de vida periódico. Há portanto um relacionamento do sistema neuro-sensorial com o metabolismo dos líquidos.



Relacionamento do sistema neuro-sensorial com o metabolismo hídrico segundo uma seqüência regular e periódica torna a cila um medicamento capaz de harmonizar o sistema aquoso-etérico, cujos líquidos se acham em desordem, à ação organizadora e diferenciadora do sistema neuro-sensorial. Essa atividade também se manifesta através da formação de glicosídeos cardiotônicos menos potentes que os do digitalis, mas que podem ser administrados quando há bloqueio átrio-ventricular.

## **COMPOSIÇÃO QUÍMICA**

A cila possui, entre outros componentes, mucilagem, nulina, tanino piro-catequético, ácidos orgânicos (oxálico, málico e cítrico) sob a forma de sais, principalmente de cálcio; suas folhas bulbares apresentam células gigantes contendo em seu interior cristais de oxalato de cálcio. A cila também contém colina, esteróis, lipídeos e pigmentos antocianínicos e flavônicos.

Os esteróis da cila tem atividade cardiotônica. Os cardiotônicos possuem um núcleo ciclo pentano per-hidro fenantreno ligado a açúcares e a um heterociclo.

O radical heterocíclico pode ser uma lactona com 4 carbonos constituindo os cardenólidos de origem vegetal, como o ***Strophantus*** e a ***Digitalis***.

Quando o radical for uma lactona com 6 carbonos, constituirá os bufadienólidos encontrados na pele de alguns sapos e no



bulbo da cila, refletindo o relacionamento entre os processos etérico e astral.

A cila possui glicosídeos cardiotônicos na proporção que varia entre 0,1 a 0,4%. O cilareno A constitui 50 a 70% do conteúdo total de glicosídeos bufadienólidos.

Ainda em relação à composição química da cila, encontramos uma outra característica interessante: a variedade vermelha possui um glicosídeo, cardiotônico para o homem e extremamente tóxico para o rato, denominado cilirósido.

### **OBSERVAÇÕES FINAIS**

Processos cósmicos antes retidos no bulbo das liliáceas, começam a se relacionar com o meio ambiente e se sacrificam para permitir que um novo princípio, simbolizado pelas flores, possa crescer nessa terra salina e estéril.

Vide mais sobre *Scilla maritima* [aqui](#).

Vide também: [Ilustração de \*Urginia maritima\*](#) - 48 Kb.

---

## **Vassourinha-doce**

***Scoparia dulcis* L.**

***Scoparia procumbens* Jacq.**

***Scoparia ternata* Forsk.**

***Salicaceae***



Planta nativa na América Tropical, hoje com larga distribuição no mundo. No Brasil ocorre na maior parte do território, mas raramente aparece em grandes concentrações, sendo infestante em pastagens e culturas, especialmente perenes como a do café. É uma planta herbácea anual, reproduzida por semente, de base sublenhosa, ereta com até 80cm de altura, muito ramificada com ramos ascendentes, numa estrutura que permite seu uso como "vassoura". Folhas curto-pecioladas, opostas ou verticiladas, limbo membranáceo, lanceolado, linear-lanceolado ou oval-lanceolado, com margens denteadas. Inflorescência axilar, com abundantes flores pediceladas de coloração verde com cálice apresentando 4 sépalas e pétalas brancas ou azuladas que são seguidas por cápsulas de frutos de coloração pardo-amarelada. A origem do nome vem do latim "scopa", vassoura (pelo uso da planta), e dulcis, doce. Popularmente a planta é conhecida por diversos nomes: vassourinha, vassourinha-doce, vassourinha-cheirosa, vassourinha-mofina, vassourinha tupiçaba, vassourinha-miúda, vassourinha-de-botão, tapixaba, tupixava, tupiçaba, tapeiçaba.

No passado usavam-se feixes de ramos amarrados para varrer casas no interior. É usada na farmacopéia popular com diversas indicações. A planta tem realmente propriedades emolientes, sendo sucedânea das malvas, e também lhe são atribuídas propriedades béquicas e antifebris. Na homeopatia preparam-se medicamentos com essa planta contra o catarro dos pulmões, febres e dores de ouvido. A planta encerra um composto denominado amelina, que tem mostrado eficácia no tratamento de certos tipos de diabetes. Uma dose de 15-20mg diários de amelina podem determinar um lento e progressivo abaixamento do nível de glicose no sangue, conforme experimento clínico efetuado em 1945. A amelina é extraída das folhas por infusão.

## **Mostarda-branca**

***Sinapis alba* L.**

***Cruciferae (Brassicaceae)***



Planta herbácea anual dotada de um caule ereto, simples, com folhas alternas, alongadas, liriformes e penatipartidas. O caule apresenta um cacho terminal de flores amarelas. O fruto é uma silíqua não deiscente na maturidade, contendo sementes amarelas e lisas. Toda a planta está coberta de pêlos ásperos. A espécie, originária das regiões mediterrâneas, é cultivada nos campos pelas suas preciosas qualidades forrageiras e oleaginosas. Antigamente, a mostarda era uma das mais importantes plantas medicinais e dietéticas, sendo usada como aromatizante e contraveneno.

A semente apresenta grande importância alimentar e medicinal. Nos campos de mostarda, a colheita é feita mecanicamente na altura da maturação. As sementes, depois de limpas, são submetidas a uma secagem complementar. Contêm até 30 % de óleo gordo, mucilagem, e 2% de sinalbina, uma substância que se decompõe, em meio úmido e na presença de uma enzima, a mirosina, em senevol enxofrado. A farinha de mostarda é utilizada para cataplasmas e pensos aplicados sobre as partes afetadas por dores reumáticas. Têm como efeito rubificar a pele. O sinapismo quente (40°C) tem um efeito ainda mais forte, mas pode causar irritação da epiderme.

As sementes inteiras são utilizadas pela indústria alimentar na conservação de certos legumes, as sementes moidas servem para fabricar mostardas de mesa, mais ou menos fortes. A mostarda É também uma excelente planta melífera e polínifera.

---



## Maria-pretinha

***Solanum americanum* Mill.**

***Solanum nodiflorum* Jacq.**

***Solanum caribaeum* Dun.**

***Solanaceae***



Planta herbácea anual, reproduzida por semente. Folhas alternas, pecioladas, ovaladas ou rômbricas, com até 7cm de comprimento de coloração verde. Inflorescência axilar, com um pedúnculo de cujo ápice sai uma umbela ostentando até 6 pequenas flores. Flores com cálices de coloração verde com 5 lobos agudos; o cálice persiste até a maturação dos frutos. Corola com 5 lobos lanceolados, brancos ou com leve tonalidade purpúrea. O fruto é um solanídio globoso de cor verde quando imaturo e preto brilhante quando maduro. Cada fruto encerra de 50 a 100 sementes. A planta aceita bem condições de climas tropical, subtropical ou temperado, mas para um bom desenvolvimento exige solo fértil, rico em nitrogênio e com boa umidade. Na parte meridional do Brasil a planta é encontrada da primavera ao outono e recebe os seguintes nomes populares: "erva-moura", maria-preta, maria-pretinha, pimenta, pimenta-de-galinha, pimenta-de-rato, pimenta-de-cachorro, erva-de-bicho erva-mocó, aguarágua, aguaráquiá, guaraquinha e caraxixú.

Essa planta faz parte de um grande complexo de plantas assemelhadas e é uma espécie muito próxima de *Solanum nigrum*, embora sendo de origem distinta: *Solanum nigrum* é nativa na Europa, enquanto *Solanum americanum* é nativa no Continente Americano. Com relação a *Solanum nigrum*, tem sido separadas diversas variedades, inclusive tem sido selecionadas plantas de frutos maiores para aproveitamento econômico. *Solanum nigrum* foi introduzida na América do Norte, onde ocorre ao longo de uma faixa da costa oriental. Há referências sobre a presença no Brasil, mas provavelmente trata-se de confusão com outra espécie.

As duas espécies são assim caracterizadas:  
***Solanum americanum*** - Inflorescência em umbelas com até 6 flores, cujos pedicelos

saem todos de um mesmo ponto (o que na prática nem sempre acontece). Anteras nunca com mais de 2mm de comprimento. Folhas de coloração verde pouco intensa. Frutos com 50 a 100 sementes. ***Solanum nigrum*** - Inflorescência em umbelas com 5 a 10 flores, em umbelas imperfeitas com alguns pedicelos saindo abaixo do ponto apical do pedúnculo. Anteras com até 2,6mm de comprimento. Folhas de coloração verde-escura. Frutos com 15-60 sementes. Na prática essas diferenças não são consistentes. Temos encontrado no Brasil muitas plantas com inflorescência em umbelas imperfeitas, as diferenças de frações de milímetro no comprimento das anteras não parecem relevantes e a coloração das folhas depende do estado nutricional da planta. A separação mais aceitável seria a geográfica, mas é quebrada pela dispersão.

***Solanum americanum*** apresenta compostos com efeito narcótico, sedativo e analgésico, e por isso tem sido usada na medicina popular, na forma de decoctos, macerados e cataplasmas. Os frutos maduros são comestíveis, sendo apreciados por pássaros. Na África e nos Estados Unidos, os frutos da espécie *Solanum nigrum* têm sido usados para a fabricação de geléias. Nos Estados Unidos selecionaram-se plantas de frutos maiores, conhecidas como "wonderberry" e "huckleberry", que são usados em substituição eventual a outros "berries", para as famosas tortas tipo "berry-pie". Frutos verdes e outras partes da planta são tóxicos. Nos frutos encontram-se alcalóides, como solasodina. Folhas e ramos também apresentam alcalóides, mas a toxicidade para animais deve derivar mais de um alto teor de nitratos. Ela também é infestante em diversas culturas e, além da competição, pode causar outros problemas. Por exemplo, em cultura de ervilhas, os frutos são colhidos junto com as sementes da cultura, sendo quase impossível a separação; os verdes são tóxicos e os maduros tingem os grãos colhidos.

# Jurubeba

***Solanum paniculatum* L.**

***Solanum jubeba* Vell.**

***Solanum manoelii* Moricand.**

***Solanaceae***



*Solanum* é o gênero mais representativo da família *Solanaceae* e consiste de cerca de 1.500 espécies perenes, arbustos, árvores, e trepadoras, sendo um dos mais numerosos do mundo. Apresenta muitas plantas úteis usadas na alimentação e também muitas plantas infestantes ou daninhas. Só no Estado de Santa Catarina em 1966 foram levantadas 73 espécies do gênero *Solanum*, algumas com diversas variedades. Com mais algumas espécies que só ocorrem em outras regiões, a ocorrência no Brasil seguramente ultrapassa 100 espécies. A maioria das plantas do gênero *Solanum* contém alcalóides tóxicos. Em algumas espécies de *Solanum*, certas partes são comestíveis enquanto outras partes da mesma planta são muito venenosas, O melhor exemplo conhecido é a batata (*Solanum tuberosum*) que tem folhagem e frutos venenosos e tem tubérculos comestíveis (embora estes fiquem venenosos quando se tornam verdes pela exposição prolongada à luz).

Muitas espécies de *Solanum* são conhecidas como "jurubeba": *S. angustifolium* Lam., *S. asperolanatum* Ruiz & Pav., *S. cuneifolium* Dun., *S. diphyllum* L., *S. fastigiatum* Willd., *S. ficifolium* Ortega., *S. glaucum* Dun., *S. paniculatum* Willd., *S. robustum* Wendl., *S. stramonifolium* Lam., *S. torvum* Sw., *S. variabile* Mart.

*Solanum paniculatum* é uma planta nativa nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil, tendo se espalhado por outras regiões, podendo ser encontrada até no Rio Grande do Sul, onde todavia é pouco freqüente.

Ocorrem duas formas de *Solanum paniculatum*: uma com folhas mais recortadas (em plantas adultas) e inflorescências com ráceros mais longos; outra com folhas menos recortadas (em plantas adultas) e inflorescências com ráceros mais curtos, portanto com menos flores. A origem do nome vem do adjetivo latino "paniculatum", paniculado, pelo tipo de inflorescência. Os principais nomes populares são: Jurubeba, Jurubeba-verdadeira, Jupeba, Juribeba, Jurupeba, Gerobeba e Joá-manso. O nome vulgar deriva do tupi "yú", espinho, e "peba", chato.

É um planta perene, reproduzida por semente. Ocorrem longos rizomas subterrâneos, dos quais emergem caules adventícios. É um arbusto ou pequena árvore com até 3m de altura armada com espinhos curtos e curvos, ocorrendo principalmente nos ramos inferiores bem como em plantas novas. Caule cilíndrico, ramificado, sendo os ramos fáceis de serem quebrados. As folhas são simples, alternas, muito próximas na parte terminal dos ramos; pecioladas, com limbo bastante variável. As folhas podem chegar a 18cm de comprimento por 10cm de largura. A inflorescência aparece na parte terminal dos ramos, onde se concentram muitas folhas aproximadas, elevando-se longos pedúnculos, com até 15cm de comprimento. O florescimento é continuado por um longo período. Os pedúnculos, bem como os cálices, têm coloração cinzenta, pela intensa pilosidade. As flores são de coloração violácea com um pequeno triângulo esbranquiçado na parte mediana de cada lobo. Anteras de coloração amarelo-intensa, contrastando fortemente com o violáceo da corola. Os frutos são solanídios globosos de coloração amarela na maturação.



A planta é muito utilizada na farmacopéia popular, sendo utilizadas as folhas, os frutos verdes e as raízes no preparo de infusões e decoctos e são usados nas doenças hepáticas, icterícias e como diurético. Atribue-se à planta efeitos como febrífuga, emenagoga, bem como estimulante das funções digestivas, do fígado, etc. Vendem-se preparações comerciais, alcoólicas ou não, com extratos da planta. Do ponto de vista químico, são encontrados alcalóides, gluco-alcalóides, ácido clorogênico, saponinas e resinas. Esses compostos também tem algum efeito tóxico, de modo que não se recomenda a ingestão freqüente de preparações de jurubeba.

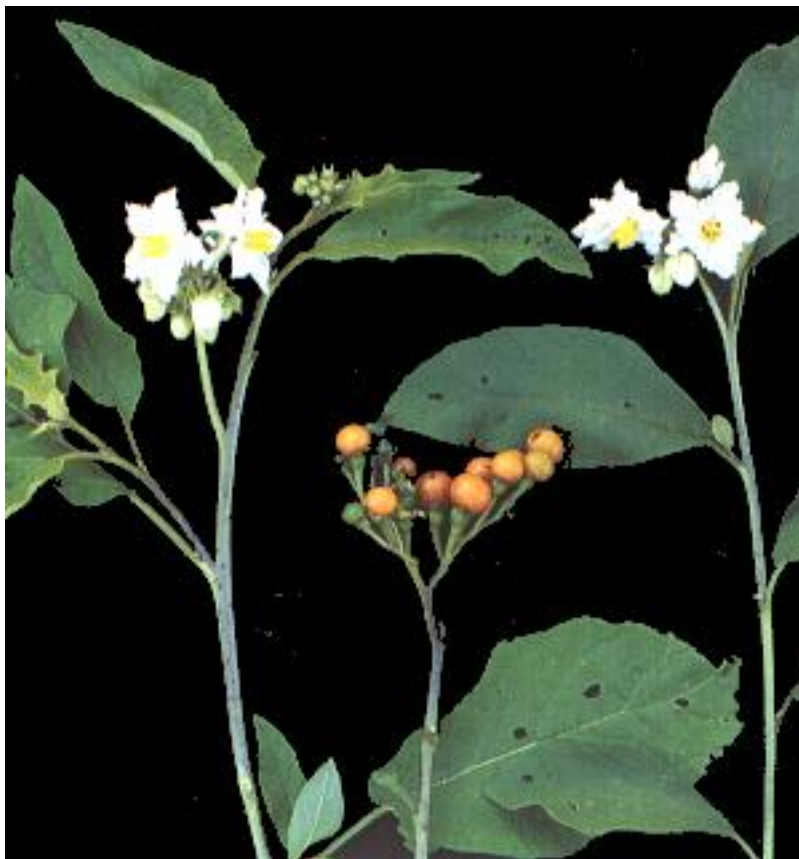


Frutos de algumas espécies como *Solanum paniculatum*, *S. asperum*, *S. fastigiatum*, *S. erianthum*, *S. grandiflorum*, *S. nudum* e *S. hazeni* são indicados na literatura como fonte de alimento para morcegos e provavelmente as sementes também são dispersadas por eles. Uieda e Vasconcelos Neto efetuaram um estudo de dispersão de sementes de Solanáceas e encontraram sementes viáveis de *Solanum grandiflorum* e *Solanum asperolanatum* em fezes de morcegos das espécies *Corollia spicillata* e *Stumira lilium* (Phyllostomidae).

---

## **Jurubeba-do-sul**

***Solanum fastigiatum* Willd.**  
***Solanaceae***



Planta nativa na Região Sul do Brasil, ocorrendo também nos países da Bacia do Prata. Comum no Rio Grande do Sul, especialmente na Depressão Central; presente também em outros estados sulinos. A origem do nome vem do adjetivo latino "fastigiatum", "que termina em ponta", motivado pelos ramos fasciculados da inflorescência, que apresentam frutos em suas pontas. Os nomes populares são: Jurubeba, Jurubeba-do-sul, Jurubeba-velame, Velame.

*Solanum fastigiatum* é uma planta perene, reproduzida por semente. O florescimento ocorre desde o fim do inverno até o outono seguinte, num período determinado, variável de região a região. Os frutos se desenvolvem lentamente. A planta ocorre em clareiras e margens de matas, em margens de banhados e outros locais não inundados, sendo heliófita. Aceita diferentes tipos de solo, com preferência por locais com boa umidade. Ocorrem duas variedades: var. *fastigiatum* que tem caule com poucos espinhos; var. *acicularium* Dun, com caule intensamente armado com espinhos quase justapostos em toda extensão.

É uma planta arbustiva, ereta, com até 1,5m de altura. Caule cilíndrico, verde nas plantas novas e verde-acinzentado nas plantas mais velhas. Folhas simples, isoladas, pecioladas, bastante variáveis no formato e configuração,

assemelhando-se às folhas de *Solanum variabile*. Inflorescência por cimeiras terminais, corimbosas. Flores de coloração branca ou levemente azulada. Fruto é um Solanídio globoso, com cerca de 1,0cm de diâmetro, de coloração alaranjada.



Essa planta é bastante parecida com diversas outras, que também são conhecidas pelo nome vulgar de jurubeba e é usada na farmacopéia popular, com as mesmas indicações da verdadeira jurubeba, *Solanum paniculatum*. Como existem preparações comerciais a base de jurubeba, é comum que as firmas que as apresentam recebam material de plantas parecidas, inclusive de *Solanum fastigiatum*. A ingestão de partes da planta tem causado patologias em bovinos. A ocorrência maior tem sido em épocas de carência de forragem e os animais precisam ingerir a planta por um período prolongado. Estudos feitos na Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (1985 e 1987) indicam que a sintomatologia é relacionada com disfunção cerebelar, com crises periódicas do tipo de epilepsia, que duram de alguns segundos a um minuto e são desencadeadas geralmente quando os animais são movimentados ou excitados. Há perda de equilíbrio e quedas, ficando os animais em decúbito dorsal ou lateral, com tremores musculares. Após as crises, os animais aparentam normalidade, mas alguns estendem o pescoço numa atitude de "olhar estrelas" e buscam maior apoio com extensão dos membros anteriores. Em geral não ocorre mortalidade diretamente relacionada com o problema, mas com as quedas podem haver fraturas. A patologia se torna crônica e a regressão clínica é rara.



## Jupeba

***Solanum asperolanatum* Ruiz & Pav.**  
***Solanaceae***



*Solanum asperolanatum* é uma planta arbórea perene, com até 3 a 4m de altura, reproduzida por semente, nativa na América Tropical, com ocorrência esparsa no Brasil, geralmente confundida com outras espécies. Caule lenhoso ramificado, folhas alternas, pecioladas, geralmente com grandes lobos laterais. Inflorescência extra-axilar, em forma de cimeiras corimbosas, com flores de coloração branca. O fruto é um Solanídio (fruto indeiscente carnoso, bacóide) de coloração amarelada a cinza-amarelada na maturação. A planta é armada com espinhos de base achatada, pouco curvados, com ápice muito agudo; os espinhos ocorrem esparsamente no caule e ramos e geralmente ocorrem 1 a 2 espinhos no lado inferior dos pecíolos e às vezes no lado inferior da nervura mediana de algumas folhas. A origem do nome vem do latim "asperu", áspero, e "lana", lã. Recebe os seguintes nomes populares: Jurubeba, Jupeba.

A planta é parecida com outras espécies de "Jurubebas", pelo aspecto geral e pelos frutos. Distingue-se de *Solanum paniculatum* pelo posicionamento das inflorescências e pelas flores brancas. Plantas novas podem ser confundidas com *Solanum variabile*, pois em ambas as espécies ocorrem pêlos ferrugíneos.



É usada na farmacopéia popular, com as mesmas indicações da verdadeira jurubeba, *Solanum paniculatum*, e também nas preparações comerciais a

base de jurubeba que são preparadas indistintamente com várias espécies de *Solanum*.

## **Jurubeba-falsa**

***Solanum variabile* Mart.**

***Solanaceae***



*Solanum variabile* é uma planta nativa na Região Meridional do Brasil e regiões limítrofes dos outros países. No Brasil é relatada a ocorrência de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul, com maior intensidade na Região Sul, sendo muito freqüente nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina com grande ocorrência nas beiras de estradas. A origem do nome vem do adjetivo latino "variabile", variável, pela grande variabilidade na planta em geral, particularmente no formato das folhas e no tipo de pêlos. Os principais nomes vulgares são: Velame, Jurubeba-velame, Velame-de-capoeira, Jurubeba-falsa, Juveva, Jupicanga.

*Solanum variabile* é uma planta perene, reproduzida por semente, sendo comum a ocorrência de povoamentos intensos, nos quais a espécie se torna quase exclusiva. Aceita solos pobres e ácidos, sendo encontrada com maior freqüência em locais úmidos, mas também ocorrendo em terrenos elevados. Aprecia boa iluminação. É uma planta arbustiva ou arbórea, podendo atingir 3m de altura.



Desarmada ou com poucos espinhos pequenos. Indumento de intensa pilosidade nas partes novas dos ramos e nas folhas, com pêlos de coloração ferrugínea. Caule ereto, geralmente pouco ramificado com esparsos espinhos curtos. Folhas alternas, pecioladas, lanceoladas com muitas variações; coloração verde a ferrugínea por causa de intensa pilosidade com essa coloração. Inflorescência terminal ou subterminal, em cimeiras com pedúnculos e pedicelos pilosos. Flores com cálice com pêlos estrelados e amarelados. Corola ampla e branca. Anteras estreitas de coloração amarela. Fruto é um Solanídio globoso de coloração variegada quando jovem e amarela quando maduro. Os frutos se desprendem na maturação e liberam as sementes por decomposição de seus tecidos. Cada fruto encerra cerca de 10 sementes.

---



## Doce-amarga

### *Solanum dulcamara* L. *Solanaceae*



O gênero ***Solanum*** é cosmopolita e consiste de cerca de 1.500 espécies de árvores, arbustos e trepadoras perenes, sendo um dos mais numerosos do mundo. A maioria das plantas do gênero *Solanum* contém alcalóides tóxicos. Em algumas espécies de *Solanum*, certas partes são comestíveis enquanto outras partes da mesma planta são muito venenosas. O melhor exemplo conhecido é a batata (***Solanum tuberosum***) que tem folhagem e frutos venenosos e tem tubérculos comestíveis (embora estes fiquem venenosos quando se tornam verdes pela exposição prolongada à luz).

***Solanum dulcamara*** é nativo em áreas úmidas ao longo da Eurásia e naturalizado na América do Norte. É um subarbusto, lenhificado na base, possuindo longos caules trepadores cobertos de folhas ovais-lanceoladas. Na axila das folhas, formam-se inflorescências compostas por cachos de flores azuis ou violeta-claro ou ainda brancas. Os frutos são bagas ovais de cor vermelha. É uma espécie que se encontra nos matos, ao longo dos muros, nas formações ripícolas junto aos caniais.

A planta é de longa data conhecida. Frutos secos de ***Solanum dulcamara*** foram encontrados numa gargantilha, no terceiro túmulo de Tutankhamon. Ela sempre foi considerada uma importante planta medicinal e tem uma longa história de uso para doenças de pele, verrugas, tumores, e inflamações dos finais das articulações e é considerada um substituto para a **salsaparilla** (*Smilax*). O Norte-

americano ***Solanum carolinense*** (urtiga de cavalo), que também contém alcalóides, tem um sabor doce-amargo semelhante. Seus efeitos são anti-bacterianos, anti-espasmódicos e sedativo.

As partes usadas são os talos, casca da raiz e as extremidades dos ramos. Os talos e extremidades são colhidos das plantas com idade de 2 a 3 anos e cortados na primavera. Os talos também depois que as folhas caíram no outono. As raízes são levantadas e descascadas no outono. Todas as partes são secadas para uso em infusões, extratos líquidos e unguentos. É uma erva adstringente, refrescante, de sabor doce-amargo. Abaixa a febre e tem efeitos diurético, expectorante, sedativo e anti-reumático. É uma planta venenosa. As partes secas contêm saponinas-glúcidos neutros e glucoalcalóides esteróides (dulcina, dulcamarina), etc. Estes dois grupos de substâncias têm efeitos antimicrobianos. As substâncias ativas desta planta são, desde há algum tempo, estudadas intensivamente, pois permitem obter com facilidade, por via semi-sintética, substâncias de tipo hormonal (corticóides, hormonas masculinas).



A erva é usada medicinalmente, internamente como febrífugo e para doenças de pele, congestão bronquial, bronquite crônica, reumatismo, icterícia, colite ulcerativa, pneumonia e doenças venéreas. A decocção favorece as trocas metabólicas e tonifica o organismo, tanto do ponto de vista físico como psíquico. **Cuidado:** o excesso paralisa o sistema nervoso central, reduz o batimento cardíaco e a respiração, abaixa a temperatura e causa vertigem, delírio, convulsões e morte. Somente deve ser indicada por médicos qualificados. Externamente a erva é usada para erupções de pele, úlceras, reumatismo e celulite. Banhos e compressas de doce-amarga são usados para tratar as dermatoses e eczemas.

**Advertência:** Todas as partes, especialmente folhas e bagas verdes, são tóxicas se ingeridas.

Veja também ***Solanum americanum*** (Maria-preta) e ***Solanum paniculatum*** (Jurubeba).



## **Vara-dourada**

***Solidago virgaurea* L.**  
**Amarantaceae**



Há aproximadamente 10 espécies de perenes do gênero *Solidago* que estão difundidas ao longo de todo o hemisfério do norte, mas principalmente na América do Norte, onde eles têm uma longa história nos medicamentos nativos; *Solidago virgaurea* é nativa das áreas secas da Europa. Virtualmente todas as espécies e várias variantes híbridas crescem em estado selvagem nas bordas de florestas e clareiras. Suas folhas inteiras, alongadas, orientadas no sentido do crescimento, formam uma verdadeira "vareta dourada" que aparece nos bosques no verão. O seu espetáculo de cores se estende do meio-verão ao outono. Os médicos da Idade Média denominavam essa planta "solidum agere". *Solidago* vem do latim *solidare*, "unir", ou "tornar inteiro", e refere-se aos poderes curativos desta planta.

*Solidago virgaurea* é uma espécie perenal, com um rizoma nodoso. É uma planta alta e vigorosa, folhas pontiagudas finamente dentadas, talos verticais, terminada por pequenos panículos dourados. Suas flores amarelas aparecem no início do verão e são seguidas por frutos de cor marrom com um topete de pequenos pelos brancos.

Os componentes de *Solidago virgaurea* incluem saponinas (semelhante aquelas encontradas na *Polygala*), que são anti-fúngais, rutina (como encontrada na *Ruta graveolens*) e glicosídeos fenólicos que são anti-inflamatórios. Muitas outras espécies são reportadas nos medicamentos nativos norte-americanos: as flores de *Solidago canadensis* são mascadas para gargantas doloridas, *Solidago odora* foi listado como um estimulante e diaforético na Farmacopéia norte-americana (1820-82), e de *Solidago rigida* é feito uma loção para picaduras de abelhas.

As partes usadas são as folhas e os topos das flores. Uma erva amarga que além de vulnerária (promove a cura de feridas) é adstringente, relaxante, estimula o fígado e rins e reduz inflamação; é expectorante, melhora digestão. Também é um bom anti-séptico urinário.

A erva é usada interiormente para infecções urinárias, catarro crônico, gripe, tosse sanguinolenta, lesões internas graves com coagulação de sangue, dispepsia e flatulência associada com tensão nervosa, pedras no rim e doenças de pele. Externamente é usada para curar feridas, feridas purulentas, inflamações da boca e da garganta, mordidas de insetos, úlceras, e garganta dolorida. Em associação com *Gnaphalium* para catarro nasal e em associação com *Cochlearia* para dentes soltos.

---

## Sófora-do-japão

***Sophora japonica* L.**  
***Leguminosae (Fabaceae)***



Grande árvore com densa copa esférica, ramos inicialmente verdes, depois cinzentos, folhas imparipenatissectas verdes. As flores branco-amareladas estão agrupadas em panículas terminais sobre os ramos do ano. O fruto é uma vagem comprida que contém 3-4 sementes. É uma espécie originária da Ásia oriental. Suporta muito bem o clima europeu e é frequentemente plantada como planta ornamental nos parques e nas ruas. Existem formas do tipo do **chorão** e formas com flores violeta. É uma árvore que floresce com abundância no fim do Verão, mas não frutifica nas regiões européias.

Para fins medicinais, são colhidos principalmente os botões florais, por vezes também as folhas e a casca. Os botões são cortados à mão com toda a panícula, em seguida separados quando começam a murchar. A secagem faz-se sobre grades durante duas horas, a 100°C, e termina-se ao ar livre. Têm gosto amargo. Possuem sobretudo rutina (até 20%), que atua



favoravelmente sobre a permeabilidade capilar e cuja ação é reforçada através da administração de vitamina C. A maior parte destes botões é tratada pela indústria farmacêutica: remédios contra as perturbações circulatórias, as doenças nervosas, as inflamações. O consumo destas drogas é elevado, mas compete ao médico determinar as doses segundo as características da doença.

---





*Sophora japonica* "Pendula"



# **Teixo**

***Taxus baccata* L.**

***Taxaceae***



Árvore ou arbusto sempre-verde, com casca castanho-avermelhada, ramos densamente cobertos de agulhas verde-escuras. Estas persistem nos ramos de seis a oito anos. O teixo é uma espécie com flores dióicas; o pólen forma-se nos cones globulosos, as flores pistiladas aparecem isoladamente sobre ramos encurtados. A semente madura está envolvida por um arilo vermelho e carnudo. O teixo era antigamente vulgar na Europa, Ásia e África. Nos nossos dias, é uma espécie protegida em numerosos países. É uma planta ornamental e frequentemente plantada em parques e jardins nas suas diferentes variedades. No entanto, é desaconselhada a colocação de teixos nas imediações de escolas ou terrenos de jogo: toda a planta, excetuando as bagas vermelhas, é extremamente venenosa.

Colhem-se, muito esporadicamente, as agulhas (Folium taxi) dos ramos do ano. Contêm um alcalóide venenoso, a taxina, glicosídeos, princípios amargos, resinas e vitamina C. São usadas verdes: antigamente, contra as mordeduras de serpente e a raiva, mas hoje, muito raramente, para estimular a atividade cardíaca, aumentar a tensão e o peristaltismo intestinal. A sua toxicidade leva a que o teixo seja cada vez menos usado. As matérias ativas são, efetivamente, absorvidas com rapidez, no lapso de alguns minutos.

A madeira de teixo, muito resistente, não contém resina. É usada no fabrico de armas e utensílios. É também uma boa planta polífera e melífera.

Vide também: [Taxus baccata](#) sob ponto de vista antropológico.

---

# Teixo

***Taxus baccata* L.**

***Taxaceae***

Sob ponto de vista antroposófico



Na Europa Central e do Sul encontramos um pinheiro que atinge no máximo 10 m de altura, com folhas mais ou menos parecidas com os do Podocarpus, e que não perde as folhas no inverno, mas, ao contrário dos outros pinheiros, produz um frutinho vermelho. Existem exemplares na Inglaterra com mais de 1.500 anos de idade. Além disso, existem fósseis desse grupo de plantas em épocas muito antigas, no Permiano que é a época em que começaram a surgir as primeiras Gimnospermas.

As flores dos pinheiros que se agrupam em inflorescências denominadas pinhas não possuem pétalas nem sépalas, não possuem aroma nem cor. Suas flores contêm apenas os elementos reprodutivos. O aroma dos pinheiros não está na flor, mas dentro do caule, na resina que flui nos canais secretores. Nos pinheiros o "princípio" flor está interiorizado em seu tronco. Quando estudamos as Algas mencionamos um período da antiguidade descrito na Ciência Espiritual antroposófica como Época Lemúrica da Evolução terrestre, período permeado por uma vida indiferenciada. Todo o meio exterior era como um ser vivo inespecífico que ora se acumulava mais num local, ou em outro, esboçando as primeiras formas transitórias de vida que feneciam e voltavam a se formar.

Podemos descrever aquela época como um ambiente floral que transpassava todo aquele meio. Com o passar do tempo essa formação foi sendo cada vez mais diferenciada até chegarmos ao ponto dela quase ter desaparecido totalmente. No tronco dos pinheiros ainda encontramos aquele ambiente floral inespecífico permeando todo o âmago da planta, que se manifesta na resina aromática capaz de se inflamar com facilidade.



Esse processo floral inespecífico não ocorre no *Taxus*. Esse processo se desloca para a formação antecipada de um fruto. No *Taxus* o processo de flor inespecífica, de flor interiorizada e indiferenciada é mobilizado para a formação precoce do fruto. É natural que essa planta seja utilizada em casos onde a Força de reprodução tão específica como a que no ser humano atua nos ovários, comece a se tornar, de maneira inespecífica, totalmente, indiferenciada. Os ovários em vez de lançarem os óvulos ritmicamente, mês após mês, começam a se tornar uma estrutura indiferenciada onde o ritmo não se acha mais presente, e as células começam a se proliferar malignamente. O *Taxus* irá atuar mobilizando a vitalidade no sentido dela se orientar em direção à especificidade da atividade de reprodução sendo útil no carcinoma de ovário.

Em relação a esse processo onde o elemento floral inespecífico disseminado no caule é exteriorizado na formação precoce do fruto, podemos reconhecer uma atividade de lançar para fora de si um processo interiorizado. *Taxus* produz vesículas e pústulas que coçam. Ainda em relação a esse processo, podemos esperar de *Taxus* uma atividade nos casos onde não ocorre uma movimentação e eliminação de um domínio para o outro. Isso se manifesta na atonia estomacal com impossibilidade de digerir eliminar a vitalidade dos alimentos.

O *Taxus baccata* se coloca no centro de um grupo de plantas que se dirigem ora mais para o lado do Gínco, ora mais para o lado das Cicas. Examinaremos a seguir as plantas do grupo *TAXUS* com configuração semelhante às Cicas, e depois as com configuração semelhante ao Gínco e por último as plantas situadas numa posição central dentro do grupo e que se assemelham, portanto aos pinheiros.



### **Plantas do grupo dos *Taxus* com configuração semelhante às Cicas.**

**GÊNERO TORREYA:** Possui 4 espécies e atinge 10 m de altura. As folhas masculinas assemelham-se a pequenas amoras e as femininas mais parecem um broto foliar.

**GÊNERO CEPHALOTAXUS:** As folhas assemelham-se muito mais às Cicas porém as flores masculinas apontam para a forma de uma futura pinha, ao passo que as femininas são margeadas por escamas. Após a fecundação ocorre a formação de uma estrutura semelhante a uma baga.

### **Plantas do grupo dos *TAXUS* com configuração semelhante ao Gínco:**

**GÊNERO PHYLLOCLADUS:** Possui folhas muito parecidas com as do Gínco, e suas flores masculinas formam inflorescências semelhantes a pinhas espirais.

### **Plantas do grupo dos *TAXUS* com configuração semelhante a dos pinheiros:**

**GÊNERO DACRYDIUM:** Essa planta apresenta o porte de um pinheiro, atingindo 20 m de altura. Cresce na Nova Zelândia. É interessante notarmos que apesar dele possuir o porte de um pinheiro com belos ramos pendentes, a estrutura de seus ramos mais se assemelha a uma Pteridófita. Existe uma espécie de *Dacrydium*, *D. elatum*, que era denominado outrora de *Lycopodium arboreum* Jungh. Suas folhas são pontudas mas já apresentam características de escamas. Não apresenta pinhas, mas uma baga bastante peculiar com arilo apresentando uma abertura.

**GÊNERO SAXEGETHEA:** Essa planta cresce na Patagônia e nos Andes, possui folhas em forma de agulha-escama e também uma baga com arilo aberto.

**GÊNERO MICROCACHRYS:** De todas as Plantas do grupo dos *Taxus*, é a que mais se diferencia no sentido de assumir o porte de um pinheiro que cresce no Sul da Austrália atingindo de 4 a 6 m de altura. Suas folhas são escamas que se aderem ao caule, semelhantes a algumas plantas do grupo dos Ciprestes. Seus frutos, apesar de serem semelhantes ao do *Taxus*, formam estruturas que recordam pinhas.

Vide também: [Taxus baccata](#)



# Cacau

## ***Theobroma cacao*** ***Sterculiaceae***



branco é manteiga de cacau com adição de leite e açúcar.

As partes usadas são os brotos, sementes, gordura e manteiga. Os frutos são cortados durante o ano inteiro, especialmente no período compreendido entre o início do verão e o início do inverno, as sementes são removidas para serem fermentadas, secas, assadas e maceradas como pasta (massa de cacau). A manteiga de cacau é extraída da massa de cacau, resultando o pó. É uma erva amarga, estimulante, diurética, que abaixa a pressão sanguínea e dilata as artérias coronárias. Pó e manteiga de cacau são nutritivos; a manteiga de cacau também suaviza e acalma pele danificada.

Medicinalmente, a erva é usada interiormente para angina e pressão alta (pó de cacau). Externamente para pele rachada, ressecada ou com bolhas (manteiga de cacau). Não deve ser dado interiormente a pacientes com síndrome de intestino irritável. Chocolate pode causar alergias ou enxaqueca. Como uso culinário e alimentício, a erva é usada diretamente, por si só, ou como chocolate e usado como condimento e aromatizante em confeitos, molhos, bebidas lácticas e licores. Em uso econômico, a manteiga de cacau é usada em cosmética, cremes de pele, e como base de supositórios. Subprodutos do processamento do cacau incluem fertilizantes, forragens, combustível (cascas), gel, álcool e vinagre (polpa).

O gênero *Theobroma* consta de 20 espécies de árvores perenes tropicais americanas. Elas apresentam a característica incomum de produzirem as flores diretamente no tronco ou ramos. *Theobroma cacao* ocorre em baixadas e florestas tropicais da América Central e do Sul. Embora as primeiras frutas de cacau foram levadas da América do Sul para a Espanha por Cristovão Colombo (1451-1506), o hábito pelo cacau não desenvolveu até o 17º século. O cultivo de cacau na África começou no 19º século, que agora produz em aproximadamente mais da metade de todos os grãos de cacau.

*Theobroma cacao* é uma pequena árvore perene, com finas folhas lustrosas de até 40cm de tamanho, que são rosadas quando jovens. Pequenas flores amarelas, pálidas, são seguidas por frutos que contêm numerosas sementes em uma polpa mucilaginosa. As sementes fermentadas são secadas e assadas e produzem manteiga e pó de cacau que são usados medicinalmente e de modos variados na preparação de bebidas e chocolate. Cacau era a base da bebida asteca chocolatl e tinha um valor tão alto entre os Maias, Incas, e Astecas que as sementes eram usadas como moeda corrente. Embora cacau contenha cafeína, seu efeito estimulante é bem mais fraco que o do café. Pó e pasta de cacau são amargos e normalmente adocicados quando usados como alimento ou aromatizante. O aroma do chocolate varia bastante dependendo do tipo do grão e dos métodos usados no processamento e fabrico: chocolate claro tem a mais alta porcentagem de sólidos de cacau e o mais baixo teor de açúcar; chocolate ao leite contém leite em pó ou condensado; chocolate



# Tuia

## *Thuja Occidentalis*

### Cupressaceae

Sob ponto de vista antropológico



A Thuja pertence ao grande grupo das Gymnospermas que compreende os Pinheiros, Cicas, Ginkgos, Efedras e outras plantas muito antigas, cujas flores ainda não apresentam envoltórios. A Thuja é um pinheiro que faz parte do grupo dos ciprestes.

O desenvolvimento da Thuja ocorre da seguinte maneira: depois de 4 a 5 semanas, as sementes dessa planta germinam produzindo um broto com duas pequenas folhas em forma de agulha. Durante essa fase ela é tão semelhante aos Juniperos que é impossível distinguirmos essas duas plantas. Essa plantinha vai crescendo e se apresenta no final do primeiro ano de vida como uma pequena planta formada por folhas em forma de agulha. No segundo ano de vida surge um ramo contendo folhas diferentes das iniciais, que eram em forma de agulha, e esse ramo passa a apresentar folhas em forma de escama que revestem o caule. Esse ramo irá constituir a árvore adulta. Se por acaso esse ramo não apresenta escamas que o revestem, mas folhas em forma de agulha, então essa planta será estéril.

Consideremos a fase inicial de desenvolvimento da Thuja, que se inicia com a germinação da semente e termina com a formação desse ramo contendo folhas em forma de escama. Nesse período a Thuja é um pinheirinho muito indiferenciado, com folhas em forma de agulha e impossível de ser distinguido de outros pinheiros. A Thuja apresenta, no início de seu desenvolvimento, uma forma bastante primordial e embrionária. Quando finalmente surge o broto com escamas, a planta parece formada por uma parte mais rústica, mais embrional e em cima dela surge uma planta muito mais diferenciada. Se essa planta inicial se mantiver inalterada durante o desenvolvimento vegetal, a Thuja será estéril.

Essa forma inicial, primordial e embrionária, exprime um processo de vitalidade inespecífico. A Thuja é utilizada como vitalizante. **Rudolf Steiner** indica a Thuja "*nos casos onde a vida se apaga*".

## Processo de Transformação da Vitalidade

Ao observarmos o desenho acima, podemos notar que a Thuja, no início de seu desenvolvimento, possui uma estrutura muito simples (I) e, a partir dela, surge no segundo ano de vida uma nova planta, muito mais diferenciada (II). A estrutura inicial da Thuja pode ser relacionada com o protalo de uma Pteridófita e a forma adulta da Thuja, capaz de produzir flores, com o esporófito, ou seja, com a fase mais diferenciada das Pteridófitas. A Thuja recapitula o processo de libertação do protalo. Uma estrutura vegetativa embrional, simplificada e menos elaborada, tal como o protalo, dá lugar a uma estrutura mais diferenciada, estrutura essa capaz de dominar aquela vida mais embrional e pouco diferenciada.

Esse processo nos indica claramente a utilização da Thuja nos casos em que o organismo é agredido por uma vitalidade com características de indiferenciação, uma vitalidade como que embrional, que não se transformou, é o caso da vitalidade dos vírus da varíola. Quando o organismo humano não consegue transformar e eliminar essa vida primitiva inoculada através da vacina, surgem seqüelas da vacinação. Nesses casos a Thuja é utilizada como um excelente medicamento capaz de incitar o organismo a metamorfosear, superar e eliminar essa vitalidade estranha. Uma vitalidade primitiva que não consegue se metamorfosear, também pode ser observada na formação de verrugas e crescimentos esponjosos de natureza semelhante. Também nesses casos a Thuja age como um medicamento eficaz.

## **Processo de Libertação do Princípio Folha**

A Thuja, durante o seu desenvolvimento, manifesta-se inicialmente com uma forma menos diferenciada e, a seguir, as folhas em forma de agulha regridem e surgem folhas muito pequenas em forma de escamas aderidas aos galhos das plantas. A Thuja, durante o seu desenvolvimento, dá um salto do domínio foliar (folhas em forma de ponta) para o domínio floral (planta com escamas); nessa estrutura há possibilidade de formação de flores.

Na Thuja o processo de formação de folhas em forma de ponta regride. Para onde vai esse processo? Nas Angiospermas, plantas que produzem flores com pétalas e sépalas - e esse não é o caso da Thuja que é um pinheiro e, portanto, não tem pétalas nem sépalas - começa a ocorrer uma regressão no desenvolvimento das folhas no período que precede a floração.

## **Antes do surgimento da flor, as folhas vão ficando cada vez menores.**

Na ponta do galho, próximo ao botão floral, as folhas diminuem de tamanho e vão se tornando cada vez menores e menos expressivas. Na flor, esse elemento folha que tinha sido atenuado, surge de maneira metamorfoseada como sépalas e pétalas, ao passo que o elemento caule aparece na flor de maneira metamorfoseada em estames e pistilo.

Na Thuja não existe a metamorfose de folha vegetativa para sépalas e pétalas, pois essa planta está num degrau do reino vegetal onde as flores não possuem nem pétalas nem sépalas.

Na Thuja, após a regressão do desenvolvimento foliar, o princípio folha não se metamorfoseia em pétalas e sépalas, não se transforma em elementos da flor, mas irá se transformar de maneira a configurar planos que se irradiam a partir do caule.

Na Thuja o princípio folha está livre da estrutura foliar e não mais atua plasmando falhas; mas esse princípio assim liberto irá configurar estruturas planas semelhantes a grandes folhas. Tal atividade do princípio formador de folha assim liberto está disponível para atuar terapêuticamente. Poderemos esperar de um medicamento feito com Thuja uma atividade no domínio da vitalidade, mas, nesse caso, uma vitalidade liberada de uma função. Tal atividade do princípio folha liberto é análoga àquilo que ocorre numa certa época da infância, quando a organização etérica do ser humano, ao terminar de elaborar os órgãos - principalmente a formação tão sutil do cérebro e do sistema nervoso - e se liberta dessa função, passando a atuar como atividade pensante no homem. A época em que isso ocorre é imediatamente antes da entrada da criança no primeiro ano primário. **G. Grohmann** (2) menciona o seguinte em relação a isso:

*"... Em conferências para professores, **Rudolf Steiner** indicou a comparação dos degraus evolutivos do reino vegetal com as diferentes idades infantis. O grau evolutivo dos pinheiros corresponde à idade compreendida entre o ingresso da criança ao primeiro ano primário, e o surgimento dos dentes permanentes (2ª dentição)..."*

Libertação do princípio folha significa liberação de uma atividade etérica, disponibilidade de uma atividade etérica. Existem casos onde a vitalidade do paciente não consegue se liberar de uma atividade no físico e se transformar. É o caso da formação de verrugas ou pólipos. A Thuja prepara a organização etérica de tal modo que ela possa se libertar, se transformar e acolher a atividade astral. Outra atividade terapêutica da Thuja relacionada com esse processo é no tratamento de pacientes cuja organização etérica não consegue se libertar de sua atuação no domínio físico, no âmbito dos líquidos e fluidos orgânicos. Thuja é útil em pacientes que não dominam de maneira correta os líquidos orgânicos, especificamente em: catarros gênito-urinários, catarros crônicos e produção de mucosidade; a pela escreta um líquido gorduroso e o aspecto do paciente é de ter passado um creme na pele; pele luzidia.

O processo de libertação do princípio folha - ou a vitalidade - era "lido" nessa planta pelas pessoas da antiguidade. A Thuja é plantada nos cemitérios, e nesses locais o ser humano recebe a mensagem da Thuja, de metamorfose de uma vida mais tosca e material para uma vida muito mais sutil e refinada.



Observemos agora os processos relacionados com a folha:

## Processo de interiorização da flor

A folha se transforma em escama que é uma estrutura que se assemelha a uma sépala. Tais escamas também possuem características de pétalas, pois possuem glândulas produtoras de óleos etéricos. Não é apenas nas escamas que a Thuja revela suas características florais, mas existe uma espécie que vive na Ásia menor, a *Thuja articulata*, que produz uma resina aromática obtida por incisão no caule.

Os Óleos essenciais presentes nas escamas da Thuja são muito aromáticos. Em relação a esse processo podemos preconizar a *Thuja occidentalis* como medicamento capaz de levar calor para o paciente. Tal como veremos adiante, a Thuja age na organização vital-etérica. Dessa maneira a Thuja é um medicamento capaz de levar calor ao domínio aquoso vital. É um medicamento útil em pacientes com tendência à obesidade, aspecto gorduroso e lustroso da pele, sensível ao frio úmido, com tendência a suores, catarro e retenção de líquidos.

## Processo de revestimento

As folhas da Thuja se transformam em escamas que se aderem à superfície dos galhos formando uma estrutura de revestimento análoga às escamas que revestem os peixes. A folha, uma entidade tipicamente vegetal, se revela como uma estrutura de revestimento. Esse processo de revestimento poderá se manifestar no ser humano como uma atividade vegetal-etérica na organização que reveste o ser humano. A *Thuja occidentalis* é utilizada como medicamento em transtornos das mucosas, principalmente na região genital, verrugas, condilomas, manchas cutâneas, varicosidades na região do nariz e problemas de pele.

Processos relacionados com o princípio Flor-Fruto

O aspecto da flor da Thuja é a de uma flor de dicotiledonea; apesar de ser um pinheiro, ele mostra uma antecipação nesse domínio, mas, apesar disso, a flor desse pinheiro não possui nem sépalas nem pétalas. A Thuja esboça uma estrutura de reprodução característica das plantas superiores sem que tenha um órgão (pétalas e sépalas) capaz de exercer tal função.

O princípio formador de pétalas e sépalas está agindo na planta, configurando as escamas lenhosas da flor de maneira que elas se assemelhem a pétalas e sépalas, e, além disso, esse princípio formador de pétalas e sépalas já está presente nas escamas que possuem glândulas produtoras de óleos essenciais, tal como os nectários. O princípio flor não configura pétalas, sépalas e nectários, mas está agindo em toda a planta, até mesmo dentro do tronco produzindo a terebentina.

Uma atividade floral que ainda não se realiza plenamente na configuração de uma estrutura floral, significa atividade floral desligada da flor, liberta da flor. Esse processo pode ter um eco no organismo humano nos casos em que a organização astral não consegue se manifestar nos órgãos. Uma pessoa incapaz de dominar o movimento líquido interno, apresentando suores localizados, coriza, leucorréia, nos mostra que a atividade aquosa etérica, apesar de interna, não é dominada corretamente pela organização astral.

Essa atividade astral difusa, incapaz de encarnar-se corretamente nos órgãos, pode ser reconhecida nas perturbações digestivas em que o paciente apresenta lentidão da digestão. A "sensação de algo vivo dentro do organismo" também pode ser observada.

---

## **Feno-grego**

***Trigonella foenum-graecum* L.  
*Leguminosae (Fabaceae)***



sobre equimoses, inchaços e úlceras.

Em medicina veterinária, as sementes de feno-grego servem para aumentar a produção láctea; o mesmo efeito pode ser obtido dando os caules como forragem.

Planta herbácea anual, cultivada nos campos pelas suas qualidades alimentares e medicinais. Originário da região mediterrânea, o feno-grego prospera mesmo nas latitudes mais setentrionais, desde que seja semeado em locais minimamente abrigados e solos suficientemente ricos em calcário. Semeado na Primavera, forma um caule ereto com folhas trifolioladas e flores amarelas a violáceas. O fruto é uma vagem fina que encerra sementes amarelas (à esquerda).

São as sementes que têm interesse medicinal. São ricas em albuminas e substâncias mucilaginosas; contêm também um alcalóide tóxico, a trigonelina, colina e uma quantidade ínfima de uma essência castanha e com mau odor. Essas sementes são usadas unicamente sob a forma de pó grosseiro, com o qual se prepara uma infusão fortificante para os convalescentes, digestiva, antitússica e estimulante da produção de leite materno. A infusão ou decocção é dosada de 0,5 g a 5 g de pó para 1/4 de litro de água, a tomar duas ou três vezes durante o dia. O odor e gosto desagradáveis podem ser diminuídos pela adição de essência de hortelã ou de laranja. A infusão é também hipoglicêmica. Em aplicações externas, as sementes moídas servem para preparar cataplasmas quentes (por vezes diluídas em leite) que se aplicam



## Capuchinha, Chagas

***Tropaeolum majus* L.**  
***Tropaeolaceae***



*Tropaeolum* é um gênero de cerca de 90 espécies de plantas herbáceas anuais e perenes, rastejantes ou trepadeiras, nativas na América do Sul. As capuchinhas estão entre as plantas anuais robustas de fácil crescimento. Cultivos rastejantes ou escalares podem cobrir extensas áreas dentro de algumas semanas da germinação. Os tipos mais compactos são ideais para cultivos de verão em cantos de jardins ou recipientes. *Tropaeolum* vem do grego "tropaion", tropa, devido ao formato de suas folhas em formato de escudos encimadas por flores em formato de elmos ou capacetes.

*Tropaeolum majus* é uma planta anual ou perene, rastejante, de rápido crescimento, com folhas longamente pecioladas quase circulares. Nas axilas destas folhas, formam-se, com longos pedúnculos, grandes flores amarelas ou alaranjadas, às vezes manchadas de vermelho, levemente aromatizadas e que atraem abelhas, munidas de esporão, aparecem no início do verão e são seguidas por frutos globulosos. *Tropaeolum majus* foi apresentada à Europa, trazida do Peru pelos conquistadores no século XVII e ficou sendo conhecida inicialmente como *Nasturtium índico* (agrião índico), por causa de seu pungente sabor parecido com o agrião da água. A espécie nativa é raramente vista agora, tido sido substituída por várias espécies cultivadas. *Tropaeolum majus* tem várias propriedades interessantes que fazem dela uma erva medicinal e culinária útil. Contém grande quantidade de enxofre, que supostamente retarda a calcície e um glicosídeo que reage com água para produzir um antibiótico. As sementes verdes conservadas são o único substituto aceitável para as alcaparras; elas desenvolvem ácido cáprico que dá o sabor característico.

As partes



usadas são a planta inteira, as folhas, flores e sementes. Todas as partes são colhidas no verão e usadas frescas para infusões e tinturas. Plantas também são cortadas para extração de suco. A colheita de sementes faz-se progressivamente, a mão, à medida que as sementes amadurecem, eventualmente através de uma varredura em volta dos pés, quando estes estão envolvidos por uma superfície dura. As sementes são limpas e secadas numa estufa ou ao sol, antes de serem desembaraçadas dos invólucros. Os tecidos vivos (endosperma) contêm até 1,5% de glucotropeolina, até 20% de um óleo gordo, albuminas, etc. Esta semente é um antibiótico vegetal, ativo contra os microrganismos dos gêneros estafilococo, proteus, estreptococo e salmonela. É uma erva amarga, anti-séptica, tônica, que tem efeitos diurético e expectorante e controla infecções bacterianas e fungais.

A erva é usada medicinalmente, internamente para infecções genito-urinárias e respiratórias, escorbuto, pele e cabelos



enfraquecidos. As substâncias contidas na semente são intensivamente eliminadas pela urina e parcialmente pelos pulmões; são usadas, portanto, pelo seu efeito desinfetante em caso de infecções agudas das vias urinárias ou dos brônquios, geralmente sob a forma de comprimidos. O suco fresco das plantas tem os mesmos efeitos: a dose é de 30g a 50g por dia. Externamente para calvície e erupções de pele. No uso culinário, são consumidas em saladas as folhas, flores, brotos florais e esporas de néctar. Folhas frescas cortadas dão um sabor picante a queijos suaves e pratos a base de ovos. As flores são usadas para fazer vinagre de agrião. Sementes verdes são conservadas e usadas como um substituto para alcaparras. Em termos econômicos a erva é combinada com [Urtica dioica](#), [Buxus sempervirens](#) e [Quercus robur](#) para fabricação de loção capilar.

---

## **Mirtilo**

***Vaccinium myrtillus L.***  
***Ericaceae***



Arbusto baixo com ramos rastejantes que dão origem a caules angulosos de cor verde, ricamente ramificados e cobertos de folhas alternas, ovaladas (em baixo à direita) e caducas. Em baixo à esquerda, está representada a folha de ***Vaccinium vitis-idaea***. As flores em forma de vesículas esverdeadas a rosadas aparecem isoladas na axila das folhas. Os frutos são bagas azuis. O mirtilo forma colônias extensas nas florestas altas, em substrato ácido, humoso, rico em resíduos orgânicos.

Para fins medicinais, são colhidas as folhas e os frutos. As folhas são arrancadas dos ramos estéreis, mas não devem ficar danificadas, para evitar que escureçam ao secar. São secadas em camadas finas, a sombra ou ao sol, ou num secador, a 40°C no máximo. Contêm taninos, ácidos orgânicos e glucoquininas, que são substâncias hipoglicêmicas. São usadas, pois, como adjuvante no tratamento da diabetes, assim como de catarros gastrintestinais e inflamações da bexiga. Entram na composição de tisanas antiscleróticas. As bagas maduras são apanhadas à mão e consumidas frescas, secas ou cozidas em doces. A secagem faz-se a 45°C, sem deixar de as mudar de posição. Estas bagas são ricas em açúcares, ácidos orgânicos, taninos, vitaminas e pigmentos orgânicos. Os mirtilos secos podem ser mastigados para tratar a diarreia. O vinho de mirtilo, a compota e o extrato alcoólico têm os mesmo efeitos. O sumo, a compota e a geléia são muito eficazes para tratar inflamações da boca e da laringe.

---

# **Valeriana**

***Valeriana officinalis* L.**  
**Valerianaceae**



Planta herbácea vivaz, possuindo uma enorme raiz e um curto rizoma, que dá origem a um caule anguloso com folhas opostas e penatisssectas. O caule termina num corimbo de pequenas flores brancas ou avermelhadas. O fruto é um aquênio com coroa. A espécie está difundida na Europa, Ásia e América. É uma planta medicinal muito antiga, como é recordado pelo seu nome científico, derivado do latim valere, ter saúde.

A valeriana é cultivada nos campos. No segundo ano, são arrancadas as raízes, que são limpas, lavadas rapidamente (sem pelar nem raspar), cortadas, se necessário, e postas a secar brevemente, a 35°C no máximo. É somente ao secar que a raiz adquire o seu odor penetrante, que perturba os gatos mesmo à distância. A raiz seca contém 0,5 % a 1 % de óleo essencial rico em pineno e canfeno, alcalóides, ésteres de ácidos orgânicos, ácido valérico e isovalérico, taninos e sucros amargos. Os remédios à base de valeriana atenuam a irritabilidade nervosa, as perturbações cardíacas de origem nervosa e as câibras. São usados em caso de depressão nervosa, fadiga, esgotamento intelectual e insônia crônica. Prepara-se uma infusão ou uma maceração a frio de 0,5 a 5g de raiz de valeriana, para tomar durante o dia. A raiz é também eficaz contra vômitos, gases e parasitas intestinais. Emprega-se freqüentemente o extrato alcoólico que é um sedativo do sistema nervoso.



## **Veratro** **Heléboro-branco**

***Veratrum album* L.**  
***Liliaceae***



Planta bulbosa perene, dotada de um curto rizoma, raízes poderosas e caule robusto, apresentando folhas elípticas de disposição alterna. Estas são plissadas no sentido das nervuras. O caule termina em panícula composta de flores amarelo-esverdeadas. O fruto é uma cápsula. Toda a planta é extremamente venenosa. Encontra-se nos prados úmidos das regiões de baixa e média montanha da Europa central e meridional.

Colhe-se o rizoma com uma parte das raízes. Depois de extraído, deve ser muito bem lavado, desembaraçado das partes verdes, cortado longitudinalmente e posto a secar a uma temperatura que não ultrapasse os 50°C. Contém alcalóides venenosos: veratrina e protoveratrina A e B, que são vasodilatadores e hipotensores; substâncias amargas, resina e ácidos orgânicos. A toxicidade do rizoma leva a que não seja empregado em medicina popular, embora se utilize na indústria farmacêutica. Os produtos à base de heleboro-branco são usados em cardiologia, contra as câibras, as crises de asma, a tosse convulsiva; são febrífugos e sudoríficos. O veratro entra na composição de unguentos e pomadas que servem para massagens antinevrálgicas e anti-reumatismais. Da mesma maneira se utiliza o rizoma de ***Veratrum nigrum***.

Em medicina veterinária, o veratro é usado como inseticida e no tratamento do aparelho digestivo. Durante a manipulação da droga, deve usar-se uma máscara protetora, pois o pó de veratro irrita os olhos e provoca espirros incontroláveis. Também insensibiliza localmente a pele. A dose letal é de 1 a 2g.

## **Verbascum-flomóide**

***Verbascum phlomoides* L.**  
***Scrophulariaceae***



Planta herbácea bienal, possuindo um caule alto, ereto, com folhas alongadas de disposição alterna e limbo sésil ou sustentado por pecíolo muito curto. As folhas da roseta morrem no Inverno. As flores amarelas, grandes, formam uma espiga terminal. Os frutos são cápsulas que encerram pequenas sementes venenosas. Esta espécie, vulgar em estado espontâneo, é um dos seis verbascos medicinais. A biologia, o aspecto e as propriedades não diferem relativamente da espécie precedente (*V. densiflorum*), e ambas fornecem uma droga equivalente no que respeita a aplicações medicinais.

São colhidas também as flores, por vezes as folhas, e mesmo a raiz. As flores são colhidas, tratadas e usadas como citado para *V. densiflorum*. As folhas, colhidas na altura da floração plena, são secadas à sombra e com boa ventilação, e igualmente usadas em infusões medicinais. As folhas frescas esmagadas servem de compressas para feridas de cura difícil. A raiz moída era usada para tratamento das hemorróidas e o extrato avinagrado servia para acalmar as dores de dentes.

As flores dos verbascos servem para aromatizar licores. São também excelentes espécies melíferas.

## **Visco-branco**

***Viscum album* L.**  
***Loranthaceae***



Arbusto semiparasita, com ramos e folhas sempre verdes, vivendo sobre os ramos de espécies folhosas ou resinosas. As folhas alongadas, coriáceas, são séssies e opostas na extremidade dos ramos. As flores são dióicas, pistiladas (em baixo à esquerda) e estaminadas (em baixo à direita), formando-se em posição axilar. Os frutos são bagas monospermicas brancas. É uma espécie difundida num vasto território euroasiático, desde sempre considerada medicinal e sagrada. Do ponto de vista medicinal, era usada como contra-veneno e para aumentar a fecundidade.

São colhidos os ramos novos com as folhas, geralmente no Inverno, quando são abatidas as árvores, embora a colheita possa efetuar-se durante todo o ano. São secados em feixes, suspensos e expostos a corrente de ar, ou num secador, a 40°C no máximo. Conservam uma cor verde-clara e têm gosto amargo. Contêm viscotoxina, colina, acetilcolina e outros compostos orgânicos. A medicina emprega-os pelas sua ação hipotensiva e cardiotonica. Provocam uma dilatação dos vasos capilares e atuam contra a arteriosclerose. As doses e a duração do tratamento devem ser estabelecidas pelo médico. As substâncias contidas no visco têm efeitos citostáticos (antitumorais), o que o torna objecto de investigações aprofundadas desde há alguns anos.

Vide também [Viscum album](#) sob ponto de vista antroposófico.

---



# Visco-branco

## *Viscum album*

### *Loranthaceae*

Sob ponto de vista antropológico



A lenda do *Viscum Album* conta que o deus Baldur tinha um inimigo chamado Lokki, que queria matá-lo. Todos os seres da Terra, plantas e animais juraram que nenhum mal fariam a esse deus. Certa vez Lokki encontrou uma planta parasita que não tinha feito esse juramento. Era o ***Viscum album***. Foi com essa planta que Baldur foi envenenado. Todos os seres da Terra fizeram tal juramento. O fato do ***Viscum album*** não ter feito essa promessa significa que essa planta não é propriamente terrestre.

Esse vegetal evoca uma época muito antiga, a Antiga Lua, onde o solo ainda era algo vivo, constituindo um reino intermediário entre o mineral e o vegetal, servindo de substrato para uma vida mais diferenciada que consistia de um reino intermediário entre o vegetal e o animal. Naqueles tempos, o Eu do ser humano ainda estava pairando no mundo espiritual, e o homem daquela época era um ser semi-humano e semi-animal.

O tronco de um vegetal não pode ser considerado um mineral, mas não possui mais as características tão vivas das plantas. Esse ser mineral-vegetal serve de substrato para o ***Viscum album*** que é uma planta que se instala no caule das árvores e parasita a seiva bruta. Essa planta também possui características animais. Sua semente, ao se fixar no caule, vai germinando e esse pequeno broto vai realizando um lento movimento de rotação. Além disso, essa planta possui proteínas que são substâncias características do reino animal.

O fato dela ser parasita já nos revela uma tendência à recusa e vida ligada ao elemento terrestre, ao domínio mineral. Além disso seu ciclo de vida é bastante peculiar. O ***Viscum album*** floresce duas vezes por ano. Durante o inverno, quando a maioria das plantas está seca e sem folhas, o ***Viscum album*** está carregado de pequenas bagas brancas contendo uma semente verde em seu interior. Essa planta também produz

frutos durante o verão. O ciclo de vida dessa planta está desligado das estações do ano e do ritmo dos demais vegetais.

Seus frutos possuem uma semente verde contendo clorofila. Essa semente perde sua atividade se deixar de receber luz durante um tempo prolongado. Isso também nos demonstra que essa planta não se relaciona com a Terra, cujo solo onde germinam as sementes é sempre escuro.

O ***Viscum album*** não cresce em altura. Não existe um tronco central que emite ramos laterais, mas a planta vai se bifurcando à medida em que ela vai crescendo. Isto significa que ela vai ficando arredondada à medida em que vai se desenvolvendo. O crescimento do caule é contido, ocorrendo um arredondamento na planta. Esse processo de contenção do crescimento tem relação com sua atividade terapêutica, que é a de produzir uma contenção no crescimento tumoral. Além dessa característica de contenção, o fato dessa planta possuir um ritmo duplo de florescimento nos revela que ela realiza um processo rítmico desvinculado da Terra, do terrestre. Essa planta consegue levar um processo rítmico àquela estrutura tumoral que está totalmente isolada do organismo.

O fato dessa planta ser parasita também nos mostra que ela tem uma relação com essa doença, cujos tumores sugam a

vitalidade do organismo e produzem re-infestações.

O ***Viscum album***, ao parasitar o galho de uma árvore, provoca um intenso fluxo de seiva nesse vegetal. Esse intenso fluxo de seiva irá circular pela árvore nutrindo e vitalizando o vegetal hospedeiro. Se a árvore continuar sendo reinfestada pelo parasita, sua vitalidade irá diminuir.

O ***Viscum album*** deverá ser administrado aos pacientes com tumores cancerosos de maneira branda. Se for administrada uma grande quantidade dessa planta ao paciente, ele poderá ficar muito desvitalizado. Se essa quantidade for menor, haverá uma reação bastante benéfica com contenção do tumor e mesmo alívio das dores.

Vide mais sobre [Viscum album](#).

---

# Gengibre

## *Zingiber officinale* Zingiberaceae



**Zingiber** é um gênero de cerca de 100 espécies de plantas perenes nativas na Ásia tropical. Todas são semelhantes a canas e têm rizomas aromáticos. Gengibres de vários tipos são cultivados comercialmente em todas as regiões mornas, notadamente na Jamaica que produz alguns dos melhores. Rizomas frescos, adquiridos para tempero, podem ser cultivados em recipientes como plantas de folhagens exóticas e ainda render uma provisão adicional de rizomas quando as canas secam no inverno. O nome Zingiber vem do grego "zingiberis", gengibre.

**Zingiber officinale** é uma planta decídua, perene, com espesso rizoma ramificado, com um robusto talo vertical e folhas lanceoladas pontiagudas. Flores verde-amarelo, com um lábio cor púrpura manchado de amarelo, aparecem no verão e são seguidas por três cápsulas carnosas. **Zingiber officinale** já era cultivado desde tempos antigos para fins medicinais e culinários. Era considerado um artigo sujeito a taxa pelos romanos nos anos 200. Foi mencionado na literatura médica chinesa durante a última dinastia de Han (25-220 DC). Na medicina Ayurvédica, **Zingiber officinale** é conhecido como "medicamento universal" e, tanto na medicina Ayurvédica como na chinesa, está presente em aproximadamente a metade de todas as prescrições. Gengibre é rico em óleos voláteis, gingerol e shogaol. Shogaol, que é um produto da quebra do gingerol produzido durante a secagem, é duas vezes mais pungente que o gingerol. Então o Gengibre seco é mais quente que o fresco e é usado para propósitos diferentes na medicina chinesa. **Zingiber**

**officinale** também é de importância mundial como tempero. Outras espécies usadas para fins culinários incluem: os do sudoeste asiático, **Zingiber cassumara**, **Zingiber mioga** (gengibre japonês) que tem um aroma parecido com o da bergamota e **Zingiber zerumbet** (gengibre selvagem ou gengibre amargo) que é uma espécie da Indo-Malásia. **Zingiber zerumbet** contém zerbumbone, um componente citotóxico usado na China para tratar câncer.

As partes usadas são os rizomas e óleo; as plantas precisam de uma estação de crescimento de 10 meses para ótima produção de rizoma que são colhidos quando os ramos secaram e a planta está dormente. Eventualmente é colhido durante a estação crescente, para usos onde a falta de fibras é importante. Os rizomas maduros são descascados (alvejados), ou deixados com cascas (cobertos) antes de serem armazenar inteiros, ou macerados para uso em infusões, decocção, tinturas e pós. O óleo é destilado de rizomas secos não descascados. É uma erva pungente, adocicada, aromática, aquecedora, expectorante, que aumenta a transpiração, melhora a digestão e a função do fígado, controla náusea e vômitos, tosse, estimula a circulação, relaxa espasmos e alivia dor.

A erva é usada medicinalmente, interiormente para enjôo de movimento, náusea, enjôo matutino, indigestão, cólicas, calafrios abdominais, resfriados, tosse, gripes e problemas circulatórios periféricos. Não deve ser dado aos pacientes com queixas de inflamações na pele, úlceras da área digestiva ou febre alta. Externamente para dor espasmódica, reumatismo, lumbago, câibras menstruais e deslocamentos. Frequentemente combinado com **Rheum palmatum** e **Gentiana lutea** para reclamações digestivas. Na medicina chinesa, interiormente, para tosse, resfriados, diarreia, vômito e dor abdominal associada ao resfriado (rizoma fresco), hemorragia uterina e sangue na urina (rizoma fresco carbonizado); abdômem inchado e edema (casca do rizoma); frieza associada com choque, perturbações digestivas que surgem de energia deficiente do baço, e





bronquite crônica (rizoma seco). Os rizomas novos e frescos (gingibre verde) são usados na culinária e consumidos cru, preservados em xarope, e doces, também usado em molhos picantes, pepinos em conserva, pratos de carne e peixe, sopas e marinadas. Gengibre em conserva é usado na arte culinária japonesa, especialmente para temperar sushi. Gengibre seco e moído e também o óleo é usado como condimento para dar aroma e sabor a bolos, biscoitos, molhos e bebidas leves. Óleo aromático é usado na perfumaria.

---

# Substâncias ativas das ervas medicinais



Após a série de transformações tecnológicas que faz da planta medicinal uma droga vegetal, esta contém um certo número de substâncias que, na maior parte dos casos, agem sobre o organismo humano. É a fitoquímica (química dos vegetais), que se encarrega de estudar estas substâncias ativas, a sua estrutura, a sua distribuição na planta, as suas modificações e os processos de transformação que se produzem no decurso da vida da planta, durante a preparação do remédio vegetal e no período de armazenagem. A fitoquímica está em estreita ligação com a farmacologia (estudos dos efeitos das substâncias medicinais sobre o organismo humano, do mecanismo e da velocidade da sua ação, do processo de absorção e eliminação, das suas indicações, isto é, do uso contra determinadas doenças). A farmacologia, por seu lado, é indissociável da medicina clínica.

As substâncias ativas das plantas medicinais são de dois tipos: os produtos do metabolismo primário (essencialmente sacarídeos), substâncias indispensáveis à

vida da planta que se formam em todas as plantas verdes graças à fotossíntese; o segundo tipo de substâncias é composto pelos produtos do metabolismo secundário, ou seja, processos que resultam essencialmente da assimilação do azoto. Estes produtos parecem frequentemente ser inúteis à planta, mas os seus efeitos terapêuticos, em contrapartida, são notáveis. Trata-se designadamente de óleos essenciais (ou essências naturais), resinas, alcalóides como os da [cravagem](#) ou do [ópio](#).

Geralmente, estas substâncias não se encontram na planta em estado puro, mas sob a forma de complexos, cujos diferentes componentes se completam e reforçam na sua ação sobre o organismo. No entanto, mesmo quando a planta medicinal só contém uma substância ativa, esta tem sobre o organismo humano um efeito mais benéfico que o produzido pela mesma substância obtida por síntese química.

Esta propriedade apresenta um grande interesse para a fitoterapia, tratamento através das plantas ou das substâncias de origem vegetal. A substância ativa não é unicamente um composto químico, mas apresenta também um equilíbrio fisiológico, é mais bem assimilada pelo organismo e não provoca efeitos nocivos. É nisso que reside a grande vantagem da medicina natural.

Pode citar-se como exemplo o [ópio](#), látex seco das cápsulas da [dormideira](#), contendo, entre muitas substâncias, um grande número de alcalóides importantes. Cada alcalóide isolado tem uma ação totalmente diferente do [ópio](#) no seu conjunto e provoca, no organismo humano, efeitos específicos, típicos e originais (efeitos farmacológicos). O mesmo se passa com os glicosídeos da [digital](#).

Toda uma série de métodos modernos permitem por em evidência a presença nos vegetais de determinadas substâncias. Em primeiro lugar, o estudo microscópico, relativo à estrutura anatômica e morfológica do corpo vegetal (atlas microscópicos das drogas vegetais), depois os métodos físicos, como a microsублиmação, que consiste em aquecer uma pequena quantidade de droga e fixar sobre um vidro as emanações, que são em seguida analisadas através de métodos químicos. Certas substâncias podem ser detectadas pela sua fluorescência quando iluminadas por uma lâmpada de mercúrio.

As técnicas especiais da química qualitativa e quantitativa permitem também despistar a presença de determinada substância. Estes métodos são descritos em artigos especializados, obedecem a normas estabelecidas a nível nacional e às exigências relativas a qualidade das plantas medicinais.

A natureza química da droga é determinada pelo seu teor em substâncias pertencentes aos seguintes grupos principais: alcalóides, glicosídeos, saponinas, princípios amargos, taninos, substâncias aromáticas, óleos essenciais e terpenos, óleos gordos, glucoquininas, mucilagens vegetais, hormonas e anti-sépticos vegetais.

### Alcalóides

Os alcalóides são compostos azotados complexos, de natureza básica, capazes de produzir geralmente poderosos efeitos fisiológicos. São, na maior parte dos casos, venenos vegetais muito ativos, dotados de uma ação específica.

A medicina emprega-os normalmente em estado puro e o seu verdadeiro valor apenas se releva quando usados adequadamente pelo médico. Segundo a sua composição química e, sobretudo, a sua estrutura molecular, os alcalóides podem ser divididos em vários grupos. Encontraremos na parte descritiva vegetais contendo:

1. Fenilalaninas: capsicina da **pimenta**, colquicina do **cólquico**;
2. Alcalóides isoquinoleicos: morfina, etilmorfina, codeína e papaverina contidas no ópio da **dormideira**; e alcalóides indólicos: ergometrina, ergotamina, ergotoxina da **cravagem** dos cereais;
3. Alcalóides quinoleicos: caule folhoso da **arruda** comum;
4. Alcalóides piridínicos e piperidínicos: ricinina do **ricino**, trigonelina do **feno-grego**, conina (veneno violento) da **cicuta**;
5. Alcalóides derivados do tropano: escopolamina e atropina da **beladona**;
6. Alcalóides esteróides: raiz do **veratro**, **doce-amarga**, **aconito** (aconitina).

### Glucosídeos

Os glucosídeos são produtos do metabolismo secundário das plantas. Compõem-se de duas partes. Uma contém açúcar, por exemplo a glucose, e é geralmente inativa, embora favoreça a solubilidade do glucosídeo, a sua absorção e mesmo o seu transporte para determinado órgão. O efeito terapêutico é determinado pela segunda parte, a mais ativa, designada aglicono. Segundo a composição química, distinguem-se vários grupos de glucosídeos:

1. Tioglucosídeos: contêm enxofre organicamente ligado e são característicos, por exemplo, da família das brassicáceas. Nestas plantas são acompanhados de uma enzima, a mirosinase, cuja ação os decompõe em glucose e em isotiocianatos (**rábano** silvestre, grãos de **mostarda branca** ou **mostarda preta**, sementes de **capuchinha**).
2. Glucosídeos derivados do ácido cianídrico, formados por um composto cianídrico ligado a um açúcar. A ação enzimática decompõe-nos (muitas vezes na saliva humana) em ácido cianídrico livre, que é um veneno (**amêndoas amargas**, flor de **sabugueiro** e de **abrunheiro-bravo**, folhas de cerejeira e de **gingeira garrafal**).
3. Glucosídeos antraquinônicos, que são geralmente pigmentos cristalinos bastante lábeis. Têm uma ação laxativa 6 a 8 horas após a sua absorção (rizoma do **ruibarbo**, casca do **amieiro**).
4. Cardioglucosídeos (glucosídeos da **digital**), substâncias muito importantes que regulam a atividade cardíaca em doses infinitesimais. Conforme a sua estrutura química, são divididos em cardenólidos (**digitais**, **adonis**, junquilha) e em bufadienóis (raiz de **heléboro**).
5. Glucosídeos fenólicos, que pertencem a um grupo de substâncias com efeitos e frequentemente também um aroma muito característico. São por isso classificadas entre as substâncias aromáticas (derivados salicílicos da casca de **sabugueiro**, da **ulmária** e dos brotos do **choupo**; arbutina e metilarbutina das folhas de medronheiro, de airela, de **urze**).

### Saponinas



As saponinas são muito comuns nas plantas medicinais. Do ponto de vista químico, caracterizam-se igualmente por um radical glucídico (glucose, galactose) ligado a um radical aglicono. A sua propriedade física principal é reduzir fortemente a tensão superficial da água. Todas as saponinas são fortemente espumosas e constituem excelentes emulsionantes. Têm uma outra propriedade característica: proporcionam a hemólise dos glóbulos vermelhos (eritrócitos), isto é, libertam a sua hemoglobina, o que explica o efeito tóxico de algumas delas, tornando-as impróprias para consumo.

As saponinas irritam as mucosas, provocam um relaxamento intestinal, aumentam as secreções mucosas dos brônquios (são expectorantes): flor de [verbasco](#), raiz de [alcaçuz](#) e de [saponária](#). São também usadas como diuréticos e desinfetantes das vias urinárias (caule folhoso da [herniária](#), folha de [bétula](#), raiz de resta-boi). A célebre raiz de ginseng (*Panax ginseng*), originária da China, da Coreia e das regiões extremo-orientais da União Soviética, é igualmente rica em saponinas.

### Princípios amargos

Estas substâncias apresentam um gosto amargo, excitam as células gustativas, estimulam o apetite e aumentam a secreção dos sucos gástricos. A farmacologia agrupa, sob o nome de princípios amargos, as substâncias vegetais terpênicas susceptíveis de libertar azuleno, assim como glucosídeos de diversas estruturas bioquímicas. O primeiro grupo engloba, por exemplo, os sucos amargos do [absinto](#) e do [cardo-santo](#). O segundo grupo é o mais comum: reúne os sucos das gencianáceas ([genciana](#), trifólio), da centáurea, etc.

### Taninos

Estas substâncias de composição química variável apresentam uma característica comum: a capacidade de coagular as albuminas, os metais pesados e os alcalóides. São hidrossolúveis. O seu interesse medicinal reside essencialmente na sua natureza adstringente: possuem a propriedade de coagular as albuminas das mucosas e dos tecidos, criando assim uma camada de coagulação isoladora e protetora, cujo efeito é reduzir a irritabilidade e a dor, deter os pequenos derrames de sangue.

As decoções e as outras preparações à base de drogas ricas em taninos são usadas, na maior parte dos casos, externamente contra as inflamações da cavidade bucal, os catarros, a bronquite, as hemorragias locais, as queimaduras e as frieiras, as feridas, as inflamações dérmicas, as hemorróidas e a transpiração excessiva.

No uso interno, são úteis em caso de catarro intestinal, diarreia, afecções da vesícula, assim como antídoto nos envenenamentos por alcalóides vegetais.

O ácido tânico, tirado das galhas do [carvalho](#), é freqüentemente usado em farmácia. Emprega-se igualmente a casca de [carvalho](#) (carvalho de Inverno ou [carvalho](#) de Verão), as folhas de [nogueira](#), as folhas e os frutos de [mirtilo](#), as folhas de [framboeseiro](#), de espinheiro, as cimeiras de [agrimônia](#), a raiz da sete-em-rama, a raiz de [bistorta](#), de [pimpinela](#), etc.

### As substâncias aromáticas

Fazem parte deste grupo um certo número de substâncias, freqüentes nas drogas vegetais, de composição e ação por vezes muito variáveis. Podem estar associadas na planta a outras substâncias ativas. É neste grupo que encontramos, nomeadamente, os glucosídeos fenólicos de que já falamos, ou os derivados do fenilpropano, como as cumarinas de perfume característico. Os caules folhosos do meliloto, da aspérula odorífera, são ricos em cumarina.

As hidroxycumarinas apresentam igualmente interesse farmacêutico. A esculina, contida na casca do castanheiro-da-índia, tem os mesmos efeitos que a vitamina P, aumenta a resistência dos vasos sanguíneos e por isso é útil no tratamento das hemorróidas e das varizes (com a rutina). Além disso, absorve os raios ultravioletas (filtros solares, cremes protetores). A casca da [brionia](#) (*Cortex viburni*) contém igualmente hidroxycumarinas. A [angélica oficial](#) contém furocumarinas.

Um segundo grupo de substâncias aromáticas é constituído pelos produtos de condensação das moléculas de ácido acético ativado (acetogeninas). É a este grupo que pertencem os flavonóides, substâncias fenólicas, entre as quais a mais importante, do ponto de vista terapêutico, é a rutina, que exerce, como a esculina, uma ação favorável sobre as paredes dos capilares. A rutina é extraída da [arruda](#), mas também do [trigo mourisco](#) e da [sófora](#).

As folhas e flores do [espinheiro alvar](#), assim como as bagas do mesmo arbusto, contêm flavonóides freqüentemente usados.

Uma outra droga importante, tanto para a medicina popular como para a medicina oficial, e contendo, a par das substâncias flavonóides, uma série de outros produtos, é a flor ou a baga do [sabugueiro negro](#).

A flor da tília é um outro remédio muito apreciado. Citemos também o caule folhoso da [milfurada](#), a perpétua-das-areias, a antenária. O cardo-leiteiro, rico em substâncias importantes do grupo das flavolignanes, eficazes contra as doenças do fígado e as hepatites, é objeto de estudos particularmente atentos desde há algum tempo. As substâncias ativas do [cânhamo](#), as naftoquinonas das folhas de [nogueira](#), os compostos contidos na [drosera](#) pertencem igualmente ao grupo das plantas aromáticas.

### Os óleos essenciais (essências naturais) e os terpenos

Os óleos essenciais são líquidos voláteis, refringentes, de odor característico. Formam-se num grande número de plantas como subprodutos do metabolismo secundário.

Os vegetais são mais ricos em essências quando o tempo é estável, quente, soalheiro: será então a melhor altura para colhê-los. Estes óleos acumulam-se em certos tecidos no seio das células ou de reservatórios de essência, sob a epiderme dos pêlos, das glândulas ou nos espaços intracelulares. O controle microscópico da qualidade dos óleos essenciais revela-nos que essas células estão dispostas em formações características.

Os óleos essenciais são extraídos de plantas frescas ou secas mediante destilação por vapor de água, extração pura e simples ou outras técnicas (por pressão, por absorção de gorduras em perfumaria, etc.)

Do ponto de vista químico, trata-se de misturas extremamente complexas. A medicina recorre freqüentemente a substâncias extraídas dos óleos essenciais (mentol, cânfora).

O uso farmacêutico dos óleos essenciais fundamenta-se nas suas propriedades fisiológicas: o perfume e o gosto (corrígentia); o efeito irritante sobre a pele e as mucosas (derivantia); as propriedades desinfetantes e a ação bactericida. A essência de [anis](#), de [funcho](#), etc. (Oleum anisi, Oleum foeniculi) são muitas vezes usadas como expectorantes, pois são eliminadas pelos pulmões e desinfetam assim diretamente as vias respiratórias, libertando as mucosidades. São usadas também em gargarejos, inalações e gotas nasais. A sua absorção facilita os processos digestivos; atuam como estomacais, colagogos e carminativos. A maior parte das plantas com essências são usadas como aromatizantes ([chicória](#), [funcho](#), [anis](#), [manjerona](#), [tomilho](#), [serpão](#), [orégão](#)).

O efeito de irritar a pele é aproveitado através de aplicações externas anti-reumáticas. Os linimentos contêm quer substâncias extraídas dos óleos essenciais (mentol, cânfora), quer essências de [menta](#), de [alecrim](#), de [lavanda](#) e de terebentina, verificando-se, na maior parte dos casos, uma mistura de todos estes produtos.

As essências naturais devem ser conservadas, bem como as plantas que as contêm, em recipientes bem fechados ao abrigo da luz. As essências oxidam-se rapidamente à luz e ao ar, polimerizam-se, transformam-se em resinas e perdem o odor e a ação que as caracterizam.

Entre as numerosas essências naturais que entram na composição de muitos remédios naturais, citamos pelo menos a essência de [anis](#) (Oleum anisi), de [funcho](#) (Oleum foeniculi), de [lavanda](#) (Oleum lavandulae), de [hortelã-pimenta](#) (Oleum menthae piperitae) e o mentol que esta fornece, de [tomilho](#) e o respectivo timol, assim como o seu carvacrol, que é um excelente desinfetante.

Os óleos essenciais compõem-se sobretudo de terpenos, produtos voláteis freqüentemente misturados com outras substâncias. A [tanchagem](#) contém uma elevada percentagem de terpeno.

### Os óleos gordos

São óleos vegetais líquidos à temperatura ambiente. O frio torna-os turvos e os faz coagular, são insolúveis na água, mas solúveis em solventes orgânicos (clorofórmio, acetona, por exemplo). Entre os óleos não siccativos, pode citar-se o azeite e o óleo de [amêndoas](#), entre os semi-siccativos, o óleo de amendoim, de [girassol](#) e de colza. O óleo de linho e de [papola](#) são siccativos. O óleo de [ricino](#) é fortemente laxante. Os óleos gordos são correntemente utilizados tanto no fabrico de remédios como para fins alimentares e industriais.

### As glucoquininas (insulinas vegetais)

São substâncias que têm influência sobre a glicemia; são também chamadas fito-insulinas. Existem nos vegetais seguintes: vagem de feijão sem sementes (Fructus phaseoli sine semine), cimeiras de galega (Herba galegae), folhas de [mirtilo](#). Estas plantas secas entram na composição de tisanas antidiabéticas usadas no tratamento complementar do diabético.

### As mucilagens vegetais

São misturas amorfas de polissacarídeos que formam na presença de água sistemas coloidais fortemente viscosos. Com água fria, as mucilagens engrossam e formam gels, com água quente dissolvem-se e formam soluções coloidais que se gelificam de novo ao arrefecer. Nas plantas, estas substâncias servem de reservatórios, sobretudo pela sua capacidade de reter a água. Nas infusões e decocções, as mucilagens das plantas medicinais têm como efeito reduzir a irritação quer física quer química. Exercem assim uma ação favorável contra as inflamações das mucosas, especialmente as das vias respiratórias e digestivas, atenuam as dores das contusões, amaciam a pele quando são aplicados cataplasmas. Reduzem o peristaltismo intestinal, e o seu efeito de absorção age favoravelmente em casos de diarreia. São usadas abundantemente como emulsionantes (carraguitos, extraídos das algas marinhas).

As plantas mucilaginosas são usadas quer isoladamente quer em misturas de infusões. Citemos, por exemplo, a folha e a raiz da altéia, a flor da malva e a folha da mesma planta, a flor da malva-rosa, a folha e a flor da [tussilagem](#), a semente do [feno-grego](#), a semente do linho, etc.

As pectinas pertencem igualmente a este grupo: trata-se, com efeito, de polissacarídeos que formam gels como as mucilagens. As pectinas existem em numerosos frutos e são particularmente abundantes nos sumos de frutas e legumes: sumo de maçã, de beterraba, de cenoura. As pectinas são usadas nas curas de frutos e no tratamento das diarreias.

### As hormonas vegetais (fito-hormonas)

São substâncias de composição química muito complexa, geralmente biocatalisadores que atuam sobre o crescimento e as trocas metabólicas (biostimulantes). Existem, por exemplo, no lúpulo, no [anis](#), na [salvia](#), na sorveira, na altéia, na bolsa-de-pastor, na aveia e na cenoura.

### Os anti-sépticos vegetais

São substâncias antibióticas produzidas pelos vegetais superiores, exercendo uma ação antimicrobiana de largo espectro, na maior parte dos casos instáveis e voláteis. Atuam mesmo em aerossol, por via respiratória. Existem no alho, na cebola, na [mostarda](#), no [rábano](#) silvestre, no [sabugueiro](#), no [zimbardo](#), no pinheiro, na [tanchagem](#), etc.



# **Falso boldo**

## ***Coleus barbatus***

**Syn.: *Plectranthus barbatus***

***Labiatae (Lamiaceae)***

**Sob ponto de vista antroposófico**

O gênero ***Coleus*** consta de cerca de 300 espécies de arbustos e subarbustos perenes e ocorre nativamente principalmente nas regiões temperadas e tropicais da África, Ásia e Austrália. Existem muitas espécies de *Coleus*, várias delas tem fins culinário, crescem facilmente, e foram propagadas em recintos fechados nas regiões temperadas-frias. Algumas espécies são utilizadas na decoração de jardins devido à riqueza de cores que formam belos desenhos em suas folhas. O próprio ***Coleus barbatus***, que não possui folhas coloridas, chegou a ser bastante cultivado durante o século XIX para esta finalidade.

***Coleus barbatus*** é um subarbusto perene, aromático, semi-suculento, com talos eretos e felpudos, folhas ovaladas com bordas denteadas. Flores azul-lavanda crescem em racemos na estação chuvosa. Ele pertence à família das Labiatae que engloba uma série de plantas medicinais como **Alecrim**, **Sálvia**, **Orégano**, **Alfazema**, etc., enfim, plantas relacionadas com o calor. ***Coleus***

***barbatus***, denominado popularmente de falso bôlido, transformou as características típicas do calor existente em sua família (folhas pequenas, em forma de agulhas, secura, alta produção de óleos essenciais) em processos de fluidez e vitalidade. Suas folhas são grandes, peludas, suculentas. Por outro lado, o ***Coleus barbatus*** transformou a beleza e as cores das folhas, ou seja, uma característica de flor presente nas folhas, em atividade terapêutica. Isso significa que ela consegue evitar uma atividade astral (formação floral) ao domínio dos líquidos e da vitalidade, evitando que o fígado sofra processos de ressecamento.

O fato do ***Coleus barbatus*** transformar os processos de calor das Labiatae em fluidez e vitalidade, nos mostra que essa planta irá realizar um processo análogo, estimulando o fígado que está quente, inflamado, a voltar novamente a trabalhar no domínio das correntes líquidas. Essa planta, além disso, leva o processo de fluidez e vitalidade um pouco além do normal. Ela é inchada. Seus ramos, à medida que vão ficando mais velhos, vão se inchando de tal maneira que eles não conseguem mais ficar presos no tronco principal e caem. Existem ainda estudos de seus efeitos na contração do coração, circulação e coagulação.

---